HISTORIA DA GUERRA CIVIL

E DO

ESTABELECIMENTO DO GOVERNO PARLAMENTAR

EM

PORTUGAL

HISTORIA

DA

GUERRA CIVIL

E DO

ESTABELECIMENTO DO GOVERNO PARLAMENTAR

EM

PORTUGAL

Comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica deste reino
desde 1777 até 1834

POR

SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO

Bacharel formado em medicina pela universidade de Coimbra, socio correspondente
do Instituto da referida cidade
e benemerito do Gremio Litterario da cidade de Angra do Heroismo

Propter Sion non tacebo, et propter
Jerusalem non quiescam.
Isaias, cap. 62.

SEGUNDA EPOCHA

GUERRA DA PENINSULA

TOMO IV — PARTE II

Guerra dos Pyrenéos e do sul da França

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1876

CAPITULO I

Napoleão, não aceitando as condições da paz, que lhe propozera o congresso de Praga, fez de Dresde a base das suas ulteriores operações, d'onde mandou o marechal Ney contra Berlim, que o referido marechal não pôde tomar, seguindo-se a isto a retirada dos francezes de Dresde para Leipzig, cidade que os alliados atacaram em 16 de outubro de 1813, dando logar a uma sanguinolenta batalha, depois da qual o mesmo Napoleão foi para Erfurt, e de lá para Francfort e Mayence, e por fim para París, onde entrou a 9 de novembro, pondo assim termo á sua infeliz campanha do dito anno de 1813, havendo anteriormente mandado de Dresde para a peninsula o marechal Soult. Todavia as cousas n'esta parte da Europa não lhe corriam melhor que na do norte. A batalha de Vittoria pozera o marechal Suchet em posição tão critica, que abandonou Valencia e Aragão, concentrando-se na Catalunha, o que todavia o não impediu de fazer mallograr a expedição que lord Bentinck conduziu contra Tarragona, cujo governador e guarnição salvou, indo depois fortificar-se na linha do Llobregat. Pela sua parte lord Wellington mandára sitiar as praças de S. Sebastião e Pamplona, dando o sitio d'esta ultima logar a que o marechal Soult a buscasse soccorrer, circumstancia que motivou a batalha dos Pyrenéus ou de Pamplona, na qual os alliados ficaram vencedores, depois de uns oito dias de successivos combates, indo-se no fim d'elles estabelecer definitivamente nos mesmos Pyrenéus nos primeiros dias de agosto, seguindo-se depois d'isto o assalto e tomada da praça de S. Sebastião em 31 do dito mez, commettendo-se por esta occasião incriveis horrores, contra os quaes debalde clamaram a lord Wellington as auctoridades hespanholas.

Recordando o que no precedente capitulo expozemos, diremos novamente que as victorias de Lutzen e Bautzen foram tão inesperadas, surprehendendo o seu brilhantismo por tal modo a opinião publica, que muitos dos partidistas de Napoleão tiveram para si como certo que a estrella, sua protectora e amiga, continuava sem quebra a ser-lhe tão propicia como d'antes lhe fôra. Fossem porém quaes fossem as vistas da Austria no meio das circumstancias a que os negocios da guerra contra a França tinham chegado, é um facto ser esta potencia a que officiosamente se propoz por

medianeira entre o imperador Napoleão, e o imperador da Russia e o rei da Prussia, seu colligado. Entretanto era moralmente impossivel que podesse haver acordo nos contratantes, porque nem Napoleão queria por modo algum descer da alta preponderancia a que chegára no meio das ditas potencias, preponderancia adquirida pela força da sua espada, nem ellas, parecendo-lhes propicia a occasião de se emanciparem de uma tutela, que as vexava e opprimia, se achavam dispostas a continuarem na sua vergonhosa subserviencia e humilhação. Exigiam ellas, de acordo com a Austria, que o imperio francez se restringisse ao Rheno, aos Alpes e ao Mosa, evacuando as praças que tinha sóbre o Oder e o Elba; mas Napoleão não conveiu n'isto, como já vimos, desconhecendo a vantagem que lhe dava o retirar d'aquellas praças 60:000 ou 80:000 homens veteranos, que n'ellas tinha de guarnição, de que resultou a separação do congresso de Praga, sem nada se ter concluido até ao praso fatal do armisticio precedentemente ajustado. Não ha duvida que Napoleão fazia alguns sacrificios no abandono das citadas praças do Oder e do Elba, e na restituição á Austria dos territorios da Italia; mas quanto ao abandono da peninsula, que tambem lhe propozeram, e a que elle igualmente repugnou, nenhum sacrificio fazia de facto, porque desde a batalha de Vittoria esta parte da Europa perdida se achava effectivamente para a França. Fossem porém quaes fossem os seus sacrificios, era-lhe forçoso attender a que estava chegada a occasião de dever concentrar as suas forças, firmando-se nas fronteiras naturaes do seu imperio, e portanto de dever tomar na margem do Rheno uma respeitavel attitude defensiva, pela qual não só se faria temer dos estranhos, sem receio das suas invasões, não obstante os seus passados desastres, mas até mesmo dos seus proprios subditos, poisque na mesma França se começava já a levantar uma opinião decididamente forte contra si, porque se n'outro tempo os francezes se deixaram deslumbrar pelo brilho das suas conquistas e da gloria militar que adquirira, tambem depois da campanha da Russia e da precaria campa-

nha da Saxonia, haviam reflectido nos grandes desastres e pesados sacrificios que lhes trazia a continuação da guerra, seguindo-se a isto o despertamento dos partidos, e a manifestação de alguns votos, que em favor dos Bourbons de novo começavam já a apparecer nas provincias de oeste.

Alem do exposto notava-se mais que cincoenta mil conscriptos refractarios erravam pelo interior da França, formando-se em bandos, promptos a se reunirem debaixo do primeiro estandarte, que se levantasse contra a auctoridade imperial a que se subtrahiram. Finalmente no mesmo corpo legislativo, bem como no do senado, tambem se tinha já organisado uma opposição tacita ao seu governo, opposição que só esperava por um momento de fraqueza da parte de Buonaparte, para que decidida se manifestasse em publico contra elle. Tudo isto desconhecia Napoleão, porque o poder cega, e não só o desconhecia pelo silencio, que havia imposto aos seus conselheiros civis e militares, mas tambem pelas oppressivas peias e odiosas restricções, que fazia supportar á imprensa, de que resultava ignorar não só os seus verdadeiros interesses, mas até os salutares conselhos da opinião publica, que tão uteis lhe poderiam ter sido no meio das precarias circumstancias em que por então se via. Era este o resultado do seu indocil e orgulhoso genio, e do alto grau de elevação a que chegára, segundo a sua propria confissão. «Aos trinta annos de idade, dizia elle de si mesmo, fiz todas as minhas conquistas, acalmei a tempestade, fundi os partidos, reuni a nação, criei um governo, um imperio... Convenho que me achava gasto; eu tinha sempre mandado: desde que entrei nos altos negocios, achei-me sempre senhor do poder, e as circumstancias occorrentes, reunidas com a minha força, foram taes, que desde que tive o mando nunca mais reconheci senhores, nem leis[1]». Entretanto durante a noite de 10 para 11 de agosto foguetes volantes de um novo genero brilharam nos ares de altura em altura entre Praga e Tachenberg, quartel general do imperador da

[1] *Jornal de Las Casas*, tom. VII, pag. 137, reimpressão de 1824.

Russia e do rei da Prussia, annunciando que o armisticio se havia roto. Recomeçada portanto a guerra no dia 17 d'aquelle mez, Napoleão cuidou logo em remediar os desastres da batalha de Vittoria, de que fôra informado em Dresde, e sobretudo em obstar á definitiva perda da Hespanha, á entrada das tropas de lord Wellington no territorio francez, sua natural consequencia, mandando com estas vistas o marechal Soult, o mais habil dos seus generaes, para se oppor quanto possivel fosse a similhante entrada, assumindo o commando em chefe de todos os exercitos, que estavam debaixo das ordens de seu irmão José, que assim destituiu de facto das suas altas e soberanas prerogativas, sem attenção alguma, nem respeito para com elle.

Perdida pela Austria a esperança de conseguir a paz, e tendo-se armado para tomar um partido, decidiu-se pelo da coalisão contra a França, como era bem de esperar, porque como potencia vencida e muito prejudicada pelas mutilações repetidas, que Napoleão fizera nos seus estados, a similhante resolução forçosamente havia de ser levada, tanto pelos seus proprios interesses, como porque a batalha de Vittoria e a expulsão dos francezes para fóra da peninsula pareciam ser annuncio certo da total ruina do colossal poder de Buonaparte no meio dia da Europa, ruina de que tambem já estava ameaçado pela parte do norte. A Austria fôra, depois da Inglaterra, a potencia mais constante e a mais encarniçada inimiga que o mesmo Napoleão e a França revolucionaria tiveram sempre contra si. A primeira guerra que houve entre a Austria e a republica durou seis annos, acabando pelos preliminares de Leoben, assignados aos 7 de abril de 1797. Succedia isto quando já o exercito francez se achava senhor da Hollanda, da Belgica, das margens do Rheno, das provincias da Italia austriaca, do condado de Gorice, da Istria, Styria, Carinthia, Carniola e Tyrol: achava-se por então o referido exercito sobre os montes de Samering-Bery, a pequena distancia de Vienna, cidade que a côrte imperial tinha já abandonado. Quinze mezes se haviam passado apenas quando a Inglaterra persuadiu novamente o gabinete aus-

triaco da mudança que tudo havia tomado em França, de que um exercito francez se achava no Nilo propinquo á sua total destruição, e de que a desordem da administração interior da França causára a desmembração da maior parte do exercito. O tratado de Luneville, assignado aos 8 de janeiro de 1801 poz termo á segunda guerra da Austria, que teve de duração dois annos; os exercitos francezes estavam sobre o Saave, e no mesmo Leoben, onde a primeira guerra da Austria fôra terminada. Por terceira vez se deixou o gabinete austriaco arrastar pelas suggestões do de Inglaterra, ligando-se a esta potencia e á Russia na terceira coalisão contra a França, marchando os seus exercitos contra a Baviera. Esta luta durou apenas tres mezes, pondo-lhe termo a primeira tomada de Vienna, effeituada aos 13 de novembro de 1805, e a paz de Presbourg, assignada na capital da Hungria aos 26 de dezembro do dito anno.

Cuidára a França que d'então por diante a Austria em nada mais pensaria do que em conservar a paz, á vista dos seus constantes desastres na guerra; mas enganou-se, porque no fim de quatro annos, correndo o de 1809, a mesma Austria, fiando-se nos seus armamentos, e em que nenhum exercito francez era capaz de lhe impedir chegar até ás margens do Rheno, invadiu abruptamente a Baviera. O resultado d'isto foi levar o exercito francez no curto espaço de tres mezes, depois da sua victoria de Wagram, as suas conquistas até á Hungria e á Moravia, occupar por segunda vez Vienna, e assenhorear-se, como consequencia da paz assignada n'aquella capital aos 14 de outubro do dito anno de 1809, da maior parte do territorio da monarchia austriaca, ficando compromettida a existencia d'aquelle imperio. O tratado de Vienna poz termo a esta quarta guerra da Austria, que desde então a seu pezar se conformou com a sua sorte, abandonando effectivamente as suas bellicosas idéas pela sua subordinação á França. Verificando-se em 1812 a guerra d'esta potencia feita á Russia, a Austria assignou aos 14 de março do dito anno um tratado de alliança com Buonaparte, de que resultou marchar um exercito austriaco com o exercito francez, que então se di-

rigia contra a mesma Russia, onde soffreu as funestas consequencias d'aquella desastrosa campanha, como já vimos. Mas esta alliança da Austria não era filha da amisade, nem de um systema de reciprocas vantagens, mas o effeitò da força contra a fraqueza, e portanto o effeito de circumstancias humilhantes para ella, circumstancias que, tendo mudado para Napoleão, depois dos seus desastres da Russia e dos dos seus exercitos na peninsula, não podiam deixar de mudar tambem para com a côrte de Vienna, levando o imperador Francisco a reunir as suas tropas com as da Russia e da Prussia para limitar o imperio francez ás margens do Rheno, como era do seu intento. N'um breve quadro iremos dar uma idéa d'esta nova guerra e do seu final desfecho, attenta a mutua ligação que ha entre ella e o final da da peninsula, assumpto principal d'este nosso escripto.

Napoleão tinha pela sua parte 250:000 homens para sustentar as suas altas pretensões de suzerania, que por modo algum queria perder entre as grandes potencias da Europa, ao passo que as referidas potencias tinham para se lhe oppor o consideravel numero de 520:000. A mente do imperador dos francezes era repellir os seus adversarios para alem do Elba até ao Vistula. Com estas vistas fez portanto de Dresde o centro das suas operações, estabelecendo n'esta cidade a sua guarda, a sua cavallaria e o melhor das suas tropas no numero de 70:000 homens. O resto das suas forças o dividiu elle em tres exercitos, um para fazer face á Silesia, o outro a Berlim, sobre o seu flanco esquerdo, e o terceiro á Bohemia, sobre a sua direita. Sendo portanto Dresde o local de uma reserva sua, um ponto de apoio para todos os seus exercitos, e um deposito geral para todos os seus armazens, fortificou-a a seu geito. O seu exercito da esquerda tinha por apoio na sua frente a fortaleza de Magdebourg, alem de alguns outros pontos bem guardados sobre o Elba. Não tendo a sua direita esta vantagem local, para a frente d'ella carregaram os alliados com a sua principal força. Logo nos primeiros dias da ruptura das hostilidades as tropas prussianas vieram em força contra as tropas francezas da Silesia,

circumstancia que obrigou Buonaparte a mandar marchar as suas reservas em seu soccorro. Era na mesma Silesia e na Saxonia que o imperador dos francezes tinha os seus já citados 250:000 homens, postados de maneira que fizessem face a todos aquelles pontos onde os alliados haviam postado os seus. Em Luckau achavam-se 64:000 homens debaixo das ordens do marechal Oudinot, a quem Napoleão ao romper das mesmas hostilidades mandou sobre Berlim, para se oppor a Bernadotte; em Loewenberg, Goldberg, Buntzlau e outras mais cidades da Silesia, 100:000 homens se viam ali commandados pelo marechal Macdonald, destinados igualmente por Napoleão a marchar sobre Breslau; em Lusace, perto de Zittau, 50:000 homens ali se viam tambem; perto de Pirna, notavel posição em que o mesmo Napoleão estabelecêra o seu campo intrincheirado, achava-se o marechal Saint-Cyr com 20:000 para observar as montanhas da Bohemia e as passagens por onde o Elba derrama as suas aguas sobre a Saxonia. Alem d'estas tropas Buonaparte tinha mais um consideravel exercito na Italia, debaixo das ordens do principe Eugenio, achando-se tambem reunidos 25:000 bavarezes como corpo de reserva debaixo das ordens do general Werede.

Os alliados tambem se tinham preparado contra os francezes em proporcional escala. O exercito austriaco dera-lhes na Bohemia o consideravel reforço de 120:000 homens, aos quaes se tinham juntado mais 80:000 russos e prussianos, montando tudo a 200:000 homens, commandados em chefe pelo principe Schwartzenberg, sendo este o chamado grande exercito dos alliados, postado como foi á volta e nas vizinhanças de Praga: as montanhas chamadas Erzgebrig o encobriam, sendo o seu destino caír sobre a Saxonia, e surprehender Dresde, logoque a occasião lh'o permittisse. O exercito alliado, chamado da Silesia pela colligação, era commandado por Blücher, compondo-se de 80:000 homens russos e prussianos, tendo por incumbencia defender a fronteira da mesma Silesia e a estrada de Breslau, sua capital. Postado perto de Berlim, e para defeza d'esta cidade, acha-

va-se o principe real da Suecia com um exercito de 30:000 suecos, e pouco mais ou menos 60:000 prussianos e russos, sendo os primeiros commandados por Bulow e Tanenzien, e os segundos por Winzingerode e Woronzoff. Alem d'estes exercitos, um outro de 30:000 homens, russos, prussianos e allemães insurgidos, se achava em Schwerin, no ducado de Mecklenbourg, debaixo das ordens do general Walmoden. Hiller com 40:000 austriacos observava o exercito que na Italia commandava o principe Eugenio, ao passo que o principe Reus se oppunha ás tropas bavaras com um exercito igual ao do general Werede. Suppunha-se que o plano dos alliados tinha sido traçado pelo principe real da Suecia, revisto depois e approvado pelo celebre general Moreau, que por convite da Russia tinha deixado a America, onde se refugiára, para vir juntar-se aos exercitos alliados, e os auxiliar com a sciencia militar que possuia, e que tamanho nome lhe havia dado. Segundo o modo por que Napoleão conduzia a guerra, suppoz-se que era da sua mente juntar a reserva da sua guarda a alguns dos seus exercitos, postados na fronteira da Saxonia, onde tivesse logar o ataque para destruir a força, que por este modo se lhe oppozesse. Á vista pois d'isto resolveu-se que a ser este negocio assim, o general contra quem Buonaparte se dirigisse, em vez de lhe aceitar a batalha, deveria retirar-se para tão longe, quanto possivel lhe fosse, para que ao mesmo tempo os outros exercitos alliados avançassem sobre a sua retaguarda, destruissem as suas communicações, e cuidassem de o cercar por todas as partes, incumbencia esta que se deu a Schwartzenberg, ao qual era tanto mais facil caír sobre Dresde, quando ficasse a descoberto, quanto mais difficil era a Napoleão perseguir o seu adversario pelos desfiladeiros das montanhas da Bohemia.

Foi o general Blücher o que, avançando contra os francezes da Silesia, ameaçou os exercitos de Macdonald e Ney, attrahindo Buonaparte a marchar ao seu encontro com a sua guarda, e um grande corpo de cavallaria, commandado por Latour-Maubourg. Começada como por este modo estava a

guerra, Napoleão deixou Dresde, e lançando pontes sobre o Bober, avançou com rapidez contra Blücher, o qual, fiel aos ajustes feitos, retirou-se através de Kutzbach, escaramuçando apenas com os francezes, e indo-se por fim estabelecer n'uma posição sobre o rio Neisse, perto de Jauer, disposto a cobrir a Silesia e a sua capital. A 21 de agosto teve Napoleão a noticia de que emquanto os prussianos se retiravam, a cidade de Dresde achava-se ameaçada de ser tomada pelos alliados, de que resultou mandar que a sua guarda tornasse no mesmo instante para a Saxonia, para onde no dia 23 elle igualmente partiu, deixando a Macdonald o cuidado de se oppor a Blücher. Effectivamente Schwartzenberg descêra das alturas da Bohemia, acompanhado pelos soberanos da Russia e da Prussia e do general Moreau. Os alliados concentraram-se na margem esquerda do Elba, d'onde passaram ao ataque de Dresde, para onde o marechal Saint-Cyr, que apenas dispunha ali de 20:000 homens, se retirára, por se não poder oppor á consideravel força dos alliados, sete ou oito vezes maior que a sua. O ataque feito a Dresde pelos mesmos alliados estava projectado para o dia 25 de agosto, devendo o assalto effeituar-se na manhã do dia 26, como succedeu. O fogo tinha começado, e os francezes achavam-se em grande apuro, quando effectivamente lhes vieram trazer a sua salvação as tropas com que Napoleão marchára em seu soccorro. Os marechaes Ney e Mortier fizeram duas sortidas debaixo das vistas de Napoleão. A primeira columna, saíndo pela porta de Plauen, atacou os alliados pelo flanco esquerdo; a outra, saíndo pela de Pirna, assaltou-lhes a direita; desde então a fortuna mudou de bandeira, tendo os alliados de se retirar dos pontos que tão vivamente tinham atacado antes da chegada de Napoleão. Entretanto ficaram em face uns dos outros até pela manhã do seguinte dia, 27 de agosto, em que a batalha de novo recomeçou no meio de uma tempestade e debaixo de torrentes de chuva.

Napoleão, manobrando n'esta occasião com o seu costumado talento, fez desfilar as suas tropas fóra da cidade sobre differentes pontos, divergindo as columnas á maneira das va-

retas de um leque aberto: por este modo as dirigiu contra todos os pontos da posição dos alliados, que occupavam as alturas de Plauen em Strehlen, repellindo-os com vantagem, sendo por esta occasião alcançado por uma bala de artilheria o general Moreau, a quem ella levou ambas as pernas, morrendo elle alguns dias depois da amputação que se lhe fez, e que elle supportou com toda a resignação e firmeza. Este lamentavel successo fez uma terrivel impressão no exercito atacante, que tomou o partido de se retirar, operação em que soffreu muito, tanto em rasão do mau estado dos caminhos, como da viva perseguição que os vencedores lhe fizeram. Os francezes perderam n'esta batalha de 7:000 para 8:000 homens entre mortos e feridos; mas a perda dos alliados foi tambem muito grande, elevando-se o numero dos seus prisioneiros de 13:000 a 15:000, e quasi todos austriacos. As consequencias d'esta batalha foram importantes para Napoleão, para quem esta victoria foi o ultimo favor que recebeu da fortuna, como seu predilecto, que até então tinha sido. Entre as tropas francezas, perseguidoras dos alliados, figurava uma força de 30:000 homens, commandados pelo general Vandamme. Avançando esta força até Peterswald, pequena cidade da Bohemia, Vandamme teve a temeridade de sair d'ella na manhã de 29 de agosto para a aldeia de Kulm, situada n'um profundo valle entre aquella cidade e Toeplitz. Por uma occorrencia de circumstancias felizes para os alliados, poderam elles bater ali Vandamme, o qual, bem como os generaes Haxo e Quyot, caíram nas mãos dos vencedores, juntamente com duas aguias e 7:000 prisioneiros, alem de um grande numero de mortos e feridos, e da total dispersão dos francezes. A victoria de Kulm foi de uma alta importancia para os alliados, a quem veiu restituir a coragem, que a batalha de Dresde lhes tinha feito perder. Produzindo pois este effeito entre os vencedores, infundiu pelo contrario muito receio aos francezes, que desde então pararam na sua perseguição, fazendo alto em Sayda o rei de Napoles (Murat), o marechal Marmont em Zinnwald, e o marechal Saint Cyr em Liebenau, ao passo

que o quartel general do imperador Alexandre continuou em Toeplitz.

Já vimos que o marechal Blücher se tinha retirado diante dos francezes, evitando batalhar com elles. Por outra parte o principe da corôa da Suecia estabelecêra em Potsdam o seu quartel general. Napoleão tinha, como já dissemos, mandado avançar Oudinot sobre Berlim e Macdonald sobre Breslau. Oudinot marchou portanto contra a capital da Prussia, em cumprimento da ordem que recebêra, de que resultou travar-se em Gross-Beeren uma batalha entre elle e os alliados no dia 23 de agosto, em consequencia da qual o mesmo Oudinot retirou, ficando a victoria nas mãos do principe real da Suecia (Bernadotte), a quem a guarnição de Luckau se entregou no dia 28 do dito mez em numero de 1:000 francezes. Depois da batalha de Gross-Beeren veiu o desastre que o general Girard experimentou perto de Leibnitz a 27 tambem d'aquelle mez. Girard destacára-se com 5:000 ou 6:000 homens da guarnição de Magdebourg, quando a brigada prussiana, que fazia o cêrco d'aquella praça, se retirava para se ir unir ás forças do principe real; mas sabedora no caminho da batalha de Gross-Beeren, voltára para o referido cêrco, indo-se assim encontrar com as tropas de Girard, que poz em fugida, tomando-lhe 6 peças de artilheria e toda a sua bagagem, alem de 1:500 prisioneiros. Aos desastres dos francezes na Bohemia e na Prussia seguiram-se os da Silesia. Macdonald, executando as ordens de Napoleão, marchou contra Blücher e os prussianos do seu commando, retirados para a outra margem do rio Katzbach, occupando uma posição perto de uma cidade chamada Jauer. Blücher porém, prevendo que Buonaparte se achava demorado em Dresde pela marcha que contra esta cidade os alliados deveriam ter feito pelo lado da Bohemia, julgou dever avançar a 26 de agosto contra Macdonald, com quem se foi encontrar, quando este avançava para o ir atacar a elle na sua posição de Jauer.

O tormentoso tempo que fazia, acompanhado de nevoeiros e violenta chuva, occultou aos dois exercitos os seus reciprocos movimentos até chegarem á presença um do outro, tendo

logar o encontro nas planicies que estão entre Wahlstadt e Katzbach; o encontro foi funesto aos francezes, que tiveram de ceder a palma aos prussianos, de que resultou tornar-se impotente para conseguir os seus fins o exercito de Buonaparte, destinado a operar na Silesia e a tomar Breslau, perdendo na sua batalha com Blücher uma força de 15:000 homens, e mais de 100 peças de artilheria. Vê-se portanto que as batalhas de Gross-Beeren e de Katzbach eram altamente nocivas ao plano que Buonaparte formára de se manter, como queria, na linha do Elba; mas apesar d'isso persistiu todavia na determinação que tomára, assim como em fazer de Dresde o ponto central da sua defeza. Com estas vistas poz Ney á testa do seu exercito do norte, ou o de Oudinot, com a formal determinação de ir hastear as aguias francezas nas muralhas de Berlin. Ney saiu no dia 5 de setembro de Wittemberg para o seu destino, e portanto contra as forças do victorioso principe da Suecia. No dia 6 a divisão de Bertrand, que formava a ala esquerda do exercito, avançou destinada a mascarar Dennewitz, que era de todas as aldeias occupadas pelos alliados a que estava mais ao meio dia. Na dita aldeia teve pois logar a batalha entre uns e outros contendores, vendo-se Ney obrigado a retirar. Similhante movimento foi o signal da derrota do setimo corpo, composto em grande parte dos saxonios, que desertaram das bandeiras francezas, pouco resolvidos a baterem-se por Napoleão até á morte. A sua fuga deixou um grande vasio no exercito francez, de que a cavallaria alliada se aproveitou para cortar o exercito do marechal Ney, uma parte do qual o seguiu para Dahme, retirando-se a outra com Oudinot para Scharnitz. Depois d'isto Ney effeituou a sua retirada para Torgau, tendo-lhe a batalha de Dennewitz custado 10:000 homens de perda, e 43 peças de artilheria, além de grande numero de tropheus, que caiu em poder dos vencedores. Por este modo se mallogrou completamente a missão do marechal Ney de ir arvorar as aguias francezas nas muralhas de Berlin, e de embaraçar a progressiva e victoriosa marcha do principe da Suecia sobre Dresde, com grande pezar do imperador dos francezes.

Depois da perda das batalhas de Gross-Beeren, de Katzbach e de Dennewitz, muito difficil era para Napoleão poder-se manter na Saxonia, apesar da victoria por elle ganha em Dresde no dia 27 de agosto. Para obstar a que os alliados penetrassem n'ella, algumas marchas e operações effeituou elle fóra d'aquella capital; mas sem resultado algum feliz para o seu intento, tendo logar no dia 21 de setembro a ultima tentativa que para isto fez. Bem desejava Napoleão marchar em pessoa contra o principe real da Suecia, ou mesmo contra o marechal Blücher; mas vendo que a fazer isto proporcionava ao principe de Schwartzenberg a occasião de se assenhorear de Dresde, resolveu permanecer n'esta cidade, e deixar que o mesmo principe da Suecia e Blücher se assenhoreassem do valle do Elba, cuja margem direita foi inteiramente abandonada aos alliados. Além d'isto Napoleão ordenou a Augereau, que debaixo do seu commando tinha em Wurtzburg 16:000 homens, que se lhe viesse juntar em Dresde. Apenas se effeituou a partida de Augereau, os bavarezes entraram em abertas communicações com os austriacos, seguindo-se a isto a sua defecção definitiva. Entretanto os russos recebiam um importante reforço de 60:000 homens, o ultimo que esperavam lhes viesse do seu paiz. Desde então trataram os alliados de concluir os seus arranjos para avançarem contra o inimigo, tomando a resolução de unirem todas as suas forças para com ellas cairem sobre a retaguarda dos francezes. As suas ditas forças as dividiram elles em dois exercitos, um dos quaes devia marchar da Prussia sobre a esquerda dos mesmos francezes, e o outro vir da Bohemia contra a sua direita. A 15 de outubro estando estes dois exercitos proximos a effeituarem a sua juncção em Leipsig, Napoleão, que desde o dia 11 se achava já em Duben, d'aqui saíu a 14, chegando no dia seguinte a Leipsig, para onde tinha já enviado os seus enfermos e feridos, depois de ter mandado queimar em Dresde os seus armazens, forçado como se viu a abandonar esta capital.

Leipsig é uma antiga cidade, formando um quadrado irregular, cercado por velhas muralhas gothicas, e por uma la-

meda de arvores. Quatro portas se abrem para os seus arrabaldes, que são de uma grande extensão, e protegidos por muralhas e barreiras; duas das ditas portas, a de Halle e Ranstadt, acham-se ao norte; uma a leste, que é a porta de Grimma, e a outra ao meio dia, chamada porta de S. Pedro. Ao oeste da cidade duas ribeiras, a Pleiss e a Elster, banham as suas muralhas, e correndo através de prados, dividem-se em muitos braços, reunidos por meio de ilhas pantanosas. Leipsig não póde portanto temer por este lado a approximação do inimigo, a exceptuar-se uma successão de pontes, que atravessam estas ribeiras. A primeira d'estas pontes é a que se dirige para a aldeia chamada Lindnau, e de lá para a de Mark-Ranstadt, perto da porta da cidade, que d'esta mesma aldeia tomou o nome. Esta entrada é o unico ponto de communicação entre Leipsig e as margens do Rheno. Ao oeste a ribeira Hartha forma um grande semicirculo em volta da cidade, comprehendendo extensas planicies, alturas e pontos de elevação muito convenientes para uma posição militar. Ao meio dia continúa o mesmo terreno, mas ainda com mais eminencias, uma das quaes é chamada *campo dos suecos*, sem duvida depois das guerras de Gustavo Adolfo; uma outra tem o nome de *passadiço dos carneiros de Mensdorf*, terminando-se nas margens da Pleiss. Esta linha é coberta de muitas aldeias, que estavam nas vesperas de irem tomar um terrivel logar na historia. Perto da aldeia de Connewitz começa o terreno pantanoso, inundado pelas citadas ribeiras Pleiss e Elster.

Foi por esta linha que no dia 15 de outubro avançou rapidamente o grande exercito dos alliados. Napoleão fez de prompto os seus preparativos de defeza. Lindnau, atravessada pela estrada de Mark-Ranstadt, que os francezes deviam seguir na sua retirada, foi accupada por Bertrand. Poniatowski avançou sobre a margem direita da Pleiss, tendo a seu cargo a defeza de todas as aldeias, situadas na margem d'esta ribeira, taes como Connewitz, Loefsing, e Doeblitz até Markleberg. Como a linha da citada defeza se estendia para leste, o general Augereau foi posto no

ponto elevado de Vachau, sendo sustentado por Victor, e Lauriston, postados n'uma consideravel aldeia, chamada Leibertwolkowitz. A cavallaria foi posta nas alas d'estas divisões. A guarda imperial ficou como corpo de reserva n'uma aldeia chamada Probsthayda: Macdonald occupava um terreno, que se elevava em rampa doce, e se estendia de Stoetteritz a Holzssansen. Do lado opposto, ou o do norte da cidade, Marmont occupava uma posição entre Moeckern e Enteritz. As tropas tinham por commissão fazer frente a Blücher, do qual por momentos se temia a chegada pelo lado do norte. Os alliados tinham disposto as suas columnas de ataque ao longo d'esta linha de defeza, mas as suas principaes forças achavam-se reunidas pelo lado do meio dia, para onde Napoleão dirigia mais particularmente os seus preparativos, tendo-se elle postado á retaguarda da sua propria guarda por trás da posição central, que ficava quasi em frente de uma aldeia chamada Gossa, então occupada pelos alliados. Ao romper a manhã de 16 de outubro começou o combate. A frente meridional da posição franceza foi atacada com grande impetuosidade, e successivamente os outros pontos, durando a batalha por toda a parte até á noite com o mais vivo encarniçamento. Foi pois a sombra da noite a que fez cessar a effusão de sangue, retirando-se os exercitos sobre a linha meridional para tomarem algum repouso, como effectivamente tomaram em presença um do outro, e nas mesmas posições que na precedente noite tinham occupado.

Os francezes, postoque tão terrivelmente atacados por forças tão superiores, não tinham abandonado um só palmo de terreno da sua primeira posição. Ao norte a sua defeza fôra menos feliz. Blücher fizera recuar Marmont ao norte de Leipsig, e toda a sua linha defensiva por este lado se achou invadida até perto dos muros da cidade. Em similhante estado Napoleão podia prolongar a defeza, que posto lhe fosse honrosa, era-lhe todavia inefficaz. Em tal caso a retirada era o unico partido que tinha a seguir. Mas como effeitual-a através de ruas estreitas n'uma cidade coberta de tropas? Como fazer passar mais de 100:000 homens sobre uma ponte, quando

um exercito de 200:000 se achava disposto a perseguir-lhe seriamente a retaguarda? Em tal caso Napoleão lembrou-se de mandar propôr a paz a seu sogro, o imperador da Austria, por meio do general austriaco Mehrfeldt, que lhe caira prisioneiro. Pela entrevista particular que com elle teve foi informado da defecção do rei da Baviera, e da reunião do seu exercito ao da Austria, bem como da determinação em que os dois monarchas se achavam de lhe interceptarem a sua passagem para o Rheno. Foi esta fatal noticia a que lhe provocou mais o desejo de propor a paz com as mesmas condições que se lhe apresentaram em Praga; por conseguinte offerecia a renuncia da Polonia e da Illyria; reconhecia a independencia da Hollanda, das cidades hanseaticas e da Hespanha; mas desejava que este ultimo ponto fosse differido até á paz geral. Propunha tambem que a Italia se considerasse como livre e mantida na sua integridade, promptificando-se a evacuar a Allemanha, e a retirar-se para o Rheno, uma vez que immediatamente se assignasse o armisticio. Com esta missão partiu pois para o campo dos alliados o general Mehrfeldt, d'onde todavia não voltou, porque emfim os alliados tinham-se solemnemente obrigado a não entrarem em tratado algum com Buonaparte emquanto houvesse um só soldado francez na Allemanha.

O dia 17 de outubro passou-se em novos preparativos de batalha, tanto da parte dos alliados como da dos francezes, sem haver alguma hostilidade. Pelas oito horas do dia 18 recomeçou ella com novo furor. Napoleão restringíra consideravelmente n'este dia o circulo da sua defeza, não apresentando aos alliados na linha exterior das alturas e das aldeias, que tão valentemente os francezes tinham defendido no dia 16, outro obstaculo mais que o dos postos avançados. A batalha foi travada em todos os pontos da defeza com o mesmo encarniçamento com que o tinha sido no dito dia 16. Pelas duas horas da tarde os alliados, commandados pelo general Pirch e pelo principe Augusto da Prussia, forçaram a entrada da aldeia Probsthayda, começando os francezes a fugir no meio de uma confusão, que quasi que abafava o

estrondo da artilheria. Pelo lado do norte a superioridade do numero, maior ainda que a do meio dia, poz o marechal Ney n'uma situação precaria, apertado como se via pelo exercito de Blücher, e pelo do principe real da Suecia, sendo este o que forçava a passagem da ribeira Hartha com tres columnas sobre tres differentes pontos, vendo-se o mesmo Ney obrigado a retirar-se para concentrar as suas forças mais perto de Leipsig, e poder communicar pela sua direita com Napoleão. Seguiu-se a isto o verem os francezes passar-se para os alliados uma brigada saxonia, passagem que mais os desalentou, effeituando-se no meio da acção, de que resultou restringir ainda mais o marechal Ney a sua linha de defeza, não podendo proteger ao norte de Leipsig a aldeia de Schoenfeld, que valentemente foi entrada pelo principe real da Suecia. Postoque o exercito francez tivesse defendido o terreno com grande valor, nenhuma probabilidade tinha de se poder manter em Leipsig, vendo-se em tal caso obrigado a retirar-se, como começou a fazer durante a tarde, e proseguiu durante a noite, commettendo Napoleão aos marechaes Macdonald e Poniatowski, sendo este recentemente elevado a similhante posto, a perigosa honra de lhe cobrirem a retirada. Napoleão, conferenciando com o rei da Saxonia, Frederico Augusto, desobrigou-o da alliança que com elle tinha, dando-lhe a liberdade de poder tomar aquella que mais conta lhe fizesse para segurança dos seus estados, signal evidente da pouca confiança que o mesmo Napoleão já tinha no triumpho da sua causa.

No meio dos desastres com que se fez esta retirada, a unica ponte de passagem para os francezes achava-se minada por ordem de Buonaparte, e como sobre ella affluissem em grande confusão as tropas inimigas, perseguidas já pelas tropas saxonias e as de Bade, que decididamente haviam abraçado o partido dos alliados, entendeu o official encarregado de lançar o fogo á mina que era chegada a occasião de assim o praticar, como cumpriu, tendo logar a explosão no meio de grande arruido, ficando assim interceptada a retirada dos francezes, que se achavam ainda do lado de Leipsig, exce-

ptuando apenas os que a nado se lançaram ás ribeiras Pleiss e Elster, perigosas para este intento por serem de margens lodosas. Entre os que a ellas se lançaram contou-se o bravo marechal Macdonald, expediente que igualmente tomou o principe Poniatowski, este intrepido sobrinho de Stanislau, rei da Polonia: depois de novos actos de bravura com que coroou a sua morte, lançou-se finalmente á Pleiss, que atravessou, perdendo o seu cavallo. Esgotado de forças, e gravemente ferido, montou em outro, mas vendo que os alliados se achavam já senhores das margens da Elster, tomou a resolução desesperada de n'ella se mergulhar para assim perder a vida, como effectivamente perdeu[1]. Os restos do exercito francez, do qual um grande numero foi morto na acção, ou na passagem das ribeiras, receberam quartel da parte dos vencedores, avultando o numero dos prisioneiros a 25:000 homens, além de muitas peças de artilheria, e de grande quantidade de bagagens. O imperador da Russia, o rei da Prussia, e o principe real da Suecia, encontrando-se na principal rua da cidade, reciprocamente se felicitaram, vindo-se-lhes depois reunir o imperador da Austria: a estas illustres personagens entregou a sua espada o general Bertrand, governador francez da cidade. O rei da Saxonia não foi admittido á presença dos soberanos vencedores, mas foi como prisioneiro mandado para Berlim, sendo mais tarde restituido ao seu throno, mediante a paga de uma enorme contribuição, que se lhe impoz.

A retirada dos francezes effeituou-se em desordem e com grandes perdas. Napoleão chegou a Erfurt no dia 23 de outubro, fazendo ali alto para dar ás suas tropas a precisa regularidade. Foi então que elle conheceu bem as duras perdas que experimentára: quasi todos os allemães lhe tinham desertado, tendo elle mesmo despedido as tropas saxonias e as de Bade. Outros mais contingentes houve que, vendo os seus soberanos em vesperas de se libertarem da supremacia fran-

[1] Achando-se depois o seu corpo, pomposas exequias militares se lhe fizeram, assistindo a ellas vencidos e vencedores.

ceza, igualmente desertaram, o que até fez o proprio Murat, cunhado de Napoleão, com a allegação que lhe apresentou de lhe ir buscar mais forças á fronteira, sendo da sua mente retirar-se para os seus estados, e abandona-lo á sua sorte, como effectivamente praticou. Dois dias se conservou Buonaparte em Erfurt, onde as suas forças se achavam reduzidas a 80:000 homens, numero que, reunido ao das guarnições das cidades da Allemanha, formava o resto dos 280:000 homens com que abríra a campanha do norte da Europa no anno de 1813, e sendo as ditas guarnições computadas em outros 80:000 homens, vinha a perda por elle experimentada a ser de 120:000. Napoleão, sabedor da marcha dos alliados contra si, deixou a cidade de Erfurt a 25 de outubro. Durante a sua marcha foi igualmente sabedor de que o general Werede com o seu exercito austro-bavarez, na força de uns 50:000 homens, o havia tambem abandonado, e que desviando-se apressadamente das margens do Inn, viera tomar posição em Hanau, onde se reunira aos chefes dos cossacos, com a idéa de se opporem á sua retirada para França. Em Hanau se travou portanto no dia 30 de outubro uma batalha entre os francezes e as tropas de Werede. Por muitas horas durava já o combate sem successo, quando Napoleão ordenou um ataque contra a esquerda dos bavarezes, que se pozeram em fugida. Não obstante isto, o exercito austro-bavarez continuou a occupar Hanau para se oppôr á retirada de Napoleão; mas como a estrada de Francfort não passa directamente por esta cidade, que deixa ao meio dia, a retirada de Napoleão não lhe pôde ser cortada, effeituando-a para Francfort. Todavia um exercito de 18:000 homens do commando de Mortier lhe ficava á retaguarda em Gelnhaussen. A Marmont tinha sido dada a missão de cobrir a retirada. Na manhã de 31 de outubro o mesmo Marmont atacou tambem pela sua parte a cidade de Hanau, e a posição de Werede: da cidade se assenhoreou elle por bombardeamento, effeituando o ataque á posição do inimigo perto da ponte de Neuhoff. Os bavarezes tiveram ao principio vantagem; mas depois foram feitos em postas, sendo o mesmo Werede perigosamente ferido e o principe de Oet-

tingen, seu genro, morto no campo da batalha. O general Fresnel, que substituiu Werede, retirou-se do combate, podendo Marmont seguir de então por diante seguramente a sua marcha na direcção de Francfort, para se ir reunir a Napoleão, como conseguiu. A perda dos francezes n'esta sanguinolenta acção foi avaliada em 6:000 homens, passando de 10:000 a dos austro-bavarezes.

Escapado assim d'este novo desastre, Napoleão chegára a Francfort no mesmo dia 30 de outubro em que se batêra em Hanau. D'aquella cidade saiu elle no dia 1 de novembro, chegando no seguinte dia a Mayence, que deixou no dia 7, para no dia 9 se dirigir a París, terminando por este modo a sua desgraçada campanha do anno de 1813. A sorte das guarnições, deixadas nas differentes cidades da Allemanha, e cuja falta Napoleão tão vivamente sentiu depois, não podia deixar de lhes ser contraria. Saint-Cyr capitulou em Dresde no dia 11 de novembro, evacuando a praça com os seus 35:000 homens, a maior parte dos quaes eram invalidos, dando-se-lhe um salvo conducto para se dirigir para França com a condição de durante seis mezes não combaterem contra os alliados, o que se não executou pela opposição que a isto fez o general Schwartzenberg, ficando portanto Saint-Cyr e o seu exercito como prisioneiros de guerra. A praça de Stettin entregou-se a 21 de novembro, depois de um bloqueio de oito mezes, ficando tambem prisioneiros os 8:000 francezes que a guarneciam. A 29 de novembro capitulou a importante cidade de Dantzick, depois de quarenta dias de trincheira aberta. Do mesmo modo que se praticára em Dresde, os soberanos alliados recusaram ratificar o tratado que permittia ao general Rapp retirar-se para França com os seus 8:000 homens, ficando tambem elle e estes como prisioneiros de guerra. Torgau rendêra-se pela sua parte a 26 de dezembro com a sua guarnição de 10:000 homens, victimas de uma febre pestilencial. Pela sua parte Zamosc, no ducado de Varsovia, capitulou no dia 22 de dezembro, e Modlin a 25 do mesmo mez. Por conseguinte no fim do anno de 1813 as unicas praças situadas na retaguarda dos alliados, que

se achavam pelos francezes, eram Hamburgo, Magdebourg, Wittemberg, Custrin, Glogau, e as cidadellas de Erfurt e de Wurtzburg, cujas cidades tinham sido evacuadas. Apesar d'estes inimigos, existentes na sua retaguarda, os soberanos da Prussia e da Russia avançaram até ás margens do Rheno, cujo rio os allemães saudaram com respeito filial, olhando a posição que junto d'elle tomaram, estando a sua margem esquerda inteiramente livre de inimigos, como prova de terem finalmente alcançado a sua independencia.

Fracas eram as forças de que Napoleão podia dispor para com ellas embaraçar a marcha dos alliados sobre a capital da França. Não pouco espaço de tempo decorreu primeiro que os mesmos alliados se resolvessem a effeituar tal marcha, o que talvez fosse effeito de considerações politicas. Fosse porém qual fosse a causa d'isto, certo é que o exemplo da invasão em França lhes foi dado pelo exercito luso-britannico, como por este lhes fôra igualmente dado o da resistencia e da victoria contra o poder colossal de Buonaparte. A monumental batalha de Vittoria tinha, como já vimos, decidido, como effectivamente decidiu, a sorte da Hespanha, não só pela retirada que em frente do exercito luso-britannico operava o exercito francez, commandado pelo rei José Buonaparte, mas igualmente pela posição critica em que pozera o marechal Suchet, cuja direita e retaguarda ficaram por aquelle facto expostas a um ataque por parte dos alliados. Quanto á guerra por este lado, convem saber que depois das acções de Castalla e de Alcoy, dadas a 12 e 13 de abril, nada mais houve até fins de maio do que fortificarem-se os contendores cada um pela sua parte, os francezes na linha do Jucar e os alliados na de Castalla e Alcoy. Suchet prevenira os riscos da sua posição, fazendo approximar de Valencia a divisão de Severoli, que se achava no Aragão, estabelecendo a brigada de Pannetier entre aquella cidade e a de Tortosa; por este modo cobria elle a sua retaguarda e o seu flanco direito, habilitando-se igualmente a caír sobre qualquer ponto em que fosse atacado de repente. Em consequencia das ordens de lord Wellington, cujo plano era con-

servar livre a Navarra, ordenou que sir John Murray fizesse alguma operação contra Suchet, parecendo-lhe a mais acertada a de uma expedição maritima nas costas da Catalunha, expedição que elle tomaria a seu cargo, dando ao segundo e terceiro dos exercitos hespanhoes a commissão de atacarem de frente e de flanco a linha inimiga do Jucar. A expedição, composta de cento e cincoenta e seis navios de transporte, comboiada por tres naus de linha, tres fragatas e uma corveta com varias canhoneiras inglezas, saiu de Alicante no dia 31 de maio, e dirigindo-se para Tarragona, chegou no dia 2 de junho ao pequeno porto de Salon, pouco distante d'aquella cidade.

Chegada assim a expedição ao seu destino, o desembarque fez-se no dia 3 com muita ordem, destacando o general Murray, seu commandante em chefe, uma brigada para se ir assenhorear do castello do Coll de Balaguer, por dominar a estrada, que se dirige para Tarragona, a unica praticavel para a artilheria. As tropas de desembarque calculavam-se de 20:000 para 22:000 homens, compondo-se das forças anglo-sicilianas, que estavam em Alicante, de duas companhias portuguezas de artilheria, em numero de 200 homens, e da divisão hespanhola do general Wittingham. O castello de Balaguer foi vivamente atacado no dia 5 de junho e tomado no dia 7, com 80 francezes que n'elle estavam de guarnição, e que se amedrontaram pela explosão de um armazem de polvora e pelas perdas occasionadas por similhante accidente. O general Murray, approximando-se de Tarragona, resolveu investir esta praça pelo lado do ponente, construindo para esse fim duas baterias, por ser o dito lado o mais fraco e proprio para o ataque. Murray, postoque bravo e valente general, não tinha capacidade para dirigir por si uma acção: começando o seu ataque sem união e com molleza, não só deu logar a que o general Bertoletti, governador de Tarragona, tomasse todas as precauções necessarias para a sua defeza, mas até que o marechal Suchet corresse de prompto em seu soccorro. Diz-se que, não temendo o mesmo Suchet as tropas hespanholas dos generaes Elio e

duque del Parque, que ficaram em Castalla e Alcoy em numero de uns 25:000 homens, deixára apenas na sua linha do Jucar as tropas do general Harispe na força de 7:000 para 8:000 homens, marchando a soccorrer Tarragona com todas as mais disponiveis, calculadas em mais de 20:000 homens. O certo é que amedrontado o general Murray por estas e outras mais circumstancias, cuidou em se embarcar para Alicante, resolução tomada n'um conselho militar que reunira. N'este momento critico chegára ali da Sicilia o general lord William Bentinck, como successor de sir John Murray no commando das forças anglo-sicilianas ao sul da Hespanha, e conformando-se o mesmo Bentinck com a resolução tomada no conselho militar, retirou-se com effeito para Alicante durante a noite de 19 de junho, depois de ter feito saltar aos ares o castello do Coll de Balaguer, perdendo a expedição dezoito peças de artilheria e algumas bagagens, que ficaram em poder dos francezes. Assim se terminou vergonhosa e desordenadamente uma empreza por que sir John Murray teve de responder em Inglaterra a conselho de guerra, que o julgou isento de culpa, mas que o censurou pela sua conducta imprudente e pouco judiciosa, sentença que o absolveu, quanto ás suas intenções, mas que o prejudicou, quanto á sua habilidade e talento.

O mau tempo que sobreviera na volta da expedição para Tarragona fez com que dezoito navios de transporte encalhassem sobre os Alfaques na embocadura do Ebro, podendo-se salvar treze, caindo os mais na mão dos francezes. Alem d'esta perda, a esquadra soffreu outras mais avarias, entrando finalmente em Alicante; estabelecendo lord Bentinck as suas tropas em Xijona para sustentar às hespanholas, batidas pelas francezas do general Harispe, não obstante ser o numero d'estas de 8:000 e o d'aquellas 25:000! Suchet, animado pelo seu feliz successo da Catalunha, outras operações meditava, quando a noticia da batalha de Vittoria o foi d'isso despersuadir. Bem longe de as levar ávante, resolveu abandonar Valencia, retirando-se para as margens do Ebro, mas depois de deixar guarnecidos certos

pontos fortificados, que na primeira occasião opportuna o habilitassem a apossar-se outra vez d'esta sua conquista. Suchet evacuou effectivamente Valencia a 5 de julho, havendo-a occupado por espaço de dezoito mezes continuos. Marchando na frente das suas columnas na direcção de Murviedro, retirou-se por escalão em boa ordem, inclinando-se para o Aragão. Effeituada a sua retirada, as tropas de D. Francisco Xavier Elio vieram de Requena para Valencia, fazendo o mesmo a divisão de Villacampa com alguma cavallaria e tropas do brigadeiro D. Francisco Miyarès. Suchet ao retirar-se de Valencia minára e destruíra todas as fortificações que ali havia. O castello de Dema ficou guarnecido por 120 homens ás ordens do chefe do batalhão Bin. O de Murviedro, ou a antiga Sagunto, ficou com 1:200, commandados pelo general Ronette com provisões para um anno. Tambem não abandonou o de Peniscola, respeitavel porto maritimo, que deixou guarnecido por 500 homens, commandados pelo chefe de batalhão Bardont. O castellinho de Morella, que está sobre o estreito e montuoso caminho de Aragão, ficou guarnecido por 120 homens, ás ordens do capitão Boissonade. A praça de Tortosa, que Suchet julgava muito importante, teve uma guarnição de 4:500 francezes, á testa dos quaes ficou o general Robert.

Suchet dirigíra-se para o lado de Aragão por saber que Clausel se retirára para França, deixando em Saragoça a sua artilheria debaixo da guarda do general Páris. Com as vistas pois de livrar este general das incursões de Mina e de Duran, e de cobrir tambem os movimentos das outras tropas, que se achavam no Aragão, foi que elle marchou na direcção d'aquelle reino, indo em 12 de julho estabelecer a sua direita em Caspe, o seu centro em Gadesa e a sua esquerda em Tortosa. Pela tarde do dia 8 de julho o general Páris deixou Saragoça com os partidistas do governo francez, perdendo um comboio, que D. José Duran obrigou a abandonar-lhe pela dura perseguição que lhe fez. Depois d'esta façanha o mesmo Duran teve ordem de marchar para a Catalunha, recebendo Mina a de deixar Saragoça, para onde por

fim tinha ido, nas vistas de ir auxiliar o cerco de Pamplona. Foi então que o marechal Suchet reconheceu a impossibilidade de se poder manter nas suas posições do Aragão, achando-se os hespanhoes senhores de quasi todo aquelle reino. Em consequencia d'isto ordenou que o seu exercito passasse o Ebro de 14 a 15 de julho por Mequinenza, Mora e Tortosa, depois de ter dado ao general Izidoro Lamarque a commissão de recolher as pequenas guarnições de Belchite, Fuentes, Pina e Bujarolez. Tratou igualmente de conservar Mequinenza, onde poz 400 homens de guarnição, e por governador o general Bourgeois, sem tambem abandonar Monzon, por considerar estes dois pontos como defezas avançadas da praça de Lérida. O mesmo Suchet passou depois com o seu exercito a Reus, a Walls e a Tarragona, fazendo preparar n'esta praça as competentes minas para fazer saltar aos ares as suas fortificações, no caso dos alliados se approximarem d'ella, confiando a execução d'esta empreza ao general Bertoletti. Feito isto, dirigiu-se para Villa Franca del Panades, paiz rico e fertil, onde, sem se desviar muito de Tarragona, dava a mão a Barcelona e ao general Decaen. A marcha retrograda de Suchet deu logar a que o general Coupons lhe procurasse inquietar o seu flanco direito, e tambem cortar-lhe os viveres.

Pela sua parte lord Bentinck e a expedição anglo-siciliana com a divisão hespanhola de Wittingham e o terceiro exercito, commandado pelo duque del Parque, avançaram sobre o Ebro, passando este rio sobre uma ponte volante, lançada em Amposta, fazendo-se isto pela protecção das manobras da marinha ingleza. De passagem algumas tropas se mandaram para sitiarem a praça de Tortosa, emquanto as mais começaram a 29 de julho com as suas operações sobre a de Tarragona. O segundo exercito, do commando de D. Francisco Xavier Elio, continuou a occupar Valencia, bloqueando tambem os pontos onde se achavam guarnições francezas. O cêrco de Tarragona, emprehendido por lord Bentinck, que completamente a investiu no primeiro de agosto, fez com que Suchet tomasse a resolução de vir soccorrer esta praça, não tanto com o fim

de dar batalha, quanto com o de salvar o governador Bertoletti com os seus 2:000 homens de guarnição. Alguma demora houve em reunir as forças, que para este fim precisava. Reunidas que foram as ditas forças, elevando-se a uns 30:000 homens, Suchet poz-se com ellas em marcha, de que resultou retirar-se lord Bentinck de Tarragona na noite de 15 de agosto para o Coll de Balaguer, sendo seguido pelos francezes nos dias 16 e 17, fazendo Suchet saltar aos ares na noite de 18 o forte real e o de S. Carlos com outras mais fortificações, celebres desde o tempo dos romanos. Feito isto, Bertoletti e os seus 2:000 homens foram-se reunir a Suchet, indo-se todos concentrar na linha do Llobregat. Retirado o inimigo, lord Bentinck tornou logo a avançar para Tarragona, que mandou occupar pelo general Sarsfield, por ser ponto importantissimo para os alliados. Suchet, retirando-se sobre a linha do Llobregat, estabeleceu n'este dia uma cabeça de ponte em Moulins del Rei, assim como differentes reductos na sua margem direita.

Nas suas respectivas posições se conservaram inactivas as tropas francezas e as alliadas até ao meiado de setembro, em que, constando a lord Bentinck que uma grande parte dos francezes se tinham retirado da Hespanha, resolveu saír contra o inimigo da sua posição de Tarragona sobre Villa Franca, onde concentrou as suas forças. Um corpo de observação, composto do regimento de infanteria ingleza n.° 27, de tres batalhões de hespanhoes, de um calabrez, e de quatro peças de montanha, debaixo das ordens do coronel Adams, foi por elle destacado sobre a estrada real de Ordal, distante pouco mais ou menos 18 kilometros da sua frente, e igualmente desviado dos postos do inimigo, situados na linha do Llobregat. Este corpo avançado ficou em posição até pouco mais ou menos á uma hora da manhã do dia 12 de setembro, em que os piquetes foram repellidos, a que dentro de alguns minutos se seguiu um ataque em força. As peças achavam-se sobre a estrada, e a ellas se recorreu com vantagem durante mais de uma hora, em que o combate se sustentou com firmeza ao longo de toda a linha; mas sobrevindo os francezes em numero muito superior, a sua cavallaria penetrou ao longo

da estrada até á retaguarda da posição, de que resultou dispersar-se cada um dos combatentes alliados, ficando em poder dos francezes as peças de artilheria. Felizmente as sombras da noite deram logar a que cada um dos fugidos se reunisse ao seu corpo principal, terminando por este modo o chamado combate de Ordal, d'onde os alliados se retiraram no seguinte dia pela planicie de Villa Franca com a approximação dos francezes. Sendo por estes vivamente perseguidos, fizeram alto sobre um terreno favoravel para se regularisarem, o que deu logar a uma escaramuça séria entre a cavallaria, escaramuça em que os hussards de Brunswick derrotaram um regimento de couraceiros inimigos, a que se seguiu retirarem-se estes sobre o Llobregat, continuando os alliados a fazer em paz a sua retirada para Tarragona.

Emquanto isto se passava nas provincias do sul de Hespanha, os successos que tinham logar nas do norte, que eram as do mais verdadeiro theatro da guerra, continuavam prosperos para a libertação da Peninsula. Lord Wellington depois da batalha de Vittoria, e de ter afugentado da Hespanha os generaes Clausel e Foy, estabelecêra o seu quartel general em Hernani perto de S. Sebastião, como ponto mais central para as suas subsequentes operações, postando o exercito alliado nas provincias de Guipuscoa e Navarra, mas áquem das montanhas, sobre uma linha que corria desde a embocadura do Bidassoa até Roncesvalles. Tão distante como já por então se achava das fronteiras de Portugal, onde tomára para base das suas operações as praças da Cidade Rodrigo e Badajoz, emquanto o theatro da guerra se limitava ao interior da Hespanha, indispensavel lhe era, depois de transferido para junto dos Pyrenéos, transferir tambem para junto d'elles a sua nova base de operações. É de crer que alguem note n'este logar não se propôr lord Wellington a invadir logo a França, marchando em perseguição dos vencidos em Vittoria. Este passo de um grande atrevimento e ousadia, tinha contra si plausiveis rasões, que se não conformavam com o systema de guerra do mesmo lord Wellington. Como já vimos um armisticio se concluíra entre os alliados do norte e Napoleão, e nada mais

facil que seguir-se-lhe depois uma paz, tentada como effectivamente foi em Praga, paz a que a Inglaterra provavelmente não accederia, sendo portanto de esperar que em circumstancias taes o mesmo Napoleão marchasse logo com todas as suas forças contra o exercito inglez da peninsula[1]. O resultado d'isto era portanto o de aconselhar a prudencia não dever lord Wellington passar além dos Pyrenéos, como effectivamente executou, tratando ao mesmo tempo de se apoderar de um porto de mar seguro junto dos mesmos Pyrenéos, tanto para effeituar o seu embarque, se isto lhe fosse necessario, como para n'elle estabelecer os seus armazens e depositos; e se esse porto de mar fosse uma praça militar, de muita mais vantagem lhe seria para as suas circumstancias. Á vista pois d'isto com toda a rasão e juizo tomou lord Wellington por empreza apoderar-se da praça de S. Sebastião, que lhe assegurava os depositos, que se tinham já estabelecido em Santander e Passages, e a de Pamplona que lhe garantia a seu flanco direito contra os ataques do inimigo, sendo todavia a de S. Sebastião a que mais cuidado lhe mereceu, por se achar no litoral da Cantabria (onde os meios de ataque se

[1] Se lord Wellington se abalançasse a passar além dos Pyrenéos, e se com isto se désse igualmente o ter-se o rei José retirado para Jaca, buscando o apoio de Suchet, poderiam muito bem Foy e Clausel vir sobre Vittoria, guarnecida como então se achava por uma só divisão alliada. Mesmo no meio da sagacidade que lord Wellington mostrou, depois da monumental batalha de 21 de junho, era muito de esperar que fosse batido, no caso de Suchet e Clausel concordarem em marchar ambos contra o seu flanco direito, quando Soult o atacasse de frente. Ora a invadir a França sem a plena certeza da continuação da guerra do norte, podia bem succeder que em logar de Soult vir com o exercito de José, tivesse elle Wellington contra si o proprio Napoleão com o exercito de Bautzen. Isto não são phantasticas supposições, são os juizos do proprio lord Wellington, segundo o que escrevia a lord Bentinck a 22 de julho, dizendo-lhe: «Se a guerra se atear de novo no norte, muito «bem farei em avançar para França, onde me poderei estabelecer; mas «se não se ateia, não o poderei fazer, para me não expôr a ser batido. «N'este caso proponho-me a tornar senhor de todas as guarnições do «Aragão, de modo a poder-me juntar mais facilmente comvosco, man«tendo todavia o bloqueio de Pamplona.»

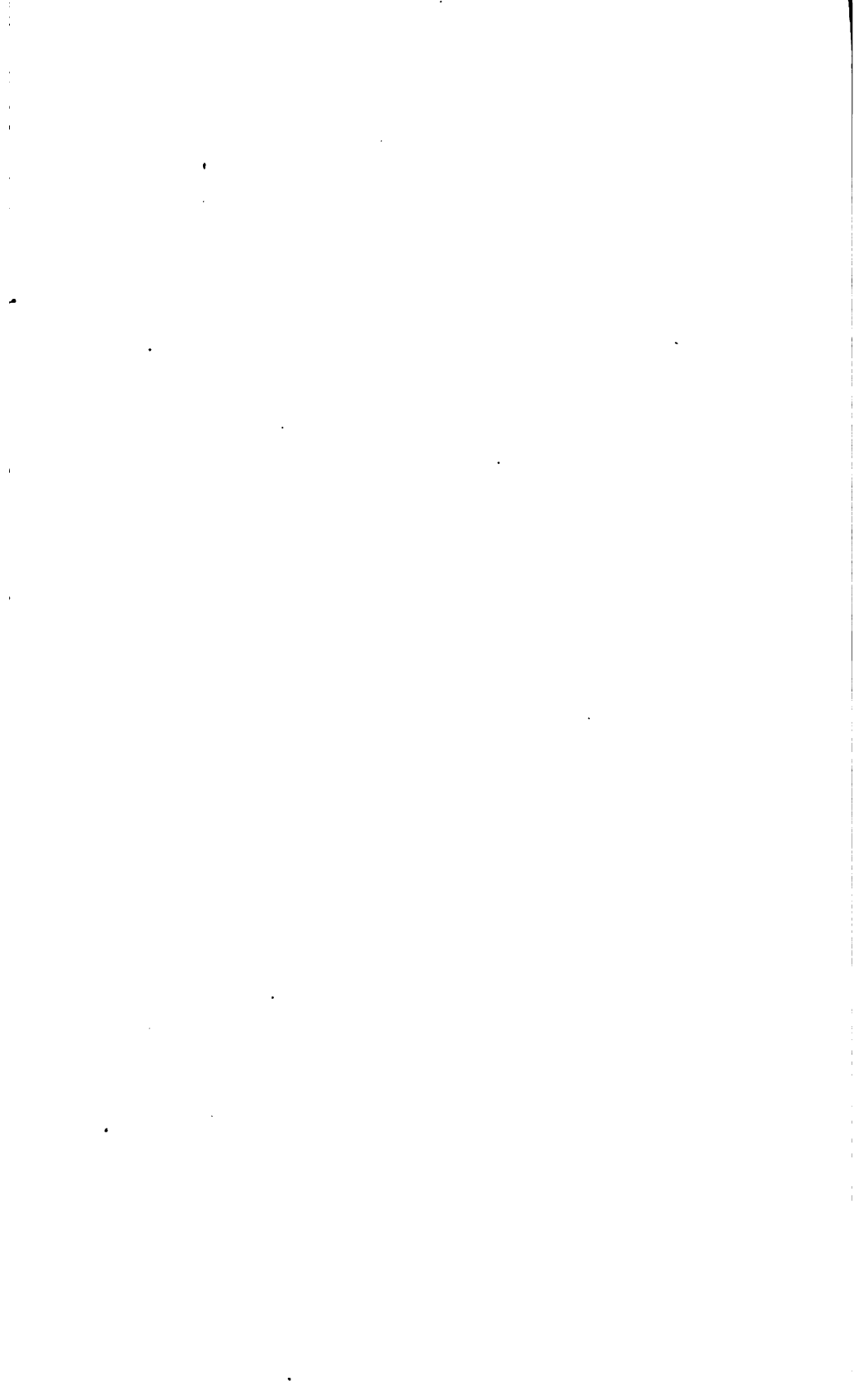
podiam obter mais promptamente), e poder-lhe portanto servir, não só aos fins que tinha em vista, mas tambem de ponto de communicação com a Gran-Bretanha. Á vista pois do exposto o ataque d'esta praça foi de prompto decidido, commettendo-se a execução d'esta empreza ao tenente general sir Thomaz Graham, o qual reuniu á primeira divisão, que era a do seu immediato commando, composta toda de inglezes, a quinta divisão, ainda por então commandada pelo major general Oswald, e da qual fazia parte a terceira brigada portugueza, composta dos regimentos n.º 3 e 15 de infanteria com caçadores n.º 8, tendo por commandante o brigadeiro Guilherme Frederico Sprye. Quanto á praça de Pamplona, foi ao principio empregado o bloqueio contra ella, na mente de a reduzir pela fome, dando-se esta commissão ao conde de L'Abisbal (general O'Donnel), assistido do exercito de reserva da Andaluzia, ao qual se reuniu depois a divisão de D. Carlos de Hespanha. O bloqueio de S. Sebastião começou no dia 28 de junho, não tardando em se apertar tambem com o bloqueio de Pamplona, abandonadas á sua sorte, como estas duas praças ficaram pelo inimigo, depois que se retirou para França.

S. Sebastião era uma cidade de 13:000 habitantes, tendo um porto de mar de limitada bacia e de fraca profundidade. A sua situação é sobre um terreno baixo e arenoso, em fórma de ilha, formada d'um lado pelo seu porto, que lhe fica ao sul, tendo em frente a ilhota de *Santa Clara*, e do outro lado por um braço do mar, onde vem lançar-se uma ribeira, chamada da Urméa, que lhe fica ao norte com a bateria *Mirador*[1]. A praça só communica com a terra por meio de um isthmo, e á primeira vista, quando se dirigem para ella do interior do paiz, parece muito forte, por não haver outro caminho para se chegar a ella senão o dito isthmo, defendido pelo revelim de S. Carlos, e pelo principal recinto, ambos elles dominados e protegidos pelo castello de Santa Cruz de la Mota, posto no alto da montanha a que a cidade está encostada: este

[1] Veja o mappa n.º 31.

monte tem o nome de *Orgulho*, consistindo n'uma pyramide conica escarpada, de perto de 400 pés de altura, banhada pelo mar, apresentando no seu cume o citado castello de la Mota. O lado do sul d'este castello, que domina a cidade e a ella está sobranceiro, achava-se d'ella separado por uma linha de obras de fortificação, providas de um duplo recinto, de uma contra-escarpa e de um caminho coberto. Parecendo portanto forte á primeira vista, é todavia dominado a uma distancia de 200 metros pelo monte Ulia, situado da parte d'além da ribeira Uruméa. Sem duvida o engenheiro que traçou esta fortificação fiou-se demasiadamente nas aguas que lhe banham a raiz das muralhas, mas não attendeu a que as ditas aguas são vadeaveis, e ficam mesmo a secco nas marés baixas, além das médas, ou monticulos de areia, chamados *Chofres*, que se encontram nas bordas da ribeira e dominam similhantes fortificações. D'este defeito se aproveitou já em 1719 o marechal de Berwick para tomar esta praça, não se tendo posteriormente pensado em lhe remediar os defeitos durante o seculo que havia decorrido. A frente terrestre da praça tinha 350 metros de desenvolvimento, occupando toda a extensão do isthmo: a sua muralha era solida, reforçada no seu centro por um bastião acasamatado, e flanqueado por meios bastiões, postos em cada uma das suas extremidades. Na sua frente levanta-se o revelim de S. Carlos, e a 600 metros de distancia d'elle achava-se fechado o isthmo por uma altura onde está o convento de S. Bartholomeu, ao pé do qual se acha o arrabalde de S. Martinho. O fraco d'esta praça era portanto o do lado da ribeira da Uruméa, onde as muralhas são nas marés altas cobertas por quatro pés de agua sobre vinte sete que tem de altura. Além d'isto a dita muralha era simples por este lado, mal flanqueada por duas velhas torres, e por um meio bastião, denominado de Sant'Elmo, situado na extremidade da mesma muralha para o monte *Orgulho*. Não tinha fosso, nem contra-escarpa, nem esplanada, e a escarpa era vista até á raiz pelos montes *Chofres* na distancia variavel de 500 a 1:000 metros. Nas marés baixas as aguas da Uruméa deixavam a muralha em secco até ao meio bastião

Est.ª XXX.

PLANTA DAS OPERAÇÕES
DO
MARECHAL SOULT
destinadas a fazer levantar
o cerco de Pamplona desde 25
até 30 de Julho de 1813.
Francezes
Alliados
R. Nive
Cambo
Bidarray
Espelette
Clauzel
S. João de Pe
de Porto
Guardas nacionaes
St. Etienne
Arneguy
Campbell
Altabiscar
Roncesvalles
Aldaides
Berderes
Irurita
Elizondo
Gl. Hill
Ariscun
Maya
Echallar
Bastan

de Sant'Elmo. Todavia as baterias do monte *Orgulho*, e particularmente a chamada *Mirador*, descobriam todo este intervallo. O outro lado da cidade é protegido pelo porto, á embocadura do qual se acha a ilhota, formada de rochedos, chamada de *Santa Clara*, como já notámos, onde estava um posto militar de 25 homens.

Os francezes tinham elevado a guarnição de S. Sebastião até ao numero de quasi 4:000 homens, commandados pelo general Manoel Rei, militar de nome e reputação. Sobre as alturas de S. Bartholomeu haviam elles construido um reducto, que ligaram ao convento do mesmo nome, que igualmente tinham fortificado. Estas obras eram apoiadas pelos postos, estabelecidos nas casas arruinadas do arrabalde de S. Martinho, e por um reducto circular, formado na estrada por pipas cheias de terra, a meio caminho entre o convento e o revelim de S. Carlos. Por conseguinte para reduzir esta praça era necessario avançar ao longo do isthmo, levar successivamente tres linhas de defeza, que cobriam a cidade, e reduzir uma quarta, que estava na raiz do monte *Orgulho*, antes de se poder assaltar o castello de la Mota. O tenente general Sir Thomaz Graham chegára no dia 9 de julho em frente de S. Sebastião com as tropas do seu commando, compostas, como já vimos, da primeira e quinta divisão, fazendo parte d'esta ultima a terceira brigada portugueza, além de outras mais, que tambem quinhoaram a gloria d'este cêrco, na força de 6:392 homens, como se vê da seguinte relação, designando as brigadas, corpos e commandantes d'aquellas e d'estes, a par da força que cada um d'elles tinha.

1.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro João Wilson

Infanteria n.º 1 — Todo o regimento foi presente a este sitio, na força de 796 homens, commandado pelo tenente coronel João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun.

Infanteria n.º 16 — Todo o regimento foi presente a este sitio, na força de 823 homens, commandado pelo coronel Francisco Homem de Magalhães Quevedo Pizarro.

Caçadores n.º 4 — Todo o batalhão foi presente a este sitio, na força de 493 homens, commandado pelo tenente coronel Edmond Keynton Williams.

9.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Guilherme Frederico Sprye

Infanteria n.º 3 — Todo o regimento foi presente a este sitio, na força de 861 homens, commandado pelo major Carlos Steward Campbell, e depois pelo coronel Miguel Mac Creagh.

Infanteria n.º 15 — Todo o regimento foi presente a este sitio, na força de 789 homens, commandado pelo tenente coronel Luiz do Rego Barreto.

Caçadores n.º 8 — Todo o batalhão foi presente a este sitio, na força de 337 homens, commandado pelo tenente coronel Dudley Saint Leger Hill.

10.ª Brigada de infanteria, commandante o marechal de campo, Thomás Bradford

Infanteria n.º 13 — Todo o regimento foi presente a este sitio, na força de 745 homens, commandado pelo major Kennet Senodgrass.

Infanteria n.º 24 — Todo o regimento foi presente a este sitio, na força de 795 homens, commandado pelo tenente coronel Guilherme Mac Bean.

Caçadores n.º 5 — Todo o batalhão foi presente a este sitio, na força de 396 homens, commandado pelo tenente coronel Miguel Mac Creagh.

Duas companhias de artifices engenheiros, na força de 102 homens, commandadas pelo major José Joaquim Granate.

Artilheria n.º 1 — Um destacamento d'este corpo, na força de 34 homens foi presente a este sitio, commandado pelo capitão graduado em major, Sebastião José de Arriaga, e depois pelo capitão Pedro Ramires.

Artilheria n.º 2 — Duas companhias d'este corpo estiveram presentes a este sitio, na força de 220 praças, commandadas pelo tenente coronel João Carlos de Sequeira.

O commandante geral da artilheria do sitio era o tenente

coronel do regimento portuguez de artilheria n.º 4, Alexandre Dickson. Sendo portanto verdade o que diz Napier, que o total da força sitiante se elevava a 10:000 homens, vinham portanto as tropas portuguezas a ser n'este sitio muito superiores ás inglezas. A artilheria consistia em 14 peças de ferro de 24, 6 obuzes de 8 pollegadas, 4 caronadas de ferro de 68 libras, e 4 morteiros de ferro de 10 pollegadas. A estas bôcas de fogo devem juntar-se mais 6 peças de 24, tiradas de bordo dos navios da esquadra, e 6 peças de 18, levadas pelo exercito luso-britannico, fazendo ao todo 40 bôcas de fogo, commandadas pelo já citado tenente coronel, Alexandre Dickson. O porto de Passages ao norte de S. Sebastião era o unico que se achava na proximidade do theatro das operações, e o que ministrava ao exercito os recursos, que de todo o genero lhe vinham de Inglaterra: todavia apresentava o inconveniente de se achar situado entre o exercito de protecção e o exercito sitiante, de modo que a artilheria e o material desembarcados podiam facilmente achar-se compromettidos por qualquer movimento do inimigo. Não obstante isto foi em Passages que se estabeleceu o deposito do cêrco, havendo entre aquelle porto e os arenosos montes *Chofres* apenas a distancia de milha e meia, percorrida por uma bellissima estrada, que tinha uma ponte de barcos sobre a Uruméa, e pela parte de cima dos *Chofres;* mas desde esta ponte até S. Bartholomeu havia um intervallo de pessima estrada de mais de cinco milhas de extensão.

No meio d'estas operações o governo britannico pretendeu remover lord Wellington do theatro da guerra da peninsula para o da guerra do norte da Europa, medida funesta, que iria seguramente arriscar a perder-se tudo quanto se tinha ganho na Hespanha, porque a não ser lord Wellington, não seria facil achar em toda a Inglaterra um general, não só de tão cego e illimitado prestigio, como elle tinha já alcançado no mais subido grau no conceito dos seus subordinados, firmados n'uma longa serie de tão gloriosas campanhas como tinham sido as d'elle, mas até mesmo de uma capacidade igual á sua para com vantagem poder disputar primores da arte da

guerra com a reconhecida capacidade do marechal Soult, a quem como já dissemos, Napoleão nomeára em Dresde no dia 4 de julho, apenas soube haverem os alliados passado o Ebro, seu logar tenente em Hespanha, general em chefe dos exercitos francezes n'ella existentes, e commandante geral das provincias do sul da França. Com esta nomeação ficaram de facto nullas a auctoridade e prerogativas do rei José na peninsula, e juntamente com ellas as do marechal Jourdan, á impericia dos quaes elle Napoleão attribuiu depois a derrota experimentada na batalha de Vittoria, da qual só no dia 6 teve noticia. Soult aceitára com muita repugnancia similhante commissão, da qual a sua esposa debalde solicitou eximi-lo junto do imperador. Forçado por fim á obediencia, partiu para o seu destino, assumindo no dia 13 o commando dos referidos exercitos em S. João-de-Pé-de-Porto. A sua primeira medida foi reunir n'um só os differentes exercitos, que na peninsula havia chamados de Portugal, e que como taes tinham estado ás ordens do general Clausel, a saber, o do norte, do centro e do meio dia, dando a denominação geral de exercito da Hespanha á reunião, ou amalgama que de todos elles fizera. Este novo exercito o distribuiu elle em nove divisões, repartidas em tres grandes corpos, a saber: o da direita debaixo das ordens do general conde Reille; o do centro debaixo das ordens do general conde d'Erlon (general Drouet); e o da esquerda debaixo das ordens do general Clausel. Igualmente formou uma reserva, cujo commando deu ao general Villatte, considerando a todos os nomeados tenentes generaes. Da arma de cavallaria formou elle tres divisões, duas pesadas, commandadas pelos generaes Tilly e Treillard, e uma ligeira, commandada pelo general Soult, irmão d'elle marechal.

Ao assumir o commando em chefe das sobreditas forças publicou elle marechal Soult uma proclamação na qual, compromettendo a reputação dos seus predecessores, mostrava que o seu coração nutria lisonjeira esperança sobre a campanha, que debaixo do seu commando ía começar. «Á falta de outras pessoas, dizia elle, é que se deve attribuir o estado em que se acha o exercito; tenhamos pois a gloria de o tornar melhor. Dei

conta ao imperador do vosso valor e do vosso zêlo. As suas ordens são de expulsar o inimigo do cume d'estas montanhas, d'onde estende as suas vistas sobre os nossos ferteis valles, forçando-o a repassar o Ebro. Bem depressa levantaremos as nossas tendas sobre a terra hespanhola, d'onde tiraremos os recursos, que nos são necessarios. Datemos de Vittoria os nossos primeiros triumphos, e celebremos ali o anniversario do nascimento do imperador[1].» Como os factos não estavam em harmonia com as palavras de Soult, a sua proclamação nenhum effeito produziu na marcha dos acontecimentos. Deve porém advertir-se que no mesmo dia em que tomou posse do seu commando, o rei José e o marechal Jourdan deixaram S. João-de-Pé-de-Porto, dirigindo-se este para o interior da França, e aquelle para Santo Espirito, arrabalde de Bayonna do outro lado do Adour. Foi por este modo, aliás tão pouco brilhante, que o rei José terminou em Hespanha o seu passageiro reinado, offendendo-se contra toda a rasão de ser despojado do throno por seu proprio irmão, o qual, sem o consultar, nem com elle ter previamente o mais pequeno acto de consideração e deferencia, nomeára o marechal Soult, que ultimamente tinha por seu inimigo, como logar-tenente d'elle Napoleão em Hespanha, sómente em nome e como representante da corôa de França. Ao que fica dito seguiu-se tomar o mesmo marechal Soult a peito soccorrer as praças de S. Sebastião e Pamplona, ambas já sitiadas, como fica dito, sendo o seu empenho tanto maior, quanto mais mal succedidas tinham sido as primeiras tentativas dos alliados sobre a primeira das ditas praças, como em breve se verá.

Soult era effectivamente por aquelle tempo um dos mais distinctos e dos mais bem reputados marechaes do imperio francez, e portanto remover lord Wellington da peninsula em similhante occasião, e em circumstancias taes como as que acompanhavam este illustre general era o cumulo do desacerto, sendo talvez o prognostico de grandes desastres, se

[1] Deve aqui lembrar-se que Napoleão tinha nascido em Ajacio, na ilha de Corsega, aos 15 de agosto de 1769.

este mesmo general os não evitasse, representando de Hernani na data de 12 de julho ao conde Bathurst o inconveniente de similhante medida pelo seguinte modo: «Vereis pelos meus ultimos despachos que estamos aqui em boa posição. Espero que bem depressa estaremos senhores de S. Sebastião, e se nos chegarmos a estabelecer bem nos Pyrenéos, serão necessarios grandes esforços ao exercito francez para d'elles nos expellir. As minhas operações dependerão muito do que se passa no norte da Europa, e não menos da força e da natureza dos reforços, que o inimigo nos oppozer, quando por aquelle lado recomeçarem as operações. Todavia o governo e os alliados podem contar que farei tudo quanto possa. Quanto a ir para a Allemanha, estou ás ordens do principe regente, e prompto a fazer tudo o que elle e o seu governo quizerem; mas peço que se lembrem que a grande vantagem que aqui tenho consiste na confiança que tem cada um de que eu farei tudo quanto é preciso, vantagem que não terei na Allemanha, pelo menos durante algum tempo. Se portanto deixarem algum exercito inglez na peninsula, melhor é que eu fique á testa d'elle. Tereis visto que já decidimos a questão do Ebro, e por uma carta de meu irmão fui sabedor de que o governo hespanhol decidiu por si a questão da paz com Buonaparte. Recommendo-vos que não cedaes uma só pollegada de territorio hespanhol. Creio poder guardar os Pyrenéos tão facilmente como Portugal. Estou segurissimo de poder guardar a posição que tenho, mais facilmente que o Ebro, ou outra qualquer posição na Hespanha. Ainda vou mais longe: antes quereria deixar José rei da Hespanha, sem nada ceder á França (quando vejo quanto estão promptos a se separar da França todos os membros da familia de Buonaparte, posto que José seja, segundo creio, o menos disposto a separar-se d'ella), do que ter D. Fernando o Ebro por fronteira. N'este ultimo caso a Hespanha pertenceria inevitavelmente á França».

Quanto á asserção feita por lord Wellington, de que poderia guardar os Pyrenéos tão facilmente como guardou Portugal, parece-nos não ser tanto assim, segundo o que de Le-

saca elle proprio escreveu ao conde de Liverpool, na data de 23 de julho, dizendo-lhe: «Buonaparte fez partir Soult de Dresde no dia 4, por occasião da noticia de termos passado o Ebro; a da batalha não a teve elle senão no dia 6. Vossa senhoria não ignora que precisâmos continuar os nossos esforços contra o inimigo, a fim de bem nos estabelecermos n'esta fronteira, e bem depressa poderei decidir se havemos de empregar os nossos esforços na mesma França, ou na Catalunha durante o resto da campanha. Isto dependerá muito do que se passar no norte da Europa. Não penso que possamos seguir com successo sobre esta fronteira na Hespanha o systema sobre que nos apoiâmos no paiz entre o Tejo e o mar. Esta linha era pouco extensa, e as communicações muito faceis e curtas pelo nosso lado. A linha dos Pyrenéos é uma linha extensissima, não tendo menos de setenta passagens nas montanhas, estando as communicações da parte do inimigo, tanto quanto o tenho podido saber até aqui. Nós podemos facilitar a defeza, fortificando algumas das passagens; mas não podemos jamais fazer dos Pyrenéos o que fizemos no paiz entre o Tejo e o mar». Os factos subsequentes provaram bem a verdade d'estas asserções. Pondo porém de parte estas questões, é um facto que lord Wellington evitou pelo officio de que acima se fez menção, com data de 12 de julho, o transferirem-no da peninsula para a Allemanha, o que foi mais facil conseguir do que domar a rivalidade louca dos hespanhoes, no meio das suas exaltações demagogicas.

É necessario saber-se que já desde muito tempo tamanho rancor se havia cimentado em Hespanha entre os partidos liberal e absolutista, que a sua reconciliação era moralmente impossivel, sendo portanto inevitavel o recurso a vias de facto, ou o apparecimento da guerra civil, por meio da qual um dos dois partidos havia de forçosamente ficar vencedor. Logoque em janeiro de 1813 lord Wellington saiu de Cadiz, onde tinha ido conferenciar com o governo hespanhol, para regularisar as suas operações da campanha d'aquelle anno, as antigas dissenções politicas, entre os liberaes e os absolu-

tistas, começaram a manifestar-se com a mesma, se é que não com maior força do que d'antes tinham. Postoque as côrtes de Cadiz se houvessem conduzido nos primeiros tempos da sua existencia de um modo adequado á missão que se lhes confiára, todavia com o andar do tempo as paixões politicas e partidarias foram n'ellas successivamente apparecendo, até ao ponto de rebentarem por maneira tal, que se retalharam em fracções, cousa de que os absolutistas se aproveitaram logo para lhes minarem a existencia, como posteriormente conseguiram. A constituição proclamada, limitada a uma só camara, não permittindo a reeligibilidade dos deputados, e contendo a par d'estas, outras disposições do mais exaltado liberalismo, disposições que lhe davam o caracter de excessivamente democratica, tornára-se por assim dizer incompativel com as idéas politicas, que ainda por então vogavam na maioria dos hespanhoes, de que resultou sublevar logo contra si, não só o partido do clero, tão omnipotente como ainda era em Hespanha, mas até muitos dos proprios liberaes moderados.

Pela sua parte lord Wellington reconheceu bem os inconvenientes das utopias introduzidas na constituição pelo partido liberal exaltado na carta que em 27 de janeiro do citado anno de 1813 dirigiu ao conde Bathurst, dizendo-lhe sobre este assumpto: «É impossivel descrever o estado de confusão dos negocios em Cadiz. As côrtes fizeram uma constituição como um pintor faz um quadro, bom para se ver, e nada mais. Não encontrei membro algum da assembléa, ou fóra d'ella, quer em Cadiz, quer em outra qualquer parte, que olhasse a constituição como meio de realisar um systema pelo qual a Hespanha seja, ou possa vir a ser governada. As côrtes, quanto a palavras, tem-se despojado do poder executivo, nomeando uma regencia para o exercer. Esta regencia porém é de facto escrava das côrtes, tendo estas e a regencia arranjado as cousas por modo tal, que só tem entre si uma communicação ou contacto similhante ao do nosso monarcha com o parlamento, por meio de discursos ou mensagens, ou vice-versa, do parlamento com sua ma-

gestade por meio de *adresses*. Nem as côrtes, nem a regencia sabem o que qualquer d'ellas faz na sua repartição, nem o que fará nas circumstancias supervenientes. A sua auctoridade, quer seja a das côrtes, quer a da regencia, não se estende alem dos muros de Cadiz, e duvido mesmo que a da regencia sáia fóra das paredes da sala em que se reune. Sei que as côrtes desconfiam da regencia, postoque os seus membros sejam d'ellas creatura. Pela sua parte a regencia suppõe que as côrtes tem a intenção de se assenhorear do poder executivo, ao passo que as côrtes desconfiam por tal modo da regencia, que apesar dos seus membros reconhecerem a conveniencia, e até mesmo a necessidade de sairem de Cadiz, dão como rasão para n'ella se conservarem, o terem para si que os seus moradores lhes são dedicados, e o receiarem que a ir para Sevilha ou Granada, a sua população se lhes subleve. Desejava bem que um dos nossos reformadores viesse a Cadiz para ver a vantagem de uma assembléa popular e soberana, dando-se o tratamento de *magestade*, a par de uma constituição escripta e de um governo executivo, que se trata por *alteza*, obrando sob a dependencia de *sua magestade, a assembléa*. Para dizer a verdade não ha outra auctoridade no estado senão a dos jornaes diffamatorios, sendo elles realmente os que debaixo dos seus dictames tem sem piedade as côrtes e a regencia».

Á vista do exposto, não póde estranhar-se em lord Wellington que, reconhecendo o mau estado das cousas em Cadiz e o damno que causavam aos negocios da guerra as exaltações politicas dos liberaes mais avançados das côrtes, tomasse a resolução de expor aos homens n'ellas mais influentes, quando esteve n'aquella cidade, a precisão que havia de prestarem a similhantes negocios a sua mais seria attenção, aconselhando-os a que esquecessem as suas querelas partidarias, e sobretudo que não abolissem por emquanto a inquisição, para não lançarem o partido do clero, tão omnipotente como então era, em aberta hostilidade contra si. Na carta que em 29 de abril de 1813 diririu a D. André Angelo de la Vega, deputado ás côrtes de um grande e reconhecido

merito, lhe dizia elle: «1.º Deveis estabelecer uma regencia permanente, confiando-a a uma só pessoa com todos os poderes concedidos ao rei pela constituição. Esta pessoa deve ser de sangue real, quando seja possivel encontrar uma, ou seja homem ou senhora, em estado de exercer tal cargo; e quando a não haja, escolhereis pessoa que no paiz tenha a maxima auctoridade pelo seu caracter, conducta, etc. O regente deverá ser auxiliado por um conselho de regencia (ministerio), composto de cinco pessoas, por elle mesmo escolhidas entre os membros das côrtes, ou por outro qualquer modo que elle julgar melhor, gerindo cada uma d'ellas a sua secretaria, com responsabilidade pelos seus actos e medidas governativas. 2.º O que igualmente deveis fazer é abolir o artigo 110.º da constituição, que prohibe a reeleição dos deputados: em todo o caso isto é necessario, a quererem que haja alguma experiencia nas futuras côrtes. Na mesma constituição deveis tambem supprimir os artigos 129.º e 130.º, se com effeito entendeis que prohibem ao conselho de regencia, quando seja tirado dos membros das côrtes, o propor ao regente as pessoas para os empregos publicos, e é ainda preciso supprimir taes artigos, se porventura impedem o regente, ou o rei de escolher os ministros entre os referidos membros. 3.º Recommendo-vos a total abolição do capitulo VII da constituição. O conselho d'estado, estabelecido pela fórma por que n'elle se acha, não preenche fim algum, quer como conselho do governo executivo, quer como balança entre o mesmo governo e a assembléa popular. Se o governo, tal qual o estabelece a constituição, chegar a funccionar, o que julgo impossivel, o conselho d'estado, que não tem responsabilidade, entrará em luta com o ministro da justiça responsavel, e durante este tempo o paiz soffrerá a nomeação de maus bispos e maus juizes pelas intrigas do conselho d'estado».

Lord Wellington pronunciava-se tambem por uma segunda camara, como meio de proteger a propriedade territorial e as altas classes contra as usurpações, as injustiças e os actos de violencia, filhos da inveja das classes inferiores, cousas a

que aquellas em todo o tempo se acham sempre expostas, e particularmente em epochas de revoluções. «A theoria de toda a legislação, dizia elle a este respeito, é fundada sobre a justiça, e se estivessemos certos de que as assembléas legislativas obravam sempre conforme aos principios da justiça, nenhuma precisão havia de freios, nem d'estas protecções, que vemos estabelecidas nos melhores systemas de governo. Mas desgraçadamente sabemos que as assembléas legislativas são muitas vezes dominadas por sustos e paixões pessoaes; quando não tem freio tornam-se injustas e tyrannicas. As mais das vezes succede que as medidas com aquelle caracter são tambem as mais populares, e são tanto mais applaudidas, quanto mais tendem a despojar dos seus bens os individuos ricos e poderosos, ou a humilhar as altas classes com o pretexto de interesse publico. Quanto a mim, tremo por um paiz onde, como em Hespanha, não ha outras barreiras para proteger a propriedade particular senão a justiça de uma assembléa legislativa, revestida do poder supremo».

Apesar da grande auctoridade e talento da pessoa que expunha estas doutrinas, não era de esperar que podessem em Cadiz ser aceitas pelos liberaes n'um tempo em que os dominava a maior exaltação politica, e particularmente aos que eram membros das côrtes, sendo estes os proprios que se não pejavam de recorrer aos mais violentos meios para conseguirem a approvação de tudo quanto lhes lembrava, sem a nada mais attenderem do que á conveniencia partidaria, nem a saber se as medidas que apoiavam eram ou não exequiveis e uteis. Foi este injusto procedimento o que mais exaltou os absolutistas e os levou a recrutar para o seu partido todos aquelles a quem a nova ordem de cousas prejudicava mais ou menos directamente. Effectivamente a abolição das jurisdicções senhoreaes, a dos direitos dominicaes, e a das prestações e privilegios, de que os antigos senhores ainda por então gosavam em Hespanha, postoque contrarias fossem estas cousas ao direito commum, forçosamente os arrastavam para o partido absolutista, porque em presença

dos interesses offendidos, jamais se attende ao que é justo. Foi todavia o clero o que mais pronunciadamente se declarou pelo absolutismo, vendo que os mais notaveis fautores e propugnadores do liberalismo se achavam dispostos a lhe cercear os proventos, e particularmente a lhe tirarem os meios de manter o povo hespanhol na ignorancia e na superstição em que jazia. Os seus interesses os reputaram elles lesados com a extincção do chamado *voto de Santiago,* nome que se dava a um antigo tributo de *uma certa quantidade do melhor pão e do melhor vinho,* imposto primitivamente aos agricultores de algumas das provincias da Extremadura, fazendo-se depois extensivo a toda a Hespanha, para a sustentação do arcebispo e cabido de Santiago de Compostella, assim como de um hospicio, que n'esta cidade havia para os romeiros, sendo tambem distribuida uma parte do referido tributo pelas outras cathedraes do reino. A legitimidade d'esta exacção fundava-se particularmente n'um pretendido previlegio, contido n'um diploma falsamente attribuido a el-rei D. Ramiro I, de Leão, datado de Calahorra no anno 872 da era de Cesar, ou 834 da era christã.

Era sobre este pretendido documento, cheio de inverosimilhança e de anachronismos, e trazendo comsigo o cunho da ignorancia e da superstição, que caracterisavam a epocha da sua allegada origem, que os conegos de Santiago recolheram durante muitos seculos consideraveis valores, tirados dos celeiros e adegas dos habitantes de muitos pontos da Hespanha. Este tributo produziu nos seus bons tempos avultada porção de milhões de reales, achando-se ultimamente reduzido a tres milhões annuaes, tanto por causa da baixa do valor das rendas, como pela crescente resistencia que o povo oppunha á sua cobrança. A proposta da sua abolição foi apresentada ás côrtes em março de 1812, e approvada por trinta e seis votos, sendo dada para a discussão no mez de outubro. Foram os deputados Villanueva e Ruiz Padron, ministros da religião ambos elles, os que mais notaveis se tornaram n'este debate: e foi particularmente o segundo o que affirmou com a mais enthusiastica eloquencia,

depois de apoiada a sua opinião sobre incontestaveis factos, «que a origem do *voto* que se discutia não passava de uma vergonhosa fabula, tecida com artificio e embustes, com a mascara da piedade e religião, e indigno abuso da ignorancia e da credulidade do povo». Com este fundamento as côrtes o aboliram em toda a Hespanha. Concorreu tambem para o augmento do partido reaccionario a demissão de regente, dada ao conde de L'Abisbal (D. Henrique O'Donnell), com a qual (postoque fosse por elle pedida, por se julgar offendido por certas expressões, que nas côrtes se lhe dirigiram), posteriormente se não conformou, solicitando que se não levasse a effeito; e como isto não podesse já ter logar, passou-se para os descontentes, manifestando com o andar do tempo uma notavel animosidade contra os liberaes.

Costumavam os mais exaltados d'este partido recorrer, para conseguir os seus fins, aos meios tumultuarios e subversivos, tal como o de encherem as galerias de pessoas assalariadas na classe baixa, com destino a applaudirem o que se queria approvado, e a condemnarem o que pretendiam ser rejeitado. Emquanto assim buscavam vencer dentro da camara o que lhes fazia conta, recorriam fóra d'ella a publicar pelos jornaes, e por meio de impressos incendiarios, que affixavam pelas esquinas, e profusamente espalhavam pelas praças e ruas, toda a ordem de invectivas contra o que lhes não convinha, recorrendo até mesmo a calumnias contra os seus collegas da camara, quando os tinham por seus adversarios em qualquer questão politica, tida como partidaria. Com estes elementos marchava o partido liberal exaltado das côrtes, na opinião do qual a regencia dos cinco, nomeada a 22 de janeiro de 1812, se havia tornado suspeita de reaccionaria, dando-se-lhe por desprezo a denominação chula *del Quintillo,* ou *do Quinteto.* Tendo ella nos primeiros tempos da sua gerencia marchado no caminho das reformas, lançou-se depois no da transição para o retrocesso, tanto pelas demasias, que via no partido liberal exaltado, como pelo dissabor que lhe causára a demissão, que se dera ao conde de L'Abisbal, seu antigo chefe, a que se seguiu passar por fim

a manifesta opposição ás reformas, de que resultou ter contra si nas côrtes os votos dos liberaes avançados nas propostas que lhes apresentava. Augmentou ainda mais o seu descredito com a accusação, que os mesmos liberaes lhe faziam de retrograda e reaccionaria nas suas nomeações e medidas, tornando-se por fim impossivel manter-se á frente do poder executivo. Veiu ainda dar mais força ás indisposições que nas côrtes tinha contra si o pedido que lhes fez, com allegações tidas por capciosas, para que provisoriamente se riscassem ou supprimissem varios artigos da constituição, pedido que o partido exaltado olhou como destinado a abolir um codigo, que apenas se achava proclamado, e que aliás se suppunha de grande popularidade em todo o paiz, sem que portanto houvesse ainda tempo, segundo entendiam, de se poderem devidamente apreciar ou as suas vantagens ou inconvenientes. O que pois se seguiu d'isto foi o negarem-se as côrtes ao pedido feito, e o manifestar-se cada vez mais a desharmonia que lavrava entre os dois poderes, tomando o partido liberal exaltado por expediente lançar-se cada vez mais no caminho revolucionario e anarchico, já por elle encetado, como recurso estrategico para conseguir os seus fins, procurando vencer por este meio o que pelo da legalidade e justiça não podia obter.

Foi durante estas occorrencias que as côrtes de Cadiz receberam, enviada pela regencia, uma nova carta da princeza do Brazil, D. Carlota Joaquina, datada do Rio de Janeiro aos 28 de junho de 1812, felicitando-as por terem feito jurar a constituição, carta assim concebida: «Rogo-vos que façaes presente ao augusto congresso das côrtes os meus sinceros e constantes sentimentos de amor e fidelidade ao meu querido irmão Fernando, e o summo interesse que tomo pelo bem e felicidade da minha amada nação, dando-lhe ao mesmo tempo mil parabens e mil agradecimentos por haver jurado e publicado a constituição. Cheia de regosijo vou congratular-me com todos vós pela boa e sabia constituição, que o augusto congresso das côrtes acaba de jurar e publicar com tanto applauso de todos, e mui particularmente

meu, pois a julgo como base fundamental da felicidade e independencia da nação, e como uma prova que os meus amados compatriotas dão a todo o mundo do amor e fidelidade que professam ao seu legitimo soberano, e do valor e constancia com que defendem os seus direitos e os de toda a nação. Guardando exactamente a constituição, venceremos e expulsaremos por uma vez o tyranno usurpador da Europa. Deus vos guarde, etc. Vossa infanta, *Carlota Joaquina de Bourbon*. Ao congresso supremo das Hespanhas em nome de Fernando VII».—Esta carta, que havia sido remettida á regencia com uma nota do ministro de Portugal em Cadiz, foi lida na sessão das côrtes de 24 de setembro de 1812, a que se seguiu ordenar o congresso, que fosse lançada por extenso no diario das suas sessões, resolvendo-se, por proposta do deputado Bahamonde, que se participasse á regencia que o augusto congresso a tinha ouvido ler com a maior attenção, e que assim o participasse igualmente a regencia a sua alteza real. O fim d'esta nova carta da princeza era o de suscitar por mais outra vez a sua nomeação para regente da Hespanha. Alguns deputados americanos se declararam por esta nomeação da princeza, sendo o deputado pelo Peru, D. Ramon Feliú, o que se encarregou de fazer a competente proposição, o que em primeiro logar fez na commissão respectiva, e depois passou a fazer em sessão publica, no citado dia 24 de setembro, por causa de uma deliberação, tomada por iniciativa de D. Agostinho Arguelles, para que toda a proposta de pessoa real para regente do reino fosse feita em publica sessão das côrtes.

Feliú incluiu na sua proposta uma nova e singular clausula, tal como a de que a princeza nomeada regente passaria do Brazil ao Mexico, com o fim de apaziguar e regularisar as discordias, manifestadas nas colonias da America. A uma clausula tão inesperada, e tão fóra de rasão, e que como tal se não podia deixar de ter por contraria á opinião publica, seguiu-se logo um tumulto de geral reprovação em todos os ambitos da sala das côrtes, sendo portanto repellida com indignação por aquelles mesmos deputados que queriam a re-

gencia da princeza, porque o seu fim era tê-la como regente da Hespanha na Europa e não nas suas colonias da America, sublevadas como se achavam. O alto e subito tumulto, que de similhante proposta proveiu, intimidou por tal fórma o seu auctor, que tomou o expediente de desistir d'ella promptamente. O presidente das côrtes, que por então era D. André Gaudregui, homem moderado, de bom senso e são juizo, mas partidista do projecto como deputado por Havana, quiz pela sua parte sustenta-lo; vendo-se porém atacado com violencia por alguns deputados, deixou a cadeira, não tornando mais a occupa-la durante o mez da sua presidencia, por se julgar offendido, recusando-se-lhe as satisfações que pedia. Por este modo terminou pois a segunda tentativa, feita para se nomear regente da Hespanha a princeza do Brazil, D. Carlota Joaquina, julgada como era pelos liberaes exaltados como chefe do partido absolutista, e portanto destinada á aniquilação do systema liberal, juizo que o andar do tempo mostrou depois verdadeiro.

Entretanto o desacordo entre as côrtes e a regencia dos cinco continuava a manifestar-se cada vez mais forte, ligada como os liberaes a suppunham ao partido reaccionario, vindo dar mais corpo a esta crença a medida da total abolição do tribunal do santo officio da inquisição, approvada pelas côrtes em 22 de janeiro de 1813 por noventa votos contra sessenta[1]. Alem do respectivo decreto, as mesmas côrtes haviam elaborado igualmente um manifesto, destinado a justificar a medida. Tanto o decreto como o manifesto foram por uma circular remettidos aos differentes cabidos e parochos da Hespanha, para serem lidos ao publico na missa conventual das respectivas sés e parochias. A resistencia do clero contra estas ordens manifestou-se então abertamente, sem que todavia as côrtes se intimidassem com isto, como se prova pelas ordens que fizeram expedir para a prisão do

[1] Para se obter este triumpho foi ainda assim necessario que os liberaes das côrtes se prestassem a approvar a instituição de tribunaes protectores da religião.

arcebispo de S. Thiago, e de alguns outros prelados diocesanos, por causa de uma pastoral que publicaram contra tal abolição, julgando a religião catholica vilipendiada por ella, só porque o clero deixava de ter o privilegio de torturar as victimas que bem lhe parecia, arrecadando-lhes o producto dos bens, depois de lhes ter derramado o sangue. Foram effectivamente presos os bispos de Logroño, Mondonedo, Astorga, Lugo e Salamanca, refugiando-se muitos outros em Portugal, onde foram tidos como martyres da legitimidade e do absolutismo. O bispo de Orense e o ex-regente Lardizabal já tinham fugido, este para o Algarve e aquelle para Traz os Montes, entretendo ambos uma activa correspondencia com a Galliza, provincia onde as côrtes estavam longe de ter partido. Durante estas occorrencias succedeu tambem que Gravina, nuncio do papa, mas hespanhol de nação, ousasse tomar um tom tão insolente e provocador, que as côrtes o mandaram retirar, sequestrando-lhe os beneficios que tinha em Hespanha. Da prisão e fuga dos bispos e d'esta perseguição de Gravina resultou em todo aquelle reino uma grande indisposição contra o partido liberal, forte como só era na ilha de Leão, sendo para notar que emquanto a classe militar se mostrava geralmente affecta aos liberaes, o povo era pela maior parte partidista do clero. Na propria cidade de Cadiz o cabido e os parochos tomaram o expediente de dirigirem representações á regencia, expondo-lhe as rasões que tinham para não cumprirem as ordens, que se lhes haviam mandado, representações que a mesma regencia resolveu não apresentar ás côrtes antes do dia 7 de março do citado anno de 1813. Este facto de tolerancia para com os requerentes pareceu confirmar mais a crença que tinha o partido liberal de que a regencia se achava effectivamente ligada com o partido absolutista. Ainda mais se confirmou n'esta crença quando a viu demittir de governador de Cadiz, o almirante Valdez, tido como liberal e opposto á inquisição, substituindo-o pelo general Alos, tido como zeloso e dedicado partidista do terrivel tribunal.

Foi o famoso D. Agostinho Arguelles o que, como chefe

dos liberaes exaltados, tomou a palavra, pedindo *que se desse por acabado o governo existente, e se nomeasse uma nova regencia,* devendo sair d'entre os deputados das côrtes os individuos para ella eleitos. Parecendo propria esta occasião aos partidistas da princeza do Brazil para por mais outra vez tentarem a sua nomeação de regente, de novo se propozeram a isto. Sabido como foi o seu plano pelos liberaes exaltados, tomaram logo o expediente de recorrer a todos os meios licitos e illicitos que lhes lembraram para lhes mallograr os intentos, procurando intimida-los com motins e ameaças de apunhalar todos os que se manifestassem partidistas de similhante nomeação, e sobretudo o deputado que em sessão publica das côrtes se abalançasse a apresentar n'ellas a respectiva proposta. Seguiu-se a isto pôrem-se em formal alarme os habitantes de Cadiz, manifestando-se tambem contra ella. Pela sua parte os jornaes igualmente se pozeram em campo, provocando os tumultos a que estas occorrencias deram logar, de que resultou exaltarem-se os espiritos por maneira tal, que até se intentou pôr fogo á casa do proprio ministro portuguez n'aquella cidade, cercando-lh'a de espiões, e embaraçando que para ella entrassem os amigos e os deputados da relação do referido ministro[1]. Julgando-se pois temerario expor por similhante motivo aquella cidade a uma revolução popular, que lhe estava imminente e promettia ser das de mais funestas consequencias, tomaram por expediente os partidistas da princeza do Brazil não tornar mais a apresentar nas côrtes cousa que lhe dissesse respeito. Seguiu-se portanto a questão da exautoração da regencia dos cinco, proposta como havia sido por D. Agostinho Arguelles. Depois dos vehementes debates a que isto deu logar, e em que o povo das galerias tomou grande parte, decidiu-se que a regencia se mudasse, mas que os novos regentes não fossem deputados. E para que se

[1] Veja o documento n.º 110, que nada mais é que o officio de Joaquim Severino Gomes, secretario da legação portugueza em Cadiz, onde servia de nosso ministro na ausencia do então conde de Palmella.

accommodasse o povo, que demasiadamente se ía já excedendo nos tumultos a que o provocaram, suppoz-se chegado o caso do que sobre este assumpto ordenava a constituição, e portanto o de que a nova regencia se compozesse dos tres conselheiros d'estado mais antigos, emquanto se não decidisse qual devia ser o definitivo governo do paiz. Foi-se portanto buscar o presidente do conselho d'estado, o cardeal de Santa Maria *della Scalda* e arcebispo de Toledo, D. Luiz de Bourbon, filho do infante D. Luiz, irmão que foi de D. Carlos III, o qual tomou a presidencia da nova regencia, em que teve por collegas D. Pedro Agar e D. Gabriel Ciscar, havendo ambos estes sido já membros de uma anterior regencia com o general Blake, regencia demittida por intrigas do ministro inglez, ao partido do qual se tinha por desaffecta, como no capitulo ultimo do anterior volume já vimos. Pelas oito horas da noite do dia 8 de março de 1813, em que esta questão se debateu, entraram os novos regentes no congresso para prestarem o seu respectivo juramento, como praticaram, indo depois acompanhados por uma commissão de cinco membros das côrtes para o palacio do governo, onde ella lhes foi dar posse do cargo.

Tendo pois a regencia sido ao principio eleita temporariamente, passou no dia 22 do citado mez de março a ser confirmada pelas côrtes como permanente, por se ter descoberto uma especie de conspiração, tramada, como se dizia, pelos partidistas da princeza do Brazil, e por mais uns vinte deputados americanos, que com elles se achavam ligados, de que resultou propor o partido liberal mais exaltado das côrtes, que a regencia eleita, deixando o caracter de interina, assumisse o de permanente, como succedeu no citado dia 22 de março. A consequencia que de tudo isto se seguiu foi o augmentar-se cada vez mais o partido absolutista, tanto na classe civil, como na ecclesiastica, tornando-se cada vez maiores as difficuldades com que o partido liberal tinha a lutar em Hespanha, sendo muito problematica a sua definitiva existencia n'aquelle reino, passando effectivamente a ser perseguido e aniquilado no seguinte anno por D. Fer-

nando VII, quando de França veiu para o seu paiz. No meio d'esta exaltação de idéas do partido liberal não se podia esperar que a moderação das idéas politicas de lord Wellington houvesse de ser bem vista por aquelle partido, o qual de prompto se lhe declarou adverso logo desde o conselho que lhe deu, de que não abolisse por emquanto a inquisição. Alem d'esta circumstancia uma outra houve para que o chamado partido inglez fosse supplantado pelo francez, ao qual se ligou o republicano de Cadiz, tal foi o descontentamento que produziu n'alguns generaes hespanhoes a nomeação que em 22 de setembro de 1812 as côrtes deram a lord Wellington de commandante em chefe dos exercitos da Hespanha, pondo-se-lhe n'esta conformidade debaixo das suas ordens um de 50:000 homens, aindaque pago e sustentado pelo governo britannico, sem que nas suas fileiras entrassem officiaes inglezes, como se viu entre nós.

Foi o general Ballesteros o primeiro dos referidos generaes que se poz abertamente em campo contra similhante medida. Seriam dez horas da noite de 25 de outubro do citado anno de 1812 quando chegou a Cadiz um correio por elle mandado ao governo. Na manhã do seguinte dia principiou a sessão das côrtes mais cedo do que era costume. Esta sessão, a que assistiu o ministro da guerra, foi reservada, tomando-se aos deputados o juramento de guardarem segredo sobre o que n'ella se passasse. Apesar d'isto soube-se depois que o resultado foi o de tirar o commando do quarto exercito e o governo da capitania geral da Andaluzia ao referido Ballesteros, ordenando-se-lhe que se retirasse para Ceuta, devendo ali esperar as ordens do governo, em castigo da insolita resposta, que dera á participação que se lhe fez para se considerar subordinado ás ordens de lord Wellington na sua qualidade de commandante em chefe dos exercitos hespanhoes. Soube-se mais que a recusa de Ballesteros á obediencia que se lhe exigia foi formal e explicita, empregando no seu officio expressões violentas, e até ameaças ao governo, com o qual por similhante causa se mostrava estar altamente despeitado, dizendo-lhe que antes que-

ria estar debaixo das ordens de um simples cabo de esquadra hespanhol do que de um general inglez. O governo pela sua parte respondeu-lhe com bastante energia, expedindo-lhe logo no mesmo dia 26 um official, portador da ordem do seu retiro para Ceuta. Este official cumpriu religiosamente a commissão que se lhe dera, porque apenas chegado ao quartel general respectivo, fallou a alguns officiaes que encontrou, e de acordo com elles mudou a guarda da porta da casa do general, substituindo-a por outra de confiança. Feito isto, subiu ao pavimento superior e entregou a Ballesteros os despachos que para elle levava, não offerecendo resistencia alguma ao que se lhe ordenava; todavia passeou um pouco apressado, chamou um dos seus ajudantes de ordens e desceu para a rua; mas a sentinella que estava á porta, com prevenção já para este caso, de prompto o intimou para que não saísse, de que resultou dar-se immediatamente á prisão, e partir pór fim para Ceuta conduzido por uma escolta. Felizmente todos os chefes das divisões militares se conformaram com a medida, mostrando-se submissos ás ordens do governo, postoque no seu particular alguns d'elles tivessem outras idéas. O duque do Infantado foi quem substituiu Ballesteros no commando do quarto exercito, tendo por segundo o general Coupons. O ex-regente, conde de L'Abisbal, que se achava no porto de Santa Maria, foi chamado e nomeado general em chefe do exercito da reserva e capitão general dos quatro reinos da Andaluzia, onde se pretendia organisar uma força de 40:000 homens, tendo por seu immediato o general Abbadia, seu cliente e amigo. O general Santocildes foi nomeado capitão general da Galliza, tendo sido suspenso o general Lacy, a quem se ordenou que entregasse o commando do seu exercito interinamente ao barão de Eroles ou a Sarsfield.

De todas estas contrariedades e divergencias o resultado foi augmentarem-se cada vez mais os rancores e odios entre o partido liberal e o absolutista, não só produzindo entre estes dois partidos os seus naturaes effeitos, mas até subdividindo os mesmos liberaes em moderados e republicanos,

havendo tambem alem d'estes partidos o dos afrancezados (ou anti-inglezes), e o dos inglezados (ou anti-francezes). A situação que caíra com a regencia dos cinco pertencia aos inglezados, e a novamente eleita aos afrancezados. Aos inglezados se encostou pois o partido absolutista das côrtes, e o republicano ao dos afrancezados, sendo este o que abertamente se declarou contra lord Wellington, suspeito, como se lhe tornára, de absolutista pelos seus conselhos de politica moderada, juizo que o andar do tempo effectivamente mostrou verdadeiro. Começou-se pois a hostilisa-lo, falseando-lhe os ajustes com elle feitos, vistoque nas côrtes predominava o partido liberal exaltado, sendo d'este predominio que proviera a nomeação da regencia existente. Similhante procedimento para comsigo agourava já lord Wellington ao assumir a grave responsabilidade da pesada tarefa de organisar e commandar o exercito hespanhol, como se prova pela carta por elle dirigida a D. José Carvajal, datada de Freineda aos 4 de dezembro de 1812, dizendo-lhe: «Conheci muito tarde o verdadeiro estado d'este exercito; a não ser isto hesitaria em me encarregar de um commando, que é um verdadeiro trabalho de Hercules. Tendo-o porém aceitado, não o abandonarei; aindaque o encargo seja difficil e de pouco esperançoso resultado, cumprirei o meu dever emquanto possuir a confiança das auctoridades que d'isto me encarregaram». Effeituada como depois se viu em Cadiz a ligação do partido republicano das côrtes com o partido francez contra o partido inglez, a opposição contra lord Wellington tornou-se n'ellas cada vez mais manifesta, sendo o primeiro resultado de similhante ligação a nomeação da nova regencia, poisque tendo D. Pedro Agar e D. Gabriel Ciscar sido já regentes com o general Blake, haviam-se tornado distinctos na sua opposição a todo o enlace com os inglezes. Constituidos de novo em membros da regencia, principiaram logo por nomear para ministro da guerra a D. João O'Donejù, por ser anti-inglez e inteiramente votado ao partido francez, o qual concebeu desde logo um plano para destituir lord Wellington de generalissimo dos exercitos hespanhoes que

se lhe confiára, buscando ao mesmo tempo comprometter seu irmão, sir Henrique Wellesley, de que resultou tomarem ambos por expediente soffrerem com notavel paciencia as contrariedades e humilhações por que os faziam passar. Foram igualmente os mesmos dois partidos francez e republicano das côrtes os que influiram para se dar ao general Ballesteros a licença, que por tantas vezes pedíra para vir de Ceuta residir na Hespanha, fazendo com que elle não só se estabelecesse em Fregenal, como supplicava, mas até que viesse estar tres dias na ilha de Leão em continuas conferencias com os regentes e de muitas horas com o ministro da guerra e outros que taes adversarios dos inglezes, sem nada lhes importar com lord Wellington e seu irmão, nem com os seus importantes serviços para a libertação da peninsula, e nem finalmente com os avultados auxilios que do governo inglez e do mesmo lord Wellington tinham recebido e continuavam recebendo para o mesmo fim, sendo o ultimo o de lhes sustentar um exercito de 50:000 homens, como acima vimos.

Um dos pontos essenciaes dos colligados era formarem um exercito especial na Andaluzia, dando-lhe por commandante o mesmo Ballesteros, a fim de levarem os inglezes á maior humilhação e desprezo, a que por esta medida julgavam conduzi-los. Seguiram-se a isto as mudanças de generaes e de outros mais officiaes nos commandos dos differentes exercitos, as alterações nos destinos dos corpos, a suspensão das ordens do commandante em chefe, sem d'isto se lhe pedir parecer, nem o prevenir, sendo tudo feito em manifesta contravenção do contrato e dos ajustes convencionados entre elle e a anterior regencia. Lord Wellington, vendo a sua auctoridade postergada acintosamente, d'isto se queixou abertamente em 3 de abril de 1813 a D. André Angelo de la Vega, dizendo-lhe: «Estou bastante zangado em saber que as minhas instrucções tem sido inteiramente falseadas pelo governo, que tem quebrantado todas as estipulações contratadas, e de mais a mais ratificadas pela sua carta do 1.º de janeiro ultimo». Debalde reclamou contra tudo isto

e especialmente contra a deslocação do general Castanhos, com quem sempre estivera de acordo e vice-versa. «V. ex.ª, dizia elle ao ministro da guerra, o citado D. João O'Donejú, em carta de 2 de julho de 1813, sabe igualmente que não é a primeira vez que os compromissos, tomados solemnemente commigo, depois das mais completas e repetidas discussões, tem sido quebrantados, e ninguem melhor do que v. ex.ª sabe o inconveniente que d'isto resulta para o serviço. V. ex.ª tambem não ignora o meu grande empenho e desejo de servir a nação hespanhola, tanto quanto em mim cabe; mas a paciencia e a submissão a injurias tem um termo, e confesso que sinto ter sido tratado n'estes ultimos tempos da mais indigna maneira pelo governo hespanhol, até mesmo como simples particular[1]. Não tenho por costume, nem tão pouco tenho vontade de fazer alarde dos meus serviços para com a nação hespanhola; mas devo dizer que não hei jamais abusado dos poderes que o governo e as côrtes me tem confiado, nem na mais insignificante circumstancia, e que d'elles nunca fiz uso senão no interesse do serviço publico. Para prova d'esta asserção invoco igualmente o testemunho de v. ex.ª, e julgo que admittirá que as circumstancias que tem tornado necessaria a conclusão d'estes compromissos, fazem tambem necessario o seu preenchimento, quando se queira que eu

[1] Veja agora o leitor se este tratamento recebido por lord Wellington do governo hespanhol tem alguma comparação de gravidade e menoscabo da sua auctoridade com as queixas que elle fez do principal Sousa, só porque a este pareceu melhor em 1810 sustentar-se a guerra nas fronteiras do reino do que traze-la para o interior do paiz, com a previa destruição e arrazamento de toda a provincia da Beira e grande parte da Extremadura, isto alem de se ordenar aos moradores das duas ditas provincias o completo abandono das suas casas e fortunas. E todavia lord Wellington, impaciente contra o dito principal, pediu com a maior pertinacia durante um anno a sua demissão do governo, ao passo que para com o governo hespanhol se tornou paciente e submisso até mesmo a injurias, como acima se vê pela sua propria confissão! Qual será pois a rasão da differença de similhante conducta? Cremos que não póde ser outra senão a submissão e servilismo do governo portuguez para com elle, e portanto julgar lord Wellington que por estas qualidades o podia vilipendiar e opprimir a seu salvo.

conserve o commando do exercito». A resposta que se lhe deu a este officio foi a persistencia de o contrariarem nos compromissos que com elle tinham, systema com que misturavam as invectivas e todos os mais meios de intriga para indisporem os inglezes com a nação hespanhola. Pouco importava aos liberaes exaltados que lord Wellington abandonasse a defeza da peninsula, poisque já em 1812 os d'este mesmo partido haviam entabolado relações secretas com o rei José, promptificando-se a reconhece-lo e á sua dynastia, com a condição de se identificar com elles e acceder á politica geral das côrtes e á constituição que elaborassem. Este negocio ficára por algum tempo paralysado por causa da batalha de Salamanca; mas com a retirada de lord Wellington para Portugal, depois do cerco de Burgos, a elle tornaram a recorrer, vindo novamente a ser embaraçado pelo desastre de Napoleão na Russia[1]. Á vista pois do exposto póde portanto suppor-se que não haveria duvida da parte dos liberaes exaltados, ou dos mais exaltados membros das côrtes, em darem de mão á dynastia burbonica, que reinava em Hespanha, ou á pessoa de D. Fernando, para aceitarem a napoleonica na pessoa de José Buonaparte, o que talvez tivesse logar, a não haverem os novos triumphos de lord Wellington no anno de 1813, fazendo reapparecer com elles o amortecido enthusiasmo do povo hespanhol contra o dominio francez.

Entretanto a questão da demissão a que tão perfunctoriamente se referia lord Wellington não deixou de se apresentar ás côrtes ordinarias, onde os dois já citados partidos, francez e republicano, fizeram todas as diligencias para que se lhe aceitasse, ou ao menos se lhe desse uma resposta ambigua e desagradavel, que equivalesse á mesma cousa, querendo que logo em Cadiz isto se decidisse, antes do governo se mudar para Madrid, de cujos moradores se temiam, julgando-os partidistas de lord Wellington, a quem tinham na conta de

[1] Assim o diz Napier na sua *Historia da guerra da peninsula*, livro XXIV, capitulo III.

seu libertador. O conselho d'estado foi porém de outro parecer, havendo todavia dois conselheiros que votaram em separado, querendo que se não fizesse mais do que deferir o pedido feito. A regencia no relatorio que fez ás côrtes amargamente se lhes queixava do conselho d'estado, apresentando por esta mesma occasião ás mesmas côrtes todos os documentos que tinha sobre a questão, documentos que depois de serem lidos foram entregues ao parecer de uma commissão. Cinco sessões secretas se gastaram na discussão da materia, que só veiu a decidir-se no dia 29 de novembro de 1813, ultimo da residencia das côrtes na ilha de Leão, empregando para este fim o embaixador inglez muito trabalho, em que o encarregado de negocios de Portugal tomou igualmente parte, empenhando muito n'isto os seus amigos das côrtes. A resposta foi portanto que não havendo as mesmas côrtes podido examinar detidamente o seu expediente, e querendo dar quanto antes a lord Wellington uma prova de adhesão e gratidão pelos seus serviços, encarregavam a regencia de lhe dizer que em Madrid tratariam mais pausadamente do assumpto, esperando que continuaria no commando que se lhe confiára, como até então tinha feito, a fim de dar novos dias de gloria á nação hespanhola. Por este modo tardio, ambiguo e secco se respondeu pois a lord Wellington, que adoptando para com o governo hespanhol uma conducta inteiramente differente da que em 1810 e 1811 tivera tão teimosamente para com alguns membros do governo portuguez, por causa do desacordo que o principal Sousa mostrára ter para com alguma parte do seu systema defensivo, tomou por expediente relevar com exemplar paciencia os pungentes dissabores, que de tudo isto necessariamente lhe haviam de resultar da parte do governo hespanhol, nada querendo tolerar ao portuguez em cousas de menor monta.

Felizmente estas hostilidades da parte das côrtes de Cadiz para com lord Wellington não prejudicaram a continuação da guerra da peninsula, e portanto a continuação do cerco de S. Sebastião da Biscaya, cuja rendição era por aquelle

tempo o que mais a peito tinha o mesmo lord Wellington. Para este fim haviam estabelecido os alliados na noite de 10 de julho duas fortes baterias contra o convento e o reducto de S. Bartholomeu[1]. Na noite de 13 estabeleceram mais quatro baterias nas alturas dos *Chofres* para baterem a muralha que lhes ficava na frente. Dois ataques se decidiram portanto: um sobre a margem direita da ribeira Uruméa, confiado á primeira e decima brigadas portuguezas, e o outro sobre a sua margem esquerda, confiado á quinta divisão luso-britannica, ficando a maior parte das tropas acampadas na margem direita, para mais facilmente se juntarem ao exercito de protecção. Reputando-se já em ruinas no dia 17 o convento de S. Bartholomeu, resolveu-se o general Graham a ordenar-lhe o ataque, commettendo-se á primeira brigada portugueza, reforçada por uma companhia ligeira do nono regimento inglez, e tres companhias dos escocezes reaes, constituindo todos a columna da direita, o assalto do reducto de S. Carlos, dando-se á columna da esquerda, composta da decima brigada portugueza, e de tres companhias do dito nono regimento inglez, o assalto do convento de S. Bartholomeu. Nenhum d'estes ataques aproveitou, retirando-se os atacantes depois de uma consideravel perda, causando ao inimigo a de 250 dos seus. Na noite de 24 para 25 ordenou-se um novo assalto, que se effeituou na manhã de 25, não tendo tambem resultado algum, ou fosse porque a brecha não tivesse a precisa capacidade, ou porque um terror panico acommettesse a primeira divisão britannica, a quem se confiára a empreza. Repentinos gritos de *retira, retira,* se ouviram ao tempo que uma companhia dos atacantes tinha já ganho o cume da trincheira. Os effeitos que estas vozes espalharam por toda a columna, assim como o fogo que pegára n'algumas casas perto da muralha da cidade, foram a confusão e a desordem. Os que já estavam na brecha, voltando costas e lançando-se sobre os que subiam, não podendo muitos suster-se ali, cairam, e o inimigo, descarregando continuamente

[1] Veja novamente a estampa n.º 31.

sobre elles immensos tiros de mosqueteria e granadas, toda a columna em pouco tempo perdeu a ordem e a disciplina, retirando-se ou fugindo a toda a pressa, sendo feliz o que a salvo pôde atravessar a Uruméa, e ir-se abrigar ao seu campo.

Tal foi pois o modo por que terminaram as primeiras tentativas de assalto contra a praça de S. Sebastião, perdendo os alliados em todos os seus ataques 1:300 soldados e marinheiros. Similhantes circumstancias fizeram com que lord Wellington deixasse Lesaca, onde tinha por então o seu quartel general, e fosse para S. Sebastião para pessoalmente examinar qual o ponto ou pontos que de futuro deviam ser atacados. D'este intento foi porém desviado pelos movimentos aggressivos, que o marechal Soult fizera contra as posições dos alliados nos Pyrenéus, de que resultou constituir-se o sitio d'aquella praça em bloqueio, embarcando-se a artilheria em Passages, sem todavia se abandonarem as trincheiras, nem alguns outros trabalhos. Effectivamente os avisos dados a lord Wellington na noite de 25 para 26 de julho nada tinham de enganadores. O marechal Soult não podia ver com bons olhos que os alliados, ou antes os portuguezes, estivessem já pisando o territorio francez. Coube á divisão do tenente general conde de Amarante a gloria de ser ella a que ao norte da Hespanha penetrou primeiro no territorio francez no memoravel dia 7 de julho, deixando já pela sua rectaguarda os altos picos dos Pyrenéos cobertos de gêlo, cuja alvura e differentes configurações uns assimilhavam a pyramides, outros a estatuas, bustos, cavalleiros e a muitas outras cousas de varias e phantasticas fórmas, segundo a imaginação dos observadores, causando tal vista admiração aos que mais attentamente reparavam em tão estranho quadro para elles. A disciplina, os brios civis e a generosidade, sustentadas pelas tropas portuguezas por occasião da sua entrada em França, cujos exercitos tantos e tão consideraveis estragos haviam praticado em Portugal, foram cousas que surprehenderam os proprios francezes, que desde então olharam para os invasores, não como seus inimigos, mas como

seus restauradores. Lord Wellington e o marechal Beresford tinham nas suas ordens do dia recommendado instantemente isto mesmo ao exercito luso-britannico, recommendação a que elle effectivamente correspondeu.

Era portanto da mente do marechal Soult não só expellir os portuguezes do territorio da França, mas obrigar até mesmo os alliados a abandonarem o bloqueio da praça de Pamplona e o sitio da de S. Sebastião. Tendo pois preparado até 16 de julho os meios de atravessar o Bidassoa, e tendo igualmente reunido em S. João-de-Pé-de-Porto uma grande quantidade de viveres e material de guerra, o começo das suas operações teve mais particularmente em vista libertar a primeira d'aquellas praças. O exercito de Soult, que na sua totalidade se elevava a uns 80:000 homens, achava-se assim postado: Clausel, que commandava a sua ala esquerda, estava em S. João-de-Pé-de-Porto em communicação pela fronteira da França com o general Páris, que se achava em Jaca[1]; Drouet, que commandava o centro, occupava as alturas perto de Espelette e de Ainhoe, com uma vanguarda por trás de Urdax; o general Reille, que commandava a ala direita, postára-se sobre as montanhas que dominam Vera, povoação visinha á margem direita do Bidassoa, para o lado da França. A reserva, debaixo das ordens do general Villatte, composta de um corpo destacado de cavallaria ligeira, e dos batalhões estrangeiros, guardava as margens do Bidassoa, desde a sua embocadura no mar de Irun, cuja ponte de pedra tinha sido destruida. A divisão de cavallaria pesada, debaixo das ordens de Treillard, e a da cavallaria ligeira, debaixo das de Pedro Soult, irmão do marechal, achavam-se nas margens do Nive e do Adour. De todas as emprezas da guerra, diz o coronel John Jones, a mais incerta é sem duvida a da defeza das differentes passagens através de uma cordilheira de montanhas, taes como n'aquelles logares as dos Pyrenéos se apresentavam aos alliados. Resultando d'aqui a necessidade de dividir as tropas, o inimigo tem por si a escolha d'aquella

[1] Veja o mappa n.º 30.

das ditas passagens que mais lhe convem atacar. O feliz successo dos assaltantes compromette portanto todos os corpos do exercito defensivo, que por conseguinte são menos firmes, segundo o numero das passagens. O plano portanto mais seguro é concentrar o exercito defensivo por trás das passagens, que se querem defender, deixando n'ellas sómente postos bastantemente fortes para evitar alguma surpreza, podendo-se assim tomar as disposições necessarias para marchar em soccorro da passagem que for atacada.

Todavia este arranjo para a defeza dos Pyrenéos era impraticavél, onde as montanhas se acham ali sobre montanhas, tornando-se impossivel toda a communicação lateral. Mas os alliados não só eram obrigados á defeza das passagens, ou gargantas das montanhas, mas até mesmo a cobrir dois pontos a 20 leguas de distancia um do outro, que tamanha era a extensão da sua linha, e a sustentar dois bloqueios ao mesmo tempo, taes como o de Pamplona e S. Sebastião. Para levar ávante todos estes objectos as suas posições eram as seguintes: os sitiantes de S. Sebastião, debaixo das ordens de sir Thomaz Graham, com o exercito que cobria o sitio (composto principalmente dos hespanhoes de Giron, postados sobre o Bidassoa fronteiros a Villatte), formavam a extrema esquerda. Uma brigada de infanteria ingleza, debaixo das ordens do general Byng, com um corpo hespanhol, commandado por D. Pablo Morillo, formava a extrema direita, cobrindo o porto, ou a passagem de Roncesvalles, tendo para os sustentar em Viscaret a quarta divisão do tenente general sir Jorge Lowry Cole, de que fazia parte a nossa brigada portugueza de 11 e 23 de infanteria com caçadores n.º 7, e em Olaque como em reserva a terceira divisão, commandada pelo tenente general sir Thomaz Picton, de que fazia parte a oitava brigada portugueza de 9 e 21 de infanteria com caçadores n.º 12. Na passagem, ou *porto da Maya*, occupando o valle de Bastan, foram postadas a segunda divisão luso-britannica, do commando do tenente general sir Guilherme Stewart, de que fazia parte a quinta brigada portugueza de 6 e 18 de infanteria com caçadores n.º 6, e a divisão portugueza

do commando do tenente general conde de Amarante (general Silveira), composta da segunda e quarta brigada, a primeira d'estas formada pelos regimentos de infanteria n.º 2 e 14, e a segunda pelos de 4 e 10 da mesma arma com caçadores n.º 10. Ambas estas divisões eram commandadas em chefe pelo tenente general sir Rowland Hill, e achavam-se postadas a vinte milhas sobre a esquerda de Roncesvalles, estando a quarta brigada portugueza, do commando do brigadeiro Archibaldo Campbell, destacada nos Aldudes, já territorio francez, sendo o citado *porto da Maya*, sobre o dito valle de Bastan, o principal ponto que a dita segunda divisão tinha mais particularmente a defender.

Continuando com a descripção das differentes posições do exercito luso-britannico, diremos que a divisão ligeira do commando do marechal de campo barão Carlos Alten, de que fazia parte a chamada brigada ligeira portugueza de 17 de infanteria com caçadores n.º 1 e 3, guardava as alturas de Santa Barbara, defronte de Vera. A setima divisão do commando do tenente general conde Dalhousie, de que fazia parte a sexta brigada portugueza de 7 e 19 de infanteria com caçadores n.º 2, estava em Vera no porto de Eschalar, á direita da precedente, e esquerda do general Hill, e portanto dando as mãos áquella e ás tropas que estavam no valle de Bastan, conservando por este modo com elle a necessaria communicação. Finalmente a sexta divisão ingleza, de que fazia parte a setima brigada portugueza de 8 e 12 de infanteria com caçadores n.º 9, estava de reserva na passagem interior de Santo Estevão, situada na margem esquerda do Bidassoa, na descida que este rio faz da sua origem. O general Longa, com a sua divisão de infanteria hespanhola, mantinha a communicação entre as tropas de Vera e as do commando do tenente general sir Thomaz Graham, empregadas no sitio de S. Sebastião. O marechal de campo D. Pedro Agostinho Giron, com a infanteria hespanhola do seu commando, cobria o caminho real de S. Sebastião a Bayonna, e o conde de L'Abisbal (D. Henrique O'Donnell) achava-se empregado no bloqueio da praça de Pamplona com as tropas hespanholas do

seu commando. Trinta e seis peças de artilheria de campanha, e alguns regimentos de cavallaria ingleza e portugueza acompanhavam a ala direita do centro; mas o grosso da cavallaria e artilheria de sitio achavam-se por traz das montanhas, principalmente nas vizinhanças de Tafala. Os grandes hospitaes haviam-se estabelecido em Vittoria, estando posta sobre a costa a maior parte dos depositos do commissariado. O aprovisionamento das tropas era extremamente difficil e muito dispendioso. O total das forças commandadas por lord Wellington, incluindo as tropas hespanholas da Navarra e Guipuscôa, era para mais de 100:000 homens, dos quaes o exercito luso-britannico comprehendia 57:000 presentes no campo, entrando n'este numero 7:000 de cavallaria; mas não contando os officiaes, os artilheiros, e os artifices, que os inglezes não costumam contar como praças combatentes. Limitada porém a contagem da força áquella que os exercitos combatentes tinham no campo em presença um do outro, diremos que a dos alliados era quasi de 82:000, entrando 27:000 de tropa regular hespanhola, e a dos francezes de 58:000, ou 60:000 homens. O theatro das operações podia considerar-se formado por um quadrilatro, cujos lados seriam de quarenta a sessenta milhas de comprimento, sendo os angulos occupados por Bayonna, S. João-de-Pé-de-Porto, S. Sebastião e Pamplona, que estavam em poder dos francezes.

O defeito da posição dos alliados era o de ter uma lenta e difficil communicação entre as divisões do seu exercito, ao passo que a posição do inimigo em frente das gargantas das montanhas era facil e curta, e no caso dos seus ataques as tropas alliadas da primeira linha não podiam sustentar-se mutuamente, e só pela sua retaguarda podiam ser soccorridas. No meio d'estas circumstancias o projecto do marechal Soult era o de atacar ao mesmo tempo Roncesvalles e o *porto da Maya*, dependente do valle de Bastan, defendido, como já se disse, pelas tropas de sir Rowland Hill. Para isto reunira elle em S. João-de-Pé-de-Porto no dia 24 de julho as suas duas alas, direita e esquerda, com uma divisão do centro e

duas de cavallaria. O marechal Soult era quem em pessoa dirigia com 35:000 homens o ataque contra Roncesvalles, emquanto que o general Drouet (conde de Erlon) á testa de 13:000, teve a seu cargo o ataque do *porto da Maya*. A acção empenhou-se na manhã de 25, effeituando-se pela entrada de Roncesvalles, posição que vigorosamente sustentou o general Byng, apoiado por sir Lowry Cole, que em seu soccorro marchou com a quarta divisão. Estes dois generaes, sustentando durante todo o dia a sua posição, reconheceram pela tarde que o inimigo tinha dobrado as suas forças, de que resultou retirarem-se, vindo tomar posição nas immediações de Zubiri. Na manhã do mesmo dia 25 o general Drouet atacou tambem com as suas duas divisões a posição do tenente general Hill no *porto da Maya*. A força d'este ataque foi dirigida contra as brigadas da segunda divisão, as quaes se viram obrigadas a ceder o terreno, que depois recuperaram, sendo reforçadas por uma brigada da setima divisão, e teriam completamente retomado o seu posto, se o general Hill, informado do movimento retrogrado, que o general Cole se vira obrigado a fazer, não tivesse julgado acertado retirar tambem as suas tropas lenta e pausadamente para Irurita. Sem embargo d'isto os francezes não passaram no seguinte dia do *porto da Maya*[1], por elles atacado em todos os pontos

[1] Um espesso nevoeiro, que veio no dia 25 e 26, foi a causa do retardamento das operações do marechal Soult, o qual tinha já sido contrariado na concentração do seu exercito em S. João-de-Pé-de-Porto pelas chuvas que sobrevieram e que muito arruinaram as estradas. A não ser isto o mesmo Soult ter-se-ia posto em movimento no dia 23, em cujo caso a surpreza por elle feita ao general Stewart seria completa, caracter que já por si não teve no dia 25 em que a sua marcha teve logar. Da referida surpreza, segundo o que nos contou o sr. marquez de Sá da Bandeira, pelo que n'aquelle tempo ouviu dizer, foi causa o ter o marechal Soult commettido aos vivandeiros francezes, que vinham ao acampamento do exercito alliado, vender por infimo preço, aos soldados inglezes dos postos avançados do referido exercito n'aquelle ponto, a aguardente que costumavam trazer-lhes, a fim de por meio d'ella os embriagarem, como conseguiram, pondo-os por tal motivo inhabeis para o desempenho dos seus deveres, reduzidos como foram a similhante estado.

com muita decisão e bravura do meio dia para a uma hora do citado dia 25; e posto que a brigada portugueza de 4 e 10 de infanteria com caçadores n.º 10 fosse ali quasi surprehendida, sem duvida por culpa do tenente general sir Guilherme Stewart, commandante da segunda divisão, todavia pegou immediatamente em armas, e arrostou bravamente com o peso de 10:000 a 12:000 atacantes, diante dos quaes teve por fim de ceder ao numero com perda de bastantes mortos, feridos e prisioneiros, perda computada em 2:000 homens e mais quatro peças de artilheria[1].

Durante aquelle mesmo dia os francezes penetraram portanto no valle de Bastan, emquanto que os da ala esquerda, desalojando D. Pablo Morillo, *que se retirou sem perda*, fizeram outro tanto pelo valle Roncesvalles. Na noite de 25 para 26 já os nossos avistavam os muitissimos fogos do exercitò francez, que se achava nas encostas de Arispla, na direcção de Roncesvalles. Foi por estas causas que as forças do general Hill tiveram de se concentrar e retirar, o que fizeram, demorando quanto possivel, e repellindo sempre quasi a tiro de fuzil os caçadores a cavallo francezes, que á vista das columnas dos alliados tinham de parar com a marcha, em razão do fogo que lhes dirigia a dita quarta brigada portugueza, empregada em cordões de atiradores. A divisão portugueza do tenente general conde de Amarante retirára-se igualmente pelos mesmos caminhos por que havia entrado em França,

[1] O combate da Maya, assignalado pela fórma que acima se vê, foi desastroso para os alliados, como diz Napier. O general Stewart foi n'elle surprehendido, como já notámos; mas as tropas portuguezas não o foram, e nunca soldados alguns se bateram mais valentemente do que elles e os seus camaradas inglezes o fizeram n'esta occasião: a coragem de uns e outros foi seguramente rival das dos spartanos nas Thermopylas. Stewart, que não esperava ataque algum no *porto da Maya*, tinha ido para Elizondo, depois de ter deixado ordem para se tratar do rancho dos soldados. Sherer avalia a perda das tropas de Hill no referido combate em 1:740 homens, incluindo 140 prisioneiros, além de quatro peças de artilheria, tendo o combate durado por sete horas continuas. Lapéne affirma que os francezes tiveram 1:200 a 1:500 homens fóra do combate.

não dando a força do combate e a perseguição do inimigo logar a um só momento de descanso. Apesar da superioridade das forças atacantes é um facto que pouca vantagem tiveram sobre as nossas tropas no espaço de sete horas por que durou a acção, e em que todos os nossos corpos as carregaram á bayoneta. Entretanto a perda foi bastante sensivel, como acima se viu. No dia 26 os francezes conservaram-se immoveis no *porto da Maya*, como já dissemos; mas não foi assim no outro ponto. Soult destinava a ala direita das forças do general Clausel para perseguir o tenente general Cole, e as forças do general Reille para seguirem pela crista das montanhas, e irem-se por fim apossar dos desfiladeiros, que do valle de Bastan se dirigiam á retaguarda do general Hill, cumprindo ao conde d'Erlon (general Drouet) acommetter pela frente o mesmo Hill, que por este modo, segundo pensava Soult, ou seria derrotado, ou arrojado para Santo Estevão. Ao amanhecer pois do dia 26 todas as columnas inimigas se pozeram em movimento, não obstante o nevoeiro, que se achava no cume das montanhas. Os guias de Reille, desorientando-se nos caminhos, recusaram-se a conduzir as tropas pelos topos das alturas, como se lhes ordenára, de que resultou vir o mesmo Reille a bater comsigo em Espinal, onde se foi encontrar com a cavallaria e artilheria de Clausel.

Pela sua parte o marechal Soult, posto que demorado pelo nevoeiro, e pelas difficuldades do terreno, alcançou ainda assim a retaguarda do general Cole adiante de Viscaret; mas podendo o mesmo Cole ganhar as alturas de Linzoain, onde se foi encontrar com o general Picton, por este foi sabedor de que o brigadeiro Archibaldo Campbell (depois do regimento portuguez de infanteria n.º 4 ter em Roncesvalles obrado prodigios de valor, repellindo á bayoneta calada tres successivos ataques do inimigo), havia chegado dos Aldudes a Eugui com a quarta brigada portugueza, e que elle Picton, tendo atravessado as montanhas de Olaque com a sua terceira divisão, tivera de retirar para Zubiri, tendo-se assim assegurado a juncção de todas as tropas depois do combate de Linzoain ou de Viscaret, como os nossos lhe chamaram. To-

dos estes acontecimentos se tinham passado durante a ausencia de lord Wellington por occasião da sua digressão a S. Sebastião. Informado pois de taes successos na noite de 25 para 26, retrocedeu immediatamente para o logar do conflicto, ordenando desde logo que o exercito se concentrasse sobre a direita, para assegurar a continuação do bloqueio de Pamplona, sem que todavia se abandonassem os trabalhos empregados para a rendição da citada praça de S. Sebastião. Á vista pois d'isto todas as forças do exercito alliado se dirigiram para as immediações de Pamplona, e para que n'isto não houvesse engano, designou-se o valle de Lans como a linha geral, ou o extremo limite dos movimentos retrogrados. N'este sentido se effeituou pois a marcha, escaramuçando sempre, e sobretudo depois que se ganhou uma posição vantajosa, onde as tropas se mantiveram firmes em ordem de batalha até depois de se fechar a noite, isto é, não se julgando o posto de Zubiri bastante defensavel, a direita do exercito, formada pela terceira divisão, do commando do general Picton, foi postar-se em frente de Ugart, estendendo-se até ás alturas além de Olaque: a esquerda, que se compunha da quarta divisão, do commando de sir Lowry Cole, e de outras mais brigadas, fôra postar-se nas alturas em frente de Villalba, apoiando a sua esquerda n'uma capella por traz de Sorauren, por onde passa o caminho real de Ostiz para Pamplona, cujo bloqueio se queria cobrir com estas operações, e a sua direita em outra altura, que defendia o caminho real de Zubiri para Roncesvalles. A reserva formava-se das tropas de D. Pablo Morillo e conde de L'Abisbal, que por então deixaram de se empregar no citado bloqueio, mandando-se dois dos seus regimentos occupar parte da altura da direita da quarta divisão, que dominava e defendia o já citado caminho de Zubiri. A cavallaria ingleza collocou-se sobre a direita, perto de Ugarte, unico ponto em que se podia empregar esta arma.

Um rio havia, que era o denominado rio Lans, que corria perto do valle, que estava á esquerda do exercito alliado e sobre a direita do exercito francez, seguindo o caminho de

Ostiz. Do outro lado d'este rio havia uma cadeia de montanhas, que se liga com Lizasso e Marcalain, logares por onde era necessario communicar com o resto do exercito. A ausencia de lord Wellington, postoque muito curta, affectára ainda assim a moral dos seus soldados, apesar da boa maneira por que se tinham conduzido. Tudo isto concorria portanto para fazer ver que a situação dos alliados em similhante momento era summamente difficil. Lord Wellington, acompanhado de um só official d'estado maior, lord Fitzroy-Sommerset, chegára no dia 27 a Sorauren, onde ordenára a concentração do exercito pelo modo que se tem visto. Ao entrar em Sorauren percebeu que as divisões de Clausel avançavam de Zabaldica ao longo da crista da montanha. Parecendo-lhe por este facto que as suas tropas se achavam cortadas no valle de Lans, parou o seu cavallo, apeou-se e escreveu sobre o parapeito da ponte de Sorauren novas instrucções, segundo as quaes todos os corpos que combatiam no valle, deviam carregar para a direita. Sem perder depois um só minuto, o mesmo lord Wellington tomou o caminho da montanha proxima para se ir juntar ás tropas que n'ella estavam. Sendo um dos corpos portuguezes o primeiro que o viu, rompeu logo em repetidos e estrondosos gritos de alegria, que os regimentos vizinhos repetiram e prolongaram em toda a extensão da linha com grande enthusiasmo. Lord Wellington parou então sobre um ponto elevado para que os dois exercitos manifestamente o vissem e soubessem que já estava presente á batalha. D'este ponto lhe mostraram então o marechal Soult, e em tanta proximidade elle se achava, que as feições se lhe podiam perfeitamente distinguir. «O general inglez, diz Napier, fixando attentamente os olhos sobre o seu illustre adversario, disse: Temos na nossa frente um grande general, e sendo tão prudente como habil, demorará certamente o seu ataque para saber a causa d'estas acclamações, e esta demora dar-me-ha tempo a que chegue a sexta divisão, e desde então a vantagem estará pela minha parte». Esta sexta divisão, commandada ainda pelo major general Eduardo Packenham, era

a que estava de reserva em Santo Estevão, como acima se disse.

Era n'esta mesma occasião que o general Cole, depois de se retirar de Zubiri, se achava já postado no ponto culminante de uma massa de montanhas, que á direita de Sorauren occupavam o espaço comprehendido entre as ribeiras de Guy e de Lans, estendendo-se até Huarte e Villalba. Esta posição, mais elevada no seu centro, mas de um traçado irregular, era fortemente defendida da parte do inimigo por uma escarpa de montanhas para a retaguarda na direcção da aldeia de Arletta, e por modo tal, que podia flanquear a grande estrada que vinha de Zubiri para Huarte, estrada enfiada por algumas peças de artilheria, postas sobre um contraforte menos elevado, que unia a direita do general Cole a Picton e a Morillo. A altura em que se achavam postados os hespanhoes descobria a parte da dita grande estrada que vinha de Zabaldica, parallela á ribeira de Guy: era este um ponto distincto, situado á direita da quarta divisão, dependente do centro da posição, mas consideravelmente menos elevado. Sobre a esquerda da dita posição as montanhas, aindaque menos elevadas, eram muito a prumo e difficeis de subir, dominando a ribeira de Lans, assim como a estrada de Villalba. A segunda brigada ingleza, pertencente á quarta divisão, commandada pelo major general Ross, achava-se postada por este mesmo lado, tendo na sua frente o batalhão n.º 7 de caçadores portuguezes, que fazia parte da nona brigada portugueza, a qual entrava tambem na composição da dita quarta divisão. Pela direita da brigada Ross achava-se a quarta brigada portugueza, composta dos regimentos 4 e 10 de infanteria com caçadores n.º 10, commandada pelo brigadeiro Archibaldo Campbell. A cavallaria occupava o terreno mais elevado, desenvolvendo-se uma parte para a retaguarda da posição e outra para a direita, no proseguimento d'esta primeira linha de batalha. A brigada do general Byng postára-se de reserva sobre um outro grupo de montanhas, reforçando-se a altura occupada pelos hespanhoes, que estavam mais para a direita e retaguarda com

um batalhão do quarto regimento portuguez. A frente da batalha, que não tinha menos de duas milhas de extensão, era bem guarnecida de tropas, defendendo-lhe os flancos as duas citadas ribeiras de Guy e Lans.

Na distancia de quasi duas milhas para a retaguarda da primeira linha que temos descripto achava-se formada a segunda linha em direcção parallela á que tinha na frente, mas em ordem muito mais extensa. A terceira divisão, do commando do general Picton, tinha a sua esquerda em Huerta, a sua direita, sustentada por uma bateria de artilheria, apoiava-se na aldeia de Goraitz, e cobria o terreno sobre este flanco a mais de uma milha de distancia. Morillo prolongava a esquerda de Picton sobre a altura da montanha desde S. Miguel até Villalba, continuando a linha o general O'Donnell até S. Christovão. A divisão de D. Carlos de Hespanha era a que continuava a manter o bloqueio de Pamplona pela retaguarda dos alliados na conveniente distancia. A cavallaria ingleza do commando do general Cotton, chegando de Tafalla e Olite, foi tomar posição sobre um terreno aberto, que estava pela retaguarda de Picton, postando-se uma brigada dos hussards pela sua direita, constituindo a extrema direita d'esta segunda linha, a qual, como já dissemos, era muito mais extensa do que a primeira, e como ella igualmente bem defendida, fechando as aberturas dos dois valles pelos quaes se desce para Pamplona.

O marechal Soult tambem pela sua parte tomára posição sobre as montanhas, situadas entre as ribeiras de Guy e Lans, montanhas ainda mais escarpadas do que as occupadas pelos proprios alliados, achando-se separadas estas d'aquellas por um profundo e estreito valle. As tres divisões do general Clausel apoiavam a sua direita no valle de Sorauren, situado ao pé do valle de Lans, e immediatamente por baixo da altura onde se achava uma pequena capella, junto da qual se postára a esquerda da quarta divisão luso-britannica. A esquerda do mesmo Clausel, formada por duas divisões do general Reille, occupava a aldeia de Zabaldica, no baixo valle de Zubiri, precisamente na parte inferior, fronteira á

direita dos alliados. A ultima divisão d'esta ala dos francezes, assim como a divisão da sua cavallaria foram postas na frente da mesma ala direita dos alliados, sobre as montanhas do outro lado da ribeira de Guy para ameaçar o general Picton, e ao mesmo tempo pôr-se em communicação com a guarnição de Pamplona na primeira occasião opportuna. Adiante de Zabaldica postára-se alguma da sua artilheria; mas a grande elevação que era preciso dar ás peças para as apontar contra a altura occupada pelos alliados, foi causa do seu fogo não produzir effeito algum, e de se deixar a maior parte d'esta arma no estreito valle de Zubiri. O marechal Soult, tendo assim postado o seu exercito, tentou no dia 27 ganhar a importante altura, occupada pelos hespanhoes, situada adiante do centro da linha inimiga. O ataque por elle feito foi vigoroso; mas os atacantes foram valentemente repellidos no proprio momento em que lord Wellington chegava ao campo da batalha, mandando logo reforçar o ponto atacado pelo regimento inglez n.º 40. O combate tornou-se então geral na frente da batalha, aproveitando-se Soult d'esta occasião para bem reconhecer a posição dos alliados. O fogo continuou ainda até á declinação do dia sobre a montanha, sobrevindo n'esta occasião uma violenta tempestade, que apressou a chegada da noite e poz termo á contenda. Com esta circumstancia deu-se tambem a precisão que o mesmo Soult tinha de esperar pela divisão do conde d'Erlon, que ficára de observação perto de Elizondo. Lord Wellington tambem pela sua parte esperava pela sua sexta e setima divisão, suppondo que viriam pela estrada de Lizasso e Marcalain; mas a rapidez com que Soult se apoderou de Sorauren causou uma demora de dezoito horas á chegada d'ellas, pois só ao romper da manhã de 28 saíram de Lizasso para se reunir ao exercito.

Durante este tempo o general Hill tinha deixado Bastan na tarde de 27, chegando a Lans na manhã de 28; e depois de se lhe ter reunido a cavallaria do general Long e a sua propria artilheria, que no valle de Lans se achavam, poz-se tambem em marcha para Lizasso. N'este logar encontrou

elle a setima divisão, que vinha de Santo Estevão, e depois de ter reposto a brigada do general Barnes debaixo do commando de lord Dalhousie, foi tomar posição sobre uma altura que cobria a estrada de Marcalain. Á sua direita tinha elle a dita setima divisão, que estava em communicação militar com a sexta. Por este modo a esquerda de lord Wellington achava-se prolongada, cobrindo a grande estrada de Pamplona a Tolosa por Irurzun. Emquanto se operavam estes importantes movimentos, que só na tarde de 28 completamente se effeituaram, e em consequencia dos quaes a linha dos alliados se reforçou com mais 6:000 homens, tendo mais 15:000 em communicação com a sua esquerda, o conde d'Erlon achava-se immovel na sua posição de observação em Elizondo! A sexta divisão reunira-se effectivamente ao exercito na manhã de 28, e havendo tambem a certeza de que Hill operára igualmente a sua juncção[1], julgou lord Wellington que no meio de taes circumstancias o marechal Soult se não prestaria ao ataque, apesar do seu grande empenho em fazer levantar o bloqueio de Pamplona, principal fim da marcha que trazia. Effectivamente Soult, inquieto pela demora do conde d'Erlon, vendo que se não conformava com as suas instrucções, contemplava ancioso a forte posição do seu adversario, e desde que reconheceu quanto era difficil ataca-la, pareceu-lhe duvidosa a sua empreza, Tendo por impraticavel o ataque contra a ala direita dos alliados, por causa do escarpado das montanhas e pela facilidade que lord Wellington tinha em marchar sobre este lado com todas as suas armas, decidiu-se ao acommettimento da ala esquerda dos seus adversarios no citado dia 28 de julho, informado como foi por alguns desertores de que lord Wellington esperava por esta parte a chegada da sua sexta e setima divisão e a portugueza do conde de Amarante, aggregada como sempre andou ás forças do general Hill. Para este fim atravessou elle Soult a ribeira de Lans, trepou pelo as-

[1] As tropas de Hill só entraram em linha na tarde de 28, depois de se ter dado a batalha.

pero prolongamento das alturas occupadas pelos alliados, cuja esquerda se tornou para elle o verdadeiro campo de batalha, senhor como estava da ponte de Sorauren. Acrescia mais que por este lado lhes podia elle ver toda a sua dita esquerda, assim como a retaguarda da posição de Cole, e até mesmo descobrir o valle de Lans até Villalba. Este valle, que se alargava á proporção que por elle se descia, offerecia meios de ataque, tanto contra a frente, como contra a retaguarda da referida ala esquerda, tendo alem d'isso a vantagem de poder tambem cortar os reforços, que lord Wellington esperava lhe viessem pela estrada de Marcalain.

Seguiu-se pois o ataque feito no dia 28, seguramente o mais serio e pertinaz de quantos se deram por parte dos francezes com o fim de fazerem levantar o bloqueio, posto pelos alliados á praça de Pamplona, sendo a batalha a que similhante empreza deu logar uma das mais trabalhosas e disputadas da guerra da peninsula, chamada por uns *batalha dos Pyrenéos* e por outros *batalha de Pamplona*. Desde o romper da manhã a brigada avulsa do general Pack, composta dos regimentos portuguezes n.os 1 e 16 de infanteria com caçadores n.º 4, fôra-se encorporar na primeira linha ás tropas que a constituiam. Foi então que lord Wellington ordenou a occupação das alturas á esquerda do valle de Lans, e que a sexta divisão se formasse através do dito valle por trás da esquerda da quarta divisão, apoiando a sua direita sobre Oricain, e a sua esquerda sobre as citadas alturas. A sexta divisão tinha apenas chegado á sua posição, quando foi logo atacada por uma consideravel força inimiga, que se havia reunido na aldeia de Sorauren; mas a sua frente foi tão bem defendida pelo fogo das tropas ligeiras, dirigido das alturas á sua esquerda, e pelo que partia das occupadas pela quarta divisão e pela brigada portugueza do commando do brigadeiro Archibaldo Campbell, que o inimigo foi immediatamente repellido com consideravel perda. Desde então a batalha tornou-se geral no cume de todas as montanhas, sem que os francezes conseguissem vantagem em alguma parte, a não ser na occupada pela brigada do commando do

general Ross, pertencente á quarta divisão, e pelo batalhão portuguez de caçadores n.º 7, cujas forças, não podendo resistir ás dos atacantes, tiveram de ceder, dando logar a que o inimigo se estabelecesse na linha dos alliados, depois de incriveis esforços de bravura da parte dos atacantes, enthusiasmados pela presença do marechal Soult. Quatro vezes foi esta posição do centro tomada e retomada; e achando-se por fim em poder dos francezes, lord Wellington ordenou então que os regimentos 27 e 48 marchassem de reforço ao ponto atacado, subindo a collina e expulsando os francezes do alto d'ella. Foi n'esta occasião que evidentemente se viu quanto póde a presença de um chefe em quem os soldados põe a sua mais illimitada confiança, um chefe já por então sem replica temido e respeitado até pelos seus proprios adversarios. O inimigo foi com effeito rechaçado pelas bayonetas dos nossos valorosos soldados, perdendo a collina de que já estava senhor. A tropa portugueza soffreu muito por esta occasião, mas obrou prodigios de valor, como o testificou lord Wellington na parte official, dizendo n'ella: *As tropas portuguezas comportaram-se admiravelmente* [1]. A nossa quarta brigada de 4 e 10 com caçadores n.º 10 foi atacada por 4:000 granadeiros francezes, que repelliu á bayoneta com o maior denodo, soffrendo por esta occasião bastante perda. Tendo a sexta divisão avançado por este mesmo tempo, indo-se postar no valle proximo da esquerda da quarta divisão, o ataque cessou n'aquella parte da frente, continuando sómente, postoque com debilidade, sobre os outros pontos da linha durante o resto do dia, tendo o conflicto durado por sete horas continuas. Lord Wellington diz mais na sua citada parte official: «Todos os meus regimentos carregaram á bayoneta, e muitos d'elles por quatro differentes vezes. Dois perderam em tres cargas; no momento decisivo do combate, mais da metade do seu effectivo». Na realidade a perda dos alliados foi muito sensivel n'esta conjunctura, computando-se em 2:600 homens, e a dos francezes em 1:800.

[1] Esta parte official é a que vae debaixo do documento n.º 111.

No dia 29 os dois exercitos contendores ficaram em presença um do outro, sem disparar um só tiro, nada mais fazendo que observarem-se reciprocamente. No fim d'este dia o dos alliados, que apenas no dia da antecedente batalha contava no local d'ella sómente 16:000 homens, como diz Napier, no citado dia 29 o seu numero subia já a 30:000, moralmente enthusiasmados pelos seus anteriores successos. O general Hill postára-se no dia 30 vantajosamente entre Lizasso e Arestegui n'umas montanhas, que dominavam a estrada para Irurzun, onde se collocou em attitude offensiva. Desde então o marechal Soult começou a perder as esperanças de poder libertar Pamplona, e para de prompto aligeirar a sua marcha retrograda, a ter de a fazer, determinára-se a enviar para França a sua artilheria e cavallaria, mandando tambem para S. João-de-Pé-de-Porto os seus feridos e bagagens. Os dois corpos commandados por Clausel receberam ordem de se ir juntar ao de Villatte, postado no baixo Bidassoa, onde deveriam esperar pelas suas novas instrucções. Tornando-se assim mais livre nos seus movimentos, esperou depois por Drouet, que devia vir pelo valle de Lans. No dia 29 pelo meio dia chegou este general a Ostiz, distante algumas milhas de Sorauren, e por elle foi o mesmo Soult informado, segundo o que durante a sua marcha lhe tinham dito, de que o general Graham se retirára do Bidassoa, e de que Villatte tinha passado este rio. Isto deu logar a que elle Soult julgasse que os seus primeiros movimentos tinham feito levantar o sitio de S. Sebastião, o que lhe fez conceber um novo plano de operações para ganhar aquella praça. Para conseguir o que intentára era-lhe preciso remover primeiramente o general Hill, que tinha pela sua frente, a querer marchar pela estrada que de Irurzun se dirige para S. Sebastião por Tolosa, ou a não fazer isto, preciso lhe era assegurar a concentração de todo o seu exercito, e dar á sua retirada a apparencia de um movimento offensivo, operação seguramente habil, mas perigosa, por expor o seu flanco ao ataque dos alliados. Reforçado como Soult foi por Drouet, optou pelo ataque de Hill, ao qual lord Wellington, apenas

percebeu o pensamento do seu adversario, ordenou que torneasse a direita do inimigo; mas Clausel, que se achava por este lado, foi quem atacou Hill em Buenza no citado dia 30, desalojando-o da sua posição e acommettendo-lhe a retaguarda do seu flanco esquerdo. Esta vantagem assegurava a Soult uma nova linha de retirada e de communicações mais curtas com Villatte[1] pelo desfiladeiro de D. Maria, podendo servir-se em tal caso da estrada real de Irurzun a Tolosa, da qual apenas se achava legua e meia distante. Lord Wellinton descobriu immediatamente o lado fraco d'esta operação, a que se seguiu tomar logo as necessarias medidas para d'isto tirar partido. Por conseguinte o general Picton teve ordem de penetrar com a sua terceira divisão no valle de Zubiri, e tornear a esquerda dos francezes pela estrada de Roncesvalles. Dalhousie com a sua setima foi mandado apoiar pela sexta, commandada por Packenham e pela brigada de Byng[2], na commissão que se lhe deu de ganhar a altura occupada pela direita do inimigo, dando-se tambem ao general Cole, commandante da quarta divisão, a incumbencia de o atacar de frente, logoque se percebesse o effeito dos movimentos dos flancos.

Por trás da montanha occupada pelo inimigo, que lord Wellington mandára atacar, e que só era accessivel a pés de cabra, existia um valle, atravessado por um caminho, fortificado por algumas casas e intrincheiramentos, ao abrigo dos quaes estavam postos os feridos e as bagagens do exercito inimigo. Animar o general Cole com a sua palavra as tropas da sua quarta divisão para que dobrassem a marcha, subir com arrojo a inaccessivel posição com o batalhão portuguez de caçadores n.º 7, sustentado pelo regimento portuguez de infanteria n.º 11, ataca-la com denodo, abrir o passo por entre as columnas cerradas do inimigo, descer a montanha barulhado com elle, forçar no valle os seus intrincheiramentos,

[1] Villatte tinha ficado com a reserva no baixo Bidassoa.

[2] A brigada de Byng tinha não sómente tomado a aldeia de Sorauren, mas até mesmo passado para alem d'ella.

e finalmente arvorar triumphante sobre estes a bandeira portugueza, pareceu tudo isto obra de um encanto, sendo de sobejo para effeituar tantas cousas apenas o espaço de uma hora em que se ultimou tão gloriosa empreza. O certo é que emquanto isto se praticava na frente do inimigo, por outro a divisão de Picton tratava de desempenhar a sua commissão de tornear a esquerda do inimigo pela estrada de Roncesvalles; e os bravos da terceira divisão, de que fazia parte a nona brigada portugueza de 11 e 23 de infanteria com caçadores n.º 7, chegando ao cume da montanha por elles atacada, arrojaram d'ali para fóra o inimigo com grande impeto, causando-lhe a perda quasi total de uma brigada, sendo a maior parte d'ella morta e ferida. Os francezes intentaram então retirar a sua esquerda; mas já não o poderam fazer a salvo, porque lord Wellington, vendo o grande successo da sua operação, mandou avançar o exercito, não para directamente auxiliar o general Hill, mas para envolver o corpo inimigo, que com elle se achava a braços. Por este engenhoso movimento conseguiu elle cortar a quarta divisão franceza do commando do general Foy[1], avaliada em 8:000 homens, cujos soldados se dispersaram, arrojando para longe de si as armas, sendo desapiedadamente tratados os que submissos as não depozeram aos pés dos vencedores. De todas estas operações o resultado foi o abandonarem os francezes todas as suas posições, sendo aliás as mais fortes e de difficil accesso, qualificadas assim por lord Wellington na sua respectiva parte official[2]. A habil manobra por elle ordenada foi de tal ordem, que no dia 31 de julho occupavam os alliados, sem que Soult o soubesse, as montanhas que atravessam a estrada de Elizondo para Santo Estevão. O exercito francez achava-se por então nas vizinhanças d'este ponto, encerrado n'um estreito e profundo valle, onde pouco faltou para ser surprehendido pelos seus contrarios. Toda-

[1] Foy tinha ficado a pequena distancia espectador da luta. Nos 8:000 homens por elle commandados entravam muitos fugitivos, que se lhe tinham reunido durante a marcha.

[2] Citado documento n.º 111.

via a retirada dos francezes foi desde então feita com mais precipitação e desordem, caíndo nas mãos dos alliados uma parte das suas bagagens, salvando-se a artilheria, por ter sido mandada com antecipação para França. Na batalha do dia 30, a que Napier chama a *segunda de Sorauren,* tiveram os alliados, segundo elle diz, a perda de 1:900 homens, dos quaes 1:200 eram portuguezes. Os francezes tiveram 2:000 mortos e feridos, alem de 3:000 prisioneiros. Sherer avalia a perda d'estes em 8:000 homens e a dos alliados em 6:000.

Á proporção que as precedentes operações se adiantavam e se viam as vantagens que com ellas se íam conseguindo, destacaram-se tropas em reforço a sir Rowland Hill. Pouco depois do amanhecer do dia 31 o general Drouet apresentára-se diante do mesmo Hill, principiando a fazer manobras para lhe envolver o seu flanco esquerdo, circumstancia que o obrigou a retirar-se; deixando porém a altura que occupava entre Dona-Maria e Lizasso, foi situar-se sobre a cordilheira das montanhas immediatas perto de Eguaras, nas quaes valorosamente se sustentou, apesar da superioridade das forças com que ali fôra atacado. Lord Wellington, logo que se viu desembaraçado dos ataques de Soult, correu em soccorro do general Hill, a quem por então fez grande serviço, achando-se ao pôr do sol em Olague pela retaguarda de Drouet, o qual, apenas percebeu isto, tratou de se escapar muito destramente, desapparecendo durante a noite da frente do general Hill pela citada passagem de Dona-Maria, onde deixára duas divisões para lhe cobrirem a retirada, divisões que o mesmo Hill d'ali expulsára, não obstante a vigorosa resistencia que fizeram e a formidavel posição que occupavam. Logoque lord Wellington percebeu a retirada de Drouet correu de Velate sobre Irurita, inclinando-se para o lado de Dona-Maria, com o fim de envolver esta posição, com a feliz circumstancia de proporcionar ao major general Byng o tomar em Elizondo um comboio de munições de guerra e de bôca. A perseguição do inimigo continuou no 1.º de agosto pelos valles do Bidassoa, pondo-se as tropas luso-britannicas de posse do *porto da Maya,* e de Roncesvalles, de modo que pela tarde do

referido dia 1 de agosto, achavam-se as suas differentes divisões estabelecidas no mesmo campo de batalha em que tinham estado uma semana antes do seu começo. Os francezes reganharam tambem o seu territorio, deixando sobre o porto de Eschalar duas divisões, que lord Wellington desalojou por meio de uma manobra combinada entre as divisões quarta, setima e ligeira, manobra que completamente satisfez aos fins que se propozera alcançar.

Vê-se portanto que os exercitos francezes, retirados da peninsula depois da batalha de Victoria, tendo sido organisados em França, recebendo lá consideraveis reforços, e novo equipamento, a par de um novo commandante em chefe de grande reputação e nome, como era o marechal Soult, fizeram um formidavel esforço para obrigarem os alliados a levantarem o bloqueio de Pamplona, vindo para isto com todas as suas forças, excepto a reserva, commandada pelo general Villatte, que ficára em frente dos alliados, que cobriam a estrada real de Irun. Vê-se mais que similhante tentativa se frustrára, porque tendo lord Wellington dividido o exercito luso-britannico por uma extensa linha de vinte leguas, e não lhe sendo possivel resistir com as pequenas fracções, que d'elle tinha em cada uma das passagens dos Pyrenéos, ao peso da força inimiga, quando compacta acommetteu duas d'essas passagens, pôde com habilidade e destreza retirar-se das mesmas passagens na direcção de Pamplona, cujo bloqueio manteve sempre firme, e concentrando por meio d'essa retirada todas as suas forças diante dos muros d'aquella praça, tomou por fim uma posição tal, e com tamanho rigor de manobra, que o marechal Soult, não obstante os seus grandes esforços para levar ao cabo os seus intentos, teve de retirar-se, indo outra vez para França. D'este desastre foi Napoleão culpado por haver ordenado que Soult tomasse immediatamente a offensiva. A posição do duque de Dalmacia era na verdade difficil, obrigado, com foi, a tomar essa offensiva contra um adversario, além de habil, mais forte do que elle era, e que havia adoptado excellentes medidas para o receber. Apesar d'isto conseguiu illudi-lo por

meio de acertadas e promptas demonstrações sobre a direita dos alliados. Wellington, obrigado pela sua parte a reunir 60:000 combatentes e 66 bôcas de fogo para forçar os desfiladeiros de Roncesvalles e do *porto da Maya*, julgou que o ataque do inimigo só tinha por fim fazer-lhe levantar o cêrco de S. Sebastião. De similhante engano se aproveitou Soult para ganhar as passagens das gargantas de que para os seus fins precisava, o que teria talvez conseguido, se Reille e Drouet houvessem executado melhor as suas instrucções, e se tambem um espesso nevoeiro, sempre perigoso em um paiz de montanhas, não tivesse impedido durante dois dias a marcha das suas tropas.

Seja porém como for, é inquestionavel que tanto lord Wellington, como o marechal Soult desenvolveram a mais consummada habilidade e talento em todas as suas marchas e ataques durante os dias d'esta batalha. Tanto por uma, como por outra parte as ditas marchas e movimentos, quer prependiculares, quer parallelos, que cada um imaginou, ou se viu obrigado a fazer, foram muito bem calculados e entendidos, sendo esta uma das partes mais difficeis e importantes da arte da guerra, e seguramente a mais propria para que o homem de profundo genio duplique as suas faculdades, empregando-as, não só na percepção de muitos objectos e relações, mas tambem em effeituar um grande numero de combinações, sobre tudo logoque o campo da batalha é, como foi aquelle, um paiz cortado, montuoso, cheio de desfiladeiros e obstaculos, e finalmente de voltas e reviravoltas, onde portanto era muito difficil a um general em chefe operar livre e desembaraçado com uma vontade prompta e decisiva. Soult, batendo em retirada no dia 30 de julho, perdendo comboios, deixando insepultos os corpos dos seus soldados mortos, e os hospitaes de sangue vasios de feridos, ao passo que o campo da batalha se achava alastrado d'elles, muitos dos quaes esvaídos, desmentiu completamente a promessa de uma segura victoria, que na sua proclamação fizera ao seu exercito: tão imprudente é dar como certo o que no futuro está dependente da sorte! Triumphante como pela sua parte estava o exercito luso-britannico, deitou-se a perseguir os

seus contrarios em todas as direcções, o que fez por espaço de duas horas, no fim das quaes ensarilhou armas.

No citado dia 31 continuára-se a perseguição pelo interior dos Pyrenéos, indo finalmente os alliados acampar em Eugui. A sexta brigada de infanteria portugueza de 7 e 19 com caçadores n.º 2 batia a retaguarda do corpo francez, que n'aquelle mesmo dia seguia o caminho de Zarza, o que tambem praticava em Lizasso a nossa quinta brigada de 6 e 18 de infanteria com caçadores n.º 6, e nas alturas de Santa Barbara a outra nossa brigada de 17 de infanteria com caçadores n.os 1 e 3, que fazia parte da divisão ligeira, commandada pelo marechal de campo barão Carlos Alten. A rapidez das marchas sobre o inimigo foi singular, como tambem o fôra a da sua fuga. Por todos os transitos e em todas as direcções se encontravam lastimosos vestigios dos infelizes vencidos. O marechal Beresford estabelecêra o seu quartel general em Santo Estevão, e o general Hill o seu em Roncesvalles: o de lord Wellington era em Irurita. A perda dos francezes durante os sete dias da batalha foi reputada em 12:000 para 13:000 homens, incluindo os prisioneiros, que andaram por uns 3:000. A dos alliados foi tambem muito sensivel, sendo assim computada por lord Wellington:

	Mortos	Feridos	Extraviados	Total
Inglezes.............	540	3:516	500	4:556
Portuguezes..........	322	1:817	201	2:340
Hespanhoes...........	26	167	712	905
	888	5:500	1:413	7:801 [1]

Uma singularidade houve n'esta batalha, tal foi a do exercito luso-britannico não poder empregar a sua artilheria, a

[1] Belmas avalia a perda dos francezes em mais de 13:000 homens. Lapène e o auctor das *Victorias e Conquistas* enganam-se, avaliando a perda dos francezes, aquelle em 6:000 homens e este em 8:000. As cifras que se acham nos papeis officiaes, segundo o mesmo Belmas, são as de 1:908 mortos, 8:540 feridos e 2:700 prisioneiros.

não ser nos dias 27 e 28, quando o inimigo lhe atacava na sua ala direita parte das suas forças no caminho que seguiu de Roncesvalles para Pamplona, defendido pelo general Hill. Nas posições que o brigadeiro Archibaldo Campbell sustentou com a sua quarta brigada portugueza sobre a estrada dos Aldudes, por onde se tinha retirado até ao dia 27, e mesmo no dia 28, não era possivel levar a artilheria, de que resultou ser ali mais obstinado o combate, empregando-se sómente a infanteria, que quasi em ambos aquelles dias foi a unica arma de que se póde fazer uso. O general Hill com as suas diminutas forças, e o brigadeiro Archibaldo Campbell com a sua quarta brigada, que das ditas forças fazia parte, foram os que sustentaram contra as enormes forças do marechal Soult as suas posições do dia 27 de julho, mantendo assim o bloqueio da praça de Pamplona, da qual apenas se achavam duas leguas distantes, porque se assim não fosse, mallogradas ficariam as marchas forçadas, que traziam as divisões da ala esquerda dos alliados, e de nenhum effeito a escolha e a designação das posições, que lord Wellington para ellas destinára em pessoa, de concurso com os officiaes do seu quartel general, nas cumiadas das montanhas, que as ditas divisões percorriam, sobranceiras a Sorauren. Era com effeito da mais absoluta necessidade que o general Hill demorasse o mais que lhe fosse possivel o inimigo nas differentes posições que successivamente ia occupando na marcha retrograda que trazia desde Roncesvalles, e sobre tudo o demorasse nas que occupára no dia 27 de julho, posições em que durante a noite as suas tropas haviam de ser substituidas pelas que de reforço vinham pelo lado de S. Sebastião, pois a não se conservarem taes posições, não só tinha de se levantar o sitio de Pamplona, praça que a todo o custo o marechal Soult queria soccorrer, mas até de se abandonar o proprio cêrco de S. Sebastião. Á quarta brigada portugueza de 4 e 10 de infanteria com caçadores n.º 10 se deve portanto mais particularmente o importante serviço de uma tal conservação, serviço que lhe custou a perda, durante os dias 27 e 28, de 355 homens, entre mortos, fe-

ridos e extraviados; a saber: 21 officiaes, 13 inferiores e 321 soldados. De tal ordem foi a corajosa conducta d'esta brigada durante todo o citado dia 27, que lord Wellington se enthusiasmou a ponto de deixar caír das mãos as redeas sobre o pescoço do seu cavallo para bater as palmas aos rasgos de bravura, que lhe vira praticar, quando entre dois dos seus ajudantes de ordens estava observando tão denodada conducta, cujo resultado foi o de com effeito se evitar, que Soult podesse soccorrer Pamplona, e portanto o de se não experimentar um desastre, que obrigaria os alliados a repassarem o Ebro, inutilisando-se assim o fructo de quantas batalhas e vantagens se tinham até ali alcançado durante a campanha de 1813.

Por conseguinte a hesitação que Soult mostrou em proseguir no seu ataque do dia 27, propondo-se a renova-lo em força no seguinte dia, roubára-lhe a palma da mais assignalada e transcendente victoria, que podia ganhar na guerra da peninsula, tendo a sua hesitação sido filha da seria resistencia que lhe fez a dita quarta brigada portugueza. Se no primeiro dia levasse qualquer das posições occupadas pelos generaes Hill e Campbell, bastaria isso para que estes se não podessem conservar nos seus restantes postos, ficando portanto inteiramente inuteis todas as posições reservadas para as divisões da ala esquerda. A perda d'esta batalha, em que as tropas portuguezas tão relevantes serviços prestaram á causa dos alliados, durante os dez combates que por espaço de sete dias continuos tiveram de sustentar, fechou para sempre as gargantas dos Pyrenéos ás vaidosas aguias francezas n'esta memoravel guerra. Os desfiladeiros dos mesmos Pyrenéos, que vão para Sorauren, eram igualmente atacados pelo inimigo, e defendidos pela segunda brigada portugueza de 2 e 14 de infanteria, do commando do brigadeiro Antonio Hypolito da Costa, pertencente á divisão portugueza, commandada pelo tenente general conde de Amarante: a conducta d'esta brigada não foi menos distincta do que fôra a da quarta. Entre os mortos contaram-se os tenentes coroneis dos regimentos portuguezes n.^{os} 4 e 12

de infanteria, Allan William Campbell e Hawilland le Mesurier; os majores graduados em tenentes coroneis de infanteria n.os 2 e 10, Lourenço Martins Pegado e Candido Bazilio da Victoria, bem como o major de infanteria n.º 12, Lourenço Arnot. Entre os feridos contaram-se os brigadeiros Antonio Hypolito da Costa e Carlos Ashworth; o coronel de infanteria n.º 18, Manuel Pamplona Carneiro Rangel; os tenentes coroneis de infanteria n.os 14 e 18, João Mac Donald e Henrique Pynn; os majores de infanteria n.os 2 e 4, e o do batalhão de caçadores n.º 9; a saber: Roberto Bay do n.º 2; Antonio Eliseu d'Almeida do n.º 4; e Luiz Maria de Cerqueira de caçadores n.º 9. Com relação ás tropas portuguezas, lord Wellington disse no corpo da sua parte official, não só o que já acima notámos, que *as tropas portuguezas se comportaram admiravelmente,* mas tambem que *a boa conducta dos officiaes e soldados portuguezes em todas as operações da presente campanha, e a coragem que tinham mostrado em todas as circumstancias não eram menos honrosas para esta nação, quanto para o caracter do general, que pelas suas sabias medidas restabeleceu a disciplina e fez renascer o espirito militar no seu exercito,* juizo que o general Hill igualmente confirmou no seu respectivo officio, datado de 31 de julho, por causa da sua retirada do dia antecedente.

O marechal Beresford diz tambem, com relação ao exercito portuguez, o seguinte na sua ordem do dia de 11 de agosto de 1813. «Com infinito prazer tem outra vez o ill.mo e ex.mo sr. marechal Beresford, marquez de Campo Maior, de dar agradecimentos em nome de sua alteza real, o principe regente nosso senhor, ao exercito portuguez pela sua conducta em todos os differentes encontros com o inimigo desde a batalha de Vittoria, e mais particularmente pelas provas que deu da sua disciplina, valor e adhesão á causa publica, e á da sua patria na grande batalha de 28 do mez passado junto a Pamplona, commandada em pessoa pelo ill.mo e ex.mo sr. marechal general duque da Victoria, e na de 30 do mesmo mez, debaixo das ordens de s. ex.a, o sr. tenente general Rowland Hill, assim como em todos os ataques feitos

pelo inimigo e contra este, depois da sua ultima entrada até á sua expulsão do territorio hespanhol, o que deu logar a uma luta de tanta honra e gloria para as armas alliadas. O sr. marechal teve o gosto de ver a brigada do commando do sr. brigadeiro Thomás Guilherme Stubbs (quarta divisão), os regimentos de infanteria n.os 11 e 23 e batalhão de caçadores n.º 7, sustentar e augmentar a sua antiga reputação; e de ver adquirir reputação á brigada do commando do sr. brigadeiro Archibaldo Campbell, regimentos de infanteria n.os 4 e 10, com caçadores n.º 10; mas observa que a conducta do regimento n.º 4 e batalhão n.º 10 merece ser mencionada com especialidade. Os referidos srs. brigadeiros, officiaes, officiaes inferiores e soldados, que estão debaixo das suas ordens, aceitarão os agradecimentos do sr. marechal, porque elles mereceram a sua admiração. O sr. marechal viu igualmente a boa conducta do regimento de infanteria n.º 12 e batalhão de caçadores n.º 9, debaixo das ordens do sr. marechal de campo Allen Madden, e roga ao mesmo sr. marechal de campo, aos officiaes, officiaes inferiores e soldados d'estes dois corpos, que estejam seguros da perfeita satisfação do sr. marechal pela sua conducta. O batalhão de caçadores n.º 9 tem-se distinguido sempre. O sr. marechal tem todo o motivo para exprimir a sua satisfação pela conducta da brigada dos regimentos de infanteria n.os 7 e 19, e batalhão de caçadores n.º 2, debaixo das ordens do sr. marechal de campo, Carlos Frederico Lecor, ao qual roga o sr. marechal que a manifeste aos officiaes, officiaes inferiores e soldados da brigada».

«O sr. brigadeiro Carlos Ashworth terá a bondade de fazer saber aos corpos da brigada do seu commando, os regimentos de infanteria n.os 6 e 18, e batalhão de caçadores n.º 6, que o sr. marechal soube com a maior satisfação da sua brilhante conducta no dia 30, e deseja que elle aceite para si, e dê aos officiaes, officiaes inferiores e soldados os agradecimentos e approvação do sr. marechal, que elles muito bem souberam merecer. O sr. marechal felicita a s. ex.ª, o sr. tenente general conde de Amarante, pela bri-

lhante conducta da sua divisão, e porque as suas brigadas, aindaque separadas, se comportaram de modo que pareciam rivalisar entre si sobre qual havia de mostrar melhor conducta e ganhar mais honra. O sr. marechal, tendo feito ao sr. brigadeiro Archibaldo Campbell os mais altos elogios da sua brigada, tem a satisfação de dizer que a brigada do commando do sr. brigadeiro Antonio Hypolito da Costa, regimentos de infanteria n.os 2 e 14, debaixo das ordens immediatas de s. ex.ª, o sr. tenente general conde de Amarante, não mereceu menos os elogios do sr. marechal. O mesmo sr. tenente general receberá por isto os seus agradecimentos, e terá a bondade de os dar ao sr. brigadeiro Antonio Hypolito da Costa e aos officiaes, officiaes inferiores e soldados da valorosa brigada do Algarve. O sr. marechal aproveita esta occasião para exprimir ao sr. marechal de campo, Thomás Bradford, a sua satisfação pela conducta da brigada do seu commando, regimentos de infanteria n.os 13 e 24, e batalhão de caçadores n.º 5, nos combates junto a Villa Franca e Tolosa, e no assalto do convento e reducto diante da praça de S. Sebastião, onde estes corpos se conduziram de modo que o sr. general commandante ficou satisfeito. O sr. marechal exprime tambem a sua satisfação pela conducta do batalhão de caçadores n.º 4 nos referidos combates e assalto. *O sr. marechal declara que o exercito portuguez cumpriu bem e valorosamente o seu dever, e continuará assim a cumpri-lo, e a sua patria tem rasão para ficar ufana com elle.»* Alem d'este testemunho dado pelo marechal Beresford em abono do valor que n'esta batalha desenvolveu o exercito portuguez, outros mais generaes inglezes o testemunharam igualmente em cartas que dirigiram ao referido marechal[1].

A seguinte relação é a das brigadas e corpos portuguezes que entraram na batalha dos Pyrenéos, especificando os commandantes de cada uma das ditas brigadas e corpos, a sua força e perda que tiveram na referida batalha.

Artilheria n.º 2 — Teve este corpo presentes na acção 110

[1] Veja o documento n.º 112.

praças, commandadas pelo tenente coronel de artilheria n.º 3, Alexandre Tulloh. Não tiveram perda alguma.

Cavallaria n.º 1—Teve este corpo presentes na acção 277 cavallos, commandados pelo major Antonio Feliciano Telles de Castro Apparicio. Não tiveram perda alguma.

Cavallaria n.º 4—Teve este corpo presentes na acção 271 cavallos, commandados pelo coronel João Campbell. Não tiveram perda alguma.

Cavallaria n.º 6—Teve este corpo presentes na acção 298 cavallos, commandados pelo tenente coronel Ricardo Diggens. Não tiveram perda alguma.

Cavallaria n.º 7—Teve este corpo presentes na acção 104 cavallos, aggregados ao já citado regimento n.º 1, sendo tudo commandado pelo major Antonio Feliciano Telles de Castro Apparicio, já acima referido. Não tiveram perda alguma.

Cavallaria n.º 11—Teve este corpo presentes na acção 196 cavallos, commandados pelo tenente coronel Martinho Correia de Moraes e Castro. Não tiveram perda alguma.

Cavallaria n.º 12—Teve este corpo presentes na acção 208 cavallos, commandados pelo coronel Francisco Furtado de Castro do Rio e Mendonça (setimo visconde de Barbacena). Não tiveram perda alguma.

Divisão portugueza, commandada pelo tenente general Francisco da Silveira Pinto da Fonseca (primeiro conde de Amarante) composta da 2.ª e 4.ª brigadas

2.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Antonio Hypolito da Costa, substituido, depois de ferido, pelo tenente coronel João Telles de Menezes

Infanteria n.º 2—Todo o regimento esteve presente na acção e no combate, na força de 1:267 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel João Telles de Menezes, depois pelo major Roberto Bay. Perda, 88 homens mortos (3 officiaes, 2 inferiores e 83 soldados); feridos, 91 homens (9 officiaes, 8 inferiores e 74 soldados); prisioneiros ou extraviados, 21 soldados. Total da perda, 200 homens (12

officiaes, 10 inferiores e 178 soldados). Muito elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.º 14—Todo o regimento presente na acção e no combate, na força de 1:040 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel João Mac Donald. Perda, 24 homens mortos (1 official e 23 soldados); feridos, 41 homens (5 officiaes, 1 inferior e 35 soldados); prisioneiros ou extraviados, 19 soldados. Total da perda, 84 homens (6 officiaes, 1 inferior e 77 soldados). Muito elogiado na ordem do dia.

4.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Archibaldo Campbell

Infanteria n.º 4—Todo o regimento presente na acção e no combate, na força de 1:086 homens, commandado pelo tenente coronel Allan William Campbell, depois pelo capitão Luiz José Maldonado, e ainda depois pelo major Antonio Eliseu de Almeida. Perda, 26 homens mortos (2 officiaes e 24 soldados); feridos, 85 homens (7 officiaes, 7 inferiores e 71 soldados); prisioneiros ou extraviados, 3 soldados. Perda total, 114 homens (9 officiaes, 7 inferiores e 98 soldados). Muito elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.º 10—Todo o regimento presente na acção e no combate, na força de 1:172 homens, commandado pelo coronel Luiz Maria de Sousa Vahia. Perda, 77 homens mortos (2 officiaes, 3 inferiores e 72 soldados); feridos, 123 homens (7 officiaes, 1 inferior e 115 soldados); prisioneiros ou extraviados, 13 soldados. Perda total, 213 homens (9 officiaes, 4 inferiores e 200 soldados). Muito elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 10—Todo o batalhão presente na acção e no combate, na força de 249 homens, commandado pelo capitão graduado em major, Francisco Antonio Pamplona Moniz. Perda, 3 soldados mortos e 15 homens feridos (3 officiaes, 2 inferiores e 10 soldados); prisioneiros ou extraviados, 10 soldados. Perda total, 28 homens (3 officiaes, 2 inferiores e 23 soldados). Muito elogiado na ordem do dia.

5.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Carlos Ashworth

Infanteria n.º 6—Todo o regimento foi presente á acção e e ao combate, na força de 1:004 homens, commandado na acção pelo tenente coronel Maxiwell Grant, o qual commandou tambem no combate quatro companhias, sendo as seis restantes commandadas pelo major Domingos Antonio Gil. Perda, 29 homens mortos (1 inferior e 28 soldados); feridos, 68 homens (5 officiaes, 1 inferior e 62 soldados); prisioneiros ou extraviados, 8 soldados. Perda total, 105 homens (5 officiaes, 2 inferiores e 98 soldados). Muito elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.º 18—Todo o regimento foi presente na acção e no combate, na força de 1:325 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo coronel Manoel Pamplona Carneiro Rangel, depois pelo tenente coronel Henrique Pynn, e ainda depois pelo major graduado em tenente coronel, Rafael Owseley. Perda, 52 homens mortos (1 inferior e 51 soldados); feridos, 86 homens (4 officiaes, 4 inferiores e 78 soldados); prisioneiros ou extraviados, 12 soldados. Perda total, 150 homens (4 officiaes, 5 inferiores e 141 soldados). Muito elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 6—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 422 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo major Samuel Michell. Perda, 14 homens mortos (1 official e 13 soldados); feridos, 38 homens (1 official, 3 inferiores e 34 soldados); prisioneiros ou extraviados, 10 soldados. Perda total, 62 homens (2 officiaes, 4 inferiores e 56 soldados). Muito elogiado na ordem do dia.

6.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Carlos Frederico Lecor

Infanteria n.º 7—Todo o regimento presente na acção e no combate, na força de 688 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo coronel João Buchan. Perda, 4 soldados prisioneiros ou extraviados. Elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.º 19—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 1:260 homens, commandado em ambas as partes pelo coronel João Milley Doyle. Perda, 2 officiaes feridos. Elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 2—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 472 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo major João Henrique Zulhlck. Perda, 13 homens mortos (1 official, 1 inferior e 11 soldados); feridos, 45 homens (1 inferior e 44 soldados). Perda total, 58 homens (1 official, 2 inferiores e 55 soldados).

7.ª Brigada de infanteria, commandante o marechal de campo Allen Madden

Infanteria n.º 8—Todo o regimento esteve na acção, na força de 960 homens, entrando em combate sómente uma sexta parte d'elle. Commandante do corpo na acção o coronel João Douglas, e da força que combateu o tenente Manuel Pereira de Campos. Perda, 3 soldados feridos.

Infanteria n.º 12—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 1:071 homens, commandado em ambas as partes pelo tenente coronel Hawelland le Mesurier, depois pelo major Ignacio Luiz Madeira. Perda, 55 homens mortos (2 officiaes, 2 inferiores e 51 soldados); feridos, 210 homens (2 officiaes, 7 inferiores e 201 soldados); prisioneiros ou extraviados, 4 soldados. Perda total, 269 homens (4 officiaes, 9 inferiores e 256 soldados). Elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 9—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 441 homens, commandado em ambas as partes pelo tenente coronel Jorge Browne. Perda, 15 soldados mortos e 89 homens feridos (3 officiaes, 11 inferiores e 75 soldados), ou 104 homens ao todo (3 officiaes, 11 inferiores e 90 soldados). Elogiado na ordem do dia.

8.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Manley Power

Infanteria n.º 9—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 646 homens, commandado pelo

tenente coronel Carlos Sutton. Perda, 2 soldados extraviados.

Infanteria n.º 21—Todo o regimento esteve na acção, na força de 663 homens, entrando em combate sómente quatro companhias. Commandante do corpo na acção o major graduado em tenente coronel Francisco Joaquim Carreti, e das companhias em combate, o capitão João Graham. Perda, 5 soldados mortos e 9 homens feridos (1 inferior e 8 soldados) ou 14 homens ao todo (1 inferior e 13 soldados).

Caçadores n.º 11—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 353 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Thomás Durzback. Perda, 1 soldado morto e 5 feridos, ou 6 soldados ao todo.

9.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Thomás Guilherme Stubbs

Infanteria n.º 11—Todo o regimento esteve na acção e no combate na força de 865 homens. Commandante d'elle na acção o tenente coronel Alexandre Anderson, o qual commandou no combate oito companhias, sendo as duas restantes commandadas pelo major José Correia de Mello. Perda, 36 homens mortos (1 official, 3 inferiores e 32 soldados); feridos, 106 homens (1 official, 7 inferiores e 98 soldados); prisioneiros ou extraviados, 1 soldado. Perda total, 143 homens (2 officiaes, 10 inferiores e 131 soldados). Elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.º 23—Todo o regimento presente na acção e no combate, na força de 1:002 homens, commandado na acção pelo tenente coronel Diogo Miller, o qual commandou tambem no combate um batalhão, sendo o outro commandado pelo major Thomaz Peacock. Perda, 18 homens mortos (1 official e 17 soldados), feridos 32 homens (6 officiaes, 1 inferior e 25 soldados). Perda total, 50 homens (7 officiaes, 1 inferior e 42 soldados). Elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 7—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 378 homens, commandado na acção pelo tenente coronel Bryan O'Toole, depois pelo coronel

aggregado João Paes de Sande e Castro, e depois pelo major João Scott Lille. No combate commandou quatro companhias o tenente coronel Bryan O'Toole, e depois o tenente coronel aggregado João Paes de Sande e Castro. Foi além d'isso commandada uma companhia pelo capitão Bartholomeu Vegor Derenzy, e outra pelo capitão Guilherme O'Hara. Perda, 49 homens mortos (2 officiaes, 7 inferiores, e 40 soldados), feridos, 72 homens (5 officiaes, 5 inferiores e 62 soldados). Perda total, 121 homens (7 officiaes, 12 inferiores e 102 soldados). Elogiado na ordem do dia.

O total da força portugueza presente n'esta batalha foi portanto de 17:830 homens, sendo a perda que n'ella houve de 16 officiaes e 489 soldados mortos, e de 60 officiaes, e 1:060 soldados feridos, sendo o numero dos extraviados 107. Total da perda, 1:732 homens.

Posto que lord Wellington fizesse occupar pela seu exercito, depois da batalha dos Pyrenéos, as suas antigas posições desde o desfiladeiro de Roncesvalles até á embocadura do Bidassoa, a distribuição das suas tropas não era todavia a mesma. Sir Rowland Hill, reforçado por D. Pablo Morillo, estava em Roncesvalles e nos Aldudes, tendo levantado algumas obras de campanha no primeiro d'estes pontos. A terceira e a sexta divisão estavam no Bidassoa, guardando o *porto da Maya*, e a setima divisão, reforçada pelo exercito da reserva do conde de L'Abisbal (general O'Donnell), occupava os desfiladeiros de Eschalar e Zugaramurdi. A divisão ligeira achava-se em posição nas alturas de Santa Barbara, tendo postos avançados em Vera; a sua esquerda apoiava-se no Bidassoa, e a sua direita no monte Ivantelly, em volta do qual se tinha praticado para a cavallaria pelo emprego dos soldados uma communicação com Eschalar. As tropas de Longa achavam-se postadas para além do Bidassoa sobre a esquerda da divisão ligeira, tendo por traz de si a quarta divisão em reserva, perto de Lesaca. O quarto exercito hespanhol, commandado por então pelo general D. Manuel Freyre, prolongava a linha defensiva de Longa até ao mar, e atravessando a estrada real, occupava Irun e Fuenterrabia, e guardava o monte Jaizquibel.

A primeira divisão achava-se de reserva por traz dos hespanhoes; a quinta era destinada a recomeçar o sitio de S. Sebastião, e as tropas de D. Carlos de Hespanha a continuarem o bloqueio de Pamplona. Esta nova disposição offerecia um systema de defeza mais importante que o da primeira occupação. Um numeroso corpo, debaixo das ordens de um só chefe, estava bem intrincheirado em Roncesvalles, achando-se tambem no valle de Bastan duas divisões inglezas para defenderem o *porto da Maya*, para se não repetir outra surpreza igual á que já ali tinha experimentado o general Stewart. Os hespanhoes de O'Donnell seguravam igualmente as montanhas de Eschalar; e a reserva, em logar de occupar Santo Estevão, estava postada perto de Lesaca para apoiar a esquerda, que se tinha tornado a parte mais importante da linha.

Soult tambem pela sua parte tomára uma posição permanente, e reorganisára o seu exercito. A sua esquerda, commandada pelo conde d'Erlon, occupava os montes Ainhoé, com uma vanguarda nas alturas que dominam Urdax e Zugaramurdi. O centro, ás ordens de Clausel, estava adiante de Sarre, guardando as gargantas de Vera e de Eschalar, ao passo que a sua direita se achava apoiada nas mais elevadas montanhas da Rhuna. A ala direita, do commando do general Reille, composta das divisões Maucune e la Martiniere, estendia-se ao longo do baixo Bidassoa para a parte do mar. A reserva de Villatte estava acampada perto de Serres, por traz do Nivelle, e a terceira divisão de Reille, commandada pelo general Foy, cobria conjunctamente com as guardas nacionaes S. João-de-Pé-de-Porto, e as estradas que n'esta direcção se dirigem para França. Da cavallaria, para que mais facilmente podesse obter as forragens de que precisava, foi acantonada uma divisão entre o Nive e o Nivelle, e a outra nas visinhanças de Dax. Na forte posição que o marechal Soult occupava pouco receio tinha de um ataque de frente, mas o augmento das tropas alliadas nos postos de Roncesvalles e da Maya era para lhe dar cuidado, temendo poder-se ver obrigado a abandonar a sua posição, quando os mesmos

alliados houvessem de operar sobre o Nive. Para se livrar d'este perigo poz o general París em segunda linha sobre o Oloron por traz de Foy, e poz igualmente em estado de defeza as praças de S. João-de-Pé-de-Porto e Navareins, como apoio das suas operações por este lado, emquanto que Bayonna preenchia o mesmo objecto sobre o outro flanco do exercito. O mesmo Soult tambem poz grande actividade em fortificar a sua linha desde a embocadura do Bidassoa até aos rochedos de Mondarain e até ao Nive.

O haverem-se consumido na batalha e nos combates, sustentados desde 25 de julho até meiado de agosto, o cartuchame e as mais munições de guerra, que havia de reserva, fez apparecer a necessidade de esperar pela remessa d'estes artigos, que tinham de vir da Inglaterra, obrigando lord Wellington a paralysar por algum tempo as suas operações, e portanto a não invadir a França desde logo. Para similhante paralysação concorreu tambem muito a noticia que teve do armisticio, que as potencias do norte haviam sanccionado com Napoleão, e o parecer-lhe em tal caso inutil arriscar novas batalhas e sacrificar mais gente aos desastres da guerra, quando após d'aquelle armisticio se seguisse a realisação da paz, de que geralmente se dizia precursor. Todavia receiando pouco que os francezes lhe atacassem de novo a sua ala direita, o seu grande empenho era a rendição da praça de S. Sebastião. Suspenso como de facto se achava o sitio d'esta praça desde o mez de julho, tendo-se desde então convertido em bloqueio, ao projecto de a tomarem se voltaram pois os alliados desde 24 de agosto, para cujo fim se lançaram de novo á empreza das brechas anteriores e á construcção de baterias na altura de S. Bartholomeu, com destino a abrir brecha no meio bastião da esquerda do respectivo hornaveque[1]. Com as mesmas vistas augmentaram-se tambem as baterias do isthmo, bem como na outra margem da Urméa. A guarnição da praça elevava-se por aquelle tempo a 2:619 homens validos: o numero das

[1] Veja o mappa n.º 31.

suas peças em bateria era de 67, incluindo 4 morteiros e 3 obuzes. No dia 26 trovejavam contra S. Sebastião por parte dos alliados 63 bôcas de fogo a um tempo. As de S. Bartholomeu por causa da sua distancia fizeram pouco effeito; mas em compensação as outras abriram de prompto largas aberturas nas torres *los Hornos* e *las Mesquitas*, na face esquerda do bastião de S. João e na frente da *cortina alta*. A artilheria da praça foi reduzida ao silencio e o fogo pegou n'algumas partes da cidade. Lord Wellington, chegado no mesmo dia 26, ordenou que um destacamento do regimento portuguez de infanteria n.º 9, confiado ao commando do capitão H. Cameron, tomasse a ilha de *Santa Clara*, como se executou, aprisionando-se a sua guarnição, que apenas era de 30 soldados.

No penultimo do mez corrente quasi toda a artilheria da defeza se achava arruinada, parecendo a cidade um montão de ruinas. A face direita do meio bastião da esquerda do hornaveque via-se aberta em mais de metade do seu comprimento: as duas antigas brechas não formavam mais do que uma, augmentada ainda por todo o espaço occupado pelo bastião de S. João, cujo parapeito tinha sido completamente destruido. A porção da cortina, situada pela parte de traz, estava igualmente demolida. A totalidade d'estas ruinas apresentava um desenvolvimento de 250 metros, que a guarnição debalde procurava intrincheirar. No dia 31 pelas duas horas da madrugada os sitiantes fizeram saltar aos ares tres minas para abrir o muro do caes e formar uma rampa que lhes permittisse descer para a praça. Desde então podia-se dar o assalto, com o qual effectivamente se começou das nove para dez horas da manhã do citado dia 31, na occasião do baixamar, assalto a que foi mandada a primeira columna, reinando o mais profundo silencio. Passadas que foram as trincheiras pela primeira columna, outra se lhe seguiu immediatamente, acto a que logo muitos soldados succumbiram ao fogo do inimigo, que com toda a coragem e sangue frio recebeu o ataque, que contra elle se dirigia, e que por parte dos alliados foi feito com o maior denodo e a mais heroica constancia. Das

columnas atacantes fazia parte a terceira brigada portugueza, composta de 3 e 15 de infanteria com caçadores n.º 8, sendo commandada pelo brigadeiro Guilherme Frederico Sprye, e o quinto batalhão de caçadores, commandado pelo capitão Manuel Joaquim de Menezes, um dos mais bravos officiaes do exercito portuguez[1]. Estas forças distinguiram-se sobremaneira na difficil e arriscadissima empreza que se lhes commettêra. Ao começar o ataque o general Graham atravessou a Uruméa até ás baterias do ataque da direita, de onde podia ver tudo distinctamente, e portanto de onde podia dar immediatamente as ordens para as baterias fazerem fogo, segundo as circumstancias occorrentes.

Com a approximação das tropas alliadas o fogo de metralha e das bombas do inimigo tornou-se activissimo, sobre tudo depois que os atacantes passaram o meio da ribeira, sendo tal a mortandade que logo ali se experimentou, que a dita ribeira quasi se entulhou de corpos mortos e feridos, por cima dos quaes forçoso era que marchassem os que atraz d'elles vinham. Por este modo se atravessou a Uruméa, assenhoreando-se as tropas atacantes do terreno, que havia entre a sua margem e a muralha da fortaleza, fazendo-se isto sem disparar um só tiro. Triste era porém a perspectiva que se offerecia aos mesmos atacantes, porque em logar de acharem a brecha praticavel e de facil escalada, encontraram um muro com aspecto de mal construido, e como projectado fóra da perpendicular sobre o qual parecia impraticavel subir[2]. Em toda a extensão da brecha apenas havia um ponto por onde se podesse entrar, e isto mesmo por filas singelas. Todo

[1] Foi este bravo official o que, na sua qualidade de major commandante do batalhão de voluntarios da rainha, repelliu o ataque dos miguelistas na acção da villa da Praia na ilha Terceira em 11 de agosto de 1829, acção já ganha por elle, quando o conde de Villa Flor e duque da Terceira acudiu á citada villa para providenciar sobre as occorrencias do referido ataque, o que já não foi preciso.

[2] Este muro havia substituido o antigo, construido de boa alvenaria, tendo quatro pés de grossura, e dez de altura acima do nivel das preamares.

o interior da muralha á direita da cortina formava uma escarpa perpendicular de vinte pés pelo menos até ao nivel das ruas, de modo que o estreito comoro da mesma cortina, formado pela quebrada do seu angulo e pelo lanço da frente, era o unico ponto accessivel. Entretanto já não era tempo de considerações, e a tropa enraivecida principiou a escalar a muralha da melhor fórma que podia, sustentando-se uns aos outros para não cairem. A bulha da tropa, filha da anciedade com que muitos queriam ser os primeiros a assaltar a brecha, os gemidos dos feridos e o som da artilheria ouviam-se com o maior terror. Venceu-se por fim o alto da brecha, mas os assaltantes ali acharam contra si as bayonetas do inimigo, que palmo a palmo lhes disputava o terreno, devendo saber-se que durante a suspensão das obras do cêrco por falta de munições os francezes haviam preparado todos os meios de defeza, que a arte podia indicar para taes casos, de modo que estava muita gente coberta pelos intrincheiramentos e travezes no hornaveque sobre a platafórma da respectiva cortina, e pela banda de dentro da cidade em frente da brecha, prompta para despedir o mais mortifero fogo de mosquetaria sobre ambos os flancos ao chegarem os nossos ao topo do estreito comoro da citada cortina. Dizer que se venceu o alto da brecha não quer dizer que se chegasse ao nivel dos atacados, pois havia antes d'isso um degrau de uns tres pés de altura em todo o comprimento da muralha sobre que a nossa tropa devia saltar, antes que se podesse encontrar corpo a corpo com o inimigo, e muito tempo decorreu antes que vencesse tal difficuldade. O ataque foi ali de homem com homem, de bayoneta com bayoneta, e de sabre com sabre: o valor de ambos os contendores ali disputou primores de bravura, notaveis de parte a parte. «Tres columnas, diz Belmás, foram successivamente esmagadas, indo augmentar mais o numero dos mortos, que já havia n'este theatro de carnagem...»

Durava a contenda de homem a homem por espaço já de um quarto de hora entre duvidas e incertezas, quando o major Kennet Snodgrass, á testa de 150 portuguezes do regimento

13 de infanteria, atravessou com o maior denodo e bizarria a ribeira Uruméa por um váo, que elle mesmo tinha na noite anterior descoberto perto da sua embocadura, e com os ditos 150 homens se deitou ao assalto da brecha mais pequena entre a torre *los Hornos* e o bastião de Sant'Elmo. Não é facil descrever a coragem e sangue frio com que este ataque foi feito, apesar dos grandes obstaculos que contra si tinha, os quaes difficultoso era vencer, não resultando de similhante empreza mais do que as consideraveis perdas experimentadas pelos atacantes. Com isto reunia-se a pertinacia da luta sobre a grande brecha, cuja duração era já de tres horas: quatro assaltos tinham sido repellidos, e os assaltantes começavam pela sua parte a perder a esperança do bom exito dos seus esforços, quando o general Graham, vendo que nem um só dos seus soldados havia sobrevivido dos que tinham ganhado a altura da brecha, e que não era provavel passar-se alem d'ella, em rasão do entulho das pedras da muralha, que os engenheiros e as partidas dos gastadores não podiam remover, de que resultava serem as tropas expostas ás bombas e metralha das baterias do castello, recorreu em tal caso a um expediente singular, e nunca até ali praticado. Entendendo-se pois com o coronel Dickson, commandante geral da artilheria do sitio, aventurou-se a mandar-lhe que fizesse voltar as peças contra a cortina atacada, sobre a qual se começou desde então a dirigir um vivo e aturado fogo de artilheria, o qual só passava por poucos pés acima da cabeça dos atacantes na brecha, mantendo-se com uma exactidão tal, qual se podia desejar. Foi ao abrigo d'este fogo que os citados 150 portuguezes do regimento 13, apoiados n'um destacamento do regimento n.º 24 da mesma nação, commandado pelo coronel Guilherme Mac Bean, destacamento que igualmente atravessou a Uruméa da mais bizarra maneira, e debaixo do mais activo fogo de metralha, atacaram e ganharam a dita pequena brecha, situada á direita da grande, indo pela sua parte o coronel Mac Bean occupar com o seu destacamento o lado direito da dita grande brecha. O ataque do major Snodgrass fôra effeito da offerta,

que para elle tinha feito ao general Graham o referido major. Igual offerta fizera tambem o batalhão portuguez de caçadores n.º 1, que fazia parte da divisão ligeira luso-britannica, batalhão commandado pelo tenente coronel, João Henrique Algeo. Este offerecimento, feito com o maior empenho desde o principio do ataque, posto se não aceitasse por escusado, prova bem qual o valor e bizarria militar que os corpos portuguezes tinham por aquelle tempo adquirido, chegando o proprio lord Wellington a chamar-lhes n'um seu officio os *gallos do exercito*[1].

Tinha pois o dito fogo de artilheria durado por alguns minutos, e achava-se occupada a brecha da cortina pela segunda brigada ingleza da quinta divisão, e pelo terceiro batalhão dos reaes escocezes, sustentado pelo primeiro batalhão do regimento de infanteria n.º 38, quando de repente se ouviu uma explosão tão terrivel, que superando toda a outra bulha, encheu do maior terror e espanto os combatentes. Uma bomba dos nossos morteiros de sitio, tendo rebentado sobre um rastilho de polvora, que communicava com uma porção d'este artigo, que o inimigo tinha collocado debaixo da brecha, e a que tencionava lançar fogo, logoque a nossa tropa forçasse o cume d'ella, foi a causa d'esta explosão, que n'um momento levou pelos ares trezentos granadeiros francezes, tudo tropa escolhida que ali estava combatendo, causando-lhe assim um damno, que para os nossos se achava reservado. O pasmo e o espanto, causado por um tal acontecimento, suspendeu toda a briga por quasi meio minuto, não se ouvindo mais que um só tiro durante este intervallo. Toda a tropa inimiga, assim como a luso-britannica pasmadas olharam para o destroço, que d'este successo se seguiu. De curta duração foi portanto este intervallo, de modo que á proporção que o fumo e a poeira das ruinas se foram desvanecendo, viu-se diante dos atacantes um espaço de terreno sem defensores, de que logo se apossaram. No meio pois de um

[1] Officio para o conde de Liverpool, datado de Lesaca aos 25 de julho de 1813.

espantoso alarido saltaram os nossos sobre o desmoronado e desguarnecido terreno, sem haver força que de então por diante d'ali os removesse. A este acto seguiram-se logo todas aquellas scenas desastrosas, que são sempre inseparaveis de um assalto victorioso. Destroçando pois os vencedores tudo quanto se lhes oppunha, disputaram aos francezes o terreno palmo a palmo, e superando a final todas as difficuldades, com irresistivel impeto se lançaram sobre a cidade. Para chegar ás ruas a tropa viu-se obrigada a vencer alturas de quinze pés, ou a passar atravez das casas pegadas á muralha, onde tinha saltado o fogo, e se achavam abrasadas por elle. Tanto de um, como de outro expediente se serviu a tropa luso-britannica, perseguindo a franceza que fugia. Não obstante deve com verdade dizer-se que esta brigou desesperadamente, defendendo em cada rua casa por casa. Foi a sombra da noite a que veiu pôr fim ás crueis hostilidades de tão encarniçada luta, retirando-se o governador francez para o castello com pouco mais de 1:000 homens, depois de haver perdido cousa de 700 prisioneiros.

O major general Hay, que commandava a quinta divisão luso-britannica, em substituição ao major general Leith, depois que foi gravemente ferido, elogiou pela mais subida maneira, na sua parte official dada ao tenente general Graham, a brigada portugueza do commando do brigadeiro Guilherme Frederico Spraye, composta dos regimentos de infanteria n.º 3 e 15 com caçadores n.º 8. Foi realmente admiravel a decisão e coragem da referida brigada no seu ataque á brecha da praça, no que muito se distinguiu o arrojado coronel do regimento n.º 15, Luiz do Rego Barreto, que pegando com o maior valor na bandeira de um dos batalhões do seu dito regimento, e pondo-se com ella na mão á frente d'elle, com a maior ousadia e coragem avançou contra a citada brecha, e apesar de por tal motivo se tornar alvo de um chuveiro de balas, que lhe caíam em torno, teve a fortuna, guiado pela sua grande bravura e pela dos seus valentes soldados, de conseguir estabelecer dentro da praça o primeiro alojamento

efficaz contra as baterias inimigas[1]. A este glorioso feito do valor portuguez se referiu na camara dos communs em Lon-

[1] Luiz do Rego Barreto foi um dos officiaes superiores do exercito portuguez que mais brilhante e glorioso nome alcançaram na famosa guerra da independencia da patria desde 1808 até 1814, sustentada contra a França, tendo n'ella uma conducta por tal modo distincta, que bem merece honrar-se-lhe a sua memoria com o epitheto do *mais bravo dos bravos*, pois nunca entrou em batalha, ou combate que durante tal guerra se désse em que não fosse sempre elogiado por lord Wellington e marechal Beresford. Digno pois como é de figurar na lista dos homens mais illustres e benemeritos do tempo em que viveu, julgâmo-nos obrigados a apresentar aqui ao leitor nas poucas linhas que vae ler a biographia de tão bravo e distincto militar, sem que a isto nos levem motivos de amisade, ou de favor, quer para com elle, quer para com os seus, pois só temos em vista com isto fazer-lhe a devida justiça, guiando-nos unicamente pelo que d'elle e dos seus feitos temos lido e ouvido.

Foi Luiz do Rego Barreto fidalgo da casa real, do conselho de Sua Magestade Fidelissima, commendador das ordens de S. Bento de Aviz, Torre e Espada, e Conceição de Villa Viçosa, senhor da quinta do Geraz do Lima na comarca de Vianna, governador e capitão general da provincia de Pernambuco em 1817, governador das armas do Minho em 1822, no seguinte anno de 1823 general commandante em chefe das forças das tres provincias do norte do reino, em 1834 vogal do supremo conselho de guerra, em 30 de maio de 1835 creado 1.º visconde do Geraz do Lima, e novamente governador militar do Minho, em 1838 eleito membro da camara dos senadores pela sua terra natal, tenente general dos exercitos nacionaes, condecorado por Sua Magestade Britannica com a gran-cruz de oiro e dois bracelletes pelas campanhas da guerra da peninsula, e por Sua Magestade Catholica com as medalhas de Vittoria e S. Sebastião de Biscaya, e com a cruz de oiro portugueza e a medalha das seis campanhas da referida guerra.

Nasceu este illustre contemporaneo em Vianna do Minho aos 17 de outubro de 1777, sendo filho legitimo de Antonio do Rego Barreto, senhor da já citada quinta do Geraz do Lima, fidalgo da casa real, major ajudante de ordens do governo das armas do Minho, nascido a 13 de junho de 1731, e fallecido em 1 de abril de 1787. Foi sua mãe... O nobre exemplo dos seus antepassados e a educação que de seus paes recebeu augmentaram em Luiz do Rego as naturaes propensões para a vida militar. No primeiro de março de 1790, contando apenas treze annos de idade, assentou praça no regimento n.º 9 de infanteria, sendo reconhecido cadete em 31 de outubro de 1792, promovido a porta-bandeira em 26 de julho de 1798, a alferes em 24 de junho de 1802, e a tenente em 24 de junho de 1807. Não se coadunando com os seus nobres sentimen-

dres lord Castlereagh, por occasião de propor, na sessão de 8 de novembro d'este anno de 1813, um voto de agradeci-

tos de verdadeiro portuguez continuar no serviço, depois que viu a escravidão da patria, opprimida pelo exercito francez de Junot, de prompto largou os uniformes e depoz a espada, indo assim demittido da carreira que encetára viver obscuramente como particular na sua terra natal.

Logo que em 1808 rebentou nas provincias do norte do reino o grito da resistencia e da crúa guerra de Portugal contra os francezes, logo que o povo das provincias do norte ergueu n'ellas a sua voz para expulsar do reino os invasores, e em conformidade com isto correu ás armas para defeza da patria, Luiz do Rego de prompto appareceu a dirigir o movimento insurreccional dos viannenses, que o elegeram por seu chefe, honra a que elle correspondeu acclamando em Vianna no dia 20 de junho de 1808 o governo legitimo do principe regente, que depois foi rei, com o titulo de D. João VI. Organisada que foi na dita villa uma junta provisoria, Luiz do Rego a auxiliou quanto em si cabia nos trabalhos da consolidação da empreza começada, ao passo que por outro lado valeu a muitos a quem a anarchia popular pretendia victimar, tendo-os como partidistas dos francezes. A mesma junta, reconhecendo-lhe os seus importantes serviços, lh'os galardoou, nomeando-o major de infanteria n.º 9, e o corpo commercial, desejando testemunhar-lhe o seu reconhecimento, offertou-lhe uma medalha de oiro com a legenda, *A patria reconhecida*. A junta suprema do Porto, não só confirmou-lhe a nomeação de major, a que a junta provisoria de Vianna o promovêra, mas até lhe commetteu o organisar em Vizeu o seu celebre batalhão de caçadores n.º 4, que fardou, e depois conduziu aos campos da gloria, distinguindo-se nas acções de Santo Antonio do Cantaro, Mortagoa, Bussaco, Pombal, Redinha, Foz de Arouce, Fuentes de Oñoro, e assaltos da Cidade Rodrigo e Badajoz. Em Vizeu pôde elle sopear o furor das ondas populares, valendo a varias familias, inclusivamente a uma illustre e rica senhora, então e por muitos tempos depois bem conhecida pelo nome de *Viuva Mendes*.

Debaixo do commando em chefe do marechal Beresford Luiz do Rego tinha-se já distinguido pelo seu valor e intelligencia na guerra dos differentes postos e em varios combates das tropas ligeiras, quando teve logar a acção de Santo Antonio do Cantaro, na vespera da famosa batalha de 27 de setembro de 1810, bem conhecida pela denominação de *batalha do Bussaco*, na qual o corpo do seu commando foi um dos mais distinctos, apesar de tão pelejada e mortifera como se tornou. Effectivamente o quarto batalhão de caçadores fez taes gentilezas de pericia e de valor, que não teve que invejar a qualquer outro corpo, distinguindo-se sobre maneira o seu bravo commandante. Tão distincta foi a conducta do citado batalhão, que o marechal Beresford disse para o governo, na

mento ao marquez de Wellington pela tomada de S. Sebastião; «façanha, disse elle, de que nos não apresentam

sua parte official de 30 do citado mez de setembro, o seguinte: «A conducta do batalhão de caçadores n.º 4 merece ser particularmente mencionada, assim pelo seu valor no ataque, como pela constancia com que supportou por todo o dia o fogo do inimigo». Quanto ao seu commandante, o mesmo Beresford o honrou na sua ordem do dia de 28 do dito mez de setembro com a denominação de *bravo*, que elle nunca desmentiu, sendo por todos chamado desde então por diante *o bravo Luiz do Rego*. O mesmo lord Wellington o elogiou igualmente, no officio que de Coimbra dirigiu ao governo em 30 d'aquelle mez, a par do batalhão de caçadores n.º 4 por elle commandado, dizendo que este corpo *mostrára em similhante occasião aquella bizarra firmeza, que as outras tropas portuguezas posteriormente manifestaram.*

O exercito francez de Massena retirára-se de Santarem em março de 1811: a sua retirada, dirigida por generaes de grande pericia e valor, foi por elles sustentada nas successivas posições naturaes que o paiz lhes offerecia, bem como nas passagens dos rios e ribeiros, consideravelmente engrossados pelas aguas das chuvas, e em todos os combates que houve na referida retirada Luiz do Rego constantemente se distinguiu, sendo a sua conducta gabada por lord Wellington e marechal Beresford. Os inimigos saíram finalmente do territorio portuguez no dito anno de 1811, começando à campanha do seguinte pela tomada das praças da Cidade Rodrigo e Badajoz, tornando-se a conducta de Luiz do Rego brilhante n'uma e n'outra empreza, sendo elogiado na ordem do dia do 1.º de maio de 1812. Effectivamente a sua conducta na tomada de Badajoz foi acima de toda a expressão, devendo-se a sua posse em grande parte ao denodo e coragem do bravo Luiz do Rego, que a escalou primeiro que todos á testa do regimento n.º 15, de que já por então era commandante. Longo seria mencionar em detalhe as heroicas façanhas do valente commandante do referido regimento em todas as batalhas e combates em que entrou durante a guerra da peninsula. A este respeito só diremos por alto que a batalha de Salamanca foi dada a 22 de julho de 1812, e que na ordem do dia a ella relativa, tendo a data de 25 de agosto do mesmo anno, Luiz do Rego foi n'ella elogiado pela maneira por que em tal batalha se conduziu. A de Vittoria, tão célebre pelos seus resultados, quanto pelos seus ricos despojos, teve logar a 21 de junho de 1813, proporcionando a Luiz do Rego novos motivos para ser elogiado, como effectivamente o foi na ordem do dia do 1.º de julho d'aquelle anno, praticando em tal batalha prodigios de valor, commandando já a 3.ª brigada portugueza, composta dos regimentos 3 e 15 de infanteria com caçadores n.º 4, uma das que mais valentemente se conduziram na guerra da peninsula.

igual os fastos das operações militares. Foram n'este rigoroso serviço empregados os portuguezes, com a circumstancia de

O certo é que quasi não houve acção memoravel durante os seis annos de tão notavel guerra em que Luiz do Rego se não achasse, e em que não tivesse parte muito distincta. Mas onde a sua bravura excedeu tudo quanto anteriormente se tinha visto foi no assedio e tomada de S. Sebastião de Biscaya, em que se cobriu da mais immarcescivel gloria, sendo obra sua a rendição d'esta praça. Ao ataque da brecha marchou elle na frente do regimento n.º 15 do seu commando, debaixo de um fogo que por tres vezes fizera recuar corpos inteiros das forças sitiantes, e quando a morte, saindo pela bôca dos fuzis e das peças de artilheria, fazia um sem numero de victimas, Luiz do Rego, abrasado pelo seu heroismo e coragem, exclamou enthusiasmado: *Soldados! Agora pertence morrer n'esta praça ao vosso commandante.* Dito isto, lançou com impeto as mãos a uma bandeira do seu corpo, e com ella em punho correu denodado sobre a brecha, levando após de si os seus soldados, aos quaes tão extraordinaria ousadia tornára invenciveis. De tão audaz esforço todos com rasão se admiraram, caíndo-lhe a victoria irresistivelmente nas mãos, depois da mais porfiada e destruidora peleja. Á tomada da povoação seguiu-se-lhe depois a do castello, dando-se-lhe por fim, como premio do seu audaz esforço, o governo da praça de que pouco tempo gosou. Estas acções tiveram logar a 26 e 31 de agosto de 1813, sendo Luiz do Rego promptamente elogiado na ordem do dia de 9 de setembro d'aquelle anno.

Desde então por diante a bravura de Luiz do Rego não achou competidor. Quanto a esta qualidade, ninguem mais em todo o exercito lhe disputou a palma, respeitando-o todos debaixo d'este ponto de vista. O principe de Orange, um dos ajudantes de ordens de lord Wellington, honrou Luiz do Rego com a sua amisade e não poucos favores. O mesmo principe de Galles, então regente de Inglaterra, lhe testemunhou, em carta escripta pelo duque de York, o apreço e admiração que tributava aos eminentes serviços de tão bravo official portuguez. Em recompensa d'elles mereceu ser condecorado pelo governo britannico com a gran-cruz de oiro ingleza das sete batalhas e tomadas de praças que tiveram logar durante a guerra da peninsula, a saber: Cidade Rodrigo, Badajoz, Bussaco, Salamanca, Vittoria, S. Sebastião de Biscaya, e Nive.

Quando Luiz do Rego se decidiu a escalar Badajoz com o regimento n.º 15 exclamou elle no auge do seu corajoso empenho: *O soldado meu amigo, e amigo da gloria, siga-me os passos.* Este grito, accendendo em todos elles esse nobre amor da gloria, produziu o desejado effeito; todos o seguiram, e effeituada que foi a escalada, Luiz do Rego marchou só dentro da praça com os seus subordinados contra os francezes, attentos sómente á defeza da brecha. O susto e o terror lhes enregelou a cora-

que os que para elle não foram chamados, levados do seu patriotismo, offereceram-se para o ataque, e foi um batalhão

gem, inclusivamente ao proprio Philippon, de modo que, largando as armas, e tendo por inutil toda a resistencia, submissos as depozeram aos pés do bravo portuguez, dando-lhe com ellas a palma da victoria e aos que o seguiram. Na batalha de Salamanca, em que o duque de Ragusa esperava colher a mais immarcescivel gloria, o regimento n.º 15, commandado pelo bravo Luiz do Rego, investiu a formidavel columna do exercito francez, que havia repellido os regimentos n.os 11 e 23. Lord Wellington, admirado de tão nobre e glorioso feito, escreveu por extenso na sua parte official o nome de Luiz do Rego. Encarregado do commando da 3.ª brigada portugueza, com ella passou o Bidassoa, occupou a villa de Andaya, e na batalha de Saint-Pé ficou-lhe nas mãos o pavilhão de S. João da Luz. Penhorado por tanto valor, manifestado por Luiz do Rego nas acções de 9, 10 e 11 de dezembro de 1813, sir John Hope o recommendou pela mais distincta maneira, fazendo-lhe lord Wellington a honra de empregar para com elle as mesmas expressões do general Hope, ao passo que o marechal Beresford, reconhecendo novamente o seu valor, lhe teceu com toda a expressão o condigno elogio nas suas ordens do dia.

Acabada a guerra da peninsula, Luiz do Rego voltára á patria, mas pobre, porque a sua casa fôra arruinada durante a guerra. O governo de então, passados os parabens da chegada das tropas, poucas mais provas lhes deu de consideração. Ao imperio da paz seguiu-se a guerra das intrigas. A insensibilidade, ou o desprezo que Luiz do Rego notava nos governantes para com elle, desgostaram o valente militar, que tão bem merecia da patria. Em 1816 partiu para a côrte do Rio de Janeiro, onde se achou já feito brigadeiro, quando áquella cidade aportou. El-rei D. João VI o recebeu benignamente, achando n'aquella capital, a par do respeito que merecia, a admiração geral. Rebentando em Pernambuco em 1817 uma revolução republicana, primeiro abalo que n'aquelle imperio se sentiu como presagio de outros maiores, que determinaram a sua separação da mãe patria, el-rei D. João VI o nomeou para commandante da expedição, destinada a suffoca-la, dando-lhe a patente de marechal de campo, devendo assumir o caracter de governador e capitão general d'aquella provincia, logoque chegasse ao Recife, como se lhe dizia na honrosa carta regia, que se lhe expediu em 2 de abril do citado anno de 1817, isto quando elle ainda não contava bem quarenta annos de idade. Ao chegar ao logar do seu destino, achou já destruidas as forças inimigas e a provincia restituida á obediencia d'el-rei. Assumindo o exercicio do cargo para que fôra nomeado, empregou todos os esforços para minorar os incommodos dos infelizes, que a fortuna abandonára no campo, e haviam caído debaixo da mão

portuguez o que estabeleceu o primeiro alojamento efficaz contra as baterias inimigas *(applausos da camara)*».

das alçadas e commissões militares, solicitando-lhes com empenho o perdão da côrte.

Soou em Portugal o grito liberal de 24 de agosto de 1820, ouvindo-se de prompto em todos os portos do Brazil. A Bahia foi a primeira cidade que lhe correspondeu; mas a não ser ali, em todas as mais provincias appareceram logo symptomas de inquietação. Luiz do Rego declarou-se pela revolução do Porto, jurando obediencia ao governo liberal, e depois d'isso ás bases da constituição. Foi elle o primeiro governador do ultramar que mais se esmerou na prompta eleição dos deputados, que deviam vir ao congresso constituinte, sendo tambem elles os primeiros que se apresentaram no seu seio, vindos do mesmo ultramar. Todos estes acontecimentos haviam produzido na provincia que regia notaveis disposições para a reacção, que elle póde suffocar, conseguindo que se esperasse pelas ordens da côrte, de onde não tardaram a vir; e tendo-se effeituado no Rio de Janeiro a revolução, como consequencia d'ella de lá se expediu ordem para em Pernambuco se jurar a constituição, como se praticou. Esta moderação porém não satisfez os turbulentos; formóu-se contra o general uma conjuração para lhe tirar a vida, e um cobarde assassino lhe disparou a vinte passos de distancia um tiro de bacamarte, carregado a quartos, na occasião em que ao toque de recolher se dirigia para casa entre dois amigos. D'este tiro recebeu elle onze feridas sobre a região renal.

O cobarde, contra o qual o ferido correu logo de espada desembainhada na mão, para se salvar do golpe, tomou o expediente de saltar da ponte da Boa Vista ao rio Capibaribi, de que resultou morrer afogado: os seus companheiros, tão cobardes como elle era, fugiram espavoridos da espada do moribundo. Um dos amigos que o acompanhava, porque o outro tambem caíu ferido, o tomou nos braços e o levou para uma casa, onde foi recebido com a mais generosa benevolencia. O dono d'ella era o bem conhecido diccionarista portuguez, Antonio Moraes e Silva, cidadão corajoso, que apesar de estar no ultimo quartel da vida, mostrou n'esta occasião toda a constancia de uma alma vigorosa, nada receiando dos effeitos de uma commoção que principiava a apparecer, mas que todavia não chegou a desenvolver-se. A força armada póde conte-la e reprimir os discolos, ao passo que o general, depois de quarenta dias de casa e cama, appareceu de novo como por milagre desempenhando as funcções do seu alto cargo de capitão general. Tendo suffocado a revolução que ao norte da provincia apparecêra, em consequencia da que rebentára na Goyana, os deputados do Brazil começaram no congresso, reunido em Lisboa, a urdir contra elle intrigas, representando-o como um monstro, de que resultou fazerem-lhe perder a força moral, e até

Pena foi que depois do assalto e tomada da referida praça
se seguissem, para manchar tão glorioso feito, os crueis

mesmo á confiança dos seus proprios amigos. As côrtes estavam n'uma perfeita illusão, e não queriam saír d'ella. O general foi rendido, e dentro em pouco tempo perdida a provincia.

Voltando a Portugal em dezembro de 1821, promptamente cuidou em justificar o seu procedimento, apesar das declamações, levantadas contra elle pelos deputados de Pernambuco. A alguns d'elles tinha o general feito mercês distinctas, chegando até a salvar um do patibulo, quando já se achava no oratorio! E fez isto por sua propria auctoridade, chamando sobre si as consequencias de similhante acto de humanidade, movido sómente pelas lagrimas da familia de um tal sr. *Iranca*. Este senhor pagou-lhe a fineza, votando contra a sua rehabilitação! Outro tanto praticou um Moniz Tavares, clerigo obscuro e insignificante, a quem Luiz do Rego dera subsistencia, a pedido de um homem que o acompanhou muitos annos. Este bom sacerdote tambem lhe retribuiu a esmola, chamando nas côrtes ao seu bemfeitor *tyranno da sua patria*. O deputado era então do partido republicano: alguns annos depois fez-se jesuita em Roma. Cansado de padecer pelas injustiças dos homens, Luiz do Rego foi nomeado por fim governador militar da provincia do Minho em 1822. No seguinte anno levantou Silveira o grito liberticida em Villa Real, grito que por fim triumphou em todo o reino, sendo Luiz do Rego deportado para a Figueira onde esteve um anno, sem outra violencia mais se lhe fazer. Voltando depois a Lisboa, n'esta cidade se achava, quando falleceu el-rei D. João VI em março de 1826.

Ainda tornou ao Brazil depois de proclamada a Carta Constitucional: de lá voltou ao reino nomeado já por D. Pedro IV tenente general para vir testemunhar a usurpação de D. Miguel, que o perseguiu e o fez correr muitas prisões e castellos do reino, até que em 1833 pôde evadir-se de Campo Maior para Hespanha. Roubando-lhe a fortuna a occasião de combater contra a usurpação, como muito desejava, quando voltou a Portugal tinha em Evora Monte acabado já o reinado de D. Miguel. Similhante circumstancia e outros mais dissabores por elle experimentados nos seus ultimos annos de vida o levaram a uma profunda melancolia, retirando-se das concorrencias publicas. Os seus antigos brios e a fama do que tinha sido durante a guerra da peninsula parece que o vexavam de apparecer entre os que tão heroicamente haviam defendido a Carta Constitucional e a dynastia. Ouvia contar as façanhas do Porto, e os olhos se lhe arrasavam de lagrimas. A sua heroica historia era já antiga, parecendo-lhe que ninguem por então lhe dava já apreço! Talvez que fosse elle o que maior injustiça fizesse ao seu proprio merito. Escriptor de pequeno nome, como somos, em poucas palavras aqui apresentâmos ao publico essa brilhante historia, que temos como digna de

horrores de um saque, em que se viu toda a qualidade de roubos, sendo a cidade tratada como inimiga, pelo mesmo

se transmittir aos vindouros. D. Pedro o quiz consolar no meio da consumidora melancolia que o definhava, nomeando-o para membro do supremo conselho de guerra, o que lhe não produziu effeito algum salutar. Desgostoso portanto como se achava, mostrou desejo de voltar á sua terra natal, o que o governo lhe satisfez, nomeando-o governador militar do Minho. Foi, mas durou pouco o seu commando, do qual a revolução progressista do mez de setembro de 1836 o destituiu. Sendo nomeado senador pelos seus conterraneos em 1838, n'uma das sessões da sua respectiva camara foi accommettido de um insulto apopletico, de que escapou quasi milagrosamente. Ainda em convalescença retirou-se para Vianna, onde falleceu aos 7 de setembro de 1840 com quasi sessenta e tres annos de idade. A patria teve n'elle um cidadão prestante, e um militar cujas façanhas altamente a honram pelo que praticou no campo da gloria. A sua fama cremos que passará com justiça á posteridade, tido na conta de um verdadeiro heroe, como o reputâmos.

Luiz do Rego era homem de estatura acima de mediana, corpo bem apessoado, peito largo, sem ser gordo, e os musculos bem desenvolvidos, annunciando força physica e agilidade nos seus movimentos. Côr morena, falta de cabello, e já grisalho o que ainda tinha, testa larga e saliente; olhos grandes e vista penetrante; nariz aquilino e bôca rasgada. Era desembaraçado, e montava bem a cavallo. Traduzia e fallava bem as linguas franceza, ingleza e hespanhola, e comquanto não tivesse frequentado as escolas militares, não só se achava bem instruido na tactica e evoluções dos exercitos, mas era até capaz de dirigir e ter voto em qualquer operação de campanha. Era homem polido e agradavel no seu trato; o seu porte e maneiras tinham a franqueza do militar e á urbanidade de um fino cortezão. Dizia-se que nenhum cavalheiro de provincia o excedia em boa creação e delicadeza de trato. De caracter franco e generoso, era facil em emprestar dinheiro, e jamais pedia o seu embolso; mas tambem não pagava as dividas que contrahia em quaesquer compras, se lh'o não advertiam, ou lembravam. Tinha accessos de colera, e se não havia quem o advertisse, obrava mal, do que logo se arrependia. Ouvia com docilidade os conselhos que lhe davam, e uma vez formada a sua resolução, não prescindia d'ella. Nem sempre porém era bem aconselhado pelos que tinham a sua confiança, os quaes não poucas vezes o comprometteram.

Por duas vezes foi casado: a primeira com D. Luiza Maria Martins de Ruxleben, que nasceu a 4 de junho de 1775 e morreu a 16 de janeiro de 1810, sendo filha de João Martins, tenente coronel do regimento de Vianna, e de D. Luiza Frederica, baroneza de Ruxleben na Saxonia. A segunda teve logar depois da sua chegada ao Rio de Janeiro com

modo por que um terrivel e desapiedado conquistador condemna as que lhe cáem nas mãos a toda a ordem de destruição e maleficio. Roubos, estupros, violencias de toda a ordem, assassinos e horrores de toda a especie ali se succederam com rapidez, porque perdendo os soldados toda a subordinação e disciplina, não respeitando os seus proprios officiaes, alguns dos quaes se diz terem sido sacrificados pelos seus mesmos soldados[1], nada houve que os contivesse pela desesperação a que os levára a pertinaz resistencia dos francezes, que tamanho damno lhes havia causado. Sem admittirem differença entre os mesmos francezes e os moradores da cidade, não respeitaram nem os velhos, nem os novos, nada escapando ao furor de uma desenfreada soldadesca, que enraivecida em alto grau, violava as filhas no regaço das mães, as esposas nos braços dos maridos, e geralmente fallando tudo quanto eram mulheres em qualquer

D. Maria Zeferina de Azevedo, que nasceu a 26 de agosto de 1801, sendo segunda filha do 1.° visconde do Rio Secco, o qual alguns annos depois foi elevado ao titulo de marquez de Judiahi. D'este casamento não houve successão; mas do primeiro teve elle duas filhas, a primeira das quaes foi D. Maria Emilia, que nasceu a 8 de setembro de 1801, e casou com Bento de Barros Lima de Azevedo Araujo e Gama, fidalgo da casa real, e coronel do regimento de milicias de Vianna: sem geração. A segunda filha foi D. Ignacia Candida, que nasceu a 1 de dezembro de 1803 e morreu no 1.° de junho de 1838, sendo casada em 26 de maio de 1823 com Rodrigo da Fonseca Magalhães, ministro e secretario de estado honorario, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem da Torre Espada e deputado ás côrtes em varias legislaturas, onde adquiriu a fama de grande orador parlamentar. D'este casamento nasceu um filho, que teve o nome de seu pae (Rodrigo da Fonseca Magalhães), e do casamento d'este com uma filha do barão da Folgosa procede hoje o 2.° visconde do Geraz do Lima, chamado igualmente Rodrigo da Fonseca Magalhães, actual representante de Luiz do Rego Barreto, 1.° visconde do referido titulo, por sua filha segunda, a citada D. Ignacia Candida.

[1] Um dos que teve esta sorte foi o ajudante do regimento n.° 15 de infanteria portugueza, Antonio José de Sousa Ferraz, morto pelos soldados inglezes, quando lhes buscou impedir os roubos, facto testificado por lord Wellington, na sua carta dirigida ao major general Barnes, datada de Lesaca aos 6 de outubro de 1813.

parte que as encontrassem. Todas as casas foram saqueadas, os trastes que n'ellas se acharam despedaçados, as igrejas profanadas, e as imagens feitas em pedaços. Á entrada da noite sobreveiu um incendio devorador, não se podendo dizer se casual, ou se lançado de proposito. Sómente seśsenta casas tinham sido destruidas durante o sitio; mas pelo incendio da noite apenas ficaram salvas quarenta das seiscentas que a praça de S. Sebastião anteriormente contava[1]. Capitaes, mercadorias, papeis, tudo ali pereceu, incluindo os archivos do consulado e municipalidade, dois preciosos depositos de excellentes memorias e curiosas antiguidades. Mais de mil e quinhentas familias ficaram por aquella occasião privadas de tudo quanto tinham, e muitas d'ellas, saíndo como phantasmas do meio das ruinas das suas habitações, apresentavam pallidos e espantosos rostos, os corpos sem vestuario, e o coração mortificado por tantos e tão dolorosos golpes, como os que tinham experimentado. As auctoridades hespanholas levantaram até ao céu incessantes e clamorosos brados; a municipalidade, e muitos dos habitantes da cidade dirigiram a lord Wellington energicas e sentimentaes representações, que ficaram sem solução, como não podia deixar de acontecer no meio de similhantes circumstancias[2]. O mes-

[1] Assim o diz Toreno; mas o *manifesto da junta constitucional* dizia que só tinham restado 36 das seiscentas e tantas que a praça continha.

O general Rey diz no seu officio de 26 de julho para o ministro da guerra: «Metade da cidade está totalmente destruida pelo fogo, e a maior parte das casas que escaparam ficaram extremamente arruinadas».

Belmas diz: «Metade da população morreu; de 600 casas sómente 7 ou 8 ficaram de pé: 1:500 familias se acham sem asylo, nem recursos. A perda dos habitantes foi avaliada em 200 milhões de reales».

Southey diz: «As ruas acharam-se cheias de cadaveres. Nos hospitaes os feridos ficaram durante tres dias sem curativo, nem nutrição».

[2] Os hespanhoes censuraram altamente no general Graham a sua crueldade para com os vencidos na tomada d'esta praça, e nas tropas do seu commando a ferocidade barbara com que assignalaram a sua victoria. Póde desgraçadamente suppor-se, ou dar-se até como certo que todos os males que pesam sobre uma praça, ganha de assalto á força de

mo lord Wellington foi alvo de terriveis accusações sobre este ponto, dando-o por connivente das desgraças que tiveram logar por occasião do assalto a S. Sebastião, vendo-se elle obrigado a dirigir a seu irmão sir Henrique Wellesley, embaixador inglez em Madrid, uma extensa carta, datada de Lesaca aos 9 de outubro de 1813, defendendo como pôde a conducta das suas tropas por occasião do referido assalto. Inutilisadas como portanto foram as representações feitas a lord Wellington, os queixosos passaram a dirigir as suas reclamações ao supremo governo da nação. Tres sessões foram por elle consagradas a enxugar as lagrimas de tantos desgraçados, e a applicar algum remedio a similhantes infortunios. Os encarregados por elle d'esta humanitaria commissão não limitaram os seus esforços sómente áquelle objecto, mas buscaram que a cidade renascesse mais formosa do meio das suas cinzas. Effectivamente S. Sebastião foi reedificada dentro em poucos annos á custa dos seus habitantes, e por meio dos seus infatigaveis esforços, seguindo-se na sua construcção um novo e melhor plano, de que resultou tornar-se aquella cidade mais elegante e mais bella do que fôra[1]. Diz-se que indo o general Graham alguns annos depois visitar S. Sebastião, foi tal o furor das regateiras e mulheres da classe baixa contra elle, logoque souberam achar-se dentro dos seus muros, que a não se ter retirado a

armas, não foram poupados na tomada de S. Sebastião; mas nada se acha contido nas instituições militares da Europa, destinado a refrear similhantes atrocidades. Os soldados de todos os paizes consideram sempre a devastação de uma cidade, tomada pela força das armas, como um direito por elles adquirido, e seria injusto tornar o general Graham responsavel pelas violencias e atrocidades de tropas, que não tinham laços alguns de união e de patria com os vencidos, isto quando as referidas tropas se achavam no mais alto ponto exasperadas por effeito de uma obstinada defeza, filha de uma guerra cruel. Com tudo isto dava-se de mais a mais a circumstancia de que nas cidades da Hespanha alguns moradores havia sectarios do partido francez, e por causa d'estes pagavam os de pensar opposto.

[1] Esta é a descripção feita pelo conde de Toreno na sua Historia da guerra e revolução da Hespanha.

tempo, de certo seria victima de similhante furor, que n'uma classe de tão baixa ordem nada por certo havia que o contivesse.

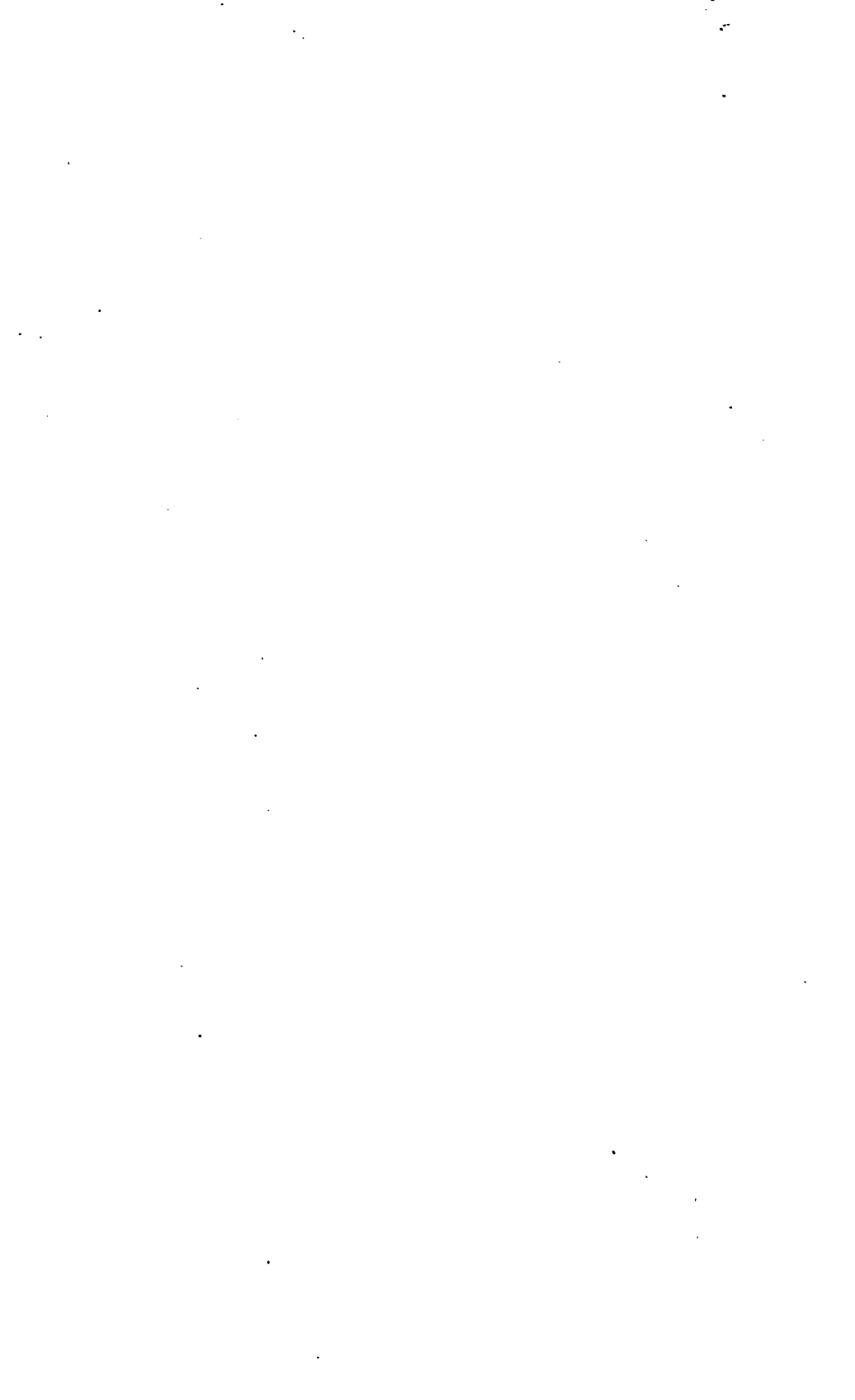
Quanto ao castello, para onde o general Manuel Rey se havia retirado, convem saber que os alliados resolveram assestar contra elle a sua artilheria, depois de lhes terem sido rejeitadas as propostas de capitulação. Para descarregarem pois o golpe que premeditavam começaram por tomar no dia 5 de setembro sobre o *monte Orgulho* o convento de Santa Thereza, cuja cerca era contigua á collina do castello, por isso que abrigados os francezes pelos muros da dita cerca incommodavam bastante os sitiados com o fogo que pelas seteiras, feitas nos ditos muros, contra elles dirigiam. Concluidas pois as baterias de brecha, entre as quaes se contava uma de dezesete peças, levantada no terrapleno do fortim de S. Carlos, o fogo rompeu pelas nove horas da manhã do dia 8 contra o castello, e as obras destacadas do *Mirador* e da *Rainha*, bem como contra outras mais defezas que lhes ficavam por baixo. Cincoenta e nove peças de artilheria, incluindo vinte e oito morteiros e obuzes, vomitavam ao mesmo tempo a destruição e a raiva dos sitiantes contra os sitiados, de que resultou arvorarem estes uma bandeira branca pelo meio dia por não poderem já supportar tão terrivel fogo, capitulando em seguida, e entregando-se como prisioneiros de guerra, como fôra decidido pela unanimidade de um conselho, convocado para este fim pelo general Rey, o qual foi levado a este passo por ver destruidas as suas defezas, a sua artilheria extincta, os seus fornos exhaustos, um armazem de polvora destruido, a cidade em cinzas, a guarnição abatida, e o interior do castello cheio de mortos e de feridos. O general Graham, maravilhado por tão brilhante defeza, permittiu ao coronel Songeon, negociador da capitulação, o dictar elle mesmo as suas condições. De toda a sua guarnição apenas se achavam vivos, segundo John Jones, 80 officiaes e 1:756 soldados, que foram enviados para Inglaterra; o que d'aquelle numero ia para o já citado de

2:619, a que a sua dita guarnição avultára[1], ou morreu na defeza da praça, ou do castello. A perda dos inglezes no sitio de S. Sebastião desde 25 de julho até 29 de agosto foi de 114 homens (22 mortos, 75 feridos e 17 extraviados). A perda dos mesmos inglezes no segundo assalto da referida praça em 31 do dito mez de agosto foi computada por lord Wellington em 1:601 homens (549 mortos, entrando o tenente coronel de engenheiros Ricardo Fletcher (tão distincto como se tinha já feito pela construcção das linhas de Torres Vedras, e depois d'esta obra pelos trabalhos necessarios para a tomada das praças da Cidade Rodrigo e Badajoz), 1:028 feridos e 24 extraviados. A perda dos portuguezes no sitio da mesma praça desde 9 de julho até 30 de agosto foi de 280 homens, ou 72 mortos, incluindo 1 official, 97 feridos, incluindo tambem 1 official e 110 extraviados, incluindo igualmente outro official. A perda dos portuguezes no dito segundo assalto em 31 de agosto foi computada por lord Wellington em 720 homens, ou 180 mortos, 537 feridos e 3 extraviados[2].

O ataque durára setenta e tres dias, trinta e seis dos quaes de trincheira aberta, e trinta e nove de brecha. Haviam-se-lhe dado nove assaltos, seis dos quaes ao corpo da praça. Duas capitulações honrosas tinham sido rejeitadas, achando-se a guarnição diminuida de dois terços. Jones avalia a perda dos inglezes em 3:810 homens; mas o general Graham no seu officio do 1.º de setembro confessa ter perdido 5:069 homens desde 21 de junho até 1 de setembro. Votos de peso tem para si que o cerco de S. Sebastião foi mais notavel pela defeza do que pelo ataque. Os engenheiros inglezes apreciaram com pouca exactidão os recursos da praça, commettendo alem d'isto grandes faltas na direcção dos

[1] Toreno computa a referida guarnição em 4:000 homens. D'entre os prisioneiros achavam-se no hospital 23 officiaes e 512 soldados.

[2] Estes numeros não concordam com os do mappa portuguez que já temos citado, onde a nossa perda vem designada pelo modo por que se vê no fim da relação dos corpos portuguezes, que entraram no assalto, relação que acima vae transcripta.

Estª XXXI.

trabalhos. Por outra parte o general em chefe obrou mal em dar o assalto antes das brechas se acharem praticaveis. Mas as mais graves das censuras recáem sómente sobre o almirantado inglez, e sobre o proprio governo por deixarem lord Wellington sem munições, sem equipagens e sem material, recusando até ao ultimo momento darem-lhe as forças navaes necessarias para manter o bloqueio da cidade e a segurança da costa[1].

As brigadas e corpos portuguezes, que no dito segundo assalto tomaram parte, especialisando a força e a perda de cada um dos ditos corpos, são os constantes da seguinte relação.

3.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Guilherme Frederico Sprye

Infanteria n.º 3 — Todo o regimento entrou no assalto, na força de 751 homens, commandado pelo major Carlos Stewart Campbell, depois pelo capitão Bento Valente. Perda 73 homens mortos (4 officiaes, 2 inferiores a 67 soldados); feridos 59 homens (10 officiaes, 3 inferiores e 46 soldados), ou 132 homens ao todo (14 officiaes, 5 inferiores e 113 soldados). Elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.º 15 — Todo o regimento foi presente ao assalto, na força de 833 homens, commandado pelo coronel Luiz do Rego Barreto. Perda 104 homens mortos (3 officiaes, 4 inferiores e 97 soldados); feridos 94 homens (8 officiaes, 8 inferiores e 78 soldados), ou 198 homens ao todo (11 officiaes, 12 inferiores e 175 soldados). Elogiado na ordem do dia.

[1] Por occasião do sitio e tomada da praça de S. Sebastião mereceram ser elogiados pelos seus serviços os capitães de engenheria portugueza, Antonio Elizeu Paula de Bulhões e Joaquim Pedro Pinto de Sousa, com as suas respectivas companhias de sapadores, como consta de um officio que em 2 de julho de 1814 foi dirigido ao marechal Beresford por I. F. Burgoyne, commandante que foi dos engenheiros, depois da morte de sir Ricardo Fletcher, officio publicado a pag. 890 do *Diario do governo* n.º 288 de 5 de dezembro de 1821.

Caçadores n.º 8 — Todo o batalhão tomou parte no assalto, na força de 369 homens, commandado pelo tenente coronel Dudley Saint-Leger Hill. Perda 32 homens mortos (1 official, 2 inferiores e 29 soldados); feridos 50 homens (1 official, 5 inferiores e 44 soldados); prisioneiros ou extraviados 1 soldado. Perda total 83 homens (3 officiaes, 7 inferiores e 73 soldados). Elogiado na ordem do dia.

9.ª Brigada de infanteria, commandante o tenente coronel Diogo Miller

Infanteria n.º 11 — Commandante d'este corpo o tenente coronel Alexandre Anderson; mas no assalto só entraram 2 sargentos e 24 soldados, commandados pelo capitão Antonio de Gouveia. Perda 6 soldados mortos e 8 homens feridos (2 officiaes e 6 soldados), ou 14 homens ao todo (2 officiaes e 12 soldados). Elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.º 23 — Commandante, o tenente coronel Diogo Miller; mas ao assalto só foi um destacamento de 30 homens, commandado pelo tenente Jeronymo Rogado de Oliveira. Perda 7 soldados mortos e 10 homens feridos (1 official, 1 inferior e 8 soldados), ou 17 homens ao todo (1 official, 1 inferior e 15 soldados). Elogiado na ordem do dia.

10.ª Brigada de infanteria, commandante o marechal de campo Thomás Bradford

Infanteria n.º 13 — Commandante, o major Kennet Snodgrass; mas ao assalto só foram 150 praças, commandadas pelo referido major. Perda 26 homens mortos (2 officiaes, 2 inferiores e 22 soldados); feridos 47 homens (4 officiaes, 7 inferiores e 36 soldados), ou 73 homens ao todo (5 officiaes, 9 inferiores e 59 soldados). Elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.º 24 — Commandante, o tenente coronel Guilherme Mac Bean, mas ao assalto só foram seis companhias na força de 520 homens, commandadas pelo dito tenente coronel. Perda, 47 homens mortos (2 officiaes, 1 inferior e 44 soldados); feridos, 35 homens (3 officiaes, 1 inferior e

21 soldados); prisioneiros ou extraviados, 2 soldados. Total da perda, 84 homens (5 officiaes, 2 inferiores e 77 soldados). Elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 5—Commandante, o tenente coronel Miguel Mac Creagh; mas só 200 praças foram ao assalto, commandadas pelo capitão Manuel Joaquim de Menezes. Perda, 21 soldados mortos e 8 homens feridos (1 official e 7 soldados), ou 29 homens ao todo. Elogiado na ordem do dia.

Brigada ligeira, encorporada na divisão ligeira luso-britannica

Infanteria n.º 17—Commandante, o tenente coronel João Rott; mas só um destacamento d'este corpo, na força de 2 sargentos e 56 soldados, foi ao assalto, commandado pelo alferes Joaquim José de Sant'Anna. Perda, 1 soldado morto e 1 ferido. Elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 1—Commandante, o tenente coronel João Henrique Algêo, mas só um destacamento d'este corpo, na força de 20 homens, foi ao assalto, commandado pelo tenente Pedro Osorio da Fonseca. Perda, 3 homens feridos (1 inferior e 2 soldados). Elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 3—Commandante, o major Manuel Caetano Teixeira Pinto; mas só um destacamento de 13 praças d'este corpo foi ao assalto, commandado pelo sargento Lourenço Manuel. Perda, 1 soldado morto e 1 ferido. Elogiado na ordem do dia[1].

O total da força portugueza, que portanto entrou n'este assalto, foi de 2:970 homens, sendo a perda que n'elle houve a de 12 officiaes e 306 soldados mortos; 31 officiaes e 285 soldados feridos, e 3 soldados extraviados, sendo o total da perda 637 homens.

Desde que se renovou o ataque contra a praça de S. Sebastião os francezes tentaram um grande esforço para soc-

[1] O tenente coronel Miguel Mac Creagh, que na occasião do assalto estava de dia na divisão, foi quem conduziu ao mesmo assalto as partidas apoiantes.

correrem a sua guarnição, pretendendo abrir caminho através do exercito que cobria o sitio, cuja principal força consistia em 8:000 hespanhoes, postados nas alturas de S. Marcial, á esquerda do Bidassoa, vigiando a estrada real de Bayonna. A posição occupada pelos hespanhoes era consideravelmente forte, achando-se a sua frente e a sua ala esquerda cobertas por aquelle rio, ao passo que a sua ala direita se apoiava sobre a alta montanha de Haya. De 29 para 30 de agosto o inimigo reuniu-se em Vera, dando-se logo ordem á brigada do general Inglis para se ir postar em Lesaca, marchando a brigada do general Ross para a esquerda da montanha de Haya, para immediato apoio da direita dos hespanhoes. A nona brigada portugueza de 11 e 23 de infanteria com caçadores n.º 7 foi mandada occupar a direita da referida montanha para impedir que a esquerda viesse a ser torneada. A primeira divisão, commandada pelo general Howard, formou por trás de Irun uma reserva á esquerda dos hespanhoes, constituindo-se os guerrilhas de Longa sobre a montanha de Haya em reserva da sua ala direita. Pela tarde viu-se distinctamente um grande parque de artilheria, e um trem de pontões sobre a esquerda da estrada de Bayonna, assim como diversos corpos de tropas em movimento; mas nenhum acto hostil se manifestou por então. A noite tornára-se excessivamente tempestuosa; todavia na manhã de 31 notou-se que uma divisão franceza atravessava o Bidassoa por um vau em face da esquerda dos hespanhoes, e que uma segunda divisão se propunha tambem passar n'aquelle logar o dito rio, ao passo que uma terceira construia, debaixo da protecção de muitas baterias estabelecidas durante a noite, uma ponte sobre o mesmo Bidassoa, distante pouco mais ou menos meia milha da estrada real. Ao mesmo tempo 15:000 ou 20:000 homens effeituavam a sua passagem nos vaus de Salim, á direita da montanha de Haya. As duas divisões francezas, logoque se formaram, atacaram a esquerda dos hespanhoes, avançando contra elles com grande precipitação. A encosta que tinham a subir era bastante escarpada; os hespanhoes esperaram que os assaltan-

tes tivessem chegado quasi ao seu cume, sendo então que os carregaram á bayoneta, achando-se ainda em columnas. Os francezes, não esperando similhante resolução, foram rotos immediatamente e perseguidos até ás bordas do rio, que atravessaram n'uma desordem tal, que muitos d'elles se afogaram, por se enganarem na direcção do vau. Similhante resultado teve tambem um segundo esforço, feito sobre a direita por uma divisão franceza, lançada através do Bidassoa, com o fim de proteger a construcção de uma ponte.

Entretanto uma consideravel curvatura, formada pelo rio, e que estava coberta de baterias, impediu que os hespanhoes proseguissem nas suas vantagens, de que resultou poderem os inimigos concluir os trabalhos da ponte depois do meio dia. Quinze mil francezes a passaram immediatamente, indo dar um ataque geral ás alturas de S. Marcial. Na occasião em que avançavam appareceu lord Wellington em frente da linha, sendo recebido pelos hespanhoes no meio de repetidos e clamorosos vivas. Animados pela sua presença, e mais que tudo confiados nos seus primeiros successos, conduziram-se então valentissimamente, repellindo os francezes de todos os pontos, e levando-os adiante de si até ás margens do rio. Chegados ali os francezes, alguns houve que, conhecendo os vaus, deveram a isto a sua salvação, sendo afogados muitos outros, porque no ardor com que fugiam precipitaram-se sobre a ponte, que romperam com o seu muito peso, caíndo ao rio os que sobre ella se achavam. Logoque os hespanhoes foram atacados, o corpo que atravessava o rio nos vaus de Salim esforçou-se por ganhar a estrada, que pela direita da montanha de Haya conduz a S. Sebastião, passando em Oyarzun. Os portuguezes foram logo reforçados pela brigada do general Inglis, que de prompto foi tambem soccorrido por uma brigada da divisão ligeira na defeza da ponte de Lesaca. As duas brigadas retiraram-se diante do inimigo, e favorecidas pelas difficuldades do terreno, alcançaram a altura onde estava o convento de Santo Antonio, sem experimentarem grande perda. Ali as divisões de sir Lowry Cole e do conde Dalhousie se reuniram tambem da

mesma maneira que os hespanhoes de Longa, não podendo o inimigo desaloja-los. Repellidos por este modo os francezes de todos os pontos, retiraram-se durante a noite, e tendo as chuvas tornado impraticaveis os vaus, foram obrigados a repassarem o Bidassoa na ponte de Vera, expostos ao fogo de uma parte da divisão ligeira. A perda dos francezes computou-se em 2:000 homens, sendo a dos hespanhoes, segundo a participação de lord Wellington, de 1:679 homens (261 mortos, 1:347 feridos e 71 extraviados). Este combate, conhecido pelo nome de combate de Vera, foi de bastante importancia para os alliados, por dar aos hespanhoes a occasião de se encherem de confiança e ganharem reputação militar, por ser a que tinham até ali de mui pequena monta.

Pequena foi a parte que as tropas portuguezas tomaram no combate de Vera; mas tal como foi, mereceu os louvores do marechal Beresford, como se vê da sua ordem do dia de 9 de setembro de 1813, destinada mais particularmente ao assalto e tomada de S. Sebastião, expressando-se pelo seguinte modo: «S. ex.ª o sr. marechal Beresford, marquez de Campo Maior, tem novamente a satisfação de poder empregar-se na mais agradavel parte do seu dever, que é fazer justiça aos benemeritos do exercito de sua alteza real, o principe regente, nosso senhor, pela sua conducta na frente do inimigo. S. ex.ª torna a ter o gosto de repetir ao exercito (cujo ardor e zêlo no serviço da patria chega a ponto tão subido!) que a emulação dos corpos e individuos, e o desejo de engrandecerem a sua gloria é tal que a unica differença entre elles a este respeito consiste em se lhe apresentarem mais ou menos occasiões para mostrarem o seu valor e patriotismo. Cada tentativa feita contra o inimigo, ou emprehendida por este, dá novas occasiões a s. ex.ª para louvar a valente conducta dos corpos e dos individuos. S. ex.ª não sómente faz justiça aos corpos empregados no assalto e tomada de S. Sebastião no dia 31 do mez passado, assegurando-lhes a sua perfeita satisfação e admiração pela conducta que tiveram, da qual s. ex.ª foi testemunha. Os soldados portuguezes não só patentearam então o seu ardente desejo,

mas tambem a capacidade de rivalisarem na conducta com os seus camaradas e alliados do exercito britannico. A terceira brigada de infanteria portugueza merece os elogios do sr. marechal: e roga s. ex.ª ao sr. marechal de campo Frederico Sprye, que assegure da sua approvação ao sr. coronel Luiz do Rego Barreto, do regimento n.º 15, ao sr. coronel Mac Creagh, do regimento n.º 3 (á conducta dos quaes srs. coroneis fazem os maiores elogios os srs. generaes, debaixo de cujas ordens elles operaram), e aos officiaes, officiaes inferiores e soldados d'estes dois regimentos da brigada pelo seu comportamento tão honroso para a patria.

«S. ex.ª não póde deixar de particularisar a conducta de todo o destacamento da decima brigada de infanteria portugueza, commandada pelo sr. coronel Mac Bean, e a do major Kennet Snodgrass, que merecem o mais alto elogio. Nunca se mostrou valor mais determinado, e ao mesmo tempo que melhor se regulasse do que o do referido destacamento: foi admirado por todos! O sr. Mac Bean aceitará e dará ao major Kennet Snodgrass, aos officiaes, officiaes inferiores e soldados a segurança da admiração e os agradecimentos de s. ex.ª Deseja s. ex.ª que o batalhão de caçadores n.º 8 da terceira brigada de infanteria e o destacamento do batalhão de caçadores n.º 5 da decima brigada, recebam a certeza da sua plena approvação. S. ex.ª ficou particularmente satisfeito da ordem e regularidade com que o batalhão de caçadores n.º 8, debaixo do commando do tenente coronel Dudley Saint Leger Hill, se reunia e se conservava prompto, depois da tomada da praça. S. ex.ª tem rasão para estar contente pelo mesmo motivo com os mais corpos que entraram no assalto. S. ex.ª não póde deixar de admirar os sentimentos, que animaram os destacamentos da nona brigada de infanteria, e dos corpos portuguezes da divisão ligeira, que se offereceram para irem voluntariamente ao assalto: s. ex.ª presenceou que a sua conducta no mesmo assalto foi tal, qual se poderia esperar de quem se offereceu para elle por altos estimulos de honra. No mesmo dia teve a nona brigada occasião de mostrar ao inimigo que era d'aquelles

mesmos soldados que o venceram nos campos de Vittoria e Pamplona, e o batalhão de caçadores n.º 3 de sustentar junto de Vera a sua antiga reputação contra o inimigo. A conducta da setima brigada no seu ataque de noite contra o campo inimigo nas abas do *porto da Maya* merece os elogios de s. ex.ª, e o sr. coronel João Douglas os receberá para si, e os dará aos officiaes, officiaes inferiores e soldados da brigada. O sr. marechal de campo Carlos Frederico Lecor fará saber á sexta brigada, que commanda, a satisfação de s. ex.ª pelo comportamento que ella teve, e lhe dará os agradecimentos de s. ex.ª A conducta do exercito portuguez satisfez plenamente a s. ex.ª, que não faltará a informar d'ella sua alteza real: e s. ex.ª passa a preencher as vistas e desejos paternaes de sua alteza real, recompensando parte dos que se distinguiram, postoque todos mereçam louvores e agradecimentos». Taes foram as primeiras estreias do exercito luso-britannico ao chegar ás abas dos Pyrenéos em 1813.

CAPITULO II

Tomada que foi a praça de S. Sebastião, lord Wellington mandou que a ala esquerda do seu exercito passasse o Bidassoa, operação a que se seguiu a entrega da praça de Pamplona, e as batalhas das passagens dos rios Nivelle e Nive, sendo aquella ganha pelos alliados a 10 de novembro de 1813, e esta a 13 de dezembro do mesmo anno, de que resultou ter o marechal Soult de ir tomar posição na margem direita do rio Adour, distinguindo-se sobremaneira em todas estas operações o exercito portuguez, fechando-se assim a campanha de 1813.

Da tentativa feita pelo marechal Soult para soccorrer Pamplona nada mais tinha conseguido do que interromper o cerco de S. Sebastião, começado desde os fins de junho; mas a não ser isto, similhante tentativa para nada mais serviu do que para mostrar a superioridade do exercito alliado sobre o francez. Não esperando forçar as posições de lord Wellington, propoz elle a Suchet vir este com a totalidade das suas forças sobre Saragoça, ou pelo menos sobre Isuela, para abrir por Jacca as suas communicações com elle Soult, e caírem ambos elles, depois de juntos, sobre a ala direita dos alliados. Suchet porém, exagerando as forças de lord Wellington, e diminuindo arteiramente as suas, não conveio no plano de Soult, o qual, tomando em boa fé as allegações do duque de Albufeira, um outro lhe propoz em substituição ao primeiro, tal era o de se juntar aos exercitos do Aragão e Catalunha da parte de cá dos Pyrenéos, em Tarbes e Pau, para depois de reunido, marchar com elles por Oleron e Jacca sobre a Navarra, e por este modo ir postar-se na frente de lord

Wellington. Suchet rejeitou novamente este segundo plano, substituindo-o por um outro seu, sem que de tudo isto nada por fim resultasse. N'estes termos Soult resolveu-se a operar sobre si, recorrendo a um movimento offensivo em favor de S. Sebastião. Com este intento dirigiu no dia 30 de agosto duas fortes columnas sobre o Bidassoa, procurando surprehender com ellas a altura de S. Marcial, por meio da qual lord Wellington cobria o sitio d'aquella praça. A apossar-se da referida altura, Soult projectava constitui-la em cabeça de ponte, e em ponto de apoio para as suas ulteriores operações. D. Manuel Freyre a occupava com tres divisões hespanholas, achando-se á direita d'ella a quarta divisão ingleza, e por traz da ala esquerda a primeira divisão. Algumas obras de campanha se tinham feito n'esta posição, constituindo-a n'um campo entrincheirado de solida e facil defeza. A sua frente e a sua esquerda eram cobertas pelo Bidassoa[1], e a sua direita protegida pela altura de Pena de Haya e aldeia de Santo Antonio. Ao romper do dia 31 de agosto Reille, passando a vau o Bidassoa, começou o seu ataque contra S. Marcial, ao passo que Clausel se dirigia com 20:000 homens aos vaus, que estão por baixo das salinas, tentativa que as tropas de Freyre repelliram, sem soccorro algum das tropas inglezas[2]; mas Reille retirou-se ao abrigo da obscuridade, que uma grande tempestade espalhára. Clausel, mais feliz pela sua parte no principio da sua empreza, levou adiante de si a brigada ingleza da setima divisão, que lord Wellington tinha feito marchar de Echallar para reforçar a sua direita; mas sabendo o mesmo Clausel do mallogro de Reille, e vendo a brigada de Inglis, sustentada pela quarta divisão de Dalhousie, fazer-lhe frente n'uma forte posição, houve por bem retirar-se igual-

[1] Veja á estampa n.º 32.

[2] Segundo o conde de Toreno, os hespanhoes perderam n'esta repulsa 1:658 homens, entre mortos e feridos, sendo a perda dos francezes ainda mais sensivel, pois, segundo Lapene, Soult perdeu n'esta nova expedição 2:157 homens, no numero dos quaes entraram os generaes Vander Maesen e Lamartiniere. Pellot avalia a perda dos francezes no dia 31 em 3:800 homens, o que parece exagerado.

mente. A retirada de Reille e Clausel, a par da noticia da quéda de S. Sebastião e do movimento que lord Wellington mandava fazer ao general Hill sobre S. João-de-Pé-de-Porto, para desconcertar o plano do marechal Soult, e espalhar o incerto nas suas operações, fizeram com que definitivamente se ultimasse a retirada dos francezes, levando o mesmo Soult a desistir desde então de movimentos offensivos.

Depois da rendição da praça de S. Sebastião quasi se podia dizer que as provincias do norte da Hespanha se achavam inteiramente livres do dominio francez, porque Pamplona e Santoña, posto que lhe estivessem ainda sujeitas, parecia, ao menos á primeira vista, não poderem causar embaraço ao ulterior progresso das operações de lord Wellington. A rendição da praça de S. Sebastião tinha-lhe dado um bom porto, e portanto uma boa base para as suas ditas operações, onde podiam ser recolhidos os fornecimentos e munições que de Inglaterra tinham de ser remettidos para o exercito, de que resultava dar aquelle porto muito mais valor á posse do de Passagens como logar de deposito. Além d'estas vantagens, aquella rendição dava-lhe tambem uma outra de não pequena monta, tal como a de poder livremente dispor para as suas futuras operações do consideravel corpo de tropas, que até então tinha sido empregado no sitio da dita praça de S. Sebastião, cousa para lord Wellington tanto mais importante, quanto que os movimentos do marechal Soult, postoque feitos no sentido da defensiva, receiando-se de algum ataque no valle do Nive, eram tidos pelo mesmo Wellington como destinados á offensiva. Todavia isto não o embaraçou de se dedicar seriamente ao plano da sua invasão na França; mas esta operação, que talvez muitos olhassem como facil no meio das circumstancias de então, ainda estava sujeita a serias contrariedades, podendo até ser tida como temeraria, porque não obstante o bom aspecto com que se apresentava a guerra das potencias do norte contra a França, nada era mais facil do que poder Napoleão desbaratar-lhes n'uma grande batalha os respectivos exercitos, transtornar por meio d'ella completamente a alliança dos soberanos, que

similhante guerra tinham emprehendido, acobardando-os n'ella por similhante motivo, e depois d'este successo reforçar as tropas do marechal Soult, habilita-lo a repellir para além do Ebro o exercito luso-britannico, e por este modo dar uma nova face de prosperidade e fortuna ao exercito francez na Hespanha, onde elle ainda tinha por si, além das citadas praças de Pamplona e Santoña, as de Jacca, Venasque, Monzon, Praga, Lerida, Mequinenza, Figueras, Gerona, Ostalrich, Barcelona, Tortosa, Morella, Peniscola, Sagunto e Denia, podendo portanto dizer-se que o Aragão, a Catalunha, e uma parte de Valencia ainda eram suas.

Alem do exposto acrescia tambem que o paiz alem do Bidassoa era pouco fertil, e portanto improprio para alimentar o exercito, ao passo que lhe era muito difficil evitar que os soldados hespanhoes fizessem depredações no territorio francez, onde era da intenção d'elle Wellington evita-las quanto em si coubesse. Por outro lado o marechal Soult achava-se n'uma forte posição, dispunha ainda d'um numeroso exercito, e o seu campo fortificado punha-o a coberto de qualquer ataque serio, ao mesmo tempo que Bayonna e S. João-de-Pé-de-Porto se achavam situadas por modo tal, que embaraçavam toda a invasão, que se quizesse fazer antes de se bloquear, ou tomar alguma d'estas praças, ou ambas ellas, operação quasi impossivel, ou pelo menos de mui difficil execução na má estação que então corria. Para bem se fazer idéa das difficuldades que se tiveram a vencer nas subsequentes operações convem lembrar, que as posições do exercito luso-britannico eram quasi as mesmas que já foram mencionadas. Os seus differentes corpos estendiam-se desde a embocadura do Bidassoa até aos Aldudes, onde a extremidade da linha era formada pelos guerrilhas hespanhoes de D. Francisco Espoz y Mina, uma parte dos quaes bloqueiava o castello de Jacca, emquanto que a outra ameaçava S. João-de-Pé-de-Porto, e o valle de Baigorry. Apenas o general Graham se desembaraçou do sitio de S. Sebastião, marchou de lá a estabelecer-se no reverso mais forte do monte Haya, cobrindo o valle, formado por elle com o Jaizquivel. Entre es-

tes dois montes construiram-se algumas obras com apparencia de segunda linha para reforçar a primeira, as quaes se estendiam sobre as margens do Bidassoa por diante d'estas escarpadas alturas. Lord Wellington continuava a ter o seu quartel general em Lesaca. O de Soult achava-se em S. João da Luz. O seu exercito havia-se engrossado com cousa de 30:000 recrutas, fornecidas pelo meio dia da França. Alem do particular cuidado com que tratou da organisação das suas tropas, punindo a menor falta dos seus soldados com inflexivel severidade, havia igualmente fortificado as obras da sua primeira linha, e levantado outras defezas para tornar mais difficil o ataque que contra elle se dirigisse.

Estava-se no principio do mez de outubro de 1813, quando lord Wellington se decidiu a começar com a execução do seu plano de invasão no territorio francez, resolvendo mover para este fim a sua ala esquerda, que destinou á passagem do Bidassoa, resolução a que foi levado mais pelas exigencias dos soberanos do norte do que por vontade propria, pois ficandolhe pela retaguarda a Catalunha, o Aragão, e parte do reino de Valencia ainda em poder do inimigo, similhante resolução tinha seu risco. Aos 5 do referido mez lord Wellington distribuiu aos principaes chefes seus subordinados uma instrucção para o ataque, cujos preparativos começaram a ter logar na noite de 6 para 7, que foi tempestuosa, com chuva, relampagos e trovões, mas que por isto mesmo se tornou favoravel á empreza. Achára-se impossivel fazer movimento algum até ás sete horas da manhã de 7, por ser necessario esperar o baixa-mar, a fim de se poderem passar os vaus, designados n'aquelle rio para a passagem das tropas. Um foguete, despedido da torre de Fuenterrabia, devia servir de signal ás tropas luso-britannicas, e ás hespanholas uma bandeira branca, posta em S. Marcial, ou na sua falta tres grandes fogos de alegria. Conveiu-se em que o movimento teria logar em toda a linha ao mesmo tempo, e que os alliados passariam todos juntamente o Bidassoa, cuja margem direita marca o limite da Hespanha. Dado o signal, as divisões inglezas primeira e quinta (fazendo parte d'esta a terceira brigada

portugueza de 3 e 15 de infanteria com caçadores n.º 8), e a brigada do commando do brigadeiro João Wilson, (ou a de 1 e 16 de infanteria portugueza com caçadores n.º 4), fazendo em todo de 15:000 homens, pozeram-se em movimento pela esquerda do exercito alliado, divididas em quatro columnas, indo passar o rio por tres differentes vaus em face de Fuenterrabia, e por um outro que estava perto da antiga ponte de Behobi, onde se devia immediatamente lançar uma ponte de barcos. A passagem effeituou-se com o maior denodo e bizarria, e apenas as tropas luso-britannicas passaram o rio, e tocaram as terras de França, com furor se lançaram aos entrincheiramentos inimigos das immediações de Andaya, e particularmente aos que ficavam pela parte superior d'este ponto, ou desde Andaya até á chamada collina de Luiz XIV, entrincheiramentos de que bravamente se assenhorearam, tomando ao general Reille oito peças de artilheria nos reductos e baterias, alem de lhe fazerem perder 400 homens, avaliando-se a perda dos alliados em 600. Pela sua parte o tenente general D. Manuel Freyre ordenou que uma porção do quarto exercito hespanhol, que estava debaixo do seu immediato commando, passasse o rio em tres columnas pelos vaus da parte de cima do local onde o passaram as tropas luso-britannicas, cujas columnas se compunham das brigadas de varios generaes. A missão dos hespanhoes era tomarem a Montanha Verde, Biriata, Bildox, e a altura de Mandale, para por este modo envolverem a esquerda dos francezes, empreza que elles hespanhoes pela sua parte executaram com feliz successo, apprehendendo tambem uma peça de artilheria nas obras de que se apossaram.

Ao tempo que isto se passava na esquerda, o major general barão Carlos Alten com a sua divisão ligeira atacou os francezes no porto de Vera, ao passo que o marechal de campo hespanhol D. Pedro Agostinho Giron os atacou tambem sobre a direita, dirigindo-se aos entrincheiramentos e pontos que tinham na chamada montanha Rhuna, e sobre os contrafortes do monte *Baionnette* e o *Commissaire*. Este ataque foi secundado por uma brigada ingleza, que na direita

se deitou ao campo inimigo, ali fortemente entrincheirado, carregando-o á bayoneta da mais bizarra maneira, a ponto dos francezes serem arrojados das suas trincheiras, ataque em que muito se distinguiram o primeiro e terceiro batalhão de caçadores portuguezes. Os hespanhoes portaram-se tambem excellentemente, diligenciando quanto possivel lhes foi ganharem o pedregoso cume da montanha onde se achava uma ermida, contra a qual fizeram repetidas tentativas, sempre infructuosas, tornando-se-lhes impossivel subir a ella, vindo a noite pôr termo ao combate. O dia 8 appareceu bastante ennevoado; mas logoque permittiu poder-se reconhecer a disputada montanha, assim se executou. Para este fim ordenou lord Wellington que se concentrasse o exercito de reserva da Andaluzia, e apenas chegaram as tropas, foram mandadas tomar o cume da montanha, o que o marechal Giron executou com o batalhão de las *ordines militares*, commandado pelo coronel D. Alexandre Hore. Com igual successo foi dirigido o ataque, destinado a tomar um entrincheiramento, que estava sobre uma altura, que protegia a direita do campo de Sarre, de que resultou abandonarem os inimigos immediatamente todas as suas obras com o fim de defenderem todas as avenidas do mencionado campo. As citadas obras foram portanto occupadas por destacamentos da quarta divisão luso-britannica, vindo para este fim do porto de Echallar. Durante a noite o inimigo retirou-se da ermida de la Rhuna e do acampamento de Sarre. O certo é que quando Soult acudiu de Espelette com uma parte da sua reserva foi só para testemunhar a perda dos seus campos intrincheirados do Bidassoa, não fazendo mais que impedir que a retirada se effeituasse com precipitação e desordem.

Tal foi pois o glorioso fim d'esta empreza, que tão disputada se tornou. A perda dos alliados foi de 579 inglezes, 233 portuguezes e 750 hespanhoes. Desairados como os francezes se achavam, vieram na noite do dia 12 de outubro contra um reducto, situado no campo de Sarre, occupado por um piquete de 40 homens do exercito hespanhol da Andaluzia, reducto de que se apossaram, fazendo prisioneiro o dito des-

tacamento, e mais 100 homens da mesma nação. Animados por este feliz successo, marcharam de novo no dia 13 a atacar tambem os postos avançados de D. Pedro Agostinho Giron, tendo por fim recuperar as obras que tinham perdido, o que não conseguiram. Lord Wellington provou n'estes dois dias de 7 e 8 de outubro ser dotado de uma grande habilidade e ousadia. Os seus movimentos combinou-os por maneira tal, que surprehendeu o inimigo, impossibilitado como se viu de lhe resistir sobre qualquer dos pontos atacados. Nem Reille, nem Clausel poderam fazer a tempo uso algum das suas reservas[1]! Esta passagem do Bidassoa era em si mesma uma operação delicada e perigosa. Grandes seriam as difficuldades que lord Wellington teria n'ella contra si, se o marechal

[1] As *Victorias e Conquistas* dizem a este respeito: «Os acontecimentos do dia 8 de outubro deram logar a diversos commentarios sobre um ataque, feito tanto a proposito, e no momento em que o general em chefe estava cinco leguas distante dos postos atacados, e onde os corpos que os defendiam, e guardavam a passagem do Bidassoa, não podiam deixar de ser surprehendidos, achando-se as espingardas desmanchadas nas mãos dos soldados, que se preparavam para uma revista. A maneira sobrenatural por que lord Wellington tinha sido servido pelos seus emissarios devia ser com effeito um objecto de grande assombro para todo o exercito».

Tudo isto poderá ser assim, dizemos nós; mas parece-nos que mais assombroso é ainda que succedesse similhante cousa ao marechal Soult, depois do que já em 1809 lhe havia succedido com o mesmo lord Wellington, quando este general effeituou a sua passagem do Douro. O que isto prova é que a lição que então levou para nada lhe serviu. Tanto no Douro como no Bidassoa Soult foi completamente enganado pelas imprevistas manobras e inalteravel sangue frio do seu adversario. Debaixo de certos pontos de vista a passagem do Bidassoa era ainda mais difficil do que o tinha sido a do Douro. E todavia lord Wellington o atravessou mesmo junto da sua foz, ou onde o marechal Soult o não esperava, não obstante as fortificações que para obstar a isto tinha feito! Até este tempo nenhuma invasão no meio dia da França tinha tido por si bom resultado: o mesmo Carlos V falhou n'uma empreza d'estas. Mr. Affonso de Beauchamp diz no tom. II pag. 6 da sua obra, que lord Wellington recebêra de quasi todos os paizes da Europa cartas de exhortação e de grandes sustos por causa d'esta sua operação, apresentando-lhe n'ellas fortes argumentos para o desviar de penetrar no solo da França.

Soult tivesse podido reunir a maior parte das suas forças. No caso de desastre, a enchente da maré, vindo duas horas depois, levantaria tambem na sua retaguarda um invencivel obstaculo para a sua retirada, ao passo que na sua frente teria a lutar rijamente com os seus adversarios.

Pelo que fica dito vê-se que foi o exercito luso-britannico o primeiro dos exercitos da Europa, que como vencedor teve a gloria de pisar o territorio francez, olhado até então como sagrado e impenetravel á invasão das tropas estrangeiras. Em circumstancias taes era muito difficil evitar os excessos, que podia haver da parte dos soldados, para com os habitantes do paiz, e *vice-versa*. A este fim se applicou pois lord Wellington com o maior empenho possivel, e o conseguiu, já mandando para Inglaterra como prisioneiros os paizanos francezes, que apanhou fazendo fogo contra os seus soldados, já castigando severamente os inglezes, que transgrediram as suas ordens, rompendo em excessos por elle condemnados, e já finalmente mandando enforcar alguns dos hespanhoes, que os prebostes inglezes apanharam roubando, sendo muito notavel que só os portuguezes (cujos excessos achariam muita desculpa nos estragos e calamidades de toda a ordem, que os francezes praticaram em Portugal), fossem os unicos que pela sua conducta exemplar não dessem sobre este ponto desgosto algum a lord Wellington. Foi assim que este general pôde estabelecer-se com firmeza nas suas vantajosas posições d'alem dos Pyrenéos, ou do proprio solo francez, tendo para este fim lançado tres pontes sobre o Bidassoa. Conseguido isto, parou com o progresso das suas operações em França, emquanto não tivesse logar a rendição de Pamplona. Esta cidade, antiga capital do reino da Navarra, com uma população de 15:000 habitantes por aquelle tempo, é banhada pelo Arga, e cercada por fortificações regulares, que protegem uma cidadella elevada, situada quasi ao sul, tendo a figura de um pentagono. Foi no reinado de D. Filippe II que ella se começou a construir; mas a sua fortificação foi successivamente executada pelos planos e trabalhos d'este genero, levantados em diversas partes da

Europa pelo illustrado e competentissimo Vauban. Lord Wellington resolvêra tomar esta praça por bloqueio. Era governador d'ella o general Cassan, e general das forças bloqueantes D. Carlos de Hespanha, como atrás já vimos. Emquanto os sitiados tiveram esperanças de que Soult os soccorreria, resignados supportaram os males do bloqueio, contra o qual fizeram algumas sortidas, sempre inefficazes para o obrigarem a levantar, postoque n'uma d'ellas, a feita no dia 26 de julho, estivessem muito perto de o conseguir.

No mez de setembro começaram os sitiados a sentir fortemente a escassez de alimentos, principiando a comer os ratos e outros animaes nojentos. Homens houve que procurando fóra das muralhas hervas para se nutrirem, serviram-se da cicuta por engano, morrendo depois envenenados por ella. N'esta triste situação Cassan resolveu fazer no dia 10 de outubro uma sortida geral, nas vistas de atravessar o bloqueio, sortida que effectivamente fez, mas sem nenhum resultado. Á fome sobreveiu o escorbuto de que um milheiro de homens foi atacado, havendo tambem oitocentos feridos: o numero dos mortos por doença e ferimentos andava na mesma occasião, que era em fins de outubro, para mais de 400, havendo as deserções chegado já a 120 homens. A 26 do dito mez Cassan offereceu entregar-se com a condição de o deixarem ir para França, e ás suas tropas, com seis peças de artilheria, o que lhe foi denegado; mesmo quanto á primeira proposição acrescentou a condição de não servir por anno e dia. Rota assim a negociação, o mesmo Cassan fez correr que arrasaria inteiramente Pamplona, e com armas na mão abriria caminho para França, corresse por onde corresse. Em represalia a isto lhe fez saber D. Carlos de Hespanha, que se tal cousa acontecesse, tinha ordem de lord Wellington para mandar fuzilar, ou passar a fio da espada não só a elle general e a todo o corpo d'estado maior e officiaes que lhe caíssem nas mãos, mas até os soldados dizimados da guarnição. A fome, subindo cada vez a mais de ponto, acabou com estas contestações, levando o general francez a capitular no dia 31 de outubro, depois de um bloqueio de qua-

tro mezes, ficando elle e a guarnição reduzida a 600 homens prisioneiros de guerra. Os hespanhoes tomaram immediatamente posse da praça, cujas fortificações tinham ficado intactas. Restaurada assim Pamplona, todas as provincias do norte da Hespanha se consideraram desde então livres, não restando em poder dos francezes mais do que Santoña, cujo bloqueio, feito pelos hespanhoes, continuou energicamente pela sua parte.

A gloria das armas continuava portanto a dar ás tropas portuguezas a certeza de que a libertação da patria se completaria de um modo seguro e duradouro pela humilhação da França, cujo territorio começavam já a pizar triumphantes. Estas idéas as electrisavam, e não menos a vista dos acampamentos, das bandeiras e estandartes, que por elles se viam fluctuantes, a dos valles cobertos de arvoredo e de verdura, a alvura e brilhantismo da neve, que nos elevados picos dos Pyrenéos se descobria. Tudo isto, reunido ao rufar das caixas, que de quando em quando se ouvia, misturado nas alvoradas, e outras mais horas do dia, com o toque dos clarins e das cornetas, fazia com que os dias se passassem agradavelmente nas risonhas e vicejantes margens dos rios Bidassoa e Nivelle. O quartel general de lord Wellington passára de Lesaca para Vera, e o seu exercito fôra por elle distribuido em tres grandes divisões: a da direita, comprehendendo a segunda divisão e a quinta, de que faziam parte a quinta e terceira das brigadas portuguezas, bem como a divisão puramente portugueza, já então commandada pelo tenente general sir John Hamilton, e os batalhões de Espoz y Mina e de D. Pablo Morillo, era commandada por sir Rowland Hill, estendendo-se desde o valle de Bastan até Roncesvalles. A do centro, occupando o *porto da Maya*, o monte Echallar, o de Rhuna e o da Bayonnetta, foi posta debaixo das ordens do marechal Beresford. A da esquerda, que occupava o terreno desde o monte Mandale até ao mar, era commandada pelo tenente general sir John Hope. Este official substituíra no exercito o general Graham, que se retirára para Inglaterra.

Hope commandára na Corunha o exercito inglez, depois da

morte de sir John Moore, e sendo superior em antiguidade a lord Wellington durante os primeiros tempos da guerra da peninsula, depois da promoção d'este a feld-marechal teve a abnegação patriotica de offerecer os seus serviços para como segundo ser empregado na dita guerra. Lord Wellington aceitou com prazer o seu offerecimento, merecendo-lhe o conceito de ser o official general mais capaz de todo o seu exercito. Em consequencia d'isto o governo inglez reclamou e obteve do governo portuguez que o mesmo sir John Hope passasse igualmente a ser considerado como marechal general do exercito portuguez, logoque por qualquer circumstancia passasse a commandar o exercito inglez na peninsula em substituição a lord Wellington. As posições da ala direita e do centro dos alliados eram offensivas e ameaçadoras para o exercito francez; mas a da ala esquerda eram apenas defensivas, com o inconveniente de terem por trás de si o Bidassoa, que nas marés altas se não podia atravessar abaixo da ponte, situada na estrada que vem de Irun; todavia os cumes das alturas tomadas ao inimigo, offereciam boas posições defensivas. Na margem direita do rio assestou-se uma poderosa artilheria, recorrendo-se tambem a todos aquelles meios, que podiam facilitar a sua passagem, quando as tropas por qualquer motivo se vissem obrigadas a atravessa-lo no caso de retirada. A frente da posição estendia-se ao longo das alturas, chamadas *Croix-des-Bouquets,* tendo adiante de si *Urogne,* e o campo dos *Sans-Culottes*[1]. A reserva estava posta no campo entrincheirado acima de Andaya, apoiando-se a direita da linha sobre Mandale, de cuja montanha e da da Bayonnetta os alliados podiam caír sobre o flanco das forças que os atacassem.

As intenções do marechal Soult eram manter-se na defensiva, porque emfim, tendo perdido muitos milhares de soldados nos precedentes combates, o numero dos que lhe restavam não excedia a 79:000 homens no campo, comprehendendo os officiaes e tropas da artilheria. As guarnições

[1] Veja a estampa n.º 32.

absorviam-lhe pouco mais ou menos 13:000 homens, de que lhe resultava não ter no campo mais de 66:000 homens, numero muito inferior ao dos alliados, que se elevava acima de 100:000 homens, dos quaes eram inglezes 43:109, portuguezes 25:527, excluindo a arma da artilheria, computada em 4:000 homens com 95 peças. O que portanto ía do total d'estas addições, sommando 72:636 homens, até perfazer os ditos 100:000 homens era preenchido pelas tropas hespanholas. Á vista pois d'isto Soult não podia fazer mais que conservar-se na defensiva, como já dissemos. A perda do baixo Bidassoa era, quanto ás vistas politicas, um acontecimento desastroso, pelo desalento que introduziu no moral do povo francez; mas debaixo do ponto de vista militar quasi se podia reputar para Soult uma vantagem, pelo livrar da difficultosa defeza da linha de montanhas, que bordam aquelle rio. Mais concentrada portanto como se achava a sua posição, mais facil lhe era tambem a sua defeza. Comprehendia ella tódos os logares fortes, que estão sobre as margens do Nivelle, cujas aguas se derramam nas do mar, junto de S. João da Luz. A direita do exercito francez apoiava-se em face d'esta cidade, e á esquerda da ribeira sobre uma eminencia, que se denomina Socoa, pequeno porto que está na sua embocadura. Ali tinha o inimigo construido em volta de uma ermida um reducto, cujas obras de defeza se uniam por entrincheiramentos e abatizes de arvores á aldeia Urogne. As immediações, que cobriam Ciboure em S. João da Luz, protegiam alem d'isso estas posições.

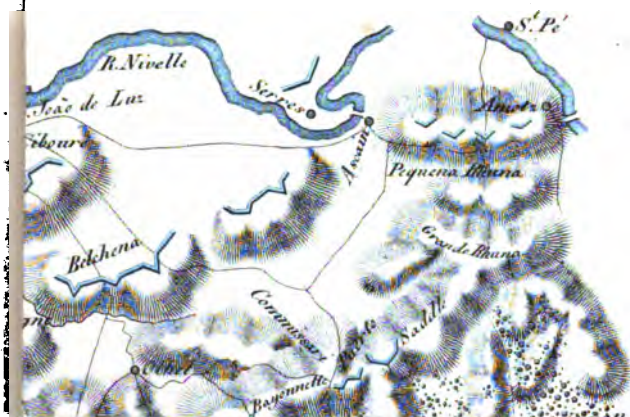
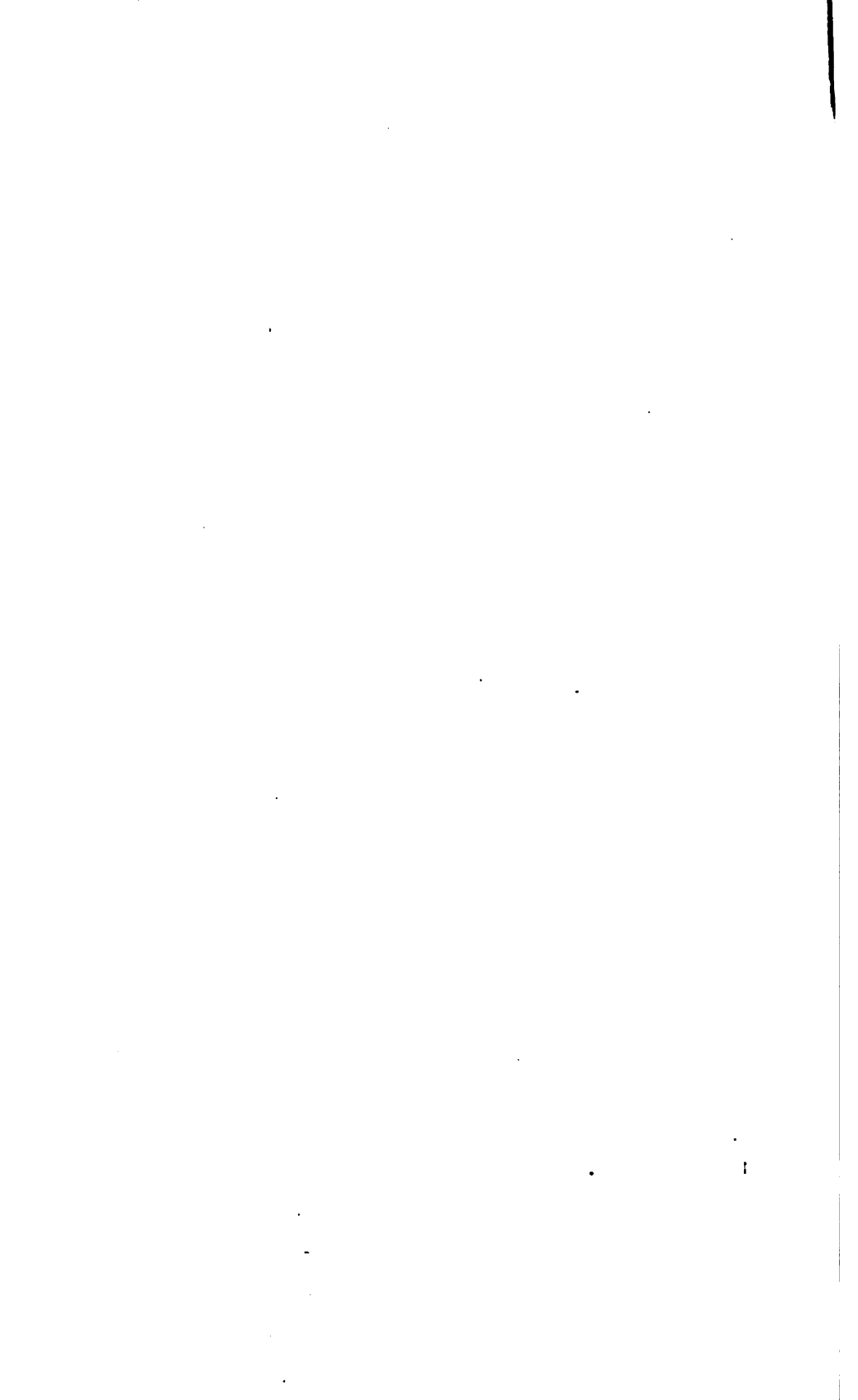
O centro do referido exercito achava-se estabelecido nas alturas, que estão por trás da aldeia de Sarre[1], bem como sobre aquella que se chama pequena Rhuna, a qual (bem que dominada por uma outra, chamada grande Rhuna, de que os hespanhoes se tinham assenhoreado, achando-se esta separada d'aquella por um estreito valle), era todavia bastantemente alta para dominar os campos do paiz circumvizinho. Finalmente a esquerda, posta sobre a direita do

[1] Veja a estampa n.º 33.

Nivelle, era apoiada e até mesmo estabelecida sobre um outeiro, que se acha por trás da aldeia de Ainhoüé, assim como sobre a montanha de Mondarin, cuja approximação defende por este lado. A posição inteira descrevia portanto uma especie de semi-circulo desde Urogne até Espelette e Cambo, cuja parte convexa ficava para a banda dos alliados, e a concava para a dos francezes, cujo centro era em Sarre, que era a parte mais saliente do citado semi-circulo. Toda a frente da posição era em geral coberta por tres linhas de reductos e de entrincheiramentos, que por degraus se iam successivamente levantando de encosta sobre encosta. O inimigo conservava em S. João-de-Pé-de-Porto algumas tropas, empregadas na defeza d'esta praça, e em observar o general Mina, assim como os outros corpos do exercito alliado[1]. Esta linha, de uma extensão de quatro leguas, coroava portanto uma serie de alturas, que no seu declive offereciam uma rampa quasi a prumo, que muito concorria para a sua defeza. Todo o terreno que na margem direita do Nivelle estava em poder do inimigo, e que podia ser accessivel, achava-se convenientemente defendido, não só quanto ao pessoal que o guarnecia, mas tambem quanto á sua parte material. Ligavam-se os melhores e mais fortes reductos pelos mais bem acabados abarracamentos de mato coberto, tendo nas

[1] Soult, depois da passagem do Bidassoa, feita pelos alliados, empregou todo o seu exercito em fazer e completar as obras do seu campo entrincheirado de S. João-de-Pé-de-Porto, e em fortificar as proximidades de S. João da Luz, bem como todos os pontos que julgou susceptiveis de ataque, a partir desde o mar e o Nive, tendo para este fim requisitado todos os operarios e materiaes que havia no paiz. Fiel imitador do que lord Wellington tinha feito nas linhas de Torres Vedras, Soult compoz tambem o seu campo de tres linhas, a primeira acabou-se em 20 de outubro, a segunda achava-se incompleta, e a terceira tinha apenas começado, quando teve logar o ataque dos alliados. A primeira linha ia desde Urogne até ao monte Daren, a segunda desde S. João da Luz até Cambo, e a terceira levantava-se perto de Abacen-Borda, por trás de Saint-Pé sobre o caminho de Ustaritz. A segunda linha comprehendia os campos de Espelette e de Sourante, as obras da altura de Sarre e o campo de Serres.

Esta. XXXII.

R. Nivelle
S.t Pé
Serres
Ascain
Amotz
Pequena Rhuna
Grande Rhuna
Belchena
Commissari
Sadd
Bayonnette

superficies das gargantas das montanhas terrenos aplanados, occupados com cabides de armamentos por companhias em columna aberta com distancias inteiras, e cabides feitos de troncos de arvores. Soult com toda a rasão se ufanava dos seus meios de defeza, julgando-os intomaveis n'um paiz em que eram inuteis os numerosos parques de artilheria dos alliados, bem como as massas da sua cavallaria.

Lord Wellington não se amedrontou em ver o seu adversario tão bem fortificado como se achava, e se mais cedo não foi sobre elle deveu-se isto ás pesadas chuvas, que por aquelles dias caíram. Mas desde que melhorou o tempo, o mesmo Wellington resolveu-se ao ataque do seu adversario, nas vistas de se estabelecer para além do Nivelle. Sendo o centro da linha inimiga reputado como o ponto de maior vantagem para o referido ataque, foi elle o que mais particularmente lhe attrahiu as suas vistas, poisque as columnas que por elle penetrassem separariam uma da outra as duas alas do exercito francez, fazendo-lhe abandonar desde logo pela esquerda dos alliados S. João da Luz, e pela direita dos mesmos alliados as posições por traz de Ainhoüé, dando-se mais com isto a seguinte circumstancia, tal como a de que a posição de Sarre apresentava um grande intervallo, ou abertura de mais de meia legua entre a altura de Rhuna e a ponte de Amotz, sobre o Nivelle, offerecendo assim aos atacantes uma entrada facil para penetrarem em França e tomarem a linha dos Pyrenéos. Dois reductos, chamados de Santa Barbara e de Grenada, defendiam esta passagem. Similhante circumstancia não podia escapar á grande penetração de lord Wellington, pensando que, a apoderar-se de Sarre, facil lhe seria marchar por Amotz e Saint-Pé directamente a Bayonna, dividindo por este modo o exercito francez em duas partes, obrigado como se via a operar sobre uma frente de cinco leguas de extensão, que tamanha era a sua linha desde Urogne até Cambo, linha aliás desproporcionalmente grande para a força que a defendia, um dos males que Soult tinha contra si. Taes foram pois os motivos por que apenas lord Wellington passou o Bidassoa começou logo a abrir um caminho

praticavel para que a artilheria podesse seguir por elle até Sarre, o que não poderia deixar de pôr em sobresalto a ala direita dos francezes, e torneada que fosse esta mesma ala, forçando-lhes o centro e a esquerda, avançaria depois para a frente com toda a probabilidade de bom exito, indo ao longo do Nivelle até Saint-Pé. Por conseguinte sobre o dito ponto de Sarre entendeu lord Wellington dever de preferencia dirigir o seu ataque, para o qual as tropas se pozeram effectivamente em movimento na noite de 9 para 10 de dezembro, noite que tão bella e excellente se achava, quanto o podia ser no fim da estação do outono n'aquelles tão frios e asperos logares.

Dividindo pois o seu exercito em tres columnas, deu o commando da ala direita ao tenente general sir Rowland Hill, computada em 24:000 para 26:000 homens, compondo-se de quatro batalhões do guerrilheiro Mina, postados sobre o monte Gorospil, fronteiro aos rochedos de Mondarin, dos hespanhoes de Morillo, bem como da segunda e da sexta divisão luso-britannica, commandadas pelos tenentes generaes sir Guilherme Stewart e sir Henrique Clinton, da divisão portugueza do commando do tenente general sir John Hamilton, de uma brigada de cavallaria do coronel Grant, e de uma brigada de artilheria portugueza do commando do tenente coronel Tulloh. Hill, deixando os hespanhoes de Mina no dito monte Gorospil, devia pôr-se em marcha durante a noite pelos desfiladeiros de *porto da Maya;* os hespanhoes de Morillo deviam ameaçar as posições dos francezes sobre os montes Choupera e Atchuleguy; a segunda divisão devia marchar contra Ainhoüé e Urdax; a sexta e os portuguezes de Hamilton foram destinados ao ataque das obras, que cobriam a ponte de Amotz, tanto pela margem direita, como pela esquerda do Nivelle, segundo as circumstancias occorrentes. Por este modo 24:000 a 26:000 homens podiam e deviam obrar de concerto contra as posições do conde d'Erlon. A segunda columna dos alliados era a do centro, cujo commando se confiou ao marechal Beresford: compunha-se ella da terceira divisão luso-britannica, do commando do ge-

neral Colville; da setima, do commando do marechal de campo do exercito portuguez, Carlos Frederico Lecor; da quarta, do commando do tenente general sir Jorge Lowry Cole, e finalmente dos hespanhoes de Giron, fazendo todas estas tropas um todo de 16:000 homens. A terceira divisão, descendo de Zugaramurdi, devia marchar contra os reductos não acabados e os entrincheiramentos, que cobriam as proximidades da ponte de Amotz, sobre a margem esquerda do Nivelle, torneando assim a direita do conde d'Erlon, ao tempo em que fosse atacada a sua frente pelas tropas de Hill. A setima, postada á esquerda da terceira divisão, saíndo pelo desfiladeiro de Echallar, devia atacar o reducto de Grenada, e atravessando a aldeia de Sarre, acommetter de frente, de concurso com a terceira divisão, a principal posição de Clausel.

Á esquerda da sétima divisão devia postar-se a quarta, reunida nos declives inferiores da grande Rhuna: a sua missão era caír sobre o reducto de Santa Barbara, depois, marchando por Sarre, ir reforçar o ataque da setima contra Clausel. Finalmente á esquerda da quarta divisão os hespanhoes de Giron, reunidos sobre o ponto mais elevado da grande Rhuna, deviam seguir o movimento geral, deixando Sarre á sua direita, ir expulsar o inimigo dos declives da pequena Rhuna, e por fim reunir-se aos outros corpos, para atacar a principal posição de Clausel. Por este modo todas as tropas do general Hill e as de Beresford, postadas as d'este á esquerda das d'aquelle, formavam uma massa de mais de 40:000 homens de infanteria, tendo por fim lançar-se por ambos os lados sobre a ponte de Amotz, entre Clausel e d'Erlon, rompendo-lhes a linha de batalha. Além do exposto acrescia mais que o barão Carlos Alten com a divisão ligeira do seu commando, e os hespanhoes de Longa, fazendo ao todo uns 8:000 homens, deviam atacar igualmente a linha de Clausel pela esquerda de Giron, emquanto que os hespanhoes de D. Manuel Freyre se approximariam da ponte de Ascain com o fim de cortar a estrada por onde poderiam vir os reforços, destinados ao campo de Serres. Finalmente a terceira columna dos alliados, constituindo a sua ala esquerda, foi confiada ao com-

, mando do tenente general sir Jonh Hope, tendo por fim atacar os postos avançados do general Reille, situados adiante dos seus entrincheiramentos sobre o baixo Nivelle, e ganhar em seguida os reductos do Bom-Soccorro e dos *Sans-Culottes*, que cobriam Urogne e S. João da Luz: estas forças de Hope compunham-se da quinta divisão, do commando do tenente general sir James Leith, das guardas hespanholas e allemãs, do regimento n.º 85 da brigada de lord Aylmer, e da primeira divisão, que se achava á direita das precedentes forças.

Da parte dos francezes cada tenente general tinha uma posição especial a defender. A primeira linha tinha sido confiada ás tropas do conde d'Elron, constituindo a ala esquerda do exercito francez. Apoiava-se a esquerda das referidas tropas nos rochedos fortificados de Mondarain, que não podiam ser torneados, ponto de onde se dirigiam depois sobre o Nivelle pela forja de Urdax, ao longo dos montes Chaupera e Atchuleguy. Esta cadeia de montanhas tinha sido fortemente entrincheirada, achando-se occupada pelas brigadas dos generaes Abbé e Darmagnac; a primeira d'estas brigadas tinha por trás de si a estrada para Espellete, e a segunda a aldeia de Ainhoüé. A segunda linha, que formava a posição principal, distanciava-se algumas milhas da primeira; construíra-se sobre uma chapada por trás de Ainhoüé, achando-se occupada pelas outras brigadas das duas divisões. A esquerda d'esta posição não ia além do centro da primeira linha, mas a sua direita, chegando até á ponte de Amotz, desenvolvia-se sobre uma grande extensão, porque o Nivelle, correndo para a parte dos francezes n'uma direcção obliqua, deixava um consideravel espaço, á medida que as suas posições mais se desviavam. Sobre a referida chapada se haviam construido tres reductos, tendo-se começado um quarto perto da ponte.

Sobre a direita da segunda linha do conde d'Erlon, ou para além da ponte de Amotz, seguia-se a posição de Clausel, que se estendia até Ascain, ao longo de uma cadeia de alturas, que se tinham fortificado com muitos reductos, es-

paldas e abatizes. E como o Nivelle, depois de ter passado por Amotz, contorneia estas alturas para se dirigir a Ascain, os dois flancos do general Clausel achavam-se apoiados n'este rio, tendo pela sua direita e esquerda communicações faceis pelas pontes de Ascain e Amotz, ao passo que pela sua retaguarda tinha o seu centro uma retirada facil pelas pontes de Saint-Pé e Harastaguy. Duas divisões de Clausel, reforçadas por uma das do conde d'Erlon, commandada pelo general Conroux, occupavam esta posição, tendo todas estas forças por commandante o general Maransin. Adiante da esquerda do mesmo Clausel achavam-se os já citados reductos de Santa Barbara e Grenada, cobrindo as alturas e a aldeia de Sarre. Adiante da sua direita achava-se a pequena Rhuna, que fôra fortificada, e estava guarnecida por uma brigada da divisão Maransin. Um novo reducto com abatizes se havia tambem começado para cobrir as proximidades da ponte de Amotz. Sobre a direita d'esta linha e além da ponte de Ascain achavam-se a divisão Daricau, pertencente ao corpo de Clausel, e a brigada italiana de Saint-Pol, tirada da reserva de Villatte: a sua estada ali era destinada a guardar o campo entrincheirado de Serres e a ligar a posição de Clausel á de Villatte, o qual occupava uma cadeia de montanhas, que atravessavam os desfiladeiros de Olette e de Jolimont. A ala direita dos francezes, commandada pelo general Reille, achava-se entrincheirada sobre um terreno baixo, e em parte coberto pelas inundações, podendo dizer-se quasi inatacavel. Em S. João-de-Pé-de-Porto achava-se uma divisão commandada pelo general Foy, á qual se tinha juntado uma divisão do exercito de Aragão, debaixo das ordens do general Páris, ao tempo em que a esquerda do exercito alliado passára o Bidassoa. Como já se disse, o fraco da linha geral de Soult era o espaço comprehendido entre a pequena Rhuna e o Nivelle. Similhante espaço, á medida que se approximava da ponte de Amotz, cada vez se apresentava mais coberto e menos fortificado, e como o rio, vadiavel acima d'este ponto, não podia por esta causa demorar o movimento dos alliados, resultava pois que a um corpo de tropas, aindaque consideravel não

fosse, obrando n'esta direcção, não lhe era difficil romper a primeira linha d'Erlon, caír depois sobre a posição principal, entre a direita da segunda linha d'este general e a esquerda de Clausel, e finalmente tornear uma e outra por um mesmo ataque. Similhante circumstancia não podia escapar a lord Wellington.

Taes eram pois as disposições dos exercitos contendores e o plano ideado pelo referido lord para expulsar Soult do Nivelle, sendo o seu fim principal caír com os 40:000 homens de Hill e Beresford sobre o fraco da linha inimiga. Na aprasada noite de 9 para 10 de novembro o general Hill saíu com effeito do *porto da Maya,* para com as suas tropas executar o que tinha a seu cargo. Ao passarem por Urdach, e outras mais povoações, em direcção ao ataque da ala esquerda do inimigo, cada secção se forneceu de tabuões com travessas pregadas em fórma de escada para por meio d'elles descerem aos fossos. O silencio com que as ditas tropas marcharam e o pouco terreno que para a frente se ganhava eram duas cousas que denotavam bem o resguardo com que se pretendia fazer o projectado ataque, e a approximação em que já se estava das linhas do inimigo. Este movimento, conduzido com tanto silencio e cautela, era ao mesmo tempo feito por todas as forças de infanteria dos exercitos alliados. Chegados a certa distancia da linha inimiga todos os corpos do general Hill fizeram alto e se formaram em columnas cerradas, tendo os soldados as armas na mão, postoque deitados por terra, esperando assim pelo romper do dia 10, que era o destinado ao ataque. Ao alvorecer da manhã, ouviu-se proximo ao mar o primeiro tiro de canhão, cujo ribombo era o signal de se começar o ataque. Seguiram-se depois os movimentos das tropas, cujo desenvolvimento só verdadeiramente teve logar pelas oito horas da manhã. O golpe de vista de tantos mil soldados inglezes e portuguezes era admiravel e interessantissimo. As columnas formadas pelas tropas do general Hill pozeram-se desde então em marcha contra as alturas que tinham de atacar, seguindo as direcções menos enfiadas pelo fogo dos reductos inimigos, ao mesmo tempo que

o batalhão portuguez de caçadores n.º 10 desalojava os francezes dos primeiros parapeitos a meia altura da montanha, que estava além do Nivelle, depois de o ter atravessado, abrindo por este modo o passo ás duas brigadas da divisão portugueza do general Hamilton, constituidas em alvo da mais forte canhonada das bombas e granadas que os inimigos, ao descobri-las, quando desciam para o profundo valle d'aquelle rio, contra ellas expediam de uma altura tão precipitada, que parecia perpendicular. As companhias de granadeiros portuguezes das referidas brigadas, subindo na direcção do reducto, assaltado pelo dito batalhão de caçadores n.º 10, com elle pela sua parte rivalisaram de esforços, levando o referido reducto pela gola; seguiu-se a isto o silencio do fogo, e o arremessarem-se os francezes aos fossos e fóra dos parapeitos que defendiam, preferindo isto a renderem-se. Por este modo ganharam os portuguezes a importante ponte de Amotz. Emquanto isto se passava no ataque, dirigido contra a dita ponte pelas tropas de Hill, na direita d'ellas, e nas alturas de S. Marcial, as hespanholas de Morillo e de Mina achavam-se postadas com destino a terem em respeito as divisões de Abbé e de Foy, não obstante ser a sua apparencia por certo bem differente da dos alliados. Mal vestidas e mal sustentadas, aindaque menos mal armadas, pouca esperança davam para o bom exito da empreza que se lhes confiára. Não era a sua falta de valor que se lhes criminava; mas a da sua disciplina, que pouco acima os elevava de simples paizanos armados, sendo a sua officialidade tão inferior, e o seu commissariado tão mal provido, que ainda assim admirava que podessem fazer o que faziam. N'aquelle mesmo periodo da campanha em que se estava, quando a maior parte da Hespanha se achava já livre do pesado jugo francez, a principal subsistencia dos exercitos hespanhoes ainda por então consistia apenas nas massarocas de milho, que os soldados apanhavam nos campos, indo-as depois assar ao fogo[1].

[1] É isto o que se lê no cap. VI de uma obra ingleza sobre a guerra da peninsula, chamada *O Subalterno*.

Dado que foi pelo tiro da artilheria o signal do rompimento do ataque, como já se disse, seguiram-se logo outros, de concurso com os de fuzil, que em toda a extensão da linha dos reductos inimigos começaram a ter logar, descoberta como já de tão perto se achava a sobredita linha. Foi o tenente general sir Lowry Cole o que, á frente da quarta divisão luso-britannica, de que fazia parte a nona brigada portugueza, composta de 11 e 23 de infanteria com caçadores n.º 7, e a par das tropas de Hill, primeiro se deitou ao reducto de Santa Barbara, construido sobre o outeiro, que estava á sua direita na frente de Sarre, onde os francezes fizeram por espaço de uma hora vigorosissima resistencia ao ataque, que contra elles se dirigia, sendo Sarre o ponto mais saliente da sua posição semicircular. No fim d'aquelle espaço de tempo o reducto inimigo foi abandonado, não só pelo receio do movimento que os hespanhoes faziam pela retaguarda, mas tambem pelo da infanteria ingleza, que se dispunha a escala-lo. A mesma cousa succedeu tambem no ataque, dirigido pela setima divisão contra uma obra vizinha. O bom começo da empreza e a chegada de lord Wellington ao reducto já ganho enthusiasmaram sobremaneira as tropas atacantes. A terceira e sexta divisões luso-britannicas, de que faziam parte a oitava e setima brigadas portuguezas, compostas dos regimentos de infanteria n.os 9 e 21 com caçadores n.º 11, e dos regimentos 8 e 12 igualmente de infanteria com caçadores n.º 9, sendo as ditas duas divisões commandadas pelo marechal Beresford, avançaram bravamente sobre a direita do centro inimigo, sendo o ataque d'estas divisões e o da quarta sustentado pelo exercito da reserva da Andaluzia. Foi o commandante d'este mesmo exercito, D. Pedro Agostinho Giron, o que com elle atacou, postado na esquerda da quarta divisão, a descida da pequena Rhuna, e as alturas na retaguarda do povo de Sarre.

O major general barão Carlos Alten, commandante da divisão ligeira, de que fazia parte a brigada portugueza do regimento n.º 17 de infanteria com caçadores n.º 1 e 3, atacou igualmente as posições do inimigo sobre a pequena Rhuna, e

d'ella se assenhoreou, batendo depois a divisão Taupin, na sua principal posição, cooperando assim com a direita do centro dos alliados no ataque das alturas nas costas de Sarre, no que prestou um relevante serviço. Uma brigada de cavallaria, dirigida pelo tenente general sir Stapleton Cotton, seguiu os movimentos do centro. Tres brigadas de artilheria ingleza se achavam com esta parte do exercito, bem como tres peças de montanha com o general Giron, e mais outras tres com o general barão Carlos Alten. O general D. Manuel Freyre marchou com duas columnas desde as alturas de Mandale na direcção de Ascain, tendo por fim aproveitar-se de qualquer movimento, que o inimigo podesse fazer na direita da sua posição em direcção ao seu centro. Por este modo foram repellidos o flanco direito do conde d'Erlon, e o esquerdo de Clausel, ficando assim separados os corpos d'estes dois generaes. O tenente general sir John Hope com a esquerda do exercito luso-britannico obrigou a retirarem-se os postos avançados do general Reille, em frente dos entrincheiramentos do baixo Nivelle, de que resultou apoderar-se do reducto que estava posto em Utaise, e estabelecer-se sobre as alturas immediatas em frente de Ciboure, estando prompto a aproveitar-se de qualquer movimento, que na sua direita fizesse o inimigo, que teve de abandonar o reducto, que n'este mesmo lado havia. Sir Lowry Cole, além de se apossar do reducto de que já se fallou, assenhoreou-se tambem do povo de Sarre, que pelo lado esquerdo foi envolto pela terceira divisão, e pelo lado direito pelo exercito da reserva da Andaluzia. O major general barão Carlos Alten tomou as posições sobre a pequena Rhuna, a que se seguiu depois cooperarem todas as forças no ataque da principal posição do inimigo, situada nas costas do dito logar de Sarre. A terceira e setima divisão, sendo esta commandada pelo marechal de campo portuguez Carlos Frederico Lecor, apoderaram-se tambem dos reductos sobre a esquerda do centro do inimigo, e a divisão ligeira assenhoreou-se dos da direita; entretanto a quarta divisão com a reserva da Andaluzia atacou a posição do seu centro. De todos estes ataques o resultado foi abandonar o inimigo

as suas fortes posições, por elle fortificadas com muito cuidado e trabalho, e como deixasse no reducto principal da altura o primeiro batalhão do regimento n.º 88, caíu prisioneiro este corpo na mão dos alliados. Um outro resultado do ataque do centro foi, como já dissemos, o de cortarem os alliados a communicação entre Clausel e Drouet, separarem o flanco esquerdo de um, do flanco direito do outro, e formarem finalmente uma communicação segura entre as tropas de Hill e as de Beresford.

Emquanto estas operações se effeituavam sobre o centro, a sexta divisão, do commando do tenente general sir Henry Clinton, depois de passar o Nivelle, e de haver obrigado os piquetes do inimigo sobre ambas as margens d'elle a retirarem-se, e depois de haver igualmente aberto o passo á divisão portugueza do commando do tenente general sir John Hamilton, que estava á sua direita, fez um brilhantissimo ataque sobre a direita do mesmo Nivelle, apoderando-se dos entrincheiramentos e reductos d'aquelle flanco. Pela sua parte o tenente general sir John Hamilton susteve pela direita a sexta divisão com a divisão portugueza do seu immediato commando, e ambas cooperaram no ataque do segundo reducto, do qual se apoderaram immediatamente, bem como de alguns despojos, indo até á ponte de Amotz. A segunda divisão luso-britannica, ás ordens de sir William Stewart, da qual fazia parte a quinta brigada portugueza, composta dos regimentos 6 e 18 de infanteria com caçadores n.º 6, obrigou os piquetes inimigos sobre o Nivelle, e em frente de Ainhoüé, a retirarem-se, ao passo que a brigada do major general Byng se apoderou das trincheiras e reductos mais em direcção da esquerda. As tropas inimigas, que occupavam as alturas nas costas de Ainhoüé, foram forçadas pelas operações a cargo de sir Rowland Hill a retirarem-se na direcção da ponte de Cambo sobre o rio Nive, acompanhadas pelas do general Foy, que com ellas se foi reunir, deixando de o fazer assim sómente a divisão que estava em Mondarin, e que pela marcha de uma parte da segunda divisão, do commando do tenente general sir William Stewart, foi perseguida e obrigada a metter-se

nas montanhas, encaminhando-se a Bigorri. Sobre a esquerda as tropas combinadas tiveram um igual successo. D. Manuel Freyre assenhoreou-se pela sua parte de Ascain, e sir John Hope desalojou os francezes do reducto levantado sobre a eminencia vizinha de Socoa, e os perseguiu sem descanso até ás immediações que cobriam Ciboure. Por este modo conseguiram pois os alliados apoderar-se das posições francezas, que estavam por traz de Sarre e Ainhoüé, bem como de Ascain, e do citado reducto, vizinho a Socoa, de que resultou assegurarem por este modo a sua posição sobre a direita da parte superior do Nivelle.

Mas alem dos esforços assim relatados, outros mais eram ainda necessarios para remate dos felizes successos do dia. As tropas francezas, expulsas do centro da sua linha, concentraram-se nas alturas que dominam Saint-Pé, dispondo-se tambem a assestar a sua artilheria por cima de Ascain. Estando o exercito alliado senhor da margem esquerda do rio, e de posse das pontes, nenhuma difficuldade tinha em o passar. As divisões terceira e setima, do commando do tenente general Colville e marechal de campo Lecor, effeituaram tambem a sua passagem em Saint-Pé, e desalojando os francezes dos pontos em que se formaram, estabeleceram-se por trás da direita da linha inimiga, conservando as suas tropas o que das suas obras ainda lhes restava. A approximação da noite terminou as operações do memoravel dia 10 de novembro. Da sobredita noite se aproveitou Soult para retirar de S. João da Luz a sua ala direita, o que lhe foi de vantagem, porque a tê-lo feito de dia, seria fortemente inquietado por sir John Hope, e a mais pequena demora lhe podia comprometter tal retirada pela facilidade que as divisões alliadas de Saint-Pé tinham de se interporem na estrada entre S. João da Luz e Bayonna. Na manhã do seguinte dia 11, marchou-se com esta intenção para a frente, mas tendo uma abundante chuva tornado impraticaveis as estradas transversaes, e achando-se destruidas pelos francezes todas as pontes sobre as communicações principaes, a marcha das differentes columnas foi tão retardada, que o inimigo pôde a seu salvo ganhar Bayonna,

sem ter sido incommodado. Cincoenta e uma peças de artilheria, 1:500 prisioneiros, 400 feridos, com uma grande quantidade de munições de toda a especie, realçaram a importancia d'este triumpho, que não custou aos vencedores mais do que a perda de 2:694 homens, em que entraram cousa de 500 mortos, sendo a perda pessoal dos francezes de 4:265 homens. A posição sobre o Nivelle tinha grandes vantagens naturaes. Occupou-se esta posição muito judiciosamente, e não se pouparam nem trabalhos, nem despezas durante tres mezes para se fortificar o melhor possivel, assegurando-se assim a posse de Urogne, Sarre, Ascain, Saint-Pé, Ainhoüé, Espelette, Sorauren, que todas eram já povoações do territorio francez.

A tomada das linhas francezas do Nivelle, effeituada pelos alliados no dia 10 de novembro de 1813, conhecida pelo nome de *batalha do Nivelle,* foi seguramente um d'aquelles feitos de guerra, que não só honraram o saber militar do lord Wellington, mas até exaltaram com justificada rasão o valor e disciplina do exercito luso-britannico por elle commandado. Não obstante os muitos e grandes obstaculos da natureza, que a arte e a pericia do official engenheiro tinham ali feito realçar, dando-se mutuamente as mãos, é um facto que o valor das tropas atacantes levou de vencida adiante de si tudo quanto lhe era adverso. Similhantes obstaculos podiam com effeito dizer-se immensos, contados desde a raiz das montanhas até ao seu cume, onde se achavam multiplicados reductos e entrincheiramentos, a par de todas as mais obras de fortificação de campanha, executadas n'alguns pontos com a mais aprimorada perfeição. Ao estado de exaltação moral e de disciplina em que se achava o exercito luso-britannico, pelos seus precedentes feitos, é que em grande parte se deve esta famosa victoria, a qual com toda a rasão se ha de ter na conta de um acto de inquestionavel bravura militar e bem merecida gloria para os vencedores, sendo o plano do ataque, ideado por lord Wellington, concebido por elle com a maior pericia, e executado com o maior arrojo pelo seu exercito. Todavia justo é confessar que varias rasões houve, com

Estª XXXIII.

PLANTA
DA
BATALHA DO NIVELLE
em 10 de Novembro de 1813.
Francezes
Alliados
BAYONNE
Ustaritz
R. Nive
Cambo
Expelette
La Houssay
Genl Foy
Bidarry
Urdax
Arsou
Yspegui
Maya
St. João de Pé de Porto
Valle Carlos

relação a Soult, que determinaram a perda da batalha do Nivelle. Figura como sendo a primeira a grande extensão da sua linha, em muita desproporção com a tropa, que n'ella havia para a sua defeza, reunindo-se isto com a falta do seu acabamento. Temos como segunda causa, não menos poderosa da referida perda, o serem tambem as suas ditas forças em muito menor numero que as dos atacantes, achando-se de mais a mais sem confiança nos chefes que as commandavam, e a par d'isto desmoralisadas pelos seus muitos revezes, tendo aliás de se bater com tropas, não só mais numerosas e aguerridas, mas tambem enthusiasmadas pelos seus muitos triumphos, que lhes davam a crença de invenciveis, tendo no seu chefe a mais illimitada confiança.

É provavel que o exemplo das linhas de Torres Vedras despertasse no marechal Soult a lembrança de as reproduzir nas margens do Nivelle, para por meio d'ellas se oppôr á imminente passagem d'aquelle rio, intentada pelos alliados; mas as linhas de Torres Vedras nunca foram atacadas, e Soult, que é de crer se fiasse no que d'ellas disse Massena, reputando-as intomaveis, sendo por isso que as reproduziu junto d'aquelle rio, não tinha rasão bastante para as acreditar como taes. Prescindindo d'esta circumstancia, as linhas de Torres Vedras tinham tambem por si outra perfeição e acabamento que não tinham as francezas; além d'isto aquellas tinham mais em seu favor um numero de defensores quasi duplo das tropas de Massena que se propunham ataca-las, achando-se estas de mais a mais contagiadas de desalento pela perda da batalha do Bussaco, ao passo que as dos alliados estavam cheias de orgulho pelo triumpho que na referida batalha tinham ganhado. Ás contrariedades que os defensores das do Nivelle tinham contra si dava mais realce a desconfiança em que uns dos seus chefes se achavam para com os outros. Pela sua parte o conde d'Erlon attribuiu a sua derrota á divisão Conroux por ter abandonado aos alliados a ponte de Amotz, causa a que o general Maransin attribuiu tambem o seu revez. Taupin poz á conta de Maransin a culpa do que soffreu. Clausel pela sua parte accusou de falta de fir-

meza as tropas que commandava, assegurando que pelo menos a divisão Daricau deveria ter vindo em seu soccorro do campo de Serres, o que o viria pôr em estado de manter firmemente a sua posição. Soult porém, querendo desviar de si a culpa que lhe attribue Clausel, por lhe não ter mandado de soccorro aquella divisão, accusou o mesmo Clausel de medidas pouco judiciosas, o que provou com allegações, que algum fundamento parecem ter por si. Mas contra isto ha o manifesto facto de que Clausel se bateu por cinco horas continuas na sua posição, sem que Soult lhe mandasse reforço algum, apesar de haver só quatro milhas de distancia entre Serres (onde o mesmo Clausel se estava batendo) e S. João da Luz (onde se achava Soult), o que nos leva a crer que é mais sobre este do que sobre aquelle que os desastres dos francezes sobre o Nivelle devem recaír. Ao exposto ha ainda mais uma terceira causa que acrescentar ás precedentes para cabalmente explicar similhantes desastres, tal é a de se terem collocado as tropas francezas na frente dos seus reductos, em vez de o serem por trás d'elles. Não se póde dizer se isto proveiu de ordem positiva de Soult, ou se de erro e confusão que se manifestassem em certos pontos atacados, poisque o general Clausel expressamente diz que Maransin recebeu ordem de se formar atrás dos reductos, e de carregar os alliados, logoque se achassem entre as obras e os abatizes.

Quanto a lord Wellington, é um facto que a sua habilidade sobejamente se manifestou n'esta batalha, constituida em padrão dos seus grandes talentos, como se prova pela judiciosa maneira por que ordenou o ataque. A divisão franceza do general Abbé, na força de 5:000 homens, fôra dividida em dois corpos, formados em duas columnas, uma por trás da outra, sendo ambas ellas paralysadas pela observação em que para com ellas se collocaram os hespanhoes de Morillo e os batalhões de Mina, tropas estas que, sendo as de menos confiança entre os alliados, chamaram de mais a mais sobre si as vistas e a attenção do general Foy, o qual, bem como Abbé, por causa d'ellas

ficaram inactivos, sem poderem acudir ao verdadeiro ponto atacado. Por conseguinte resulta d'aqui que 6:000 hespanhoes das peiores tropas de lord Wellington foram por elle postados de maneira tal, que só por si bastaram para paralysar durante um dia inteiro a acção de 10:000 homens das melhores tropas do marechal Soult! Durante este tempo o general Hill, chegando ao principal ponto do ataque, apenas encontrou pela frente para ali lhe resistir a divisão Darmagnac, isto é, apenas achou no dito ponto 15:000 francezes para impedirem o passo aos 24:000 homens, que o mesmo Hill comsigo levava, isto quando o bom exito da batalha se achava já seguro para os alliados na margem direita do Nivelle, por effeito d'esta grande desproporção de forças, dando-se ainda mais a singularidade de ser n'esta mesma occasião que o marechal Beresford apparecia sobre a outra margem do rio, atacando com os seus 16:000 homens os 10:000 que por si tinham as divisões Conroux e Maransin. Alem d'isto como os generaes Beresford e Hill seguiam em marcha convergente sobre a ponte de Amotz, aquelle pela esquerda, e este pela direita do Nivelle, formaram por esta fórma um angulo, cujo vertice se achava na referida ponte, onde ao mesmo tempo foram caír com os 40:000 homens de que ambos dispunham sobre os 15:000 a que se elevavam as divisões Darmagnac, Conroux e Maransin, de que resultou serem duas d'estas divisões atacadas em detalhe, e desfeita perto de Sarre uma parte das tropas de Conroux, o que tambem succedeu na montanha Rhuna á brigada Barbot do corpo de Maransin. Finalmente o barão Carlos Alten, depois de ter batido a brigada Barbot com 8:000 homens da sua divisão ligeira, foi ainda bater os 3:000 da brigada de Taupin, sendo o resto do exercito francez na sua ala direita posto em sobresalto pelos 25:000 homens de sir John Hope e pelos hespanhoes de D. Manuel Freyre. Póde portanto dizer-se que 50:000 homens das melhores tropas dos alliados, enthusiasmados pélos seus precedentes triumphos, foram pelas sabias combinações de lord Wellington, levados a concentrarem-se no principal ponto do ataque, onde só acharam para lhes re-

sistir 18:000 francezes desanimados pelos seus precedentes revezes.

É justo porém confessar que alguns generaes francezes houve que valentemente se conduziram, merecendo o primeiro logar entre estes o general Clausel, que passo a passo defendeu bravamente a sua posição, retirando-se d'ella sómente depois que viu perdido o reducto de Santa Barbara e a montanha Rhuna, logares muito cedo abandonados pelas tropas do general Conroux, circumstancia que lhe expunha o seu flanco esquerdo ao fogo dos alliados, e lhe torneava a par d'isto a linha, que desde Sarres ía até ao mar. Foi na defeza das obras da segunda linha, caídas em poder dos alliados, que o bravo general Conroux recebeu uma ferida grave, de que morreu alguns dias depois. Parece portanto provado que a perda da batalha do Nivelle teve tambem por causa o desalento dos soldados francezes, cujo valor de outro tempo se achava já n'elles quebrantado pelos seus repetidos revezes, os quaes lhes fizeram perder a consciencia de invenciveis que d'antes tinham, d'onde veiu não se conduzirem n'esta batalha com a sua anterior bravura. Sitios houve em que um terror panico pareceu ter tomado posse d'elles, porque, em logar de se defenderem com bravura, apenas descarregaram as armas, fugiram sem as tornarem mais a carregar. Outros logares houve em que a morte de alguns officiaes de confiança foi motivo para que os soldados sem subordinação perdessem desde logo toda a ordem, e se deitassem a fugir para a retaguarda, abandonando o campo da batalha. Apesar d'isto não faltaram comtudo exemplos de bravura n'algumas partes da linha inimiga, e sobretudo na sua ala direita, onde a contenda foi bastantemente renhida, e corajosamente disputada, por ser este o ponto mais forte por sua natureza, e o mais bem fortificado pelos reductos e baterias, que se achavam construidos em todas as suas alturas, de que resultou não poder ser ganha senão depois de muita persistencia, a par de uma grande perda.

A artilheria, commandada pelo coronel Dickson, distinguiu-se pela sua actividade, não sendo menos desastrosos os

seus effeitos, postoque o paiz não fosse favoravel aos seus movimentos. O exercito portuguez conduziu-se n'esta batalha tão bravamente como nas precedentes: assim o testifica a honrosa menção feita por lord Wellington da oitava brigada portugueza, do commando do marechal de campo Manley Power, na sua respectiva parte official[1], e a ordem do dia do marechal Beresford, com data de 28 de novembro de 1813. N'ella se diz o seguinte: «O illustrissimo e excellentissimo senhor marechal Beresford, marquez de Campo Maior, gosa sempre um novo prazer, quando se lhe offerece occasião de dirigir-se ao exercito de sua alteza real, o principe regente nosso senhor, a respeito da sua conducta adiante do inimigo. Sua excellencia felicita a nação portugueza pelo augmento de gloria adquirido pelos seus compatriotas em armas com a sua conducta na batalha de 10 do corrente, em que o exercito alliado, debaixo das ordens immediatas do illustrissimo e excellentissimo senhor marechal general duque da Victoria, expulsou o inimigo das posições e entrincheiramentos, que occupava sobre a sua propria fronteira, participando os valorosos soldados de sua alteza real com os valorosos soldados de sua magestade britannica (entre os quaes ha e houve sempre tão perfeita harmonia, e concordia, assim marchando unidos contra o inimigo, como na admiração e amisade reciproca em todas as circumstancias), da honra e gloria que resultaram ao exercito anglo-portuguez d'este feito de armas. O inimigo foi expulso de posições, que teria julgado inexpugnaveis, quando fosse atacado por qualquer outro exercito; mas que tão gloriosamente foram ganhas pelos alliados com irresistivel impulso».

O marechal elogiou a conducta da divisão portugueza do commando do tenente general sir John Hamilton, e portanto a segunda e quarta brigada, ou as de 2 e 14 de infanteria, e 4 e 10 da mesma arma com caçadores n.º 10. Elogiou igualmente a sexta, oitava e nona brigadas, e o regimento 12 de infanteria, e caçadores n.º 9, que constituiam a maior parte

[1] A dita parte official é a que constitue o documento n.º 113.

da setima brigada, que entrou em combate com a sexta divisão. Mereceu-lhe tambem iguaes elogios a brigada ligeira de 17 de infanteria com caçadores n.os 1 e 3, e não menos o tenente coronel Alexandre Tulloh pelo bom serviço que prestou com a artilheria do seu commando, na qual se comprehendia uma brigada de calibre 9, commandada pelo primeiro tenente do regimento de artilheria n.º 4 José Joaquim Barreiros. O marechal de campo Carlos Frederico Lecor, que n'esta batalha commandou a setima divisão luso-britannica, em que entravam duas brigadas inglezas, e a sexta portugueza de 7 e 19 de infanteria com caçadores n.º 2, mereceu ao marechal Beresford especialisar-lhe os seus talentos, e a promptidão que desenvolveu no commando que se lhe confiára. A citada ordem do dia termina pois pelo seguinte modo: «O sr. marechal não póde concluir, attendendo ás nossas circumstancias actuaes, sem agradecer ao exercito portuguez, não sómente a sua conducta na batalha, mas tambem o não ter de exhorta-lo, antes sim de assegurar-lhe a sua satisfação particular pelo seu comportamento regular nos quarteis, e para com os habitantes. Os soldados portuguezes não tem mostrado menos ao exercito francez a sua superioridade no campo da batalha, e em virtudes militares, de que mostram presentemente aos habitantes da França, quanto excedem aos soldados da sua nação em moral, humanidade e boa conducta civil. Os soldados portuguezes augmentam tanto por este meio, como pela sua disciplina e valor, a honra da sua patria, e se farão credores de um modo particular do agrado do seu augusto soberano, exemplar e premiador de todas as virtudes. *A Europa verá e honrará as virtudes da nação portugueza no seu exercito*».

As brigadas e corpos portuguezes que entraram na batalha de Nivelle em 10 de novembro de 1813 são os constantes da seguinte relação, em que vae especificada a força com que entraram em combate, e a perda que cada um d'elles teve.

Artilheria n.º 1 — Tres brigadas d'este corpo estiveram n'esta batalha, entrando n'ella e no combate na força de 330

homens. Uma das ditas brigadas foi commandada pelo tenente coronel Sebastião José de Arriaga; outra pelo capitão graduado em major João da Cunha Preto; da terceira commandou tres peças o primeiro tenente graduado em capitão Antonio da Costa e Silva (mais tarde visconde de Ovar), sendo as outras tres commandadas pelo segundo tenente Ignacio da Costa Judice. Era commandante geral da artilheria portugueza durante a batalha o tenente coronel de artilheria n.º 3 Alexandre Tulloh. Não tiveram perda alguma.

1.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro João Wilson

Infanteria n.º 1—Todo o regimento foi presente a esta batalha, na força de 822 homens, entrando em combate sómente as companhias de granadeiros. Commandante do corpo presente á batalha o tenente coronel João Paes de Sande e Castro, e da força que combateu o major Guilherme O'Hara. Teve de perda 1 official inferior morto, e feridos um outro inferior e 1 soldado, ou 3 homens na totalidade.

Infanteria n.º 16—Todo o regimento foi presente a esta batalha, na força de 908 homens, commandado pelo coronel Francisco Homem de Magalhães Quevedo Pizarro. Perda, 1 official e 1 soldado feridos, ou 2 homens ao todo.

Caçadores n.º 4—Todo o batalhão foi presente na acção e no combate, na força de 458 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Edmond Keynton Williams. Perda, 6 soldados mortos, 2 inferiores e 5 soldados feridos, ou 13 homens ao todo.

2.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro João Buchan

Infanteria n.º 2—Todo o regimento foi presente a esta batalha, na força de 1:193 homens, entrando em combate sómente quatro companhias. Commandou o corpo na acção e igualmente a força no combate o tenente coronel João Gomersall. Perda, 5 homens mortos (2 officiaes e 3 soldados); feridos, 7 homens (2 officiaes e 5 soldados); prisioneiros ou

extraviados, 1 soldado. Perda total, 13 homens (4 officiaes e 9 soldados). Foi elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.º 14—Todo o regimento foi presente a esta batalha, na força de 1:198 homens, entrando em combate sómente as companhias de granadeiros e algumas de atiradores. Commandou o corpo na acção o major Jacinto Alexandre Travassos, e a força que combateu o tenente coronel de infanteria n.º 2 João Gomersall. Perda, 8 soldados mortos, 6 feridos, e 5 prisioneiros ou extraviados. Perda total, 19 homens. Elogiado na ordem do dia.

4.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Archibaldo Campbell

Infanteria n.º 4—Todo o regimento foi presente a esta batalha, na força de 1:136 homens, entrando em combate sómente as companhias de granadeiros. Commandante do corpo na acção o tenente coronel João Hill, e da força que combateu o tenente coronel de infanteria n.º 10, Donald Mac Niell, o qual commandou tambem as companhias de granadeiros do seu dito corpo, tendo debaixo das suas ordens o batalhão de caçadores n.º 10. Perda, 4 soldados mortos, 1 inferior e 9 soldados feridos, ou 14 homens ao todo. Elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.º 10—Todo o regimento foi presente a esta batalha, na força de 1:136 homens, entrando em combate sómente as companhias de granadeiros. Commandante do corpo na acção o coronel Luiz Maria de Sousa Vahia, e da força que combateu o tenente coronel d'este mesmo corpo Donald Mac Niell. Perda, 19 soldados mortos; feridos, 26 homens (4 officiaes, 3 inferiores e 19 soldados), ou 45 homens na totalidade (4 officiaes, 3 inferiores e 38 soldados). Elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 10—Todo o batalhão foi presente a esta batalha e ao combate, na força de 286 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo capitão graduado em major Francisco Antonio Pamplona. Perda, 3 homens mortos (1 inferior e 2 soldados); feridos, 28 homens (7 offi-

ciaes, 1 inferior e 20 soldados), ou 31 homens na totalidade (7 officiaes, 1 inferior e 22 soldados). Elogiado na ordem do dia.

N. B. Não se deve esquecer que as brigadas segunda e quarta eram as que constituiam a divisão portugueza, commandada pelo tenente general sir João Hamilton.

3.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel Luiz do Rego Barreto

Infanteria n.º 3 — Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 808 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo coronel Miguel Mac Creagh. Perda, 1 official ferido.

Infanteria n.º 15 — Todo o regimento foi presente a esta batalha, na força de 670 homens, entrando em combate sómente a terceira companhia de granadeiros. Commandante do corpo na acção o major Archibaldo Campbell, e da companhia em combate o tenente Antonio Guedes Seabra. Não teve perda alguma.

Caçadores n.º 8 — Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 287 homens, sendo commandado na acção pelo capitão Joaquim Antonio Duarte, e no combate pelo tenente Domingos de Sá Pereira Farinha. Perda, 9 homens mortos (1 inferior e 8 soldados); feridos, 9 homens (4 inferiores e 5 soldados), ou 18 homens na totalidade (5 inferiores e 13 soldados).

5.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Carlos Ashworth

Infanteria n.º 6 — Todo o regimento foi presente a esta batalha, na força de 1:023 homens, entrando em combate sómente uns piquetes. Commandante do corpo na acção o coronel Maxiwel Grant, e dos piquetes no combate o capitão Jorge Rheland. Perda, 1 soldado morto e 2 feridos, ou 3 homens ao todo.

Infanteria n.º 18 — Todo o regimento foi presente a esta batalha, na força de 1:227 homens: commandante, o major

Mathias José de Sousa. Perda, 1 soldado morto e 1 official ferido, ou 2 homens ao todo.

Caçadores n.º 6—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 463 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo major Samuel Michel. Perda, 8 homens feridos (1 inferior e 7 soldados).

6.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel João Doyle

Infanteria n.º 7—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 835 homens, commandado pelo tenente coronel Francisco Xavier Calheiros. Perda, 2 soldados extraviados. Mencionado na ordem do dia.

Infanteria n.º 19—Todo o regimento foi presente a esta batalha, na força de 1:008 homens, commandado pelo tenente coronel Francisco José da Costa Amaral. Perda, 1 soldado morto e 2 feridos, ou 3 homens ao todo. Mencionado na ordem do dia.

Caçadores n.º 2—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 483 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel José Henrique Zulhlcke. Perda, 6 homens mortos (1 official e 5 soldados); feridos, 15 homens (1 official e 14 soldados), ou 21 homens ao todo (2 officiaes e 19 soldados). Mencionado na ordem do dia.

7.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel João Douglas

Infanteria n.º 8—Todo o regimento foi presente a esta batalha, tendo a força de 816 homens, commandado pelo tenente coronel Guilherme Bermingham. Perda, 1 soldado morto e 1 official ferido, ou 2 homens ao todo. Elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.º 12—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 873 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Guilherme Beathy. Perda, 12 homens mortos (1 official e 11 soldados); feridos, 34 homens (1 inferior e 33 soldados), ou 46 homens na totalidade

(1 official, 1 inferior e 44 soldados). Elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 9 — Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 378 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Jorge Browne. Perda, 4 homens mortos (1 official e 3 soldados); feridos, 7 homens (2 inferiores e 5 soldados), ou 11 homens na totalidade (1 official, 2 inferiores e 8 soldados). Elogiado na ordem do dia.

8.ª Brigada de infanteria, commandante o marechal de campo Manley Power

Infanteria n.º 9 — Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 985 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo coronel Carlos Sutton. Perda, 7 soldados mortos e 35 homens feridos (4 officiaes, 2 inferiores e 29 soldados), ou 42 homens ao todo (4 officiaes, 2 inferiores e 36 soldados). Elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.º 21 — Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 949 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo coronel João Telles de Menezes e Mello. Perda, 7 soldados mortos; feridos, 11 homens (1 inferior e 10 soldados), ou 18 homens ao todo (1 inferior e 17 soldados). Elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 11 — Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 369 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Thomás Durzback. Perda, 11 homens mortos (1 official e 10 soldados); feridos, 13 homens (1 inferior e 12 soldados); prisioneiros ou extraviados, 6 soldados, ou 30 homens na totalidade (1 official, 1 inferior e 28 soldados). Elogiado na ordem do dia.

9.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel José de Vasconcellos e Sá

Infanteria n.º 11 — Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 949 homens, commandado pelo tenente coronel Alexandre Anderson. Perda, 7 homens feridos

(3 officiaes, 2 inferiores e 2 soldados). Elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.º 23—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 1:087 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Diogo Myller. Perda, 2 soldados mortos e 4 feridos, ou 6 homens ao todo. Elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 7—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 383 homens, commandado na acção pelo major João Scott Lille. No combate commandou quatro companhias o referido major, sendo as duas restantes commandadas pelo capitão Bartholomeu Vegor Derenzy. Perda, 4 homens mortos (2 officiaes e 2 soldados); feridos, 6 homens (1 official e 5 soldados); prisioneiros ou extraviados, 1 inferior, ou 11 homens ao todo (3 officiaes, 1 inferior e 7 soldados). Elogiado na ordem do dia.

10.ª Brigada de infanteria, commandante o marechal de campo Thomás Bradford

Infanteria 13—D'este corpo só 354 praças estiveram na acção, commandadas pelo tenente coronel João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun. Não teve perda alguma.

Infanteria n.º 24—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 849 homens, commandado na acção pelo coronel Guilherme Mac Bean, o qual commandou no combate seis companhias, sendo as quatro restantes commandadas pelo capitão Romão José Soares. Não teve perda alguma.

Caçadores n.º 5—Todo o batalhão foi presente a esta batalha, na força de 411 praças, sendo commandado pelo tenente coronel Thomás Saint-Clair. Não teve perda alguma.

Brigada ligeira, cujos corpos se achavam encorporados nas duas brigadas luso-britannicas, de que se compunha a divisão luso-britannica do commando do major general barão Carlos Alten.

Infanteria n.º 17—Fazendo parte da segunda das ditas brigadas. Todo o regimento esteve na acção e no combate,

na força de 712 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel João Rolt. Perda, 2 soldados mortos e 10 homens feridos (2 officiaes e 8 soldados), ou 12 homens ao todo. Elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 1 — Fazendo tambem parte, como o precedente corpo, da dita segunda brigada. Todo o batalhão, na força de 558 homens, esteve na acção e no combate, commandado n'uma e n'outra parte pelo coronel Kennet Snodgrass. Perda, 5 homens mortos (1 official e 4 soldados); feridos, 17 homens (1 official, 2 inferiores e 14 soldados); prisioneiros ou extraviados, 2 soldados, ou 24 homens na totalidade (2 officiaes, 2 inferiores e 20 soldados). Elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 3 — Fazendo parte da primeira das duas citadas brigadas luso-britannicas. Todo o batalhão, na força de 409 homens, esteve na acção e no combate, commandado pelo major Manuel Caetano Teixeira. Perda, 2 officiaes e 1 soldado mortos. Elogiado na ordem do dia.

O total da força portugueza, que portanto esteve n'esta batalha, foi de 24:353 homens, sendo a perda que n'ella houve em mortos, 11 officiaes e 111 soldados; em feridos, 29 officiaes e 242 soldados; e em extraviados, 18 soldados. Perda total, 411 homens.

Por este modo tinham os exercitos alliados invadido a França para alem do Nivelle, estendendo-se mesmo até á margem esquerda do Nive. Lord Wellington havia percorrido este litoral, e n'elle apparecido aos seus soldados com um traje unico em todo o exercito luso-britannico, como já notámos, consistindo n'um capote redondo de um panno branco sujo com pequeno cabeção e gola acolchetada por um colchete de prata, trazendo na cabeça um chapéu armado com plumagem branca. A par da victoria tomára elle por capricho manter por todas as fórmas possiveis a mais severa disciplina nos exercitos do seu commando, a qual julgava não poder manter quando não desse aos soldados o seu regular fornecimento, circumstancia que tinha por indispensavel para assegurar a boa or-

dem e a pontual obediencia dos seus soldados ás suas determinações. Á vista pois d'isto era um dos seus primeiros cuidados a garantia das subsistencias. As viagens do mar sendo muito incertas na estação em que se estava, sobretudo n'uma costa tão brava como a da Cantabria, os mantimentos que lhe podiam vir da Gran-Bretanha eram sujeitos a muitas contingencias, e por isso se deitou a procura-los em França e na Hespanha; mas de França não lhe podiam ser fornecidos pelos embaraços e prohibições feitas para tal fim pelas respectivas auctoridades, e na Hespanha, devastado como este paiz tinha sido pelos francezes, e talvez que ainda mais pelas suas proprias guerrilhas, os generos alimenticios, e sobretudo carnes, tinham chegado a excessivos preços, que só podiam ser pagos pelos commissarios inglezes. Já se vê pois que segundo o genio da administração militar em Hespanha, e a desorganisação em que o seu proprio governo por então se achava, o fornecimento das tropas hespanholas era miseravel, se é que havia algum fornecimento. As privações d'estas tropas eram portanto immensas, e lord Wellington, receiando muito que a necessidade levasse os soldados hespanhoes a commetterem contra os camponezes francezes mais violencias do que já tinham praticado, taes como mortes e roubos, terrivel exemplo que começava a contagiar o exercito luso-britannico, resolveu-se a manda-las para a retaguarda, depois de ter ordenado a execução de alguns dos saqueadores hespanhoes, apanhados em flagrante delicto[1].

[1] Lord Wellington tinha-se altamente empenhado em não dar motivo de queixa aos francezes durante a sua invasão n'aquelle paiz. Esperava elle que por parte do exercito luso-britannico isto se conseguiria; mas quanto aos hespanhoes, não lhe parecia possivel. Ao conde Bathurst dizia elle em 21 de novembro: «Desespero dos hespanhoes; estão elles n'um tão miseravel estado, que é realmente muito difficil esperar que se abstenham de roubar n'um soberbo paiz em que entraram como conquistadores, e sobretudo lembrando-se dos males que o seu proprio paiz soffreu dos seus invasores». A severidade empregada por lord Wellington para evitar os roubos em França foi tal, que, segundo Maxwell, chegou até a mandar executar dois soldados inglezes por aquelle tempo, pondo-se-lhes sobre o peito um escripto, relatando os maleficios que

Em consequencia pois dos seus receios e dos planos que sobre isto havia adoptado, D. Agostinho Giron foi mandado para o valle de Bastan com o seu exercito, e D. Manuel Freyre com o seu para o districto entre Irun e Ernani, ficando com o exercito luso-britannico sómente a primeira divisão, que era a de D. Pablo Morillo. A segunda, setima e oitava divisão, e a segunda brigada da quinta continuaram a estar onde estavam, isto é, na guarnição de Pamplona, S. Sebastião e bloqueios de Santoña e Jacca. A divisão guerrilheira de D. Francisco Longa foi mandada para Medina del Pomar sobre o Ebro, por julgar lord Wellington que não estava em estado de fazer serviço.

Quanto ás operações do exercito, forçoso lhe foi paralysa-las por algum tempo, indo estabelecer o seu quartel general em S. João da Luz, em rasão das chuvas e do rigor da estação invernosa, achando-se os rios e as ribeiras por tal modo engrossadas, que os caminhos se achavam intransitaveis, particularmente os transversaes. Para bem se avaliarem estas circumstancias, deve saber-se que o paiz situado ao pé dos Pyrenéos é formado por um terreno argilloso, onde na estação das chuvas só eram praticaveis a estrada real, que ha sobre a costa, ou a de Paris até S. João da Luz, e a d'aquella capital a S. João-de-Pé-de-Porto, achando-se ainda ambas ellas em poder dos francezes. Quanto aos caminhos transversaes, os proprios infantes enterravam-se por elles abaixo até á meia perna, e os cavallos até aos curvilhões, e n'alguns casos mesmo até ao ventre, constituidos, como estavam, em

tinham commettido. Na obra do quartel mestre Surtees, intitulada *Twenty five years in the rifle brigade,* diz elle terem-se por aquelle tempo tornado tão amigaveis as relações entre os francezes, os inglezes e os portuguezes, que nos postos avançados nenhuma opposição se lhes fazia á collocação das sentinellas, e que os soldados d'estas tres nações trocavam entre si a aguardente por chá, *chegando até a roubar em perfeita harmonia.* Ora esta fraternidade de ladrões foi exactamente o que lord Wellington tomou muito a peito fazer cessar por todos os meios ao seu alcance.

verdadeiros atoleiros[1]. Em parte alguma se podia portanto mover a artilheria. Alem d'isto deve igualmente saber-se que tendo perdido o marechal Soult a sua posição do Nivelle, resolvêu ao principio deixar uma parte das suas forças no campo entrincheirado de Bayonna, tomando o resto uma posição de flanco por trás do rio Nive, a igual distancia de Bayonna e de S. João-de-Pé-de-Porto. A sua esquerda estava coberta pela montanha entrincheirada de Ursonia, e a sua direita assentava sobre as alturas acima de Cambo, onde uma cabeça de ponte lhe devia facilitar os meios de fazer alguns movimentos offensivos. O mesmo Soult, vindo para Bayonna nas vistas de activar as obras do seu campo entrincheirado, tinha no referido campo seis das suas divisões, e a reserva de Villatte, e para Cambo mandára com seis divisões o general conde d'Erlon de reforço ao general Foy. Mas nada d'isto embaraçaria o progresso das operações de lord Wellington, a não serem as circumstancias do mau tempo e dos pessimos caminhos que ficam mencionados. Inactivo portanto, necessario lhe foi estabelecer uma linha de defeza para evitar surprezas. Esta linha, começando na costa por trás de Biarritz, prolongava-se pela estrada real, d'onde seguia na direcção do Nive, até defronte de Arcangues, perto de uma casa de campo de mr. Garat, famoso ministro da justiça no tempo da *Convenção*[2]. D'ali seguia depois ao longo do rio por Arranutz, Ustaritz, Larresore e Cambo, cuja ponte os francezes tinham inteiramente destruido.

Emquanto o exercito alliado assim se occupava das fortificações d'este apertado logar por trás do Nive, e as communicações entre Bayonna e S. João-de-Pé-de-Porto se conservavam livres para o marechal Soult, os francezes continuavam a ter accesso em todo o paiz sobre a margem direita d'aquelle rio, e a aproveitarem-se da occasião para se apropriarem dos recursos e interceptarem as forragens dos allia-

[1] Lord Wellington assim o testifica no seu despacho de 21 de novembro pára o conde Barthurst, dizendo-lhe: «Estamos aqui paralysados por causa das chuvas e absolutamente mettidos em atoleiros».

[2] Veja a estampa n.º 34.

dos. Tendo portanto melhorado o tempo nos primeiros dias de dezembro, lord Wellington resolveu-se a passar o Nive em Cambo e Ustaritz, a fim de estender os acantonamentos do seu exercito e de tornear a frente do inimigo, para repellir os seus postos avançados e assenhorear-se do vantajoso terreno que as tropas francezas occupavam entre o mesmo Nive e o Adour. A cidade de Bayonna, junto da qual se achava o campo entrincheirado do inimigo, está situada na juncção dos dois citados rios, Nive e Adour. O Nive não é navegavel muitas milhas abaixo da sua origem; mas o Adour é um rio consideravel e de uma massa de aguas de grande vulto, e portanto muito diversa da d'aquelle. A cidade, que é muito bem fortificada, tem tambem excellentes pontes, tanto sobre um, como sobre o outro rio. Não contentes ainda com isto, os francezes tinham-lhe annexado um campo entrincheirado, quasi inatacavel pelos obstaculos naturaes que apresentava, sendo ao mesmo tempo muito espaçoso para alojar com toda a commodidade um grande exercito; n'este campo tinham elles com todo o cuidado trabalhado desde a batalha de Vittoria. Achando-se elle debaixo das obras da praça, a sua direita apoiava-se na parte inferior do rio Adour, estando a sua frente coberta por um pantano, que forma um arroio, que no mesmo Adour vae desaguar. A direita do centro era apoiada no referido pantano, e a sua esquerda sobre o rio Nive, ao passo que esta mesma esquerda se achava situada entre os rios Nive e Adour, apoiando-se na parte superior d'este rio. Os postos avançados da ala direita estavam em frente de Anglet e na direcção de Biarritz, ao passo que com a ala esquerda defendiam os francezes o rio Nive, e communicavam com a divisão do general Páris, que, sendo do exercito da Catalunha, estava todavia em S. João-de-Pé-de-Porto, tendo um consideravel corpo acantonado em Villa Franca e Mouguere. Era portanto impossivel atacar-se esta posição, emquanto o inimigo a occupasse em força, sob pena dos alliados se exporem a uma grande perda, e ser-lhes o exito muito duvidoso, em rasão de estar o já citado campo tão immediatamente ligado com

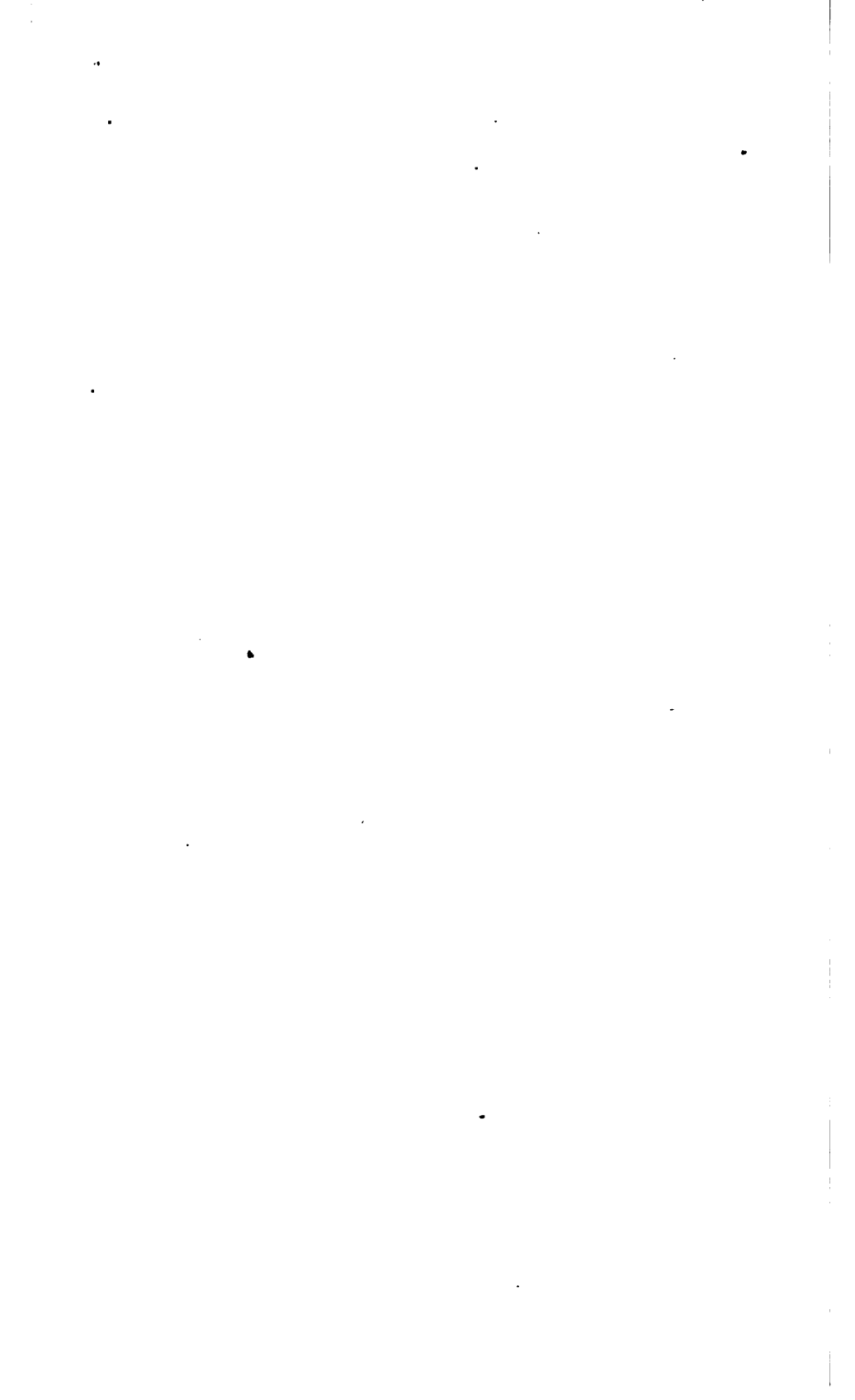
as obras da praça. Por conseguinte entendeu lord Wellington que o melhor meio de obrigar os francezes a abandonarem completamente a sua posição, ou ao menos a que enfraquecessem n'ella as suas forças, de modo que podessem ser atacados mais favoravelmente para os aggressores, era o de passar o Nive, collocando a sua direita sobre o Adour, cuja operação faria com que os mesmos francezes, que já experimentavam escassez de viveres, perdessem a communicação que este rio lhes offerecia com o interior do paiz, cousa que por certo os reduziria ao maior aperto e necessidade.

A passagem do rio Nive pelos alliados offerecia-lhes a grande vantagem, não só de abrir as suas communicações com o interior da França para adquirirem noticias, mas tambem para haverem de lá os possiveis viveres. Preparados e reunidos portanto os precisos meios de construcção de pontes para a passagem d'aquelle rio, lord Wellington poz as suas tropas em movimento, fazendo com que no dia 8 de dezembro saíssem dos seus acantonamentos. Succedia isto quando a convivencia dos exercitos contendores continuava inalteravelmente a manter-se cavalheirosamente por uma e outra parte, não se ouvindo fogo algum de artilheria ou de fuzil senão na occasião do combate[1]. Era assim que os proprios piquetes, as sentinellas, as vedetas de aviso, e até os mesmos officiaes, quer de um, quer de outro exercito, faziam a guerra nas raias da França. O exercito luso-britannico recebia por parte dos seus commandantes os merecidos elogios pela sua disciplina e conducta, caprichando em triumphar só pelo seu valor e bravura, qualidades que por tantas vezes o haviam coroado da immarcessivel palma da victoria. Só ao dado signal do combate prezava a honra de medir as suas armas com as dos vencedores de Austerlitz e de todo o norte da Europa. Foi por esta fórma e no meio d'esta ha-

[1] Em confirmação ao que acima se diz contaram-nos o seguinte caso: n'uma altura, sobranceira a Ustaritz, a artilheria portugueza estava já de murrões accesos, e ia varrer uma columna franceza, que alem do Nivelle se retirava, quando o general Hamilton, compadecido d'ella, ordenou que se apagassem os murrões, deixando-se ir em paz o inimigo.

bitual convivencia que ao anoitecer do citado dia 8 de dezembro os nossos soldados se despediram dos francezes, dizendo-lhes: *Adieu, messieurs, jùsqu'à demain au combat.* Chegado effectivamente o dia 9, determinou lord Wellington que a direita do exercito, commandada pelo tenente general Hill, atravessasse a vau o Nive entre Cambo e Itsassu, incumbindo ao marechal Beresford proteger e suster esta operação, para cujo fim deveria passar em Ustaritz a sexta divisão do immediato commando do tenente general sir Henry Clinton. O general Hope foi encarregado de repellir os postos avançados do inimigo em toda a frente do campo entrincheirado, que elle tinha entre o Nive e o mar, chamando sobre si a attenção de Soult, emquanto que Hill e Beresford atravessavam o rio. As operações d'estes dois generaes tiveram por si o mais feliz resultado, sendo os francezes arrojados para fóra da margem direita do Nive, e obrigados a retirarem-se pela estrada real de S. João-de-Pé-de-Porto em direcção a Bayonna: os que estavam em frente de Cambo estiveram proximos a ser cortados pela sexta divisão, que ainda expulsou um regimento do caminho, fazendo-o retirar através dos campos. Depois d'isto os francezes, reunidos em consideravel força, foram occupar uma cadeia de montes, que corre parallela ao Adour, tendo a sua direita no povo de Villa Franca, que de prompto foi atacado e tomado, bem como as alturas a elle proximas, pelo regimento n.º 8 de infanteria portugueza, do commando do coronel João Douglas, pelo batalhão de caçadores n.º 9 da mesma nação, commandado pelo tenente coronel Jorge Browne e pelos batalhões de infanteria ligeira britannica da sexta divisão, de que aquelles dois corpos faziam parte. As chuvas, que caíram na manhã de 8 e na noite de 8 para 9, haviam posto os caminhos em tal estado que o dia 9 se passou antes que podesse chegar ao ponto que lhe estava destinado o grosso das tropas commandadas por sir Rowland Hill, de que resultou contentar-se o exercito com a occupação do terreno de que se havia apossado, isto é, com o terreno que corre desde Cambo até Villa Franca, assegurando-se tambem de um

ponto de apoio sobre a estrada de S. João-de-Pé-de-Porto, duas leguas distante de Bayonna. Pela sua parte o tenente general sir John Hope, que commandava a ala esquerda do exercito, no mesmo dia 9 se poz com ella em movimento de S. João da Luz pela estrada real de Bayonna, e depois de arrojar os postos avançados que o inimigo tinha em Biarritz e Anglet, reconheceu a direita do seu campo entrincheirado e o curso do Adour pela parte inferior de Bayonna, chamando por este modo sobre si a attenção de Soult, como se lhe ordenára. A divisão ligeira do commando do major barão Carlos Alten, poz-se igualmente em marcha de Bassusarry, indo tambem reconhecer por aquella parte os entrincheiramentos inimigos. Tanto sir John Hope, como o general Alten, retiraram-se na mesma tarde, indo postar-se nos pontos por elles anteriormente occupados. A perda de cada um dos exercitos no citado dia 9 foi avaliada em 800 homens.

Chegára a manhã do dia 10, e durante ella conheceu sir Rowland Hill que o inimigo se havia retirado da posição que nas alturas occupára no dia anterior, encerrando-se no campo entrincheirado sobre aquella outra parte do Nive, de que resultou passar elle general Hill a occupar a posição que se lhe havia destinado, tendo a sua direita a certa distancia do Adour, e a sua esquerda em Villa Franca junto do Nive, conservando a sua communicação com o centro do exercito, do commando do marechal Beresford, por meio de uma ponte, que lançára sobre o mesmo Nive abaixo de Herauritz, poisque as tropas do referido marechal haviam retrocedido para a margem esquerda d'aquelle rio. Estes successos os ajudou tambem D. Pablo Morillo com a divisão hespanhola do seu commando, que ficára com sir Rowland Hill, depois que as mais tropas hespanholas se retiraram para a fronteira da Hespanha. Morillo passou tambem o Nive no dia 9 nos vaus de Isleta e Cavarre, indo-se apossar da encosta de Urcuray e de outras mais alturas occupadas pelos francezes. Tanto Morillo, como a brigada de dragões ligeiros britannicos, do commando do coronel Virau, postada em Hasparren, tinham por incumbencia a observação dos movimentos da divisão

do general Páris, que se retirára de S. Palais, quando os alliados haviam effeituado a passagem do Nive. Á vista do exposto é um facto que em consequencia das operações feitas pelos alliados para a passagem do Nive as suas duas alas ficaram quasi tres leguas distantes uma da outra, mettendo-se de mais a mais de permeio entre ellas o rio Nive. De simi-lhante circumstancia se buscou aproveitar o marechal Soult, caíndo na manhã do dia 10 com todas as suas forças reunidas sobre a ala esquerda dos alliados, do commando de sir John Hope, que ficára na margem esquerda do Nive. A confiança de Soult no bom exito d'esta empreza era de tal ordem, que na tarde de 9 escreveu elle ao duque de Feltro, dizendo-lhe: *Espero que terei successos a contar-vos*. E de facto o ataque por elle projectado seria funesto aos alliados, se convenientemente tivesse sido executado, poisque lord Wellington, tomando uma falsa posição, perdêra com isto a vantagem da sua superioridade numerica[1]. Mas Soult, em logar de marchar seriamente sobre o ponto decisivo de Ar-

[1] O general Vaudoncourt criticou na sua *Historia das campanhas de 1814 e 1815*, tom. I, pag. 233, esta falta de lord Wellington, dizendo «que posto elle contasse com a superioridade das suas forças para aventurar uma operação de flanco, similhante superioridade não era de tal ordem, que podesse dividir o seu exercito em duas partes, e pô-lo assim á mercê da eventualidade de um repentino crescimento de agua, que no Nive podia facilmente ter logar por aquelle tempo. Em tal caso era-lhe necessario que cada uma das metades do seu exercito tivesse forças bastantes para lutar com a totalidade do exercito francez, estado de que aliás estavam muito longe. As duas linhas de communicação da sua base de operações eram Irun e o porto da Maya, porque o de Roncesvalles não lhe podia servir de utilidade alguma no caso de retirada, poisque a marcha lhe era então impedida por S. João-de-Pé-de-Porto. Uma aventurosa tentativa podia bem tornar o duque de Dalmacia senhor das duas pontes de Ustaritz e de Cambo; podia tambem com todo o seu exercito reunido bater as tropas inglezas, que estavam na margem esquerda do Nive. N'este caso as que lord Wellington tinha postadas na margem direita achar-se-íam muito compromettidas. Um movimento para a frente sobre o Adour não as salvaria, poisque o duque de Dalmacia nada podia desejar tanto como ver que o seu adversario abandonava a sua base de operações, e juntamente com ella as suas communicações». Tudo isto é sensato, segundo nos parece.

cangues, como ao principio projectou, dirigiu o seu principal ataque sobre Barouilhet, ataque que em rasão do mau estado das estradas, alagadas pelas chuvas, se tornou falto de vigor e de unidade, defeito a que o general Vaudoncourt acrescenta mais o de Soult não ter promptamente começado com o seu ataque.

Como quer que seja certo é que na manhã do dia 10 de dezembro todo o exercito inimigo, exceptuando apenas as tropas que guarneciam as obras adiante da posição de sir Rowland Hill, se poz em marcha do seu campo entrincheirado em direcção á posição, que no dito ponto de Barouilhet occupava a esquerda do exercito alliado[1], formada pelas tropas do tenente general sir John Hope e pela divisão ligeira do barão Carlos Alten, que ali sustentaram uma encarniçada luta contra duas divisões do general Reille, as quaes ao principio lhes rechaçaram os seus postos avançados. O posto da divisão ligeira, que se achava no castello e igreja de Arcangues, bem como os postos avançados de sir John Hope, que estavam sobre o caminho real de Bayonna a S. João da Luz, perto da casa do maire de Biarritz, foram os que os francezes ao principio repelliram, dirigindo a principal força do seu ataque contra sir John Hope. Nenhuma ligação defensiva existia todavia entre estas duas divisões dos alliados, exceptuando apenas uma serie de collinas, que se projectava e devêra ser occupada por maneira diversa da dos postos avançados ou pequenos postos. A posição das duas citadas forças era forte em si mesma, achando-se os seus flancos sobre valles tão difficeis e proximos um do outro, que nenhum inimigo se atreveria n'elles a penetrar. Os francezes atacaram não obstante, e bateram vigorosamente a divisão ligeira nos seus entrincheiramentos, chegando-se a estabelecer sobre a altura que unia os dois corpos alliados; e conseguido isto, dirigiram immediatamente os seus principaes esforços contra a esquerda, formada pelas forças de sir John Hope, as quaes desenvolveram na repulsa do ataque, que

[1] Veja a estampa n.º 35.

n'aquelle ponto se dirigiu contra ellas, uma coragem digna da sua reputação, e favorecidos pelo terreno que occupavam, n'elle permaneceram inabalaveis. A repulsa do ataque coube mais particularmente á primeira brigada portugueza de 1 e 16 de infanteria com caçadores n.º 4, commandada pelo brigadeiro Archibaldo Campbell, e a uma brigada ingleza da quinta divisão, do commando do major general Robinson, que passou a sustentar a dita brigada portugueza. O inimigo, mesmo depois d'esta repulsa, continuou com firmeza no combate, a que a noite veiu pôr termo, ficando os dois exercitos em presença um do outro, tendo os alliados perdido 1:200 mortos e feridos e 300 prisioneiros, e os francezes 2:000[1]. O designio do inimigo com este seu ataque era obrigar a direita do exercito luso-britannico a repassar para a margem esquerda do Nive, ficando elle dominador exclusivo da sua margem direita, e com mais commodidade para as suas communicações, o que não conseguiu. A sua desgraça ainda aqui não parou, porque, chegada que foi a noite, tres batalhões allemães, um de Francfort e dois de Nassau-Usingen, em numero de 1:300 homens, commandados pelo coronel Krüse, bavarez de nação, mas que fôra educado no Hanovre, passaram-se para as bandeiras dos alliados, com a condição de serem transportados para o seu paiz natal, e de não pegarem em armas contra aquelles de quem acabavam de ser companheiros na guerra, combatendo ao lado d'elles[2]. Foi este não só um fatal golpe, mas até um terrivel exemplo que

[1] Raras vezes deixam as perdas de ser fixadas por mera estimativa, como succede n'este caso. Lapene fixa as dos alliados em 5:000 homens, postos fóra do combate, alem de 1:000 prisioneiros, avaliando as dos francezes em 3:000 homens. As *Victorias e Conquistas* apresentam os mesmos numeros, com a excepção de darem aos francezes a perda de 2:500 homens sómente. Segundo Vaudoncourt, Soult poz aos alliados 2:000 homens fóra do combate, alem de 800 prisioneiros. Segundo elle a perda dos francezes andou por 1:200 homens. Estes numeros estão mais perto da verdade que os precedentes.

[2] Segundo Lapene, foram sómente 1:600 homens os que se passaram para os alliados, mandando-se para Bayonna, depois d'esta deserção, o restante das tropas allemans.

appareceu nas fileiras inimigas, onde causou desordens e uma extrema desconfiança entre os soldados francezes e os estrangeiros.

Pela sua parte o marechal Soult, vendo as alas do exercito alliado distantes tres leguas uma da outra, e separadas de mais a mais pelo rio Nive, empregou a noite em fazer as suas disposições para atacar vigorosamente em Arcangues o barão Carlos Alten, dirigindo a maior parte das suas tropas n'esta direcção, sendo esta provavelmente a causa por que retirára as forças, que haviam combatido contra sir John Hope, em frente do qual ficaram sómente pequenas partidas, que este immediatamente fizera retirar. Os piquetes da divisão ligeira ainda conservavam a cordilheira por elles anteriormente occupada. O mesmo sir John Hope, percebendo no dia 11 que o ataque ía ser dirigido contra as tropas da divisão ligeira, moveu-se para mais perto d'ellas, na mente de as sustentar, de que resultou mudar o seu antagonista as suas disposições de novo, dirigindo muitas das suas columnas contra a ala esquerda dos alliados. Sir John Hope não perdeu um só instante em retomar o seu primeiro posto. Soult teve então occasião de lhe perseguir na marcha a sua retaguarda, obrigando-a a fugir precipitadamente, sem nada mais fazer contra estas tropas, depois de haverem retomado o seu posto, movimento que terminou as operações até ali feitas, tendo sir John Hope desenvolvido uma brilhante coragem, e não menos os officiaes do seu estado maior, que todos ficaram feridos, ou contusos, sendo o mesmo Hope um dos d'esta segunda especie: 800 homens se diz terem ficado no campo, quer por uma, quer por outra parte. Na manhã de 12 os francezes renovaram o ataque, mas com igual sorte á que nos dias anteriores haviam experimentado. A primeira divisão, commandada pelo major general Howard, tinha ido render a quinta divisão; mas o inimigo suspendeu na tarde do dito dia 12 os seus ataques, retirando-se completamente para o seu campo entrincheirado durante a noite. O tenente general sir John Hope elogiou altamente todos os officiaes e tropas do seu commando, recommendando particularmente a pri-

meira brigada portugueza do commando do brigadeiro Archibaldo Campbell, merecendo-lhe não menos elogio o coronel Luiz do Rego Barreto, commandante da terceira brigada portugueza de 3 e 15 de infanteria com caçadores n.º 8, que fazia parte da dita quinta divisão.

O marechal Soult, depois de ter infructuosamente tentado esmagar com o peso das suas tropas a esquerda dos alliados, aproveitou-se do seu campo entrincheirado de Bayonna, onde deixou de reserva duas divisões, para mover outras sete, ou 35:000 homens com 22 peças de artilheria, durante a noite de 12 para 13 de dezembro, contra o corpo commandado por sir Rowland Hill, postado sobre a direita do Nive, como já vimos. Pareceu-lhe provavelmente que os alliados se achariam muito enfraquecidos n'esta posição (destacados como os seus apoios tinham sido para outros pontos), nas vistas de resistirem aos terriveis, e pertinazes ataques, que durante os tres precedentes dias tinham sido dirigidos contra a sua esquerda. Bem longe de assim ser, lord Wellington havia desde pela manhã tomado as convenientes disposições para receber o inimigo. Prevendo bem este ataque, insinuára elle ao marechal Beresford que reforçasse o tenente general Hill com a sexta divisão, commandada pelo tenente general sir W. H. Clinton, de que fazia parte, como já temos dito, a setima brigada portugueza de 8 e 12 de infanteria com caçadores n.º 9, do commando do marechal de campo Madden: estas forças passaram o Nive ao amanhecer do dia 13, sendo successivamente reforçadas pelas da quarta divisão do commando do tenente general sir Jorge Lowry Cole (de que fazia parte a nona brigada portugueza de 11 e 23 de infanteria com caçadores n.º 7), e por duas brigadas da terceira, do commando do tenente general sir Thomaz Picton. Sir Rowland Hill tinha por então debaixo do seu immediato commando cousa de 13:600 homens com 14 bôcas de fogo. D'esta força quatro brigadas occupavam a aldeia de Saint-Pierre, sobre a estrada real de Bayonna a S. João-de-Pé-de-Porto, tendo-se atrás d'ellas postado a divisão do general Clinton para as sustentar. Duas brigadas se

achavam em Villa Franca, estando uma em frente de um terreno muito forte, e a outra no Mouguere Velho sobre a direita[1]. Soult avançava com os seus já citados 35:000 homens e 22 peças de artilheria, dirigindo evidentemente um vigoroso ataque contra o centro da linha alliada. Em consequencia d'isto sir Rowland Hill fez marchar todas as tropas dos seus flancos em soccorro d'este ponto, exceptuando apenas um batalhão, que deixou de guarda no Mouguere Velho.

Ao romper do dia 13 appareceu uma espessa nevoa ao abrigo da qual o marechal Soult póde muito a seu salvo formar a sua ordem de batalha; mas o mau estado dos caminhos foi causa de que tão sómente cinco das suas divisões se empregassem no combate, e mesmo d'este numero foram sómente tres as que seriamente n'elle se empenharam, por ser o terreno muito apertado para livremente operar com todas. O encontro mais forte e decisivo teve logar em Saint-Pierre, e o combate se tornou n'elle notavel pelo vivo encarniçamento de uns e outros combatentes. A batalha começára pelas oito horas e meia da manhã. O conde d'Erlon marchava em primeira linha com as divisões de infanteria Darmagnac, Abbé e Daricau, com a cavallaria de Sparre e as supracitadas 22 peças de artilheria; após isto seguia-se Foy e posteriormente Maransin. Pelo meio dia o general Hill, sabedor de que lord Wellington se lhe approximava com a sexta divisão, empenhou a sua reserva activamente no combate, e por tal fórma, que o marechal Soult se viu obrigado a fazer um movimento retrogrado, apesar da brigada Darmagnac e das divisões Foy e Maransin se acharem em posição e com força de aniquilarem os atacantes. No momento em que o general Hill obtinha tão importante resultado chegava com effeito a dita sexta divisão ao logar do conflicto, posta para este fim em marcha desde o romper do dia, sendo a certa distancia seguida pela quarta divisão, por mais duas brigadas da terceira e pela setima[2]. Lord Wellington, julgando ao primeiro

[1] Veja a estampa n.º 34.

[2] De Vaudoncourt sustenta que estas tropas se juntaram na noite de 12 para 13, de sorte que, segundo elle, Hill teria tido seis divisões em-

golpe de vista que a batalha estava já ganha, enthusiasticamente felicitou o general Hill pelo bom successo, que acabava de obter do inimigo, a que se seguiu ordenar de prompto um movimento geral para a frente, seriam então duas horas da tarde. As columnas francezas, fortemente perseguidas, experimentaram consideraveis perdas, valendo-lhes de muito a obscuridade da noite e o mau estado dos caminhos para que não fossem maiores, pois a não haver similhantes causas, incessante seria contra ellas a perseguição dos alliados. A perda d'estes foi bastante sensivel, como adiante se verá. Os francezes perderam ao todo 3:000 homens entre mortos e feridos, cifra muito importante, se se attender a que sómente metade do seu effectivo, ou 16:000 homens, foi o que seriamente se empenhou no combate[1]. No numero dos feridos contaram-se os generaes Maucune e Maucomble.

A respeito d'esta batalha lord Wellington exprimiu-se na sua parte official pelo seguinte modo. «A esperança da chegada da sexta divisão deu ao tenente general Hill a grande fa-

penhadas em combate logo desde o seu começo. É este um erro em que igualmente caiu Lapene, que avalia o effectivo do exercito de Hill em 40:000 homens. Este mesmo erro foi ainda reproduzido por mr. de Beauchamp, e pelos auctores das *Victorias e Conquistas*. Elevam estes ultimos as forças primitivas de Hill a 20:000 homens, e a 30:000 as que successivamente lhe chegaram durante o combate: sustentam mais que a batalha durou todo o dia, e que lord Wellington n'ella fez o principal papel.

[1] Segundo Pellot, os francezes tiveram 400 a 500 homens mortos e 2:500 feridos. Segundo Lapene tiveram 3:700 homens fóra do combate, e dois generaes feridos. O mesmo auctor avalia as perdas dos alliados em 6:000 homens, o que é manifesto erro, pois segundo uma parte official, publicada por Gurwood, os alliados tiveram, desde 9 até 13 de dezembro, 650 mortos, 3:907 feridos e 504 extraviados. Estes numeros servem igualmente para refutar Vaudoncourt, que avalia as perdas, experimentadas pelos alliados no dia 12 em 4:000 homens, e a Belmas, que sustenta que os alliados, segundo a sua propria confissão, perderam em Saint-Pierre 8:000 homens, emquanto que os francezes tiveram sómente 5:900 homens fóra do combate. Thibaudeau avalia as perdas dos francezes, desde 9 a 13, em 12:000 homens, Lapene em 10:000, e Pellot em 5:914, dos quaes 4:600 feridos, numero em que se não comprehendem os desertores e os prisioneiros.

cilidade na execução dos movimentos, que julgou conveniente fazer; porém as tropas do seu immediato commando haviam rechaçado o inimigo com uma perda immensa antes que ella chegasse. O ataque principal foi feito sobre a estrada real de Bayonna a S. João-de-Pé-de-Porto, o que fez com que as brigadas de infanteria ingleza do commando do major general Barnes, e a quinta brigada portugueza (6 e 18 de infanteria com caçadores n.º 6), do commando do major general Ashworth, sustentassem a maior parte do choque com o inimigo n'este ponto, e a conducta das tropas foi admiravel. A divisão portugueza do commando do marechal de campo Carlos Frederico Lecor (segunda e quarta brigadas portuzas, ou a de 2 e 14 de infanteria e a de 4 e 10 da mesma arma com caçadores n.º 10), marchou para sustê-las sobre a sua esquerda da mais bizarra maneira, e retomou uma posição importante entre estas tropas e a brigada do major general Pringle, que se batia com o inimigo em frente de Villa Franca. Tive grande satisfação em ver a conducta da brigada de infanteria britannica do commando do major general Byng, sustida pela quarta brigada portugueza (4 e 10 de infanteria com caçadores n.º 10), commandada pelo brigadeiro general Buchan, que atacou e tomou uma altura importante sobre a direita da nossa posição, que conservou, apesar dos maiores esforços, que o inimigo fez para a retomar[1]». Depois d'este desastre os francezes abandonaram todo o pensamento de continuarem a sua resistencia, não obstante ser ainda o seu exercito de 50:000 infantes e 6:000 cavallos.

Não nos demoraremos em grandes desenvolvimentos, quanto ao juizo critico d'esta batalha, não menos gloriosa para os alliados do que as anteriores o tinham sido, batalha a que nós chamâmos do Nive, e outros chamam de Saint-Pierre, ou de Sam-Pedro. O plano do general francez foi realmente bem combinado, particularmente no dia 13; mas a sua execução não correspondeu ao pensamento que o havia concebido, faltando-lhe, não só a precisa união de movi-

[1] Veja o documento n.º 114.

mentos, como tambem a promptidão e a rapidez que n'elles devia haver. De Vaudoncourt critica-o ainda por não ter atacado o corpo de Hill, logo no dia 11 ao romper da manhã; mas quando mesmo o seu ataque fosse pelas oito horas e meia de 13, como effectivamente o fez, ainda assim poderia ter batido o mesmo Hill, antes do meio dia, isto é, ainda antes de lhe terem chegado os primeiros reforços: e porque o não fez? Em lord Wellington póde tambem censurar-se-lhe o ter deixado o general Hill n'uma posição mui critica sobre á direita do Nive, onde teria sido batido, a não se ter dado para com elle um concurso de circumstancias felizes, e á muita coragem, verdadeiramente heroica, que os seus subordinados mostraram n'esta batalha. E com effeito se os francezes e os inglezes são concordes em reconhecer que a batalha do Nive foi uma das mais sanguinolentas de toda a guerra da peninsula, lord Wellington tambem pela sua parte declarou que nunca tinha visto um campo de batalha coberto de tantos mortos como viu n'este, e para fazer sentir qual devia ter sido o encarniçamento dos combatentes, pareceu-lhe sufficiente lembrar que 5:000 homens foram mortos, ou feridos em menos de tres horas sobre um terreno, que não tinha mais de uma milha de extensão. Mas como é então que, havendo um valor tal por ambos os lados, poderam dez brigadas inglezas e portuguezas, formando apenas um effectivo de menos de 14:000 homens, entre officiaes e soldados, tendo só 14 bôcas de fogo, bater sete divisões francezas, elevando-se a 35:000 homens, apoiados por 22 peças de artilheria? Se com effeito os francezes se bateram como indica lord Wellington, forçoso é admittir que os successos da guerra apresentam ás vezes factos d'uma difficil explicação. Seja porém como for certo é que esta batalha tem sido reputada como uma das mais encarniçadas da guerra da peninsula. Soult tomou depois d'ella os seus acantonamentos em attitude defensiva, tendo a sua direita no campo entrincheirado junto a Bayonna; o seu centro sobre a margem direita do Adour, e estendendo-se até Porto-de-Lanne, onde estabeleceu o seu principal deposito; e finalmente a

sua esquerda ao longo da margem esquerda do Bidouze, desde a sua juncção com o outro rio até Saint-Palais[1]. Cobriu tambem diversas passagens sobre a margem direita dos dois rios, sem desprezar as fortificações de S. João-de-Pé-de-Porto e de Navareins, levantando tambem entrincheiramentos em Dax, para fazer armazens e ponto de chegada dos soccorros e reforços, que lhe vinham do interior.

A repetição da chuvas, que sobreveiu depois da batalha do Nive, não permittiu a continuação das operações militares de que resultou tratarem os generaes de ambos os exercitos de levantar obras de campanha na frente das suas respectivas posições. Emquanto pois o marechal Soult tratava de fortificar Hastigues, Peyrehorade, e outros mais pontos sobre o Bidouze, lord Wellington cuidava em augmentar as suas obras em Barouilhet, pondo os seus intrincheiramentos no melhor estado de defeza, na mente de prevenir futuros. Alem d'isso vigiou ainda com mais empenho do que d'antes, se possivel era, a manutenção da disciplina, por que uma vez entrado em França, caro lhe custaria este passo, se acaso a população respectiva, vexada e opprimida, quando assim não procedesse, se revoltasse por fim, e tomasse parte na guerra, constituida em guerrilhas. Era isto o que o marechal Soult ardentemente desejava, e para este fim chamára elle do exercito de Suchet para o paiz dos Basques o general Harispe, bigorriano de nascença, e muito proprio para a organisação de corpos francos, como já o tinha provado nas campanhas de 1793 e 1794. Os seus esforços não deixaram entretanto de incommodar os alliados, a quem algumas vezes veiu perseguir pela sua retaguarda[2]. Entretanto lord Wellington tinha conseguido o

[1] Veja a estampa n.º 35 na parte superior.

[2] Varias causas houve que pozeram os povos Basques na proximidade de um levantamento geral, taes foram: primeira, o chamamento que lord Wellington fez de 20:000 hespanhoes, dos que anteriormente mandára para a retaguarda, receiando-se dos roubos que podiam fazer em França; segunda, a mortandade que os soldados de Morillo praticaram em quinze pessoas, entre mulheres e creanças, logo que se aquartelaram nas primeiras terras de França; terceira, os horrores que do

seu fim, tal era o de passar o Nive e habilitar-se por este modo a obrigar o exercito francez a abandonar Bayonna. Por meio da referida passagem cortava elle a communicação directa de Soult com S. João-de-Pé-de-Porto, assegurava as suas relações com os descontentes da França, abria para a sua cavallaria um vasto e fertil paiz, e finalmente ameaçava a navegação do Adour, difficultando portanto ao inimigo a chegada dos seus comboios. Todavia isto não era mais do que um pequeno passo, dado para conseguir os seus intentos, poisque para alem do Nive tinha ainda a vencer não poucas difficuldades. O terreno era, como na outra margem do rio, de uma natureza argillosa, e cortado por maus caminhos. Alem d'isto o paiz era atravessado por muitos rios, mais ou menos consideraveis, os quaes forçosamente se haviam de engrossar pelas chuvas, que nas montanhas proximas tinham caído, formando todos elles nos seus cursos, concentricos ao Adour, uma serie de barreiras naturaes, por traz das quaes o marechal Soult podia bem manter-se sobre a direita de lord Wellington, e entreter as suas communicações com S. João-de-Pé-de-Porto, ameaçando assim envolver ainda os alliados; mas d'esta vez n'uma escala mais vasta, e portanto com menos vantagens, por se ver obrigado a manter na defensiva, sendo a sua linha tambem mais extensa que a do seu adversario, que occupava a posição central.

Não se póde negar que na batalha precedentemente descripta os maiores esforços dos francezes foram sempre repellidos por uma pequena parte das tropas alliadas, incontestavel prova da inferioridade em que já para com ellas se achavam os exercitos francezes por aquelle tempo. Compostos como es-

mesmo teor igualmente praticaram os guerrilheiros de Mina entre os mesmos Basques. Taes foram pois as causas que incitaram estes povos a um levantamento geral, que lord Wellington evitou, publicando uma ordem do dia, em que os prevenia de que ou se juntassem ao exercito, ou se conservassem tranquillos em suas casas, na certeza de que todos os individuos que encontrasse com armas na mão, na qualidade de guerrilhas, seriam fuzilados, e as suas casas queimadas sem misericordia. Foi esta ameaça a que evitou o supracitado levantamento.

tes eram de recrutas, por terem os soldados velhos perecido pela maior parte nas sanguinolentas campanhas dos precedentes annos, em que tanto Napoleão, como os seus generaes tão desapiedadamente os tinham sacrificado, não era possivel que soldados taes podessem fazer frente com vantagem aos aguerridos e veteranos soldados inglezes e portuguezes, que por aquelle tempo compunham o exercito luso-britannico, amestrado já em disciplina e de valor comprovado, como se achava por tantas campanhas, como aquellas que havia já feito desde 1809 até ao anno de 1813, que por então corria. Como quer que seja é um facto que os combates sustentados pelo exercito luso-britannico desde 9 até 13 de dezembro de 1813, tendo sido muito sanguinolentos e bem disputados, nada mais foram do que uma plena confirmação da alta reputação, que o referido exercito havia até então adquirido pela sua heroica conducta. O inimigo occupava, como acima se viu, uma formidavel posição entre o Nive e o Adour, apoiando as suas alas com um campo entrincheirado na sua retaguarda, junto á praça de Bayonna, para onde se retirára depois de repellido nos seus ataques. Convencido o marechal Soult de que os seus esforços eram inuteis, passou á margem direita do Adour, dirigindo-se para Dax, soffrendo uma grande perda, avaliada pela baixa em 3:000 homens, só a que teve logar no dia 13, e em 5:000 para 6:000 homens (igualmente em numero baixo), a sua perda total durante os já citados cinco dias de batalha, ou os contados desde 9 até 13 do referido mez de dezembro, como já superiormente se viu em uma nota. A dos alliados tambem foi bastante sensivel, avaliando-a lord Wellington pela seguinte maneira. A perda do exercito alliado nas operações, ligadas com a passagem do rio Nive em 9 de dezembro, foi de 759 homens (89 mortos, 645 feridos, e 25 extraviados), sendo portuguezes 276 (31 mortos, 232 feridos, e 13 extraviados), 457 inglezes (53 mortos, 392 feridos, e 12 extraviados), e hespanhoes 26 (5 mortos, e 21 feridos). A perda do referido exercito pelo mesmo motivo foi no dia 10 de dezembro de 1:205 homens (227 mortos, 734 feridos, e 244 extraviados), sendo portu-

guezes 582 (165 mortos, 317 feridos, e 10 extraviados), e inglezes 623 (62 mortos, 417 feridos, e 144 extraviados). A perda do mesmo exercito referida aos dias 11, 12, e 13 de dezembro foi de 2:510 homens (278 mortos, 2:034 feridos, e 198 extraviados), sendo portuguezes 1:248 (143 mortos, 939 feridos, e 166 extraviados), inglezes 1:262 (135 mortos, 1:095 feridos, e 32 extraviados). A perda total desde 9 a 13 foi portanto de 4:474 homens (594 mortos, 3:413 feridos, e 467 extraviados, sendo portuguezes, 2:106 (339 mortos, 1:488 feridos, e 279 extraviados), inglezes 2:342 (250 mortos, 1:904 feridos, e 188 extraviados), hespanhoes 26 (5 mortos, e 21 feridos). Tendo tido logar no dia 13 de dezembro a principal força da batalha de Nive, vê-se que a perda do exercito portuguez foi quasi igual á do inglez, tendo-lhe sido aliás superior em mortos; mas como a força do exercito inglez se reputava com metade mais da do portuguez, segue-se que os esforços empregados por este na referida batalha se podem julgar ainda maiores que os empregados pelo inglez, resultando d'aqui que a gloria da victoria, alcançada pelo exercito luso-britannico, cabe na maxima parte ás tropas portuguezas. Isto mesmo é o que se collige da expressiva ordem do dia, publicada pelo marechal Befesford na data de 25 do citado mez de dezembro, com relação á citada batalha, ordem do dia que não podemos deixar de transcrever na integra, por ser um novo padrão de gloria para o exercito portuguez.

«Ordem do dia de 25 de dezembro de 1813. A nação portugueza, sem se lembrar dos feitos gloriosos dos seus antepassados, olhando sómente para o que tem succedido na presente guerra, não póde duvidar de que sempre que ouvir fallar de uma batalha em que as suas tropas tenham cooperado, ha de tambem ouvir elogia-las; e na occasião actual não verá (nem é de presumir que d'aqui em diante veja frustrada a sua espectação). S. ex.ª o sr. marechal Beresford, marquez de Campo Maior, a respeito das acções, que tiveram logar desde 9 até 13 do corrente inclusivè, e que serão relatadas pelo ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. marechal general

duque da Victoria, gosa a satisfação e acha-se no agradavel dever de ter sómente de referir a sua alteza real, o principe regente nossos senhor, a boa conducta das suas tropas, e fazer-lhes os seus elogios. Será para sua alteza real um prazer bem agradavel, e fará em ss. ex.as os srs. governadores do reino, e em todo o portuguez uma impressão das mais satisfactorias, e que não os deverá fazer menos ufanos, o verem que á medida que as tropas nacionaes são experimentadas, se mostram dignas de toda a confiança, e que o seu comportamento e valor são sempre mui superiores á prova, por mais ardua e forte que seja. D'esta verdade dão testemunhos abundantes os feitos de armas das tropas portuguezas nas ultimas batalhas. A sua reputação já estava firmada, e o está igualmente a estima e admiração dos seus valorosos companheiros de armas do exercito britannico, existindo só entre uns e outros uma emulação honrosa para todos, e uma estimação e amisade reciproca. O sr. marechal tem a satisfação de dar a saber a sua alteza real, e bem assim a ss. ex.as os srs. governadores do reino de Portugal, que não obstante achar-se tão elevado o caracter das suas tropas por tantos feitos gloriosos, comtudo n'estes ultimos acontecimentos ainda elles augmentaram a sua reputação, e a approvação do nosso grande commandante, o ill.mo e ex.mo sr. marechal general duque da Victoria, como a admiração que os srs. generaes, e todas as classes do exercito britannico já lhe prestavam. O sr. marechal não póde elogiar demasiadamente o exercito portuguez n'estes acontecimentos, e ao mesmo tempo que é da sua obrigação levar o seu merecimento á presença de sua alteza real, e á de ss. ex.as os srs. governadores do reino, não lhe compete menos assegurar ao exercito, que dirigindo as suas recommendações a favor dos defensores da patria e da Europa, é certo serem recebidas e consideradas favoravelmente, pois é um governo paternal, que contempla o merecimento das suas valorosas tropas, e se disvela em remunera-las quanto é possivel. O sr. marechal é testemunha dos desejos e cuidados de ss. ex.as os srs. governadores do reino de proverem ás necessidades

das familias dos officiaes gloriosamente mortos no serviço do seu soberano, e o exercito deve estar certo de que o sr. marechal não omittirá levar á presença de ss. ex.as os srs. governadores do reino com recommendação toda a familia que assim perder o seu chefe, poisque só assim cumprirá com os desejos beneficos de sua alteza real. O sr. marechal desprezaria o seu dever se deixasse n'esta occasião de lembrar ao exercito portuguez quanto este deve á subordinação e disciplina, e o lembra com o unico objecto de que os seus officiaes nunca percam de vista uma e outra. O sr. marechal, servindo-se do poder, que sua alteza real houve por bem conferir-lhe, com o fim expresso de uma prompta recompensa do merecimento brilhante das suas tropas, promove os officiaes e officiaes inferiores abaixo mencionados, que lhe foram recommendados, porque tiveram e aproveitaram a occasião de se distinguirem, e manda tomar em memoria os nomes de muitos outros, que merecem a sua contemplação, para se lembrar d'elles na primeira conjunctura favoravel.

«O sr. marechal sente infinitamente que houvesse tantos officiaes e homens mortos e feridos; mas não se adquire gloria sem perigo e perda, e foi esta ainda muito menor do que se podia esperar da grande força com que o inimigo atacou. Porém o valor é a segurança do valoroso, e a perda anda sempre em proporção com a falta de coragem. Entre os officiaes mortos não póde s. ex.a deixar de mencionar para receberem os pezares da sua patria o tenente coronel do regimento de infanteria n.º 3, Luiz Diogo Pereira Forjaz, official que aindaque de pouca idade dava a maior esperança. Era elle sempre o primeiro a arrostar-se com os perigos, subiu ao posto que tinha pelo seu valor e merecimento, e perdeu a vida gloriosamente nas fileiras do inimigo em uma carga de bayoneta; mas vendo ainda os seus bravos soldados vencedores. O sr. marechal sente tambem a morte do major do regimento de infanteria n.º 18, Mathias José de Sousa, que commandou bem e valorosamente o regimento na maior parte da batalha. S. ex.a dá os seus agradecimen-

tos ao sr. marechal de campo Carlos Frederico Lecor, que mereceu plenamente a sua estima e approvação pelo modo com que conduziu a divisão do seu commando, a qual se distinguiu com muita particularidade, e deseja que assegure aos srs. brigadeiros, Antonio Hypolito da Costa e João Budian, da perfeita satisfação de s. ex.ª a respeito d'elles e das suas brigadas. A brigada do Algarve, que commanda o sr. brigadeiro Antonio Hypolito da Costa, teve com especialidade occasião de mostrar ao inimigo que os homens de que ella constava eram os mesmos que o expulsaram á bayoneta das alturas dos Pyrenéos no dia 30 de julho ultimo. O sr. coronel Jorge de Avillez[1], e o major Jacinto Alexandre Travas-

[1] Sendo Jorge de Avillez mais um dos officiaes superiores do nosso exercito, que mereceu ser sempre elogiado pelo seu valor e bravura nas differentes batalhas em que entrou durante a guerra da peninsula, julgámo-nos obrigados, segundo o plano que nos propozemos seguir, apresentar aqui ao leitor a biographia d'este notavel contemporaneo, em harmonia com o que a respeito de outros temos praticado em igualdade de circumstancias.

Foi Jorge de Avillez Juzarte de Sousa Tavares, fidalgo cavalleiro da casa real, superintendente das caudelarias da comarca de Portalegre, coronel de milicias da comarca do Crato, primeiro visconde do Reguengo com honras de grande, primeiro conde de Avillez, par do reino, do conselho de sua magestade fidelissima a rainha de Portugal, e do supremo tribunal de justiça militar, cavalleiro professo na ordem de Christo, commendador de S. Marcos de Monsaraz na mesma ordem, e da Torre e Espada, condecorado por sua magestade britannica com a gran-cruz de oiro e dois braceletes pelas campanhas da guerra da peninsula, com a cruz de oiro portugueza e a medalha das seis campanhas da mesma guerra, com as de Vittoria, Pamplona e Toulouse por sua magestade catholica, com a estrella de oiro pelas campanhas de Montevideu e Rio da Prata, tenente general dos exercitos de sua magestade fidelissima, commandante da primeira divisão militar do reino, e finalmente senador ás côrtes de 1838 pela provincia do Alemtejo.

Nasceu este illustre contemporaneo a 28 de março de 1785 na cidade de Portalegre, sendo successor nos morgados da Torre, do Reguengo de S. Gregorio e Casas Novas, pertencentes a uma das mais nobres e opulentas familias do Alemtejo. Aos 15 de maio do dito anno de 1785 foi baptisado no oratorio da sua propria casa na referida cidade por Joaquim Pedro Barbosa, conego da respectiva cathedral e secretario do seu cabido. Consta pois do assento do seu baptismo ter sido filho legitimo

sos, que commandavam os dois regimentos d'esta brigada, receberão os agradecimentos de s. ex.ª, e o sr. brigadeiro

de Jorge de Avillez Juzarte de Sousa Tavares e Campos, natural da dita cidade de Portalegre, e de D. Francisca Rosa de Menezes Barba de Mendonça, natural de Leiria. Teve por padrinho de baptismo João Antonio de Sá Pereira, alcaide-mór de Montemór o Velho, por quem foi tocar como procurador Izidoro Juzarte de Sousa Tavares. Sendo nos seus primeiros annos destinado á carreira das letras, frequentou os seus primeiros estudos no antigo collegio dos nobres em Lisboa. Em 1806, contando apenas vinte e um annos de idade, foi despachado coronel das milicias do Crato. Tendo já anteriormente sido nomeado superintendente das caudelarias de Portalegre, foi depois incumbido pelo general marquez de Alorna, por portaria de 17 de outubro de 1807, de recrutar para o seu dito corpo de milicias, com o qual passou depois a fazer serviço de guarnição na praça d'Elvas, que por então se preparava para a defeza do reino na imminente invasão dos francezes. Em julho de 1808, quando o paiz se levantou contra a denominação franceza do general Junot, resolvido a sacudir o jugo que o opprimia, Jorge de Avillez foi eleito coronel do regimento de voluntarios de Portalegre, eleição confirmada pela junta governativa da mesma cidade, da qual era membro Em 3 de agosto de 1808, quando o general Loison atacou e dispersou em Evora parte das forças do Alemtejo, entrou Jorge de Avillez em Campo Maior para soccorrer esta villa com o seu regimento de voluntarios, organisado, fardado e armado como já então se achava. D'ali foi depois a Hespanha comprar munições de guerra de toda a especie de que aquella praça carecia, as quaes fez por fim conduzir á sua custa. Em setembro, fazendo parte da divisão do sul, commandada pelo marquez de Olhão, marchou sobre a capital, sendo em todo este tempo pagos por elle os prets e soldos ao seu regimento, com o qual prestou os mais relevantes serviços com a fidelidade, honra e valor, que foi sempre o timbre da sua conducta.

Em 28 de outubro do mesmo anno de 1808, reorganisando-se o exercito portuguez, foi o seu dito regimento de voluntarios incorporado no referido exercito, com a denominação de primeiro batalhão de caçadores, para o qual foi nomeado tenente coronel commandante por decreto de 21 de janeiro de 1809. Tão desinteressada dedicação lhe grangeou a rendosa commenda de S. Marcos na ordem de Christo com que o soberano o agraciou. Estimulado por similhante graça, em breve começou a colher immarcesciveis louros no combate de Mortagoa e na batalha do Bussaco, onde se distinguiu, merecendo ser condecorado por sua magestade britannica com a medalha de commando; igualmente se tornou distincto nos combates de Alemquer, Pombal, Rediuha, Condeixa, Foz de Arouce, Ponte da Murcella e Sabugal, bem como na batalha de Fuentes

João Buchan fará saber ao sr. coronel Luiz de Sousa Vahia do regimento n.º 10, ao tenente coronel João Hill do regi-

de Oñoro. Pelo mesmo teor foi a sua conducta no assalto de Badajoz, em Alba de Tormes e na batalha de Vittoria. Um bracelete de oiro, concedido por sua magestade britannica, foi a remuneração d'estes feitos militares, que igualmente repetiu na campanha dos Pyrenéos, sendo gravemente ferido na batalha de Pamplona, ferimento que o não embaraçou de tambem tomar parte na batalha do Nivelle e na do Nive, que lhe grangearam um novo bracelete de oiro e a cruz de commando. Nos combates de Sauveterre, de Tarbes e do Aire, bem como na batalha de Orthez, commandou a brigada do Algarve, continuando á testa d'ella até á batalha de Toulouse, que poz termo ás gloriosas campanhas da peninsula, por effeito da entrada dos exercitos do norte em Paris e da paz que se lhe seguiu. Regressando com o exercito a Portugal, foi condecorado com a cruz de oiro portugueza pelas seis campanhas a que assistiu, alem da medalha de seis commandos e da commenda da Torre e Espada, sendo por sua magestade catholica igualmente condecorado com as medalhas de Vittoria e Pamplona. Encarregado então do commando do quinto regimento de infanteria, passou depois a commandar as forças militares da praça de Elvas.

Em 1815 foi nomeado para commandar uma das brigadas, que deviam compor a divisão portugueza, destinada a reunir-se na Belgica ao grande exercito alliado contra Napoleão, por effeito do seu novo desembarque na França, divisão que não chegou a saír do reino. Em virtude da requisição de tropas, feita depois pela côrte do Rio de Janeiro, foi promovido a brigadeiro por decreto de 28 de julho do dito anno de 1815, dando-se-lhe o commando da primeira brigada da divisão de *Voluntarios reaes do principe*, destinada a operações na margem oriental do Rio da Prata, divisão que de Lisboa partiu para o Brazil em 15 de fevereiro de 1816, chegando á capital do mesmo Brazil a 20 de janeiro de 1817, d'onde passados mezes seguiu para o seu destino. Em 25 de abril do mesmo anno foi promovido a marechal de campo; e tanto no governo militar da praça de Montevideu, para que foi nomeado por diploma de 26 de janeiro de 1818, como no commando das operações da campanha da dita margem oriental do Rio da Prata, sempre se distinguiu, principalmente na acção do Paço de Arenas em 26 de setembro de 1819, na qual, surprehendendo o inimigo, incendiando-lhe o acampamento, batendo-o, dispersando-o, e fazendo-lhe innumeros prisioneiros, os melhores cavallos, e muitos centos de cabeças de gado vaccum, contribuiu muito por este brilhante feito para a ultimação da guerra, da qual resultou o entrarem os sublevados na obediencia do governo do Rio de Janeiro. Por estas campanhas do Rio da Prata foi condecorado com a Estrella de oiro. Em 27 de setembro de 1820 obteve licença para ir á

mento n.º 4, e ao capitão graduado em major, Francisco Antonio Pamplona de caçadores n.º 10, a plena satisfação de s. ex.ª

capital do Brazil, onde chegou a 4 de novembro do mesmo anno. Em 21 de abril de 1821, sendo encarregado por el-rei D. João VI de dispersar os sediciosos, reunidos na praça do commercio, com o fim de embaraçarem o seu embarque para Portugal, desempenhou esta commissão por modo tal, não obstante as gravissimas difficuldades que offerecia, que nenhum sangue se derramou, restabelecendo-se o socego publico, e assegurando-se o embarque de el-rei, que do Rio se fez de véla para Lisboa no dia 26, deixando-o encarregado do governo das armas da côrte e provincia, e dando-lhe a graduação de tenente general, por decreto de 22 do mesmo mez e anno.

Verificado o regresso de sua magestade á sua antiga côrte da Europa, foi Sua Alteza Real, o principe D. Pedro de Alcantara, herdeiro da coróa, deixado por seu pae como regente do Brazil, facto a que desde logo se seguiram os primeiros symptomas de separação d'aquelle estado, sendo o Rio de Janeiro o principal foco de similhantes idéas. De tudo isto foi sabedor o general Avillez, que movido pelo seu nunca desmentido amor da patria, e attento sómento em conservar a união e harmonia dos portuguezes em ambos os hemispherios, obstou quanto em si coube á separação d'aquelle importante dominio ultramarino, chegando mesmo a rogar officialmente a sua alteza real, no dia 4 de outubro de 1821, se dignasse declarar aos povos que não permittiria outro systema, que não fosse o constitucional, legalmente decretado e jurado pelo exercito e a nação. E não sómente obteve que sua alteza real assim o fizesse, proclamando n'este sentido, mas até que o ordenasse por positivas medidas de rigor, as quaes pelo menos paralysaram os esforços dos homens, que tramavam de dia e de noite para realisar a sua pretensão da separação da metropole. Esta proclamação de D. Pedro e a perseverança do general Avillez poderam ainda manter a boa ordem por algum tempo, e assegurar a melhor intelligencia entre os portuguezes da Europa e da America; mas chegando ao Rio o absurdo e impolitico decreto das côrtes geraes da nação, com data do 1.º de outubro, pelo qual ordenavam o regresso do principe real á Europa, a fim de viajar incognito e educar-se nos principios constitucionaes em França, Hespanha e Inglaterra, não foi possivel conter por mais tempo a justa indignação do mesmo principe, a quem as ditas côrtes ousaram tratar com o mais insolente desprezo, esquecidas das melindrosas circumstancias do Brazil, e da posição delicada em que sua alteza real se achava, a respeito dos povos brazileiros, confiados ao seu governo. Desde logo os habitantes do Rio olharam a divisão auxiliar portugueza como sua inimiga, concebendo o projecto de a desarmar e banir, como se tinha já feito ás forças de Portugal, que se achavam em Pernambuco e Bahia; mas o general Avillez,

pela valorosa conducta dos seus corpos. O sr. brigadeiro Carlos Ashworth, e a quinta brigada (do Porto), composta

conservando-se fiel ao governo de Lisboa, como lhe cumpria, resistiu com firmeza a todas as provocações e violencias da côrte do Rio de Janeiro, fez-se respeitar á testa dos seus bravos soldados, e protestou contra os procedimentos do respectivo ministerio, procedimentos não provocados pela divisão do seu commando, a qual se houve com tanta prudencia e valor, que o principe, irritado por esta causa, em consequencia do seu genio altivo, fez depois justiça ao seu commandante, honrando-o com a sua amizade.

Forçada como a dita divisão foi por fim a embarcar para a Europa, chegou a Lisboa no dia 21 de maio de 1822. O general, dando immediatamente conta ao governo e ás côrtes dos acontecimentos do Rio de Janeiro, retirou-se depois para a sua casa de Portalegre, onde foi eleito deputado ás côrtes ordinarias de 1822, sendo a sua carreira parlamentar tão nobre e tão coherente como o tinha sido a sua vida militar. No mez de maio do seguinte anno testemunhou em Lisboa a fuga do infante D. Miguel para Villa Franca, acompanhado por alguns militares, a que se seguiu uma manifesta insurreição, destinada a derrubar a constituição do estado, a qual el-rei pareceu por algum tempo querer sustentar, com receios talvez de novas commoções. O ministerio tinha sido mudado no dia 28 do mesmo mez, conferindo-se o commando em chefe do exercito por acclamação das côrtes ao general Avillez. No dia 31 D. João VI abandonou tambem a capital, evadindo-se de noite á testa do regimento de infanteria n.º 18 para obstar á usurpação de seu filho. Lisboa ficou portanto exposta aos horrores de uma imminente anarchia, da qual o mesmo Avillez a salvou, mantendo inalteravel o socego publico, serviços de summa importancia, que o conde de Subserra, primeiro ministro do rei absoluto, galardoou no dia 5 de junho, mandando-o banir de Lisboa dentro em duas horas por uma ordem sua. Degradado para Coimbra, foi preso no dia 27 do dito mez de junho e conduzido para o castello de S. Jorge. D'esta fortaleza foi depois removido para a torre de S. Vicente de Belem, aonde em 25 de setembro foi intimado para responder a conselho de guerra pelo seu procedimento no Rio de Janeiro: accusado de insubordinação e revolta contra o legitimo poder do principe real, foi a final condemnado em 3 de fevereiro de 1824 a trabalhos de fortificação, sentença que depois lhe foi commutada pelo supremo conselho de justiça militar em 18 de março do mesmo anno em demissão de posto e um anno de prisão na praça de Castello de Vide, declarando o mesmo conselho no corpo da sentença reconhecer os relevantes serviços, que o general havia prestado na cidade do Rio de Janeiro! No dia 5 de abril partiu para o seu destino, onde chegou no dia 13 para cumprir a sentença que lhe foi imposta.

dos regimentos n.ºs 6 e 18 e batalhão de caçadores n.º 6, tem direito á particular approvação de s. ex.ª pela sua conducta

Em março de 1826 fallecêra em Lisboa no seu paço da Bemposta el-rei D. João VI. Portugal, graças á generosidade de seu filho primogenito, entrou de novo na communhão dos povos livres, vendo o general Avillez por essa occasião annullada a sua iniqua sentença pelo julgamento de um conselho especial, que a deu como de nenhum effeito, conselho nomeado pela infanta regente em 15 de junho de 1827. Em fevereiro de 1828 teve logar o fatal regresso do infante D. Miguel a Lisboa, vindo de Vienna de Austria. Desmascaradas as suas malevolas e traidoras intenções, foi o general Avillez um dos portuguezes, que mais trabalhou na capital para promover uma opposição formal á usurpação do mesmo infante; mas tornando-se infructiferos os seus esforços na capital, obteve licença para se retirar para sua casa em 27 de março de 1828, levando comsigo o projecto de dispor as tropas do Alemtejo a resistirem ás machinações, que o infante D. Miguel começava a desenvolver contra as instituições liberaes e os seus partidistas. Em 16 de maio do dito anno de 1828 rebentou no Porto a revolução liberal, tendente a manter a auctoridade de D. Pedro IV. A junta provisoria, que n'aquella cidade se creou, nomeou o general Avillez em 21 do citado mez de maio commandante em chefe do exercito de operações; mas tendo o nomeado quebrado por aquella occasião uma perna, não pôde comparecer para assumir o sobredito commando, de que lhe resultou ser posteriormente preso em sua casa, estando ainda de cama, e conduzido para o forte de Lippe em 17 de junho. D'ali foi depois para o castello de S. Jorge, d'onde deshumanamente o fizeram percorrer todas as prisões do reino, carecendo de todos os meios de subsistencia, por haver sido privado dos seus soldos e sequestrados os seus bens ao mesmo tempo, sendo sua esposa igualmente victima d'esta barbara perseguição, encerrada como tambem foi n'uma das masmorras do usurpador.

Destacada para o Algarve a divisão que do cerco do Porto para ali se mandou em junho de 1833, o governo miguelista confinou para as prisões de Bragança o general Avillez, que de lá se pôde evadir em 18 de fevereiro de 1834, tendo soffrido cinco annos e nove mezes de prisão a mais rigorosa sob os ferros miguelistas. Para Alcaniças, pequeno povo da Hespanha, se dirigiu elle, onde a longa serie dos seus precedentes, que ennobreciam o seu nome e afiançavam a coherencia da sua anterior carreira militar, fez com que a rainha da Hespanha ordenasse ao seu ministerio e aos seus generaes, que se correspondessem officialmente com o tenente general Avillez, communicando-lhe a sua real satisfação pelo interesse immediato nas causas portugueza e hespanhola. Em conformidade com isto, mandaram-se pôr á sua disposição todos os meios pecuniarios de que carecesse a força hespanhola de observação na

no dia 13, que não podia ser mais brilhante em todas as circumstancias variaveis de uma longa e obstinada contenda.

raia, bem como armas e munições de guerra para equipar os emigrados portuguezes, que ali se achavam, e outros muitos que de Portugal se lhes reuniam, organisando-se de uns e outros um batalhão de infanteria, e um esquadrão de cavallaria. Com estas forças, reunidas a tres regimentos hespanhoes, entrou Jorge de Avillez em Bragança no dia 18 de abril de 1834. Por este modo obrigou a fugir a guarnição d'aquella cidade, bem como os depositos carlistas, que ainda a occupavam, assim como de outros pontos da provincia, ficando por este modo apoiadas as operações do duque da Terceira na passagem do Douro para a Beira Alta, passagem que não teria sido praticavel, se a provincia de Traz os Montes continuasse a ser occupada pelas forças rebeldes, que então n'ella existiam. É portanto inquestionavel que para o bom exito das operações e marchas do duque da Terceira muito concorreram os rapidos e bem combinados movimentos do general Avillez, percorrendo em breve tempo toda aquella provincia, destituindo as auctoridades miguelistas, e substituindo-as por outras de reconhecida lealdade ao systema constitucional, embora depois lhe negassem essa gloria individuos a quem fazia sombra.

Chamado a Lisboa pelo imperador D. Pedro, e chegando á capital em 24 de maio de 1834, foi no dia 27 do mesmo mez nomeado governador militar da côrte e provincia da Extremadura, e promovido a tenente general effectivo por decreto de 16 do seguinte mez de junho, e por outro de 8 de agosto do mesmo anno nomeado conselheiro do supremo tribunal de justiça militar. Em 28 de junho de 1834 foi pela terceira vez eleito deputado ás côrtes da nação portugueza. Em 3 de novembro do referido anno foi encarregado do commando em chefe do exercito de observação na provincia de Traz os Montes, onde a sua intelligencia, zêlo e pratica do serviço tornaram aquelle exercito modelo de disciplina militar, por cujo motivo recebeu os maiores elogios e agradecimentos pelas diversas repartições do ministerio da guerra, bem como pela actividade, prudencia e previdencia com que se houve no estado convulsivo e anarchico em que então estava aquella provincia. Por decreto de 10 de dezembro de 1835 foi honrado com o titulo de visconde do Reguengo. Não lhe permittindo a sua saude a continuação de uma commissão tão violenta, obteve licença para recolher á capital, a fim de fazer uso dos banhos das Caldas, como principiou a fazer em 9 de maio de 1835, entrando algum tempo depois no exercicio das funcções do governo militar da provincia da Extremadura, que tinham sido interrompidas pelo encargo d'aquella commissão.

Em setembro de 1836 teve logar a revolução, denominada de setembro, na qual se acclamou a constituição de 1822 com as modificações que as côrtes lhe fizessem. N'esta revolução o visconde do Reguengo

S. ex.ª não póde ser excessivo fallando em abono da conducta dos referidos corpos, commandados pelo tenente coronel

deu á rainha as mais evidentes provas da sua fidelidade e dedicação em defeza do throno e das suas reaes e constitucionaes prerogativas, pondo á sua disposição em torno do palacio real das Necessidades as forças de linha da guarnição da capital, e como severo executor das suas reaes ordens, deu tambem á nação portugueza provas muito positivas da sua coherencia politica, adherindo á proclamação de um principio, que já em 1822 reconhecêra justo e de antigo direito portuguez, contribuindo em grande parte para a manutenção da possivel ordem em uma crise, que tão vasto campo abria aos mais horrorosos excessos. Vieram depois os memoraveis acontecimentos de Belem, cujo véu a carta dirigida pelo fallecido marquez de Sá da Bandeira ao conde Goblet de Alviella veiu em grande parte levantar, se é que não inteiramente destruir. Parte da guarnição da capital reuniu-se n'aquelle sitio por ordem legal; a guarda nacional tomou as armas contra a reacção, que parecia vir da côrte; desembarcaram em auxilio d'ella as guarnições dos navios de guerra inglezes surtos no Tejo, tendo elles sido anteriormente augmentados consideravelmente. Ás portas da cidade havia em Alcantara um campo de batalha, e sentiam-se as funestas consequencias que podiam vir do primeiro tiro. O visconde do Reguengo não foi dos ultimos a prever os tristes resultados de tamanha crise, fazendo por tal occasião mais um novo serviço á sua patria, cooperando poderosamente para que similhante estado de cousas acabasse sem effusão de sangue e com dignidade, tanto para a nação, como para o throno. No seguinte anno de 1837 appareceram em campo os marechaes Saldanha e duque da Terceira, acompanhados d'aquelles generaes, que não queriam a revolução de setembro, os quaes, desvairando algumas tropas e capitaneando-as, fizeram correrias pelo reino, e ameaçaram entrar na capital á força de armas, para defeza da qual foi o visconde do Reguengo revestido de poderes especiaes por decreto de 15 de agosto d'aquelle anno, sendo postas á sua disposição todas as forças civicas e militares, com as quaes guarneceu as linhas de Lisboa, que elevou ao melhor estado de defeza, conservando entre todos os corpos a melhor harmonia, e a mais excellente disciplina, assim como um vivo enthusiasmo até á convenção de Ruivaens, que poz termo a esta desgraçada luta civil.

No dia 4 de março de 1838 começou a sedição de alguns corpos da guarda nacional, querendo oppor-se ao exercicio legal das attribuições da corôa, e disputar ao governo o constitucional desempenho das funcções a seu cargo. No dia 9 do mesmo mez, estando em armas no arsenal da marinha o revoltoso batalhão do referido arsenal, foi o visconde do Reguengo o commandante das forças que sitiaram aquelle edificio, contribuindo por mais esta vez a sua presença e con-

Maxwell Grant, o valoroso major Mathias José de Sousa (cuja morte é tanto para sentir), e o tenente coronel Pedro Fae-

selho para evitar o derramamento de sangue entre os seus concidadãos. Nos dias 11 e 12 do mesmo mez continuaram os excessos dos revoltosos, obrigando o governo a que no dia 13 usasse da força para os desarmar; e pondo em movimento a tropa de linha, commandada pelo general visconde de Reguengo, este general, empregando primeiro os meios de brandura e de persuasão, foi a final constrangido a usar do ultimo recurso, imperiosamente exigido pelas circumstancias contra o aleivoso fogo, que lhe fizeram na rua Nova da Palma e Rocio, onde lhe mataram um cavallo e o feriram levemente. No dia 4 de abril do mesmo anno de 1838 foi sua magestade, a rainha D. Maria II, servida agracia-lo com o titulo de conde de Avillez, em galardão dos seus longos e valiosos serviços, prestados ao throno e á liberdade legal. O conde ainda em 31 de setembro de 1838 era commandante da primeira divisão militar, e senador ás côrtes no dito anno pela provincia do Alemtejo. Associado assim ás mais bellas paginas da nossa historia moderna, o seu nome será nas idades futuras um exemplar de virtudes, que devem caracterisar o soldado livre.

Terminou seus dias este illustre contemporaneo na cidade de Lisboa em 15 de fevereiro de 1845, morando na rua da Junqueira; não contava ainda sessenta annos de idade, quando teve logar este triste acontecimento, sendo no dia 18 do citado mez de fevereiro enterrado no cemiterio dos Prazeres, onde a condessa sua esposa lhe mandou posteriormente construir um jazigo proprio, no qual actualmente repousam os seus restos mortaes. Casára elle em 26 de janeiro de 1812 com a dita sr.ª condessa, D. Joaquina Rosa de Alencastro Barba Alardo de Menezes, filha de Rodrigo Barba Alardo, e de D. Maria Ignez de Alencastro e Barros, natural de Evora, recebendo-se na ermida do palacio dos Geraldes em Lisboa. Quando a referida sr.ª condessa contava apenas trinta e seis annos de idade, e morava na rua de S. João da Mata, foi presa como constitucional no dia 8 de junho de 1832 á ordem do juiz do crime do bairro de Santa Izabel, sendo conduzida á prisão pelo escrivão das armas, Manuel Gualdino da Costa Braga [1]. No dia 9 do citado mez de junho foi a mesma sr.ª condessa embargada á ordem do desembargador corregedor do crime do bairro de Betem. Do fallecido conde de Avillez é hoje seu representante seu filho segundo, o sr. Jorge de Avillez de Sousa Tavares, segundo visconde do Reguengo e segundo conde de Avillez, nascido a 28 de março de 1816, do qual é herdeiro seu filho Jorge, nascido a 31 de janeiro de 1842.

[1] Á supradita sr.ª condessa devemos o obsequio de nos ter franqueado a interessante biographia acima transcripta do seu fallecido esposo.

ron. S. ex.ª recommendará a sua alteza real estes corpos, assim como os da brigada do Algarve para alguma distincção honrosa em memoria da sua boa conducta; e o sr. brigadeiro Carlos Ashworth (a respeito do qual s. ex.ª sente que as suas feridas privem o exercito por algum tempo dos seus serviços), receberá e dará aos officiaes, officiaes inferiores e soldados da brigada a segurança da perfeita satisfação de s. ex.ª A terceira brigada não merece menos elogios e approvação de s. ex.ª A sua conducta debaixo das ordens do seu *valoroso* commandante, o sr. Luiz do Rego Barreto, foi digna das tropas portuguezas. O sr. coronel Mac Creagh do regimento n.º 3, e o major Archibaldo Campbell do regimento n.º 15, bem como os seus regimentos se distinguiram com particularidade; o sr. coronel Luiz do Rego Barreto dará a todos os officiaes, officiaes inferiores e soldados os agradecimentos de s. ex.ª O sr. marechal faz justiça ao merecimento do sr. brigadeiro Archibaldo Campbell, commandante da primeira brigada, o qual pela sua conducta adquiriu tão particularmente a approvação do ill.mo e ex.mo sr. tenente general Hope. O sr. brigadeiro faz a mais honrosa menção do comportamento dos seus officiaes, e s. ex.ª sente a perda que houve d'elles, e sobre tudo a do sr. coronel Francisco Homem de Magalhães Pizarro do regimento n.º 16 e do major Guilherme O'Hara do regimento n.º 1, e dos outros officiaes prisioneiros da mesma brigada; mas será para elles, assim como para a sua patria e familias uma consolação o conhecerem que a causa de serem prisioneiros lhes é honrosa, e que a sua conducta merece a plena approvação de sua excellencia.

«O sr. marechal de campo Bradford, commandante da decima brigada, assegurará ao sr. tenente coronel João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun, do regimento n.º 13, ao sr. coronel Guilherme Mac Bean, do regimento n.º 24, e ao tenente coronel Thomás Saint-Clair, do batalhão de caçadores n.º 5, e aos mais officiaes, officiaes inferiores e soldados da approvação de s. ex.ª, a respeito da sua conducta e da dos seus corpos. S. ex.ª deseja que o sr. coronel João Douglas, commandante da setima brigada, receba os seus agradeci-

mentos pela sua conducta e a da brigada no dia 9, e s. ex.ª não póde deixar de particularisar o batalhão de caçadores n.º 9, cuja excellente conducta tem sido testemunhada muitas vezes por s. ex.ª: e sente s. ex.ª finalmente as feridas do tenente coronel Jorge Browne, que commanda este batalhão ha muito tempo com tanta distincção; e o mesmo tenente coronel, como o batalhão merecem igualmente os elogios de s. ex.ª Não póde s. ex.ª deixar aqui de lamentar a morte do major João Mellich Harrison, acontecida no ataque do dia 9. A conducta dos batalhões de caçadores n.ºs 1 e 3, debaixo das ordens dos tenentes coroneis Kennet Snodgrass e Manuel Pinto da Silveira foi digna do que se deve esperar de quem tem sempre merecido louvores; e o regimento n.º 17, commandado pelo tenente coronel João Rolt, segundo as occasiões que teve, fez bem o seu dever. O comportamento exemplar da artilheria portugueza, ás ordens do tenente coronel Alexandre Tulloh, tendo-lhe adquirido os louvores de s. ex.ª o sr. tenente general Rowland Hill em todas as occasiões, e particularmente a 13 do corrente, não póde deixar de attrahir a attenção do sr. marechal, o qual dá a sua approvação e agradecimento ao mesmo tenente coronel (sentindo que fosse ferido), e aos officiaes, officiaes inferiores e soldados do seu commando. O sr. marechal dá os seus agradecimentos ao major do regimento de infanteria n.º 3, Joaquim Rebello da Fonseca Rosado, pelo seu bom comportamento, do qual faz expressa menção o sr. coronel Miguel Mac Creagh. S. ex.ª está satisfeito do zêlo com que se houveram no importante objecto do tratamento dos feridos os cirurgiões móres A. J. da Costa, do regimento de infanteria n.º 2, J. M. da Ascensão, de infanteria n.º 16, A. M. da Cunha, do regimento de infanteria n.º 6, B. M. de Moraes, do regimento de infanteria n.º 18, e J. P. de Oliveira, do batalhão de caçadores n.º 6, e dos ajudantes de cirurgia da quinta brigada. O sr. marechal não quer deixar passar esta occasião sem pagar uma divida, que reconhece ter retardado já de mais, e a que são tão particularmente credores os officiaes do estado maior do exercito portuguez e o seu estado

maior pessoal. O sr. marechal deseja reconhecer o zêlo de s. ex.ª, o sr. tenente general Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, e quanto o tem sempre auxiliado, e sente que o mau estado da sua saude tenha privado temporariamente ao sr. marechal da sua assistencia. Ao brigadeiro ajudante general do exercito, Manuel de Brito Mousinho, deve o sr. marechal dar testemunho do maior zêlo e prestimo em todas as occasiões, e da obrigação em que lhe está pela sua assiduidade; e o brigadeiro exprimirá a satisfação de s. ex.ª aos officiaes da sua repartição. O sr. marechal reconhece o zêlo do sr. brigadeiro Benjamin d'Urban, quartel mestre general do exercito; confessa a assistencia que tem recebido em todas as occasiões dos seus talentos e conhecimentos, e particularmente na batalha de 10 do mez passado, e n'estas ultimas operações em tudo o que toca á direcção de s. ex.ª, e lhe roga o sr. marechal esteja certo de que aprecia plenamente os seus serviços. O sr. marechal não póde deixar de particularisar o merecimento do sr. coronel Henrique Hardinge, deputado do quartel mestre general (que por tanto tempo tem servido de chefe na repartição), de quem não póde louvar de mais o zêlo e actividade sempre bem dirigidos pelos seus talentos; a sua conducta não menos na batalha de 10 do mez passado, do que em todas as outras a que s. ex.ª tem assistido, attrahiu sempre muito a sua attenção, assim como a sua approvação pelos serviços que d'elle tem recebido. O sr. marechal lhe roga que aceite por tudo os seus agradecimentos. O sr. brigadeiro d'Urban assegurará a todos os officiaes da sua repartição de que s. ex.ª está perfeitamente satisfeito com o zêlo d'estes. Tem s. ex.ª todo o motivo para exprimir a sua satisfação ao sr. coronel Roberto Arbuthnot, e aos officiaes do seu estado maior pessoal de s. ex.ª pelo zêlo e promptidão que mostram em todas as occasiões, e que particularmente manifestaram na batalha de 10 do mez passado, e nos ultimos successos».

A seguinte relação é a das brigadas e corpos portuguezes, que entraram na batalha do Nive, especificando-se os seus

commandantes, a sua força e perda que cada um d'elles teve[1].

Artilheria n.° 1 — Duas brigadas d'este corpo estiveram n'esta batalha e entraram no combate na força de 220 homens, sendo uma das brigadas commandada pelo capitão graduado em major João da Cunha Preto, e a outra pelo primeiro tenente, graduado em capitão, Antonio da Costa e Silva. Perda, 6 soldados feridos.

Artilheria n.° 2 — Uma brigada d'este corpo esteve n'esta batalha na força de 110 homens, commandada pelo primeiro tenente de artilheria n.° 4 José Joaquim Barreiros. Perda, 2 soldados mortos.

Artilheria n.° 4 — Só uma praça d'este corpo esteve presente a esta batalha. Perda, 1 official.

N. B. O commandante geral da artilheria portugueza n'esta batalha foi o tenente coronel Alexandre Tulloh.

1.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Archibaldo Campbell

Infanteria n.° 1 — Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 783 praças, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel João Paes de Sande e Castro. Perda, 8 homens mortos (2 officiaes e 6 soldados); feridos, 106 (13 officiaes, 7 inferiores e 86 soldados); prisioneiros ou extraviados, 25 (1 official, 1 inferior e 23 soldados). Perda total, 139 homens (16 officiaes, 8 inferiores e 115 soldados).

Infanteria n.° 16 — Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 956 homens; commandante d'elle na batalha o coronel Francisco Homem de Magalhães Quevedo Pizarro, substituido depois pelo tenente coronel José Antonio Vidigal. No combate commandou no dia 9 duas com-

[1] Parece-nos que o leitor verá com enfado a repetição d'estas relações; mas julgâmos de necessidade repisar esta materia, porque tendo havido tempo em que fóra de Portugal se ignorava a importante parte que o exercito portuguez teve em todas as batalha da guerra da peninsula, o fazer sentir isto bem dentro e fóra do paiz, quando se repute defeito, deve-se-nos desculpar, á vista da rasão exposta.

panhias o major Antonio Pedro de Brito, e no dia 10 commandou um batalhão o coronel Pizarro, acima mencionado, sendo o outro batalhão commandado pelo referido major Antonio Pedro de Brito, que em 1835 teve o titulo de barão de Cacella, pelo seu bom serviço á causa liberal. Perda, 9 homens (1 official e 8 soldados); feridos, 36 (1 official, 3 inferiores e 32 soldados); prisioneiros ou extraviados, 107 (4 officiaes, 1 inferior e 102 soldados). Perda total, 152 homens (6 officiaes, 4 inferiores e 142 soldados).

Caçadores n.º 4 — Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 451 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Edmund Keynton Williams. Perda, 18 homens mortos (1 official, 2 inferiores e 15 soldados); feridos, 13 (5 officiaes, 1 inferior e 7 soldados); prisioneiros ou extraviados, 10 (1 official e 9 soldados). Perda total, 41 homens (7 officiaes, 3 inferiores e 31 soldados).

Divisão portugueza, composta da 2.ª e 4.ª brigadas, commandante o marechal de campo Carlos Frederico Lecor

2.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Antonio Hypolito da Costa

Infanteria n.º 2 — Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 1:062 homens, sendo commandado n'uma e n'outra parte pelo coronel Jorge de Avillez Juzarte. Perda, 19 homens mortos (1 inferior e 18 soldados); feridos, 29 (2 inferiores e 27 soldados); prisioneiros ou extraviados, 6 soldados. Perda total, 54 homens (3 inferiores e 51 soldados).

Infanteria n.º 14 — Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 1:059 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo major Jacinto Alexandre Travassos, depois pelo major Rodrigo Vitto Pereira da Silva. Perda, 54 homens mortos (2 officiaes, 2 inferiores e 50 soldados); feridos, 72 homens (4 officiaes, 2 inferiores e 66 soldados); prisioneiros ou extraviados, 6 homens (1 inferior e 5 solda-

dos). Perda total, 132 homens (6 officiaes, 5 inferiores e 121 soldados).

4.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro João Buchan

Infanteria n.º 4—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 1:128 homens. Commandante do corpo na acção o tenente coronel João Hill, o qual commandou no combate oito companhias de fuzileiros, sendo as de granadeiros commandadas pelo tenente coronel de infanteria n.º 10 Donald Mac Niell. Perda, 19 homens mortos (1 inferior e 18 soldados); feridos, 49 (3 officiaes, 2 inferiores e 44 soldados). Perda total, 68 homens (3 officiaes, 3 inferiores e 62 soldados).

Infanteria n.º 10—Todo o regimento esteve n'esta batalha, na força de 1:106 homens, entrando em combate sómente cinco companhias e um destacamento de 200 praças. Commandante do corpo na acção o tenente coronel Luiz Maria de Sousa Vahia. As companhias de granadeiros foram commandadas no combate pelo tenente coronel Donald Mac Niell: o capitão Manuel Martiniano de Sousa Girão commandou uma companhia; o capitão Pedro Pinto de Moraes Sarmento outra companhia; o capitão Antonio Pimentel Freire outra; o alferes José Custodio parte do destacamento; e o alferes Vicente Thomás de Velasco a outra parte. Perda, 20 homens mortos (2 officiaes e 18 soldados); feridos, 50 homens (5 officiaes, 3 inferiores e 42 soldados). Perda total, 70 homens (7 officiaes, 3 inferiores e 60 soldados)

Caçadores n.º 10—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 273 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo capitão graduado em major Francisco Antonio Pamplona. Perda, 9 soldados mortos e 35 homens feridos (6 officiaes, 5 inferiores e 24 soldados). Perda total, 44 homens (6 officiaes, 5 inferiores e 33 soldados).

3.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel Luiz do Rego Barreto

Infanteria n.º 3—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 806 homens, commandado n'uma e

n'outra parte pelo coronel Miguel Mac Creagh. Perda, 28 homens mortos (2 officiaes, 2 inferiores e 24 soldados); feridos, 76 (6 officiaes, 4 inferiores e 66 soldados). Perda total, 104 homens (8 officiaes, 6 inferiores e 90 soldados).

Infanteria n.º 15—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 675 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo major Archibaldo Campbell. Perda, 19 homens mortos (1 inferior e 18 soldados); feridos, 30 homens (4 officiaes, 2 inferiores e 24 soldados); prisioneiros ou extraviados, 85 soldados. Perda total, 134 homens (4 officiaes, 3 inferiores e 127 soldados).

Caçadores n.º 8—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 295 homens, sendo commandado na acção pelo capitão Joaquim Antonio Duarte. No combate commandou tres companhias o capitão Antonio Carlos Pereira, e depois o alferes João Joaquim da Silva Pereira. O tenente Domingos de Sá Pereira Farinha commandou uma companhia, e o sargento ajudante Antonio Francisco o resto do batalhão. Perda, 4 homens mortos (1 inferior e 3 soldados); feridos, 19 homens (3 officiaes e 16 soldados); prisioneiros ou extraviados, 11 homens (1 official, 1 inferior e 9 soldados). Perda total, 34 homens (4 officiaes, 2 inferiores e 28 soldados).

5.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Carlos Ashworth

Infanteria n.º 6—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 1:019 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Maxiwell Grant. Perda, 52 homens mortos (1 official, 1 inferior e 50 soldados); feridos, 140 homens (8 officiaes, 4 inferiores e 128 soldados), prisioneiros ou extraviados, 7 soldados. Perda total, 199 homens (9 officiaes, 5 inferiores e 185 soldados).

Infanteria n.º 18—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 1:215 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo major Mathias José de Sousa, e depois pelo capitão Manuel Pereira Borges. Perda, 55 homens mor-

tos (3 officiaes, 1 inferior e 81 soldados); feridos, 116 homens (4 officiaes, 4 inferiores e 108 soldados); prisioneiros ou extraviados, 11 soldados. Perda total, 182 homens (7 officiaes, 5 inferiores e 170 soldados).

Caçadores n.º 6—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 557 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Pedro Faeron. Perda, 39 homens mortos (2 inferiores e 37 soldados); feridos, 51 homens (3 officiaes, 4 inferiores e 44 soldados). Perda total, 90 homens (3 officiaes, 6 inferiores e 81 soldados).

6.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel João Milley Doyle

Infanteria n.º 7—Todo o regimento esteve na acção, na força de 838 homens, commandado pelo tenente coronel Francisco Xavier Calheiros. Não teve perda alguma.

Infanteria n.º 19—Todo o regimento esteve na acção, na força de 1:020 homens, entrando em combate sómente 200 praças. Commandou o corpo e a força combatente o tenente coronel Francisco José da Costa do Amaral. Perda, 1 soldado morto.

Caçadores n.º 2—Todo o batalhão esteve na acção, na força de 496 homens, commandado pelo tenente coronel José Henrique Zulhlke. Não teve perda alguma.

7.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel João Douglas

Infanteria n.º 8—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 860 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo coronel de infanteria n.º 21 Guilherme Bermingham. Perda, 5 homens feridos (3 officiaes e 2 soldados).

Infanteria n.º 12—Todo o regimento esteve na acção, na força de 897 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Watter Beathy, entrando em combate sómente um batalhão. Perda, 1 soldado morto e 20 homens feridos (1 official, 1 inferior e 18 soldados); prisioneiros ou

extraviados, 2 soldados. Perda total, 23 homens (1 official, 1 inferior e 21 soldados).

Caçadores n.º 9—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 376 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Jorge Browne, e depois pelo major Luiz Maria de Cerqueira. Perda, 15 homens mortos (1 official e 14 soldados); feridos, 72 homens (6 officiaes, 7 inferiores e 59 soldados); prisioneiros ou extraviados, 2 soldados. Perda total, 89 homens (7 officiaes, 7 inferiores e 75 soldados).

8.ª Brigada de infanteria, commandante o marechal de campo Manley Power

Infanteria n.º 9—Todo o regimento esteve na acção, na força de 910 homens, entrando em combate unicamente os piquetes. Commandante do corpo na acção o coronel Carlos Sutton, e dos piquetes nos combates o tenente coronel de caçadores n.º 11 Thomaz Durzback. Não teve perda alguma.

Infanteria n.º 21—Todo o regimento foi presente a esta batalha, na força de 952 homens, entrando em combate sómente 200 praças. Commandante do corpo na acção o coronel João Telles de Menezes e Mello, e das praças em combate o major graduado em tenente coronel do batalhão de caçadores n.º 11 Carlos Kilsha. Perda, 5 soldados mortos, 5 feridos, e 1 extraviado, ou 11 homens ao todo.

Caçadores n.º 11—Todo o batalhão foi presente á esta batalha, na força de 336 homens, commandado pelo tenente coronel Carlos Kilsha. Não teve perda alguma.

9.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel João de Vasconcellos e Sá

Infanteria n.º 11—Todo o regimento foi presente a esta batalha, na força de 944 homens, entrando em combate sómente uma companhia. Commandante do corpo na acção o tenente coronel Alexandre Anderson, e das companhias em combate o capitão João de Gouveia. Perda, 1 soldado ferido.

Infanteria n.º 23—Todo o regimento foi presente a esta

batalha, na força de 1:080 homens, commandado pelo tenente coronel Diogo Miller. Não teve perda alguma.

Caçadores n.º 7—Todo o batalhão foi presente a esta batalha, na força de 289 homens, commandado pelo major João Scott Lillie. Perda 2 officiaes, e 3 soldados feridos, ou 5 homens ao todo.

10.ª Brigada de infanteria, commandante o marechal de campo Thomás Bradford

Infanteria n.º 13—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 749 homens, commandado em ambas as partes pelo tenente coronel João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun. Perda, 21 homens mortos (1 inferior e 20 soldados); feridos, 33 homens (1 official, 1 inferior e 31 soldados); prisioneiros ou extraviados, 46 homens (4 inferiores e 42 soldados). Perda total, 100 homens (1 official, 6 inferiores, e 93 soldados).

Infanteria n.º 24—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 886 homens. Commandante do corpo na acção o coronel Guilherme Mac Bean, o qual commandou tambem no combate nove companhias, e o alferes Bernardo de Azevedo uma. Perda, 24 homens mortos (3 officiaes, 2 inferiores e 19 soldados); feridos, 58 (2 officiaes, 5 inferiores, e 51 soldados); prisioneiros ou extraviados, 6 soldados. Perda total, 88 homens (5 officiaes, 7 inferiores e 76 soldados).

Brigada ligeira, encorporada na divisão ligeira luso-britannica

Infanteria n.º 17—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 781 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel João Rolt. Perda, 2 soldados feridos, e 9 prisioneiros ou extraviados, ou 11 homens ao todo.

Caçadores n.º 1—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 550 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Kennet Snodgrass. Perda,

8 homens mortos (1 official, e 7 soldados); feridos, 38 homens (4 officiaes, 3 inferiores e 31 soldados); prisioneiros ou extraviados, 3 soldados. Perda total, 49 homens (5 officiaes, 3 inferiores e 41 soldados).

Caçadores n.º 3—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 401 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Manuel Pinto da Silveira, depois pelo capitão Luiz Evaristo de Figueiredo. Perda, 9 homens mortos (1 official e 8 soldados); feridos 15 homens (2 officiaes, 1 inferior e 12 soldados); prisioneiros ou extraviados, 2 soldados. Perda total, 26 homens (3 officiaes, 1 inferior e 22 soldados).

Foi portanto o total da força portugueza presente na batalha do Nive de 24:505 homens, sendo a perda n'ella experimentada, 22 officiaes e 434 soldados mortos, 92 officiaes e 111 soldados feridos, 8 officiaes e 348 soldados prisioneiros ou extraviados. Total geral 1:015 homens[1].

Como já dissemos, Soult depois da batalha do Nive acantonou o seu exercito por traz do rio Adour, não cuidando mais do que em aperfeiçoar as obras em volta de Bayonna, e fazer diversos arranjos defensivos para disputar a passagem do Pau, que era a sua melhor communicação, a qual elle protegeu por uma cabeça de ponte em Peyrehorade, obras estas que o rigor da estação muito lhe favoreceu, em

[1] Já se vê que estes numeros não concordam com os da parte official, dada por lord Wellington, por quem a nossa perda foi computada quasi no dobro. Dizer porém se os numeros dos assentos portuguezes são mais exactos que os indicados pelo general inglez é o que pela nossa parte não podemos fazer, pela absoluta falta de dados que para isso temos, ignorantes como completamente estamos das fontes d'onde os ditos assentos portuguezes se colligiram; poisque nem esses assentos se acham authenticados, nem declaram as bases que lhe deram origem. Dado porém que a parte official seja inexacta, não póde deixar de se admittir que as mesmas causas que levaram o general inglez a errar, com relação ao exercito portuguez, o haviam de levar tambem ao mesmo erro, com relação ao exercito inglez, e portanto póde concluir-se que os numeros por elle apresentados sobre este ponto são tambem quasi o dobro do que na realidade foram.

razão das muitas chuvas, que por então cairam, impossibilitando o progresso das operações dos alliados. O Nive, o Adour, o Laron, o Bidouze, os Gaves de Oleron e de Mauleon, e finalmente o Gave de Pau, assim como diversos outros rios, saindo fóra dos seus leitos, haviam tornado n'um pantano as terras baixas das suas vizinhanças. Fungosos e impraticaveis como se achavam os caminhos, não era possivel que no meio de taes circumstancias lord Wellington podesse emprehender as operações necessarias para passar os rios que tinha pela sua direita, e tornar impraticavel aos francezes a sustentação da posição que occupavam em Bayonna, porque se o marechal Soult tinha por empenho obrigar lord Wellington a retirar-se para Hespanha, tambem este não estava menos empenhado em obrigar aquelle a abandonar Bayonna, ou pelo menos em reduzir-lhe as forças o mais possivel no campo intrincheirado que ali tinha, de maneira que se lhe tornasse o mais facil possivel o ataque das obras que o compunham. As grandes perdas que os francezes haviam recentemente experimentado não lhes permittiam conservar posições tão extensas, logoque acabassem as chuvas; tres dias de bom tempo eram por si só bastantes para os fazerem tremer. Sobre tão critica situação acresceu a de não poder o marechal Soult contar com o transporte dos provimentos e munições de que precisava, senão por meio da navegação dos rios, attento o mau estado em que as estradas se achavam. Mas a navegação do Adour, acima da sua confluente com o Gave de Pau, onde aquelle rio é estreito, podia ser interceptada pelos alliados, que occupavam a sua margem esquerda. Para obstar a que tal acontecesse Soult ordenou ao general Foy que passasse o Adour em Urt, e ali construisse uma ponte, defendida por obras apropriadas, o que o mesmo Foy não pôde conseguir, em razão das forças superiores com que lord Wellington se lhe oppoz.

Á vista do que fica dito, Soult tomou então o partido de reforçar o general Foy com as divisões Boyer e Darmagnac, que se estendiam até ao porto de Lannes, precisamente

acima da confluente do Adour com o Gave de Pau, onde effectivamente estabelecêra uma ponte: depois d'isto, deixando Reille com quatro divisões para guardar-lhe o campo intrincheirado, e acabar as obras de que precisava, completou a guarnição de Bayonna, e transportou o seu quartel general para Peyrehorade. O general Clausel com duas divisões de infanteria e a cavallaria ligeira, sustentado pelos dragões de Treillard, tomou posição sobre o Bidouze, tendo a sua esquerda em communicação com o general Páris e com S. João-de-Pé-de-Porto, onde se achava uma guarnição de 1:800 homens, alem dos guardas nacionaes. Finalmente Soult aproveitou, em fortificar-se com toda a actividade e talento, todo aquelle tempo por que as chuvas impediram as operações dos alliados. Pela sua parte lord Wellington tambem fez algumas mudanças nas suas posições. O augmento das suas obras em Barouillet permittiu-lhe dirigir uma parte das tropas do general Hope sobre Arcangues, postando a sexta divisão sobre as alturas de Villa Franca, o que facultou ao general Hill estender a sua direita até Urt, remontando o Adour[1]. A terceira divisão foi posta perto de Urcuray, a cavallaria ligeira sobre o Joyeuse, em face dos postos avançados de Clausel, estabelecendo-se tambem sobre a margem direita do Nive uma linha telegraphica, que passava pela altura de Santa Barbara para communicar com S. João da Luz. O exercito da Gallisa, do commando do general Freyre, formára uma reserva nas immediações de Saint-Pé, mandando-se Morillo para Itzassu, d'onde, sustentado pela divisão andaluza e pelo citado general Freyre, guardava o valle do alto Nive e vigiava o general Páris, alem do monte Ursonia. Era este o estado das cousas no fim de dezembro de 1813 e principio de janeiro de 1814, postoque algumas pequenas cousas occorressem no citado mez de dezembro, uma das quaes foi a tomada pelos alliados da ilha de Holriague, perto de Honce sobre o Adour, em rasão de lhes dar mais vantagem para dominarem o curso d'este rio, o que fez com que

[1] Veja a estampa n.º 35.

o general Foy tomasse posse das ilhas de Bereus e Broc, acima da de Holriague.

Durante o tempo da inactividade das operações os quarteis da divisão portugueza foram em Honce, Villa Franca e outros mais povos, ficando assim acantonada entre o Nive e o Adour. Foi na igreja da villa de Honce que o regimento portuguez de infanteria n.º 4 recebeu as novas bandeiras, que do arsenal de Lisboa lhe tinham sido remettidas em substituição das antigas, que se achavam em miseravel estado. O parocho da referida villa foi quem as benzeu á hora da missa, sendo depois d'este acto enfiadas nas hastes, d'onde se tiraram os restos das que, tendo saído de Lisboa em 5 de maio de 1809 na campanha d'este mesmo anno, haviam entrado em todas as mais, de que resultava não existirem d'ellas senão alguns pedaços. Então o tenente coronel do dito regimento, João Hill, que n'aquella occasião se achava commandando o corpo, reunindo em presença do parocho e do povo francez os officiaes portuguezes, que desde aquella campanha tinham visto á sua frente as referidas bandeiras, e com ellas entrado nos numerosos combates e acções que haviam tido logar, as repartiu e distribuiu por todos elles, entregando solemnemente a cada um dos ditos officiaes uma porção d'aquelles victoriosos pendões da gloria e independencia nacional. Assim acabaram em acto e logar tão solemne os symbolos da honra e do amor da patria, virtudes que tão constantemente haviam patenteado por espaço de cinco annos continuos aquelles bravos officiaes por entre quem se dividiram, e á sombra dos quaes se tinham abalisado em tão numerosas acções, vendo-os fluctuar altivos nos arraiaes dos mais famosos exercitos da liga européa, que então teve logar contra a França. Essas recordações da sua brilhante gloria junto do seu seio as depositaram, guardando n'elle os preciosos restos das suas antigas bandeiras. Assim findára o anno de 1813, cuja campanha tão cheia foi de heroicos e memoraveis feitos em que o exercito portuguez tomára tão distincta e consideravel parte, tornando-se o alvo da admiração dos mais famosos generaes francezes, inglezes e hes-

panhoes, que com elle tinham militado e combatido na guerra da peninsula. Assim o provam os incessantes elogios que o marechal Beresford e o proprio lord Wellington lhe fizeram, e não menos o provam os votos de agradecimento, que recebeu do parlamento hespanhol e britannico: esses feitos todas as nações da Europa os testemunharam, quando sobre os Pyrenéos viram arvoradas triumphantes as venerandas quinas de Portugal, dispostas a invadirem a França de concurso com o exercito inglez, ignorantes como essas nações até então se achavam de que juntamente com elle pugnava tambem o portuguez pela liberdade da peninsula, e de concurso com esta pela de todas as ditas nações.

Foi então que subiram ao maior grau de gloria na opinião de todas ellas os louros de que incessantemente se coroára lord Wellington, os seus generaes subalternos e os seus exercitos, entre os quaes o portuguez se tornára por tantas vezes conspicuo. Dos Pyrenéos por diante não era sómente a Hespanha a unica nação que colhia o fructo das heroicas façanhas das tropas portuguezas, mas até a Europa inteira, para a liberdade da qual Portugal tanto e tão efficazmente havia concorrido. Este mesmo juizo e relevantes serviços do exercito portuguez íam novamente ser comprovados na curta e memoravel campanha de 1814. Sempre com as mãos na coronha das armas se tinha visto o referido exercito desde o anno de 1808, batendo-se continuamente com os mais distinctos e aguerridos generaes do exercito francez, levando-os constantemente de vencida, sem nunca desde o dito anno de 1808 tratar com elles, nem ter feito um só armisticio! Que nações da Europa, a não serem sómente a ingleza e a portugueza, podiam dizer outro tanto? Nenhuma, absolutamente nenhuma! Tudo isto nada mais era do que o magico effeito da disciplina, introduzida pelo marechal Beresford no exercito portuguez, cuja conducta desde a sua chegada aos Pyrenéos se tornou sobremaneira notavel em bravura e pontos de honra militar e civil. Effectivamente a serenidade, o sangue frio e a firmeza, patenteadas pelos nossos soldados, todas as vezes que ali se viram a braços com o inimigo, con-

trastavam singularmente com o confuso alarido, que o mesmo inimigo levantava, quer nos seus ataques, quer na sua defeza. A baioneta só ali se armava á vista dos francezes, e quasi que na propria occasião de se poder usar d'ella; as armas só se carregavam quando havia a certeza de bem se empregar o seu fogo; as fileiras só soltavam vivas á ordem dos seus chefes, o que só tinha logar quando alguma vantagem real se conseguia. Esta bizarra e magnanima conducta foi sempre mantida pelos nossos soldados, sendo a par d'isto os actos de generosidade e de humanidade para com os seus contrarios o timbre e a nobreza, tanto d'elles, como dos inglezes. Em dias de batalha é quando mais realçavam os seus portentos de honra e pundonor militar. Os officiaes doentes apromptavam-se e iam entrar nas fileiras para combater a par dos sãos; os presos pediam a honra de empunhar as suas espadas, sendo muito frequente irem-se os feridos curar aos hospitaes de sangue, e voltarem logo para o logar do conflicto! Tal era o exemplo que a bravura dos seus chefes lhes dava, e a certeza de que só por meio do valor e do exacto cumprimento dos seus deveres podiam obter graça e favor. Que admira pois que um exercito d'estes tivesse sempre por si a victoria? A similhantes tropas ninguem podia resistir.

Depois do que se tem dito, com relação á guerra feita nos Pyrenéos occidentaes, parecerá de pouca monta o que até ao fim de 1813 se passou na Catalunha. Napoleão nomeára o marechal Suchet coronel general da sua guarda, reunindo a par d'isto o exercito da Catalunha ao de Aragão e Valencia, o que na verdade mudava pouco o estado das cousas, poisque por uma disposição anterior todas as forças se deviam reunir debaixo da mesma mão, logoque se tratasse de operar activamente. Todavia esta nova medida simplificou a administração e preveniu querelas. O general Decaen, que por então commandava o exercito da Catalunha, entrou em França, cedendo o seu posto inteiramente a Suchet. De similhante medida resultou ficar o mesmo Suchet dispondo de uma força que passava de 32:000 homens. Este numero porém bem depressa se diminuiu de 9:000, por ter sido chamado

para a Italia o general Severoli com a sua divisão, composta de 2:000 combatentes. Dois mil e quatrocentos allemães foram tambem desarmados em Barcelona por ordem de Napoleão, ao passo que os gendarmes se mandaram entrar em França, indo juntamente com elles as melhores tropas de Suchet, sem que se lhe enviasse alguma força em substituição a esta. Quanto aos encontros e combates que houve entre as forças francezas e as alliadas, depois do desastre de Ordal, experimentado por estas em meiados de setembro, pouco ou nada mais ha que mencionar. Todavia as tropas do primeiro exercito hespanhol e os corpos de guerrilhas que se lhes tinham reunido, não deixaram de inquietar o inimigo, nem de alcançar sobre elle algumas vantagens nos mezes que decorreram desde setembro até ao fim do anno em Montalla, San-Privat, Santa Eulalia, San-Feliu de Codinas, e outros mais logares. Este exercito continuava a ter por chefe D. Francisco Copons y Navia, que em Vich tinha o seu quartel general. Os anglo-sicilianos continuaram igualmente mantendo-se nas mesmas posições: Suchet pretendeu surprehende-los em Villa Franca, o que não conseguiu por se terem retirado a tempo. Desenganado pois na sua espectativa, o mesmo Suchet tornou para as margens do Llobregat e para a capital da Catalunha, onde ordinariamente residia por aquelle tempo. Na parte oriental da Hespanha o segundo exercito, commandado por D. Francisco Xavier Elio, occupava-se nos bloqueios das praças e castellos, cuja observação lhes tinha sido confiada, tendo tido a felicidade de conseguir a entrega de algumas. Foi isto o que succedeu ao castello de Morella, que se rendeu a 22 de outubro com cem homens, que formavam a sua guarnição, os quaes com o seu commandante ficaram prisioneiros. Um igual numero se entregou tambem á discrição no dia 6 de dezembro, sendo estes os que defendiam Denia, commandados pelo chefe de batalhão Bin, o qual estipulou a rendição com D. Diogo Entrena, que dirigia o cerco. Tal foi o modo por que se fechou o anno de 1813, com relação ás provincias de leste da Hespanha.

CAPITULO III

Sobre os damnos que a Buonaparte causaram as batalhas de Vittoria e dos Pyrenéos, sobrevieram as defecções e resistencias, que em París e no seio dos mesmos corpos legislativos começaram desde então a apparecer contra elle, cuja sorte só pelas armas podia todavia ser decidida, não obstante as diligencias que já por outro lado os principes da familia dos Bourbons pessoalmente principiaram pela sua parte a fazer junto dos alliados em favor da sua causa, e sobretudo junto do lord Wellington, que em meiados de fevereiro de 1814 recomeçára as suas operações, destinadas a obrigar Soult a abandonar-lhe Bayonna, para cujo fim se effeituou a passagem do rio Adour. Emquanto pois a ala esquerda do exercito luso-britannico se destinou ao ataque de Bayonna, a ala direita atacou o exercito francez, concentrado em Orthez, onde teve logar a batalha d'este nome aos 27 de fevereiro de 1814, depois da qual o marechal Beresford e o duque de Angouleme se dirigiram para Bordeaux, onde foram recebidos com grande enthusiasmo. Emquanto por este lado isto succedia assim, pelo do norte da França as potencias colligadas entravam em París no dia 31 de março, de que resultou a abdicação absoluta de Napoleão, a sua desthronação, decretada pelo senado conservador, a promulgação de uma constituição, e a elevação de Luiz XVIII ao throno da França. Pela sua parte o marechal Soult havia-se retirado para Toulouse, onde teve logar a ultima batalha da guerra da peninsula, ganha por lord Wellington no dia 10 de abril de 1814; indo este general entrar depois na mesma cidade de Toulouse, n'ella foi informado dos acontecimentos de París, para onde promptamente se dirigiu.

Pelo que nos precedentes capitulos se tem visto, é um facto que a campanha de lord Wellington no anno de 1813 foi uma continuada serie de victorias, e portanto uma das mais gloriosas que figuraram entre as dos annaes da guerra da peninsula, talvez a guerra mais fecunda que a Europa até áquelle tempo vira em variedade de acontecimentos, e a mais momentosa que a Gran-Bretanha sustentára contra a França no continente europeu. Até á batalha de Vittoria lord Wellington tinha por si a crença, aliás fundada em factos, de ser elle o unico general que depois da revolução franceza

fizera pelo alto grau da sua intelligencia e força das suas armas parar a afortunada roda dos extraordinarios successos, que elevára Napoleão Buonaparte ao auge do seu colossal poder e summa importancia politica, cousa que tambem pela força das armas elle tinha pela sua parte alcançado. Os mesmos francezes se viram obrigados a confessar que se aos transcendentes talentos de lord Wellington se não deviam as suas reiteradas victorias, deviam-se pelo menos á sua boa fortuna, o que para a França era a mesma cousa. O proprio Napoleão, que aproveitava sempre a mais pequena falta dos generaes seus inimigos para severa e asperamente os verberar e ridicularisar no seu famoso *Moniteur*, fazendo pelo seu proprio punho notas affrontosas aos seus officios, ainda se não tinha atrevido a profanar as relações tão verdadeiras, quanto modestas, em que o general commandante em chefe do exercito luso-britannico annunciava os seus importantes triumphos. E rasão tinha elle Napoleão para assim o fazer, porque se a memoravel campanha de 1812 fizera mover contra o dito general todos os exercitos francezes da peninsula, habilitando-o para os expulsar d'ella, como depois fez, a não menos memoravel campanha de 1813 o levou a realisar effectivamente uma similhante expulsão, facto momentoso que na opinião dos homens entendidos pozera o sêllo ao cumulo da sua immortal gloria, e assentára a ultima pedra do magestoso edificio da independencia da mesma peninsula, e indirectamente do de toda a Europa. Foram os progressos das armas luso-britannicas, ou o seu triumpho na memoravel batalha de Vittoria, o que por fim levou a Austria no anno de 1813 a separar-se da alliança da França para decididamente abraçar a dos soberanos da Russia, Suecia e Prussia. A Baviera e a Saxonia, seguindo tambem este exemplo, tomaram a mesma resolução. Se portanto a batalha de Salamanca, expellindo de Madrid o rei José, e arrancando da Andaluzia o exercito do marechal Soult, descarregára um terrivel e mortal golpe sobre o dominio francez na peninsula, a batalha de Vittoria outro que tal descarregou igualmente no dominio de Buonaparte no norte da Europa,

dando uma franca decisão e estavel consistencia á liga que contra si lá se começára a formar, acabando-se assim com todas as hesitações e desvios que até ali havia da parte de alguns soberanos.

Entretanto muitos homens houve que receiavam que os francezes, retirando-se da Hespanha para o seu paiz, n'elle reparassem com a sua costumada actividade as suas enormes perdas, e reunindo novas tropas, outra vez se despenhassem do cume dos Pyrenéos e obrigassem lord Wellington a repassar o Ebro, perdendo assim em poucos dias o fructo dos quarenta em que se cobrira da mais immortal gloria, adquirida por assignalados triumphos. Forçoso é confessar que similhante receio não deixava de ter por si fundamentos plausiveis, porque apesar da alta reputação a que já tinha subido o talento militar de lord Wellington, a incerteza das cousas da guerra e o incontestavel poderio de um tão numeroso e bem conceituado inimigo, como se antolhava o francez, eram bem fundados motivos para tal receio. Terrivel devêra ter sido a impressão que no animo de Buonaparte causou a perda da batalha de Vittoria, maiormente chegando-lhe a noticia d'isto na propria occasião em que julgava concluir uma paz com as potencias do norte, da qual, quando a concluisse, lhe resultaria poder-se inteiramente entregar á direcção da guerra da peninsula. Mallograda a sua espectativa sobre este ponto, deu esta commissão ao marechal Soult, o qual, pondo-se á testa de um exercito de 60:000 para 70:000 homens, saíu de França pelo porto da Maya e Roncesvalles, resolvido a fazer levantar os sitios de Pamplona e S. Sebastião, buscando envolver para isto o exercito alliado, e repelli-lo, como já dissemos, para alem do Ebro, ou leva-lo a refugiar-se no oceano, depois de bem escarmentado em terra. Em circumstancias taes justo é confessar que uma derrota, ou ainda mesmo uma retirada, não só era fatal para a causa da peninsula, mas até mesmo para a da Europa inteira, cuja liga provavelmente se desmancharia, d'onde vem não ter havido em tempo algum anterior uma occasião mais critica, ou de mais funestas consequencias

para lord Wellington, quando porventura os exercitos francezes tivessem por si a fortuna de serem dirigidos por talentos superiores aos abalisados talentos militares do general inglez. Taes foram as rasões por que a derrota do marechal Soult na batalha dos Pyrenéos, ou antes a de Pamplona, segurando todas as anteriores victorias do exercito luso-britannico, e obrigando o inimigo a se retirar para França, se constituiu em outro dos maiores brazões militares do referido exercito, e do grande general, seu commandante em chefe.

A campanha de 1813 libertou portanto a peninsula, não sendo as outras posteriores victorias, ganhas alem dos Pyrenéos, tanto n'aquelle anno, como no de 1814, mais do que o feliz annuncio do total vencimento da França e da proxima quéda de Napoleão Buonaparte. Tão continuos e sem interrupção haviam sido os afortunados successos, que o exaltaram ao cumulo da fortuna até 1810 e 1811, quanto precipitados e profundos foram os desastres, que depois o lançaram no abysmo da desgraça, por elle experimentada nos annos de 1812, 1813 e 1814, desastres que o fizeram para sempre infeliz, podendo leva-lo a dizer como o propheta rei: *Vi o imperio no cumulo da sua gloria, mais elevado do que os cedros do Libano; mas tornando a passar, já não existia.* Homero diz-nos na sua *Iliada,* verso 526, que Jupiter tem aos lados do seu throno dois toneis, um dos quaes cheio sómente de males, e outro sómente de bens, acrescentando que aquelles a quem elle distribue o contido no primeiro são sempre desgraçados, ao passo que aquelles a quem de mistura dá o que está n'um e n'outro são os mais afortunados dos homens, porque o dos puros bens é só reservado aos deuses. Seja porém como for, casos ha sem duvida em que a fortuna parece arrependida de haver concedido aos seus mais predilectos filhos os extraordinarios dons com que os favorecêra, caprichando por fim em os precipitar no abysmo da desgraça e extremo da desventura. Napoleão foi d'isto um notavel exemplo no presente seculo, sendo n'um dos antigos tempos não menos notavel o que a historia nos diz,

quanto a Paulo Emilio, o qual, depois das grandes prosperidades que a fortuna lhe outorgou na sua guerra da Macedonia, conseguindo aprisionar Persêo no meio das suas victorias, passou pelo grande infortunio de ver morto aos quatorze annos de idade, e cinco dias antes do esplendido triumpho, que por taes victorias se lhe concederam em Roma, o primeiro dos dois filhos que tivera da sua segunda mulher, ambos destinados por elle a lhe perpetuarem o nome, e tres dias depois do referido triumpho o seu segundo filho, contando apenas doze annos de idade! A recente desgraça pois de Napoleão, a par da de Paulo Emilio, e da de tantos outros individuos, singularmente apadrinhados pela inconstante deusa, devem ter sempre de prevenção e receiosos os que se têem por felizes, tão frequente como é acharem-se bem perto do infortunio os que mais elevados se vêem nas prosperidades da vida, infortunio quasi sempre tanto maior, quanto mais alto é tambem o logar a que subiram, sabido como é pela historia a volubilidade da sorte, ou, como tambem nos diz Camões, na estancia 15.ª, do canto 5.º do seu famoso poema:

> Porque tambem c'os grandes e possantes
> Mostra a fortuna injusta seus poderes.

Ainda em janeiro de 1813 Napoleão se podia reputar omnipotente na Europa, não obstante o seu grande desastre da Russia, senhor como ainda estava de todo o imperio francez, do reino de Italia, da Illyria e da parte meridional da Hespanha. Alem d'isto dispunha igualmente como senhor dos estados da confederação do Rheno, da Prussia, de Napoles e do grão-ducado de Varsovia, tendo tambem na sua mão as fortalezas do Vistula, do Oder e do Elba. A Austria ainda por então temia o seu poder, tendo por esta causa reduzido a sua força militar, e fornecido á França um auxilio de 30:000 homens. A Russia tinha os seus portos fechados, e 120:000 homens na fronteira para defender a sua independencia. A Suecia tambem por então se achava ainda em posição neutral com a França. Por conseguinte era um facto que, no meio das

incertezas da continuação do seu poder, Napoleão ainda por aquelle tempo era por todo o norte da Europa obedecido. Em agosto de 1813 tinha já perdido parte da sua trigesima segunda divisão militar, parte da Illyria, quasi toda a Hespanha e as ilhas da Dalmacia. A Prussia, o Mecklemburgo e o grão-ducado de Varsovia já não eram dependencias suas. A Austria tinha posto em campo contra elle um exercito de 400:000 homens. A Russia movêra um outro de 200:000 com o mesmo fim. A Suecia havia entrado na liga contra a França, fornecendo um exercito de 30:000 homens á mesma liga. O poderoso exercito francez, que no anno anterior invadíra a Russia, havia desapparecido, e com elle varios dos seus marechaes, alem de 80 generaes que tinham caido mortos ou prisioneiros. Obrigado depois a deixar a sua forte posição de Dresde, veiu perder na batalha de Leipsig mais de 200 peças de artilheria, afóra 60:000 homens entre mortos, feridos e prisioneiros, a par da deserção de todo o exercito saxonio, e das tropas da Baviera e do Wurtemberg. As fugitivas reliquias do exercito francez lá foram para Hanau, involtas no opprobrio da derrota, cobrir de um tristissimo crepe as triumphantes e orgulhosas aguias de outro tempo. Os destroncados restos das cohortes de Napoleão foram procurar guarida atraz das muralhas das praças do Rheno, onde muito mal poderam resistir ao impetuoso valor dos exercitos alliados, vencedores e numerosos, cujas tropas inflammadas na sêde de uma justa vingança, e exaltadas pelo seu grande patriotismo, ardiam por arrancar de uma vez pela raiz a envenenada semente, que tanto fizera pullular entre as nações o fatal pomo das discordias civis e politicas. Sem embargo de tamanhos e de tão repetidos desastres, Napoleão apresentára-se em París no dia 9 de novembro de 1813, onde a requisição sua o senado lhe concedeu ainda um novo recrutamento de mais de 300:000 homens, a que se seguiu realisar com todo o ardor os preparativos necessarios para a sua nova campanha. Convocando o corpo legislativo para se associar á defeza da patria, mandou-lhe apresentar as peças das mallogradas negociações de Praga, pedindo-lhe um novo e

ultimo esforço para assegurar a paz, que era o voto universal da França. O corpo legislativo, até então sempre mudo e obediente, escolheu finalmente esta opportunidade para resistir a Napoleão; prova evidente de que a estrella brilhante d'este grande homem precipitadamente corria já para o seu occaso. O partido realista, aproveitando-se tambem d'esta occasião, buscava por todos os modos augmentar o descontentamento publico, ao passo que os republicanos, inimigos do colossal poder do mesmo Napoleão, contra elle igualmente conspiravam, vendo-se debaixo do dominio de um despota, que na sua mão recolhêra todos os fructos de uma revolução, que tantos damnos lhes tinha feito soffrer, tanto sangue derramar e tantos crimes commetter.

No meio de tudo isto o corpo legislativo nomeára uma commissão, composta de mrs. Lainé, Raynouard, Gallois, Flangergues e Maine de Biran, a qual, examinando o pedido, fez sobre elle um relatorio hostil sobre a marcha seguida pelo governo, em que exigia o abandono das conquistas, e o restabelecimento da liberdade. A este inesperado successo Napoleão tornou-se colerico e arrebatado, mandando encerrar as sessões de uma corporação, que assim se lhe manifestára hostil na sua tão critica situação. As portas do local d'essas mesmas sessões foram logo fechadas e guardadas por soldados, e os deputados mandados á presença do governo, foram severamente reprehendidos, dizendo-lhes o proprio Napoleão que *mr. Lainé se achava em correspondencia com o principe regente de Inglaterra, que os outros eram cabeças exaltadas e loucas, pessoas que desejavam a anarchia, como os girondinos, a quem similhantes opiniões haviam conduzido ao cadafalso.* Pela sua parte o ministro da guerra declarára exhauridos os cofres publicos, ao passo que dos capitalistas, a quem tambem se recorreu, uns declararam que estavam fallidos, e outros que tinham os seus fundos fóra das suas mãos. No meio de tão grande apuro Napoleão recorreu ao seu thesouro privado, d'onde forneceu 30.000:000 francos, mas augmentou ao mesmo tempo de metade as contribuições publicas, sem consulta, nem sancção do corpo

legislativo, que ainda por então não tinha sido convocado. Tudo isto eram seguros annuncios das defecções interiores e poderosos auxiliares das exteriores, como as da Austria, Baviera, etc., precursoras das que depois tiveram logar na Italia. Entretanto a fortuna de Napoleão achava-se mais que tudo dependente dos negocios da guerra, que o rigor do inverno havia paralysado; para ella tinha elle voltado todas as suas esperanças, e para lhe dar começo saíra de Paris no dia 25 de janeiro de 1814, quando já os alliados se achavam por todas as partes dispostos a invadirem a França, caíndo sobre ella com todas as suas forças esmagadoras, e ameaçando-a de uma eminente catastrophe. A libertação do Hanover achava-se effeituada pelo principe da Suecia, e a da Hollanda pelo espirito de patriotismo e insurreição geral, que enthusiasticamente n'este estado se manifestára, dando em resultado o chamamento do principe de Orange.

Pelo lado da Italia os negocios apresentavam menos favoravel aspecto para os alliados. Estes achavam-se por então nas vizinhanças de Verona, e tendo os francezes evacuado a Dalmacia, haviam-se fortificado na linha do Adige. As manobras dos austriacos eram poderosamente auxiliadas pela esquadra britannica, que tinha já varrido de inimigos as costas do Adriatico. Tres exercitos alliados buscavam portanto invadir a França pelo norte e leste. O do norte, na força de 100:000 homens, tendo por commandante o principe real da Suecia, compondo-se de suecos, russos e allemans, era o que tinha libertado a Hollanda, d'onde se dirigíra á Belgica, sem d'aqui por diante tomar grande parte nas subsequentes operações dos alliados, talvez que por causa dos escrupulos que Bernadotte teve de penetrar de mão armada no seu paiz natal durante a campanha de 1814, tendo aliás feito tão distincto papel na de 1813, alem de outras mais rasões que para isto poderia haver. O segundo dos referidos exercitos era o da Silesia, na força de 130:000 homens, compondo-se de prussiannos e russos, tendo por commandante o marechal Blücher: este exercito, sitiando as praças fortes das fronteiras de Metz, Sarre-Louis, Thionville, Luxembourg e outras, atra-

vessou os desfiladeiros dos Vosges, d'onde marchou para Joinville, Vitry e Saint-Dizier. Por este modo o exercito da Silesia se achava em livre communicação com as mais forças dos alliados, cuja vanguarda, desde meado de janeiro de 1814, penetrára em França até Bar-sur-Aube. O terceiro exercito, tendo a força de 150:000 homens, era o do principe de Schwartzemberg, o qual, depois de passar o Rheno, dirigiu-se para Langres, de que se apossou, seguindo de lá para Leão, onde os seus habitantes lhe oppozeram alguma resistencia. Para Langres se dirigiram igualmente os imperadores da Austria e Russia, acompanhados pelo rei da Prussia.

Foram os exercitos de Blücher e Schwartzemberg os que mais particularmente se destinaram a invadir a França, sem fazerem caso algum das praças fortes, que os francezes ainda mantinham guarnecidas, tendo só em vista a occupação de Paris. No momento em que Napoleão saiu d'esta capital, os dois citados exercitos de Blücher e Schwartzemberg estavam proximos a operarem a sua juncção em Champagne, para onde o mesmo Napoleão marchára contra elles. O general Maison tinha sido encarregado de fazer parar Bernadotte na Belgica; Augereau os austriacos em Leão; e Soult o progresso dos triumphos de lord Wellington junto aos Pyrenéos da parte já da França. O principe Eugenio devia defender a Italia, e postoque o imperio francez se achasse assim ameaçado de uma invasão pelo centro, ainda todavia tinha forças para resistir aos seus inimigos nos flancos, estendendo-se tambem até ao fundo da Allemanha por meio das suas guarnições de alem do Rheno. Napoleão, sem perder as esperanças de salvar ainda a sua causa, postára-se habilmente entre Blücher, que descia pelo Marne, e o principe de Schwartzemberg, que descia pelo Sena; correndo de um para outro d'estes dois exercitos, ainda teve a fortuna de os bater. Blücher foi derrotado por elle em Champ-Aubert, em Montmirail, em Chateau-Thierry e em Vauchamp, e tendo-lhe o mesmo Napoleão destruido o exercito, voltou logo sobre o Sena, fazendo o mesmo aos austriacos em Montereau, levando-os adiante de si. Mas se a sorte n'este caso se lhe tornou ainda

a mostrar com aspecto de risonha por algum tempo, pelo menos nos pontos em que commandava em pessoa, n'aquelles em que se não via presente longe estava de lhe ser propicia, particularmente com relação a lord Wellington, cujas operações continuavam a ter por si a mais decidida protecção da fortuna no anno de 1814.

Um embaraço de não pequena monta veiu complicar a marcha das operações de lord Wellington. No dia 12 de novembro de 1813, Napoleão annunciou a D. Fernando VII a intenção em que estava de lhe restituir o throno da Hespanha, com o fim de tirar todo o pretexto para a conservação do exercito inglez n'aquelle reino, e de estabelecer os laços da antiga amizade e boa vizinhança, que desde tão longo tempo tinha existido entre as duas nações. Em conformidade com isto o conde de Laforet celebrou no mez de dezembro de 1813 com o mesmo D. Fernando o tratado de Valençay, secretamente apresentado á regencia da Hespanha, assignado com a data de 8 do citado mez de dezembro, destinado evidentemente a dividir os inimigos de Napoleão, pondo ao mesmo tempo ao seu dispor as tropas que se achavam em Hespanha. Ao passo que por elle se restituia el-rei D. Fernando VII ao throno de que se achava privado, e se promettia a prompta evacuação do territorio hespanhol por parte dos exercitos francezes, tambem por elle se estatuia a expulsão dos inglezes para fóra d'elle. Pela sua parte a regencia hespanhola não aceitou tal tratado, pelo não julgar favoravel ás idéas democraticas; e lord Wellington, que nenhuma affeição tinha a similhantes idéas, e que não poucas queixas da regencia o indispunham contra ella, viu-se apesar d'isso obrigado a sustenta-la, em rasão dos interesses e da defeza da causa que tomára a seu cargo, tendo de sacrificar-lhes os seus resentimentos particulares. Diversas informações lhe haviam dado a crença de que o tratado em questão tinha apparencias de realisar-se, prestando-lhe o exercito um caloroso e decidido apoio [1].

[1] Lord Wellington affirmava nas suas cartas para o conde de Barthurst que a maior parte dos officiaes hespanhoes, que estavam debaixo

Crente como d'isto estava, fez elle ver ao governo inglez todos os perigos, que similhante tratado trazia comsigo, tanto para a Inglaterra, como para a Hespanha. Estes perigos desvaneceram-se felizmente pela rapida marcha dos acontecimentos supervenientes, bem como pela resistencia das côrtes, que se recusaram a sanccionar um tratado, que D. Fernando VII, estando prisioneiro, teve a fraqueza de aceitar das mãos do imperador, que tanto o tinha vexado. Sem estas circumstancias os embaraços, que de um tal tratado provinham a lord Wellington, ter-lhe-íam paralysado o progresso das suas operações, porque apesar dos seus eminentes serviços, a sua influencia era fraca no animo dos proprios ministros inglezes, alguns dos quaes o reputavam visionario, como diz Napier, sendo completamente nullo no dos hespanhoes. Isto reunido com a nudez e o grande atrazo de pagamentos em que se achava o exercito inglez, chegando o mesmo Wellington a contrahir sobre si enormes dividas, foram cousas que levaram ao maior auge possivel os apuros com que lutava no meio dos seus triumphos, amargurado como tambem se via pelas auctoridades hespanholas, que se lhe declararam adversas, chegando as de Santander a pôr-lhe até de quarentena os hospitaes inglezes, a pretexto de uma invasão de febre amarella, fazendo-lhe o mesmo as de Guipuzcoa, com relação aos navios que para lá íam de Santander, o que lhe interrompia as communicações do exercito com os seus armazens.

Uma outra circumstancia notavel veiu juntar-se ás precedentes, influindo tambem na marcha das operações militares ao começar a campanha de 1814. Os principes da casa de

das suas ordens, eram favoraveis ao sobredito tratado. No seu despacho de 10 de janeiro de 1814 diz elle ao referido conde: «Longo tempo ha que suspeitei que Buonaparte empregasse este expediente. Se elle tivesse menos orgulho e mais senso commum, e se a par d'isto houvesse executado esta medida pelo modo por que o devia fazer, ella lhe teria aproveitado. Não sei se actualmente lhe aproveitará, porque ha tanta miseria em Hespanha, attribuida aos vicios e constituição do governo, que penso haver muita gente que deseja pôr-lhe um termo, ainda mesmo sanccionando similhante tratado de paz.

Bourbon resolveram-se a arriscar as suas proprias pessoas, apresentando-se em França, na mente de que a sua presença faria despertar no meio das circumstancias de então as antigas lembranças dos seus partidistas, levando-os a se declararem em seu favor. Tendo elles pedido ao governo inglez a permissão de se dirigirem para França, foi-lhes respondido que eram hospedes, e não prisioneiros da Gran-Bretanha, e postoque o estado dos negocios publicos por aquelle tempo não permittisse á mesma Gran-Bretanha auctorisar expressamente os seus intentos, eram todavia livres na resolução que houvessem de tomar, podendo alli voltar quando bem lhes parecesse. Em consequencia d'isto o duque de Angouleme embarcou-se para S. João da Luz, nas vistas de se apresentar a lord Wellington: o duque de Berry partiu para Jersey, a fim de se corresponder com os realistas da Bretanha, e *Monsieur* foi para a Hollanda, d'onde ganhou as fronteiras da Suissa, e entrou mais tarde em França de concurso com os exercitos austriacos. Os movimentos d'estes dois ultimos principes não produziram resultado algum importante. O duque de Berry demorou-se na ilha de Jersey por haver recebido de França noticias desagradaveis, com relação á força que o governo existente tinha por si, acrescentando-se-lhe haver-se formado uma trama para o levarem a desembarcar n'um ponto onde necessariamente iria caír prisioneiro nas mãos de Buonaparte. *Monsieur* entrou em França, sendo recebido em Vesoul com grande enthusiasmo; mas este movimento não foi apoiado pelos commandantes e generaes austriacos, que d'aquelle principe receberam com frieza a proposta de levantar corpos de realistas na Alsacia e no Franco-Condado. A empreza de *Monsieur* ficou portanto sem ter resultado immediato, postoque a sua presença tivesse sem duvida alguma um decisivo effeito nos subsequentes acontecimentos, porque, a não ser ella, menos facil seria em França a restauração bourbonica.

A chegada do duque de Angouleme ao exercito do duque de Wellington teve por si consequencias mais immediatas. O general inglez apenas lhe permittiu no seu dito

exercito a praça de voluntario; mas assim mesmo o effeito da sua presença de prompto se desenvolveu entre os seus partidistas. La Rochejacquelin, que á causa realista havia consagrado generosamente os seus dias, as suas noites e a sua fortuna, bem depressa appareceu no campo de lord Wellington, pedindo-lhe que dirigisse a sua marcha para Bordeaux, assegurando-lhe que esta cidade, libertada que fosse do exercito de Soult, que estava na sua vizinhança, promptamente se declararia pelos Bourbons, acontecimento a que desde logo se seguiria o levantamento da Guyenna, de Anjou e do Languedoc. Lord Wellington mostrou-se um tanto incredulo no que a tal respeito se lhe dizia, por saber que muitas vezes o enthusiasmo patriotico e partidario faz promessas que não póde realisar, e por isso recommendou áquelle tão famoso campeão dos realistas francezes, que tomassem todos cautela, elle e os seus correligionarios, em se não declararem prematuramente, por isso que as negociações, ou conferencias diplomaticas, abertas em Chatillon sobre a paz com a França, podiam ainda levar as potencias estrangeiras a deixarem ficar Napoleão como imperador dos francezes. Apesar d'isto La Rochejacquelein não abandonou o seu projecto, insistindo no seu pedido com tanto empenho, que lord Wellington o animou com a resposta que lhe deu, dizendo-lhe: *Ficae por alguns dias no meu quartel general, e vós nos vereis forçar os Gaves.*

Lord Wellington cumpriu religiosamente a sua palavra, logoque o tempo assim lh'o permittiu fazer, pois o inverno havia-se tornado rigorosissimo, tendo-se os rios consideravelmente enchido de agua, e o terreno que occupava o exercito alliado tão alagadiço e pantanoso, que por parte alguma se descobria logar para uma revista de aceio. Os barros, a neve e os nevoeiros eram por toda a parte constantes, a par das copiosas chuvas. Os matos e os bosques muito espessos, parecendo tudo impecer as marchas do exercito e o andar dos individuos. Não admira pois que em seguida á batalha do Nive, e durante os mezes de dezembro de 1813 e janeiro de 1814 o exercito alliado, postado entre o mesmo Nive e o

Adour, não tivesse feito movimento algum de importancia, o que todavia não impediu que alguns combates se travassem. No dia 3 de janeiro o batalhão portuguez de caçadores n.º 11 sustentou o combate de Bouloc, repellindo o inimigo com a sua costumada bravura. No mesmo dia o regimento portuguez de infanteria n.º 24 atacou e tomou posição em frente de La Bastide Clarence. O marechal Soult, vendo assim atacada a esquerda da sua linha, apoiada nos Baixos Pyrenéos, e na praça de S. João-de-Pé-de-Porto, reforçou este ponto por toda a margem do pequeno rio Joyeuse, que passando por Aspart e La Bastide, vae desaguar no Adour, depois de haver tomado o nome Arron. No dia 6 de janeiro combateram novamente n'esta mesma posição 6:907 portuguezes, pertencentes a infanteria 4 e 10, 11 e 23, com caçadores n.os 7, 10 e 11, alem das forças britannicas. As innundações e as neves tinham por tal maneira augmentado, que as communicações quasi se tornaram impraticaveis, chegando ao ponto de faltarem os fornecimentos de viveres ás tropas n'aquella occasião, achando-se por outro lado os postos avançados do inimigo a tiro de pistola dos dos alliados. Esta situação de apuro foi participada a lord Wellington, cuja resposta foi, que *morressem, sustentando a sua posição*. Já por então as chuvas começavam a diminuir. As difficuldades e as privações tinham sido superadas com a maior constancia, e a posição em frente de La Bastide sustentada corajosamente por trinta e oito dias! Uma grande virtude patenteada pelos portuguezes durante a guerra foi a impassibilidade, virtude que Napoleão preferia ao valor, por dar a victoria, sem bem se terem pesado os trabalhos e as difficuldades havidas para se alcançar. Emquanto o general Hill occupou a posição da Serra da Costa, todas as noites havia fogo de fuzil e de canhão na embocadura do Arron com o Adour, disputando-se a posse de um mouchão, que o inimigo occupava e defendia no mesmo Adour. Por todo o mencionado tempo a guerra tinha tomado um caracter melindroso, sustentada como já então se achava no territorio francez, por onde o exercito alliado começava a internar-se, resultando d'aqui a necessi-

dade do mesmo exercito se conservar sempre com as armas na mão. O gelo feria os pés dos cavallos, quando o quebravam, andando sobre elle. As vedetas infinitas vezes se precipitavam do cavallo abaixo, quando sobre elle corriam. O sustento com que durante tão calamitoso periodo aquelles animaes foram alimentados era tojo cortado em pequenos pedaços, batidos depois a malho.

Foi por estas pequenas escaramuças que começou a campanha de 1814, cheia das mais auspiciosas esperanças, achando-se lord Wellington disposto para ella, com um bravo e valoroso exercito como era o luso-britannico, modelo de subordinação e disciplina, e exercitado em todas as evoluções e manejo das armas, prompto para d'ellas se servir, segundo as occorrencias e a necessidade o pedissem, endurecido por cinco annos continuos nos trabalhos de uma incessante guerra, e finalmente aguerrido no mais alto grau, pela firme convicção que um tamanho espaço de tempo lhe fizera adquirir da sua superioridade sobre os seus adversarios, dos quaes já desdenhava pelas muitas vezes, que em campo aberto os tinha vencido e derrotado. Com toda a rasão julgava pois lord Wellington que á frente de um tal exercito podia bem aventurar-se aos mais arduos acommettimentos, por meio dos quaes, ao passo que por um lado arreigava cada vez mais a cega confiança, que os seus soldados punham no seu comprovado talento e reconhecido saber, enfraquecia por outro o animo dos inimigos pelo vivo receio, que nas suas novas lutas necessariamente lhes infundiam tantos e tão multiplicados revezes, como os que nas anteriores haviam experimentado. Por conseguinte logoque no mez de fevereiro o tempo se tornou mais doce, e a neve foi desapparecendo dos valles e das collinas, lord Wellington dispoz-se a passar definitivamente o Adour com o fim de se internar na França, instado como fortemente se via pelos soberanos do norte para dar este passo.

Para bem se entender o golpe ousado e atrevido, que com mão de mestre lord Wellington ia descarregar sobre o seu adversario, necessario é recordar-se o leitor das posições que

occupavam os exercitos belligerantes. As dos alliados formavam em volta de Bayonna um semicirculo de tres leguas de extensão, tendo a sua esquerda apoiada no mar, o seu centro estendia-se desde Villafranca até Ustaritz, achando-se a sua esquerda estabelecida entre o Nive e o Adour superior. Em S. João da Luz tinha lord Wellington o seu quartel general, e para alem dos Pyrenéos tinha sobre o Ebro a maior parte da sua cavallaria, attenta a falta de forragens que para ella havia no paiz em que se estava. Pela sua parte as posições do exercito francez descreviam tambem um arco de circulo, cuja direita se apoiava na embocadura do Adour, o seu centro fixava-se na confluente d'este rio com os Gaves, estendendo-se a sua esquerda até S. João-de-Pé-de-Porto. Em 20 de dezembro estabelecêra o marechal Soult o seu quartel general em Peyrehorade. Para que lord Wellington se podesse com segurança internar na França necessario lhe era apoderar-se de Bayonna por causa do seu campo intrincheirado, que pela sua esquerda não podia deixar ficar impunemente em poder do inimigo, cujo exercito lhe era preciso afastar d'aquella praça para a poder bloquear e sitiar, tendo para este fim de atravessar o Adour, o qual, alem de profundo, rapido e muito largo na sua embocadura, é de mais a mais sujeito ao fluxo e refluxo das marés, tendo alem d'isto para sua defeza uma flotilha de chalupas e canhoneiras, e um corpo de tropas, estabelecido n'uma excellente posição defensiva. A passagem do Adour acima da cidade, podia fazer-se pelos meios ordinarios, mas debaixo do ponto de vista estrategico tinha seus inconvenientes. A passagem para baixo d'ella nada tinha de favoravel para esta empreza, por causa da rapidez da corrente, que se oppunha ao emprego de pontões ou batelões. Com barcos de grande lote não se podia effeituar, em rasão dos obstaculos que similhantes barcos íam encontrar nas muitas areias, que obstroem a embocadura do rio, obstaculos que o mesmo Soult tinha por invenciveis, circumstancia esta que levou lord Wellington a emprehender a sua projectada passagem na parte em que o seu adversario a tinha por impraticavel. Quarenta barcos, pro-

prios para tal empreza, foram secretamente carregados de madeiras e de outros mais objectos com destino ao estabelecimento de uma ponte. Tanto os citados barcos, como algumas chalupas canhoneiras deviam, por auxilio da marinha, entrar pelo rio acima para segurar a passagem. Para melhor se effeituar necessario era enfraquecer por este lado os meios de resistencia do inimigo, enganando-o sobre o verdadeiro fim dos alliados, o que lord Wellington lhe pareceu conseguir, dirigindo o grosso das suas tropas contra a esquerda de Soult, attrahindo-lhe, por uma demonstração sobre o seu centro, a sua attenção para a parte dos Gaves, fazendo-lhe crer que a reunião dos barcos e do mais material tinha por fim a passagem do rio, acima de Bayonna. Os gelos que sobrevieram no principio de fevereiro favoreceram esta operação.

Dominado como lord Wellington se achava pelo vehemente desejo de levar a guerra ao coração da França, começou para este intento no dia 14 de fevereiro com as operações que ideára, para cujo fim o general Hill teve ordem de marchar com 20:000 homens e 16 peças de artilheria sobre as origens dos rios, que cobriam a esquerda do marechal Soult. Beresford foi encarregado de lhe ameaçar o centro, commettendo-se especialmente ao general Hope as operações contra elle sobre a sua direita. Em execução das ordens que recebêra, o general Hill atacou os postos avançados dos francezes, collocados sobre o Joyeuse, obrigando ó general Harispe a retroceder de Hillette na direcção de Saint Martin e de Garis, aldeia adiante da qual o general francez tomára posição[1]. A isto se seguiu cortar o mesmo Hill as communicações do exercito francez com S. João-de-Pé-de-Porto, cuja praça mandou bloquear por uma parte das tropas hespanholas de Mina, as quaes, postadas no valle de Bastan, avançaram ameaçando caír sobre Baygorri e Bidarri. Na manhã de 15 D. Pablo Morillo marchou com a primeira divisão hespanhola do quarto exercito na direcção de Saint Palais, parallelamente á posição de

[1] Veja o mappa n.º 35.

Harispe, a fim de envolver a esquerda do inimigo, ao mesmo tempo que a segunda divisão britannica, do commando do tenente general sir William Stewart, de que fazia parte a quinta brigada portugueza de 6 e 18 de infanteria com caçadores n.º 6, o acommetteria pela frente. O ataque começou muito tarde e prolongou-se muito pela noite. Os francezes soffreram uma consideravel perda, sendo obrigados a ceder, o que fizeram com a fortuna de chegarem a Saint Palais antes do general Morillo. O general Hill os perseguia, favorecido pela direita do centro dos alliados, tendo sido obrigado a reparar as pontes do Bidouze, que atravessou, pois os francezes as tinham destruido na sua passagem. Estes continuaram ainda a ceder, indo passar o Gave de Mauleon, dando-se nos Pyrenéos este nome de *Gave* ás torrentes, que dos cumes das montanhas se despenham, sendo as mais principaes o citado Gave de Mauleon, e os de Oleron e Pau: os primeiros dois são tributarios do terceiro, que engrossado com as aguas d'elles, vae por fim entrar no Adour, fornecendo-lhe um grande cabedal de aguas.

Os francezes abandonaram pela sua parte uma após outra as suas posições, sem se demorarem por muito tempo na sua defeza, nem nas dos rios, que muito os podiam proteger. Em consequencia pois dos combates de Hillette, Buloc, Garis e Saint Palais, sustentados em 14, 15 e 16 de fevereiro, o marechal Soult decidiu-se a destruir todas as pontes, excepto as de Bayonna, accumulando-se por este lado os preparativos necessarios para se passar o Adour abaixo d'aquella cidade. Desde então o fogo tornou-se todos os dias constante, e por tal modo, que a ala direita do exercito do commando de Hill apenas pôde fazer quatro leguas em tres dias. A paciencia parecia acabar-se aos vencedores no meio de tantos e tão continuados combates, vendo-se alem d'isto inhabilitados de perseguirem mais decididamente o inimigo pelas difficuldades dos terrenos e dos bosques. Dias houve em que por muitas horas as columnas da referida ala se viram obrigadas a fazerem alto, e a deitarem-se com as armas na mão, sendo unicamente os corpos avançados os

que, empenhados com o inimigo em combate, disputavam com elle um desfiladeiro, ou um pequeno passo até ao anoitecer. Mas o saber de lord Wellington, a correspondencia e a medição, que tanto ao certo fazia do tempo e dos terrenos a ganhar, e finalmente lá d'onde attento vigiava e presidia em distancia de logares aos movimentos do seu exercito, desde o momento em que havia começado a executar os seus planos, parecia que adivinhava, apparecendo logo onde havia indecisão, embaraço ou difficuldade. Um rumor geral nas tropas era sempre o precursor da sua bemvinda presença: elle a indicava logo, vendo-se a plumagem branca do seu chapéu, e o seu notavel capote da mesma côr, que então se mostrava unico aos exercitos do seu commando e aos da mesma França, como já dissemos.

Tendo passado o rio Bidouze por Arbonet, a citada ala direita do exercito luso-britannico continuou a sua marcha no dia 17: a ponte de cantaria que havia no dito rio, tinha saltado aos ares; mas mal dirigidos os fornilhos pelos francezes, os arcos ficaram de pé, e tanto por cima d'elles, como a vau, as tropas poderam passar sem difficuldade. Os tiroteios constantemente se ouviam, até que por fim fez alto a referida ala, acantonando-se em Arbonet e outras mais villas, em rasão d'aquella e outras mais difficuldades, que lhe entorpeciam a marcha. Durante este tempo o general Hope, concertando-se com o almirante Penrose, tomava todas as medidas necessarias para executar a passagem do Adour abaixo de Bayonna, operação para que apenas dispunha de uns dezoito barcos e seis pequenas chalupas. O inimigo achava-se preparado para a defeza, figurando entre os meios que para isso tinha, barcos armados e chalupas canhoneiras, alem da corveta *Sapho*, postada de maneira que pelos seus fogos protegia a inundação, que cobria a direita do campo intrincheirado de Bayonna. Nada d'isto fez paralysar os intentos do general Hope, quanto ao estabelecimento da projectada ponte para passar o Adour. A marinha portugueza tinha por aquelle tempo acompanhado os materiaes que para ella foram de Portugal, e haviam sido conduzidos por terra por tiros de

muares. Bom serviço prestou esta marinhagem, acompanhando sempre ao par a artilheria, cavallaria e caçadores do exercito, logoque a proximidade do inimigo, a dos rios e a capacidade das estradas assim o exigiam. A alegria manifestou-se então nos corpos do exercito portuguez, quando ali viram os seus camaradas da armada, olhados como recordações saudosas e doces penhores da querida patria, da qual já portanto tempo se achavam ausentes. Em Socoa se reuniram pois os barcos de cabotagem, e se fizeram tambem alguns outros preparativos para ultimar a ponte, que devia ser levantada sobre o Adour, sendo o já citado almirante Penrose o encarregado das precisas operações navaes. Chegára pois o dia 21 de fevereiro, que era o destinado para a execução do projecto; mas sobrevindo um vento do nor-nordeste, tornando-se a maré forte e agitada, necessario foi que o comboio continuasse a permanecer em Socoa por lhe não ser possivel seguir para o mar.

Entretanto sir John Hope, apertado pelo tempo e sequioso de gloria, não quiz consentir em maior demora, tomando sobre si o tentar a passagem do rio, expondo-se a todos os riscos, sem esperar pela coadjuvação de Penrose, nem pelas embarcações do comboio. O seu movimento começou portanto na noite de 22 para 23, fazendo acompanhar os 20:000 homens das suas tropas por 20 peças de artilheria, alem de um destacamento de artifices para lançarem os foguetes de congreve quando se lhes ordenasse. Os atacantes dirigiram-se ao principio para Anglet; mas a pequena distancia d'esta povoação mudaram de direcção, tomando por um caminho transversal, lodoso e cheio de fossos, circumstancia que junta aos obstaculos da noite retardou muito a marcha. Apesar d'isto as tropas chegaram antes do romper da alva ás dunas, ou médas de areia, que cobrem a praia desde Biarritz até á embocadura do Adour. Um bosque occupava o espaço, que separava estas dunas do caminho intrincheirado de Bayonna, d'onde foram desalojados os postos avançados do inimigo, ameaçado tambem nas alturas de Anglet pelas tropas hespanholas de D. Carlos de Hespanha, que entrado precedente-

mente em França, se approximára do Nivelle. Para distrahir ainda mais o inimigo, e chamar a attenção das suas forças navaes, a primeira brigada ingleza, ás ordens do coronel Maitland, rebentou do bosque de que acima se fez menção, por um logar chamado *Baliza Oriental*. Apenas foi vista, um terrivel fogo de artilheria partiu logo das baterias inimigas, bem como da *Sapho* e das chalupas canhoneiras; mas as bôcas de fogo que o general Hope pozera em bateria e os foguetes de congreve, que, assimilhando-se a serpentes de fogo, corriam sobre as aguas e penetravam pelos flancos dos navios, amedrontaram os marinheiros francezes, de que resultou abandonarem a posição para remontarem a corrente. A *Sapho* porém não largou o ancoradouro que tinha, até que, sendo morto o seu capitão, e tendo-lhe tambem morrido muita gente, teve de se ir abrigar á artilheria da cidadella: por este modo teve a flotilha franceza de ganhar o alto rio.

Similhantes demonstrações, contra os navios e o campo intrincheirado, causaram ao inimigo uma poderosa diversão, e o impediram de pensar na embocadura do Adour, que é aliás escondida por uma volta, ou circuito que o rio faz no seu curso. Os francezes tinham desprezado a sua defeza, considerando este ponto como muito forte e de difficil ataque, sobretudo nos casos de mar agitado, em que a barra se tornava impraticavel, a qual é em todo o tempo perigosa pelos seus bancos de areia movediça. A similhantes circumstancias foi portanto devida, em grande parte, a facilidade que teve a primeira divisão britannica de ir socegadamente procurar uma passagem, que achou não muito desviada da embocadura do rio. Marchou ella acompanhada pelos já citados dezoitos barcos, seis pequenas chalupas, puxadas por carros, quarenta artifices e alguns soldados de artilheria, destinados a encravar as peças, que os francezes podessem ter, ou assestar na margem direita. Para executar a passagem haviam-se construido seis jangadas, puxadas cada uma por tres barcos, os quaes, antes do romper do dia, deviam conduzir por duas vezes para o outro lado do rio 1:200 homens, sustentados

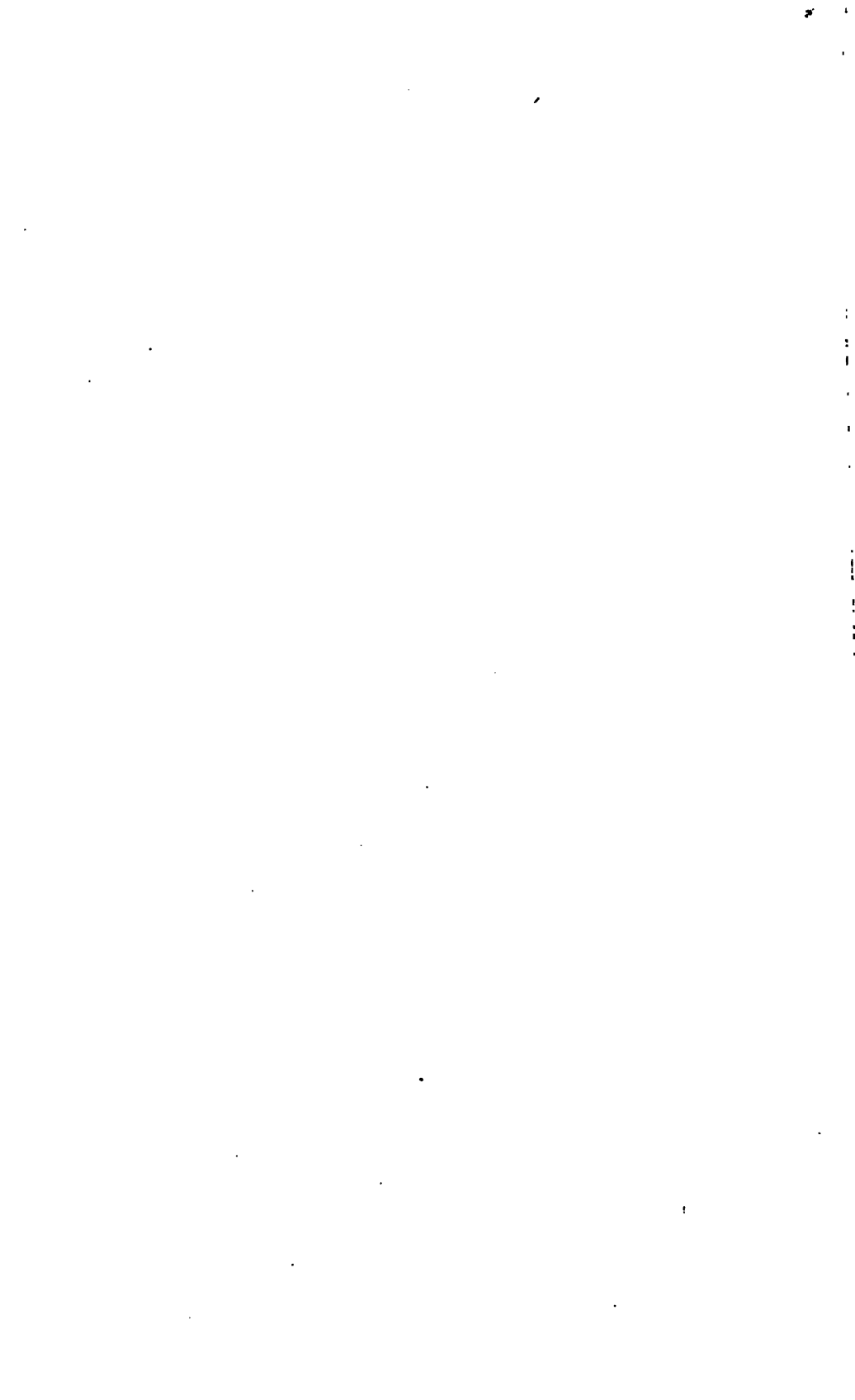
por um numero igual de outros, e por doze peças de artilheria, postadas em bateria sobre a margem esquerda. Não obstante os esforços que se fizeram durante a noite, nada foi possivel executar, não podendo effeituar-se o trabalho da passagem senão no dia 23. Para isto havia-se escolhido um logar, que tinha pouco mais ou menos 260 metros de largo na maré baixa, distando o espaço de 100 da embocadura do Adour. Lançaram-se pois as seis chalupas á agua, e passou-se uma corda forte de uma para a outra margem por meio da qual se puxaram tres jangadas, cada uma das quaes transportava uns 60 homens a um tempo. Por este modo se chegaram a desembarcar na margem opposta cousa de 500 homens, entre os quaes figuravam alguns artifices. Continuando porém a enchente da maré, necessario foi suspender o começado transporte da tropa, tendo os que já tinham passado de se abrigarem por trás das medas de areia, debaixo das ordens do coronel Stapford. Contra elles saíram resolutamente da cidadella dois regimentos francezes para os atacarem; mas uma descarga de foguetes de congreve lhes demorou o impeto, obrigando-os a se retirarem, por não estarem ainda acostumados a uma tal novidade, nem aos estragos causados por similhantes projectis. Ao favor de um luar claro outras tropas mais passaram o rio durante a noite de 23 para 24, indo assegurar a posição das que já tinham passado. Foi n'estas circumstancias que appareceu á embocadura do Adour a flotilha, ou o comboio dos barcos vindos de Socoa, mas ainda por esta vez lhes não foi possivel franquearem a barra, levantada e furiosa como se achava, e os que a tentaram entrar tiveram de renunciar a isso, depois de muitas fadigas baldadas e bastantes avarias soffridas. Na maré alta renovaram-se as tentativas para entrarem, experimentando-se o desastre da perda de alguns barcos. Acalmando-se pois algum tanto o vento, os marinheiros inglezes venceram por fim todos os obstaculos pela sua grande intrepidez e muita experiencia.

Por este modo entraram trinta barcos dentro do rio durante a noite de 24, ficando o resto do comboio exposto ao vento. Vinda que foi a noite, 6:000 homens de tropa se acha-

vam já promptos sobre a margem direita, não cessando por um só instante de se effeituar a passagem, logoque o vento acalmou e veiu o baixamar. Na manhã seguinte os alliados avançaram contra a cidadella, tocando a sua direita no rio Adour, e estendendo-se a sua esquerda até á estrada real, que de Bayonna vae para Bordeaux, de modo que cortadas assim as communicações com o norte do rio, poderam elles completar o acommettimento, não só da praça, mas igualmente de todas as suas obras, inclusivamente as do campo intrincheirado. Este movimento foi auxiliado por um falso ataque, feito sobre a margem esquerda pela brigada de lord Aylmer, e a quinta divisão luso-britannica de concurso com os hespanhoes de D. Manoel Freyre. Ao mesmo tempo trabalhava-se na construcção da ponte, que se ultimou no dia 26. A sua collocação foi no mesmo logar da passagem das tropas, onde a largura do rio era a dos já citados 260 metros, apoiando-se a sua extremidade opposta perto da aldeia de Boucaut. Compunha-se a dita ponte de vinte e seis barcos da costa da Cantabria, chamados *cachamarins*, os quaes se tinham segurado por ancoras e peças de ferro, tomadas nos reductos do Nive, lançadas á pôpa e á proa para por este modo resistirem aos choques do fluxo e refluxo das marés, com cabos fixados nas duas margens do rio: cada um d'estes barcos estava preso ao outro por meio de uma prancha, ou taboão, que facilitava a passagem da artilheria. Uma cadeia posta contra a corrente da agua da ponte a protegia dos ataques e abordagem das chalupas canhoneiras, e mais barcos inimigos, que se achavam amarrados ao abrigo da cidadella. Similhante ponte era de grande importancia para assegurar a communicação entre as duas margens, durante o bloqueio e o projectado sitio de Bayonna, bem como para proteger os caminhos da direita do Adour, por parecer mais facil tirar todas as provisões necessarias das povoações d'aquelle lado do rio, cujos moradores se mostravam tranquillos no meio d'estes acontecimentos, isentos como estavam das ordinarias vexações da guerra, sendo muito bem pagos do que forneciam. Por este modo se pôde concluir uma ponte de duas

milhas e meia de extensão, ponte que até ao fim da guerra serviu sempre de communicação regular com o exercito alliado e a Hespanha pela estrada de Dax, evitando assim todo o paiz difficil e esgotado, que está ao longo dos Pyrenéos. Na tarde do dia 26, depois de um choque mui vivo, a guarnição de Bayonna teve de se retirar para as suas fortificações, ficando desde então a referida cidade bloqueada pelas duas margens do Adour, antes de se lhe formar sitio, de que resultou poderem as duas divisões, que entre o Nive e o Adour se tinham deixado ficar de observação áquella praça, reunir-se ao principal corpo do exercito.

Emquanto assim manobrava a ala esquerda do exercito luso-britannico, investindo Bayonna, lord Wellington, depois de ter reforçado a sua direita, decidiu-se a fazer um movimento geral offensivo para a frente contra as tropas inimigas. Com estas vistas o marechal Beresford, seguido da quarta e setima divisão, e de mais uma brigada, atacou as posições fortificadas de Hastingues e Oyergrave sobre a esquerda do Gave de Pau, obrigando o inimigo a recuar sobre Peyrehorade. Pela sua parte o general Hill passára o Gave de Oleron sem resistencia no vau de Villenave, o general Clinton fazia o mesmo entre Monfort e Lãas, ao passo que o general Picton ameaçava a ponte de Sauveterre, que os francezes fizeram saltar ao ar. Os alliados, marchando para a frente, dirigiram-se sobre Orthez, onde o marechal Soult havia concentrado as suas forças. Beresford passou o Gave de Pau abaixo da sua juncção com o de Oleron, continuando a sua marcha pela principal estrada de Peyrehorade na direcção d'esta villa e sobre a direita do inimigo. O general Picton, imitando este movimento, seguiu-o tambem para baixo da ponte de Bereux, o que fez igualmente sir Stapleton Cotton com a cavallaria do seu commando, sustentados ambos elles por um movimento de flanco, que fizeram duas outras divisões. O general Hill foi pela sua parte occupar as *alturas de Mugrel* em face de Orthez[1], sobre a esquerda do Gave de Pau, cuja ponte lhe

[1] Veja estampa n.º 36.

foi então possivel forçar. Em Orthez havia o marechal Soult escolhido uma vantajosa posição ao longo de uma serie de collinas, cobertas de mato e com meia legua de extensão. No centro d'esta posição achava-se uma altura, d'onde partia uma enfiada de longas e estreitas cristas, que se estendiam sobre a esquerda dos francezes em direcção á estrada real de Peyrehorade, e sobre a sua direita por Saint Boës para a igreja de Baïgats, formando assim um semicirculo em face dos alliados. Esta linha era protegida em quasi toda a sua extensão por uma profunda e pantanosa ravina, atravessada por outras duas pequenas cristas, que igualmente partiam da principal altura acima mencionada. Na retaguarda do centro desenvolvia-se, sobre um comprimento de muitos kilometros, uma cadeia de collinas onduladas e cobertas de mato, sendo plano e pantanoso o paiz, que estava por trás da ala direita do inimigo. A sua ala esquerda tinha pela retaguarda a cidade de Orthez, edificada na margem direita do Gave de Pau, d'onde se estende sobre o declive de uma collina bastante elevada, no cume da qual se via uma antiga torre.

Era a dita ala direita dos francezes superiormente commandada pelo general Reille, tendo debaixo das suas ordens as divisões Taupin, Roguet e Páris: todas estas divisões occupavam o terreno comprehendido entre a aldeia de Saint Boës, e o centro da posição, apoiando-se sobre a estrada que de Orthez vae para Dax. Era o conde d'Erlon o commandante em chefe das duas divisões, que occupavam a dita posição central, sendo uma d'ellas commandada pelo general Foy, e a outra pelo general Darmagnac, postadas ambas á esquerda de Reille, e ambas ellas estabelecidas sobre uma curva, formada pelas respectivas collinas, a saber: a de Foy achava-se ao longo de uma chapada, que se estendia para a estrada de Peyrehorade, ficando-lhe a de Darmagnac de reserva pela esquerda. A divisão Villatte e a cavallaria postaram-se superiormente á aldeia de Rontun, isto é, sobre as collinas descobertas, situadas por trás da posição principal. Por esta fórma vinha a direita da divisão Villatte a dominar a planicie, que estava alem de Saint Boës, desenvolvendo-se

a sua esquerda para Orthez, formando assim uma reserva aos generaes Reille e Drouet. O general Harispe, que, como Villatte, se achava debaixo das ordens do general Clausel, occupava a cidade de Orthez e a respectiva ponte, que tinha por incumbencia defender, postando-se um dos seus regimentos perto do vau de Souars, para cima d'aquella cidade. Segundo estas disposições, o exercito francez estendia-se desde Saint Boës até Orthez; mas a parte principal das forças francezas achava-se postada no centro. Doze peças de artilheria acompanhavam as tropas do general Harispe, vendo-se alem d'ellas outras doze estabelecidas sobre a eminencia do centro, d'onde varejavam todo o terreno, situado alem de Saint Boës. Dezeseis peças mais se achavam tambem de reserva sobre a estrada de Dax. Todas estas forças subiam a mais de 40:000 homens.

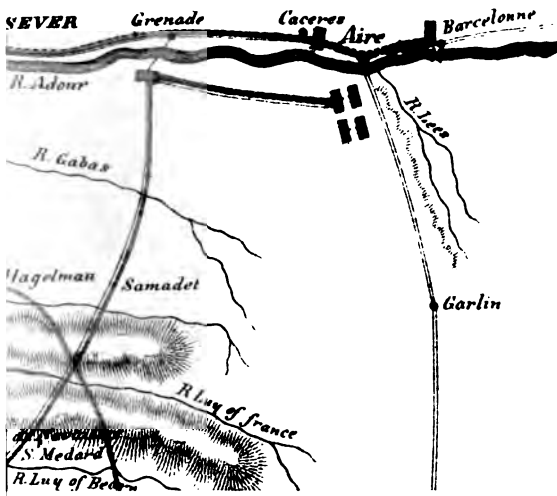
Lord Wellington, buscando empenhar o combate, ordenou ao marechal Beresford que atacasse a direita dos inimigos com a sua quarta e setima divisões, sustentadas pela cavallaria de Vivian, e que fizesse todos os esforços para os envolver. Ao mesmo tempo o general Picton, apoiado pela cavallaria de sir Stapleton Cotton, devia atacar com a sua terceira, e a sexta divisão do general sir H. Clinton, o centro e a esquerda dos francezes. Ao barão Carlos Alten competiu ficar de reserva, dando-se ao general Hill a missão de forçar a passagem do Gave de Pau na ponte de Souars, e a de atacar tambem a esquerda do inimigo. A acção empenhou-se pelas nove horas da manhã do dia 27. Beresford, depois de uma encarniçada luta, pôde-se assenhorear da aldeia de Saint Boës; mas o terreno á esquerda e por trás d'esta aldeia era por tal modo estreito, que ás suas tropas não lhes foi possivel desenvolverem-se para atacar as alturas, occupadas pela direita dos atacados; não os poderam portanto envolver, movimento que podia trazer após de si o separar Beresford de Picton, cousa que destruiria a intima ligação das diversas partes da ordem da batalha dos alliados. Soult, tendo notado estas circumstancias, dirigiu o seu principal esforço por parte das tropas de Reille sobre aquelle ponto. Os alliados fizeram

prodigios de valor; mas acommettidos a seu turno, por soldados tão bravos como elles, nos estreitos desfiladeiros, que se dirigiam á sua posição respectiva, tiveram de retroceder, deixando sobre o terreno grande numero de mortos e feridos. Com o aspecto de perdida se achava portanto a batalha, quando lord Wellington, por uma das suas mais felizes inspirações repentinas, mudando de improviso o seu plano de ataque, dirigiu as duas divisões de Picton (a terceira e sexta), e uma brigada da divisão ligeira contra a esquerda da altura, occupada pelas tropas de Reille. Esta vigorosa tentativa foi de feliz resultado, devido principalmente ao regimento inglez de infanteria n.º 52, encarregado de bater de flanco e retaguarda as tropas, que repelliam o ataque da columna dos alliados em Saint Boës. Este regimento atravessou uma lagoa debaixo do fogo do inimigo, e com tanta violencia se lançou contra as divisões de Foy e Taupin, que as obrigou a retirar. Este successo abriu a lord Wellington a estreita passagem que ficava por trás de Saint Boës, sobre a qual mandou logo avançar e desenvolver as divisões de Beresford (quarta e setima) e a cavallaria de Vivian com duas baterias de artilheria de campanha. Immediatamente ao abandono d'aquella aldeia, onde o combate durou por sete horas consecutivas, Beresford, desembaraçado na frente de todo o obstaculo, effeituou por fim a sua juncção com Picton e Alten sobre a crista das alturas. Estava portanto vencida a batalha por este lado, que era o da sua maior difficuldade.

Durante este tempo o general Hill com os seus 12:000 homens tinha forçado a passagem do Gave de Pau, na ponte de Souars acima de Orthez, e depois de ter lançado um golpe de vista de mestre sobre o progresso da batalha, marchou rapidamente sobre a estrada real de Orthez para Saint Sever com o fim de cortar a retirada ao exercito francez. Desde então Soult, perdendo a esperança de manter a posição que occupára, decidiu-se a abandona-la, isto quando Hill lhe tinha já cortado a estrada de Pau e torneado a cidade de Orthez. A retirada de Soult tornou-se portanto summamente difficil,

sobretudo por causa do terreno, cortado de ravinas e cheio de tojos, que as tropas da sua direita e do centro tinham de atravessar. Clausel ainda pretendeu oppor-se ao general Hill sobre uma eminencia, chamada *la Motte de Turenne*, que estava do outro lado da estrada de Saint Sever; mas Soult, não julgando que se podesse manter esta posição, depois de perdida a ponte de Souars, ordenou a retirada geral pela citada estrada de Saint Sever em direcção a Aire e Tolosa, retirada que o mesmo Soult effeituou por admiravel maneira. A cinco milhas do ponto de partida tinha elle de ir atravessar o *Luy de Bèarn*, e a quatro mais para diante o *Luy de France*, rios profundos e de margens muito escarpadas. Alem d'estes rios, seguiam-se ainda os de Lutz, Gabas e o proprio Adour. Atravessado que fosse o *Luy de Bèarn*, na ponte de pau no *Sault-de-Navailles*, aquelle rio cobria-lhe magnificamente bem a retirada; mas parecia impossivel que se podesse fazer marchar por uma só estrada e por uma só ponte um grande exercito batido, e perseguido tão vivamente de perto como ía sendo pelas tropas de Hill; mas tudo isto fez Soult com grande habilidade, apesar das desgraças que caíram sobre os vencidos, que tiveram de perda 4:000 homens e 6 peças de artilheria. Muitos milhares de conscriptos se desencaminharam, lançando para longe de si as suas armas: um mez depois ainda o numero dos extraviados se elevava a 3:000. Este glorioso triumpho não deixou de custar caro aos alliados, cuja perda foi a de 277 mortos, 1:923 feridos e 70 extraviados, sendo o proprio lord Wellington contuso por effeito de uma bala, que recochetando-lhe do punho da espada, onde primeiro fôra bater, o veiu offender na coxa, causando-lhe um tal choque, que caíu por terra do cavallo abaixo. Da parte dos francezes foi morto o general Beechaud e gravemente ferido o general Foy. Á bôca da noite o exercito luso-britannico fez alto em *Sault-de-Navailles*, tendo-se as tropas francezas reformado por trás de *Luy de Bèarn*, cuja ponte destruiram, bem como as dos mais rios que atravessaram. Esta circumstancia, junta a um violento temporal que sobreveiu, e fez crescer os rios, destruindo as pontes fluctuan-

Est.ª XXXVI.

SEVER
Grenade
Caceres
Aire
Barcelonne
R. Adour
R. Lees
R. Gabas
Hagelman
Samadet
Garlin
R. Luy of France
S. Medard
R. Luy of Bearn

tes, tornou a perseguição lenta e pouco perigosa para os francezes.

Os serviços praticados pelo exercito portuguez na batalha de Orthez a favor da libertação da peninsula e do norte da Europa foram testificados na ordem do dia do marechal Beresford de 26 de março de 1814, em que agradece aos corpos portuguezes a conducta que n'ella tiveram, sustentando assim a reputação adquirida tão constantemente em todas as batalhas e ataques em que já tinham entrado. Na citada ordem do dia diz elle: «A oitava brigada de infanteria do commando do sr. marechal de campo Manley Power (9 e 21 de infanteria com caçadores n.º 11) merece, como sempre, os agradecimentos de s. ex.ª, que roga ao mesmo sr. marechal de campo os faça constar aos srs. coroneis Carlos Sutton e João Telles de Menezes e Mello, e aos officiaes, officiaes inferiores e soldados da brigada. S. ex.ª não póde deixar de dar ainda outra vez testemunho do valor da nona brigada de infanteria (11 e 23 de infanteria com caçadores n.º 7); ella se mostrou n'este dia benemerita com mais particularidade, porque atacando uma posição das mais fortes, e defendida por um numero excessivamente superior de inimigos, aindaque foi mais de uma vez repellida, os seus soldados continuamente se tornavam a formar, e voltavam ao ataque. Ser repellido, quando o inimigo tem a vantagem do terreno e é superior em numero, succede ás melhores tropas; mas as melhores tropas se tornam a formar, e renovam com distincção o ataque, e estas tropas viram que por fim o exercito alliado ganhou a posição. S. ex.ª sente infinitamente a grande perda que teve esta valorosa brigada n'este dia; mas espera que lhe servirá de alguma consolação saber que s. ex.ª ficou perfeitamente satisfeito da sua conducta. O sr. coronel José de Vasconcellos receberá os agradecimentos de s. ex.ª, e os dará aos tenentes coroneis Alexandre Anderson e José Correia de Mello. S. ex.ª sente por extremo a perda temporaria dos serviços d'este official por causa da ferida que recebeu. O batalhão de caçadores n.º 7, aindaque não se travou tão fortemente na peleja, merece a approvação de s. ex.ª.

S. ex.ª tem toda a rasão para louvar a boa conducta da setima brigada de infanteria (8 e 12 de infanteria com caçadores n.º 9), do commando do sr. coronel Diogo Douglas, ao qual, é aos officiaes e corpos que a compõe dá s. ex.ª os seus agradecimentos. Os batalhões de caçadores n.ºs 1 e 3 sustentaram a sua reputação, e s. ex.ª sente que as feridas do coronel Kennent Snodgrass privem a s. ex.ª do beneficio dos seus serviços durante algum tempo. S. ex.ª não quer deixar de aproveitar a presente occasião para fazer justiça á conducta de alguns corpos em acções na verdade de menos importancia, mas onde o merecimento dos individuos e o valor dos corpos não foi menos patenteado. A conducta da quinta brigada de infanteria, debaixo das ordens do sr. coronel H. Hardinge no dia 15 do mesmo mez, merece a observação favoravel de s. ex.ª, e o serviço de sua alteza real, o principe regente nosso senhor, tem a sentir a perda de um excellente official no tenente coronel Pedro Fearon. A decima brigada de infanteria, particularmente o regimento n.º 24 e o batalhão de caçadores n.º 5, merecem a approvação de s. ex.ª pela sua conducta no ataque feito no dia 27 sobre a linha do inimigo junto a Bayonna, e o sr. marechal de campo Thomás Bradford o fará constar á brigada, e quanto s. ex.ª sente que o sr. coronel Mac Bean tornasse a ser ferido. O mesmo sr. marechal de campo faz menção do valoroso comportamento do tenente coronel Ignacio Emigdio Ayres da Costa. S. ex.ª tendo testemunhado a valorosa conducta do batalhão de caçadores n.º 2 no dia 23, deseja que o tenente coronel Jorge H. Zulhlcke faça saber a este corpo a approvação de s. ex.ª, e ao major Francisco Antonio Pamplona quanto s. ex.ª sente ser privado dos seus serviços pela sua ferida n'este dia» [1].

A relação das brigadas e corpos portuguezes que entraram na batalha de Orthez, especialisando os commandantes d'aquellas e d'estes, com a indicação da força com que n'ella entraram e da perda que tiveram, é a seguinte:

[1] A parte official da batalha de Orthez, dada por lord Wellington, vae transcripta no documento n.º 115.

Artilheria n.º 1 — Teve este corpo uma brigada presente na acção e no combate, na força de 110 homens, commandada n'uma e n'outra parte pelo capitão Antonio da Costa e Silva. Não teve perda alguma.

Divisão portugueza, formada pela 2.ª e 4.ª brigadas, commandante o marechal de campo Carlos Frederico Lecor

2.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Antonio Hypolito da Costa

Infanteria n.º 2 — Todo o regimento esteve na acção, na força de 1:108 homens, mas só um batalhão entrou em combate. Commandante do corpo na acção o coronel Jorge de Avillez Juzarte, e do batalhão no combate o major Bernardo Antonio Zagallo. Perda, 2 soldados mortos e 1 ferido, ou 3 homens ao todo.

Infanteria n.º 14 — Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 1:001 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo major Rodrigo Vitto Pereira da Silva. Não teve perda alguma.

4.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro João Buchan

Infanteria n.º 4 — Todo o regimento esteve na acção, na força de 1:053 homens, entrando em combate sómente as companhias de granadeiros. Commandante do regimento na acção o tenente coronel João Hill, e das companhias em combate o tenente coronel de infanteria n.º 10 Donald Mac Niell. Perda, 1 soldado ferido.

Infanteria n.º 10 — Todo o regimento esteve na acção, na força de 1:053 homens, entrando em combate sómente 3 companhias. Commandante do corpo na acção o coronel Luiz Maria de Sousa Vahia, e das companhias de granadeiros em combate o tenente coronel Donal Mac Niell, e da restante companhia o capitão Manuel Martiniano de Sousa Girão. Perda, 1 official ferido.

Caçadores n.º 10 — Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 250 homens, commandado n'uma e

n'outra parte pelo capitão José Rodrigues Lima. Perda, 3 soldados mortos, feridos 7 homens (1 official, 2 inferiores e 4 soldados), ou 10 homens ao todo (1 official, 2 inferiores e 7 soldados).

5.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Carlos Ashworth

Infanteria n.º 16—Todo o regimento foi presente á acção, na força de 857 homens, commandado pelo tenente coronel Maxiwell Grant. Não teve perda alguma.

Infanteria n.º 18—Todo o regimento foi presente á acção, na força de 1:069 homens, commandado pelo tenente coronel Henrique Pynn. Não teve perda alguma.

Caçadores n.º 6—Todo o batalhão foi presente á acção, na força de 372 homens, commandado pelo capitão Manuel Vaz Pinto. Não teve perda algum.

6.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel João Milley Doyle

Infanteria n.º 7—Todo o regimento foi presente á acção, na força de 839 homens, commandado pelo tenente coronel Francisco Xavier Calheiros. Não teve perda alguma.

Infanteria n.º 19—Todo o regimento foi presente á acção, na força de 1:080 homens, commandado pelo tenente coronel Francisco José da Costa do Amaral. Não teve perda alguma.

Caçadores n.º 2—Todo o batalhão foi presente á acção, na força de 439 homens, entrando em combate sómente 2 companhias, sendo commandante d'elle na acção o tenente coronel Jorge Henrique Zulhlck, e das companhias em combate o capitão Roberto Stwart. Perda, 3 soldados feridos.

7.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel João Douglas

Infanteria n.º 8—Todo o regimento esteve na acção e no combate na força de 895 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel de infanteria n.º 21, Guilherme

Birmingham. Perda, 1 soldado morto e 8 homens feridos (1 inferior e 7 soldados), ou 9 homens ao todo.

Infanteria n.º 12—Todo o regimento foi presente á acção, na força de 940 homens, commandado pelo tenente coronel Walter Beatty. Perda, 1 official e 4 soldados feridos, ou 5 homens ao todo.

Caçadores n.º 9—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 321 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo major Luiz Maria de Cerqueira. Perda, 3 soldados mortos e 7 homens feridos (1 inferior e 6 soldados), ou 10 homens ao todo (1 inferior e 9 soldados).

8.ª Brigada de infanteria, commandante o marechal de campo Manley Power

Infanteria n.º 9—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 926 homens, commandado pelo major Antonio Joaquim Rosado. Perda, 11 soldados mortos e 38 homens feridos (2 officiaes, 2 inferiores e 34 soldados), ou 49 homens ao todo (2 officiaes, 2 inferiores e 45 soldados).

Infanteria n.º 21—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 923 homens, commandado pelo tenente coronel João Telles de Menezes e Mello. Perda, 14 homens mortos (1 official e 13 soldados); 23 homens feridos (1 official e 22 soldados), ou 37 homens ao todo (2 officiaes e 35 soldados).

Caçadores n.º 11—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 280 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Carlos Kilsha, substituido depois pelo major Francisco de Paula Rosado. Perda, 8 homens mortos (3 officiaes e 5 soldados); feridos, 15 homens (1 official, 1 inferior e 13 soldados), ou 23 homens ao todo (4 officiaes, 1 inferior e 18 soldados).

9.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel José de Vasconcellos e Sá

Infanteria n.º 11—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 955 homens, commandado pelo tenente

coronel Alexandre Anderson. Perda, 45 homens mortos (1 official e 44 soldados); feridos, 87 homens (9 officiaes, 11 inferiores e 67 soldados); prisioneiros ou extraviados, 16 homens (1 inferior e 15 soldados), ou 148 homens ao todo (10 officiaes, 12 inferiores e 126 soldados).

Infanteria n.º 23—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 1:059 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo coronel José Correia de Mello. Perda, 37 homens mortos (1 official, 2 inferiores e 34 soldados); feridos, 80 homens (5 officiaes, 2 inferiores e 73 soldados); prisioneiros ou extraviados, 2 soldados, ou 119 homens ao todo (6 officiaes, 4 inferiores e 109 soldados).

Caçadores n.º 7—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 371 homens, commandado na acção pelo major João Scott Lille, o qual no combate commandou 5 companhias, e o capitão Pedro Celestino de Barros, 1. Perda, 5 homens mortos (1 inferior e 4 soldados); feridos, 17 homens (1 official e 16 soldados), ou 22 homens ao todo (1 official, 1 inferior e 20 soldados).

Brigada ligeira, encorporada na divisão ligeira luso-britannica

Infanteria n.º 17—Todo o regimento foi presente á acção na força de 772 homens, commandado pelo tenente coronel João Rolt. Não teve perda alguma.

Caçadores n.º 1—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na fórça de 530 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Kennet Snodgrass. Perda, 11 soldados mortos e 36 homens feridos (3 officiaes, 1 inferior e 32 soldados), ou 47 homens ao todo (3 officiaes, 1 inferior e 43 soldado)

Caçadores n.º 3—Todo o batalhão presente na acção e no combate, na força de 411 praças, sendo commandante d'elle presente na acção o major Manuel Caetano Teixeira, que no combate commandou 5 companhias, e o capitão Affonso Botelho de Sampaio 1. Teve de perda, 13 soldados mortos e 13 feridos, ou 26 homens ao todo.

Conseguintemente o total da força portugueza presente a esta batalha foi de 17:614 homens, sendo a perda que n'ella houve em mortos, 6 officiaes e 137 soldados; em feridos, 25 officiaes e 317 soldados; e em extraviados, 19 homens. Total geral, 504 homens.

Para os que lançarem os olhos sobre as marchas e operações de lord Wellington, desde que em 12 de fevereiro de 1814 emprehendeu passar os Gaves, até que em 2 do seguinte mez de março teve logar o combate de Aire, não podem deixar de notar que no curto espaço d'estes dezoito dias percorreu elle com a ala direita do seu exercito cousa de oitenta milhas no territorio francez; que durante os ditos dezoito dias effeituou a passagem de cinco grandes rios, alem de outras mais correntes e levadas de agua de menor monta; que obrigou o inimigo a abandonar-lhe duas cabeças de ponte bem fortificadas, alem de outras obras mais de inferior importancia; que deu com muita vantagem sua uma grande batalha, alem de varios combates, tomando ao inimigo 6 peças de artilheria e fazendo-lhe perder, sómente em Orthez, 4:000 homens; que em seguida a isto se assenhoreou dos armazens que o mesmo inimigo tinha em Dax, Aire e Mont-de-Marsan; que lançou uma ponte na embocadura do Adour, investindo a cidade de Bayonna, o baluarte da França meridional; e finalmente que obrigou o exercito francez a deixar-lhe livre a estrada de Bordeaux, retirando-se em direcção a Tarbes, antes de ter feito a sua juncção com Suchet, juncção com que Soult verdadeiramente não contava, mas que lord Wellington devia considerar imminente. Soult attribuiu a causa de tantos desastres seus á superioridade das forças de que lord Wellington dispunha, com relação ás suas. Napier tem esta asserção por inexacta. Segundo os calculos que para isto apresenta, Soult dispunha de 40:000 homens na batalha de Orthez, incluindo n'este numero o de 35:000 bons soldados. Lord Wellington tinha mais do que elle 4:000 homens de cavallaria e 8 peças de artilheria; mas em troca d'esta vantagem tinha menos do que elle 4:000 para 5:000 infantes, porque 5 dos seus regimentos achavam-se ausentes no dia

da batalha de Orthez, mandados, como por falta de transportes tinham sido, para a beiramar com o fim de escoltar os fardamentos do exercito, cuja remessa tinha soffrido consideraveis atrazos: com esta circumstancia dava-se mais a de que nem os hespanhoes de Mina, nem os de Morillo haviam tomado parte nas operações da passagem dos Gaves, nem tão pouco na batalha de Orthez. Por conseguinte a desigualdade que havia entre os belligerantes estava mais na força moral do que na material.

Á vista do exposto é para nós fóra de duvida que a fortuna das operações dos alliados e os desastres das dos francezes provieram sómente do acerto das concepções de lord Wellington, e não menos do valor e pontualidade com que os seus soldados as executaram. Durante as marchas do exercito luso-britannico até ao Adour, Soult teve algumas occasiões em que com vantagem sua o podia levar de vencida, occasiões de que se não soube, ou não quiz aproveitar. Com esta conducta contrasta singularmente a de lord Wellington, pois nunca perdeu a mais pequena occasião de vantagem, que a sorte lhe deparasse para caír sobre o seu adversario, fazendo-o com toda a energia e sagacidade, facto que destroe pela base a accusação, que alguns generaes e escriptores francezes lhe tem feito, dando-o por timido e sem iniciativa. É portanto forçoso admittir que lord Wellington, tendo a contender nos Pyrenéos com o marechal Soult, se mostrou nas suas operações constantemente mais habil do que elle. A unica censura que ao general inglez se póde fazer é a de ter no dia da batalha de Orthez dado tão poucas tropas a Beresford, de que resultava não ser difficil a Soult, a aproveitar-se d'esta falta, caír com vigor sobre o centro dos alliados e romper-lhes a sua linha, falta de que aliás elle se não soube aproveitar. Uma outra censura que tambem se póde fazer a lord Wellington é a do seu pouco vigor na perseguição do inimigo, censura notada já por alguns em outras anteriores batalhas, circumstancia de que resultou não ter o seu exercito tirado das suas victorias as subsequentes vantagens, que d'ellas podia ter conseguido. Todavia attenuam muito similhante cen-

sura os defeitos naturaes, que as tropas inglezas patentearam em todo o tempo da guerra da peninsula para emprezas d'esta ordem. Effectivamente no campo da batalha não ha tropas mais bravas, nem que menos se amedrontem com os perigos da guerra, por graves que sejam, do que as inglezas, parecendo meras estatuas, movidas á voz dos seus chefes, ou mais propriamente fallando, parecendo homens em quem a impassibilidade é mais pronunciada do que em quaesquer outros. Todavia tem contra si o defeito de repugnarem a fazer marchas prolongadas e rapidas, não obstante os casos excepcionaes, que em contrario a isto algumas vezes se lhes notaram, repugnancia comprovada pela pequena perseguição, que constantemente fizeram ao inimigo em quasi todas as batalhas da guerra da peninsula. Similhante circumstancia, junta á da indisciplina e á da grande cupidez das referidas tropas, ávidas sempre do saque, foram provavelmente as causas que impediram lord Wellington de tirar das suas victorias o maximo partido, que aliás tiraria com outros soldados. Eis o que os seus systematicos apologistas d'elle dizem para sua defeza n'este ponto.

É o proprio lord Wellington o que d'isto nos dá testemunho, quando no seu despacho para o conde Bathurst, datado de 29 de julho de 1813, lhe diz: «A batalha de Vittoria tem, como de ordinario, aniquilado no exercito toda a ordem e toda a disciplina. Os soldados dividiram entre si quasi 1.000:000 esterlino, abatida a somma de 100:000 dollars, entrada na caixa militar. Em logar de passarem a noite a descansar e a comer, para se pôrem em estado de perseguir o inimigo na manhã seguinte, empregaram-se durante a noite em roubar, de que resultou acharem-se *incapazes de marchar para a frente*, estando totalmente abatidos. A chuva que sobreveiu augmentou-lhes o cansaço. Estou certo que temos actualmente fóra das fileiras o dobro dos homens mortos que houve na batalha, e que na perseguição do inimigo perdemos muito mais do que elle, posto não termos feito mais de uma marcha por dia». Effectivamente a maior parte dos regimentos debandaram-se depois d'aquella acção

a ponto de que passados dezoito dias ainda lord Wellington dizia andarem 12:500 homens saqueando pelas montanhas. Já em 31 de maio de 1809 escrevia o mesmo lord Wellington a lord Castlereagh, dizendo-lhe: «O exercito conduz-se terrivelmente mal. É um bando de vadios... Rouba por toda a parte...» No mesmo dia escrevia a mr. Villiers: «Ha muito tempo que sou de opinião de que um exercito inglez não è capaz de supportar um bom successo, nem uma derrota». Na sua carta de 17 de junho do citado anno de 1809, dizia ao mesmo Castlereagh: «Nós somos mais temiveis do que o inimigo». Na sua ordem do dia de 28 de novembro de 1812, dizia elle igualmente aos commandantes das divisões e das brigadas: «Com pezar tenho notado que o exercito debaixo das minhas ordens caíu, quanto á disciplina, durante a ultima campanha, victima do que nunca se viu em outro algum exercito... Não hesito em attribuir este mal á negligencia habitual que os officiaes dos regimentos mostram no cumprimento dos seus deveres». Em 28 de novembro de 1813 ainda elle escrevia ao general Lambert: «Peço que se faça ver ao supremo tribunal de guerra que um crime muito commum e muito assustador do soldado inglez é o recorrer a vias de facto, não sòmente contra os sargentos, mas até mesmo contra os officiaes no exercicio das suas funcções, chegando a resistir-lhes ao ponto de desfechar contra elles...» Este crime o attribuia elle á embriaguez, como no seu despacho de 10 de novembro de 1810 o manifestava ao tenente coronel Torrens, dizendo-lhe: «Não ha um só soldado capaz de resistir á tentação do vinho; é a sua unica paixão n'este paiz: embriagam-se sempre, quando estão destacados dos seus regimentos, e não ha crimes que não commettam para alcançar dinheiro, a fim de comprarem vinho, e se não têem dinheiro, para obterem o vinho pela força...»

Alem d'estes, outros mais despachos ha em que lord Wellington confirma as asserções que acima fizemos, com relação aos defeitos das tropas inglezas; mas não obstante o seu tão auctorisado testemunho, parece-nos ainda assim que a falta de vigor na perseguição dos francezes, depois de algumas

batalhas, ganhas sobre elles pelos alliados, não deixa de provir de uma certa frouxidão do proprio lord Wellington, ou d'essa impassibilidade ingleza de que elle mesmo n'este caso se nos não antolha isento. Em primeiro logar nem em todas as batalhas ganhas, os regimentos se dispersaram e deitaram a roubar, como se allega na de Vittoria. Por conseguinte nas que não estão n'este caso não colhem para nós as rasões que se dão para esta. Alem d'isto o exercito luso-britannico tambem se compunha de tropas portuguezas, cujos soldados têem por um dos seus melhores dotes serem infatigaveis caminhantes, como lhes chamou Massena, e se dos inglezes elles lhes tomaram o exemplo da disciplina e da subordinação militar, tambem os inglezes podiam tomar d'elles o das longas marchas, quando lh'as ordenassem. Em segundo logar parece-nos que os soldados inglezes não são tão contrarios ás longas e continuas marchas, que se lhes mandam fazer nos casos de urgencia, quanto lord Wellington, ou os seus apologistas o pretendem inculcar para o defender. O mesmo lord Wellington executou na India com os soldados inglezes durante as suas guerras com os mahrattas, marchas como nunca se tinham visto n'aquelle paiz. Na peninsula, todas as vezes que as operações o exigiram, executaram longas e rapidas marchas, como se prova pelos seguintes factos. Em 1811 a divisão ligeira do general Craufurd, debaixo das ordens de Spenser, deixou as vizinhanças de Almeida na maior força do calor, fazendo por muitos dias marchas de sete e nove leguas, como diz Napier no tomo VII, pag. 249 da sua historia, chegando a Badajoz sem deixar um só homem á retaguarda. Na batalha da Barrosa as tropas do general Graham, segundo o que elle diz no seu despacho para o conde de Liverpool com data de 6 de março de 1811, tendo chegado a um terreno, depois de uma marcha nocturna de dezeseis horas, sustentaram com bom exito um dos mais desproporcionados e mortiferos combates da guerra da peninsula. Em 1812 as tropas do general Hill fizeram no valle do Tejo treze leguas de marcha n'um só dia. No mesmo anno muitos regimentos inglezes marcharam sem se demorar desde Cadiz até Burgos, e desde

aqui até á Cidade Rodrigo, sem recalcitrarem. Na sua saída de Salamanca até á raia de Portugal os soldados inglezes e portuguezes em cinco dias de contínua marcha não recebe-ram senão duas rações de viveres, vendo-se até obrigados a comer bolotas. Vem corroborar mais a censura que debaixo d'este ponto de vista se tem feito a lord Wellington o que mr. Thiers diz, quando falla dos preparativos da batalha de Vittoria, isto é, que o referido lord havia antes d'ella com-mettido uma falta bastante grave, tal era a de haver permit-tido aos francezes irem desde o Tormes até áquella cidade sem se approximar d'elles, o que lhes proporcionou a van-tagem de se lhes reunir o general Clausel. Estes factos pro-vam effectivamente que lord Wellington partilhava tambem alguma cousa da impassibilidade por elle attribuida aos seus soldados, como em 1809 mostrou na sua falta de energia em perseguir o marechal Soult na sua retirada do Porto para a Galliza, o que igualmente praticou para com Massena, quando em 1811 se retirou de Santarem para a raia de Hes-panha, fronteira a Almeida, sendo isto mesmo o que tambem n'elle se viu depois das varias batalhas por elle ganhas pos-teriormente. A não ser esta circumstancia cremos que de maior vantagem seriam para elle essas victorias. Ser grande em todos os ramos, mesmo nos de qualquer outra carreira, são abortos da natureza. Parece-nos pois que lord Welling-ton era mais eminente do que os generaes francezes nas ope-rações e movimentos de uma batalha campal, sendo este o caso em que, a par do seu reconhecido saber, mostrava grande actividade e energia; mas quanto a escaparem-se-lhe á perse-guição, em occasião de retirada, os marechaes Soult, Massena e Ney mostraram-se-lhe superiores. Visto agora o quadro por outro lado, parece-nos igualmente que durante as quatro reti-radas de lord Wellington a de Talavera, Bussaco, d'El-Bodon e Burgos, a que para nós se figura como a da mais justa admi-ração é a d'El-Bodon, em que elle e algumas das suas tropas se mostraram inquestionavelmente dignos dos maiores elo-gios.

Deixando pois juizos criticos para tornarmos ao prosegui-

mento da guerra, diremos que depois da batalha de Orthez os francezes continuaram durante a noite de 27 para 28 de fevereiro a sua retirada, parando por traz do Adour, perto de Saint-Sever para se reunirem e reformarem o seu exercito, incorporando-lhe alguns reforços, que se lhe tinham juntado. Os alliados deitaram-se então na manhã seguinte a persegui-los; mas elles evitaram o choque, tomando a direcção d'Agen, deixando aberta a estrada que se dirigia a Bordeaux. Lord Wellington foi então estabelecer o seu quartel general em Saint-Sever, e dividindo em duas partes o exercito luso-britannico, a da sua ala esquerda foi entrar sem resistencia em Mont-de-Marsan, onde o marechal Beresford se apoderou de um grande armazem de viveres[1]; o seu centro estabeleceu-se em Cazeres; e no dia 2 de março a sua direita, commandada pelo general Hill, poz-se em marcha pelo lado d'Aire sobre a margem esquerda do Adour. Ali teve este general, no citado dia 2 de março, um encontro muito vivo com a divisão Harispe, que não tinha combatido em Orthez; mas Hill conseguiu por fim a victoria, tomando, ou destruindo muitos armazens, reunidos n'aquelle logar. O resultado de todas estas operações foi o acommettimento das praças de Bayonna, S. João-de-Pé-de-Porto e Navareins, a passagem do rio Adour, a posse das principaes communicações e passagens, a apprehensão ou destruição de viveres, de effeitos militares, e de outros mais recursos, abundantemente reunidos pelo inimigo, o qual se escapou aos maiores males a favor de um tempo extremamente chuvoso, achando-se impraticaveis os caminhos, as torrentes e ribeiras en-

[1] Emquanto o general Hill marchava pela margem esquerda do Adour para se dirigir a Aire, o general sir Stapleton Cotton seguia pela margem direita para aquella mesma cidade, ao passo que o marechal Beresford tomou para Mont-de-Marsan com o fim de se apoderar do armazem de viveres acima mencionado. O coronel Koch critica esta marcha divergente, que attribue á incerteza em que lord Wellington se achava sobre a direcção tomada pelo seu adversario. «É certo, diz elle, que perseguindo os francezes com todos os seus meios elle os teria posto n'um grande embaraço». Mr. Brialmont acha esta critica muito judiciosa.

grossadas, e os rios saídos fóra do seu leito. Lord Wellington foi portanto obrigado a demorar novamente as suas operações, e Soult pôde por esta causa mudar a seu salvo de direcção. A sua marcha foi para Tarbes, depois que deixou Aire, approximando-se assim dos Pyrenéos, provavelmente na intenção de receber pela sua retaguarda os soccorros do marechal Suchet, vendo-se obrigado a vexar as camaras com requisições para substituir os viveres que perdêra nos armazens de Aire, e a deixar a descoberto Bordeaux e as suas vizinhanças, crente que lord Wellington se não atreveria a penetrar tão longe. N'isto se enganou elle inteiramente, porque vendo os partidistas da familia real de Bourbon a proximidade da quéda de Napoleão, solicitaram que lord Wellington saísse da sua costumada circumspecção. O numero dos citados partidistas era muito consideravel n'aquella parte da França, e enthusiasmados pela presença do duque de Angoulême, muitos d'elles tornaram-se instigadores e promotores de commoções e levantamentos. Lord Wellington buscou sempre acalmar estes transportes partidarios, que reputava indiscretos durante a perplexidade das potencias do norte, com relação ao modo por que tratariam e considerariam Napoleão; mas desde que este ponto foi decidido, nenhuma duvida teve em prestar o seu apoio aos que se propunham ao restabelecimento da dynastia Bourbonica.

Foi com effeito pelo mesmo tempo da batalha de Orthez que os emissarios realistas vieram de Toulouse e de Bordeaux procurar o duque de Angoulême, patenteando-lhe o grande desejo que tinham de que se pozesse á testa dos seus partidistas, certos de que obteriam assim sem difficuldade a restauração do throno da proscripta dynastia. Todos elles tiveram em Saint-Sever conferencias com lord Wellington, o qual, á vista do que lhe exposeram, cedeu por fim ás suas instantes supplicas, de que resultou fazer marchar sobre Bordeaux com 12:000 homens, pertencentes á quarta e setima divisões, o marechal Beresford, mandando ao mesmo tempo avançar da sua retaguarda para a frente as tropas de D. Manuel Freyre para substituirem o vacuo, formado pela ausencia d'aquellas

forças. Logoque o marechal Beresford se approximou de Bordeaux, abandonada como já tinha sido pelo general Lhuillier, que por deficiencia de tropas para a defender se retirára para a cidadella de Blaye, cessou toda a idêa de resistencia aos alliados, não havendo alli outras auctoridades, alem da do arcebispo e do maire, chamado mr. Lynch. Os realistas declararam-se desde então pelos Bourbons, saindo o maire ao encontro do marechal Beresford, a quem disse: «Se o sr. ma«rechal quer entrar em Bordeaux como conquistador, póde «tomar as chaves, pois não ha n'ella meio algum de defeza; «mas se vem em nome do rei de França e do seu alliado, o «rei de Inglaterra, eu mesmo na qualidade de maire lh'as «apresentarei com prazer». Beresford respondeu de uma maneira satisfactoria, e mr. Lynch, ouvindo-o gritar *viva o rei*, poz logo o seu laço branco, que era o antigo laço francez, tirando a par d'isto a sua banda tricolor, insignia da sua auctoridade. Estava-se no dia 12 de março, e poucos momentos depois o duque de Angoulême e o marechal Beresford entravam em Bordeaux, onde a população os recebeu entre vivas, fatigada como se achava pela guerra maritima e bloqueio continental, tão prejudicial ao commercio das exportações agricolas. Soult publicou a este respeito uma furiosa proclamação, em que condemnava á execração da posteridade e á vergonha publica os francezes, que tinham chamado e recebido os estrangeiros, censurando tambem no general inglez o favor e apoio que tinha dado á revolta e á sedição.

Entretanto lord Wellington nenhum motivo teve de arrependimento, porque os alliados do norte de prompto se conformaram com o que tinha feito, já pela fortuna que por si tinham tido no seu recurso ás armas, e já por haverem perdido a esperança de obterem de Napoleão cousa alguma que os satisfizesse. Effectivamente em Chatillon sobre o Sena se haviam reunido para este fim em conferencia no dia 5 de fevereiro os plenipotenciarios da Russia, Prussia, Inglaterra e Austria, representando os interesses da Europa coalisada, e mr. Caulaincourt, duque de Vicence, por parte da França. Uma outra conferencia teve logar a 7 do referido mez, em que

as potencias exigiram que *a França entrasse nos limites que tinha antes da revolução de 1789,* no que não conveiu mr. de Caulaincourt, querendo que os limites fossem os que os alliados tinham proposto em Francfort, que eram os do Rheno. No dia 11 de fevereiro o ministro de Austria apresentou a minuta de um tratado, fundado sobre a base dos antigos limites da França, especificando alem d'isto que ella abandonaria igualmente tudo o que possuia, ou pretendia possuir em Hespanha, na Italia, na Suissa e na Hollanda. A Inglaterra, representada por lord Castlereagh, que para este fim saíra de Londres para o continente, offerecia restituir em retribuição a maior parte das conquistas, que tinha feito á mesma Hollanda durante a guerra em Africa, America e Asia. Napoleão não annuiu pela sua parte a similhantes proposições, appellando assim por mais outra vez para a sorte das armas, pois nada mais podia significar o contra-projecto, que apresentou em logar do das potencias alliadas, em que insistia pela demarcação dos limites do Rheno, alem de outros territorios e mais indemnisações que exigia.

Revoltadas pois as potencias contra taes proposições, as negociações romperam-se no dia 19 de março. Já antes d'isto tinham ellas assignado em Chaumont um tratado pelo qual formaram entre si uma liga defensiva por vinte annos, compromettendo-se a não tratar separadamente com o inimigo, e a manter cada uma d'ellas um exercito de 150:000 homens, sem contar as guarnições, com a obrigação da Inglaterra adiantar 5.000:000 de libras esterlinas, para se repartirem por entre as potencias belligerantes, a fim de com este auxilio poderem mais seguras sustentar activa e permanentemente a guerra. A continuação d'esta dera pois em resultado a entrada do marechal Befesford em Bordeaux, como já vimos. Os austriacos pela sua parte vieram occupar Lyon; o exercito da Belgica, tendo-se-lhe reunido os derrotados restos do de Blücher, apparecia pela retaguarda de Napoleão, o qual experimentou por então entre os membros da sua propria familia a defecção de Murat, seu cunhado, que na Italia praticou o mesmo que na Suecia fizera Bernadotte, annuindo

á coalisão. Por outro lado os grandes officiaes do imperio mostravam-se remissos e frouxos no desempenho dos seus deveres, manifestando-se sómente nos generaes subalternos e nos soldados aquelle heroico ardor e fidelidade dos antigos tempos. Napoleão marchára de novo contra Blücher, que com o seu exercito por tres vezes lhe escapou, uma sobre a esquerda do Marne, por causa de um subito gelo, que solidificou os charcos, no meio dos quaes os prussianos se tinham empenhado n'um combate, em que provavelmente seriam derrotados; outra sobre o Aisne, pela defecção de Soissons, que lhes abriu uma saída no momento em que só lhes restava uma passagem para se escaparem; e finalmente a terceira em Craonne, por um descuido do duque de Ragusa, de que resultou não poder ter logar uma batalha decisiva, por se deixar surprehender durante a noite. Seguiu-se portanto a marcha dos alliados sobre París, cidade que na sua frente viu as tropas de toda a Europa coalisada decididas a combate-la e a humilha-la.

A imperatriz nomeada regente alguns mezes antes, acabava de deixar aquella capital, e de se dirigir a Blois: Napoleão estava longe. O governo era principalmente dirigido por José Buonaparte em nome de sua cunhada Maria Luiza, e foi elle quem em 29 de março publicou uma proclamação, annunciando aos parisienses a sua firme tenção de permanecer entre elles. N'esta conformidade o mesmo José Buonaparte se dispoz a receber hostilmente os exercitos alliados, os quaes, approximando-se da cidade, em conformidade do plano de ataque, que se tinha resolvido, romperam effectivamente o fogo no dia 30 de março contra os que lhes embaraçavam o passo, os quaes apenas se reputavam ser de 10:000 a 20:000 homens. Os mesmos alliados triumpharam pela sua parte sem grande difficuldade da resistencia que se lhes oppunha. No meio de taes circumstancias o rei José abandonou París, não obstante as ostentosas promessas da sua proclamação, de que resultou entrarem os exercitos estrangeiros n'aquella capital no dia 31 do citado mez de março, mediante uma capitulação. O senado conservador consummou a grande de-

fecção, abandonando a causa do imperador. Mr. de Talleyrand, esse homem sem caracter politico, nem firmeza de partido, deixando na historia por esta sua eminente qualidade o nome de grande e famoso velhaco, sendo quem dirigiu o mesmo senado, foi portanto quem muito concorreu para as resoluções por elle tomadas, consistindo em se *nomear um governo provisorio, declarar Napoleão decaído do throno, o direito de hereditariedade abolido na sua familia, o povo francez e o exercito livres do juramento de fidelidade prestado para com elle*. Entretanto Napoleão, mal sustentado pelos seus generaes, concebeu o atrevido plano de ir com 50:000 homens para Saint-Dizier, a fim de lá embaraçar ao inimigo a sua saída de França; mas instado para ir sobre a capital, abandonou aquella sua marcha. Todavia, ao approximar-se d'ella, soube no 1.º de abril da sua capitulação, que n'ella tivera logar no dia 31 de março[1], de que resultou ir-se então concentrar em Fontainebleau, onde foi instruido da terminante defecção do senado e da sua propria desthronação. Foi então que, vendo todos ligados contra si na occasião da sua má fortuna, o povo, o senado, os generaes e os cortesãos, se decidiu a abdicar a corôa de França em favor de seu filho. Para este fim enviou elle junto dos alliados o duque de Vicence, o principe de Moskowa e o duque de Tarento como plenipotenciarios, e a elles se devia reunir na sua passagem o duque de Ragusa, que cobria Fontainebleau com um corpo de exercito. Napoleão, com os seus 50:000 homens e a sua forte posição militar, podia impor ainda á coalisão a realeza da sua dynastia. Mas o duque de Ragusa abandonou tambem o seu posto, tratando com os alliados, e deixando Fontainebleau a descoberto. Em similhante situação Napoleão viu-se reduzido a aceitar as condições que os mesmos alliados lhe quizeram impor, augmentando-lhe as exigencias á proporção que augmentava tambem o seu poder. Em Praga lhe concediam elles o imperio com os limites dos Alpes e do Rheno; depois da invasão da França offereciam-lhe em Chatillon as

[1] Documento n.º 115 A.

possessões que a mesma França tinha na antiga monarchia, antes da revolução de 1789; mias tarde recusaram tratar abertamente com elle, por elle não querer tratar senão em favor de seu filho, e por fim decidiram-se a destruir tudo o que ainda restava d'aquella mesma revolução, com relação á Europa, obrigando Napoleão a uma abdicação absoluta. Em 11 de abril de 1814 teve portanto de renunciar por si e por seu filho os thronos da França e da Italia, recebendo em troca da sua antiga e vasta soberania, cujos limites se estendiam n'outro tempo desde Cadiz até ao mar Baltico, a insignificante ilha de Elba, para onde partiu no dia 20 do citado mez de abril, depois das tocantes despedidas que fez aos seus velhos soldados.

Emquanto isto se passava em França, com relação á marcha triumphal dos exercitos das potencias do norte para conseguirem a definitiva quéda de Napoleão Buonaparte, as armas do exercito luso-britannico tambem continuavam a ter por si a victoria nas operações contra o marechal Soult. Este pela sua parte, retirando-se de Aire sobre Tarbes, seguíra na direcção de Pau, em consequencia das novas instrucções que para tal fim recebêra de Napoleão, commettendo-lhe apoiar a sua esquerda sobre os Pyrenéos. Lord Wellington tinha por então o seu quartel general em Aire, achando-se as suas tropas acantonadas nas duas margens do Adour. Soult, julgando a sua posição favoravel para offerecer-lhe uma batalha, dirigiu-se no dia 13 de março para entre Aire e Pau, marchando de Rabastens, onde estava o seu quartel general, sobre Lembege e Conches, ameaçando a direita dos alliados. Mas logo que os dois exercitos se acharam em presença um do outro, nenhum d'elles ousou entrar em combate, provindo isto de Soult julgar augmentadas as forças dos alliados, ao passo que lord Wellington pensava que Suchet tinha vindo em apoio do duque de Dalmacia. Mas isto não embaraçou que alguns violentos choques tivessem por então logar, tal como o do combate da Viella, pequena aldeia a leste de Orthez. No citado dia 13 de março formava o coronel João Campbell, commandante do regimento n.° 4 de cavallaria portugueza, um

posto avançado com tres esquadrões do seu dito regimento, sendo sustentado por duas companhias de infanteria igualmente portugueza. Era da sua commissão observar dois caminhos que do referido posto se ramificavam, um dos quaes seguia em frente por terrenos baixos, atravessando o vau de uma ribeira, e no dito caminho postára o mesmo Campbell um dos seus esquadrões; o outro dirigia-se para o lado esquerdo por uma subida que havia, onde tambem mandára postar um outro esquadrão. D'este fazia parte o tenente Bernardo de Sá Nogueira, que á frente de um piquete de 30 cavallos se achava fazendo a descoberta na manhã do sobredito dia 13, quando se foi encontrar com a vanguarda franceza com a qual travou logo um renhido tiroteio, junto da já citada ribeira.

O general sir William Stuart, desejando reconhecer tres regimentos de cavallaria inimiga, que debaixo das ordens de Pedro Soult vinham approximando-se, detêra este esquadrão mais tempo do que convinha para se poder retirar sem risco de ser carregado pela retaguarda, como succedeu. Nas vistas pois de fazer uma retirada decente, Campbell resolveu-se, *em vez de receber o ataque, ser elle mesmo quem désse uma carga ao inimigo,* o que executou, repellindo-o contra o grosso das suas forças. Na frente dos d'esta carga ía o tenente Bernardo de Sá Nogueira, ostentando todo aquelle primor de bravura e galhardia militar a que o arrastava o natural do seu genio e o enthusiasmo patriotico dos seus poucos annos, contando então apenas dezoito annos e seis mezes de idade. O cavallo em que montava era fino e corredor, de que resultou ir metter-se a galope no meio dos francezes, os quaes por esta occasião descarregaram sobre a cabeça do cavalleiro que n'elle ía duas grandes cutiladas, recebendo mais em premio da sua coragem uma estocada no cotovello do braço direito e uma outra no do lado esquerdo. Perdendo por esta causa os sentidos, caíu sobre o pescoço do cavallo, vindo depois ao chão, passando-lhe todo o seu esquadrão (que corria sobre o inimigo) por cima d'elle, sem que todavia cavallo algum o pizasse. Contra a atrevida marcha que a cavallaria portugueza

levava saiu um regimento inimigo, obrigando os nossos a fazer alto e a voltar depois para a sua reserva, não sem sentida perda, mas sem que todavia apressasse a marcha, nem deixasse de quando em quando de carregar os francezes.

Foi n'esta retirada que o camarada de Bernardo de Sá Nogueira, vendo-o caído no chão, o poz sobre o seu cavallo, mas tendo-o depois por morto, levou-o para uma casa onde tambem já estavam outros corpos mortos. Na seguinte manhã de 14 de março, andando os soldados francezes explorando os corpos mortos, foi um dos ditos soldados dar com o supposto cadaver de Bernardo de Sá, que se achava ainda vestido como caíra no chão, e puxando-lhe pela banda, que com duas voltas lhe cingia a cintura, abalou-lhe o corpo, e após este abalo abriu elle os olhos. O soldado mandou-o então levantar, mas elle disse-lhe que não podia, o que deu logar a um dialogo a que poz termo o apparecimento de um official francez, que por algum tempo o ajudou a andar, e depois o fez conduzir n'um carro para a proxima ambulancia, onde então recebeu o primeiro curativo. Considerado desde então como prisioneiro de guerra, foi mandado marchar para o deposito estabelecido em Burges, d'onde ao findar da luta, que pouco mais tempo durou, se foi reunir ao seu regimento, mostrando-se por muitos annos depois agradecido e altamente penhorado pelos muitos actos de benevolencia e caridade, que um grande numero de senhoras francezas das differentes terras por onde passou lhe prodigalisára durante a sua marcha para o citado deposito, curando-o e até mesmo soccorrendo-o com algum dinheiro tirado por subscripção. Do bom procedimento que n'esta carga teve o citado regimento de cavallaria n.º 4 deu testemunho o proprio lord Wellington n'um seu officio com data de 20 de março de 1814, dizendo que os dragões portuguezes do citado regimento de cavallaria se haviam conduzido no dia 13 admiravelmente bem [1].

[1] Com relação ao nobre feito de valor e coragem, praticado no campo de batalha pelo tenente de cavallaria n.º 4, Bernardo de Sá Noguei-

Por meio d'este e de outros que taes esforços pôde o tenente general Hill assegurar a posição que tomára sobre uma chapada, situada entre Aire e Garlin, da qual os francezes queriam forçosamente assenhorar-se. Para isto fôra o mesmo Hill soccorrido por duas divisões, que lord Wellington fizera marchar; e parecendo ao mesmo tempo concentrar este general todas as suas forças nas vizinhanças da dita aldeia de Garlin, fez com que o marechal Soult desistisse do seu projecto de dar batalha n'aquellas paragens. Foi n'esta situação que o duque de Dalmacia teve a noticia da entrada dos alliados em Bordéus e da chegada de novas tropas ao campo dos seus adversarios. Julgando-se pois arriscado em permanecer n'uma posição avançada, e temendo talvez que lord Wellington marchasse a tornea-lo pelo valle de Vic-Bi-

rá, ultimamente fallecido com o titulo de marquez de Sá da Bandeira, possuimos o seguinte documento original, que pertenceu ao fallecido, nosso prezado e particular amigo durante quarenta e oito annos, documento que é do teor seguinte.

Francisco Homem de Magalhães Quevedo Pizarro, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador das ordens de Christo, brigadeiro dos reaes exercitos, e commandante da segunda brigada de voluntarios reaes do principe, etc.

Attesto que, estando prisioneiro em Burges, por occasião da passagem do Nive na batalha do dia 10 de dezembro de 1813, ali appareceu gravemente ferido na cabeça e em um braço o tenente Bernardo de Sá Nogueira, do regimento de cavallaria n.º 4, sendo constante a todos os prisioneiros que ali se achavam, por outros que ali se reuniram, que o dito tenente se houvera com o maior valor e intrepidez na escaramuça dos postos avançados no sitio e logar da Viella, em França, no dia 13 de março de 1814, em cuja escaramuça foi feito prisioneiro depois de ferido e desacordado, em consequencia do grave ferimento da cabeça, ficando estendido no campo, e por esse motivo nas mãos do inimigo; que mal curado e saqueado, appareceu n'aquelle deposito de Burges, onde se restabeleceu, até que as armas do exercito victorioso restituiram a paz no centro da França, em consequencia da qual todos os prisioneiros foram mandados para os exercitos a que pertenciam. Pelo referido ser verdade e me ser pedido, mandei passar a presente que assignei e sellei com o sêllo das minhas armas.

Belem, 26 de dezembro de 1815. (Logar do sêllo.) = *Francisco Homem de Magalhães Quevedo Pizarro*, brigadeiro.

gorre e se antecipasse á sua chegada a Tarbes, retirou-se no dia 16 para Saint-Gaudens com destino á Toulouse, cidade onde estabeleceu o seu grande armazem de deposito, constituindo-a tambem em base das suas operações ulteriores. Lord Wellington deitou-se então a persegui-lo com 40:000 infantes, 6:000 cavallos e 50 a 60 bôcas de fogo. Era do seu plano lançar-se por uma marcha rapida no valle do Adour, cortando ao exercito francez a grande estrada de Tarbes a Saint-Gaudens e Toulouse. Para conseguir este resultado precisava assenhorear-se de Vic-Bigorre, pequena cidade distante tres leguas de Tarbes, achando-se defendida pela divisão d'Erlon. O ataque por parte dos alliados teve logár no dia 19, retirando-se os francezes para Tarbes, não sem que o terreno fosse pelo mesmo d'Erlon (general Drouet) disputado palmo a palmo [1]. Na tarde do dito dia 19 todo o exercito francez se achava postado na margem direita do Adour, tendo a sua esquerda em Tarbes e a sua direita na direcção de Rabastens, constituida pelas tropas do general Clausel, sendo Reille quem cobria as vizinhanças de Tarbes, achando-se a cavallaria na estrada de Trie. O dia 20 consumiu-se n'uma serie de manobras honrosas para os dois exercitos. O corpo de sir Rouland Hill com a divisão de sir Thomás Picton marcharam de Vic-Bigorre para Tarbes, resolvido aquelle general a atacar de frente a posição de Soult, ao passo que tres

[1] Alguem criticou o marechal Soult por se ter dirigido para Tarbes, e mesmo d'aqui para Toulouse por Saint-Gaudens. De Tarbes para Toulouse havia tres estradas, das quaes a de Saint-Gaudens era a melhor para os transportes; mas não era a mais curta. O certo é que se lord Wellington tivesse logo marchado de Vic-Bigorre e Rabastens para Trie antecipar-se-ía aos francezes nas planicies de Muret, pois, segundo alguns dizem, elle não saiu de Tarbes senão a 21 de março, quando na tarde de 20 podia já estar em Trie. Este é mais um dos casos da injustificavel demora em perseguir os francezes, que chegaram a Toulouse tres dias antes dos alliados. Desculpam-lhe os seus apologistas esta demora, dizendo que o exercito luso-britannico se achava retardado por ter de levar comsigo uma equipagem de ponte, materiaes para reparar as estradas arruinadas pelas chuvas, e bestas de carga para os transportes de viveres; tudo isto eram obstaculos que o impossibilitavam de uma

outras divisões atravessaram o Adour perto de Vic, d'onde marcharam para Rarbastens, no intento de tornearem a direita de Soult, movimentos a todos os respeitos bem combinados. O flanco direito dos francezes foi portanto torneado e o ataque ía começar, quando Soult novamente se retirou.

As tropas luso-britannicas, animadas pelas vantagens alcançadas, trepavam á posição dos francezes para os continuarem a perseguir, e a recolher os fructos dos seus esforços, quando a muito pezar seu descobriram uma consideravel parte do exercito francez formada sobre uma altura, parallela a uma grande força de cavallaria, que estava sobre a estrada de Tournay, e alem d'isso cousa de 5:000 homens, que d'antes occupavam a primeira posição, mas que então subiam a altura parallela para se reunirem ao grosso do seu exercito. Este alinhamento do inimigo era bastante forte para se atacar sem o risco de uma consideravel perda. Para se conservarem as vantagens alcançadas pelo movimento de flanco que se tinha operado, necessario foi que o corpo postado em Rabastens avançasse mais para a frente. Para se fazerem novas disposições, e alem d'isso effeituar-se a marcha que se tinha a fazer, gastou-se tanto tempo, que o citado dia 20 de março se terminou antes que se podesse tentar mais alguma cousa de novo. Durante a noite Soult, tendo anteriormente feito partir o seu trem de guerra, retirou-se por Saint-Gaudens sobre Toulouse, onde foi entrar no dia 24, tendo a certeza de ali ir

marcha rapida para a frente, não fallando nos guerrilhas que já lhe incommodavam os flancos. Não negâmos estas allegações; mas o certo é que, tendo lord Wellington mais artilheria e cavallaria do que o seu adversario, devia tê-lo perseguido com mais vigor do que o fez. Em logar d'isto deu a Soult, depois da batalha de Orthez, o espaço de quinze dias durante os quaes elle Soult reorganisou as suas tropas, fortaleceu n'ellas a disciplina, reuniu os conscriptos, que se tinham debandado, formou tambem guerrilhas, poz Toulouse em estado de defeza, e estabeleceu n'ella todos os depositos do exercito francez. Tanto contrasta a demora das marchas do Wellington com as de Soult, que emquanto este gastou quatro dias para de Tarbes chegar a Toulouse, aquelle gastou sete dias, e se as estradas estavam más para os alliados, tambem forçosamente o haviam de estar para os francezes.

achar abundantes provimentos. Por este modo marchou rapidamente, e tendo a ponte do Garonna ás suas ordens, pôde muito a seu salvo, e quando bem lhe aprouve, entrar em Toulouse. Pelo contrario os alliados, obrigados a levar comsigo, não só um trem de pontões, de que muito precisavam para passar aquelle rio, mas tambem uma grande parte dos viveres, indispensaveis á sua subsistencia, viram-se forçados a uma vagarosa marcha, com relação á do inimigo. Com esta circumstancia coincidia tambem a quéda de abundantes chuvas, que foram quasi incessantes durante a dita marcha, de modo que foi só no dia 27 que o exercito luso-britannico fez alto sobre a margem esquerda do Garonna, na parte que está fronteira á cidade de Toulouse.

Esta cidade, capital do antigo Languedoc, e depois d'isso cabeça do departamento do alto Garonna, povoada então por 60:000 almas, está situada na margem direita do mesmo Garonna. O canal do Languedoc, ou canal real do meio-dia, chamado tambem *dos dois mares,* juntamente com aquelle rio, cuja passagem é n'este sitio impraticavel, cercam Toulouse por tres dos seus lados. Alem d'isso uma antiga muralha, flanqueada por torres, a cercava igualmente em 1814, muralha que o marechal Soult pozera em estado de regular deféza. Conseguintemente para dar a esta consideravel porção do seu contorno toda a importancia de uma boa fortificação, bastava cobrir-lhe as communicações o respectivo canal. O marechal Soult, ajudado pelo zêlo e trabalho dos habitantes da cidade, entregou-se com todo o empenho e votada dedicação a este objecto, fortificando as diversas casas, e construindo varios reductos, maiores que o costumado: por este modo formou elle uma especie de segunda linha. As pontes do canal foram intrincheiradas desde a sua ambocadura até á ponte das *Demoiselles*[1]. Toda a approximação directa da restante quarta parte da cidade, não coberta pelas aguas do rio e do canal, era defendida pelo mau estado dos caminhos transversaes, flanqueada como igualmente era no monte Rave por

[1] Veja estampa n.º 37.

uma serie de alturas, que se acham a leste da cidade, entre o canal e a ribeira de Lheres, um dos affluentes do Adour. Os francezes tinham levantado no cume das referidas alturas cinco fortes reductos, alem das diversas linhas de intrincheiramentos que haviam formado para os sustentarem, e para ao mesmo tempo ligarem os sobreditos reductos com as fortificações da cidade. Na frente das referidas alturas corre a citada ribeira de Lheres, cujas pontes fóra do alcance do fogo das obras tinham sido destruidas. Sobre a margem esquerda do Garonna havia-se construido uma excellente cabeça de ponte na frente do arrabalde de S. Cypriano, o qual tambem a seu turno era defendido por uma antiga muralha, susceptivel de defeza. O canal era em muitas das suas partes dominado pelo fogo de mosquetaria, e em toda a sua extensão pelo da artilheria. Todos os pontos atacaveis da cidade, as suas portas de entrada, os seus arrabaldes, as suas respectivas pontes e as estradas que para ellas iam, achavam-se portanto protegidas por muitas obras de campanha e por uma numerosa artilheria. Soult tinha alem d'isto estabelecido um destacamento para occupar e para intrincheirar a cabeça da ponte em Montauban, por meio da qual podia assegurar a sua retirada por trás do Tarn e poupar-se á possibilidade de tomar uma nova linha de operações.

Quando lord Wellington se apresentou diante de Toulouse no citado dia 27 de março, o exercito francez achava-se portanto n'uma formidavel posição. Ataca-lo de frente no bairro de S. Cypriano era o mesmo que correr para um desastre certo, pois, segundo o general Vaudoncourt, a curva que o rio ali faz não lhe permittiria dar ao seu ataque o devido desenvolvimento, tornando-se portanto nulla a superioridade das suas tropas sobre as do seu contrario, sendo em tal caso contra elle todas as eventualidades do successo. O meio mais vantajoso era pois o de passar o Garonna abaixo de Toulouse, o que separaria Soult de Montauban, e levaria os alliados a approximarem-se d'aquella cidade pelos lados do norte e leste. A haver fortuna n'esta empreza, a estrada do baixo Languedoc caíria na mão dos mesmos alliados, o que, segundo La-

pene, obrigaria os francezes a abandonarem Toulouse e o alto Garonna. Vaudoncourt, fallando d'este movimento, diz que lord Wellington teria conseguido por elle um triplicado fim: em primeiro logar cortava a communicação do exercito dos Pyrenéos com o do Aragão, o qual se veria em tal caso obrigado a permanecer junto dos mesmos Pyrenéos, os quaes não poderia atravessar, pela opposição que iria achar para alem do Narbonne; em segundo logar similhante movimento era conforme ao plano geral da invasão, formado pelos alliados, que tinha por fim a occupação do Languedoc para darem a mão ás tropas, que do norte deviam marchar para Lyon; e finalmente em terceiro logar tornear-se-ía por elle a posição occupada por Soult, o qual se veria obrigado a retirar sobre Alby e a abandonar a linha do Garonna. A tentar-se a passagem d'este rio acima de Toulouse, atacando esta cidade pela parte do sul, era cousa que não podia fazer-se sem obrigar as tropas atacantes a um grande rodeio para franquearem o Ariege em Cintegabelle, e a atravessarem planicies humidas e impraticaveis para a artilheria. Apesar d'isto, como o lado do sul era o menos fortificado, foi aquelle que lord Wellington primeiramente escolheu para o seu projectado ataque, sendo para elle destinado o general Hill com 13:000 homens e 18 bôcas de fogo.

Na noite de 27 para 28 marchou o dito general ao desempenho da operação que se lhe commettêra, devendo para tal fim atravessar o Garonna em Portet, aldeia situada immediatamente abaixo da juncção do Ariege com o mesmo Garonna, passagem que a realisar-se, e a effectuar-se depois o ataque com feliz exito pelo lado do sul de Toulouse, obrigaria Soult, como já dissemos, a abandonar aquella cidade, renunciando assim á juncção que desejava fazer com Suchet, o qual nos primeiros tres mezes de 1814 se víra obrigado a ir abandonando Valencia, Aragão e a Catalunha, que só nos primeiros dias de abril deixou completamente, depois de ter feito saltar aos ares as fortificações de Rosas. Na sua retirada ficaram ainda guarnições francezas em Figueras, Ostalrich, Barcelona, Tortosa, Benasques, Murviedro, Peniscola, etc., praças que

passaram a ser depois bloqueadas até ao momento de se fazer com lord Wellington uma convenção em Toulouse para a sua evacuação. Um ajudante de campo do marechal Suchet, tendo desertado para os alliados, e trazendo comsigo a cifra por meio da qual o referido marechal se correspondia com as guarnições francezas, que deixára em Hespanha, proporcionou isto ao general Coupons a vantagem de escrever em nome de Suchet aos commandantes das differentes praças, occupadas ainda pelos francezes, communicando-lhes ter-se concluido uma convenção entre elle Suchet e os hespanhoes, por meio da qual as guarnições de que se tratava deviam marchar para Barcelona, abandonando as suas respectivas praças. Á vista de um ajudante de campo de Suchet, acompanhado de um official de estado maior hespanhol, os governadores de Lerida, de Mequinenza e de Mauzon caíram na cilada que assim se lhes armára. Chegados a Martoral com as forças do seu commando, ali foram achar em posição uma força ingleza, que se lhes oppoz á marcha. Ouvida a sua resposta, o general sir William Clinton, que tinha substituido lord Benttinck, negou ter o mais pequeno conhecimento da allegada convenção, recusando-se por isso a admitti-los em Barcelona, praça por elle sitiada. Emquanto isto se passava, appareceu o general Coupons pela sua retaguarda com uma força superior, e informados os francezes do estratagema, tiveram de capitular em numero de 3:000 para 4:000 homens. Mais esperto o governador de Tortosa, em rasão de haver recebido poucos dias antes cartas de Suchet, recusou-se á entrega da praça até á chegada da guarnição de Murviedro com a qual se retiraria. Receiando porém o já citado ajudante de campo do mesmo Suchet ser preso, á vista de algumas disposições que para aquelle fim lhe pareceram destinadas, recusou-se a entrar em Murviedro, sendo a consequecia d'isto continuar esta fortaleza e a praça de Tortosa em poder dos francezes.

A repugnancia de Suchet em deixar a Hespanha fôra para elle grande, não effeituando a sua marcha retrograda senão nos principios de abril, como já dissemos, depois de ter feito

saltar aos ares as fortificações de Rosas, seguindo depois para Narbonne. Por conseguinte Suchet estava ainda longe de se poder reunir a Soult ao tempo em que os alliados se achavam sobre o Garonna, cuidando em o atravessar junto á aldeia de Portet, segundo as ordens que lord Wellington tinha para tal fim dado ao general Hill, como superiormente relatámos. A corrente d'este rio, engrossada como tinha sido pelas muitas chuvas que haviam caído, apresentava-se extremamente rapida, tornando-se um pouco difficil a medição da sua largura, que então se achou ser, junto á citada aldeia de Portet, de 159 varas, ou 26 varas mais do que alcançavam os pontões, ou batelões, de que resultou a impossibilidade de se poder estabelecer a desejada ponte. Mallograda assim esta tentativa, outra se fez com melhor successo no dia 31 em Pinsaguel, logar mais favoravel ao intento, onde se lançou a ponte, bem que este sitio fosse acima da juncção do Ariege com o Garonna. Por esta fórma pôde sir Rowlland Hill atravessar então o rio com as suas tropas, indo-se logo apossar em Cintegabelle da ponte do Ariege, que ainda não tinha sido destruida. Algumas horas se tinham já consumido em marchas para a frente, quando se reconheceu a impossibilidade de achar algum caminho praticavel, por serem os terrenos por aquella parte lodosos e escorregadios, vendo-se portanto as forças do mesmo general Hill obrigadas a repassarem novamente o Garonna. Impossibilitado pois lord Wellington de poder dirigir um ataque contra a parte superior de Toulouse, emquanto o bom tempo não endurecesse as estradas, necessario lhe foi ir tentar a passagem para baixo d'ella, ao descer da corrente do rio, e portanto atacar Soult de frente, antes de ser reforçado por Suchet. Para este fim escolheu uma curvatura favoravel do Garonna, a uma meia legua acima de Grenade, e 15 milhas distante de Toulouse, onde o rio corre quasi junto á estrada com grande força, tendo mais de 127 varas de largura. Foi n'este logar que de novo se lançou a ponte, trabalho que se effeituou no curto espaço de quatro horas na manhã do dia 4 de abril.

Decidido como lord Wellington se achava a atacar de prom-

pto o marechal Soult, fez logo atravessar o Garonna no mesmo dia 4 de abril ás brigadas de cavallaria de Sommerset, Vivian e Ponsonby, e ás tres divisões de infanteria, debaixo das ordens do marechal Beresford, commandadas pelos generaes Cole, Clinton e Picton. A divisão hespanhola de D. Manuel Freyre e a divisão ligeira luso-britannica deviam seguir de perto as precedentes forças; mas as aguas cresceram por tal modo, e a corrente tornou-se tão rapida, que a passagem se suspendeu, sendo até necessario retirar a ponte para que as aguas do rio a não levassem. Na noite de 4 para 5 fez-se uma nova tentativa, de que resultou poder-se estabelecer na outra margem do rio a primeira columna do marechal Beresford; mas sobrevindo quasi ao mesmo tempo um novo crescimento de aguas, teve de suspender-se por mais outra vez a passagem, sendo a artilheria obrigada a recuar os respectivos pontões. Este penoso accidente isolou o marechal Beresford sobre a margem direita do rio com 15:000 infantes e 3:000 cavallos que comsigo tinha. Por fortuna dos alliados, Soult não fez movimento algum contra elle, cousa para admirar, preferindo manter-se na defensiva, dispondo-se, na posição que tomára, a defender Toulouse com toda a habilidade e diligencia que em si coubesse.

Ao amanhecer do dia 8 cessára o crescimento das aguas, e assentando-se novamente a ponte, os hespanhoes de Freyre, a divisão ligeira luso-britannica e a artilheria portugueza passaram então o Garonna, estabelecendo Beresford a sua communicação com elles no fim de quarenta e oito horas de uma amargurada espera, receioso de ser atacado. Lord Wellington, tomando então o commando em pessoa, dirigiu-se para as alturas de Fenouillet, 5 milhas distante de Toulouse. As suas columnas, que avançavam sobre as duas margens do Lheres, achavam-se separadas por este rio, que não podiam atravessar sem o auxilio de pontões. Era portanto forçoso que os alliados se assenhoreassem quanto antes de alguma ponte. Foi na de Bordes, e na margem direita do mesmo Lheres, que a cavallaria de Vivian se bateu com a franceza de Berton, repellindo-a para a margem opposta. Na mesma occasião o

18.º regimento de hussards, commandado pelo major Hugues[1], marchou sobre a ponte de Croix-Dorade, que era a unica que entre as do rio Lheres tinha ficado intacta, e se achava defendida pelos dragões de Vial. Depois de um renhido combate, que os hussards tiveram com o inimigo na referida ponte, foi por fim ganha por elles, retirando-se os francezes em desordem, depois de haverem perdido alguns mortos e feridos e mais de 100 prisioneiros. Lord Wellington, tendo attentamente observado das alturas de Fenouillet, onde se achava, as posições do inimigo, resolveu-se a ataca-lo no dia 9 de abril, em que tudo se achava prompto para este fim; mas reconhecendo a necessidade de abreviar as communicações com o general Hill, preciso lhe foi remover de Grenade para Seilh, no alto Garonna, a respectiva ponte, o que só pôde ter logar depois que as tropas hespanholas passaram o mesmo Garonna, e como isto se effeituou sómente em hora muito adiantada do dia, a batalha transferiu-se para o immediato; tão longo e demorado foi o trabalho que para tal fim se empregou, trabalho aliás indispensavel, pois Hill, achando-se na margem esquerda do Garonna, não se podia communicar com o corpo principal do exercito senão por um rodeio de 15 a 20 kilometros.

Para a momentosa batalha de Toulouse lord Wellington dispunha de 43:500 homens de infanteria ingleza, portugueza e hespanhola, sendo esta computada em 12:000 homens, vindo portanto a ingleza a ser de 17:473, por constar a portugueza de 14:027 homens, como adiante se verá; a cavallaria constava de 7:000 homens, e a artilheria montava a 64 bôcas de fogo[2]. Segundo os calculos mais dignos de fé, Soult contava sómente 38:000 homens de todas as armas[3], elevan-

[1] Napier diz no tomo 13.º, pag. 175 da sua *Historia*, que foi ao major Hugues, e não a Vivian, como se lê no despacho de lord Wellington, que se deveu o importante feito da tomada da ponte de Croix-Dorade.

[2] O total das forças de lord Wellington é o designado por Napier e pelo francez Koch.

[3] Grande é a variedade dos calculos que muitos escriptores fazem das forças contendoras n'esta batalha, sem prova alguma que apresen-

do-se a sua artilheria a 80 peças. Estas forças eram, como d'antes, repartidas em 3 grandes corpos, debaixo do commando dos generaes Clausel, Drouet (conde d'Erlon), e Reille. Estes mesmos corpos eram subdivididos em muitas divisões, e postados em volta da cidade, nas suas fortificações e nos seus reductos. A sua posição achava-se fortemente intrincheirada. Por outro lado o terreno não offerecia vantagem alguma á numerosa cavallaria do general inglez, e o terço das suas forças, ou as commandadas pelo general Hill, achava-se separado da massa principal do exercito por uma larga ribeira. Por conseguinte a desproporção sobre as forças belligerantes não era tanta como alguns querem, poisque a posição e as fortificações dos francezes, alem das mais contrariedades que lord Wellington contra si tinha, de certo lhes compensavam a deficiencia do seu numero de tropas. A attenção do inimigo era vigilantissima, como não podia deixar de ser em similhantes circumstancias. O povo francez, affavel e hospitaleiro, como se apresentava, parecia aguardar tranquillo o resultado da batalha imminente, tratando quasi sem distincção os nacionaes e os estrangeiros. Os arvoredos, que

tem das suas avaliações, o que nos leva á não ter fé alguma n'ellas. Mr. Brialmont n'uma sua nota, posta a pag. 225 do vol. II da *Historia da vida do duque de Wellington,* diz : «Thibaudeau e Vaudoncourt avaliam as forças de Soult em 22:000 homens, sem a guarnição de Toulouse, avaliada em 4:000. Lapene as avalia em 21:000 sómente, ou em 25:000 com a guarnição.

Quanto ao effectivo de lord Wellington, os auctores francezes o avaliam geralmente em 60:000 ou 70:000 homens, cifra exagerada em sentido contrario. As *Victorias e Conquistas* dão a Soult 30:000 homens de pé e menos de 3:000 cavallos. Segundo o commissario Pellot, os alliados tinham 75:000 a 80:000 homens, e o duque de Dalmacia sómente 23:000 para 24:000. Choumara eleva o exercito anglo-hespanhol a 71:000 homens de infanteria e 9:300 de cavallaria, e o exercito francez a 25:000 homens de infanteria, 2:500 de cavallaria ligeira, e 7:000 conscriptos não instruidos, dos quaes sómente 4:000 se achavam armados. Finalmente de Beaucham avalia as forças de lord Wellington em 10:000 ou 12:000 cavallos e em 50:000 infantes, e as forças de Soult, depois da Batalha, em 22:000 homens. Nenhuma d'estas cifras é exacta, ao que parece.

bordavam as estradas que iam para a cidade, achavam-se cortados; nas quintas e jardins encontravam-se as laranjeiras em estufas, e algumas pequenas oliveiras. O tojo, cortado á tesoura, via-se bordando os jardins, e formando differentes objectos, taes como pyramides, balões, etc., produzindo assim o mesmo effeito, que o bucho, a murta, e outros mais arbustos produzem nos jardins da peninsula. Prefere-se ali o tojo para estes ornatos, por causa de resistir mais aos frios e gêlos, sendo lindo o seu effeito, quando na primavera se veste com a sua bella flor amarella. Não havia fructas; mas de toda a parte concorria sempre aos acontonamentos do exercito uma grande abundancia de aves a vender, assim como vinho de maçãs, pão, carradas de ovos e outros mais viveres.

Na manhã do dia 10 de abril, pela volta das sete horas, travou-se esta ultima batalha da guerra da peninsula, cujo plano foi assim delineado: o marechal Beresford, que já por então estava na direita do Lheres com a quarta e sexta divisões, como acima vimos, devia atravessa-lo na ponte de Croix-Dorade, apoderando-se de Mont-Blanc, marchar rio acima, pela margem esquerda do mesmo Lheres, e tornear a direita do inimigo, entretanto que o general D. Manuel Freyre com uns 9:000 homens das tropas do seu commando, sustentados pela cavallaria ingleza, devia atacar a frente da posição inimiga pelo norte da cidade. O tenente general sir Stapleton Cotton devia seguir os movimentos de Beresford com a brigada dos hussards, do commando do major general lord Edward Sommerset, cumprindo á brigada do coronel Vivian, commandada pelo general Arentschildt, em rasão do ferimento do mesmo Vivian, observar os movimentos da cavallaria inimiga por ambas as margens do Lheres para alem da esquerda dos alliados. A terceira divisão e a ligeira, commandadas pelo tenente general sir Thomaz Picton, e major general barão Carlos Alton, e juntamente com ellas a brigada da cavallaria allemã, deviam observar o inimigo pela parte baixa do canal, defendida pelo general Berthier, e attrahir a sua attenção para aquelle lado, ameaçando atacar as cabeças das pontes,

que por elle havia, o que sir Rowland Hill tambem foi encarregado de fazer na margem esquerda do Garonna, em frente do arrabalde de S. Cypriano, onde se achava a brigada Barbot. O general Freyre começou o seu ataque pelas sete horas já acima indicadas; mas a sua precipitação e a pouca solidez das duas columnas em que dividíra as suas tropas fizeram-lhe experimentar um rude choque em frente da altura Calvinet; depois de terem atravessado o Lheres na citada ponte de Croix-Dorade; e havendo-lhe o mesmo inimigo, em seguida a isto, torneado o seu flanco esquerdo, e em continuação ás suas vantagens, torneado tambem a sua direita por ambos os lados da estrada real de Toulouse a Croix-Dorade, todo o corpo hespanhol se viu de prompto obrigado a retirar-se. Quasi pelo mesmo tempo o tenente general Picton foi igualmente repellido no ataque, que com uma das suas brigadas fizera contra a ponte de Jumeaux, ataque por elle executado a muita distancia, quando as suas instrucções só lhe ordenavam, como acima vimos, attrahir a attenção do inimigo sôbre a parte baixa do canal. A' demonstração feita pela divisão ligeira contra o convento dos Minimos tambem não fôra bem succedida, perdendo n'ella 56 homens, andando de 300 para 400 os que perdêra Picton. Entretanto as tropas hespanholas, apesar de terem soffrido muito, haviam-se reunido novamente para um outro ataque, apoiadas pela citada divisão ligeira, postada immediatamente na sua direita. A reserva, a artilheria portugueza e a cavallaria ingleza, fixaram-se sobre a altura onde as tropas hespanholas se haviam ao principio formado.

Com a retirada dos hespanhoes de Freyre, e a repulsa experimentada por Picton, o aspecto da batalha tornára-se favoravel aos francezes, e de todo o seria para elles, se a fortuna não tivesse auxiliado tão manifestamente como o fez os temerarios movimentos do marechal Beresford. As tropas d'este general, reunidas em Croix-Dorade desde o romper do dia 10, haviam-se dirigido, depois de tambem terem atravessado o Lheres na ponte da mesma Croix-Dorade, para o logarejo de Mont-Blanc. D'ali marcharam depois com muita

difficuldade parallelamente á frente do inimigo; divididas em tres columnas, indo por esta fórma atravessar os baixos terrenos pantanosos, que se achavam entre o rio Lheres e o monte Rave. Os citados terrenos apresentavam-se tão lamacentos e alagadiços, que a artilheria se viu obrigada a ficar em Mont-Blanc. Ao mesmo tempo as baterias francezas dirigiram sobre estas columnas um fogo tão violento, que a posição de Beresford pareceu por algum tempo desesperada. «A occasião sendo favoravel, diz Soult na parte official d'esta batalha, com data de 11 de abril de 1814, dei ordem ao general de divisão Taupin para marchar a passo dobrado contra o inimigo, com o fim de lhe cortar a sua linha e de aprisionar todos os alliados que tão imprudentemente se tinham empenhado em combate». Uma brigada apoiava este ataque do general Taupin[1], e um regimento de cavallaria, commandado por Pedro Soult, irmão do marechal, teve por commissão cortar a linha da retirada ás columnas atacantes; emquanto que dois outros regimentos as perseguiriam pela esquerda. «Esta disposição, diz mais o marechal Soult, promettia o mais bello resultado; mas o ardor da divisão Taupin afrouxou logo; em logar de acommetter o inimigo, ladeou, quiz tomar posição, e deu tempo aos inglezes a formarem-se e marcharem contra ella». A desordem manifestou-se então nas fileiras francezas: Taupin debalde lhe procurou pôr cobro. Seguiu-se a isto caír elle mesmo mortalmente ferido, vindo depois a morrer, e o seu immediato, que o substituíra no commando da brigada, mr. Gasquet, tambem no mesmo instante foi ferido.

O marechal Beresford n'esta tão critica situação mostrou não sómente energia, mas igualmente talento. A sua operação era em si mesmo um desacerto, mas desacerto de alguma sorte inevitavel. Aos alliados bem caro lhes custaria esta sua falta, se o marechal Soult tivesse tido a precaução de susten-

[1] Lapene, official de artilheria, pertencente á divisão Taupin, diz que Soult gritou, vendo avançar Beresford com 8:000 homens, separados da sua columna: «General Taupin, ei-los ali, eu vo-los entrego... Elles são vossos!»

tar devidamente Taupin, e por uma maneira efficaz, como lhe cumpria fazer. O duque de Dalmacia tinha n'aquelle momento 15:000 homens disponiveis; mas em logar de dirigir estas tropas contra as fracas e afastadas columnas inglezas, limitou-se a uma meia medida, deixando escapar assim uma das melhores occasiões, que a fortuna lhe deparou para levar a melhor do seu adversario. «O general francez, diz Picton nas suas *Memorias*, mostrou n'esta occorrencia um grau de hesitação, que não era de esperar da sua reconhecida habilidade». Enthusiasmadas por este primeiro successo, e sustentadas por novos reforços, as tropas de Beresford treparam pelas collinas do monte Rave, assenhoreando-se das alturas á direita do inimigo, assim como do reducto de Saint-Sipière que os protegia. N'esta posição esperavam ellas que a sua artilheria se lhes juntasse, e que o general Freyre effeituasse o seu segundo ataque, dirigido como por elle foi ao monte Pujade. Beresford, continuando no seu movimento ao longo das alturas, conseguiu apoderar-se de dois dos principaes reductos e das casas fortificadas do centro da linha[1]. O general Harispe, fazendo um desesperado esforço, retomou estes reductos á bayoneta, os quaes em breve teve de abandonar, soffrendo consideravel perda[2]. Entretanto a sexta divisão continuou a ganhar terreno sobre as alturas, emquanto que as tropas hespanholas operavam contra a frente da posição. Ameaçado por este duplo movimento, Soult foi por fim obrigado a abandonar os dois reductos e os entrincheiramentos da sua esquerda, de que resultou caír todo o monte Rave em poder dos alliados. Pela sua parte o general Hill achava-se por

[1] Este segundo ataque começou pelas tres horas. Durante o intervallo Beresford tinha tentado aproveitar-se da desordem produzida no exercito francez pelo ataque dirigido contra a brigada Taupin, mandando para este fim atacar immediatamente o arrabalde Guillemerie, e surprehender a passagem na ponte das *Demoiselles*. Mas Soult, pelos soccorros que dirigiu a tempo sobre este ponto, havia repellido as columnas inglezas sobre a chapada de Saint-Sipière.

[2] Muitas testemunhas dizem que n'estes diversos ataques Beresford tirou um grande partido dos foguetes de Congreve, o emprego dos quaes os francezes ainda por então desconheciam.

aquelle tempo demorado diante da segunda linha de defeza do arrabalde de S. Cypriano, posição que conservou durante o resto do dia. Soult aproveitou a noite para fortificar a sua nova linha de defeza, como se na manhã seguinte houvesse de dar uma segunda batalha: o facto porém provou entender elle por melhor não prolongar a luta[1]. Temendo ficar encerrado dentro da cidade, e não tendo perdido a esperança de se juntar a Suchet, retirou-se na noite de 11 para 12 sobre Villafranca na direcção de Carcassone sómente com uma parte dos seus armazens e hospitaes. Este movimento, coberto como era pelo canal do Languedoc, não expunha os francezes a perigo algum, não se lhes oppondo tambem lord Wellington pela sua parte.

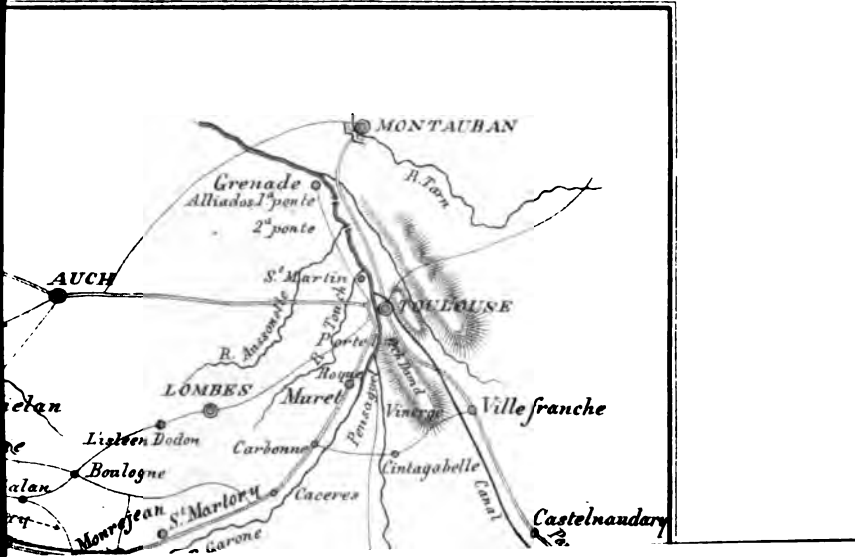
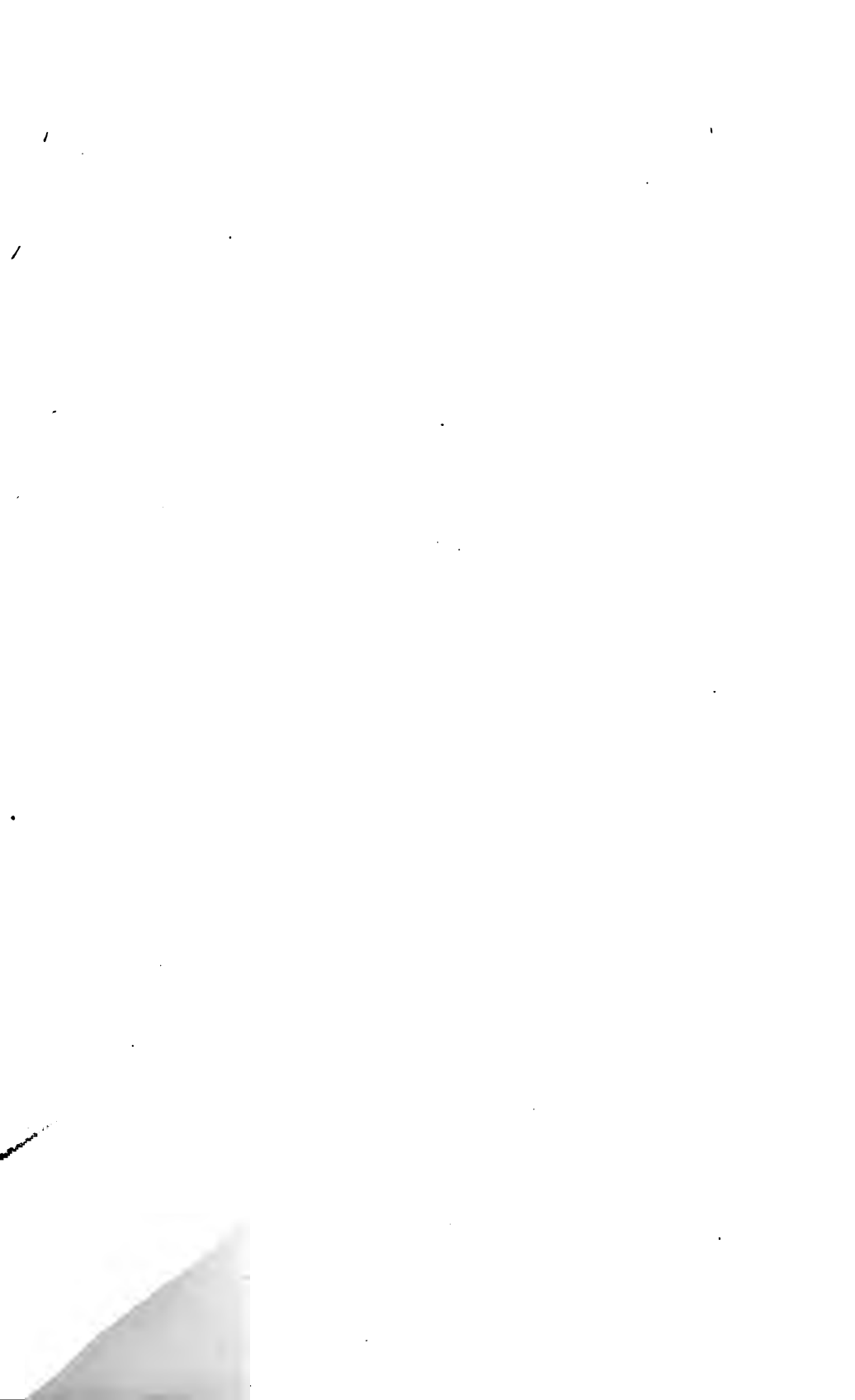
Os francezes tiveram n'esta batalha uma sentida perda, consistindo em 1 general morto e 4 feridos, alem de 3:200 homens postos fóra de combate. Em poder dos allidos ficaram os generaes Harispe, Baurot e Saint-Hilaire com mais 1:600 prisioneiros[2]. Uma peça de artilheria tomou-se no campo da batalha, alem de outras que se acharam na cidade, não fallando na grande porção de armazens de toda a espe-

[1] Pelas nove horas da noite lord Wellington intimou a rendição da cidade. Soult porém respondeu-lhe que estava decidido a ficar debaixo das suas ruinas. Na manhã de 11 o exercito francez entrincheirou-se ao longo do canal. As intimações renovaram-se, tendo da parte de Soult resposta igual á que havia já dado. No campo dos alliados tudo se aprompton para um novo ataque geral; mas pelas nove horas da noite Soult reuniu um conselho militar. Seguiu-se a isto a apresentação de commissões, pedindo-lhe que não causasse a ruina da cidade; alguns generaes opinaram no mesmo sentido, cedendo por fim o marechal da resolução em que estava de resistir ali por mais tempo.

[2] Thibeaudeau, de Vaudoncourt e Belmas avaliam a perda dos francezes em 3:300 homens e a dos alliados em 4:400 a 4:500. Koch diz que a perda dos francezes foi de 321 mortos, 2:369 feridos e 541 prisioneiros. Lapene põe á conta dos francezes a perda de 3:400 homens e á dos alliados 8:000! As *Victorias e Conquistas* attribuem aos francezes 3:231 homens entre mortos e feridos, e aos alliados 4:458. E outros ha que elevam a perda dos alliados a 10:000, e até mesmo a 14:000 e a 15:000, como Pellot, o qual dá aos francezes sómente 2:000 ou 2:100 entre mortos e feridos.

cie, que n'ella igualmente se encontraram. A perda dos alliados tambem foi de muito vulto, consistindo em 4 generaes e 4:654 homens, sendo 599 mortos, 4:040 feridos e 15 extraviados. A perda dos portuguezes, segundo a participação de lord Wellington, foi a de 607 homens, sendo 78 mortos e 529 feridos; a dos inglezes foi a de 2:113, sendo 310 mortos, 1:784 feridos e 14 extraviados, e a dos hespanhoes 1:934 homens, sendo 211 mortos, 1:722 feridos e 1 extraviado.

Ambos os exercitos se bateram n'esta batalha denodadamente bem, vencendo os alliados, como não podia deixar de ser, porque emfim é um facto que ao concluir-se a guerra da peninsula, tanto dos soldados inglezes, como dos portuguezes, podia com verdade dizer-se serem o mesmo (como os compara Napier) que os macedonios de Alexandre foram em Arbelles, os africanos e peninsulares de Annibal em Cannas, os romanos de Cesar em Pharsalia, e finalmente as guardas de Napoleão em Austerlitz. Seis annos de infatigaveis e nunca interrompidos successos tinham ajuntado ás suas boas qualidades militares uma confiança tal no seu valor e disciplina, que realmente os tornava invenciveis. Quanto aos soldados portuguezes, é innegavel que elles se mostraram n'esta batalha como nas precedentes se haviam já visto, serem em tudo dignos, não só de combaterem a par das melhores tropas do mundo, como rivaes da disciplina e valor dos soldados inglezes desde a batalha do Bussaco, em 1810, mas dignos igualmente do immortal nome dos seus antepassados [1], circumstancia que de toda a Europa deve ser conhecida para que, quando nas partes officiaes de lord Wellington achar mencionados os brilhantes feitos dos generaes Hill, Picton, Cole, Leith, Clinton e Dalhousie, fique entendendo que de cada uma das divisões d'estes generaes fazia parte uma força portugue-

[1] Pena foi que o ajudante general do exercito portuguez, Manuel de Brito Mousinho, não podesse publicar a sua projectada historia da guerra da peninsula, em que, segundo nos consta, se occupava antes da sua prisão pela abrilada de 1824, para que a Europa conhecesse bem o valor da infanteria portugueza, quando devidamente disciplinada.

za, que pelo menos era dois quintos de toda a divisão, de cada um d'elles, força que se achou intercalada com a ingleza.

Foi em abonó da brilhante conducta das tropas portuguezas na batalha de Toulouse que o marechal Beresford publicou a sua ordem do dia de 20 de abril de 1814, em que se expressou pela seguinte maneira: «S. ex.ª o sr. marechal Beresford, marquez de Campo Maior, felicita outra vez a nação e o exercito portuguez pela nova prova de valor e disciplina, que o dia 10 do corrente mez deu ás tropas de sua alteza real, o principe regente nosso senhor, occasião de patentearem a favor da sua patria e da causa commum. As tropas portuguezas rivalisaram, como é do seu costume, em valente conducta com os seus irmãos de armas do exercito britannico, e o ultimo acto da guerra não foi para as tropas das duas nações o menos glorioso; e as de sua alteza real pela sua conducta na batalha de Toulouse não só sustentaram até ao fim o seu caracter valoroso e de excellentes soldados, mas ainda augmentaram a sua gloria e a da nação por este feito de armas. S. ex.ª experimenta a mais viva satisfação com o prospecto que se apresenta a este valoroso exercito de voltar para os seus lares, tendo-se coberto de gloria, e adquirido a admiração e estima dos seus alliados e da Europa; e de que elle deve esperar (e não será illudido) receber os applausos dos seus compatriotas, e as recompensas que lhe são devidas do seu governo e do seu principe e soberano, que se apraz em ser justo e remunerador para com os valorosos e benemeritos. N'esta batalha a nona brigada, composta dos regimentos de infanteria n.os 11 e 23, e batalhão de caçadores n.º 7, se comportou com a sua disciplina e valor costumado, e mereceu aquella admiração e estima de s. ex.ª, que desde o principio da guerra não tem cessado de merecer em todos os mais encontros com o inimigo. O sr. coronel José de Vasconcellos receberá os agradecimentos de s. ex.ª, e os dará ao tenente coronel Alexandre Anderson, aos majores Jorge Murphy e João Scott Lillie, aos mais officiaes, e aos officiaes inferiores e soldados d'esta excellente

brigada. S. ex.ª julga de seu dever mencionar com especialidade a comducta que a setima brigada, composta dos regimentos de infanteria n.os 8 e 12 e batalhão de caçadores n.º 9, teve n'este dia. As circumstancias deram bem occasião a estes corpos de mostrarem a sua disciplina, firmeza e valor; e elles aproveitaram-se tanto d'ella, que merecem louvores os mais particulares do sr. marechal. S. ex.ª dá os seus agradecimentos ao sr. coronel Diogo Douglas, ao tenente coronel Guilherme Beatty e aos majores Ignacio Luiz Madeira, Benjamim Sullivan e Luiz Evaristo de Figueiredo, aos mais officiaes, e officiaes inferiores e soldados da brigada.

«S. ex.ª sente a morte do tenente coronel Watter Birmingham, e as graves feridas do sr. coronel Diogo Douglas, e dos majores Ignacio Luiz Madeira e João Scott Lillie. Aindaque os batalhões de caçadores n.os 1 e 3 não tiveram occasião de mostrarem a sua audacia costumada, comtudo a sua conducta n'este dia, em rasão das circumstancias particulares, merece a approvação de s. ex.ª S. ex.ª louva a conducta firme e honrosa da artilheria portugueza, debaixo das ordens do tenente coronel Victor Von Arentschild, e do capitão graduado em tenente coronel, Sebastião José de Arriaga, *que mereceu a admiração dos srs. generaes dos exercitos alliados, e sustentou o caracter que esta arma tem constantemente manifestado durante a guerra*, e deseja s. ex.ª que o commandante da mesma arma em campanha dê os seus agradecimentos aos officiaes, officiaes inferiores e soldados. S. ex.ª faltaria ao seu dever e aos seus proprios sentimentos se não confessasse as suas obrigações n'esta occasião, assim como em todas as mais durante a guerra, em que s. ex.ª tem tido a vantagem da sua assistencia, ao sr. brigadeiro quartel mestre general do exercito, Benjamim D'Urban, cuja intelligencia, zêlo e actividade não póde s. ex.ª ser excessivo em louvar. Ao brigadeiro ajudante general do exercito, Manuel de Brito Mousinho, faz s. ex.ª tambem a justiça de confessar e de lhe agradecer os seus bons serviços em tudo o que elles podem ser uteis. S. ex.ª dá os seus agradecimentos ao sr. coronel Roberto Arbuthunot e aos officiaes do seu estado maior pes-

soal pela sua actividade e intelligencia n'esta ultima occasião, assim como em outras muitas. Nos officiaes das differentes repartições unidas ao exercito tem s. ex.ª testemunhado a mais prompta obediencia e o maior zêlo na execução dos seus deveres e para o bem do serviço de sua alteza real, e lhes dá por isso os seus agradecimentos, e não póde deixar de particularisar o sr. coronel Henrique Hardinge e o tenente coronel R. J. Harvey da repartição do sr. quartel mestre general do exercito, os quaes têem de quando em quando feito as vezes de chefes da mesma repartição junto de s. ex.ª [1]

As brigadas e corpos portuguezes que entraram na batalha de Toulouse, com a designação dos commandantes d'aquellas e d'estes, a da força com que n'ella entraram e a da perda que n'ella tiveram, são as constantes da seguinte relação.

Artilheria n.º 1. Teve este corpo presente na acção 330 homens, commandados pelo tenente coronel Victor Von Arentschild. Perda 2 soldados mortos e 2 homens feridos (1 official e um soldado), ou 4 homens ao todo.

Artilheria n.º 2. Teve este corpo presente na acção 110 homens, commandados pelo mesmo tenente coronel Arentschild. Perda, 1 soldado morto e 3 feridos, ou 4 homens ao todo.

Divisão portugueza, formada pela 2.ª e 4.ª brigadas, commandante o marechal de campo Carlos Frederico Lecor

2.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Antonio Hypolito da Costa

Infanteria n.º 2. Todo o regimento foi presente á acção na força de 990 homens, commandado pelo major Bernardo Antonio Zagallo. Não teve perda alguma.

Infanteria n.º 14. Todo o regimento foi presente á acção, na força de 885 homens, commandado pelo major Rodrigo Vitto Pereira da Silva. Não teve perda alguma.

[1] A parte official dada por lord Wellington sobre esta memorave batalha constitue o documento n.º 116.

4.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro João Buchan

Infanteria n.º 4. Todo o regimento foi presente á acção, na força de 1:026 homens, commandado pelo tenente coronel Ricardo Armstrong. Não teve perda alguma.

Infanteria n.º 10. Todo o regimento foi presente á acção, na força de 1:002 homens, commandado pelo tenente coronel Luiz Maria de Sousa Vahia. Não teve perda alguma.

Caçadores n.º 10. Todo o batalhão foi presente á acção na força de 232 homens, commandado pelo capitão José Rodrigues de Lima. Não teve perda alguma.

5.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Carlos Ashworth

Infanteria n.º 6—Todo o regimento foi presente á acção, na força de 816 homens, commandado pelo tenente coronel Maxiwel Grant. Não teve perda alguma.

Infanteria n.º 18—Todo o regimento foi presente á acção, na força de 1:019 homens, commandado pelo tenente coronel Henrique Pynn. Não teve perda alguma.

Caçadores n.º 6—Todo o batalhão foi presente á acção, na força de 375 homens, commandado pelo major Thomás Bumbury. Não teve perda alguma.

7.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel João Douglas

Infanteria n.º 8—Todo o regimento foi presente na acção e no combate, na força de 829 homens, commandado pelo tenente coronel Guilherme Birmingham. Perda, 34 homens mortos (2 officiaes e 32 soldados); feridos, 68 homens (3 officiaes e 65 soldados), ou 102 homens ao todo (5 officiaes e 97 soldados).

Infanteria n.º 12—Todo o regimento foi presente na acção e no combate, na força de 894 homens, commandado pelo tenente coronel Watter Beatty. Perda, 31 mortos (1 official e 30 soldados); feridos, 142 homens (3 officiaes e 139 soldados), ou 173 homens ao todo (4 officiaes e 169 soldados).

Caçadores n.º 9—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 289 homens, commandado pelo major Luiz Evaristo de Figueiredo. Perda, 7 soldados mortos e 34 homens feridos (2 officiaes e 32 soldados), ou 41 homens ao todo (2 officiaes e 39 soldados).

8.ª Brigada de infanteria, commandante o marechal de campo Manley Power

Infanteria n.º 9—Todo o regimento foi presente á acção, na força de 717 homens, commandado pelo tenente coronel Carlos Sutton. Não teve perda alguma.

Infanteria n.º 21—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 694 homens, commandado pelo coronel João Telles de Menezes e Mello. Perda, 5 homens mortos (1 official e 4 soldados); feridos, 15 (1 official e 14 soldados), ou 20 homens ao todo (2 officiaes e 18 soldados).

Caçadores n.º 11—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 253 homens, commandado pelo major Francisco de Paula Rosado. Perda, 8 soldados mortos; feridos, 15 homens (3 officiaes e 12 soldados), ou 23 homens ao todo (3 officiaes e 20 soldados).

9.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel José de Vasconcellos e Sá

Infanteria n.º 11—Todo o regimento esteve na acção e no combate na força de 775 homens, commandado pelo tenente coronel Alexandre Anderson. Perda, 6 homens mortos (1 official e 5 soldados); feridos, 16 soldados, ou 22 homens ao todo (1 official e 21 soldados).

Infanteria n.º 23—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 863 homens, commandado pelo major Jorge Murphy. Perda, 25 soldados mortos e 27 homens feridos (2 officiaes e 25 soldados), ou 52 homens ao todo (2 officiaes e 50 soldados).

Caçadores n.º 7—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 332 homens, commandado pelo major João Scott Lillie. Perda, 17 soldados mortos e 27 homens

feridos (2 officiaes e 25 soldados), ou 44 homens ao todo (2 officiaes e 42 soldados).

Brigada ligeira, encorporada na divisão ligeira luso-britannica

Infanteria n.º 17—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 747 homens, commandado pelo tenente coronel João Rolt. Perda, 5 soldados feridos.

Caçadorès n.º 1—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 472 homens, commandado pelo major Manuel Jorge Rodrigues. Perda, 7 homens mortos e 10 homens feridos (2 officiaes e 8 soldados), ou 17 homens ao todo (2 officiaes e 15 soldados).

Caçadores n.º 3—Todo o batalhão esteve na acção e no combate, na força de 377 homens, commandado pelo tenente coronel Luiz Maria de Cerqueira. Perda, 5 soldados mortos e 13 soldados feridos, ou 18 homens ao todo.

O total da força portugueza presente n'esta batalha foi portanto de 14:027 homens, sendo a perda que n'ella houve: em mortos, 5 officiaes e 143 soldados; em feridos, 19 officiaes e 358 soldados. Total geral, 525 homens[1].

Com relação á batalha de Toulouse, força é confessar que o seu verdadeiro campo foi o monte Rave, ganho como havia sido pelo marechal Beresford, atacando-o pelo lado de leste da cidade. Este monte, ou a sua cadeia de alturas escarpadas, não só era defendida pelas obras de campanha e entrincheiramentos que os francezes n'ella tinham construido, mas até se achava coberta pelo rio Lheres, sendo de mais a mais protegida pela artilheria dos seus ditos entrincheiramentos. O leito do Lheres não era vadeavel, e para se atacar o monte Rave preciso era ganhar primeiro, como effectivamente se ganhou no dia 8, a ponte de Croix-Dorade, e avançar depois por uma marcha de flanco e debaixo do fogo do inimigo pelo

[1] Succede n'esta o mesmo que nas anteriores batalhas, em que a perda mencionada na parte official de lord Wellington não concorda com a do mappa portuguez de que já temos fallado.

terreno fungoso e lamacento, que estava entre o mesmo Lheres e o monte Rave, ganhar depois este monte, passar o canal do Languedoc acima do arrabalde de Guillemerie, e conduzir por fim o exercito para o lado do sul de Toulouse, o unico ponto onde esta cidade podia ser atacada com bom exito. Aindaque este plano fosse preferivel a qualquer outro, depois da infructuosa tentativa do general Picton, nem por isso deixava de ser defeituoso e até de muito compromettimento para os que o adoptassem. Jamais se póde ter como boa operação da parte de qualquer general expor o seu exercito a uma marcha de flanco parallelamente a uma serie de alturas fortificadas, e d'onde o inimigo póde facilmente descer com forças duplas das empregadas por aquella fórma pelo referido general. A sciencia condemna similhante operação, cujo exito depende de circumstancias excepcionaes, que se não podem prever, nem metter em linha de conta, circumstancias que n'este caso tiveram logar. Foi portanto ao marechal Beresford que coube a honra e a gloria de assegurar o bom exito de uma tão arriscada operação. Não se póde por conseguinte negar que lord Wellington a ordenou por um modo contrario ás regras da arte, e da censura que por isto lhe cabe só póde ser absolvido em parte, fundando-nos para isso em que casos ha em que um general feliz, como elle era, tem de confiar á sorte o bom exito de uma operação arriscada, mas necessaria ao plano que tem em vista para conseguir a victoria. Os bons generaes têem sido sempre os mais audazes, talvez que só pela rasão de que a fortuna ajuda de ordinario os atrevidos. Lord Wellington seguiu em Toulouse este aventuroso exemplo, levado a isso pela impossibilidade de se manter inactivo na frente d'aquella cidade, em rasão do receio em que estava de que Soult se juntasse a Suchet antes de lhe dar batalha.

Perigosa e muito arriscada foi portanto a operação de Beresford, destinada á tomada do monte Rave, onde a luta se travou extremamente viva e pertinaz, luta de que resultou ás tropas luso-britannicas tanta mais honra e gloria, quanto

que as vantagens do numero, a da artilheria [1], e a do terreno não estavam pela sua parte. Foi pelas quatro horas e meia da tarde que o exercito francez se retirou do monte Rave para traz do canal do Languedoc, tomando lord Wellington posse da totalidade do dito monte. Desde então não houve entre os dois exercitos mais que uma troca de tiros de fuzil, entretida sem resultado algum proficuo pelos cordões de atiradores, pondo a chegada da noite termo a este fogo, sem que no seguinte dia 11 houvesse mais do que o preparar-se lord Wellington para assaltar Toulouse, tendo-se-lhe os francezes recusado annuir á rendição que lhes propozera: a isto se seguiu por fim a retirada de Soult pela estrada de Montauban para Villafranca na noite de 11 para 12, entregando assim a cidade aos alliados. E não provarão estes factos que a batalha do dia 10 foi por estes ganha? Escriptores francezes tem não obstante havido que assim o não entendem. Sem profundarmos esta questão, pela nossa parte, tão largamente como o faz Napier, diremos todavia que é um facto que o marechal Soult até ao dia da batalha teve sempre na mente permanecer em Toulouse, que aliás fortificou, bem como o seu respectivo canal e o monte Rave, que lhe ficava na fren-

[1] A artilheria dos alliados não chegou ao logar do conflicto senão depois da tomada do primeiro reducto do monte Rave, o que levou o marechal Soult a dizer na sua parte official: *Nós temos tido constantemente a vantagem do fogo; a artilheria consumiu* 10:000 *tiros de canhão e toda a sua metralha.* Quanto ao numero, lord Wellington, segundo os calculos de Napier, só empregou na batalha 24:000 homens e 52 peças de artilheria. Á vista de um quadro official do exercito de Soult, citado pelo mesmo Napier, e que foi publicado por Koch, com relação ao dia 10 de março, o referido exercito era de 36:635 homens, sendo em numeros redondos 28:000 de infanteria, 2:700 de cavallaria e 5:700 de artilheria, engenheria, sapadores, mineiros, etc. Segundo de Vaudoncourt, a reserva formada pelos conscriptos, com relação a 1 de abril, elevava-se a 7:267 homens, o que dá um total de 43:900 combatentes. Suppondo que Soult tivesse perdido 8:000 homens, desde 10 de março até 10 de abril, incluindo a perda soffrida na batalha de Orthez, devia ter em Toulouse 36:000 homens de todas as armas, os quaes foram vencidos em posições fortificadas por 24:000 dos alliados. Napier calcula que as bôcas de fogo do marechal Soult fossem em Toulouse não menos de 90.

te, monte que de facto se constituiu depois em verdadeiro campo de batalha, no qual lord Wellington foi atacar os francezes. A consequencia de similhante ataque foi o ser ali batida a divisão Taupin, perdendo os reductos e entrincheiramentos que occupava, factos a que depois se seguiu abandonar o marechal Soult Toulouse, como já notámos, deixando n'ella ficar 3 generaes feridos e 1:600 prisioneiros, alem de muita da sua artilheria e dos seus aprovisionamentos. Todos estes factos se seguiram como immediata consequencia da perda do monte Rave, ou da batalha que n'elle teve logar, sendo um d'esses factos o não se poder Soult conservar por mais tempo em Toulouse, como constantemente fôra da sua intenção até ao momento da perda d'aquella batalha. E como as victorias sempre são decididas, não por theorias abstractas, mas pelos factos e pelas consequencias que d'elles dimanam, parece-nos não poder haver duvida que foi Soult quem realmente perdeu a batalha de Toulouse, tendo por um verdadeiro disparate a emphatica proposição do capitão Choumara, quando avança *ter sido a batalha de Toulouse uma das mais gloriosas, que se póde escrever nos annaes da França, gravando-a nos seus monumentos.*

Concedemos de bom grado que os francezes possam reivindicar as glorias militares, em casos de recenhecido direito; mas que o façam com tanta falta de verdade, transtornando, ou sophismando os factos, é o que se lhes não póde admittir, particularmente com prejuizo de terceiro. O proprio marechal Soult na sua correspondencia com o ministro da guerra em París e com o duque de Albufeira (marechal Suchet) não dá o mais pequeno indicio de aspirar á gloria de vencedor da batalha de Toulouse, antes dá todos os de n'ella ter sido vencido, vindo de reforço a elle o general Vaudoucour, Beauchamp, o coronel Koch, Thibeaudeau e outros. Suchet até chegou a dizer que o exercito francez foi n'ella completamente derrotado. Mas se a tomada do monte Rave não foi o que levou Soult a abandonar Toulouse, vejamos se depois de similhante tomada esta cidade tinha proporções para os

francezes n'ella se manterem, abrigados sómente pelo seu respectivo canal. Napier com rasão diz a este respeito: Limitados os francezes á defeza de Toulouse, apoiados sómente no seu respectivo canal, os alliados para em tal posição os irem atacar não precisavam mais do que dirigirem-se sobre certos pontos, taes como o das obras de Sacarin, o de Cambon e o da ponte das Demoiselles. Forçados que fossem estes pontos, o canal (perdida como estava para Soult a posse do monte Rave), era sufficiente para obrigar os francezes a conterem-se dentro de Toulouse pelo mesmo modo por que d'antes servira para d'ella desviar lord Wellington. Mas estabelecido como este já estava ao sul da cidade, e occupado como a par d'isto fosse igualmente por elle o monte Pech-David, sem difficuldade podia remover os pontões da sua ponte de Seilh para Portet, acima de Toulouse, de que resultaria ir por este modo encontrar-se com o general Hill, assegurando com elle as suas communicações. N'este caso o exercito francez ou teria submissamente de se entregar, ou ver-se-ía obrigado, quando assim o não fizesse, a abrir passagem á força de armas; por entre os alliados, para se retirar, como o fez pela estrada de Villafranca. Por conseguinte o monte Rave não sómente foi o verdadeiro campo da batalha, mas até mesmo a chave da posição dos francezes em Toulouse, e tanto conheceu isto o marechal Soult, que depois que perdeu o dito monte, julgou impraticavel o poder-se por mais tempo conservar n'aquella cidade, onde tantos esforços tinha feito anteriormente para n'ella se manter.

Em duas cousas se póde censurar o marechal Soult com relação a esta batalha, sendo a primeira o não ter fortificado o cabeço de Pujade. Achando-se elle exposto ao fogo da altura principal, não se podia fortificar sem que n'elle se fizessem obras abertas na gola, e a brigada Saint-Pol, que n'ella se tivesse posto, não correria por certo mais risco do que correu, collocando-se n'elle sem ser coberta por intrincheiramento. O marechal Beresford não poderia ganhar a margem esquerda do rio Lheres emquanto estas obras não tivessem sido tomadas, operação que de certo lhe custaria grande

perda de gente. É portanto de crer que sómente a falta de tempo fosse a causa do marechal Soult não ter feito similhante obra. A segunda falta, e que por grave não póde ter desculpa, foi a de não ter obstado ao ataque do marechal Beresford senão com a divisão Taupin, quando de reforço a este general podia muito bem ter mandado as divisões Darmagnac e Villatte, cuja força de ambas ellas deitava a 15:000 homens. Igualmente devêra ter caído contra o sobredito marechal, apenas o viu mettido a atravessar sem artilheria alguma os terrenos fungosos e lamacentos, que se acham entre o rio Lheres e o monte Rave, effeituando-se isto antes do referido marechal ter formado as suas linhas na base das respectivas alturas. De similhante medida ninguem o podia embaraçar. O general Picton tinha já sido repellido no seu ataque; D. Manuel Freyre fôra até mesmo batido, e mais funesto lhe seria o seu desastre, se lhe não valesse o apoio da divisão ligeira, cobrindo a fuga dos soldados hespanhoes, dando mais realce a estas circumstancias o terem as tropas de Maransin, chamadas de S. Cypriano, ido reforçar as victoriosas, postadas na extrema esquerda da chapada Calvinet. A columna de Beresford, empenhada em atravessar o terreno fungoso já acima referido, achando-se sem artilheria e ameaçada ao mesmo tempo sobre a sua frente e a sua retaguarda pela cavallaria franceza, difficilmente teria podido resistir a forças tão consideraveis, em cujo caso lord Wellington por certo se tornaria alvo de acres e vehementes censuras por parte dos seus inimigos, por ter mettido o mesmo Beresford na critica situação em que se viu, e se n'ella não foi batido, foi este um grande caso de fortuna, devido sómente á bravura das suas tropas e ás faltas dos seus adversarios. Quando Beresford fosse mal succedido, lord Wellington ver-se-ía obrigado a passar o Garonna, dando-se por muito feliz se o podesse fazer á força de diligencias, reunindo a si o general Hill na margem esquerda d'aquelle rio. O desastre de Beresford traria inherente comsigo uma completa derrota dos alliados, facto que só por si destroe as pretensões, que os francezes tem á victoria da batalha de Toulouse. Seguramente a derrota

de Beresford, acompanhada da dos hespanhoes, não podia ter outros resultados: o ataque feito por estes foi mais cedo do que devia ter logar, sendo tal a sua dispersão, que excedeu todo o calculo, que sobre a sua má conducta se podia fazer. O terror panico de que os mesmos hespanhoes se deixaram possuir, levou lord Wellington a dizer em tempo em ar de graça *ter visto espectaculos muito curiosos; mas que nunca presenceára uma corrida de seis mil homens tal como esta foi* [1].

Uma outra questão vamos ainda aqui abordar. Escriptores de certa reputação, como o conde de Toreno, Belmas e Beauchamp, tem dito que lord Wellington soubera da abdicação de Napoleão, antes de dar a batalha de Toulouse, sendo portanto mero capricho seu o fazer derramar inutilmente o sangue que n'ella se derramou, victimando tão sem rasão as muitas vidas, que o seu proprio exercito n'ella perdeu, alem das que como causa occasional fez igualmente perder ao exercito francez. Temos para nós como certo estar similhante asserção muito longe da verdade. Na data de 10 de abril ainda lord Wellington não sabia da entrada dos alliados em París, o que bem se prova pela resposta, dada por elle mesmo no dia 12 ao conselho municipal de Toulouse, na qual lhe disse: «Bravos habitantes, tenho muita pena de que francezes, tão dedicados á causa do seu rei, fossem victimas de um zêlo prematúro, postoque louvavel. Não vos devo dissimular *que ainda se trata em Chatillon, e que se olha a paz com Buonaparte como uma cousa possivel*. Todavia eu vos sustentarei quanto em mim depender. Mas talvez não tenha ainda vindo o tempo de exprimirdes com energia os vossos proprios sentimentos [2]». Ávista d'esta linguagem é portanto evidente que no dito dia 12 lord Wellington ainda não sabia da entrada dos alliados em París. Alem d'isto o *Moniteur francez* de 18 de abril disse tambem que todas as cartas, enviadas ao marechal Soult e a lord Wellington, foram interceptadas. Mas, dado e não conce-

[1] Napier, tomo XIII, pag. 233 e 234.
[2] A. de Beauchamp, tomo II, pag. 469.

dido que lord Wellington soubesse da entrada dos alliados na capital da França, isto não se podia ter ainda assim como signal certo do acabamento da guerra, poisque Napoleão e os seus logares tenentes podiam bem continua-la, como o proprio marechal Soult tinha pela sua parte annunciado.

O mesmo Soult tambem tem contra si a accusação de haver dado esta batalha, arrastado pela idéa de se querer vingar dos desastres experimentados na campanha dos Pyrenéos, por não poder soffrer resignado haver constantemente sido batido por lord Wellington e pelo seu exercito. Em 7 de abril escreveu elle a Suchet[1], dizendo-lhe: «*Recebi a triste noticia dos inimigos terem entrado em Paris... Esta grande desgraça me leva á resolução de defender Toulouse, succeda o que succeder*». Mas saber elle que os exercitos das potencias do norte tinham entrado em Paris não queria dizer que se tivesse concluido a paz, nem que Napoleão houvesse abdicado a corôa. Foi só no dia 7 de abril que o governo provisorio lhe escreveu d'aquella capital, não podendo o portador do respectivo officio chegar a Toulouse antes de tres dias, a vir pela estrada mais directa, que era a de Montauban. Mas desde o dia 3 até 9 de abril achavam-se os alliados senhores d'esta estrada, tendo já investido o exercito francez. Por conseguinte similhante noticia devia chegar primeiro aos alliados, como effectivamente mais tarde succedeu com o coronel S. Simon; e como foi lord Wellington e não o marechal Soult quem travou a batalha, não é sobre este, mas sobre aquelle, que em tal caso deveria recaír a accusação de ter feito derramar tão inutilmente o sangue que n'ella se derramou, accusação que com relação ao general inglez já acima rebatemos. Foi o mesmo lord Wellington quem na camara dos lords, quando depois do bill da emancipação dos catholicos lord Aberdeen accusou os ministros de estarem em abertas relações de politica amigavel com um homem sobre quem pesava um crime, tal como o attribuido a Soult, solemnemente declarou que este general não sabia, nem mesmo podia saber da abdicação

[1] Brialmont, tomo II, pag. 232, nota n.º 7.

do imperador, quando teve logar a batalha de Toulouse. Alem d'isto a auctoridade de homens taes como os que se viam entrados no já citado governo provisorio, elevados quasi que por si proprios a similhante logar, firmados no apoio das bayonetas das potencias estrangeiras, não lhe podia inspirar confiança, composto como era de intrigantes politicos, que assim se reputavam Talleyrand, Fouché e outros que taes sujeitos. E quando mesmo Soult soubesse da abdicação do imperador, rasão tinha para julgar ter-lhe este acto sido imposto pela força dos exercitos estrangeiros, não sendo portanto filho de espontaneidade sua, d'onde resulta não se lhe poder levar a mal o não se conformar com elle, olhando-o como uma questão de honra nacional, em que a um general, á frente de um exercito, lhe é licito decidir por si mesmo questões d'estas, não havendo meio de consultar o voto geral da nação. Seja porém como for, certo é que Soult nem sabia da abdicação de Napoleão, nem da paz tratada em Paris, e vendo-se atacado na sua posição, como effectivamente se viu por lord Wellington, teve toda a rasão em se defender, não podendo á vista d'isto ser com motivo justo accusado.

Deixando porém questões de parte, certo é que no dia 11 de abril foi que Napoleão Buonaparte assignou a sua abdicação absoluta, data em que os exercitos contendores na peninsula se achavam ainda em attitude hostil, postoque desde então por diante nem um, nem outro tornassem mais a queimar nem uma só escorva. O marechal Soult começára a sua retirada de Toulouse pela estrada de Carcassone, sustentando os alliados o terreno que haviam ganho. No dia 12 de abril pelas nove horas da manhã entraram os alliados em Toulouse, sendo recebidos pelos habitantes, guarda nacional e magistrados com toda a possivel distincção, tendo derrubado as estatuas de Buonaparte e arvorado em seu logar no alto da casa da camara o estandarte branco, proclamando-se com o maior enthusiasmo sua magestade Luiz XVIII. Pouco depois d'aquella hora entrou igualmente em Toulouse o marechal general lord Wellington com todo o seu estado maior, sendo

levado como em triumpho até á dita casa da camara, onde o maire da cidade lhe dirigiu a seguinte falla: «Em nome do povo de Toulouse (o qual esta feliz circumstancia nos faz apreciar, tendo a fortuna de o representar), nós vos rogâmos que façaes agradavelmente chegar á presença do nosso querido rei Luiz XVIII os testemunhos de amor e de respeito, que vinte annos de soffrimentos nos têem feito em nós augmentar, e bem assim que recebaes em seu nome a chave d'esta boa cidade, e o reconhecimento sem limites, que a vossa conducta grande, generosa, e sem exemplo na historia vos tem adquirido.» A similhante falla respondeu lord Wellington pela seguinte fórma: «Senhores! Entrando na vossa cidade, é necessario lembrar-vos que invadi a França á testa dos exercitos alliados de sua magestade o rei de Hespanha, e de suas altezas reaes o principe regente de Inglaterra e o principe regente de Portugal, em consequencia da injusta guerra, que o governo actual de França tem feito a estas potencias. O objecto dos governos, a quem tenho o honra de servir, foi sempre a paz, e uma paz fundada na independencia dos seus respectivos estados, e na de todas as potencias da Europa; e eu tenho bastantes motivos para acreditar que os embaixadores d'estes augustos soberanos se acham presentemente empenhados, de acordo com os seus alliados do norte da Europa em Chatillon sobre o Sena, em negociar uma similhante paz, se é possivel espera-la com o governo actual da França. Vejo que a cidade de Toulouse, como muitas outras da França, contém pessoas que desejam seguir o exemplo de Bordeaux, sacudindo o jugo debaixo do qual a França tem existido ha tantos annos. Pertence-lhes pois o decidirem-se, á vista do que acaba de annunciar-se, e eu tinha feito constar á cidade de Bordeaux, antes de deixar ali entrar as tropas, se queriam declarar-se. Se assim o fizerem, será do meu dever considera-las como alliadas, e dar-lhes todos os auxilios, que estiverem ao meu alcance, em quanto durar a guerra; mas é igualmente do meu dever fazer-lhes saber que se a paz se não fizer com o governo actual da França, então eu não poderei continuar-lhes os soccorros, ou quaesquer auxilios, e continuarei a auxiliar a causa legi-

tima dos Bourbons, debaixo de cujo governo a França prosperou por muitos seculos.»

Pelas quatro horas da tarde do referido dia 12 de abril chegaram ao quartel general do mesmo lord Wellington o coronel Cook, pertencente ao exercito inglez, e o coronel Saint-Simon, pertencente ao exercito francez, encarregados, o primeiro pelo ministro de sua magestade britannica junto ao rei da Prussia, e o segundo pelo governo provisorio de París, de informarem lord Wellington e o marechal Soult do estado dos negocios d'aquella capital, d'onde haviam saído pela meia noite do dia 7. Pelo que estes officiaes disseram, e por varios documentos que apresentaram, foram os ditos generaes sabedores de que os alliados tinham com effeito entrado em París no dia 31 de março, e que depois da sua entrada o imperador Alexandre publicára uma proclamação, declarando que os alliados não fariam jamais a paz com Buonaparte, nem com outro algum individuo da sua dynastia. Mais lhe disseram que pouco depois se juntára o senado conservador, presidido pelo conde Barthélemy, e que nomeára cinco pessoas de distincção para formarem o governo provisorio de França, declarando o mesmo senado na sessão de 3 de abril Napoleão Buonaparte destituido do throno, e absolvido o povo francez e o exercito do juramento de fidelidade, que lhe tinham prestado; que o dito governo provisorio ficava encarregado de formar uma constituição para apresenta-la ao mesmo senado, e tendo sido approvada por este, foi depois reconhecido como rei dos francezes sua magestade Luiz Estanislau Xavier XVIII, resolução transmittida por uma mensagem ao governo interino da França, e enviada depois a todos os departamentos e a todos os exercitos.

Effectivamente os factos a que estas communicações se referiam tinham-se passado pela seguinte maneira: no dia 28 de março sairam de París por ordem do imperador Napoleão a imperatriz sua esposa, e o rei de Roma, seu filho, proclamando José Buonaparte aos parisienses, dizendo-lhes que os não deixava. No dia 30 do dito mez de março o mesmo José Buonaparte deu ordem para a guarda nacional defender Pa-

rís; pelas dez horas e meia renovou a ordem, e ás onze fugiu! N'esse mesmo dia, vendo os officiaes mais experimentados que París seria indubitavelmente tomada pelos alliados, concluiram aquelles com estes um armisticio, capitulando uns e outros para lhe evitarem as funestas consequencias de uma entrada á viva força. Em consequencia fizeram pois a dita entrada, mas passivamente, o imperador da Russia, o rei da Prussia e o principe de Schwartzenberg, alojando-se a primeiro em casa de mr. Talleyrand, famoso pelo seu nenhum caracter politico, prompto sempre a servir todos os partidos, que a fortuna elevava ao poder; o segundo em casa de mr. Beauharnais, e o terceiro em casa do general Sebastiani. Foi por aquella occasião que o imperador Alexandre publicou em nome dos alliados a seguinte proclamação[1]: «Os exercitos das potencias alliadas occupam a capital da França, e os soberanos alliados, aceitando o voto da nação franceza, declaram que as condições da paz, devendo ter por base as mais fortes garantias, quando se queira pôr limites á ambição de Buonaparte, devem ser mais favoraveis, quando a França, tornando para um governo sabio, offerecer a segurança d'esta paz. Os soberanos alliados proclamam em consequencia que não tratarão mais com a pessoa de Napoleão Buonaparte, nem com pessoa alguma da sua familia; que respeitam a integridade da antiga França, como era no tempo dos seus reis legitimos; e ainda podem fazer mais, porque adoptam sempre o principio de que para a felicidade da Europa é preciso que a França seja grande e poderosa. Reconhecerão e garantirão a constituição que a nação franceza adoptar. Convidam portanto o senado a designar um governo interino, que possa supprir as necessidades da administração, e preparar a constituição que convier ao povo francez. As intenções que acabo de expor são communs a todas as potencias alliadas.=*Alexandre*. (Por sua magestade imperial), o secretario d'estado, *Conde de Nesselrode*. París, 31 de março de 1814, ás tres horas da tarde.»

[1] Já antes d'esta proclamação tinha o principe de Shwartzenberg dirigido outra aos habitantes de París, que vae no documento n.º 117.

Convocou-se portanto extraordinariamente o senado, que effectivamente instituiu um goveruo provisorio, composto de mr. Charles Maurice de Talleyrand Perigord, ou principe de Benevente; do conde de Beurnonville; do conde de Jaucourt (senadores); do duque de Dalberg, e de mr. o abbade de Montesquieu, os quaes proclamaram no dia 2 de abril ao exercito pela seguinte maneira: «Soldados! A França acaba de quebrar o jugo debaixo do qual gemeu comvosco por tantos annos. Vós nunca combatestes senão pela patria; mas vós não podeis deixar de combater contra ella debaixo das bandeiras do homem que vos conduziu. Vêde o que tendes soffrido debaixo da sua tyrannia: vós ereis n'outro tempo um milhão de soldados; quasi todos têem morrido[1]; foram entregues ao ferro do inimigo sem subsistencia e sem hospitaes: elles foram condemnados a morrer de miseria e de fome. Soldados! É tempo de acabarem os males da patria: a paz está nas vossas mãos; recusa-la-heis vós á França desolada? Os proprios inimigos vo-la pedem; a elles peza-lhes destruir este bello paiz, e só se querem armar contra o vosso e o nosso oppressor. Sereis surdos á voz da patria, que vos chama e supplica? Ella vos falla pelo seu senado, pela sua capital, e sobre tudo pelas suas desgraças. Vós sois os seus mais distinctos filhos, e não podeis pertencer áquelle que a destruiu, que a entregou sem armas e sem defeza, que tem querido tornar o nosso nome odioso a todas as nações, e que talvez tivesse compromettido a vossa gloria, se um homem, que até não é francez, podesse em algum tempo atenuar a honra das nossas armas, e a generosidade dos nossos soldados. Vós já não sois os soldados de Napoleão: o senado e a França vos desobrigam do vosso juramento. (Assignados, os membros do governo provisorio) = *O principe de Benevente = Francisco de Montesquieu = Dalberg = Beurnonville = Jaucourt.*»

[1] O citado abbade de Montesquieu, ministro do interior, que depois foi de Luiz XVIII, disse n'um relatorio, apresentado á camara dos deputados na sessão de 22 de julho de 1814, que eram de 1.030:000 homens as levas que Napoleão tinha feito, ou ordenado desde janeiro de 1813 até ao fim da campanha do dito anno de 1814.

O decreto pelo qual o senado conservador declarou Napoleão destituido do throno da França foi mais profunda e justamente motivado: «O senado conservador (se dizia n'elle), considerando que n'uma monarchia constitucional o monarcha não existe senão em virtude da constituição, ou do pacto social; que Napoleão Buonaparte, durante algum tempo de um governo firme e prudente, tinha dado á nação motivos de contar para o futuro com actos de sabedoria e justiça, mas que depois rasgou o pacto que o unia ao povo francez, nomeadamente levantando impostos, estabelecendo tributos não determinados por lei, contra a expressa disposição do juramento, que tinha prestado na sua elevação ao throno, conforme o artigo 58.° do acto das constituições de 28 floreal, anno 12.°; que commetteu este attentado contra os direitos do povo, quando sem necessidade acabava de adiar o corpo legislativo, e de fazer supprimir como crime um relatorio d'este corpo, ao qual contestava o seu titulo e a sua parte na representação nacional; que emprehendeu uma serie de guerras em violação do artigo 50.° do acto da constituição de 22 frimaire, anno 8.°, que ordena que a declaração de guerra seja proposta, discutida, decretada e promulgada como as leis; que inconstitucionalmente publicou muitos decretos de pena de morte, e nomeadamente os dois decretos de 5 de março ultimo, tendentes a fazer considerar como nacional uma guerra, que não tinha por alvo senão o interesse da sua ambição desmedida; que violou as leis constitucionaes pelos seus decretos sobre as prisões de estado; que aniquilou a responsabilidade dos ministros, confundindo todos os poderes, e destruiu a independencia dos corpos judiciaes; considerando que a liberdade da imprensa, estabelecida e consagrada como um direito, tem constantemente sido sujeita á censura arbitraria da sua policia, e que ao mesmo tempo se serviu constantemente da imprensa para encher a França e a Europa de factos inventados, de maximas falsas, de doutrinas favoraveis ao despotismo, e ultrajantes aos governos estrangeiros; que os actos e relatorios ouvidos no senado soffreram alterações na publicação que

d'elles se fez; considerando que em logar de reinar sómente na vista do interesse, da felicidade, e da gloria do povo francez, nos termos do seu juramento, Napoleão tem posto o cumulo ás desgraças da patria pela sua recusa em tratar com condições, que o interesse nacional obrigava a aceitar, e que não compromettia a honra franceza; pelo abuso que fez de todos os meios, que se lhe confiaram de homens e dinheiro; pelo abandono dos feridos sem curativo, sem soccorro e sem subsistencia; pelas differentes medidas, cujas consequencias eram a ruina das cidades, a despovoação dos campos, a fome, e as molestias contagiosas; considerando que por todas estas causas o governo imperial, estabelecido pelo senado consulto de 28 floreal, anno 12.°, cessou de existir, e que o voto manifesto de todos os francezes chama uma ordem de cousas, cujo primeiro resultado é o restabelecimento da paz geral, o que será uma epocha de reconciliação de todos os estados da grande familia européa: o senado declara e decreta o que se segue:

«Artigo 1.° Napoleão Buonaparte é destituido do throno, e o direito de hereditariedade, estabelecido na sua familia, fica abolido.

«Art. 2.° O povo francez e o exercito são desligados do juramento de fidelidade para com Napoleão Buonaparte.

«Art. 3.° O presente decreto será transmittido por uma mensagem ao governo provisorio da França, enviado depois a todos os departamentos e aos exercitos, e proclamado immediatamente em todos os bairros da capital.»

A proclamação que em consequencia de todos estes actos o governo provisorio dirigiu aos francezes, é a seguinte: «Francezes! Ao saír das discordias civis escolhestes para chefe um homem, que appareceu na scena do mundo com os caracteres da grandeza. N'elle fundastes todas as vossas esperanças; mas estas esperanças mallograram-se. Sobre as ruinas da anarchia não fundou mais que o despotismo. Devia ao menos por gratidão fazer-se francez comnosco; mas nunca o foi. Não tem cessado de emprehender sem fim e sem motivo guerras injustas, como aventureiro que se queria fazer cele-

bre. Em poucos annos consumiu as vossas riquezas e a vossa população. Todas as familias estão em luto; toda a França geme, e elle é surdo aos nossos males. Talvez que ainda sonhe projectos gigantescos, agora que revezes inauditos castigam com tanto estrondo o orgulho e o abuso da victoria. Não soube reinar, nem segundo os interesses da nação; nem segundo os interesses do despotismo. Destruiu tudo o que queria crear, e tornou a crear tudo o que queria destruir. Só acreditava na força, e a força o opprime hoje: recompensa justa a uma ambição insensata. Acabou por fim esta tyrannia sem exemplo: as potencias alliadas acabam de entrar em França. Napoleão nos governa como um rei de barbaros. Alexandre e seus magnanimos alliados não fallam mais que a linguagem da honra, da justiça e da humanidade. Vem reconciliar com a Europa um povo valoroso e desgraçado. Francezes! O senado declarou Napoleão deposto do throno: a patria já não está com elle, e só uma ordem de cousas póde salva-la. Já temos visto os excessos da licença popular, e os do poder absoluto: restabeleçâmos a verdadeira monarchia, limitando por leis sabias os diversos elementos que a compõem. Ao abrigo de um throno paternal refloreça a architectura estragada; recupere a sua liberdade o commercio opprimido de obstaculos; não acabe mais a mocidade cortada pelas armas, ainda antes de ter força para pegar n'ellas; não se perturbe mais a ordem da natureza, e possam os velhos esperar morrer primeiro que seus filhos. Francezes! Reunâmonos: vão acabar as calamidades passadas, e vae a paz pôr termo ás perturbações da Europa. Os augustos alliados já deram a sua palavra. A França descansará das suas longas agitações, e mais illustrada pela duplicada experiencia da anarchia e do despotismo, ha de achar a felicidade na restauração de um governo tutelar[1]».

Seguiu-se depois a estes actos a apresentação da consti-

[1] Não foram menos fulminantes do que esta contra Napoleão as proclamações que o departamento do Sena e a municipalidade de Paris dirigiram aos habitantes d'esta cidade no dia 1 de abril.

tuição, feita ao senado pelo governo provisorio. Depois de duas leituras consecutivas, que d'ella se fez, o mesmo senado nomeou uma commissão para o seu exame. Esta commissão, tendo feito o seu relatorio no dia 5 de abril ás oito horas da tarde, abriu-se a discussão sobre a mesma constituição, que foi unanimemente approvada. Luiz Estanislau Xavier, com a designação de Luiz XVIII, foi portanto restituido aos votos dos francezes por uma carta constitucional, que n'aquelle tempo se olhou como vantajosa ao povo francez, e não menos vantajosa á augusta familia destinada a governa-lo. A par d'estas circumstancias deram-se tambem a do marechal Marmont ter abandonado Napoleão no dia 3 de abril, levando comsigo o exercito do seu commando, e a do marechal Ney ter dirigido uma carta ao principe de Benevente, presidente do governo provisorio em París, com data de 5 do dito mez de abril, dizendo-lhe que para evitar os males da guerra civil não havia mais remedio que abraçar a causa dos antigos reis de França, e que com estas vistas se dirigira junto de Napoleão, a quem levou a resignar-se com a sua sorte, e a consentir na completa abdicação do throno da França sem restricção alguma.

Eis os documentos comprovativos das participações que vieram trazer a lord Wellington os coroneis Cook e Saint-Simon, de que resultou escrever o mesmo lord Wellington ao seu governo sobre taes assumptos, expressando-se-lhe pelo seguinte modo: «Na tarde do dia 12 de abril chegou o coronel Cook para me informar dos acontecimentos d'aquella capital até á noite do dia 7. O dito coronel veio acompanhado na sua viagem pelo coronel Saint-Simon, encarregado pelo governo provisorio de París de informar os marechaes Soult e Suchet dos mesmos acontecimentos. Ao principio o marechal Soult não acreditou a noticia bastante authentica para decidir-se a enviar a sua adhesão ao governo provisorio, e me propunha o acceder a uma suspensão de hostilidades, que désse o tempo necessario para se segurar da verdade d'aquellas occorrencias; porém não achei conveniente condescender com os seus desejos. Entretanto conclui uma conven-

ção no dia 15 com o official general francez, que commanda em Montauban para a suspensão das hostilidades[1], e promptas como estão as tropas para marcharem para diante, pôr-se-hão em movimento no dia 16 em direcção a Castelnaudary. No dia 16 fiz partir outro ao marechal Soult, que vinha enviado de París, e no seguinte recebi uma carta, que me apresentou o general conde de Gazan, o qual me informou, como tambem parece pela carta do dito marechal, que havia reconhecido o governo provisorio de França. Conseguintemente auctorisei o major general sir Jorge Murray e o marechal de campo D. Luiz Wimpfen para regularem com o general Gazan uma convenção para a suspensão das hostilidades entre os exercitos alliados do meu commando e os exercitos francezes, commandados pelos marechaes Soult e Suchet. Esta convenção foi confirmada pelo marechal Soult, postoque não tenha ainda recebido ratificação formal, por estar esperando a do marechal Suchet. Entretanto este marechal, receiando que podesse occorrer alguma dilação no arranjo da convenção com o marechal Soult, tinha enviado aqui o coronel Richard do estado maior do seu exercito, com o fim de tratar uma convenção para a suspensão das hostilidades com o exercito do seu immediato commando, e eu encarreguei o major general Murray e o marechal de campo Wimpfen que convissem com o dito official nos mesmos artigos, que antes se haviam estabelecido com o conde de Gazan a respeito do exercito do marechal Soult». Vê-se portanto que as negociações para uma suspensão de armas se abriram entre os marechaes Soult e Suchet por uma parte, e lord Wellington pela outra, como general em chefe das tropas alliadas, concluindo-se a dita suspensão no dia 18 do referido mez de abril[2].

No dia 23 foi assignada em París por lord Castlereagh e o principe de Benevente, aquelle como representante das potencias alliadas, e este do governo provisorio da França, uma

[1] Documento n.° 118.

[2] A convenção feita para uma suspensão de armas entre o exercito alliado e os francezes de Soult e Suchet é a que constitue o documento n.° 119.

suspensão de hostilidades entre as forças respectivas até ao restabelecimento das antigas relações de amizade entre ellas e a mesma França[1]. Igualmente por effeito de uma convenção anterior ao sobredito armisticio, assignada no dia 11 do citado mez de abril, entre os ministros das referidas potencias e o enviado de Napoleão, munido dos seus respectivos plenos poderes, convenção a que o governo provisional accedeu, o ex-imperador renunciou formalmente sem restricção, como já vimos acima, a toda e qualquer pretensão sobre as corôas de França e da Italia, dando-se-lhe em troca d'isto durante a sua vida a ilha do Elba em soberania com uma pensão que lhe seria paga e aos membros da sua familia. Os ducados de Parma, Placencia e Guastalla prometteram-se dar na futura paz, tambem com plena soberania, á imperatriz Maria Luiza, que os transmittiria a seu filho como principe de Parma e Placencia. O ducado de Parma com as suas dependencias, dado assim á imperatriz Maria Luiza e a seu filho, Napoleão Carlos Francisco, o chamado *rei de Roma,* continha perto de 380:000 habitantes, podendo computar-se as suas rendas em 4.000:000 de francos, ou 1.600:000 cruzados pelo cambio de então. Era o referido ducado (que originariamente fôra governado pela familia Farneze), pertencente a um ramo da casa dos Bourbons com reversão para a casa de Austria. Em 1801 Buonaparte, sendo primeiro consul, conseguiu que el-rei de Hespanha, D. Carlos IV, lh'o garantisse, e tomasse a seu cargo obrigar o duque, seu genro, a que o cedesse á republica franceza. A similhante proposta se recusou abertamente o duque; mas uma *colica violenta* terminou rapidamente os seus dias, morrendo a 8 de outubro do mesmo anno de 1801, desapparecendo assim a difficuldade que n'isto havia. Napoleão na sua nova posição conservava o titulo de imperador, e devia ser reconhecido como uma das testas coroadas da Europa, ter guardas e uma marinha proporcionada aos seus novos dominios, a citada ilha de Elba, situada defronte das costas da Toscana, tendo umas sessenta milhas de circumferencia e cou-

[1] Veja o documento n.º 120.

sa de 12:000 habitantes. Para se manter com decencia estipularam-se-lhe a pensão de 6.000:000 de francos, independentemente das rendas da ilha, e a de 2.500:000 para cada um de seus irmãos, para a ex-imperatriz Josefina (que pouco se gosou d'ella, morrendo cousa de tres semanas depois da quéda de Napoleão no seu soberbo castello de Malmaison), e para os outros mais membros da sua familia.

Napoleão partiu de Fontainebleau para o seu destino pelas onze horas da manhã do dia 20 do citado mez de abril, acompanhado por quatorze carruagens, compondo-se a sua escolta de sessenta cavallos de posta. As potencias alliadas tinham nomeado quatro commissarios para o seguirem até á sua nova residencia, sendo um d'elles o general Schouwalow por parte da Russia, o general Kohler por parte da Austria, o coronel sir Noel Campbell por parte da Inglaterra e o barão Truchsess Waldbourg por parte da Prussia: os primeiros tres foram respeitosa e agradavelmente recebidos por Napoleão, mas a presença do ultimo indignou-o, por ter sido a Prussia o objecto do seu desprezo e constantemente do seu odio. Antes porém de partir quiz despedir-se da sua celebre guarda imperial. Os bravos que a compunham achavam-se postados em alas na sua passagem. Algumas lagrimas se lhes viram borbulhar nos olhos, e nas suas feições se notou uma viva emoção ao passar-lhes revista pela ultima vez. Avançando para elles a cavallo, apeou-se, e lhes dirigiu depois as seguintes expressões: «Adeus, meus bravos amigos! Ha vinte annos que temos estado juntos, e sempre vivi satisfeito comvosco, sempre vos encontrei no caminho da gloria. Todas as potencias da Europa se armaram contra mim; uma parte dos meus generaes me trahiu, e até a França fez o mesmo. Com a vossa assistencia e a dos homens briosos que sempre me foram fieis, tenho por tres annos preservado a França de uma guerra civil. Sêde leaes ao vosso rei, que a França escolheu; sêde obedientes aos vossos commandantes, e não desampareis nunca o vosso paiz, que tanto tem soffrido. Não tenhaes pena da minha sorte; eu serei sempre feliz emquanto souber que vós o sois. Eu podia ter acabado com a vida, nada me era

mais facil, mas eu ainda desejo trilhar a estrada da gloria, escrevendo tudo o que nós temos feito. Eu não vos posso abraçar a todos, mas abraçarei o vosso general. General, vinde cá. (Então abraçou o general Petit.) Trazei-me tambem uma aguia, que ainda a quero abraçar (e ao aperta-la nos braços disse): Ah! querida aguia, oxalá que este bejo que agora te dou possa ainda resoar na posteridade! Adeus, meus filhos! Pondevos ainda uma vez á roda de mim.» Então o estado maior formou em circulo em roda d'elle, sempre acompanhado pelos quatro commissarios das potencias alliadas. Buonaparte entrou depois para a carruagem, não podendo occultar a sua magoa. Ao partir chamou por Constant, seu primeiro creado particular, que lhe não appareceu, provavelmente para o não acompanhar, não obstante ter-lhe feito no dia anterior um presente de 50:000 francos. Chegado a Frejus, porto destinado para o seu embarque, escolheu para seu transporte a fragata ingleza *Intrepida,* dando de mão á fragata franceza *Dryada* e ao brigue *Inconstante,* que de Toulon tinham ido a Frejus para o receberem, o que elle lhes recusou para não ser coberto pelo antigo pavilhão branco da França.

Foi pelas duas horas da tarde do dia 4 de maio que foi desembarcar em Porto Ferrajo, a principal cidade da ilha de Elba, ao passo que o novo rei da França, Luiz XVIII, tinha no dia anterior (3 de maio) feito a sua entrada em París no meio do maior enthusiasmo dos moradores d'aquella grande capital, havendo deixado Londres com a duqueza de Angouleme, o principe de Condé e o duque de Bourbon pelas oito horas da manhã de 21 de abril. Como já notámos, o novo soberano da França havia sido acclamado em Toulouse no dia 12 do citado mez de abril, em que o exercito alliado entrou n'aquella cidade, tendo sido o resultado d'isto e do mais que temos relatado, cessarem as hostilidades, não sómente nos exercitos respectivos, mas tambem nas praças sitiadas, devendo ser evacuadas e entregues aos hespanhoes n'um curto espaço de tempo as que ainda na peninsula se conservavam em poder dos francezes. Por este modo terminou pois a momentosa guerra da peninsula, passando desde então a serem ingrata-

mente esquecidos, tanto em Portugal, cómo na propria Gran-Bretanha, segundo nos diz Napier, os importantes serviços prestados aos seus respectivos paizes pelos bravos veteranos que n'ella tomaram parte. Foi a sobredita guerra uma das mais fecundas em acontecimentos diversos, que na Europa até então se tinham visto, sendo alem d'isso uma das mais instructivas, tanto para os homens de estado, como para os militares, porque n'ella se vêem, alem de altas questões politicas, operações regulares de sitios, de batalhas e de grandes movimentos estrategicos combinarem-se com incertas, multiplicadas e desastrosas alternativas de uma luta nacional, e por assim dizer perpetua. Houve n'esta longa carreira de combates uma rica e nobre colheita de immarcessiveis louros para os exercitos, que n'ella tiveram parte; mas, como nações, a Hespanha e Portugal n'ella se cobriram de um brilho ainda maior, podendo mais que as outras da Europa levantarem ufanas a sua altiva cabeça, por se poderem olhar como typos de coragem e constancia patriotica por um tamanho espaço de annos, como os da duração de similhante guerra. Não foi menos heroica a constancia da Inglaterra em similhante luta, que, segundo se diz, lhe custou para mais de 100.000:000 de libras esterlinas, não comprehendendo os consideraveis subsidios, que forneceu aos governos de Portugal e Hespanha, estimando-se a despeza annual do exercito inglez em 17.000:000 de libras por anno, sendo o subsidio prestado a Portugal computado em 2.000:000, e o prestado a Hespanha em 1.000:000.

Á entrada d'el-rei Luiz XVIII em París seguiram-se no citado mez de maio as negociações da paz geral com a França, de que resultou o tratado de 30 do dito mez, ás determinações do qual Portugal foi violentado a subscrever, por meio do seu respectivo plenipotenciario, sem lhe admittirem recurso, nem aceitarem reclamação, não obstante o pesado encargo, que por tal tratado lhe foi imposto, não tendo d'elle conhecimento algum, ou informação por meio de conferencia previa. Bem sabido é que ao terminar a estrondosa guerra que temos relatado, todas os nações da Europa tiveram em París os seus representantes, destinados a tomarem parte

n'aquellas negociações, sendo o plenipotenciario por parte de Portugal o conde de Funchal (D. Domingos Antonio de Sousa Coutinho), que de Londres, onde se achava por nosso embaixador, fôra chamado á dita cidade de París por lord Castlereagh, que era o representante da Gran-Bretanha [1]. Não tendo ainda chegado do Rio de Janeiro a nomeação dos plenipotenciarios portuguezes, destinados expressamente ao congresso da referida paz geral, Funchal, levando comsigo o conde de Palmella, com elle se apresentou na capital da França no dia 6 de maio, não obstante serem os seus plenos poderes eventuaes e com data de cinco annos atraz. Por parte da Hespanha fôra mandado ao referido congresso o conde de Fernão Nunes, o qual de concurso com o mesmo Funchal abertamente um e outro se queixaram a lord Castlereagh de não serem admittidos nas conferencias secretas, que a respeito da paz o sobredito lord tinha com os ministros da Prus-

[1] Os preliminares da paz geral de París parece terem já sido assentados pelas grandes potencias alguns mezes antes das suas negociações n'aquella capital em maio de 1814. Fôra effectivamente no mez de janeiro d'este anno que lord Castlereagh havia com este intento saído já de Londres para Francfort, sem por então se saber bem qual fosse o seu fim. A opinião mais geral fôra a de que se ía entender com os ministros das mais potencias sobre as condições do ajustamento da paz com a França. Parece que o imperador da Austria e o da Russia, aproveitando a occasião de um prisioneiro francez de distincção voltar á França, o encarregaram de levar a alguem do seu governo as condições com que os alliados estavam dispostos a fazer a paz, as quaes em termos geraes eram a independencia absoluta da Hollanda, da Allemanha, da Hespanha com a dynastia dos Bourbons, bem como a absoluta independencia da Italia com a barreira dos Alpes. Eram estas as condições a que se suppunha ter Napoleão accedido, propondo para este fim um congresso. Como porém os alliados tivessem dado este passo sem o previo acordo da Gran-Bretanha, suppunha-se igualmente ser esta a rasão por que os mesmos alliados não poderam consentir na immediata convocação do citado congresso, querendo em tal caso consultar a mesma Gran-Bretanha. Foram estas as demoras do congresso de Manheim de que Napoleão se queixára. Era tambem voz constante que o general Pozzo de Borgo fôra a Londres encarregado d'esta commissão para o governo britannico, pedindo-lhe o seu concurso para o congresso, juntando fortes seguranças dos soberanos alliados de obrarem em tudo de acordo com o referido

sia, Austria e Russia, queixas a que elle lhes respondeu, que não havia conferencias formaes senão em duas commissões, *a dos limites e a das reclamações*, ás quaes nenhum dos citados ministros assistia pelas considerarem como abaixo da sua dignidade, mas que cada um mandava para ellas um deputado, o que elle conde do Funchal e o de Fernão Nunes podiam igualmente fazer, e effectivamente o fizeram, nomeando para tal fim o conde de Funchal o de Palmella, e o de Fernão Nunes o marquez de Campo Flores. Na commissão das reclamações annunciou-se ao conde de Palmella que os alliados tinham convindo perdoar á França todas as reclamações pecuniarias. N'uma outra conferencia particular o mesmo Castlereagh participou aos condes de Palmella e Fernão Nunes, que sua magestade christianissima pedíra, que se não mettesse no tratado artigo algum sobre objectos, que se achavam em França pertencentes aos differentes governos, porque sua magestade se obrigava a entrega-los todos, exceptuando sómente os monumentos das artes, por se ter assentado deixa-los ficar em França. Na commissão dos limites annunciou-se tambem ao mesmo conde de Palmella, que se não

governo, e de não admittirem negociação, ou proposição alguma, que directa, ou indirectamente tendesse a separa-los. Certo d'estas disposições, o governo inglez tomou a mais acertada resolução, tal como a de mandar a Francfort um dos seus mais acreditados ministros de gabinete, tal era lord Castlereagh, que tão importante papel, como o de representante da Gran-Bretanha, foi fazer áquella cidade, e cinco mezes depois fez effectivamente na de Paris, junto dos soberanos da Austria, Russia e Prussia. Fóra effectivamente para tomar parte nas negociações de paz, propostas a Napoleão pelas potencias do norte, que lord Castlereagh saíra de Londres para o continente, como já vimos a pag. 252. Napoleão, não concordando nas propostas, que de Francfort para tal fim lhe fizeram, em que ainda lhe davam o Rheno para limites da França, menos concordou depois com as que de novo lhe fizeram em Chatillon, em que os referidos limites eram já restrictos aos que ella tinha antes da revolução de 1789. Uma outra causa do chamamento de lord Castlereagh foi a necessidade que havia da Inglaterra tomar parte, como tomou, no tratado dos vinte annos de alliança defensiva, assignado em Chaumont pelas cinco grandes potencias, estatuindo-se não poder nenhuma d'ellas tratar separadamente com o inimigo.

podia tratar em París a questão da restituição de Olivença, porque os alliados tinham convindo não se tratar por então senão da paz geral com a França, reservando para a discussão do futuro congresso geral toda a questão alheia a isto[1].

O mez de maio ía-se approximando do teu termo, sem que apparecesse projecto algum do tratado da citada paz geral, nem deixasse tambem de haver as conferencias secretas das quatro grandes potencias com o representante da França. Depois de muita espera appareceu finalmente o citado projecto, achando os plenipotenciarios portuguezes, que nada mais era do que um tratado formal, já de antemão arranjado pelas quatro grandes potencias, e acordado entre ellas e a França, não restando ás demais potencias outra cousa mais do que, ou assigna-lo obrigatoriamente, ou saírem da alliança, ficando em guerra com a França. Similhante procedimento foi tanto mais escandaloso para com Portugal, quanto que a seu respeito se estipulára o seguinte: «Artigo 10.° Sua magestade fidelissima, em virtude das obrigações estipuladas com os seus alliados, e em execução do artigo 8.° d'este tratado, obriga se a restituir a sua magestade christianissima a Guyenna franceza no mesmo estado em que existia no anno de 1792». O artigo 11.° destinava que as praças e fortalezas da sobredita colonia fossem effectivamente entregues logo depois da assignatura do tratado. Á vista de uma tal violencia e flagrante despotismo, Funchal ficou altamente admirado de que, tratando-se nas conferencias das citadas quatro grandes potencias das cousas de Portugal, lord Castlereagh não fizesse com que a taes conferencias se admittisse o plenipotenciario portuguez, nem sobre si tomasse o caracter de defensor dos interesses de uma nação, que por tantos annos e tão lealmente fizera causa commum com Inglaterra na sua guerra contra a França! O que em vez d'isto se viu foi portanto tomar sua magestade britannica sobre si o encargo de obrigar o governo

[1] Parece-nos que por esta occasião se podia bem ter imposto á França, por justa compensação da restituição de Cayenna, o obrigar-se ella a fazer com que a Hespanha nos restituisse Olivença.

portuguez a entregar á França a Guyenna, de modo que *em logar da Gran-Bretanha favorecer o seu alliado, mostrando-se-lhe reconhecida pelos importantes serviços que lhe prestára, ao contrario d'isto, compromettia-se a força-lo a annuir ás pretenções da França*, sem ao menos previamente ser ouvido, nem consultado sobre tal assumpto o seu plenipotenciario! Poderá portanto dar-se com justa rasão o nome de *nosso antigo e fiel alliado* a um governo que assim procedeu para comnosco? Responda o esclarecido leitor.

E todavia não deixa de ser curioso que o governo inglez e lord Wellington levassem muito a mal que os governadores do reino lhe não podessem mandar em 1815, *em paga d'esta sua grande lealdade para com Portugal*, uma divisão de 15:000 homens, a fim de novamente auxiliar o seu exercito na campanha de Waterloo! Mas a ingrata conducta de lord Castlereagh ainda foi mais ávante, porque representando-se-lhe a necessidade de se fixarem ao menos os limites da Guyenna franceza no rio Oyapock, segundo as disposições do tratado de Utrecht, nem sequer n'isso conveiu, dizendo ser um ponto duvidoso, e portanto dependente da ulterior negociação, acrescentando que elle pela sua parte ía assignar o tratado, por ter de partir no seguinte dia para Londres, *mas que se Portugal queria ficar só em guerra com a França, era senhor de o fazer*. A consequencia d'este estado de cousas foi portanto ser o conde de Funchal obrigado a assignar forçosamente, como d'elle se exigia, o tratado de paz com a França por parte do seu governo, porque a não o fazer assim, tambem não seria admittido a entrar no armisticio convencionado com a mesma França para a suspensão das hostilidades. Foi no dia 4 de junho que Luiz XVIII annunciou no seu discurso de abertura das camaras a assignatura do tratado de paz com as quatro grandes potencias, declarando que as outras se achavam n'elle comprehendidas. Pois apesar d'isto mr. de Talleyrand chegou a querer prescindir da assignatura do conde de Funchal no referido tratado, parecendo ter n'isto vistas sinistras, de que resultou, alem das instancias directas do conde, ter este de

solicitar tambem as de sir Carlos Stuart para conseguir do negociador francez a sua accessão ao convenio da citada suspensão das hostilidades, que por fim assignou, bem como o referido tratado, com os artigos separados que d'elle faziam parte [1].

O governo do Brazil, recebendo a noticia das disposições do tratado de Paris, e da obrigação que por elle tinha de entregar Cayenna á França, tornou-se por tal motivo consideravelmente indisposto com o conde de Funchal, não querendo até admittir que em troca da restituição de Cayenna a Hespanha nos entregasse Olivença, dizendo que esta restituição nos devia ser feita, não por similhante causa, mas sim por effeito do auxilio que Portugal prestou á mesma Hespanha durante a guerra da peninsula. «Olivença, dizia a este respeito o marquez de Aguiar do Rio de Janeiro no seu respectivo officio, nunca póde ser compensação da reversão da Guyenna, e sua alteza real preferiria, *e prefere mesmo abandona-la*, quando da sua reincorporação á monarchia portugueza houvesse de resultar tão grande prejuizo. Portanto sua alteza real não póde approvar que se solicitasse a mediação da França e das outras potencias sobre um objecto que é mais de capricho pela maneira por que foi extorquido, do que importante, ou seja em rasão do rendimento, ou de praça militar». Por aqui se vê bem qual a consideração que aos proprios ministros portuguezes, gerindo os negocios do Brazil, mereciam os interesses da sua antiga patria, em presença dos do mesmo Brazil. Mas como a Inglaterra só procurava as suas vantagens, e julgava que para melhor as conseguir era o conformar-se inteiramente com as exigencias da França, quanto á restituição da Cayenna, nada lhe importou sacrificar os interesses do seu alliado para garantir os seus, nem por tal motivo quiz dar peso algum ás rasões do plenipotenciario portuguez sobre este assumpto, de que resul-

[1] *Memorandum secreto de Cheltenham*, impresso em Londres pelo conde de Funchal no anno de 1814, podendo tambem consultar-se na sua falta, visto ser obra rarissima, o documento n.º 121.

tou ter effectivamente o Brazil de entregar por fim Cayenna á França[1].

Findára portanto definitivamente a guerra em que as differentes nações da Europa se achavam empenhadas com a França por meio da paz geral, que com ella fizeram em 30 de maio de 1814. Não seremos nós o que n'este logar iremos apresentar ao leitor o juizo critico sobre a grande catastrophe, succedida a Napoleão Buonaparte em resultado das suas cam-

[1] Para aqui terminarmos esta questão de Cayenna, diremos na presente nota o seguinte, em additamento ao que acima se lê. O principe regente de Portugal, ratificando a convenção da suspensão das hostilidades com a França, datada de 23 de abril de 1814, não se prestou a ratificar o tratado de 30 de maio do mesmo anno, no tocante ao artigo 10.º, tendo-o por incompativel com a sua dignidade real e os direitos da sua corôa; e como consequencia d'esta determinação, os ministros plenipotenciarios portuguezes, nomeados para o congresso de Vienna, receberam ordem de entabolar uma nova negociação com os alliados e a França, ou separadamente com esta potencia sobre bases mais compativeis com a independencia de Portugal e com condições mutuamente honrosas para os dois estados. Assim se fez portanto, e a negociação teve effectivamente logar, discutindo-se sómente entre os plenipotenciarios portuguezes e o principe de Talleyrand, quaes os limites entre a Guyenna franceza e a portugueza, querendo os primeiros que se fixassem no rio Oyapock, por ser este limite um direito adquirido e reconhecido legitimamente pelo tratado de Utrecht, ao passo que por outro lado era isto conforme ao *statu quo* de 1792, base fundamental do citado tratado de 30 de maio de 1814.

Foi no dia 28 de agosto de 1817 que o ministro de Portugal em Paris, Francisco José Maria de Brito, assignou com o duque de Richelieu a convenção da entrega de Cayenna até ao citado rio Oyapock, que desemboca no oceano entre o 4º e 5º de latitude septentrional, e até 322º de longitude a leste da ilha de Ferro pelo parallelo 2,24" de latitude septentrional. Foi alem d'isso obrigado a convir na estipulação de se nomearem commissarios para definitivamente se fixarem os limites das duas Guyennas, conforme o rigoroso sentido do citado tratado de Utrecht, e das estipulações do congresso de Vienna, devendo os commissarios terminar os seus trabalhos dentro de um anno decorrido depois da sua reunião, e quando os ditos commissarios se não acordassem, tinham ambos os governos de fazer uma convenção amigavel debaixo da mediação de Inglaterra, e sempre conforme ao sentido rigoroso do citado artigo 8.º do referido tratado de Utrecht, garantido por aquella potencia. Serios

panhas do norte da mesma Europa, nem tão pouco sobre o aspecto da nova ordem de cousas que ia começar em França, depois da entrada que na cidade de París fizeram os soberanos da Russia e Prussia; mas iremos, em vez do nosso proprio trabalho, apresentar-lhe o de um notavel contemporaneo, notavel pelo seu talento, e não menos notavel pela sua alta posição social. Para portanto satisfazermos sobre este ponto a justa curiosidade do mesmo leitor, aqui lhe offerecemos ao

e acalorados debates teve o ministro portuguez com os duques de Richelieu e de Wellington sobre o incluir-se na convenção da entrega de Cayenna a fixação definitiva dos limites d'esta colonia, e não em convenção separada e posterior á da restituição. O duque de Wellington chegou até a romper no excesso de ameaçar o ministro portuguez com o armamento de uma expedição para que a França tomasse á força entrega de Cayenna; mas apesar das suggestões insinuadas pelos ministros alliados e da versatil mediação da Inglaterra, a que se tinha recorrido, insistiu sempre em que aquella entrega se não effeituasse sem uma linha claramente demarcada, embora ella fosse provisoria, desde as cabeceiras do Oyapock para o interior. N'estas diligencias, coroadas por fim de feliz exito, foi Francisco José Maria de Brito poderosamente auxiliado pela cooperação e bons officios do então conde de Palmella, embaixador de Portugal em Londres. Por este modo se manteve á corôa portugueza, alem dos direitos adquiridos em Vienna, um ponto fixo no extremo da linha, como o de 322° de longitude a leste da ilha de Ferro, circumstancia que afastava os francezes mais de oitenta leguas do rio Branco, em que terminava a linha traçada pelo tratado de 1801. Esta estipulação foi alem d'isto communicada por meio de uma nota, que aos ditos duques o mesmo Brito lhes dirigiu, para ficar registada no protocollo da conferencia, e communicada ás suas respectivas côrtes.

Foi pois no dia 3 ou 4 de novembro do supracitado anno de 1817 que fundeou á vista do porto de Cayenna uma esquadra franceza, que ía tomar conta d'aquella colonia, sendo as tropas que para ella se destinaram commandadas pelo general conde Carra Saint-Cyr, que desembarcou no dia 8 do dito mez, e tomou conta da dita colonia, sendo-lhe entregue pelo respectivo governador militar portuguez, o brigadeiro Manuel Marques, mediante uma convenção, que mais foi extorquida pela força, á vista da intimação que se lhe fez para ser entregue em tres dias, do que por acordo amigavel do referido brigadeiro, o mesmo que tambem aconteceu na parte que lhe tocava ao desembargador João Severiano Maciel da Costa, como intendente geral d'aquella colonia. Sobre esta materia póde tambem ver-se o documento n.° 122.

seu exame o officio que a tal respeito dirigiu para o Rio de Janeiro com o nome de *Quadro Politico,* o então conde de Palmella na data de 20 de junho do citado anno de 1814, nomeado como depois foi pelo principe regente seu ministro plenipotenciario, tanto para na dita cidade de París tratar com o novo governo da França os ajustes e convenções, relativos a Portugal, como para igualmente o representar no futuro congresso das potencias européas em Vienna de Austria. A alta capacidade d'este nosso diplomata, seguramente um dos mais abalisados e da mais justa reputação que o nosso paiz tem tido, transluz manifestamente em similhante officio, provando pela profundidade das suas vistas e sensatez dos juizos que n'elle emitte, o acerto da nomeação que para tão altas commissões se lhe dera. Acompanha-nos portanto a crença de que n'esta publicação fazemos um bom serviço ao paiz, e de que nada melhor podiamos apresentar aos leitores para preencher os seus desejos do que o conteúdo em tão importante documento, importante aliás não só pelo grande talento e transcendentes vistas politicas do seu auctor, como pela summa auctoridade que faz, quanto ao que nos diz, testemunha occular como foi do que relata. Começa pois tão importante documento dizendo:

«Não se póde notar na historia uma epocha mais extraordinaria, nem scenas mais interessantes, do que as que apresentou a cidade de París nos mezes de março, abril e maio d'este anno. A tomada d'esta capital foi o remate estrondoso de uma guerra de vinte e cinco annos, durante os quaes a Europa se viu ameaçada, ora de uma total subversão na ordem social, ora do jugo da mais dura escravidão.

«A revolução que se operou em París, ao mesmo tempo que os exercitos alliados se apoderaram da cidade, é summamente curiosa de observar. Caíu de repente a venda, que cobria os olhos de toda a nação franceza. Desataram-se todas as linguas em improperios contra o tyranno, e com a volta de seu legitimo soberano, se concebeu a esperança de ver acabada a revolução. Esta esperança comtudo póde mallograr-se ainda; nem depois de tão grande tempestade se acalmam

facilmente as ondas. Existe ainda nos espiritos uma grande fermentação, e o orgulho do exercito francez, que ainda ha poucos mezes se julgava senhor do mundo, e que viu agora um general russo governador de París, e os portuguezes e inglezes senhores de Bordeaux e Tolosa, acha-se extremamente ultrajado.

«Este exercito, augmentado agora com a volta de todos os prisioneiros e com a reconcentração das guarnições e destacamentos espalhados, póde-se dizer que forma em França, pelo espirito de descontentamento que n'elle reina, como uma segunda nação.

«Todos concordão agora em pensar que Buonaparte n'estes ultimos dois annos havia perdido muito d'aquella intensa actividade e promptidão de espirito, que caracterisou o principio da sua carreira; e é mesmo de crer que houvesse um verdadeiro desmancho no seu cerebro, pois a não ser assim, não poderia explicar-se a extrema cegueira e a serie de desatinos, que por fim o precipitaram de um throno onde os seus mesmos inimigos trabalharam pelo sustentar.

«Depois do maximo erro que commetteu em recusar uma paz em Praga, que o deixava ainda senhor da França até ao Rheno, da Italia, e da Hollanda, obstinou-se contra o parecer de todos os militares em sustentar a posição de Dresde e a linha do Elba; e batido ao depois completamente em Leipsik, obrigado a retirar-se sobre as fronteiras da França, sacrificou um exercito immenso em guarnições de praças, e que já lhe não era possivel soccorrer, e em vez de reconcentrar todas as suas forças para defender a passagem do Rheno, ou ao menos para cobrir París, continuou com 60:000 homens uma guerra inutil na Italia, conservou 20:000 em Catalunha, e esquecido do seu antigo systema, não soube mostrar-se em parte alguma superior, nem mesmo igual em numero aos seus inimigos. É um facto sabido que o exercito, á testa do qual se havia finalmente posto, nunca passou de 60:000 homens, e teria sido esmagado logo depois da batalha de Brienne, a não serem os conselhos timidos, que prevaleciam no quartel general alliado, e as contemplações do imperador de

Austria, que se não podia resolver a precipitar do throno sua filha.

«O imperador de Austria comtudo viu-se precisado a dar esse passo, porquanto Bounaparte, inflexivel na sua obstinação, recusou ainda a paz que se lhe offereceu em Chatillon, e poz os alliados na alternativa de lhe darem o ultimo golpe, ou de prolongar infinitamente uma guerra, que ia tornar-se mais perigosa para elles, porque os povos da França incommodados, como de natural, pelos exercitos invasores, começavam a fermentar e a pegar em armas, e dariam talvez a esta guerra um caracter nacional, que ella até então nunca havia tido.

«Um erro militar que Napoleão commetteu, e a marcha rapida dos alliados sobre París, decidiram n'um instante a contenda, e apenas os exercitos tocaram aquelle ponto fatal, o imperio de Napoleão se desvaneceu, como uma illusão sonhada, e deixou o mundo attonito ainda mais da facilidade com que elle perdêra a corôa, do que da immensa fortuna que lh'a havia dado.

«Já desde os principios de março alguns inimigos secretos do governo de Buonaparte, á testa dos quaes figura mr. de Talleyrand, tinham estabelecido communicações com o quartel general dos alliados, e principalmente com o imperador Alexandre. Sabia-se por elles que o senado levantaria a voz contra Napoleão, logoque o podesse fazer sem risco, e contava-se com rasão sobre a grande influencia que teria em todas as provincias da França o exemplo da cidade de Parìs. A difficuldade porém consistia em saber qual seria o governo que se substituiria ao de Buonaparte.

«Varios principes da familia Bourbon se achavam já no territorio francez. O conde de Artois estava em Nancy, o duque de Barry procurava desembarcar em algum ponto da Normandia, e o duque de Angouleme, debaixo dos victoriosos auspicios do exercito anglo-luso, tinha conseguido fazer aclamar a Luiz XVIII na cidade de Bordeaux, e formar um partido n'aquellas provincias. Porém é mister confessar em honra da verdade, que os partidistas leaes e exaltados do legitimo

soberano eram pouco numerosos em França. As continuas e rapidas mudanças de governo e de idéas, occasionadas pela revolução, tinham apagado no coração da maior parte dos francezes todos os principios de religião, de fidelidade e de amor, ou, para melhor dizer, toda a casta de principios, excepto os do egoismo.

«As vendas dos bens confiscados da corôa, do clero e dos emigrados; o transtorno geral que d'ahi se seguiu nas riquezas dos particulares, o grande numero de empregados, que vivem unicamente dos seus soldos; emfim a influencia dos generaes e officiaes do exercito, acostumados ha tantos annos a gosar dos roubos e da devastação de toda a Europa, eram outros tantos obstaculos ao restabelecimento da casa de Bourbon. Por outra parte é natural de suppor que o imperador de Austria desejasse conservar o throno da França ao seu neto e a regencia á imperatriz Maria Luiza; e excluida que fosse a unica pessoa de Napoleão, se conservavam no *statu quo* as riquezas e os empregos das creaturas da revolução e dos chefes do exercito.

«Tal era a indecisão dos espiritos no momento em que os exercitos alliados chegaram a Paris. Todos os francezes concordavam em achar já intoleravel o peso da guerra; todos se recusavam ás contribuições e á conscripção; o exercito estava aniquilado; todos finalmente detestavam a tyrannia de Buonaparte; mas parecia summamente difficil o adivinhar a verdadeira intenção dos alliados e o combina-la com os desejos dos differentes partidos, que se manifestavam em França.

«A proclamação do principe de Schwartzenberg, quando chegou ás portas de Paris (*Monitor* n.º 91), e a declaração do imperador Alexandre (*Monitor* n.º 92), indicam que os soberanos alliados estavam elles mesmos duvidosos do partido que conviria adoptar, e desejavam, antes de se declararem, sondar a opinião publica da capital. A mesma hesitação se observou nas famosas sessões do senado e do corpo legislativo (*Monitor* n.os 92 a 94), nas quaes se tratou de tirar a corôa a Buonaparte, mas não de indicar o seu successor.

«Com effeito, para o socego da França e da Europa, essa indecisão durou pouco, e prevaleceu a causa a mais justa. Considerou-se que uma revolução, que sem tirar a vida a Buonaparte, deixasse a corôa ao seu filho, não podia ser nem completa nem segura. Entretanto alguns fieis servidores da familia de Bourbon aproveitaram os dois dias de interregno para espalhar proclamações em nome de Luiz XVIII. Alguns escriptores, entre outros Chateaubriand, procuraram felizmente excitar a opinião publica a seu favor. Ouviram-se finalmente algumas vozes acclamar nos *Boulevards* o nome do legitimo soberano. Mr. de Tayllerand influiu, segundo se diz, essencialmente para que este movimento fosse seguido pelo senado (*Monitor* n.º 97), e a approvação immediata do imperador Alexandre e de el-rei da Prussia não deixou ao imperador de Austria (que ainda n'esse tempo não se achava em París), outro recurso senão imitar aquelles dois soberanos.

«O exemplo de Paris, como sempre aconteceu durante a revolução, foi seguido immediatamente por toda a França. O senado e o corpo legislativo, porém, julgaram que poderiam impor algumas condições a Luiz XVIII, e decretaram as bases de uma constituição (*Monitor* n.º 98), que el-rei deveria aceitar e jurar antes de tomar as redeas do governo.

«Os principaes artigos d'essa constituição eram calculados para conciliar os differentes partidos, assegurando aos restantes do partido republicano uma constituição liberal, aos realistas e emigrados o restabelecimento, não só do soberano legitimo, mas tambem dos seus titulos e dignidades, e a todos os filhos da revolução a conservação das fortunas, bem ou mal adquiridas, e uma amnistia geral. Finalmente os senadores seguraram para si mesmos a conservação dos seus empregos e ordenados.

«Emquanto isto acontecia em París, Napoleão, abandonado já pela nação e pela maior parte do exercito, esperava em Fontainebleau a decisão da sua sorte. No dia seguinte ao da batalha de Montmartre, tinha elle chegado ás vizinhanças de París com alguma tropa, que o seguia a marchas forçadas; e vendo baldada a esperança de salvar a capital, tinha-se reti-

rado para o lado de Fontainebleau, a fim de reunir ahi os restos do seu exercito e de conservar a communicação livre com as divisões de Marmont e de Mortier, que por capitulação tinham avacuado París. Já a esse tempo a desorganisação e deserção no exercito francez tinha chegado ao extremo, e a defecção de Marmont, em consequencia do decreto do senado (*Monitor* n.º 97), deu o ultimo golpe, e reduziu Napoleão, sem ter sido derrotado pessoalmente, nem aprisionado, á precisão de morrer ou de capitular.

«Contra a expectação de quasi todo o mundo, Buonaparte preferiu o segundo partido, e achou inimigos assás generosos para o deixarem viver. Ninguem duvida agora, que se elle tivesse tido animo para tentar um esforço desesperado, teria achado ainda alguns regimentos, e principalmente os chamados da velha guarda, dispostos a sacrificar-se por elle. Os exercitos que elle conservava ainda na Italia e no meio-dia da França, as fortalezas e as provincias não invadidas podiam offerecer-lhe asylos e recursos para prolongar uma guerra civil. Porém nada d'isto tentou, e com uma tranquillidade e resignação que chega a parecer extravagante, disse a algum dos seus confidentes, logo que soube o decreto do senado, que depois de ter deixado chegar os inimigos a París e perder aquella capital, que desde o tempo de Clovis nunca fôra tomada, já não era digno de reinar sobre os francezes, e só desejava que se conservasse a corôa a seu filho e a regencia a sua mulher.

«Com esta proposição se dirigiram mr. de Caulaincour e o marechal Ney aos soberanos alliados, porém já não foram recebidos, porque a esse tempo se havia a cidade de París declarado a favor dos Bourbons; e recebendo Buonaparte essa noticia, sem a menor hesitação nem difficuldade, escreveu da sua propria letra o acto da sua abdicação (*Monitor* n.º 102), reservando-se unicamente a residencia da ilha de Elba e a pensão que ao depois se lhe assegurou no tratado, que com elle se assignou no dia 11 de abril.

«Vencido aquelle obstaculo, que parecia insuperavel, e desligado por esse modo o exercito francez do juramento que

prestára ao seu chefe, todos os generaes, governadores de praças, corporações, tribunaes, etc., protestaram guardar fidelidade á familia real de Bourbons, e encheram-se as gazetas de cartas e discursos tão cheios de lisonjas, como os que poucos dias antes se dirigiam a Buonaparte, dictados mais pelo desejo de conservar ou de adquirir empregos, do que por sentimentos de lealdade. Um só de entre os commandantes do exercito (o marechal Soult), mostrou alguma hesitação, e a isso se deve talvez o ultimo triumpho do exercito anglo-portuguez em França, a batalha de Tolosa, triumpho mais para ser lamentado que celebrado, pelo sangue ali vertido, que se poderia ter poupado [1].

«Soult protestou que ignorava ainda n'esse tempo a restauração dos Bourbons em Paris, e a abdicação de Buonaparte. Porém a sua conducta a todos pareceu duvidosa, tanto assim que Suchet, cujo exercito se achava então reunido ao de Soult [2], e por conseguinte estava debaixo das suas ordens, se separou d'elle, e antecipou-se a negociar com o duque de Wellington o seu armisticio particular. (*Monitor* n.º 122.)

«No dia 13 de abril fez a sua entrada solemne em Paris monsieur (o conde de Artois), e dois dias depois foi declarado tenente general do reino, em virtude de uma nomeação de el-rei Luiz XVIII (*Monitor* n.os 103 a 105). Os discursos que pronunciou este principe no momento da sua chegada, e depois quando o senado o foi comprimentar em qualidade de tenente general do reino, pareceram a todos perfeitamente apropriados ás circumstancias; e sem aceitar a constituição decretada pelo senado e corpo legislativo, explicou-se comtudo bastante para assegurar a nação, que el-rei seu irmão adoptaria as principaes bases d'ella.

«Quasi todos os dias do governo do conde de Artois são notaveis por decretos ou actos da maior importancia, e o principal de entre estes foi sem duvida o armisticio, assignado

[1] Parece-nos injusta esta delicada accusação, á vista do que já n'outra parte dissemos sobre este ponto.

[2] Ainda não estava unido ao de Soult o exercito de Suchet, como tambem já vimos, não obstante a citação que acima se faz do *Monitor*.

com os plenipotenciarios das potencias alliadas, pelo qual se legalisou de certo modo a suspensão de armas, que já existia de facto desde a restauração dos Bourbons. Traçou-se uma linha divisoria para o acantonamento dos exercitos alliados e do exercito francez, abriram-se as communicações maritimas, etc.

«O governo provisorio, que se tinha formado no dia 1.º de abril, composto de cinco senadores e presidido pelo principe de Benevento, ficou, depois da chegada de monsieur a París, sendo o seu conselho d'estado. Enviaram-se commissarios a todas as provincias, encarregados de restabelecer o socego, de fazer acclamar Luiz XVIII, e de prevenir qualquer desordem. Nos ultimos dias de abril chegou a París o duque de Berry. Este principe é d'entre os da sua familia, o unico que pela sua idade e vigorosa saude dá idéas ao exercito de se dedicar á vida militar, e é tambem sobre elle que descansam as esperanças de successão para o throno, pela idade de el-rei e de monsieur, e pela esterilidade da duqueza de Angouleme.

«O duque de Berry foi pois recebido com bastante enthusiasmo pelos povos das provincias, desde Nantes onde desembarcou até París; mas não achou sempre a mesma boa disposição nos regimentos que passou em revista, e conta-se que Açam de Hero (?) o recebêra com gritos de viva o imperador, aos quaes o duque de Berry com grande promptidão de espirito respondeu: «Amigos, tendes um mau costume que é necessario perder, tornae a gritar commigo, viva el-rei», e foi seguido pelas acclamações de toda a tropa.

«Chegou finalmente Luiz XVIII a París no principio de maio, e foi recebido com a solemnidade devida. A sua partida de Inglaterra tinha-se demorado em parte por motivo de um ataque de gota, de que se achava acommettido, e em parte por dar tempo a seu irmão, e a seus confidentes de sondar os espiritos, e de assentar na conducta que deveria seguir, relativamente ao aceite da constituição. O systema que elle adoptou a esse respeito (*Monitor* n.º 123), foi o mesmo que monsieur já tinha indicado, isto é, não aceitar a constituição

tal qual o senado a tinha decretado, mas declarar que assentiria ás bases principaes d'ella. Desde os primeiros dias da sua chegada nomeou pois el-rei uma commissão, composta de alguns individuos do senado e do corpo legislativo, de mr. de Ambray, nomeado chanceller de França, e de algumas outras pessoas de sua confiança para prepararem a nova constituição.

«Immediatamente depois tratou de formar o seu ministerio (*Monitor* n.º 134), e os principaes ministros nomeados foram, para os negocios estrangeiros o principe de Benevento, para a guerra o general Dupont (o mesmo que perdeu a batalha de Baylen), para as finanças mr. Luiz, para os negocios do reino o abbade de Montesquieu (um dos cinco membros do governo provisorio), e para a marinha mr. Malouet.

«Entretanto desde Hamburgo até Barcelona, todas as praças ainda occupadas pelos francezes e todos os destacamentos dos seus exercitos tinham reconhecido a Luiz XVIII e cessado as hostilidades, conforme as ordens recebidas de París. Não aconteceu porém inteiramente assim na Italia, onde Napoleão conservava um exercito de mais de 60:000 homens debaixo do commando do vice-rei Beauharnais. Este exercito, habilmente dirigido pelo seu chefe, que ainda agora conserva a estimação das tropas e dos povos que governou, tinha bastado para demorar os progressos de um exercito austriaco superior em numero; e teria talvez offerecido a Buonaparte um poderoso recurso nos ultimos lanços da sua campanha, sem dois accidentes imprevistos, que sobrevieram e que baldaram todos os calculos de Beauharnais. O primeiro foi a defecção de Murat, que vendo o caso mal parado para a sua familia, desamparou repentinamente as bandeiras de Napoleão, e assegurou (ao menos temporariamente), para si a corôa de Napoles, por meio de um tratado com a Austria, pelo qual a massa das forças alliadas em Italia, adquiriu o acrescimo do exercito napolitano. Este exercito, de mais de 30:000 homens, tinha avançado até Bolonha como amigo ainda dos francezes, e achava-se por consequencia em situação de atacar pelo flanco o exercito do vice-rei, assim como

a divisão, que lord William Bentinck tinha desembarcado sobre a costa de Genova, o ameaçava pela retaguarda.

«O segundo accidente foi uma insurreição que de repente se manifestou em Milão (*Monitor* n.º 126), onde o vice-rei comtudo era muito amado; mas os milanezes julgaram que o unico meio, que lhes restava de ficarem sendo um estado independente, seria o declararem-se contra os francezes, e evitarem por consequencia ser conquistados, fazendo com os austriacos uma especie de capitulação.

«Achou-se pois Eugenio Beauharnais na impossibilidade de sustentar por mais tempo a campanha, e assentou que só lhe restava o recurso de evacuar a Italia com o exercito puramente francez, que commandava, e que passava ainda de 30:000 homens. Assignou portanto com o general austriaco Bellegarde uma convenção para esse effeito, entregando-lhe todas as praças do reino de Italia (*Monitor* n.º 121), e pouco depois o principe Borghese, governador do Piemonte, assignou outra similhante (*Monitor* n.º 130).

«Buonaparte, ou fosse por molestia, como se disse, ou por algum outro motivo occulto, demorou-se em Fontainebleau perto de tres semanas, depois de assignar o seu tratado com os alliados. Por esse tratado, em rasão da magnanimidade do imperador Alexandre, dos sentimentos de affecto, de que ainda se não pôde desfazer o imperador de Austria para com um tal genro; e tambem por não azedar o exercito francez, no qual ainda conserva tantos partidistas; por esse tratado digo, se lhe concedeu em sua vida a soberania da ilha de Elba, com uma renda de 6 milhões de francos, que a França se obriga a pagar-lhe annualmente, para serem repartidos entre elle, e a sua familia toda. Conservou-se-lhe demais o titulo de imperador, e prometteu-se á archiduqueza Maria Luiza, a seu filho, e á sua posteridade a soberania dos ducados de Parma, Placencia e Guastalla.

«Emquanto durou a sua demora em Fontainebleau, conservou pouco mais ou menos 6:000 homens da sua velha guarda, que não quizeram abandona-lo, e tres ou quatro dos seus ajudantes de ordens. Porém o general Bertrand foi o unico que

o acompanhou para a ilha de Elba. A sua jornada desde Fontainebleau até ao porto, onde embarcou a bordo de uma fragata ingleza (*Monitor* n.º 130), foi bastantemente perigosa para elle; principalmente desde que entrou nas provincias meridionaes, e foi-lhe necessario disfarçar-se, viajar de noite para escapar ao furor dos povos por onde transitava. Custou muito aos quatro commissarios alliados, que o acompanhavam, salvar-lhe a vida, por mais que o recatassem. Dizem algumas pessoas que elle manifestára bastante medo durante essa jornada; e não parecia ser o mesmo homem, que um mez antes se tinha exposto repetidas vezes á morte nos ultimos combates da sua ultima campanha.

«Não caberiam nos limites, que devo prescrever-me, todas as anecdotas que se contam d'elle, depois da sua abdicação, nem seria facil agora o separar as verdadeiras das falsas. É certo porém que tudo o que se diz de um individuo tão extraordinario, excita por extremo a curiosidade, e é de esperar que as pessoas que viveram com elle n'esta epocha reservem para o publico a noticia do que observaram; e não será impossivel que elle mesmo, por falta de outras occupações, se encarregue d'esse trabalho, pois mais de uma vez declarou que pretendia empregar o seu ocio na ilha de Elba em estudar, e escrever memorias da sua vida. Em Fontainebleau mostrou, segundo dizem, um socego de espirito incrivel, conversando com os officiaes que o rodeavam, sobre os ultimos acontecimentos com sangue frio verdadeiro ou affectado. As unicas duas pessoas de quem ouvi que elle se queixava, são Murat e Marmont, pelos quaes não suppunha dever ser atraiçoado. Levou para a ilha de Elba alguns litteratos, entre outros um astronomo, a cuja sciencia se quer applicar; e parece que tem lá vivido até agora tranquillamente.

«Para acabar de uma vez tudo quanto diz respeito á sua familia, que infelizmente tem dado tanto que fazer ao mundo todo, direi a v. ex.ª, que José Buonaparte, o ex-rei de Hespanha, fugiu de Paris no dia da batalha, depois de ter publicado uma proclamação, excitando os parisienses á defeza da cidade; e rematou com esse acto de cobardia a sua vida po-

litica. Juntou-se em Blois com seu irmão Jeronymo, o ex-rei de Westphalia, e ahi quizeram ambos, á sombra da archiduqueza Maria Luiza, e do pequeno rei de Roma, conservar uma especie de governo, mesmo depois da abdicação de Buonaparte; mas isso durou mui pouco, porque nenhum d'elles tinha credito, nem talento bastante para similhante projecto; e foram obrigados a fugir cada um para onde pôde. José está actualmente estabelecido em Berne, e Jeronymo com sua mulher, a princeza de Westphalia, se retirou para uma pequena cidade de Austria. Luiz, desde que abandonou o throno da Hollanda, não tinha voltado á França, e ainda agora se conserva, não sei em que cidade da Suissa. Luciano, que tinha sido tratado e considerado em Inglaterra quasi como prisioneiro, obteve depois da paz a sua liberdade, de que se aproveitou para voltar para Roma, onde pretende estabelecer-se, e considerar-se como subdito do papa. A sua principal occupação agora é cuidar da publicação de um poema, que escreveu em versos francezes, e que tem por titulo *Carlos Magno*. A mãe de Napoleão e o cardeal Fesch tambem se retiraram ambos para Roma. Emquanto ás irmãs de Napoleão, a ex-gran-duqueza de Toscana (madame Baciochi), está, segundo ouvi, em Bolonha. A princeza Borghese foi visitar seu irmão á ilha de Elba, e é a unica da sua familia que lhe deu esta prova de amisade. Madame Murat ainda está representando o papel de rainha de Napoles, porém não falta quem lhe prognostique, que não permanecerá muito tempo n'esse posto, sem embargo da protecção do principe de Metternich, a cuja antiga amisade se attribue o tratado com Murat. A imperatriz Josephina, que depois da entrada dos alliados em Paris, tinha ficado tranquillamente na sua casa de campo de Malmaison, onde recebeu visitas e obsequios do imperador da Russia e de el-rei de Prussia, como de outras pessoas notaveis que se achavam em Paris, falleceu ha poucos dias de uma febre maligna, deixando muita gente saudosa, pois sempre se tinha distinguido pela bondade e generosidade de seu genio de toda a familia de Napoleão. Seu filho, o vice-rei de Italia, veiu a Paris depois da sua ultima campanha, e foi mui bem

recebido por el-rei, que lhe confirmou a graduação de general francez, e o tratou de principe Eugenio. Agora depois da morte de sua mãe, partiu para Munich, aonde se achava a sua mulher, a princeza de Baviera; e suppõe-se que no congresso de Vienna se tratará, em contemplação de el-rei de Baviera, de se lhe dar algum pequeno estado em Allemanha. Sua irmã, a ex-rainha de Hollanda, ficou tambem em París, e el-rei concedeu-lhe o titulo de duqueza de Saint-Leux, com 400:000 francos de pensão reversiveis para os filhos. Finalmente a archiduqueza Maria Luiza acha-se actualmente em Schöubrun em companhia de seu pae, e ainda se não sabe se ahi permanecerá, ou se irá estabelecer-se nos seus novos estados de Parma.

«O mez de maio foi principalmente empregado em París em preparar e concluir a grande obra do tratado de paz com a França. Nada direi sobre este assumpto, por ser inteiramente alheio do que me propuz n'este officio, e porque alem de ter sido extensamente tratado nos officios do sr. conde de Funchal, é por si mesmo de tal magnitude e importancia, que se não deve misturar com outro algum. N'aquellas negociações intervinham, alem dos plenipotenciarios respectivos, varios ministros nomeados pelos soberanos para adiantar e dividir o trabalho em commissões preparatorias; e os soberanos, elles mesmos, que a esse tempo se achavam em París, mais de uma vez os trataram directamente em conferencias com Luiz XVIII. Entretanto a cidade de París tinha-se transformado no maior quartel general que nunca existiu.

«É difficil formar-se uma idéa do magnifico espectaculo que apresentavam as revistas militares, em que se viam as guardas russas, prussianas e austriacas, assim como espectadores militares, e uniformes de todas as côres, que matizavam as ruas de París. Entre os mais illustres espectadores estrangeiros, que assistiram a estas revistas, deve contar-se o duque de Victoria, que veiu a París no principio de maio, e tornou logo a partir para Hespanha, a fim de comprimentar o senhor D. Fernando VII. Este illustre general deve voltar bre-

vemente aqui para desenvolver o caracter de embaixador de Inglaterra.

«Poucos dias antes da assignatura da paz deu o principe de Schwartzenberg uma festa e um baile magnificos no palacio de Saint-Cloud, onde tinha o quartel general. Foram a este baile todos os principes estrangeiros que se achavam em París, e entre outros o duque de Berry. Esta festa, dada pelo commandante em chefe dos exercitos alliados no palacio de Saint-Cloud, a que assistiram immensos generaes francezes, vingou nobre e cavalheiramente a Europa toda das insolencias sem numero e sem medida, que por tantos annos soffreu d'aquelles mesmos generaes. (*Monitor* n.º 139.)

«Fóra d'essa festa, e dos theatros sempre cheios de officiaes estrangeiros, París não apresentou durante esse tempo nenhum dos divertimentos de que costuma sempre abundar. As sociedades estão quasi todas fechadas, e a casa do principe de Benevento é a unica em que se recebe gente todas as noites.

«El-rei, e os principes da sua familia, têem ido algumas vezes aos principaes theatros, e recebem sempre n'essas occasiões applausos, de que o publico de París não costuma ser avarento, principalmente quando a situação das personagens na peça, ou nos versos que os actores declamam, se acha alguma idéa que possa applicar-se aos augustos espectadores. Monsieur, o conde de Artois, caíu gravemente enfermo por esse tempo, e até correu perigo de vida, porém actualmente acha-se em perfeita convalescença. Seu filho, o duque de Angouleme, depois de uma longa demora nas provincias do meio dia da França, chegou finalmente a París, e tornou a deixar a capital poucos dias depois para visitar em qualidade de grande almirante alguns dos principaes portos de mar.

«O duque de Orleans chegou tambem a París nos fins de maio para cumprimentar a el-rei, mas demorou-se pouco tempo e partiu para Londres, d'onde deve voltar á Sicilia para buscar a duqueza sua mulher. Dizem que esse principe trata, como é natural, de obter dos alliados soberanos a res-

tituição para el-rei da Sicilia, seu sogro, do throno de Napoles, ou alguma competente indemnisação.

«Finalmente no dia 2 de junho assignaram os plenipotenciarios dos alliados a paz com a França (*Monitor* n.º 133), a qual foi solemnemente proclamada no dia seguinte pelas ruas de París, ainda sem se esperar pelas ratificações. Dois dias depois (*Monitor* n.º 134), partiu o imperador de Austria de volta para seus estados, o imperador da Russia e el-rei de Prussia para uma viagem de curiosidade a Inglaterra. Entregaram-se os postos militares de París á guarda nacional (pois para se evitar disputas e duellos não se tinha chamado ainda para París nenhum corpo francez de tropa de linha), e os exercitos alliados se pozeram em marcha para as fronteiras, desapparecendo subitamente a multidão de estrangeiros que enchiam a capital.

«El-rei tinha, segundo parece, esperado pela assignatura da paz, e pela partida dos soberanos alliados, antes de promulgar a nova constituição. No dia 4 de junho convocou o senado, e o corpo legislativo, e transportou-se com grande pompa e apparato, acompanhado dos principes da sua familia, dos marechaes de França, e officiaes da sua casa, á sala do palacio, onde se costuma ajuntar o corpo legislativo. Ali sentado no throno, e em presença de um concurso luzido e numeroso, pronunciou um breve discurso, e mandou ler pelo chanceller do reino a *Carta Constitucional*, que deverá para o futuro reger a França. (*Monitor* n.º 136.) Como este documento merece ser lido por extenso, seria escusada aqui uma analyse d'elle; bastará observar que esta nova constituição está moldada com algumas modificações sobre a que o senado tinha adoptado nos principios de abril, e até certo ponto imita as fórmas e instituições inglezas.

«Ha porém differenças notaveis e essenciaes entre ellas; tal como o ser a dignidade de par sómente vitalicia, entretanto que em Inglaterra é hereditaria e perpetua; o serem as sessões da camara dos pares sempre secretas, o exigir-se que os deputados do corpo legislativo tenham ao menos quarenta annos de idade, etc., etc.

«Os pares nomeados n'essa occasião por el-rei (*Monitor* n.° 139), são todos os antigos duques francezes, algumas outras personagens de antiga nobreza, muitos dos senadores de Buonaparte, de entre os quaes foram excluidos 56 (30 como estrangeiros e 26 como regicidas, ou demasiadamente odiosos, taes como mr. de Caulaincour e Garat); e finalmente os marechaes de França, com algumas excepções, entre outras a de Soult, Massena e Jordan. A lista dos pares nomeados contém 134 nomes.

«Lida a *Carta Constitucional* e a lista dos pares, chamou o chanceller a estes, que todos tinham sido de antemão avisados, e aos membros do corpo legislativo para prestarem juramento de observar a constituição e serem fieis ao rei. Prestou-se este juramento, acto contínuo, por todos elles, sem a menor observação ou reflexão. El-rei annunciou que elle, e os seus successores no acto de serem coroados deveriam jurar a carta constitucional.

«O publico de París e a nação franceza, acostumados ha tantos annos a variar de constituições e de idéas continuamente, não têem recebido estas novas promessas, nem com enthusiasmo, nem com reconhecimento; e parecem estar persuadidas, que a nova constituição será tão ephemera, como as que a precederam. Querendo contemporisar com todas as opiniões e todos os partidos, el-rei, como succede quasi sempre em taes casos, não satisfez a nenhum. Os realistas e emigrados acham a constituição demasiadamente liberal, os do partido opposto julgam que as restricções, que n'ella se introduziram, bastam para a tornar inutil e nulla, e levam especialmente a mal, que el-rei a dictasse á nação como uma lei, e uma concessão absolutamente gratuita e voluntaria, em vez de consultar os corpos do estado ou a nação, e de dar tempo a reflexão antes de exigir que fosse aceita. Porém essas discussões não passam por agora de um circulo de pessoas bem pouco numeroso. A nação franceza já não é a mesma de 1789. A tyrannia de Buonaparte tornou-a insensivel a tudo. O menor de seus cuidados é agora a constituição; e el-rei a esse respeito não tem achado, nem no corpo legislativo, nem na opinião pu-

blica, uma resistencia que possa assusta-lo, ou que indique uma forte opposição.

«Outros são os perigos actuaes, e outros devem ser os objectos do cuidado de el-rei. Em primeiro logar, o exercito, como disse no principio d'este officio, se acha demasiado descontente; e cada dia o estará mais e mais, porque a reducção de forças a que a França se vê constrangida, obriga a reformar immensos officiaes, a diminuir as pagas de todos, e tira as esperanças de adiantamento n'uma carreira, na qual os officiaes francezes achavam ha tantos annos uma mina inexhaurivel de riquezas e de empregos. O exercito pois ainda conserva uma affeição intima áquelle chefe, que o fartou de gloria militar e de rapinas; e deseja vingar o seu amor proprio com uma nova guerra.

«Em segundo logar as finanças, que no estado actual da França apenas bastam para os gastos mais indispensaveis, e que se acham sobrecarregadas pela immensa lista de despezas, que Napoleão estabeleceu, quando dispunha das rendas de metade da Europa, e que se acham hoje desproporcionadas ao estado da França, pela divida exorbitante, que ainda não está fundada, nem garantida; e que ascende a um milhar quatrocentos e cincoenta e dois milhões de francos.

«Em terceiro, a volta dos emigrados de todas as classes, que reclamam agora os seus bens confiscados, e aos quaes pelo menos el-rei não se póde dispensar de conceder pensões, e de contemplar na distribuição dos empregos, descontentando assim um muito maior numero d'aquelles, que depois da revolução figuravam como a primeira classe da sociedade.

«Em quarto finalmente, o grandissimo numero de pessoas. que viviam de empregos e de soldos, que é preciso agora supprimir; de modo que apenas se póde contentar de entre mil uma. Estes são os espinhos que el-rei encontra actualmente por todos os lados, e que tornam a sua situação, se não perigosa, ao menos summamente difficil e delicada. A murmuração contra o governo, vicio habitual dos francezes, do qual

porém Napoleão os tinha á viva força emendado, torna agora a grassar de um modo espantoso. El-rei velho e achacado, os principes seus sobrinhos pouco acostumados a representação, e pouco aptos para a vida militar, não se acham com a actividade, nem com o tino necessarios para fazer face de todos os lados ao perigo; e na verdade quem chegasse de repente a França, sem saber a historia dos successos d'estes ultimos annos, julgaria que não houve tal revolução, e que se achava n'um reino decrepito de velhice e abusos, e não em uma monarchia novamente restaurada, e que sacudiu ultimamente o jugo da mais insoffrivel tyrannia.

«Tal é a fermentação dos espiritos e o descontentamento geral em França, que eu não exagero. Comtudo talvez que o tempo vá socegando pouco a pouco a tempestade; e o caracter da nação franceza é tal que na verdade não se póde julgar pelo que ella diz agora do que acontecerá para o futuro. Porém julguei necessario dar a v. ex.ª uma idéa sincera do que se passa agora na opinião publica, pois vista a distancia em que se acha d'este paiz, poderia formar um juizo errado, fundando-se unicamente nas apparencias, nos artigos lisonjeiros das gazetas, e no contentamento geral que os ultimos successos causaram em todos os que não são francezes. Os perigos ainda são graves e multiplicados para o socego da França e da Europa, e para a estabilidade do actual governo. Deus queira que el-rei de França e todos os outros soberanos o conheçam e adoptem os melhores meios para atalhar as consequencias.

«A paz assignada em Paris regulou sómente os limites da França e os interesses immediatos d'esta potencia com cada um dos alliados. Espera-se agora ver no congresso geral, que vae juntar-se em Vienna, o equilibrio da Europa estabelecido sobre bases solidas, e todas as questões de partilhas em Polonia, Allemanha e Italia decididas. A obra não é facil, nem poderá ser muito breve. Permitta o céu que ao menos seja solida. Desde agora se suppõe que a Russia adquirirá grande parte das provincias da Polonia, que ainda lhe faltam, e que serão regidas separadamente do imperio russo, conservando

o seu antigo nome. Diz-se que a Prussia, alem de recuperar as provincias que tinha perdido, se engrandecerá com a Saxonia, e que o corpo germanico receberá uma nova organisação, pela qual os estados menos poderosos ficarão ligados mais firmemente do que ha pouco o estavam ás potencias preponderantes.

«Na Italia adquire a casa de Austria quasi tudo o que formava debaixo do governo de Buonaparte o reino de Italia; e alem d'isso segura para um principe da sua familia o ducado de Toscana, e para outro (pois tal se deve contar agora o pequeno rei de Roma), os ducados de Parma e Placencia. A el-rei de Sardenha, em compensação da parte de Saboia, dar-se-ha, segundo se diz, o territorio de Genova com grande dissabor dos genovezes. Ao papa, em logar de se restituirem as tres legações que perdeu pelo tratado de Tolentino, parece que se quer tirar ainda alguma porção de territorio para engrandecer o reino de Napoles; e a el-rei de Sicilia se offerece, segundo se diz, em compensação do que perdeu, Corfú e as outras ilhas jonicas. O novo soberano de Hollanda engrandece consideravelmente os seus estados com a reunião da Belgica; e não é de suppor que a ruptura do casamento de seu filho com a princeza Carlota de Galles, de que se falla actualmente, faça mudar o plano projectado a este respeito.

«Os ministros e encarregados de negocios de sua alteza real em Suecia, em Roma, Hespanha e Piemonte, informarão mais cabalmente, do que eu posso faze-lo, dos importantes acontecimentos da Norwega; assim como das circumstancias que seguiram a restauração do senhor D. Fernando VII, do summo pontifice, e de el-rei de Sardenha nos seus estados. Estes acontecimentos são, depois dos de França e de Inglaterra, os que mais occupam a attenção da Europa.

«Parece-me tempo de acabar aqui esta compridissima exposição; e a abundancia e interesse do assumpto são taes, que em vez de pedir a v. ex.ª desculpa pelo desmedido tamanho do officio, devo mais depressa requerer perdão pelas indispensaveis omissões que deve achar. Para o futuro, es-

crevendo regularmente e a miudo, serei menos prolixo. N'esta occasião o meu objecto principal não foi o narrar factos desconhecidos, nem illustra-los com observações; mas reunir n'um só quadro, encadear n'uma só narração os principaes successos de uma epocha tão notavel, a fim de poupar a v. ex.ª talvez o trabalho de os procurar n'uma multidão de gazetas.

«Deus guarde a v. ex.ª muitos annos. París, 20 de junho de 1814.—«Ill.^mo e ex.^mo sr. marquez de Aguiar. = *Conde de Palmella.*»

Resta-nos agora pela nossa parte relatar ainda o pouco que nos falta dizer, quanto ao final da campanha do exercito luso-britannico nas provincias do sul da França durante o anno de 1814, campanha que poz o tão desejado termo á grande luta em que desde 1808 se achava tão altamente empenhado para a libertação da peninsula. Em conformidade portanto com isto diremos que ao passo que o referido exercito avançava para o interior da França, o tenente general sir John Hope tratava de investir a cidadella de Bayonna. Tendo para este fim juntado os cestões, faxinas e platafórmas, necessarias para atacar a cidadella, começaram por então a correr incertos e vagos rumores do que se passava em París; mas não por fórma tal, que podessem formalmente ser communicados á guarnição. Pela uma hora da noite de 14 de abril soube-se por um desertor francez, que os cercados projectavam fazer uma sortida contra o campo dos sitiadores, a que se seguiu principiarem aquelles a fazer effectivamente pelas tres horas da manhã um falso ataque sobre a margem esquerda do Adour, saíndo para este fim da cidadella em numero de 3:000 homens, os quaes surprehenderam as guardas principaes, atravessaram em muitos logares as linhas dos postos, e levantando grandes gritos, poderam apoderar-se da igreja e da aldeia de Saint-Etienne, á excepção de uma casa fortificada, defendida por uma força do regimento n.º 58. Senhores do terreno sobre todos os outros pontos, e derrubando tudo quanto adiante de si encontraram, repelliram as já citadas guardas, bem

como as reservas ao longo da estrada de Peyrehorade, mataram o general Hay, fizeram prisioneiro o coronel das guardas Towensend, separaram as duas alas do resto do corpo que investia a cidadella, e marchando pela retaguarda sobre a direita, levaram a desordem e a confusão a toda a linha dos alliados. Foi então que o general Hinuber marchou com os seus allemães sobre Saint-Etienne, reunindo a si alguns homens da quinta divisão, e reforçado igualmente por um batalhão portuguez do general Bradford, pôde com arrojo ganhar de novo a igreja e a aldeia, que se tinham perdido. Nos primeiros momentos do combate os desastres foram maiores na direita do que tinham sido no centro. Nem as guardas, nem as reservas poderam sustentar a violencia do ataque: a acção tornou-se tanto mais confusa e mortifera, quanto mais as tropas, obrigadas a se dividir, tiveram de se lançar a combater á bayoneta na obscuridade da noite, ferindo indistinctamente amigos e inimigos. A artilheria da cidadella, mal guiada pelo fogo de mosquetaria, lançou balas e bombas ao centro dos combatentes, e as chalupas canhoneiras, descendo pelo rio abaixo, romperam o seu fogo contra o flanco das columnas de apoio, que postas em marcha por sir John Hope ao primeiro alarme, chegaram do lado de Boucaut. Perto de 100 peças faziam fogo ao mesmo tempo.

No meio d'esta geral confusão teve logar o repentino desapparecimento do mesmo sir John Hope, sabendo-se mais tarde ter elle feito avançar as reservas sobre a direita para por este lado demorar o inimigo, precipitando-se sobre Saint-Etienne por um caminho excavado, que se dirigia á retaguarda da linha das principaes guardas. Os lados d'este caminho achou elle guarnecidos de tropas francezas, e ao querer voltar para trás, uma bala o feriu n'um braço. Caíndo ao chão, por effeito de oito balas que lhe feriram o cavallo, uma perna lhe ficou debaixo d'elle. Este facto deu logar a caír prisioneiro em poder dos francezes, e juntamente com elle os officiaes que lhe tinham ido valer. Antes de chegar á cidadella o mesmo sir John Hope foi de novo gravemente ferido n'um pé por uma bala ingleza. O dia começava a romper. Os alliados acharam-

se desde então em estado de operar com mais acerto e melhor resultado. Os allemães estavam de posse de Saint-Etienne, e as brigadas de reserva das guardas, convenientemente postadas pelo general Howard, que tinha assumido o commando em substituição a Hope, levantando repentinamente grandes gritos, lançaram-se sobre os francezes, que repelliram até ás suas obras, depois de lhes terem morto muita gente. Os proprios auctores francezes confessam a perda de um general e de mais 900 homens. Da parte dos alliados o general Stopford foi ferido, elevando-se a perda total por elles soffrida a 830 homens, comprehendendo os officiaes. D'este numero mais de 200 homens foram feitos prisioneiros, a par do general commandante em chefe, o citado sir John Hope. Poucos dias depois d'este desgraçado acontecimento teve logar a publicação das convenções entaboladas com o marechal Soult, cessando desde então as hostilidades. Todas as tropas francezas, que se achavam nas provincias de leste da Hespanha, foram reorganisadas n'um só corpo debaixo do commando superior do general Suchet; mas tão pouco dispostas estavam ellas a reconhecer a nova ordem de cousas do seu paiz, que o principe de Polignac, obrando em nome do duque de Angouleme, enviou ao commissario inglez, mr. Kennedy, uma somma de dinheiro para distribuir ás citadas tropas, a fim de se apaziguarem. O exercito inglez e o hespanhol voltaram ambos para os seus respectivos paizes. Dizia-se que os generaes d'este ultimo exercito se achavam muito dispostos a declararem-se em favor das côrtes, em prejuizo do rei D. Fernando VII, sendo desviados d'isso por influencia e auctoridade de lord Wellington. A infanteria ingleza embarcou em Bordeaux, uma parte da qual seguiu d'ali para a America e outra para Inglaterra, dirigindo-se a cavallaria para Boulogne, onde se fez de vêla para o seu paiz. Quanto á volta do exercito portuguez para a sua patria, elle a effectuou por terra, tendo para este fim de atravessar a Hespanha, como praticou.

As batalhas campaes, combates, sitios, assaltos, bloqueios e defezas de praças, que as tropas portuguezas sustentaram

contra as francezas durante a guerra da peninsula, são as que constam da seguinte relação[1]:

Batalhas

Nas seguintes 15 batalhas tomou parte o exercito portuguez na força que lhe vae designada.

Vimeiro, dada a 23 de agosto de 1808—Entraram n'ella cavallaria 6, 11 e 12; infanteria n.os 12, 21 e 24; caçadores n.º 6; artilheria n.º 4 e cavallaria da guarda real da policia. Total da força portugueza combatente, 2:585 homens, sendo a perda que teve 2 soldados mortos e 7 cavallos; 7 soldados feridos e 1 cavallo.

Talavera de la Reina, dada a 27 e 28 de julho de 1809—Prestou-lhe apoio a leal legião lusitana. Força portugueza combatente, 924 homens, os quaes não tiveram perda alguma.

Bussaco, dada a 27 de setembro de 1810—Entraram n'ella cavallaria n.os 1, 4, 7 e 10; infanteria n.os 1, 2, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21 e 23; caçadores n.os 1, 2, 3, 4, 5 e 6; leal legião lusitana; artilheria n.os 1, 2 e 4. Total da força portugueza combatente, 29:065 homens, sendo a perda que teve em mortos, 7 officiaes, 147 soldados e 1 cavallo; em feridos, 22 officiaes, 276 soldados e 1 cavallo; e em extraviados, 10 praças de pret.

Barroza, dada nas vizinhanças de Cadiz a 5 de março de 1811—Entrou n'ella o regimento de infanteria n.º 20. Total da força portugueza combatente 331 homens, perdendo em mortos, 1 official, 10 soldados e 1 cavallo; em feridos, 3 officiaes e 35 soldados; e em extraviados, 1 soldado.

Fuentes de Oñoro, dada a 5 de março de 1811—Entraram n'ella cavallaria n.os 4 e 10; infanteria n.os 3, 6, 7,

[1] Esta relação, postoque igual á contida no almanach militar do anno de 1825, vae por nós ampliada com a designação da força portugueza, que entrou em cada uma das ditas batalhas, combates, sitios, assaltos, etc., e a da perda que n'ellas teve em mortos, feridos e prisioneiros.

8, 9, 12, 15, 18, 19 e 21; caçadores n.os 1, 2, 3, 6 e 8; artilheria n.os 1 e 2. Força portugueza combatente, 12:030 homens, em que houve de perda em mortos, 1 official e 51 soldados; em feridos, 6 officiaes, 83 soldados e 2 cavallos; e em extraviados, 26 soldados.

Albuera, dada a 16 de maio de 1811—Entraram n'ella cavallaria n.os 1, 5, 7 e 8; infanteria n.os 2, 4, 5, 10, 11, 14 e 23; caçadores n.os 5 e 7; artilheria n.os 1 e 2. Força portugueza que combateu, 10:200 homens, tendo de perda em mortos, 2 officiaes, 86 soldados e 9 cavallos; em feridos, 11 officiaes, 130 soldados e 3 cavallos; e em extraviados, 16 soldados e 1 cavallo.

Salamanca, dada aos 22 de julho de 1812—Entraram n'ella cavallaria n.os 1, 7 e 11; infanteria n.os 1, 3, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 15, 16, 19, 21, 23 e 24; caçadores n.os 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9 e 12; artilheria n.º 1. Força portugueza que combateu, 19:205 homens, tendo de perda em mortos, 21 officiaes, 482 soldados e 22 cavallos; em feridos, 63 officiaes, 979 soldados e 14 cavallos; e em extraviados, 76 soldados e 5 cavallos.

Sevilha, dada a 27 de agosto de 1812—Teve parte n'ella o regimento de infanteria n.º 20. Força portugueza combatente, 700 homens, tendo de perda, 1 soldado morto.

Castalla, dada a 13 de março de 1813—Teve parte n'ella artilheria n.os 1, 3 e 4. Força portugueza combatente, 196 homens, tendo de perda, 2 soldados feridos.

Vittoria, dada a 21 de junho de 1813—Entraram n'ella cavallaria n.os 1, 6, 7, 11 e 12; infanteria n.os 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23 e 24; caçadores n.os 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10 e 11; artilheria n.os 1 e 2. Total da força portugueza combatente, 26:397 homens, tendo de perda em mortos, 9 officiaes, 229 soldados e 26 cavallos; em feridos, 44 officiaes, 596 soldados e 2 cavallos; e em extraviados, 39 soldados e 3 cavallos.

Pyrenéos, dada de 28 a 30 de julho de 1813—Entraram n'ella cavallaria n.os 1, 4, 6, 7, 11 e 12; infanteria n.os 2,

4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 18, 19, 21 e 23; caçadores n.os 2, 6, 7, 9, 10 e 11; artilheria n.º 2. Total da força portugueza combatente, 17:830 homens, tendo de perda em mortos, 16 officiaes, 489 soldados e 1 cavallo; em feridos, 60 officiaes, 1:060 soldados e 2 cavallos, e em extraviados, 107 homens.

Nivelle, dada a 10 de novembro de 1813—Entraram nella infanteria n.os 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23 e 24; caçadores n.os 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11; artilheria n.º 1. Total da força portugueza combatente, 24:353 homens, tendo de perda em mortos, 11 officiaes, 111 soldados e 1 cavallo; em feridos, 29 officiaes, 242 soldados e 1 cavallo; e em extraviados, 18 soldados.

Nive, dada a 9 de dezembro de 1813—Entraram n'ella infanteria n.os 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23 e 24; caçadores n.os 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11; artilheria n.os 1 e 2. Total da força portugueza combatente, 24:505 homens, tendo de perda em mortos, 22 officiaes, 434 soldados e 3 cavallos; em feridos, 92 officiaes, 111 soldados e 3 cavallos; e em extraviados, 8 officiaes e 348 soldados.

Orthez, dada a 27 de fevereiro de 1814—Entraram n'ella infanteria n.os 2, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 18, 19, 21 e 23; caçadores n.os 1, 2, 3, 6, 7, 9, 10 e 11; e artilheria n.º 1. Total da força portugueza combatente, 17:614 homens, tendo de perda em mortos, 6 officiaes, 137 soldados e 1 cavallo; em feridos, 25 officiaes, 317 soldados e 1 cavallo; e em extraviados, 19 soldados.

Toulouse, dada a 10 de abril de 1814—Entraram n'ella infanteria n.os 2, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 18, 21 e 23; caçadores n.os 1, 3, 6, 7, 9, 10 e 11; artilheria n.os 1 e 2. Total da força portugueza combatente, 14:027 homens, tendo de perda em mortos, 5 officiaes, 143 soldados e 3 cavallos; e em feridos, 19 officiaes, 358 soldados e 1 cavallo.

Combates

Elevaram-se estes ao consideravel numero de 211, que foram:

Malpartida, 24 de julho de 1808, em que entrou infanteria n.º 24, na força de 1:438 homens, tendo de perda, 1 soldado morto.

Evora, 27 de julho de 1808, em que entraram infanteria n.º 3 e artilheria n.º 4, na força de 901 homens, tendo de perda em mortos, 1 official e 6 soldados; em feridos, 2 soldados; e em extraviados, 1 official.

Abrantes, 12 de agosto de 1808, em que entrou infanteria n.º 24, na força de 420 homens, não tendo perda alguma.

Roliça, 17 de agosto de 1808, em que entraram cavallaria n.ºˢ 6, 11 e 12; infanteria n.ºˢ 12, 21 e 24; caçadores n.º 6; artilheria n.º 1; guarda real da policia. Total da força portugueza combatente, 2:592 homens, tendo de perda, 1 soldado morto e 8 feridos, e 3 cavallos feridos.

Calzadilha, 20 de janeiro de 1809, em que entrou cavallaria n.º 11, na força de 104 homens, tendo de perda, 3 soldados e 1 cavallo extraviados.

Ledesma, 10 de fevereiro de 1809, em que entrou cavallaria n.º 11, na força de 101 homens, não tendo perda alguma.

Caminha, 16 de fevereiro de 1809, em que entraram infanteria n.º 21 e artilheria n.º 4, na força de 59 homens, não tendo perda alguma.

Ponte de Villaça, 6 de março de 1809, em que entraram infanteria n.ºˢ 12 e 24, na força de 608 homens, tendo de perda, 1 official e 10 soldados feridos.

Gironda, 6 de março de 1809, em que entrou infanteria n.º 24, na força de 605 homens, tendo de perda, 1 soldado morto.

Vaillarelho da Raia, 9 de março de 1809, em que entrou infanteria n.º 12, na força de 52 homens, tendo de perda, 3 soldados feridos.

Gironda, 10 de março de 1809, em que entrou infanteria n.º 24, na força de 604 homens, não teve perda alguma.

Silveira, 11 de março de 1809, em que entraram infanteria n.º 24 e artilheria n.º 4, na força de 608 homens, não tendo perda alguma.

Salamonde, 15 de março de 1809, em que entrou artilheria n.º 4, na força de 30 homens, não tendo perda alguma.

Salto, 16 de março de 1809, em que entraram infanteria n.º 21 e artilheria n.º 4, na força de 635 homens, tendo de perda, 2 soldados feridos,

Ponte de Nossa Senhora do Porto, 17 de março de 1809, em que entrou a leal legião lusitana, na força de 729 homens, não tendo perda alguma.

Carvalho d'Este, desde 17 até 20 de março de 1809, em que entraram a leal legião lusitana e artilheria n.º 4, na força de 929 homens, tendo de perda, 1 official ferido.

Santi-Espiritus, 21 de março de 1809, em que entrou a leal legião lusitana, na força de 924 homens, tendo de perda, 1 soldado morto e 3 feridos.

Barca da Trofa, desde 23 até 25 de março de 1809, em que entrou artilheria n.º 4, na força de 35 homens, tendo de perda, 1 soldado extraviado.

Junto á ponte da Cidade Rodrigo, 27 de março de 1809, em que entrou a leal legião lusitana, na força de 920 homens, não tendo perda alguma.

Barba do Porco, 1 de abril de 1809, em que entraram cavallaria n.º 11 e leal legião lusitana, na força de 1:025 homens, tendo de perda, 1 soldado morto, 7 feridos e 1 official extraviado.

Caminho de Penafiel para Amarante, 18 de abril de 1809, em que entraram cavallaria n.ºs 6, 9 e 12, na força de 292 homens, não tendo perda alguma.

Manhufe, 18 de abril de 1809, em que entram infanteria n.º 12 e artilheria n.º 4, na força de 1:489 homens, tendo de perda 1 official e 7 soldados feridos.

Ovelha, 9 de maio de 1809, em que entraram cavallaria

n.os 6, 9 e 12, na força de 30 homens, tendo de perda 1 official e 2 soldados feridos.

Mollêdo, 10 de maio de 1809, em que entrou infanteria n.º 11, na força de 1:272 homens, tendo de perda 3 soldados feridos.

Albergaria, 10 de maio de 1809, em que entraram cavallaria n.os 4, 7 e 10; infanteria n.os 1, 13 e 16, e artilheria n.º 4, tudo na força de 1:801 homens, tendo de perda 3 soldados feridos, 4 soldados e 4 cavallos extraviados.

Grijó, 11 de maio de 1809, em que entraram cavallaria n.os 4, 7 e 10; infanteria n.os 1, 13 e 16, tudo na força de 1:884 homens, tendo de perda 1 official e 3 soldados mortos; 1 official e 1 soldado feridos.

Passagem do Douro e tomada do Porto, 12 de maio de 1809, em que entraram cavallaria n.os 4, 7 e 10; infanteria n.os 1, 10, 13 e 16; artilheria n.º 4, montando a força combatente portugueza a 2:539 homens, tendo de perda 1 soldado morto e 1 official ferido.

Gatiãens, 12 de maio de 1809, em que entraram infanteria n.os 12 e 24; artilheria n.º 4, tudo na força de 1:450 homens, tendo de perda 2 soldados mortos e 3 ditos feridos.

Brozas, 12 de maio de 1809, em que entraram cavallaria n.º 11 e leal legião lusitana, na força de 1017 homens, tendo de perda 2 soldados mortos e 6 ditos feridos.

Ponte de Alcantara, 14 de maio de 1809, em que entrou a leal legião lusitana, na força de 904 homens, tendo de perda em mortos 1 official e 23 soldados; em feridos 4 officiaes e 65 soldados, e em extraviados 5 officiaes e 89 soldados.

Salamonde, 19 de maio de 1809, em que entrou infanteria n.º 10, na força de 592 homens, não tendo perda alguma.

Ponte de Alcantara, 10 de junho de 1809, em que entraram infanteria n.os 6 e 18, caçadores n.º 5 e leal legião lusitana, tudo na força de 1:718 homens, não tendo perda alguma.

Escalona, 20 de julho de 1809, em qne entrou caçado-

res n.° 11, na força de 105 homens, não tendo perda alguma.

Valverde de Arenas, 7 de agosto de 1809, em que entrou caçadores n.° 5, na força de 274 homens, tendo de perda, 5 soldados mortos, 8 feridos e 7 extraviados.

Porto de Banhos, 12 de agosto de 1809, em que entraram cavallaria n.° 11, caçadores n.° 5, e leal legião lusitana, tudo na força de 1:613 homens, tendo de perda, em mortos, 18 soldados; em feridos, 1 official e 19 soldados; e em extraviados, 49 soldados.

Ponte de Suazo, 17 de março de 1810, em que entrou infanteria n.° 20, na força de 1:194 homens, não tendo perda alguma.

Alameda, 4 de julho de 1810, em que entraram caçadores n.os 1 e 3, na força de 1:220 homens, tendo de perda, 1 soldado ferido.

Salvaterra do Extremo, 24 de julho de 1810, em que entraram cavallaria n.os 5 e 11, na força de 208 homens, tendo de perda, 2 cavallos mortos, e 5 soldados e 4 cavallos extraviados.

Côa, 24 de julho de 1810, em que entraram caçadores n.os 1 e 3, na força de 1:219 homens, tendo de perda em mortos, 3 soldados; em feridos, 1 official e 8 soldados; e em extraviados, 3 soldados:

Alcafozes, 1 de agosto de 1810, em que entrou cavallaria n.° 1, na força de 21 homens, tendo de perda, 1 soldado e 1 cavallo mortos, e 2 soldados e 2 cavallos extraviados.

Atalaia, 3 de agosto de 1810, em que entrou cavallaria n.° 1, na força de 102 homens, tendo de perda, 3 cavallos mortos, 1 soldado e 3 cavallos feridos.

Ladoeiro, 22 de agosto de 1810, em que entrou cavallaria n.° 4, na força de 52 homens, não tendo perda alguma.

Fuente de Cantos, 15 de setembro de 1810, em que entraram cavallaria n.os 3, 5 e 8, na força de 939 homens, tendo de perda, em mortos, 5 soldados e 26 cavallos; em feridos, 4 soldados e 5 cavallos; em extraviados, 1 official, 4 soldados e 3 cavallos.

Santa Combadão, 19 de setembro de 1810, em que entraram infanteria n.os 1 e 16 e caçadores n.º 4, tudo na força de 2:728 homens, não tendo perda alguma.

Caminho de Adsormil para Rans, 21 de setembro de 1810, em que entraram cavallaria n.os 6 e 11, na força de 184 homens, tendo de perda, em mortos, 4 soldados e 4 cavallos; em feridos, 1 official; e em extraviados, 1 official, 1 soldado e 1 cavallo.

Mollejoso, 24 de setembro de 1810, em que entraram infanteria n.os 1 e 16, caçadores n.º 4, e artilheria n.º 1, tudo na força de 2:838 homens, não tendo perda alguma.

Pulla, 25 de setembro de 1810, em que entraram caçadores n.os 1 e 3, na força de 1:202 homens, não tendo perda alguma.

Bussaco, 26 de setembro de 1810, em que entraram infanteria n.os 1, 3, 15 e 16; caçadores n.os 1, 3 e 4, e artilheria n.º 2: total da força portugueza combatente, 6:189 homens, tendo de perda 6 soldados feridos.

Bussaco, 28 de setembro de 1810, em que entraram infanteria n.os 19; caçadores, n.os 1 e 3, e artilheria n.º 4: total da força portugueza combatente, 2:350 homens, não tendo perda alguma.

Mortánzella, 2 de outubro de 1810, em que entrou cavallaria n.º 11, na força de 208 homens, não tendo perda alguma.

Fornos da Mialhada, 7 de outubro de 1810, em que entrou cavallaria n.º 11, na força de 52 homens, tendo de perda 4 soldados extraviados.

Tomada de Coimbra, 7 de outubro de 1810, em que entraram cavallaria n.os 6 e 11; artilheria n.º 4, e cavallaria da guarda real da policia, tudo na força de 202 homens, tendo de perda, 1 soldado e 1 cavallo mortos, e 2 soldados feridos.

Alemquer, 10 de outubro de 1810, em que entraram infanteria n.os 1 e 16; caçadores n.os 1, 3 e 4, tudo na força de 3:792 homens, tendo de perda, 2 soldados feridos e 2 extraviados.

Dois-portos junto ao Sobral, 13 de outubro de 1810,

em que entraram infanteria n.os 11 e 23, na força de 305 homens, tendo de perda, 1 official e 6 soldados feridos, e 1 soldado extraviado.

Alhandra, 14 de outubro de 1810, em que entrou infanteria n.° 12, na força de 152 homens, tendo de perda, 1 official e 2 soldados feridos.

Alhandra, 16 de outubro de 1810, em que entraram infanteria n.° 12 e artilheria n.° 4, na força de 367 homens, tendo de perda, 1 official e 6 soldados feridos.

Punhete, 22 de outubro de 1810, em que entrou infanteria n.° 13, na força de 503 homens, tendo de perda, 2 soldados feridos.

Bulhaco, 28 de outubro de 1810, em que entrou infanteria n.° 2, na força de 304 homens, não tendo perda alguma.

Runa, 1 de novembro de 1810, em que entrou leal legião lusitana, na força de 158 homens, tendo de perda, 2 soldados feridos.

Pereiro e Gamelas, 14 de novembro de 1810, em que entraram cavallaria n.° 12, infanteria n.° 24 e artilheria n.° 4, tudo na força de 873 homens, tendo de perda, em mortos, 4 soldados e 1 cavallo; em feridos, 14 soldados, e em extraviados, 1 soldado.

Bosque junto ao Cartaxo, 18 de novembro de 1810, em que entrou caçadores n.° 3, na força de 392 homens, não tendo perda alguma.

Ponte do Calhariz, 22 de novembro de 1810, em que entraram infanteria n.os 1 e 16, e caçadores n.° 4, na força de 2:538 homens, tendo de perda, 5 soldados feridos e 4 extraviados.

Rego da Murta, 30 de novembro de 1810, em que entrou cavallaria n.° 11, na força de 48 homens, tendo de perda, 1 soldado e 1 cavallo extraviados.

Rego da Murta, 4 de dezembro de 1810, em que entrou cavallaria n.° 11, na força de 48 homens, não tendo perda alguma.

Bemvende, 30 de dezembro de 1810, em que entraram

cavallaria n.º 12, infanteria n.º 24 e artilheria n.º 4, na força de 856 homens, tendo de perda em mortos, 1 soldado e 1 cavallo; em feridos, 2 officiaes, e em extraviados, 2 soldados.

Villa da Ponte, 5 de janeiro de 1811, em que entraram cavallaria n.º 12 e artilheria n.º 4, na força de 268 homens, não tendo perda alguma.

Penço, 10 de janeiro de 1811, em que entrou infanteria n.º 24, na força de 660 homens, tendo de perda, 1 official morto e 2 soldados feridos.

Mondim, 11 de janeiro de 1811, em que entrou infanteria n.º 24, na força de 657 homens, não tendo perda alguma.

Regoa, desde 13 até 15 de janeiro de 1811, em que entrou artilheria n.º 4, na força de 290 homens, não tendo perda alguma.

Barca do Pocinho, 17 de janeiro de 1811, em que entrou infanteria n.º 24 e artilheria n.º 4, na força de 695 homens, não tendo perda alguma.

Talavera la Real, 20 de janeiro de 1811, em que entrou cavallaria n.º 3, na força de 208 homens, tendo de perda, 2 cavallos mortos, 2 soldados e 2 cavallos feridos.

Ponte do Gevora, 6 de fevereiro de 1811, em que entraram cavallaria n.ºs 3, 5 e 8, na força de 972 homens, tendo de perda, em mortos, 1 official, 10 soldados e 29 cavallos; em feridos, 7 soldados e 3 cavallos; e em extraviados, 19 soldados e 6 cavallos.

Junto á praça de Badajoz, 7 de fevereiro de 1811, em que entrou cavallaria n.º 3, na força de 194 homens, tendo de perda, 1 soldado e 1 cavallo feridos.

Ponte do Gevora, 9 de janeiro de 1811, em que entrou cavallaria n.º 5, na força de 349 homens, não tendo perda alguma.

Rio Maior, 11 de fevereiro de 1811, em que entrou cavallaria n.º 6, na força de 152 homens, não tendo perda alguma.

Campos de Santa Engracia, 19 de fevereiro de 1811, em que entraram cavallaria n.ºs 3, 5 e 8, na força de 936 ho-

mens, tendo de perda, em mortos, 6 soldados e 36 cavallos; em feridos, 1 official, 16 soldados e 3 cavallos; e em extraviados, 28 soldados e 15 cavallos.

Rio Maior, 19 de fevereiro de 1811, em que entrou cavallaria n.º 6, na força de 152 homens, não tendo perda alguma.

Pombal, 11 de março de 1811, em que entraram infanteria n.os 1 e 16; caçadores n.os 1, 3 e 4; e leal legião lusitana, tudo na força de 4:243 homens, tendo de perda em mortos, 11 soldados; em feridos, 1 official e 19 soldados; e em extraviados, 1 soldado.

Redinha, 12 de março de 1811, em que entraram cavallaria n.os 4 e 10; infanteria n.os 1, 2, 3, 6, 9, 11, 15, 16, 18, 21 e 23; e caçadores n.os 1, 3, 4 e 6, tudo na força de 14:572 homens, tendo de perda, em mortos, 11 soldados; em feridos, 3 officiaes e 23 soldados; em extraviados, 2 soldados.

Condeixa, 14 de março de 1811, em que entraram infanteria n.os 1, 3, 9, 15 e 21, e caçadores n.os 1, 3 e 4, tudo na força de 5:849 homens, tendo de perda, 2 officiaes e 2 soldados feridos, e 1 soldado extraviado.

Foz de Arouce, 15 de março de 1811, em que entraram infanteria n.os 3, 9, 15 e 21, e caçadores n.os 1 e 3, tudo na força de 4:361 homens, tendo de perda, 6 soldados feridos.

Ponte da Murcella, 18 de março de 1811, em que entraram infanteria n.os 1 e 16, e caçadores n.os 1, 3 e 4, tudo na força de 3:409 homens, não tendo perda alguma.

Figueiró da Granja, 21 de março de 1811, em que entrou cavallaria n.º 11, na força de 311 homens, tendo de perda, 1 soldado e um cavallo extraviados.

Campo Maior, 25 de março de 1811, em que entraram cavallaria n.os 1 e 7, na força de 729 homens, tendo de perda, em mortos, 1 official, 18 soldados e 80 cavallos; em feridos, 30 soldados e 15 cavallos; e em extraviados, 24 soldados e 10 cavallos.

Malpartida, 26 de março de 1811, em que entrou cavallaria n.º 11, na força de 104 homens, não tendo perda alguma.

Cidade da Guarda, 29 de março de 1811, em que entraram cavallaria n.º 11, e infanteria n.ºs 9 e 21, tudo na força de 1:923 homens, tendo de perda, 2 cavallos mortos.

Sabugal, 3 de abril de 1811, em que entraram infanteria n.ºs 3, 9, 15 e 21; caçadores n.ºs 1 e 3, e artilheria n.º 2, tudo na força de 4:076 homens, tendo de perda, 1 soldado morto e 5 feridos.

Junto da praça de Almeida, 11 de abril de 1811, em que entrou cavallaria n.º 10, na força de 208 homens, não tendo porda alguma.

Los Santos, 16 de abril de 1811, em que entraram cavallaria n.ºs 1 e 7, na força de 711 homens, tendo de perda, 4 cavallos mortos.

Reconhecimento da praça de Badajoz, 22 de abril de 1811, em que entrou cavallaria n.º 8, na força de 328 homens, tendo de perda, 2 cavallos mortos.

Fuentes de Oñoro, 3 de maio de 1811, em que entraram cavallaria n.º 10; infanteria n.ºs 3, 6, 15 e 18; caçadores n.ºs 1, 3 e 6, e artilheria n.ºs 1 e 2, tudo na força de 5:591 homens, tendo de perda, em mortos, 1 soldado; em feridos, 7 officiaes e 4 soldados: e em extraviados, 4 soldados.

Junto á praça de Almeida, 11 de maio de 1811, em que entrou cavallaria n.º 10, na força de 208 homens, não tendo perda alguma.

Barba de Porco, 11 de maio de 1811, em que entrou cavallaria n.º 4, na força de 104 homens, não tendo perda alguma.

Espeja, 12 de maio de 1811, em que entrou caçadores n.º 3, na força de 430 homens, não tendo perda alguma.

Bosque de Albuera, 18 de maio de 1811, em que entrou infanteria n.º 2, na força de 492 homens, não tendo perda alguma.

Solana, 20 de maio de 1811, em que entraram cavallaria n.ºs 1 e 7, na força de 637 homens, tendo de perda, 1 soldado ferido.

Uzagre, 22 de maio de 1811, em que entraram cavalla-

ria n.os 1, 5, 7 e 8, tudo na força de 1:304 homens, tendo de perda, em mortos, 2 soldados e 2 cavallos; em feridos, 2 soldados; e em extraviados, 1 cavallo.

Campo Maior, 23 de junho de 1811, em que entraram cavallaria n.os 5 e 8, na força de 479 homens, tendo de perda, 1 cavallo morto e 1 ferido.

El Budon, 25 de setembro de 1811, em que entraram infanteria n.os 9, 11, 21 e 23; caçadores n.º 7, e artilheria n.º 2, tudo na força de 3:877 homens, tendo de perda, 1 soldado morto, 4 feridos e 5 extraviados.

Alfaiates, 27 de setembro de 1811, em que entraram cavallaria n.º 1; infanteria n.os 1, 9, 11, 13, 16, 21, 23 e 24; caçadores n.os 1, 3, 4, 5 e 7, e artilheria n.º 2, tudo na força de 10:173 homens, tendo de perda, 5 soldados mortos, 14 feridos e 4 extravidos.

Arroio Mollinos, 28 de outubro de 1811, em que entraram infanteria n.os 4, 6, 10 e 18; caçadores n.º 6, e artilheria n.º 1, tudo na força de 5:207 homens, tendo de perda, 2 soldados feridos e 1 extraviado.

Mérida, 31 de dezembro de 1811, em que entrou cavallaria n.º 4, na força de 292 homens, tendo de perda, 1 soldado morto, e 1 soldado e 4 cavallos extraviados.

Almendralejo, 1 de janeiro de 1812, em que entraram cavallaria n.os 4 e 10, na força de 260 homens, tendo de perda 1 soldado ferido.

Fuente del Maestro, 3 de janeiro de 1812, em que entrou cavallaria n.º 4, na força de 155 homens, tendo de perda, 4 soldados feridos, e 1 cavallo extraviado.

Cidade da Guarda, 14 de abril de 1812, em que entrou cavallaria n.º 11, na força de 104 homens, não tendo perda alguma.

Junto ao castello de Mirabet, 18 de maio de 1812, em que entraram infanteria n.os 6 e 18; caçadores n.º 6, e artilheria n.º 1, tudo na força de 2:346 homens, não tendo perda alguma.

Córtes de Peleas, 1 de julho de 1812, em que entraram cavallaria n.os 3 e 4, na força de 640 homens, tendo de

perda, 3 soldados e 4 cavallos mortos; 6 soldados e 3 cavallos feridos.

Villalva, 3 de julho de 1812, em que entraram cavallaria n.os 3 e 4; infanteria n.os 4 e 10, e caçadores n.º 10, tudo na força de 3:391 homens, tendo de perda, 1 soldado e 2 cavallos mortos, e 6 soldados e 3 cavallos feridos.

Pôlhos, 3 de julho de 1812, em que entrou caçadores n.º 12, na força de 469 homens, tendo de perda, 2 officiaes e 5 soldados feridos, e 1 soldado extraviado.

Berlanga, 10 de julho de 1812, em que entraram cavallaria n.os 3 e 4; infanteria n.os 6, 17 e 18, e caçadores n.º 6, tudo na força de 4:732 homens, tendo de perda, em mortos, 4 soldados e 5 cavallos; em feridos, 6 soldados e 2 cavallos; e em extraviados, 2 soldados e 2 cavallos.

Castrejon, 18 de julho de 1812, em que entraram caçadores n.os 1 e 3, na força de 1:063 homens, não tendo perda alguma.

Torrecilla de la Orden, 18 de julho de 1812, em que entrou caçadores n.º 7, na força de 422 homens, tendo de perda, 2 soldados feridos.

Caniçal, 19 de julho de 1812, em que entraram infanteria n.os 3, 11, 15 e 23; caçadores n.º 8, tudo na força de 4:510 homens, tendo de perda, 1 official e 35 soldados mortos; 3 officiaes e 41 soldados feridos.

Caniçal, 19 de julho de 1812, em que entraram caçadores n.os 1, 3 e 7, tudo na força de 1:485 homens, tendo de perda, 2 soldados mortos.

Hornillos de Moxica, 20 de julho de 1812, em que entrou caçadores n.º 9, na força de 396 homens, tendo de perda, 2 soldados feridos.

Val de Canos, 23 de julho de 1812, em que entrou artilheria n.º 1, na força de 110 homens, não tendo perda alguma.

Ribeira, 24 de julho de 1812, em que entraram cavallaria n.os 3 e 4, na força de 515 homens, tendo de perda, 2 soldados mortos, 2 soldados e 6 cavallos feridos; 2 soldados e 3 cavallos extraviados.

Alange, 26 de julho de 1812, em que entrou cavallaria n.º 4, na força de 285 homens, tendo de perda, 1 cavallo morto e 1 soldado ferido.

Alange, 29 de julho de 1812, em que entrou cavallaria n.º 4, na força de 284 homens, não tendo perda alguma.

Zarza de Alange, 29 de julho de 1812, em que entrou cavallaria n.º 3, na força de 224 homens, tendo de perda, 7 cavallos mortos, 3 soldados e 2 cavallos feridos.

Zarza de Alange, 30 de julho de 1812, em que entrou cavallaria n.º 3, na força de 221 homens, não tendo perda alguma.

Las Rosas e Majalahonda, 11 de agosto de 1812, em que entrou cavallaria n.ºs 1, 7, 11 e 12, na força de 880 homens, tendo de perda em mortos, 3 officiaes, 32 soldados e 39 cavallos; em feridos, 3 officiaes, 40 soldados e 11 cavallos; e em extraviados, 2 officiaes, 17 soldados e 3 cavallos.

Castello de Niebla, 17 de agosto de 1812, em que entrou infanteria n.º 20, na força de 700 homens, não tendo perda alguma.

Almendralejo, 19 de agosto de 1812, em que entraram cavallaria n.ºs 3 e 4; infanteria n.ºs 4 e 10; caçadores n.º 10; e artilheria n.º 1, tudo na força de 3:601 homens, tendo de perda, 3 soldados e 2 cavallos feridos.

S. Lucar Maior, 25 de agosto de 1812, em que entrou infanteria n.º 20, na força de 350 homens, não tendo perda alguma.

Valladolid, 7 de setembro de 1812, em que entraram infanteria n.ºs 3, 13, 15 e 24; caçadores n.ºs 5, 8 e 9, tudo na força de 4:418 homens, tendo de perda, 1 soldado ferido.

Estepar, 17 de setembro de 1812, em que entraram infanteria n.ºs 1 e 16; caçadores n.º 4, tudo na força de 2:156 homens, não tendo perda alguma.

Riobena, 20 de outubro de 1812, em que entrou caçadores n.º 2, na força de 475 homens, tendo de perda, 3 soldados feridos.

Torquemada, 24 de outubro de 1812, em que entrou

caçadores n.º 9, na força de 287 homens, tendo de perda, 3 soldados feridos.

Ocaña, 25 de outubro de 1812, em que entrou cavallaria n.º 4, na força de 350 homens, tendo de perda, 1 soldado ferido.

Carrion, 25 de outubro de 1812, em que entraram infanteria n.ºs 1, 3, 13, 15, 16 e 24; caçadores n.ºs 4, 5, 8 e 9, tudo na força de 6:393 homens, tendo de perda em mortos, 2 officiaes e 49 soldados; em feridos, 9 officiaes, 100 soldados e 1 cavallo; e em extraviados, 2 officiaes, 156 soldados e 1 cavallo.

Ponte de Valladolid, 28 de outubro de 1812, em que entraram infanteria n.ºs 7 e 19; caçadores n.º 2, tudo na força de 2:298 homens, tendo de perda, 3 soldados mortos e 8 feridos.

Ponte de Aranjuez, 30 de outubro de 1812, em que entrou infanteria n.º 20, na força de 1:179 homens, não tendo perda alguma.

Ponte Larga, 31 de outubro de 1812, em que entrou artilheria n.º 2, na força de 110 homens, não tendo perda alguma.

Villa Nova de Gomez, 6 de novembro de 1812, em que entrou cavallaria n.º 4, na força de 343 homens, tendo de perda, 1 cavallo morto, 1 soldado e 1 cavallo extraviados.

Arapiles, 15 de novembro de 1812, em que entraram cavallaria n.ºs 1, 4, 6, 7, 11 e 12, tudo na força de 1:541 homens, não tendo perda alguma.

Matilha, 16 de novembro de 1812, em que entraram infanteria n.ºs 6 e 18, e caçadores n.º 6, tudo na força de 2:894 homens, tendo de perda, 1 soldado ferido e 3 extraviados.

Huerba e San Muñoz, 17 de novembro de 1812, em que entraram cavallaria n.ºs 1, 4, 6, 7, 11 e 12; infanteria n.º 1, 3, 7, 15, 16, 19 e 20, e caçadores n.ºs 1, 2, 3, 4 e 8, todos estes corpos na força de 9:808 homens, tendo de perda em mortos, 1 official, 44 soldados e 1 cavallo; em

feridos, 16 soldados; e em extraviados, 29 soldados e 3 cavallos.

S. Vicente de Alicante, 18 de novembro de 1812, em que entraram artilheria n.^os^ 1 e 4, na força de 145 homens, não tendo perda alguma.

Bejar, 20 de fevereiro de 1813, em que entrou caçadores n.º 6, na força de 513 homens, tendo de perda, 1 soldado morto, 1 official e 3 soldados feridos, e 1 soldado extraviado.

Alcoy, 28 de março de 1813, em que entrou artilheria n.º 2, na força de 16 homens, não tendo perda alguma.

Osma, 18 de junho de 1813, em que entraram cavallaria n.^os^ 7, 11 e 12; infanteria n.^os^ 3, 11, 15 e 23, e caçadores n.^os^ 7 e 8, todos estes corpos na força de 6:008 homens, tendo de perda, 1 soldado morto.

San Millan, 18 de junho de 1813, em que entraram caçadores n.^os^ 1 e 3, na força de 1:146 homens, tendo de perda, 1 soldado morto e 1 ferido.

Morillas, 19 de junho de 1813, em que entraram cavallaria n.^os^ 1, 7, 11 e 12; infanteria n.^os^ 11 e 23, e caçadores n.^os^ 1, 3 e 7, todos estes corpos na força de 4:779 homens, tendo de perda, 2 officiaes e 3 soldados feridos.

Villa Real de Biscaya, em 24 de junho de 1813, em que entrou infanteria n.º 24, na força de 983 homens, tendo de perda, 2 soldados feridos.

Villa Franca e Lascaño, 24 de junho de 1813, em que entraram infanteria n.^os^ 1, 13 e 16, e caçadores n.^os^ 4 e 5, todos estes corpos na força de 3:680 homens, tendo de perda, 5 soldados mortos; 1 official e 7 soldados feridos, e 12 soldados extraviados.

Tolosa, 25 de junho de 1813, em que entraram infanteria n.^os^ 1, 13, 16 e 24, e caçadores n.^os^ 4 e 5, todos estes corpos na força de 4:636 homens, tendo de perda em mortos, 3 officiaes e 45 soldados; em feridos, 9 officiaes e 112 soldados; e em extraviados, 1 official, 42 soldados e 1 cavallo.

Berrueta, 1 de julho de 1813, em que entraram infan-

teria n.° 6 e caçadores n.° 6, na força de 1:538 homens, tendo de perda, 2 soldados feridos.

Aniz, 4 de julho de 1813, em que entraram infanteria n.° 6 e caçadores n.° 6, na força de 1:536 homens, tendo de perda, 4 soldados mortos, 1 official e 9 soldados feridos.

Elizondo, 5 de julho de 1813, em que entraram infanteria n.° 6 e caçadores n.° 6, na força de 1:522 homens, não tendo perda alguma.

Porto de Maia, 7 de julho de 1813, em que entraram infanteria n.os 2 e 14, e caçadores n.° 6, tudo na força de 2:820 homens, tendo de perda, 12 soldados mortos, 2 officiaes e 28 soldados feridos e 3 soldados extraviados.

S. Bartholomeu, 7 de julho de 1813, em que entrou artilheria n.° 1, na força de 110 homens, tendo de perda, 2 soldados mortos e 7 feridos.

Porto de Maia, 8 de julho de 1813, em que entraram infanteria n.os 2 e 14, na força de 2:318 homens, tendo de perda, 1 soldado morto e 3 feridos.

Urdach, 8 de julho de 1813, em que entraram infanteria n.° 6 e caçadores n.° 6, na força de 1:483 homens, tendo de perda, 3 soldados mortos e 16 feridos.

Banca, 23 de julho de 1813, em que entrou infanteria n.° 4, na força de 228 homens, tendo de perda, 5 soldados mortos e 2 feridos.

Roncesvalhes, 25 de julho de 1813, em que entraram infanteria n.os 11 e 23, e caçadores n.° 7, na força de 2:257 homens, tendo de perda, 3 soldados mortos, 1 official e 4 soldados feridos.

Porto de Arriete, 25 de julho de 1813, em que entraram infanteria n.os 2 e 14, na força de 1:157 homens, tendo de perda, 4 soldados mortos, 2 feridos e 1 extraviado.

Porto de Maia, 25 de julho de 1813, em que entraram infanteria n.os 6 e 18; caçadores n.° 6, e artilheria n.° 1, todos estes corpos na força de 2:902 homens, tendo de perda, 4 soldados mortos, 11 feridos e 7 extraviados.

Viscarrete, 26 de julho de 1813, em que entraram in-

fanteria n.º 11 e caçadores n.º 7, na força de 1:247 homens, tendo de perda, 1 soldado morto e 4 feridos.

Junto á praça de Pamplona, 27 de julho de 1813, em que entraram infanteria n.os 4 e 10, e caçadores n.º 10, fazendo ao todo 2:591 homens, tendo de perda, 1 official e 29 soldados mortos; 9 officiaes e 34 soldados feridos, e 11 ditos extraviados.

Lizasso, 29 de julho de 1813, em que entrou caçadores n.º 2, na força de 414 homens, tendo de perda, 2 soldados mortos e 7 feridos.

Alturas de Zarza, 31 de julho de 1813, em que entraram infanteria n.os 7 e 19 e caçadores n.º 2, fazendo ao todo 2:287 homens, tendo de perda, 1 official e 7 soldados mortos; 2 officiaes e 13 soldados feridos, e 10 ditos extraviados.

Lizasso, 31 de julho de 1813, em que entraram infanteria n.os 6 e 18, e caçadores n.º 6, na força de 2:452 homens, tendo de perda, 8 soldados mortos; 2 officiaes e 17 soldados feridos, e 2 ditos extraviados.

Alturas de Santa Barbara, 31 de julho de 1813, em que entraram infanteria n.º 7 e caçadores n.os 1 e 3, na força de 1:618 homens, não tendo perda alguma.

Santo Estevam, 1 de agosto de 1813, em que entraram infanteria n.os 11 e 23 e caçadores n.º 7, fazendo ao todo 2:137 homens, tendo de perda, 1 official e 10 soldados mortos; 2 officiaes e 12 soldados feridos.

Vera, 1 de agosto de 1813, em que entraram caçadores n.os 1 e 3, na força de 1:099 homens, não tendo perda alguma.

Echalar, 2 de agosto de 1813, em que entraram infanteria n.os 7, 11, 19 e 23 e caçadores n.os 2 e 7, fazendo ao todo 4:302 homens, tendo de perda, 3 soldados mortos; 1 official e 6 soldados feridos.

Urdach, 4 de agosto de 1813, em que entraram infanteria n.os 6 e 18, e caçadores n.º 6, na força de 2:390 homens, tendo de perda, 1 soldado morto e 1 dito ferido.

Zugaramurdi, 13 de agosto de 1813, em que entraram infanteria n.º 19 e caçadores n.º 2, na força de 643 homens,

tendo de perda, 3 soldados mortos, 4 feridos e 2 extraviados.

Alturas de Urdach, 31 de agosto de 1813, em que entraram infanteria n.os 8 e 12, e caçadores n.º 9, fazendo ao todo 2:090 homens, tendo de perda, 3 officiaes e 64 soldados mortos; 8 officiaes e 102 soldados feridos, e 8 ditos extraviados.

Zagaramurdi, 31 de agosto de 1813, em que entraram infanteria n.os 7 e 19, e caçadores n.º 3, fazendo ao todo 2:258 homens, tendo de perda, em mortos, 4 officiaes e 15 soldados; em feridos, 2 officiaes, 45 soldados e 1 cavallo, e em extraviados, 4 soldados.

Vera, 31 de agosto de 1813, em que entraram infanteria n.º 7 e caçadores n.os 1 e 3, fazendo ao todo 1:760 homens, tendo de perda, 6 soldados mortos; 2 officiaes e 12 soldados feridos, e 2 ditos extraviados.

Alturas de Salin, 31 de agosto de 1813, em que entraram infanteria n.os 11 e 23, e caçadores n.º 7, na força de 2:160 homens, tendo de perda, em mortos, 2 officiaes e 31 soldados; em feridos, 5 officiaes e 76 soldados, e em extraviados, 14 soldados.

Vera, 1 de setembro de 1813, em que entraram caçadores n.os 1 e 3, na força de 1:084 homens, tendo de perda, 1 soldado morto e 1 official ferido.

Alturas de Errazu, 10 de setembro de 1813, em que entrou infanteria n.º 21, na força de 176 homens, tendo de perda, 1 soldado morto e 5 feridos.

Dordal, 12 de setembro de 1813, em que entrou artilheria n.º 2, na força de 52 homens, tendo de perda, 6 soldados extraviados.

Banca, 1 de outubro de 1813, em que entraram infanteria n.os 2, 4, 10 e 14, e caçadores n.º 10, fazendo ao todo 4:749 homens, tendo de perda, 1 official e 2 soldados feridos, e 8 ditos extraviados.

Alturas de Urdach, 7 de outubro de 1813, em que entraram infanteria n.os 8 e 12, e caçadores n.º 9, fazendo ao todo 2:179 homens, tendo de perda, em mortos, 5 officiaes

e 72 soldados; em feridos, 8 officiaes e 147 soldados, e em extraviados, 2 officiaes e 14 soldados.

Alturas de Vera, 7 de outubro de 1813, em que entraram infanteria n.os 11, 17 e 23, e caçadores n.os 1, 3 e 7, na força de 4:354 homens, tendo de perda, 6 officiaes, 70 soldados e 1 cavallo mortos; 9 officiaes e 120 soldados feridos, e 3 ditos extraviados.

Passagem de Bidassoa, 7 de outubro de 1813, em que entraram infanteria n.os 1, 3, 13, 15, 16 e 24, e caçadores n.os 4, 5 e 8, todos estes corpos na força de 5:845 homens, tendo de perda, 12 soldados mortos; 3 officiaes e 22 soldados feridos, e 3 ditos extraviados.

Zugaramurdi, 22 de outubro de 1813, em que entraram infanteria n.os 9 e 21, e caçadores n.º 11, na força de 2:221 homens, tendo de perda, 3 soldados mortos, 7 feridos, e 1 extraviado.

Cambo, 12 de novembro de 1813, em que entraram infanteria n.os 6 e 18, e caçadores n.º 6, na força de 2:700 homens, não tendo perda alguma.

Arrauntz, 18 de novembro de 1813, em que entraram infanteria n.os 9 e 21, e caçadores n.º 11, na força de 1:741 homens, tendo de perda, 5 soldados mortos; 1 official e 26 soldados feridos.

Bidart, 18 de novembro de 1813, em que entraram infanteria n.os 1 e 16, na força de 2:170 homens, tendo de perda, 4 soldados mortos; 1 official e 12 soldados feridos.

Arbone, 23 de novembro de 1813, em que entraram caçadores n.os 1 e 3, na força de 944 homens, tendo de perda, 1 soldado morto.

Ilha do Adour, 22 de dezembro de 1813, em que entraram infanteria n.os 4 e 10, e caçadores n.º 10, na força de 2:325 homens, tendo de perda, 1 soldado morto.

Bouloc, 3 de janeiro de 1814, em que entrou caçadores n.º 11, na força de 295 homens, não tendo perda alguma.

La Bastide de Clarence, 3 de janeiro de 1814, em que entrou infanteria n.º 4, na força de 424 homens, tendo de perda, 2 soldados mortos; 5 feridos e 4 extraviados.

La Bastide de Clarence, 6 de janeiro de 1814, em que entraram infanteria n.^{os} 4, 9, 10, 11, 21 e 23, e caçadores n.^{os} 7, 10 e 11, todos estes corpos na força de 6:907 homens, tendo de perda, 3 soldados mortos; 1 official e 9 soldados feridos, e 3 ditos extraviados.

Hellet, 14 de fevereiro de 1814, em que entrou artilheria n.^{o} 1, na força de 110 homens, não tendo perda alguma.

Bouloc, 14 de fevereiro de 1814, em que entraram infanteria n.^{os} 9 e 21, e caçadores n.^{o} 11, na força de 2:150 homens, tendo de perda, 3 soldados mortos; 2 officiaes e 9 soldados feridos.

Garriz, 15 de fevereiro de 1814, em que entraram infanteria n.^{os} 6 e 18, e caçadores n.^{o} 6, na força de 2:334 homens, tendo de perda, 3 officiaes e 12 soldados mortos, e 1 official e 14 soldados feridos.

Saint-Palais, 16 de fevereiro de 1814, em que entraram infanteria n.^{os} 6 e 18, e caçadores n.^{o} 6, na força de 2:305 homens, tendo de perda, 3 soldados mortos, e 1 official e 3 soldados feridos.

Sauveterre, 18 de fevereiro de 1814, em que entraram infanteria n.^{os} 2 e 14, na força de 2:120 homens, tendo de perda, 3 soldados mortos; 5 feridos e 3 extraviados.

Hastingues, 23 de fevereiro de 1814, em que entraram infanteria n.^{os} 7 e 19, e caçadores n.^{o} 2, na força de 2:400 homens, tendo de perda, 2 soldados mortos, e 5 officiaes e 35 soldados feridos.

Reconhecimento das trincheiras do sul do Adour junto a Bayonna, 23 de fevereiro de 1814, em que entraram infanteria n.^{os} 13 e 24, e caçadores n.^{o} 5, na força de 1:827 homens, tendo de perda, 1 soldado morto, e 2 feridos.

Sauveterre, 24 de fevereiro de 1814, em que entraram infanteria n.^{os} 9 e 21, e caçadores n.^{o} 11, na força de 2:136 homens, tendo de perda, 1 official morto, e 2 officiaes, 3 soldados e 1 cavallo feridos.

Peyrehorade, 25 de fevereiro de 1814, em que entrou

caçadores n.º 7, na força de 371 homens, não tendo perda alguma.

Orthez, 25 de fevereiro de 1814, em que entraram caçadores n.ºs 1 e 3, na força de 570 homens, tendo de perda, 6 soldados mortos, e 14 feridos.

Orthez, 26 de fevereiro de 1814, em que entrou caçadores n.º 1, na força de 530 homens, não tendo perda alguma.

Saint-Sever, 28 de fevereiro de 1814, em que entrou caçadores n.º 9, na força de 310 homens, tendo de perda, 1 soldado ferido.

Bederere, 1 de março de 1814, em que entraram infanteria n.ºs 8 e 12, e caçadores n.º 9, fazendo ao todo 2:072 homens, tendo de perda, 2 soldados mortos, e 7 feridos.

Aire, 2 de março de 1814, em que entraram infanteria n.ºs 2, 4, 6, 10, 14 e 18; caçadores n.ºs 6 e 10, e artilheria n.º 1, fazendo ao todo 6:678 homens, tendo de perda, em mortos, 22 soldados e 1 cavallo; em feridos, 5 officiaes e 66 soldados; e em extraviados 8 soldados.

Barcellone, 2 de março de 1814, em que entraram infanteria n.ºs 8 e 12, e caçadores n.º 9, fazendo ao todo 2:063 homens, tendo de perda, 3 soldados mortos, e 1 official e 9 soldados feridos.

Viella, 13 de março de 1814, em que entraram cavallaria n.º 4, e infanteria n.º 2, na força de 1:317 homens, tendo de perda, em mortos, 2 soldados e 2 cavallos; em feridos, 2 officiaes e 3 soldados; e em extraviados, 1 official, 11 soldados e 14 cavallos.

Vic-Bigorre, 19 de março de 1814, em que entraram infanteria n.ºs 9 e 21, e caçadores n.º 11, na força de 2:000 homens, tendo de perda em mortos, 1 official, 27 soldados e 1 cavallo; e em feridos, 4 officiaes, 64 soldados e 1 cavallo.

Tarbes, 20 de março de 1814, em que entraram infanteria n.ºs 2, 8, 9, 12, 14, 17 e 21; caçadores n.ºs 1, 3, 9 e 11, e artilheria n.ºs 2, todos estes corpos na força de 7:640 homens, tendo de perda, 2 soldados mortos, e 15 ditos feridos.

Plaisence de Souch, 27 de março de 1814, em que entrou caçadores n.º 3, na força de 387 homens, não tendo perda alguma.

L'Ardenne de Toulouse, 28 de março de 1814, em que entrou caçadores n.º 9, na força de 254 homens, tendo de perda, 1 soldado ferido.

Nerac, 31 de março de 1814, em que entrou cavallaria n.º 4, na força de 266 homens, tendo de perda em mortos, 1 soldado e 4 cavallos; em feridos, 1 soldado; e em extraviados, 21 soldados e 1 cavallo.

Blaye, 5 de abril de 1814, em que entrou infanteria n.º 7 e caçadores n.º 2, na força de 1:195 homens, tendo de perda, 4 soldados mortos, 2 officiaes e 20 soldados feridos.

Sitios

Quatorze tiveram logar durante esta guerra, que foram:

Forte de S. Francisco da praça de Chaves, desde 20 até 25 de março de 1809, em que entraram infanteria n.ºs 12 e 24, na força de 2:438 homens, tendo de perda, 5 soldados mortos, e 22 feridos.

Castello de Puebla de Sanabria, desde 1 até 10 de de agosto de 1810, em que entraram cavallaria n.º 12, e artilheria n.º 4, na força de 268 homens, tendo de perda, 1 official e 4 soldados feridos, e 1 extraviado.

Praça de Olivença, desde 9 até 15 de abril de 1811, em que entraram cavallaria n.ºs 5 e 8; infanteria n.ºs 2, 4, 10, 11, 14 e 23; caçadores n.º 7, e artilheria n.ºs 2 e 3, todos estes corpos na força de 8:660 homens, tendo de perda, 2 soldados mortos: 2 officiaes e 5 soldados feridos.

1.º Sitio da praça de Badajoz, desde 5 até 16 de maio de 1811, em que entraram cavallaria n.ºs 3, 5, 8 e 9; infanteria n.ºs 2, 4, 5, 10, 11, 14, 17 e 23; caçadores n.ºs 5 e 7, e artilheria n.º 3, todos estes corpos na força de 11:664 homens, tendo de perda, em mortos, 3 officiaes, 92 soldados e 16 cavallos; em feridos, 5 officiaes, 116 soldados e 4 cavallos; em extraviados, 1 official e 9 soldados.

2.º Sitio da praça de Badajoz, desde 19 de maio até 17 de junho de 1811, em que entraram cavallaria n.os 3, 6 e 9; infanteria n.os 2, 4, 5, 7, 9, 10, 14, 17, 19 e 21; caçadores n.os 2 e 5; artilheria n.os 1, 2 e 3, todos estes corpos na força de 11:666 homens, tendo de perda, em mortos, 3 officiaes, 49 soldados e 5 cavallos; em feridos, 4 officiaes e 56 soldados; e em extraviados, 3 soldados.

Praça da Cidade Rodrigo, desde 7 até 19 de janeiro de 1812, em que entraram infanteria n.os 1, 7, 11, 16, 19, 23 e 24; caçadores n.os 1, 2, 3, 4 e 7: artilheria n.os 1 e 4, todos estes corpos na força de 10:063 homens, tendo de perda 43 soldados mortos, 2 officiaes e 55 soldados feridos.

3.º Sitio de Badajoz, desde 17 de março até 6 de abril de 1812, em que entraram cavallaria n.º 3; infanteria n.os 2, 3, 5, 9, 11, 13, 14, 15, 17, 21, 23 e 24; caçadores n.os 1, 3, 7, 8 e 11; artilheria n.os 1, 2, 3 e 4, todos estes corpos na força de 14:810 homens, tendo de perda, em mortos, 5 officiaes, 87 soldados e 5 cavallos; em feridos, 10 officiaes, 108 soldados e 1 cavallo: em extraviados, 2 soldados.

Forte de Salamanca, desde 17 até 27 de junho de 1812, em que entraram infanteria n.os 3, 8, 12, 15 e 24; caçadores n.os 8 e 9: artilheria n.º 1, todos estes corpos na força de 5:397 homens, tendo de perda, 1 official e 6 soldados mortos: 2 officiaes e 16 soldados feridos.

Forte do Retiro em Madrid, desde 11 até 13 de agosto de 1812, em que entraram infanteria n.os 7, 15 e 19; caçadores n.º 2, na força de 1:057 homens, tendo de perda, 1 soldado morto e 3 feridos.

Castello de Burgos, desde 19 até 21 de outubro de 1812, em que entraram infanteria n.os 1, 3, 8, 12, 13, 15, 16 e 24; caçadores n.os 4, 5, 8 e 9: artilheria n.º 1, todos estes corpos na força de 8:377 homens, tendo de perda, em mortos, 4 officiaes e 126 soldados; em feridos, 10 officiaes e 164 soldados; e em extraviados, 44 ditos.

Praça de Tarragona, desde 3 até 13 de junho de 1813, em que entraram artilheria n.os 1, 2 e 4, na força de 206 ho-

mens, tendo de perda, 2 soldados mortos; 1 official e 1 soldado feridos.

Praça de S. Sebastião, desde 9 de julho até 31 de agosto de 1813, em que entraram infanteria n.^{os} 1, 3, 15, 16 e 24; caçadores n.^{os} 4, 5 e 8; artilheria n.^{os} 1 e 2; batalhão de artifices engenheiros, todos estes corpos na força de 6:392 homens, tendo de perda, em mortos, 2 officiaes, 71 soldados e 1 cavallo; em feridos, 1 official e 96 soldados; e em extraviados, 1 official e 109 soldados.

Castello da praça de S. Sebastião, desde 31 de agosto até 8 de setembro de 1813, em que entraram infanteria n.^{os} 1, 3, 15 e 16; caçadores n.^{os} 4 e 8; batalhão de artifices engenheiros, todos estes corpos na força de 3:746 homens, tendo de perda, 14 soldados mortos; 2 officiaes, e 24 soldados feridos.

Praça de Bayonna, desde 27 de fevereiro até 28 de de abril de 1814, em que entraram infanteria n.^{os} 1, 3,13, 15, 16 e 24: caçadores n.^{os} 4, 5 e 8; artilheria n.^{o} 4, todos estes corpos na força de 5:346 homens, tendo de perda, 2 officiaes e 58 soldados mortos; 7 officiaes e 64 soldados feridos; e 10 ditos extraviados.

Assaltos

Dezoito tiveram logar durante esta guerra, que foram:

Praça de Chaves, em 20 de março de 1809, em que entraram infanteria n.^{os} 12 e 24, e artilheria n.^{o} 4, na força de 1:450 homens, tendo de perda, 1 soldado morto, e 1 ferido.

1.^{o} Assalto ao forte de S. Christovão da praça de Badajoz, em 6 de junho de 1811, em que entraram infanteria n.^{os} 7, 17 e 19, na força de 133 homens, tendo de perda, 12 soldados mortos, 8 feridos e 1 extraviado.

2.^{o} Assalto ao dito forte de S. Christovão da citada praça de Badajoz, em 1 de junho de 1811, em que entraram infanteria n.^{os} 7, 17 e 19, na força de 706 homens,

tendo de perda, 4 officiaes e 2 soldados mortos; 1 official e 7 soldados feridos.

Assalto dado ao cabeço de S. Francisco da praça da Cidade Rodrigo, em 8 de janeiro de 1812, em que entrou caçadores n.º 3, na força de 14 homens, tendo de perda, 1 soldado morto.

Praça da Cidade Rodrigo, em 19 de janeiro de 1812, em que entraram infanteria n.ºs 1 e 16; caçadores n.ºs 1, 2 e 3; artilheria n.º 1, tudo na força de 2:566 homens, tendo de perda, 4 soldados mortos, 2 officiaes e 8 soldados feridos.

Forte da Picurina na praça de Badajoz, em 25 de março de 1812, em que entraram infanteria n.ºs 9 e 21; caçadores n.º 7, na força de 302 homens, tendo de perda, 2 soldados mortos e 8 feridos.

Praça de Badajoz, em 6 de abril de 1812, em que entraram infanteria n.ºs 3, 9, 11, 15, 21 e 23; caçadores n.ºs 1, 3, 7, 8 e 11, todos estes corpos na força de 6:290 homens, tendo de perda, em mortos, 13 officiaes e 289 soldados, e em feridos, 33 officiaes e 304 soldados.

Castello de Mirabete, em 18 de maio de 1812, em que entrou caçadores n.º 6, na força de 150 homens, tendo de perda, 1 official e 2 soldados feridos.

1.º **Assalto ao forte de Salamanca,** em 21 de junho de 1812, em que entrou infanteria n.º 8, da força de 1:089 homens, tendo de perda, 1 soldado morto e 5 feridos.

2.º Assalto do citado forte de Salamanca, em 27 de junho de 1812, em que entraram infanteria n.ºs 8 e 12; caçadores n.º 4, na força de 2:791 homens, tendo de perda, 1 soldado morto.

Intrincheiramentos em frente do castello de Burgos, em 19 de setembro de 1812, em que entrou infanteria n.º 1, na força de 516 homens, não tendo perda alguma.

Hornaveque do castello de Burgos, em 19 de setembro de 1812, em que entraram infanteria n.ºs 1 e 16; caçadores n.º 4, na força de 1:522 homens. tendo de perda

4 officiaes e 23 soldados mortos: 2 officiaes e 67 soldados feridos, e 11 ditos extraviados.

1.º **Assalto ao castello de Burgos**, em 20 de setembro de 1812, em que entrou caçadores n.º 9, na força de 350 homens, tendo de perda, 1 official e 5 soldados mortos: 1 official e 6 soldados feridos.

2.º **Assalto ao citado castello de Burgos**, em 5 de outubro de 1812, em que entraram infanteria n.ºs 3 e 15: caçadores n.º 9, na força de 530 homens, tendo de perda, 7 soldados mortos e 4 feridos.

3.º **Assalto do referido castello**, em 16 de outubro de 1812, em que entrou caçadores n.º 9, na força de 220 homens, tendo de perda, 6 soldados mortos e 7 feridos.

Reducto do convento de S. Bartholomeu da praça de S. Sebastião, em 17 de julho de 1813, em que entraram infanteria n.ºs 13 e 24: caçadores n.ºs 4 e 5, tudo na força de 2:046 homens, tendo de perda, 49 soldados mortos: 5 officiaes e 59 soldados feridos, e 5 ditos extraviados.

1.º **Assalto á praça de S. Sebastião**, em 25 de julho de 1813, em que entraram infanteria n.ºs 1 e 16; caçadores n.º 8, na força de 2:103 homens, tendo de perda, em mortos, 1 official e 41 soldados: em feridos, 3 officiaes e 58 soldados: e em extraviados, 9 soldados.

2.º **Assalto á citada praça**, em 31 de agosto de 1813, em que entraram infanteria n.ºs 3, 11, 13, 15, 17, 23 e 24: caçadores n.ºs 1, 3, 5 e 8, todos estes corpos na força de 2:970 homens, tendo de perda, em mortos, 12 officiaes e 306 soldados; em feridos, 31 officiaes e 285 soldados: e em extraviados, 3 soldados.

Bloqueios

Seis foram os que tiveram logar durante esta guerra, a saber:

1.º **Bloqueio da praça de Almeida**, desde 16 de julho até 1 de outubro de 1808, em que entraram cavallaria n.º 11: infanteria n.ºs 6, 12, 18 e 24, tudo na força de 2:952 homens, tendo de perda, 5 soldados feridos, e 5 extraviados.

2.º Bloqueio feito á citada praça de Almeida, desde 16 de abril até 11 de maio de 1811, em que entraram infanteria n.os 1, 3, 8, 12, 15 e 16; caçadores n.º 4, todos estes corpos na força de 5:548 homens, tendo de perda, 1 soldado morto e 3 extraviados.

Castello de Zamora, desde 10 até 23 de agosto de 1812, em que entraram cavallaria n.º 12, e artilheria n.º 4, na força de 1:704 homens, não tendo perda alguma.

Praça de Pamplona, desde 30 de junho até 18 de julho de 1813, em que entraram infanteria n.os 2, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 21 e 23, e caçadores n.os 7, 9, 10 e 11, todos estes corpos na força de 11:734 homens, tendo de perda, 1 official e 10 soldados mortos, e 23 soldados feridos.

Praça de Barcelona, desde 1 de dezembro de 1813 até 5 de março de 1814, em que entrou artilheria n.º 2, na força de 110 homens, não tendo perda alguma.

Forte de Blaye, desde 6 até 9 de abril de 1814, em que entrou infanteria n.º 7, na força de 799 homens, não tendo perda alguma.

Defezas de praças e outros logares

Praça de Chaves, em 12 de março de 1809, em que entraram infanteria n.os 12 e 24, e artilheria n.º 4, na força de 582 homens, tendo de perda, 12 officiaes e 570 soldados prisioneiros ou extraviados.

Cidade do Porto, desde 26 até 29 de março de 1809, em que entraram infanteria n.os 6, 18 e 21, e leal legião lusitana, tudo na força de 4:366 homens, tendo de perda, em mortos, 2 officiaes e 85 soldados; em feridos, 3 officiaes e 18 soldados: e em extraviados, 2 officiaes e 83 soldados.

Passagem do Vouga, desde 3 de abril até 9 de maio de 1809, em que entraram cavallaria n.os 4 e 10, e artilheria n.º 4, na força de 295 homens, não tendo perda alguma.

Ponte de Lima, em 8 e 9 de abril de 1809, em que entraram infanteria n.º 21, e artilheria n.º 4, na força de 765

homens, tendo de perda, 1 official e 3 soldados mortos; 1 official e 9 soldados feridos.

Ponte de Amarante, desde 18 de abril até 2 de maio de 1809, em que entraram cavallaria n.os 6, 9 e 12; infanteria n.os 6, 12, 18, 21 e 24; leal legião lusitana, e artilheria n.os 1 e 4, todos estes corpos na força de 5:650 homens, tendo de perda, em mortos, 7 officiaes e 204 soldados; em feridos, 4 officiaes e 110 soldados; e em extraviados, 1 official e 8 soldados.

1.ª Defeza da praça de Almeida, desde 24 de julho até 27 de agosto de 1810, em que entraram cavallaria n.º 11, infanteria n.º 24, e artilheria n.º 4, alem das milicias, com as quaes se elevavam os defensores a 4:197 homens, tendo de perda, em mortos, 1 official e 67 soldados; em feridos, 2 officiaes e 31 soldados; e em prisioneiros ou extraviados, 58 officiaes, 1:743 soldados e 66 cavallos.

Praça de Abrantes, desde 9 de outubro de 1810 até 7 de março de 1811, em que entraram cavallaria n.º 9; infanteria n.os 13 e 22, tudo na força, incluindo milicias, de 5:045 homens, tendo de perda, 2 soldados feridos; 1 official e 21 soldados extraviados.

Praça de Badajoz, desde 21 de janeiro até 11 de março de 1811, em que entrou artilheria n.º 3, na força de 173 homens, tendo de perda, 3 soldados mortos, 17 feridos, e 2 officiaes; e 168 soldados prisioneiros ou extraviados.

Praça de Campo Maior, desde 12 até 22 de março de 1811, em que entrou artilheria n.º 3, na força de 45 homens, tendo de perda, 6 soldados feridos; 1 official e 44 soldados extraviados.

2.ª Defeza da praça de Almeida, desde 3 até 6 de abril de 1812, em que entraram cavallaria n.º 11, e artilheria n.º 4, na força de 2:125 homens, incluindo milicias, tendo de perda, 1 soldado ferido.

Cidade de Cadiz e ilha de Leão, desde 6 de fevereiro de 1810 até 30 de agosto de 1812, em que entrou infanteria n.º 20, na força de 1:529 homens, não tendo perda alguma.

Passagem do Tormes, desde 8 até 14 de novembro de 1812, em que entraram cavallaria n.os 1, 4 e 7: infanteria

n.[os] 1, 2, 4, 6, 10, 11, 14, 16, 18 e 23: caçadores n.[os] 4, 6, 7 e 10, e artilheria n.º 2, todos estes corpos na força de 13:081 homens, tendo de perda, em mortos, 1 official e 28 soldados; em feridos, 1 official e 16 soldados; e em extraviados, 1 official, 64 soldados e 1 cavallo.

A recapitulação das perdas, que durante a guerra da peninsula teve o exercito portuguez em mortos, feridos e prisioneiros ou extraviados, é a que consta do seguinte mappa:

Classificação das perdas	Officiaes	Praças de pret	Total	Cavallos
Mortos em combate e depois em consequencia das feridas....	213	4:947	5:160	385
Feridos que não morreram.....	657	8:715	9:372	106
Prisioneiros ou extraviados....	116	6:493	6:609	226
Somma total.......	986	20:155	21:141	717[1]

Em additamento á precedente relação e para honrar a memoria dos officiaes do exercito portuguez, que em tão por-

[1] Em additamento ao precedente mappa aqui apresentâmos um outro n'esta nota, demonstrativo da força dos corpos de primeira linha do exercito portuguez em cada um dos annos da guerra da peninsula, em rasão da inexactidão do que transcrevemos na nota da pagina 519 do anterior volume.

Designações	Armas	Corpos: Regimentos	Corpos: Batalhões	Numero das praças em cada anno da dita guerra: 1808	1809	1810	1811	1812	1813	1814
Homens	Artilheria..	4	—	3:730	5:586	4:929	4:936	4:922	4:758	4:493
	Cavallaria..	12	—	6:432	6:092	6:678	6:710	6:501	6:244	5:234
	Caçadores..	—	12	3:335	3:355	3:878	7:913	7:968	7:074	6:352
	Infanteria..	24	—	29:122	32:925	36:356	34:999	37:417	35:226	35:352
	Somma..	52		42:659	47:958	51:841	54:558	56:808	53:302	51:431
Cavallos de fileira.........				3:258	4:357	4:469	4:634	3:346	2:381	2:179

N. B. Operaram em campanha 8 baterias de artilheria, guarnecidas com praças dos 4 regimentos da arma. Alem da força mencionada, ha-

fiada luta perderam a vida, aqui vamos apresentar ao leitor os nomes dos que n'ella morreram em combate, ou em consequencia dos ferimentos n'elle recebidos [1].

Batalha do Bussaco

Infanteria 1 — Capitão, Guilherme Mackintoch.
Infanteria 4 — Capitão, Antonio Coutinho Seabra.
Infanteria 9 — Alferes, Felix Antonio Bezerra.
Infanteria 16 — Capitão, Carlos Diogo Fox.
Infanteria 21 — Capitão, Diogo Salis Burg.
Infanteria 21 — Alferes, Agostinho de Sousa Castro.
Caçadores 4 — Alferes, Luiz das Neves Franco.

Batalha de Chiclana

Infanteria 20 — Tenente coronel, Ricardo Augusto Bushe.

Batalha de Fuentes de Oñoro

Caçadores 6 — Alferes, Joaquim Pereira Coutinho de Vilhena.

Batalha de Albuera

Infanteria 11 — Tenente, Joaquim Paes de Carvalho.
Infanteria 11 — Tenente, Bernardo de Napoles.

Batalha de Salamanca

Cavallaria 1 — Tenente, Antonio Thomás Dias Pereira.
Infanteria 18 — Tenente coronel, Conde de Ficalho.
Infanteria 18 — Capitão, Antonio Raymundo da Silva.
Infanteria 18 — Alferes, Joaquim Antonio Franco.

via mais a guarda real da policia de Lisboa com 1:250 homens de infanteria e 260 cavallos. Tambem se acharam em armas 53 regimentos de milicias com 52:000 homens, que faziam as diversas guarnições no continente do reino e nas praças de guerra, e nos annos de 1811 e 1812 existiam mais no deposito geral de recrutas 5:000 homens, destinados a irem preenchendo as faltas dos differentes corpos do exercito durante a guerra.

[1] Foi extrahida esta relação do já citado *Almanach Militar* de 1825, no qual se acha tambem a dos feridos da guerra da peninsula, onde a irá encontrar quem a desejar ver.

Infanteria 18 — Alferes, Marianno de Lemos.
Infanteria 11 — Alferes, Antonio Pessanha do Casal.
Infanteria 12 — Ajudante, Antonio de Magalhães Peixoto.
Infanteria 12 — Capitão, Antonio Bernardo Cabral Borges Louzada.
Infanteria 12 — Capitão, José Luiz da Fonseca.
Infanteria 12 — Alferes, Alexandre de Lacerda Pinto.
Infanteria 15 — Tenente, Bento Gonçalves.
Infanteria 15 — Tenente, José Maria Leite.
Infanteria 15 — Alferes, Miguel da Cunha Alcoforado.
Infanteria 16 — Capitão, Antonio Pedro Nolasco Pinto.
Infanteria 16 — Tenente, Francisco Baptista Martins.
Infanteria 16 — Alferes, José Mascarenhas de Sande.
Infanteria 16 — Alferes, José Antonio Rangel.
Infanteria 23 — Capitão, Francisco Antonio da Silva.
Infanteria 23 — Capitão, Luiz Osorio Beltrão.
Caçadores 4 — Capitão, João Wardlow.
Caçadores 12 — Tenente, José de Oliveira.

Batalha de Vittoria

Infanteria 9 — Capitão, Fernando de Villas Boas.
Infanteria 9 — Alferes, Martinho Antonio da Cunha.
Infanteria 9 — Alferes, João Malheiro.
Infanteria 11 — Capitão, Jorge Phiffen.
Infanteria 16 — Capitão, Thomás Linch.
Infanteria 21 — Capitão, Manuel Vicente de Sequeira.
Infanteria 21 — Capitão, Carlos João de Araujo.
Infenteria 21 — Tenente, José Palmer
Caçadores 6 — Alferes, Antonio Osorio de Figueiredo.

Batalha dos Pyrenéos

Infanteria 2 — Major graduado em tenente coronel, Lourenço Martins Pegado.
Infanteria 2 — Capitão, Dugald Mac Guibbon.
Infanteria 2 — Tenente, João Nepomuceno de Athaide.
Infanteria 4 — Tenente coronel, Allan William Campbell.
Infanteria 4 — Capitão, Lucas Germano Garcez Palha.

Infanteria 10 — Major graduado em tenente coronel, Candido Basilio da Victoria.
Infanteria 10 — Capitão, Antonio Francisco Travassos.
Infanteria 11 — Alferes, Lourenço José Alves.
Infanteria 12 — Tenente coronel, Hawilland Le Mesurier.
Infanteria 12 — Major, Lourenço Arnot.
Infanteria 14 — Ajudante, José Maria Cabreira.
Infanteria 23 — Alferes, José de Almeida Pinto.
Caçadores 2 — Capitão graduado em major, Jorge Firmino Pereira Amado.
Caçadores 6 — Tenente, Pio Manuel de Sousa.
Caçadores 7 — Alferes, Constantino de Sousa Girão.
Caçadores 7 — Alferes, Francisco Diogo Lousada.

Batalha do Nivelle

Infanteria 2 — Capitão, Dugald Campbell.
Infanteria 2 — Alferes, José Pedro Tavares.
Infanteria 12 — Ajudante, José de Sousa Pereira Canavarro.
Caçadores 1 — Tenente, Antonio Vicente de Vasconcellos.
Caçadores 2 — Alferes, Antonio José Pereira.
Caçadores 3 — Tenente, Joaquim Pedro Segurado.
Caçadores 3 — Tenente, José Joaquim Teixeira.
Caçadores 7 — Alferes, José Joaquim da Silva Pereira.
Caçadores 7 — Alferes, Valentim du Furest.
Caçadores 9 — Alferes, Estevão José Neiva.
Caçadores 11 — Alferes, José Joaquim Estrexe.

Batalha do Nive

Infanteria 1 — Capitão, José Collaço da Silva.
Infanteria 1 — Tenente, Domingos Vicente de Freitas.
Infanteria 3 — Tenente coronel, Luiz Diogo Pereira Forjaz.
Infanteria 3 — Alferes, Antonio Coelho Seabra.
Infanteria 6 — Capitão, Manuel José de Pinho.
Infanteria 10 — Capitão, Luiz Manuel de Carvalho.
Infanteria 10 — Tenente, Antonio de Abreu.
Infanteria 14 — Major graduado em tenente coronel, Jacinto Alexandre Travassos.

Infanteria 14 — Capitão, Urbano Xavier Henriques.
Infanteria 16 — Capitão, Carlos Lempriere.
Infanteria 18 — Major, Mathias José de Sousa.
Infanteria 18 — Capitão, Manuel Caetano de Sá Tinoco.
Infanteria 18 — Capitão, Thomás Ridge.
Infanteria 24 — Major, Joaquim Anacleto Ferreira.
Infanteria 24 — Capitão, Joaquim Antonio Callado.
Infanteria 24 — Alferes, Nicolau Lopes da Costa.
Caçadores 1 — Alferes graduado em tenente, Pedro Osorio da Fonseca.
Caçadores 3 — Capitão, Daniel Kirk.
Caçadores 4 — Alferes, José Maria da Costa Freire.
Caçadores 5 — Capitão, Francisco de Paula Arraes.
Caçadores 5 — Tenente, Luiz Pedro da Silva.
Caçadores 9 — Capitão graduado em major, João Mollich Harrisoh.

Batalha de Orthez

Infanteria 11 — Major graduado em tenente coronel, Daniel Donahôe.
Infanteria 21 — Capitão, Samuel Jermin.
Infanteria 23 — Alferes, Joaquim Roberto.
Caçadores 11 — Tenente coronel, Carlos Kilsha.
Caçadores 11 — Capitão, Antonio Rodrigues da Silva.
Caçadores 11 — Capitão, José Bento de Magalhães.

Batalha de Toulouse

Infanteria 8 — Tenente, Joaquim Manuel Mascarenhas.
Infanteria 8 — Alferes, João Benedicto.
Infanteria 11 — Alferes, Manuel de Loureiro.
Infanteria 12 — Capitão, Antonio José Carneiro.
Infanteria 21 — Tenente coronel, Guilherme Birmingham.

Combate de Evora

Infanteria 3 — Tenente, Manuel Joaquim Carrilho.

Combate de Grijó

Infanteria 16 — Alferes, Joaquim José de Quevedo e Vasconcellos.

Combate da ponte de Alcantara

Leal legião lusitana — Capitão, Domingos Valente.

Combate do Penco

Infanteria 24 — Major, Watter Cooksey.

Combate da ponte do Xevora

Cavallaria 3 — Capitão, João José Fernandes.

Combate de Campo Maior

Cavallaria 1 — Alferes, José Maria Trinité.

Combate do Caniçal

Infanteria 23 — Capitão, Clemente José Soeiro.

Combate de las Rosas e Majalahonda

Cavallaria 12 — Capitão, Francisco Antonio de Sousa.
Cavallaria 12 — Tenente, Joaquim Pereira Coutinho.
Cavallaria 12 — Tenente, Alvaro de Moraes Soares.

Combate do Carrion

Infanteria 3 — Major, Eduardo Ovens.
Caçadores 8 — Tenente, João Baptista Ferreira.

Combate de S. Munhoz

Infanteria 20 — Alferes, João José de Azevedo.

Combate de Toulouse

Infanteria 24 — Tenente, João Baptista Reimão.
Infanteria 24 — Alferes, Luiz Jeronymo.
Infanteria 24 — Alferes, José Maria da Fonseca.

Combate junto á praça de Pamplona

Caçadores 10 — Alferes, Wenceslau Ayres Tavares.

Combate das alturas de Zarza

Infanteria 19 — Capitão, Diogo Campbell.

Combate de Santo Estevão

Infanteria 19 — Tenente, Christovão de Sousa.

1.º Combate das alturas de Urdach

Infanteria 8 — Capitão, Guilherme Connor.
Infanteria 8 — Tenente, Manuel Alexandre de Santa Clara.
Infanteria 8 — Alferes, Jorge Alexandre de Miranda.

Combate de Zugaramurdi

Infanteria 19 — Capitão, João Ross.
Infanteria 19 — Tenente, David Leslie.
Infanteria 19 — Alferes, Julio Cesar Augusto.
Caçadores 2 — Alferes, Francisco José Lourenço.

Combate das alturas de Salin

Infanteria 23 — Capitão, G. D. Craufurd.
Infanteria 23 — Capitão, Jeronymo Freire Côrte Real.

2.º Combate das alturas de Urdach

Infanteria 8 — Tenente, Guilherme Murphy.
Infanteria 8 — Alferes, Antonio Pita de Castro.
Infanteria 12 — Alferes graduado em tenente, João José Baracho Correia de Abreu.
Caçadores 9 — Capitão, Antonio Luiz de Moraes Sarmento.
Caçadores 9 — William Jorge Cummings.

Combate das alturas de Vera

Caçadores 1 — Tenente coronel, João Henrique Algeo.
Caçadores 1 — Capitão, Joaquim Antonio da Cunha.
Caçadores 1 — Alferes, Domingos Marques Coelho.

Caçadores 3 — Tenente, João Pinto Coelho.
Caçadores 3 — Alferes, José Pinto Ribeiro.
Caçadores 3 — Alferes, Joaquim Navarro.

Combate de Garris

Caçadores 6 — Tenente coronel, Pedro Fearon.
Caçadores 6 — José Pereira de Castro.

Combate dos postos avançados na margem esquerda do Adour

Caçadores 9 — Tenente, Joaquim Esequiel da Cunha.

Combate de Sauveterre

Caçadores 11 — Tenente, Pedro de Magalhães Peixoto.

Combate de Vic-Bigorre

Infanteria 21 — Alferes, Victorino Joaquim de Abondanha.

1.º Sitio da praça de Badajoz

Cavallaria 3 — Capitão, Francisco Xavier de Moraes Lamare.
Cavallaria 3 — Tenente, Jacinto Bernardo do Couto.
Infanteria 17 — Alferes, Manuel Raymundo Viegas.

2.º Sitio da praça de Badajoz

Infanteria 10 — Tenente coronel, James Olivier.
Infanteria 14 — Tenente, Rodrigo José de Mello.
Caçadores 5 — Alferes, João Allão Correia.

2.º Assalto do forte de S. Christovão da praça de Badajoz

Infanteria 7 — Tenente, José Pereira Heitor de Macedo.
Infanteria 17 — Major, Alexandre Mac Geachey.
Infanteria 17 — Capitão, Roberto Maxiwell.
Infanteria 19 — Tenente, João José de Menezes.

3.º Sitio e assalto da praça de Badajoz

Infanteria 3 — Tenente, Antonio da Silveira Couto Panasco.
Infanteria 11 — Tenente coronel, Donald Mac Donald.

Infanteria 11 — Capitão, José Pereira Mattos.
Infanteria 11 — Alferes, Miguel Tavares.
Infanteria 11 — Alferes, Joaquim de Azevedo Pinto.
Infanteria 21 — Tenente, Francisco Joaquim Pereira de Castro.
Infanteria 23 — Alferes, Diogo de Carvalho.
Infanteria 23 — Alferes, Severino José Dantas.
Caçadores 1 — Capitão, Donal Mac Donald.
Caçadores 1 — Tenente, José Maria Vellez Juzarte.
Caçadores 3 — Capitão, P. J. Morphw.
Caçadores 8 — Capitão, João Pereira de Magalhães.
Caçadores 8 — Capitão, Antonio Francisco Breunig.
Caçadores 8 — Alferes, Gaspar Pinto de Sousa.
Artilheria 2 — Capitão, Julio Cesar Pereira do Amaral.
Artilheria 2 — Segundo tenente, Roque Landeiro Pereira de Sousa.
Artilheria 3 — Capitão, Antonio Vellez Barreiros.
Artilheria 3 — Segundo tenente, Maximiano Vieira da Silva.

Sitio do forte de Salamanca

Infanteria 24 — Alferes, João Osorio de Mesquita.

Sitio do castello de Burgos, e assalto do seu Hornaveque e do mesmo castello

Infanteria 1 — Tenente, Antonio Joaquim do Valle.
Infanteria 1 — Alferes, Gaspar Mendes Franco.
Infanteria 12 — Capitão, Guilherme White.
Infanteria 13 — Capitão, José Leandro Passos.
Infanteria 16 — Ajudante, José Carlos Mardel.
Infanteria 16 — Alferes, Luiz Antonio Manuel da Costa.
Caçadores 5 — Capitão, Henrique Perry.
Caçadores 9 — Alferes, Joaquim Rodrigues de Almeida.
Artilheria 1 — Segundo tenente, Felizardo Xavier Pereira.

Sitio da praça de S. Sebastião, e assalto do reducto e convento de S. Bartholomeu e da mesma praça

Infanteria 3 — Ajudante, Guilherme Hill.

Caçadores 3 — Tenente, João Pinto Coelho.
Caçadores 3 — Alferes, José Pinto Ribeiro.
Caçadores 3 — Alferes, Joaquim Navarro

Combate de Garris

Caçadores 6 — Tenente coronel, F ... raz.
Caçadores 6 — José Pereira de

Combate dos postos avançado

Caçadores 9 — Tenente,

Co

Caçadores 11 — Te ... ves.
...ra de Mello.
...l Caetano.

Infanteria 21

...a praça de Bayonna

...enente, Francisco Candido da Silveira.
Cavallar... — Ajudante, Sebastião Luiz Soares Barbosa.

Bloqueio da praça de Pamplona

Cav...
In... ...çadores 11 — Capitão, Antonio Carlos Pereira da Silva.

Defeza da cidade do Porto

Infanteria 6 — Tenente coronel, Antonio da Silva Pinto.
Infanteria 6 — Alferes, José de Sá Pereira.

Defeza de Ponte de Lima

Infanteria 21 — Alferes, João Soares Borges.

Defeza da ponte de Amarante

Infanteria 12 — Tenente coronel, Roberto Guilherme Patricio.
Infanteria 21 — Capitão graduado em major, Manuel Joaquim Pereira de Castro.
Infanteria 24 — Alferes, Francisco Fernandes Vaz.
Artilheria 1 — Segundo tenente, Manuel Lopes Coelho.
Artilheria 4 — Tenente coronel, José Manuel de Queiroz.

ia 4 — Capitão, Antonio Basilio de Faria.
4 — Primeiro tenente, Bento Vieira de Sá.

1.ª Defeza da praça da Almeida

itão, Caetano José Alves.

da passagem do Tormes

ntonio Maria Pinto.
es mortos.

ece-nos acertado ajuntarmos
omprehendendo os officiaes superio-
aes do exercito portuguez, que mais par-
se distinguiram na guerra contra os francezes
de 1809, 1810, 1811 e 1812, segundo o officio que
arechal Beresford dirigiu ao governo em 16 de maio do
ultimo d'aquelles annos.

João Hamilton, tenente general, commandante da divisão portugueza e inspector geral de infanteria.

Agostinho Luiz da Fonseca, brigadeiro general, commandante de uma brigada, depois governador de Aveiro, e sub-inspector das milicias de Traz os Montes e Beira.

Diniz Pack, brigadeiro general, commandante da brigada de infanteria 1 e 16 com caçadores 4.

Carlos Frederico Lecor, brigadeiro general, commandante da Beira Baixa e da divisão de milicias d'esta provincia.

Archibaldo Campbell, brigadeiro general, commandante da brigada de infanteria 4 e 10 com caçadores 10.

Benjamin D'Urban, brigadeiro general e quartel mestre general do exercito.

Manuel de Brito Mousinho, brigadeiro general, ajudante general do exercito.

Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, marechal de campo, secretario militar do marechal Beresford.

Roberto Arbuthnot, tenente coronel, hoje coronel, secretario militar britannico do referido marechal.

João Lobo Brandão de Almeida, brigadeiro general, governador da praça de Abrantes.

João Wilson, brigadeiro general, encarregado do governo das armas do Minho e commandante da divisão de milicias da referida provincia.

Guilherme Maundy Harvey, brigadeiro general, commandante da brigada de infanteria 11 e 23 com caçadores 9. Duas vezes muito ferido.

Guilherme Cox, coronel, governador da praça de Almeida, prisioneiro em França.

José Joaquim Champalimaud, coronel, hoje brigadeiro general, commandante do regimento de infanteria 21. Ferido na batalha do Bussaco.

Conde de Rezende, coronel, hoje brigadeiro general, commandante do regimento de infanteria 11.

Ricardo Collins, coronel, commandante que foi do regimento de infanteria 11. Ferido, tendo perdido uma perna. Hoje é commandante de uma brigada.

Thomás Guilherme Stubbs, coronel, commandante do regimento de infanteria 23.

João Antonio Tavares, coronel, commandante do regimento 3.

Manuel Pamplona Carneiro Rangel, coronel, commandante do regimento n.º 18.

Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, tenente coronel, hoje coronel. Deputado do ajudante general junto ao conde de Amarante.

Luiz do Rego Barreto, tenente coronel, hoje coronel do regimento de infanteria 15. Commandante do batalhão de caçadores 4.

Jorge de Avilez Juzarte Ferreira de Sousa, tenente coronel, hoje coronel do regimento de infanteria 2. Commandante do batalhão de caçadores 1.

Bernardo da Silveira Pinto, tenente coronel, hoje coronel, servindo de deputado do quartel mestre general junto ao conde de Amarante.

Guilherme Mac Bean, tenente coronel, hoje coronel, commandante do regimento de infanteria 24. Muito ferido.

João Brown, tenente coronel, hoje coronel, commandante do deposito geral de cavallaria. Commandante de cavallaria 8. Muito ferido.

João Doyle, tenente coronel, hoje coronel, commandante de infanteria 19 e do regimento de infanteria 16.

Thomás Noell Hill, tenente coronel, hoje coronel, commandante do regimento de infanteria 1.

João Douglas, tenente coronel, hoje coronel, commandante do regimento de infanteria 8.

Sebastião Pinto de Araujo Correia, tenente coronel, commandante do batalhão de caçadores 6. Muito ferido.

Jorge Elder, tenente coronel, commandante do batalhão de caçadores 3. Muito ferido.

Henrique Harding, tenente coronel, deputado do quartel mestre general do exercito.

Hawilland Le Mesurier, tenente coronel, hoje governador de Almeida, commandante do regimento de infanteria 14.

Carlos Sutton, tenente coronel, commandante do regimento de infanteria 9.

Visconde de Barbacena, tenente coronel, commandante do regimento de cavallaria 10.

Alexandre Dickson, tenente coronel aggregado ao regimento de artilheria 4, commandante das brigadas de artilheria de reserva[1].

[1] Por esta relação se vê que os elogios que alguns contemporaneos fazem a certos officiaes superiores, que andaram na guerra da peninsula, apesar de terem assistido á batalha do Bussaco e a outras, nem por isso mereceram entrar no numero d'aquelles, que o marechal Beresford teve por particularmente distinctos até ao anno de 1812, sem que saibamos que depois d'este mesmo anno os tivesse reputado como taes.

CAPITULO IV

Concluida que foi a guerra da peninsula, seguiu-se a vinda do exercito portuguez para a sua patria, onde se lhe fizeram brilhantes recepções, quer no Porto, quer em Lisboa, dando-se-lhe n'esta cidade em seu obsequio, pelo antigo senado da camara, uma esplendida ceia e baile. Mimo de uma baixella de prata offerecida a lord Wellington pelos governadores do reino. Presente feito ao marechal Beresford pela officialidade do exercito portuguez, sendo tambem offerecido um outro ao brigadeiro D'Urban pelos officiaes dos regimentos de cavallaria n.os 1, 6, 11 e 12. Contraste que com esta conducta dos portuguezes fez para com elles o procedimento do governo inglez, já obrigando Portugal á entrega da Guyenna á França, sem ao menos fazer com que se lhes restituisse Olivença, e já pelo empenho com que por muito tempo se recusou a dar ao exercito portuguez a parte que lhe competia da indemnisação dos apresamentos feitos durante a guerra da peninsula.

Pelo que temos exposto n'esta obra vê-se que dez annos havia que a França adquirira pelos triumphos dos seus exercitos e não menos pelos enredos da sua tenebrosa politica, uma influencia dictatorial em todos os gabinetes da Europa, sendo as côrtes de S. Petersburgo e de Londres as unicas que por aquelle tempo conservaram a sua influencia e supermacia nacional, porque todas as mais, sujeitas á despotica vontade do gabinete das Tuillerias, submissas acatavam os dictames e vontades do tyranno da mesma Europa, ou por temor do seu poder, ou por voluntaria adhesão á sua tyrannia. A Hespanha e logo depois Portugal, foram as duas nações que no anno de 1808, não obstante os seus poucos, ou nenhuns meios de resistencia, abriram n'aquelle memoravel anno o exemplo ás mais nações da Europa para seguidamente sacudirem o opprobrioso e aviltante jugo, que a França tão

duramente lhes impunha, fazendo-lhes ver na sua heroica dedicação pela patria esse nobre clarão de independencia nacional, que ellas mais tarde effectivamente seguiram, sendo n'esta heroica cruzada as indisciplinadas espadas e os tumultuarios chuços, manejados pelos indomitos povos peninsulares contra os aguerridos exercitos da França, os primeiros que, auxiliados pelo valioso apoio da Gran-Bretanha, se apresentaram nos campos da batalha, e organisados depois em exercito regular, levaram adiante de si de vencida até ao interior do seu proprio paiz os aguerridos exercitos francezes. Foi a nação portugueza a que unisona se pronunciou decidida contra a tyrannia e o ferrenho despotismo de Napoleão Buonaparte, não se ouvindo por toda a extensão do seu pequeno territorio mais do que uma unisona voz, significativa do ardente desejo, que em todos os portuguezes se manifestou *de lançar para longe das fronteiras da sua patria o inimigo desolador que a opprimia, aindaque á custa de todos os sacrificios, fosse qual fosse a sua magnitude*. Arsenaes, exercitos, força naval, praças de guerra e todos os mais meios de que Portugal podia dispor, tudo o seu governo poz cegamente e sem condição alguma á inteira disposição da mesma Gran-Bretanha, fazendo isto n'uma epocha em que nação alguma, inclusivamente a propria Hespanha, se queria ligar com ella, pela constante derrota que em toda a parte do continente europeu os seus exercitos tinham até ali experimentado, sendo constantemente arrojados ao mar pelos francezes. Ligadòs os inglezes aos portuguezes, a victoria sempre os acompanhou desde então. Os triumphos da Roliça e do Vimeiro não só foram devidos aos efficazes auxilios, que lhes ministraram algumas forças portuguezas, mas fundaram-se tambem no grande e efficaz apoio, que todo o paiz com toda a dedicação, zêlo e cordeal vontade prestou ao exercito inglez, apoio sem o qual o referido exercito, ou não teria desembarcado com tanta segurança como a que por si teve, ou nenhum resultado colheria de similhantes triumphos, quando os conseguisse, do que muito duvidâmos. No longo periodo de quasi seis annos por que posteriormente durou a guerra

da peninsula, ou no decorrido desde 1808 até 1814, o exercito portuguez adquiriu com a mais justa rasão um logar eminente entre os exercitos das mais nações da Europa, tanto pelas suas reconhecidas virtudes militares, como pelas sociaes e civis, que igualmente o adornaram. Durante tão longo espaço de tempo correu indubitavelmente parelhas com as melhores tropas do mundo, como por differentes vezes claramente o manifestaram as ordens do dia do marechal Beresford, alem dos elogios que tambem mereceu ao proprio lord Wellington.

Muito bem sabemos que o merito, quando real e verdadeiro, realça sobremodo na opinião publica, sendo mudo para si, e recebendo o cunho da authenticidade com que tem de passar á posteridade, quando vozes a elle estranhas espontaneamente o apregoam com geral applauso. Todavia viu-se e ouviu-se por aquelle tempo elogiarem as mais nações com o maior entono os feitos dos seus proprios exercitos, até mesmo em occasiões de derrota. Esses elogios, porém, mesmo quando justos fossem, nenhum ciume causaram aos portuguezes, pela intima consciencia que tinham de que nada lhes podia obscurecer o merito e o valor do seu exercito, sendo os proprios estrangeiros os que d'isto deram espontaneamente publicos e insuspeitos testemunhos. Para os que d'isto duvidarem appellâmos para os votos de agradecimento, não só das côrtes de Cadiz, mas sobretudo para os que por mais de uma vez lhe foram dados pelo parlamento britannico, e dados sem differença alguma dos tributados ao seu proprio exercito; appellâmos igualmente para os officios de lord Wellington, para as já citadas ordens do dia do marechal Beresford, para uma das proclamações de Blücher, e finalmente para o testemunho vocal que o mesmo lord Wellington deu em París, quando, sendo perguntado pelos soberanos alliados sobre o comportamento militar do exercito portuguez, respondeu *que em tudo o achava igual ao exercito britannico!* Ultimamente foram os proprios marechaes Marmont, Ney e Soult os que plenamente confirmaram o que fica dito, patenteando a sua admiração, não tanto pelo valor

natural dos soldados portuguezes, quanto pela maravilhosa disciplina que adquiriram em tão curto espaço de tempo. Á vista pois do exposto não se póde levar a mal que, apesar de portuguez, apregoemos aqui pelos nossos escriptos os heroicos feitos, que o exercito portuguez praticou, tanto em favor da sua patria, como do de toda a Europa, durante a guerra da peninsula, na qual se fez com effeito admirar por todas as virtudes civis e militares que n'elle brilharam. Não se póde pois estranhar que o paiz se mostrasse ávido de ver entrar no seu seio, restituidos á patria, aquelles dos seus heroicos filhos, que durante seis annos continuos não depozeram as armas, emquanto lhe não conquistaram a independencia e a paz, restauradas como foram pela sua heroica conducta no campo da honra, e pela sua inabalavel constancia e exemplar patriotismo, de que tantas provas deram durante aquella memoravel luta contra o jugo da França. Essas provas, perennaes monumentos da sua gloria, disciplina e valor, estão postas na passagem do Douro, effeituada em 1809; na batalha do Bussaco, em que o marechal Massena teve por inglezes os soldados portuguezes, e na memoravel defeza das historicas linhas de Torres Vedras em 1810. Os combates da Redinha e Foz de Arouce, a batalha de Fuentes de Oñoro e a de Albuera, ganhas em 1811; a tomada da Cidade Rodrigo e de Badajoz, a brilhante surpreza de Arroio Mollinos e a batalha de Salamanca em 1812; a momentosa batalha de Vittoria, a das alturas de Pamplona, ou dos Pyrenéos, a tomada de S. Sebastião, as batalhas do Nivelle e do Nive em 1813; e finalmente as de Orthez e Toulouse em 1814, não são menos significativas provas da brilhante conducta do exercito portuguez durante a guerra da peninsula.

Alem das cartas, que constituem o documento n.º 112[1], em que varios generaes inglezes abonaram perante o marechal Beresford o valor do exercito portuguez por occasião da tão disputada batalha de Pamplona, ou dos Pyrenéos, como

[1] Póde ver-se no respectivo volume.

outros lhe chamam, iremos agora, em additamento a ellas, transcrever igualmente a que no fim da guerra da peninsula o commandante da setima divisão luso britannica, o tenente general, conde Dalhousie, tambem pela sua parte dirigiu ao brigadeiro. Luiz Ignacio Xavier Palmeirim, commandante da sexta brigada portugueza (7 e 19 de infanteria com caçadores n.º 2). «*Bordeaux, 30 de junho de 1814.* Meu general! Recebi hontem a vossa carta de 18 do corrente, e espero que esta vos seja ainda entregue em Montmarsan. Foi necessario fazer marchar a vossa brigada por regimentos; mas vós a ajuntareis em S. João da Luz, ou suas vizinhanças, antes de principiardes o segundo itinerario. Não é possivel expressar-vos quanto a conducta da vossa brigada me tem encantado durante o tempo que tenho tido a honra de a commandar na presença do inimigo, assim como nos quarteis: *a sua conducta tem sido perfeita, valorosa, obediente e humana. Eu não cessarei jamais de admirar a nação portugueza,* e em todo o tempo e logar me lembrarei sempre com o maior prazer do 2.º de caçadores, e dos regimentos 7 e 19, e dos generaes Lecor e Palmeirim. Convido-vos com instancia a não vos esquecerdes totalmente d'aquelle que vos terá sempre uma sincera amizade.=(Assignado) *Dalhousie*[1]».

Foi effectivamente no 1.º do citado mez de junho que as tropas inglezas, hespanholas e portuguezas começaram a dirigir-se para os seus respectivos paizes. No 1.º do referido mez de junho o exercito britannico deu principio em Bordeaux ao seu embarque, dirigindo-se parte para Inglaterra e parte para a America, indo-se a cavallaria embarcar em Boulogne. Igualmente desfilaram para Hespanha no mesmo dia as tropas hespanholas, o que as portuguezas principiaram tambem a fazer, saindo de Bordeaux e Toulouse. Aindaque ufanos e gloriosos os soldados portuguezes, e saudosos dos lares da patria ardentemente desejassem voltar a elles, nem por isso deixaram de se commover ao despedirem-se dos

[1] Investigador Portuguez em Londres, folheto de janeiro de 1815, pag. 482 do vol. XI.

habitantes do meio dia da França, que os viram e admiraram, quer como militares, quer como amigos, porque emfim d'elles tinham os portuguezes recebido todas as provas de affeição e hospitalidade. Os bailes em Toulouse, Muret e Tournay; os theatros de Bordeaux, Toulouse, Pau e Bayonna haviam testemunhado scenas de grande enthusiasmo, cordialidade e dedicação, que haviam succedido ao estrepito das armas[1]. Apesar do excellente estado de aceio e disciplina do exercito portuguez nos seus acantonamentos na margem esquerda do Garonna durante os dias de abril e os do mez de maio; apesar de se ter prevenido pelas ordens do dia de 27 do primeiro e 14 do segundo d'aquelles mezes a volta do mesmo exercito para o seu paiz, os pagamentos dos soldos e prets tornaram-se mais effectivos, annunciando-se a distribuição de sapatos e camizas, que se haviam de receber em Oyarzun, na passagem dos Pyrenéos[2].

A volta do exercito portuguez para a sua patria foi effeituada por terra, como já dissemos, devendo por conseguinte atravessar a Hespanha, seguindo-se os respectivos itinerarios com extraordinaria regularidade, e estabelecendo-se as horas para a marcha por modo tal, que estas acabavam antes de principiar o ardor do sol[3]. No dia 16 de junho ao passarem os corpos por Bidart lançaram os seus ultimos olhares para as costa do norte da França, e o infinito oceano que d'ali se avistava, dizendo-lhes os derradeiros adeus. Quando repassaram o Bidassoa, os valles e as eminencias dos Pyrenéos pareceram-

[1] Foi muito honroso para os officiaes do exercito alliado, quando este occupava em 1814 a margem esquerda do Garonna, ouvirem as senhoras francezas cantarem-lhes ao piano na sua propria presença honrosas canções, de uma das quaes fazia parte a seguinte quadra:

Braves guerriers que la victoire
A conduit dans nos climats,
Vous n'avez point souillé la gloire
Acquise au milieu des combats.

[2] Veja pag. 69 das ordens do dia pertencentes ao anno de 1814.
[3] Veja pag. 85 das ordens do dia pertencentes ao anno de 1814.

lhes que ainda repercutiam os clamorosos echos da gloria ali adquirida, tornando perduravel o renome de tantas virtudes e façanhas ali praticadas pelos nossos bravos. Deixou-se finalmente a admiravel cordilheira, que em partes parece desabar sobre as terras baixas, que vão até aos mares do golfo da Biscaya, cordilheira que de lá segue até ás Asturias, e continua depois até á Galliza, alcançando-se de um só golpe de vista as montanhas elevadissimas, qne se vão perder no horisonte do *finis terræ*. Durante a marcha pelo interior da Hespanha as tropas continuaram os seus itinerarios com a mesma escrupulosa exactidão já mencionada, e á proporção que os differentes individuos viam os caminhos, cidades, povoações, terrenos, muralhas, rochedos, pontes e mil outros objectos para onde apontavam, contavam uns aos outros os feitos gloriosos que haviam praticado, ou os casos serios e galantes que por aquelles sitios lhes tinham succedido, sitios para elles de tão gratas recordações. Pela continuação das marchas avistaram-se finalmente as desejadas serras do saudoso e prezado Portugal, entrando umas das nossas tropas pelo lado da Beira e outras por Traz os Montes, sempre na melhor ordem possivel, tendo sido fornecidas em toda a parte com as suas competentes rações de campanha. Em consequencia da boa ordem e disciplina, observadas durante a marcha, e da escolha que antes d'ella se tinha feito de todos os individuos a que, segundo o estado da sua saude, se julgou podia ser prejudicial o vir por terra, não houve doentes de consideração. Os que portanto antes da dita marcha se tiveram por impossibilitados de a poderem fazer, não só embarcaram com a possivel commodidade nos portos da costa da Biscaya, mas até chegaram todos felizmente a Lisboa, tanto nas embarcações portuguezas, que para aquelle fim o governo tinha para lá mandado, como em mais trinta que se fretaram nos referidos portos. Mesmo durante a marcha todos os corpos receberam os seus respectivos soldos, havendo-se tomado todas as convenientes medidas para que logoque entrassem nas suas respectivas provincias podessem ser adiantados em pagamento, a fim de se diminuir progressiva-

mente até cessar de todo o atrazo em que cada um se achava á sua chegada ao reino. O pagamento do soldo aos officiaes, que vieram doentes e dos que estiveram prisioneiros em França, foi objecto de providencias especiaes do governo, de modo que lhes não faltassem os soccorros necessarios por occasião da sua chegada á capital. Nos ultimos dias do mez de julho e primeiros dias de agosto foram successivamente chegando aos differentes pontos da fronteira do reino as diversas brigadas do exercito, cujos corpos marcharam para os quarteis que lhes foram designados, na conformidade do seguinte mappa.

Mappa dos quarteis dos corpos do exercito portuguez e data em que a elles chegaram depois da guerra da peninsula em 1814

Numeros	Quarteis	Dias da chegada
	Regimentos de infanteria	
1	Belem	25 de agosto.
2	Lagos	28 dito.
3	Guimarães	12 dito.
4	Lisboa	18 dito.
5	Elvas	Já lá estava.
6	Porto	15 de agosto.
7	Setubal	29 dito.
8	Castello de Vide	11 dito.
9	Vianna	15 dito.
10	Santarem	13 dito.
11	Vizeu	7 dito.
12	Chaves	5 dito.
13	Lisboa	22 dito.
14	Tavira	28 dito.
15	Braga	13 dito.
16	Lisboa	25 dito.
17	Elvas	18 dito.
18	Porto	15 dito.
19	Cascaes	29 dito.
20	Abrantes	8 de setembro.

Numeros	Quarteis	Dias da chegada
21	Valença	16 de agôsto.
22	Leiria	Em marcha de Almeida.
23	Almeida	30 de julho.
24	Bragança	31 dito.
	Batalhões de caçadores	
1	Portalegre	15 de agosto.
2	Thomar	19 dito.
3	Villa Real	8 dito.
4	Penamacor	7 dito.
5	Miranda do Douro	6 dito.
6	Penafiel	13 dito.
7	Guarda	1 dito.
8	Trancoso	12 dito.
9	S. Pedro do Sul	10 dito.
10	Aveiro	10 dito.
11	Feira	13 dito.
12	Ponte de Lima	17 dito.
	Regimentos de cavallaria	
1	Lisboa	16 de agosto.
2	Evora	Já lá estava.
3	Elvas	Idem.
4	Belem	20 de agosto.
5	Evora	Em marcha de Almeida.
6	Chaves	6 de agosto.
7	Torres Novas	Em marcha de Almeida.
8	Niza	Idem.
9	Chaves	Idem.
10	Torres Novas	25 de agôsto.
11	Castello Branco	6 dito.
12	Bragança	31 de julho.

O recebimento das tropas na sua volta á patria effeituou-se por toda a parte com actos de condigna commemoração e grande regosijo, devidos aos seus gloriosos trophéus e re-

levantes serviços. Uma das terras da provincia mais distinctas nas festas de tal recebimento foi Villa Real, destinada para quartel do batalhão de caçadores n.º 3. Este corpo, todo elle composto de transmontanos, juntára a este titulo o da gloria e reputação militar pelos seus heroicos feitos. Para commemoração da sua entrada n'aquella villa, effeituada no dia 8 de agosto, as auctoridades e moradores resolveram festeja-la nos dias 24, 25 e 26 do dito mez, eregindo para esse fim um arco triumphal com emblemas militares, em que se notavam duas figuras, uma das quaes representava a villa, e a outra um militar com uniforme do batalhão n.º 3, apresentando aquella um ramo de oliveira em troca de um de palmas que a outra lhe offerecia, allusivas aos feitos de armas, que o batalhão colhêra desde o anno de 1809 até ao fim da guerra, e desde as margens do Côa até ás do Garonna. Sobre o arco estavam gravadas em uma tarja as memoraveis expressões do marechal Beresford, contidas no seu officio de 30 de setembro de 1810 sobre a batalha do Bussaco, quando disse: *É impossivel que haja nada melhor que este batalhão.* Junto do arco achavam-se postadas todas as auctoridades civis e municipaes com todos os moradores da villa e immensa gente dos logares vizinhos. Ali recebeu o batalhão o comprimento publico, que as referidas auctoridades lhe fizeram, depois do qual o convidaram a ir assistir na igreja de S. Domingos, que estava ricamente armada, á missa de instrumental, que ali se ía celebrar, e ao *Te-Deum* com que este acto religioso havia de finalisar, em acção de graças pela chegada de tão benemerito corpo. No dia 25 teve logar um abundante e aceado jantar, dado no ameno sitio da lameda e passeio da Carreira de S. Francisco aos officiaes inferiores e soldados do batalhão por alguns negociantes, que haviam para tal fim aberto uma subscripção. A concorrencia de gente de todas as classes foi grande, indo com a sua presença realçar a alegria do acto. Foi o corregedor da comarca o que, tomando em tempo a presidencia da mesa, levantou as saudes a sua magestade a rainha D. Maria I, a seu augusto filho o principe regente, e aos restantes

membros da real familia. Seguiram-se depois as saudes a el-rei da Gran-Bretanha, ao principe regente de Inglaterra, aos soberanos alliados, a lord Wellington, ao marechal Beresford, ao conde de Amarante, ao commandante, officiaes e batalhão 3 de caçadores. Concluido que foi o jantar, recolheu-se este corpo ao quartel, depois de ter assim recebido todas as demonstrações de gratidão da parte dos seus comprovincianos. Na manhã de 26 tiveram logar as exequias com todo o possivel apparato e solemnidade pelos que tinham morrido no campo da honra, erigindo-se no meio da igreja de S. Domingos uma magestosa eça, guardada por soldados do batalhão. A estes funebres officios assistiram os magistrados e a camara municipal com todas as praças de caçadores n.º 3, a nobreza e immenso concurso de gente. O orador foi o reverendo Francisco Botelho Pereira Coelho, que bastante commoveu o auditorio, avivando a pungente saudade de tantas illustres victimas do valor e lealdade portugueza.

Todos os mais corpos do exercito foram recebidos nas terras dos seus respectivos quarteis com demonstrações de enthusiasmo, e de tanto maior importancia, quanto mais consideravel era a população da terra a que se recolhiam. Em conformidade d'este principio póde já antever-se que em Lisboa e Porto foi onde as festas da recepção das tropas das suas respectivas guarnições deviam ser mais estrondosas, como effectivamente foram. Logoque o senado da camara do Porto teve a noticia de que a brigada da guarnição d'aquella cidade devia n'ella entrar no dia 15 de agosto, juntou-se em vereação no dia 2 do referido mez, determinando que se formassem arcos de triumpho pelas ruas por onde deviam passar os regimentos, e se fizessem outras mais demonstrações de alegria durante a sua marcha pelo interior da cidade. Determinou-se igualmente que se desse um refresco a todos os individuos da brigada, assentando-se que os officiaes fossem convidados a jantar com os membros do referido senado no quartel militar de Santo Ovidio, e que aos officiaes inferiores, cabos e soldados se desse uma quantia

de dinheiro para jantarem onde melhor lhes parecesse. E assim se fez, tendo cada official inferior 1$200 réis, cada cabo 960 réis, e cada soldado 800 réis. A incumbencia de tudo isto confiou-se ao vereador mais velho, José de Sousa Mello, por ser pessoa de reconhecido gosto e pontual desempenho das cousas de tal natureza.

No dia 13 de novo se reuniram os membros da camara, tomando a resolução de escreverem uma carta ao commandante da brigada, o bravo brigadeiro Carlos Ashworth, não só comprimentando-o e a tropa do seu commando, mas até pedindo-lhe a remessa de um mappa com a precisa indicação dos officiaes inferiores, cabos e soldados por quem se havia de fazer a distribuição acima referida. Alem do exposto, participaram-lhe igualmente que a officialidade, que não fosse natural da cidade, seria aboletada por oito dias, a fim de poder fazer mais commodamente os seus particulares arranjos. Ashworth respondeu de Vallongo no dia 14, remettendo o mappa pedido, e ao mesmo tempo dando á camara os seus cordiaes agradecimentos, tanto em seu nome, como no dos seus companheiros de armas. Immenso foi o concurso do povo da cidade e das suas vizinhanças no memoravel dia 15 de agosto de 1814. Pelas sete horas da manhã do referido dia já não havia janella que não estivesse ornada de ricas tapeçarias e guarnecida de espectadores de ambos os sexos, assim como tambem já não havia rua que não estivesse alcatifada de flores e plantas aromaticas. Pouco depois das oito horas da manhã correu a voz da approximação da brigada ao alto do Senhor do Bomfim. Sobre a ponte do Poço das Patas achava-se um monumento triumphal, que representava a porta da cidade, com os castellos que lhe são proprios, vendo-se sobre elles as insignias, que lhe foram concedidas pela carta regia de 13 de maio de 1813[1]. Sobre a mesma

[1] A citada carta regia é a seguinte: Juiz de fóra, vereadores e procuradores da camara da cidade do Porto: Eu o principe regente vos envio muito saudar. Propondo-me honrar os meus fieis vassallos, que mais se distinguiram na memoravel restauração dos meus reinos, não podia deixar de lembrar-me do generoso esforço com que os habitantes

porta via-se a imagem da Virgem, entregando ao seu unigenito Filho uma fita, em que estava bordada a legenda *Civitas Virginis*. No mais alto da dita porta imbutiu-se-lhe uma lamina de bronze com o seguinte distico:

Hinc Genti Nomen;
Hinc Regno pluries salus;
Hinc Europæ, Orbi
Prima Libertatis Lux Novissime Affulsit.

Levantou-se no topo da rua Nova de Santo Antonio um soberbo arco de triumpho de ordem composita, tendo quarenta e sete palmos de largo de cunhal a cunhal, e sessenta e nove de altura, o mesmo que tambem se notava no monumento, figurando a porta da cidade. Tinha este arco quatro columnas para cada uma das suas faces, e entre ellas viam-se no interior arnezes, grevas, escudos, bandeiras e lanças entrelaçadas com listões de murta, ramos de oliveira, palmas e loureiro. Os dois grandes pedestaes sobre que descansavam as columnas tinham estas inscripções:

Sempre engrandeça a patria lusitana
Vosso nome immortal, claro e subido;
E a casa restaurada de Bragança
Tenha em thesouro seu vossa lembrança.
CORDEST.

d'essa cidade em tão perigosas e criticas circumstancias, dando o mais heroico e louvavel exemplo de valor e lealdade, se levantaram todos reunidos em um só corpo para reivindicar os sagrados e inalienaveis direitos da minha soberania, e restaurar uma monarchia, que por tantos seculos se tem conservado em gloria. E merecendo tão nobre e illustre empreza ser assignalada com um publico testemunho, que recorde na posteridade a honra, valor e fidelidade com que este povo imitou os seus maiores nas mais gloriosas epochas da monarchia; sou servido ordenar que ás armas d'essa cidade se acrescente sobre cada uma das duas torres um braço armado, sustentando uma bandeira das armas reaes, e outro uma espada enramada de louro. O que me pareceu participar-vos para que assim o tenhaes entendido e façaes executar, registando-se esta nos livros competentes. Escripta no palacio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1813.=*Principe*. Para o juiz de fóra, vereadores e procurador da camara da cidade do Porto.

Esta cidade forte e populosa,
Colonia antiga do poder romano,
Cavou a sepultura temerosa
D'um gigante nas obras deshumano.
APP. AFRIC.

Por cima da balaustrada, que corria o arco, havia quatro estatuas de dez palmos, a Saudade, a Alegria, a Victoria e a Eternidade, tendo cada uma d'ellas um distico no seu respectivo pedestal. Nas entre-columnas do lado posterior correspondiam armas, escudos, tambores e alabardas, unidas com fachas de louro e ramos de carvalho e oliveira. Nos grandes pedestaes d'esta parte havia as epigraphes seguintes:

Alto principe, excelso e soberano,
Senhor do Oriente e do Occidente,
Governa n'este imperio lusitano,
Respeitado da sua e estranha gente.
DEST. D'ESP.

Quem julgou preço leve e mui barato
Captivar Portugal a um reino alheio
Enganado se viu, já hoje entende
Que ha braço portuguez que lh'o defende.
CONDEST.

Sobre a balaustrada d'este mesmo lado havia outras quatro estatuas; a do Porto, do Amor da Patria, da Paz e da Docilidade, tendo tambem cada uma o seu distico em verso.

No alto da calçada dos Clerigos estabeleceu-se uma bateria, que salvou com vinte e um tiros, quando a brigada passou por baixo do arco. Flores, corôas, grinaldas e ramos se lançaram de todas as janellas para todas as fileiras dos soldados na sua marcha até ao Campo de Santo Ovidio, no meio do qual se tinha levantado um obelisco de oitenta e quatro palmos de altura. Era de figura quadrada, vendo-se a espaçosa varanda, que rodeava o seu pedestal, ornada com ricas bandeiras, todas portuguezas. Em cada uma das faces do obelisco se liam varios disticos, vendo-se tambem n'ellas os retratos do principe regente, da rainha D. Maria I, da princeza D. Carlota Joaquina, e na face que olhava para o

quartel, as armas do reino, unidas com as da cidade. No alto do obelisco pousava uma corôa real sobre um manto de mui rica bordadura.

Assim que a brigada chegou ao campo, toda a camara desceu da secretaria do quartel para comprimentar o brigadeiro commandante, a quem em nome da mesma camara fez um breve discurso, a que o dito brigadeiro respondeu com todas as demonstrações de agradecimento, aceitando em seu nome e no de todos os officiaes o convite que se lhes havia feito para um jantar. A distribuição do dinheiro á tropa fez-se por 62 inferiores, 63 cabos e musicos, e 961 soldados e tambores de infanteria n.º 6; 58 inferiores, 64 cabos e musicos e 1:154 anspeçadas, soldados e tambores de infanteria n.º 18. Pelas seis horas da tarde reuniu-se a officialidade no quartel de Santo Ovidio, entrando com os membros da camara para a sala onde se ministrava o jantar, que foi servido com a maior profusão e boa ordem. N'um dos lados da casa viam-se as armas de Portugal e as de Inglaterra, e na cabeceira da mesa um grupo de tropheus de guerra em que havia uma bandeira de cada uma das nações. Em frente havia um nublado, em que estava uma serpente enroscada, symbolo da immortalidade, com o nome de Carlos Ashworth no centro, e por cima da serpe o emblema das armas d'este brigadeiro, que era um carvalho com a legenda *Pro patria semper*. O mesmo nublado era guarnecido por duas bandeiras com os nomes dos dois regimentos, atadas ambas por uma fita, mostrando em letras de oiro o dia mais glorioso, que esta brigada teve durante a guerra da peninsula, que foi o dia 13 de dezembro de 1813 (o da batalha do Nive). Á noite toda a cidade se illuminou, vendo-se uma immensidade de povo passeiando por todas as ruas d'ella. Tal foi o modo por que os habitantes do Porto e a camara que os representava solemnisaram o regresso á patria dos dois bravos regimentos 6 e 18 de infanteria, que durante toda a campanha tanto se distinguiram.

No dia 16 de agosto entrára em Lisboa, recolhendo-se igualmente da longa e sanguinolenta guerra da peninsula o

regimento de cavallaria n.º 1. Dois dias depois entrou infanteria n.º 4, a 20 cavallaria n.º 4, a 22 infanteria n.º 13 com um parque de artilheria de campanha, pertencente ao regimento de artilheria n.º 1, e finalmente no dia 25 os regimentos de infanteria n.ºs 1 e 16. Alem dos referidos corpos, que todos tinham quartel em Lisboa, esperavam-se mais n'esta capital, para d'ella passarem ás suas praças, os regimentos de infanteria n.ºs 7 e 19, que effectivamente alguns dias depois n'ella vieram a entrar, tendo o primeiro d'estes dois ultimos corpos o seu quartel em Setubal e o segundo em Cascaes. Logoque constou em Lisboa a approximação das victoriosas tropas portuguezas, o mais vivo enthusiasmo se manifestou em todas as classes da sociedade. Grande numero de familias se dirigiu ao largo de Arroios para ver e saudar os recemchegados. Uma immensidade de povo, impaciente na sua espectativa, ávido se lançou sobre a estrada de Sacavem, onde, com a approximação dos valentes soldados, prorompia nos mais clamorosos vivas e cordiaes applausos, acompanhados do estalido de um sem numero de foguetes, que rebentavam nos ares á chegada de cada corpo, sendo extraordinario o sussurro, que por toda a parte faziam os espectadores ao verem as bandeiras de cada um d'esses mesmos corpos, esfarrapadas umas e crivadas outras de buracos por effeito das balas, que durante as differentes batalhas as tinham atravessado. Todos olhavam para os ditos recemchegados como libertadores da patria, e o reconhecimento pelos seus heroicos feitos todos lh'o patenteavam, uns por expressivos gestos, e outros pelas lagrimas de gosto, que involuntariamente lhe marejavam nos olhos, evidente testemunho dos seus sentimentos de gratidão para com elles. Os mais tocantes quadros se viram por occasião do descanso, dado em Arroios aos seus subordinados, pelos commandantes dos corpos, quando os paes, parentes e amigos poderam apertar nos seus braços d'entre os recemchegados aquelles que lhes eram tão caros por qualquer d'aquelles titulos. O proprio general das armas da côrte, Francisco de Paula Leite, desejando tambem pela sua parte dar um solemne tes-

temunho do particular apreço que fazia dos corpos, que tanto se haviam distinguido na defeza da patria, igualmente os foi esperar em Arroios com os seus ajudantes de ordens no dia da sua chegada, acompanhando-os depois na sua marcha pelas ruas da cidade.

Todavia forçoso é confessar que quasi até á vespera da chegada das tropas á capital o contentamento dos seus moradores achára-se por assim dizer adormecido; mas rompendo por fim no animo de todos, houve como um empenho geral em lhes dar as mais decisivas demonstrações de respeitoso affecto, nascido da justa admiração, que tributavam ás singulares proezas em que á face de todas as nações da Europa deixaram nos modernos tempos justamente acreditado o nome portuguez, proezas que não só tinham sobremodo concorrido para directamente libertarem a peninsula do jugo francez, mas até mesmo para indirectamente d'elle libertarem tambem as referidas nações. Desde o já citado dia 16 de agosto foi pois augmentando nos moradores de Lisboa o desejo de applaudirem o recebimento dos restauradores da patria ao recolherem-se das fadigas da prolongada guerra da peninsula aos seus quarteis permanentes. O certo é que desde então por diante todos os louros e murta pareceram poucos para com elles enramarem os numerosos arcos triumphaes, que se erigiram pelas diversas ruas por onde tinham de passar as tropas desde o largo de Arroios até ao Rocio, e desde aqui pela rua Augusta e Boa Vista até Belem. Dezoito foram os arcos destinados a abrilhantar um acto, que a todos os portuguezes encheu de jubilo. Muitos dos referidos arcos, levantados por dedicação generosa dos moradores dos diversos logares em que se achavam, compunham-se de tres entradas, sendo a do centro a maior d'ellas. Na sua composição, uma parte era de pinturas com adornos de trophéus, de bandeiras, emblemas e disticos analogos ao assumpto, sendo uma outra parte formada por um macisso de verdura em que entrava o louro, a murta e o buxo entrelaçados. N'uns d'elles via-se em transparente quadro para se illuminar á noite o retrato do principe regente, n'outros os de

lord Wellington e marechal Beresford, e n'outros finalmente certas figuras symbolicas, allusivas igualmente ao assumpto.

Levantava-se o primeiro arco no largo das Fontainhas dos Anjos, ou largo de Santa Barbara. Collocado sobre o fecho da sua entrada central via-se o retrato do principe regente; e no alto das entradas lateraes os de lord Wellington e marechal Beresford, lendo-se por baixo de cada um d'estes as duas seguintes quadras.

A que estava por baixo do primeiro retrato dizia:

> Dos famosos heroes da Grecia e Roma
> Bem pouco ha de lembrar a antiga historia,
> Souberam remontar acima d'elles
> Os Lusos immortaes a lusa gloria.

A que estava por baixo do segundo retrato dizia:

> Se não fosse o valor dos Lusitanos,
> Quando invadida a nossa patria estava,
> Se elles não dessem o exemplo ao Orbe,
> Ainda existiria a Europa escrava.

Na rua Direita dos Anjos, logo abaixo da igreja e junto da travessa do Forno, erigíra-se o segundo arco, formado igualmente por tres entradas. Pendentes do fecho da do centro, e como producção do estro poetico de José Daniel Rodrigues da Costa, o poeta mais popular d'aquelle tempo, achavam-se as duas seguintes

Quadras heroicas

> Erguei das sombras sepulchraes as frentes
> Heroes guerreiros de trophéus cingidos;
> Pasmae de ver os novos Lusitanos,
> Por quem sois imitados e excedidos.
>
> O Luso é raio acceso, posto em guerra,
> Quando em defeza vae da patria afflicta;
> E ou sulque os mares, ou peleje em terra,
> No mundo um novo Marte se acredita.

Junto ás entradas lateraes, ou aos dois arcos pequenos, que as formavam, liam-se as seguintes

Quadras lyricas

Aurea cadeia ligou
As mais valentes nações
Para a Europa sacudir
D'um tyranno as oppressões.

Vinde heroes, filhos de Marte,
Vinde viver entre nós,
Enxugar da patria o pranto,
Que tanto chorou por vós.

Vinde nos braços da paz
Lusos sempre valorosos,
Que a patria é quem vos off'rece
Palmas e louros viçosos.

Entrae filhos de Mavorte
Pela mão da paz c'roados;
Sois portuguezes e basta,
Sois varões assignalados

A par das nações amigas
Distinguiu-se esta nação:
D'ellas recebe os louvores
Que lhe servem de brazão.

Lysia egregia não succumbe
Á desgraça mais fatal,
Respeita-se em toda a parte
A tropa de Portugal.

Aceitae guerreiros lusos,
Que encerraes valor sobejo,
Esta corôa que vos mostra
Patriotico desejo.

Um chefe raro e invencivel,
Generaes sabios, prudentes,
Fazem augmentar a gloria
Dos militares valentes.

Dos lusos á intrepidez,
De que Portugal se preza,
A voz da fama nos diz
Que lhe vem por natureza.

Se nos evos mais remotos
O luso valor soou,
Essa mesma heroicidade
Inda não degenerou.

Anda nas vistas de Deos
O throno d'esta nação;
É throno que tem por base
Valor, fé, religião.

Viva o principe regente,
Viva a familia real,
Viva o provido governo,
E a tropa de Portugal.

Terceiro arco

Achava-se elle levantado no largo do Bemformoso, freguezia dos Anjos. Na parte superior da entrada central via-se o retrato do principe regente, por cima do qual se lia uma quadra, que pelo errado da sua metrificação não transcrevemos, sendo do mesmo teor duas outras, postas nos fechos das duas entradas lateraes.

Ao saír da rua do Amparo para o Rocio viam-se tambem alguns arcos volantes, entretecidos de murta e louro, os quaes eram sustidos por individuos, que os elevavam á altura necessaria para a passagem das tropas ao approximarem-se d'elles.

Como cousa de maior vulto n'este genero não podemos deixar de mencionar que na magestosa rua Augusta era onde se achavam os arcos de mais notavel primor e embellezamento. No Rocio faziam todos os corpos que entravam uma paragem em frente do actual theatro de D. Maria II, onde por então se achava o palacio em que os governadores do reino faziam as suas sessões e estavam as respectivas secre-

tarias d'estado. Concluida a dita paragem, os ditos corpos iam depois passar pela citada rua Augusta, na qual se tinham successivamente erigido até ao dia 25 de agosto não menos de seis elegantes arcos, os quaes, sendo illuminados, assim como as janellas de toda a rua nas noites de 22 e do mesmo dia 25, offereceram ao immenso concurso de povo um dos mais brilhantes espectaculos, que em Lisboa se têem presenceado. Realçavam as illuminações com o som das musicas instrumentaes, que em coretos para ellas apparelhados se viam juntos aos arcos triumphaes, onde tocavam soberbas peças, attrahindo grande numero de espectadores de ambos os sexos, que em pausado passeio discorriam por toda a rua. Varios disticos em verso se liam tambem em cada um d'estes seis arcos, todos mais ou menos conceituosos, dos quaes passaremos a dar conhecimento ao leitor.

Quarto arco e primeiro da rua Augusta

Constava elle de uma só entrada, bastantemente elevada e brilhante. Tinha pintadas na parte superior as armas e os estandartes nacionaes: offerecia duas frentes, e quasi junto aos capiteis das columnas, que o formavam, liam-se as seguintes quadras, a saber

Na primeira columna

Primeira quadra da frente:

A vossa patria, ó lusos, vos recebe
Com arcos triumphaes, palmas e flores,
É tudo pouco, muito mais merecem
Tão grandes, tão illustres vencedores.

Segunda quadra do verso:

Vós sois os vingadores da innocencia,
Sois flagello dos despotas intrusos,
Sois ferreo muro, que circumda a patria,
Sois defeza do throno, em fim sois lusos.

Na segunda columna

Primeira quadra da frente:

Vem principe, dos principes modelo,
Vem de todo alegrar a patria terra,
Que já serena paz bafeja o Tejo,
E no averno caíu a iniqua guerra.

Segunda quadra do verso:

Sempre, amado João, a patria tua
Tem ella os brados teus na viva idéa,
Se a guerra te levou ao novo mundo,
Torne-te a paz aos braços de Ulysséa.

Todos os mais arcos d'esta rua seguiam o desenho dos primeiros tres acima mencionados.

Quinto arco e segundo da rua Augusta

Na parte superior da sua entrada central via-se o retrato do principe regente: como o antecedente arco apresentava este igualmente duas frentes, nas quaes se liam os seguintes versos.

Na primeira frente:

Principe invicto, que o universo admira,
A Lysia volve, que por ti suspira.

No verso:

Cesse tudo que a antiga musa canta,
Que outro jove mais alto se levanta.

Nas duas entradas lateraes liam-se as seguintes quadras.

Na frente da primeira entrada:

A gloria, que em Vimeiro começára,
Em Tolosa findou por maior gloria,
Se mais durasse a guerra mais durára
O progresso da esplendida victoria.

No verso da dita primeira entrada:

O Tejo exulte, alegre-se Ulysséa,
Mil gritos de prazer soltando aos ares,
Que o marcio Nume, que os heroes laurea,
Os conduz em triumpho aos patrios lares.

Na frente da segunda entrada:

És principe feliz, digno de inveja,
Por teres um tal povo a ti sujeito,
Um só luso não ha que heroe não seja,
Quando por ti arrosta peito a peito.

No verso da dita segunda entrada:

Nos antigos heroes que a Lysia deram
Testemunhos de energica firmeza,
Os novos campeões achar souberam
O estimulo da invicta fortaleza.

Sexto arco e terceiro da rua Augusta

Na parte superior da entrada central d'este arco via-se um bello quadro, que denotava Portugal, tendo a cada lado um anjo, que lhe offerecia palmas, escudos e capacetes, lendo-se na parte inferior d'este mesmo quadro os dois seguintes versos:

Estas insignias triumphaes reparte
Pelos teus filhos, emulos de Marte.

Na parte superior das entradas lateraes viam-se as seguintes quadras.

Na frente da primeira entrada:

A vossa intrepidez, ó bravos lusos,
Ha de brilhar nas paginas da historia,
Emquanto os rios para o mar correrem,
Emquanto no mundo houver memoria.

No verso da dita primeira entrada:

Invenciveis heroes, a patria vossa
Com a gloria que daes exulta a fama;
Nunca tantos trophéus alcançou Roma,
Essa do mundo altiva soberana.

Na frente da segunda entrada:

Vinde, lusos heroes, ao patrio clima
Cingir na fronte os louros da victoria,
Depois de encherdes por trophéus sem conto
De assombro o mundo, Portugal de gloria.

No verso da dita segunda entrada:

Na Iberia e Gallia o crime desthronastes,
Ó sempre invicta, lusitana tropa,
No avito solio Numes dois firmastes,
Remindo a patria, libertando a Europa.

Setimo arco e quarto da rua Augusta

Na parte superior da sua entrada central achava-se o retrato do principe regente, o qual tinha na sua parte inferior os dois seguintes versos:

Vêde, senhor, qual é mais excellente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

Na parte superior de cada entrada lateral estava pintada uma estrella com seu distico, o da primeira era: *Annuncio feliz.* O da segunda: *Gloria de Portugal.*

Por baixo do primeiro distico lia-se a seguinte quadra:

Vinde, illustres heroes, das mãos da patria
Digno premio aceitae de palma e louro,
Pois ganhastes, salvando o luso imperio,
Nome immortal no seculo vindouro.

Por baixo do segundo distico lia-se igualmente est'outra quadra.

A vossos pés tremeu vencida a França,
Ante vós caminhou victoria e morte,
Do jugo estranho libertaste a Hespanha,
Exemplo deste de valor ao norte.

Oitavo arco e quinto da rua Augusta

Na parte superior da sua entrada central achava-se igualmente collocado o retrato do principe regente; viam-se tambem alguns escudos, designando os sitios onde as armas lusitanas triumpharam; divisavam-se alem d'isto mais alguns capacetes, escudos e peitos de aço, os quaes enfeitavam tambem as duas entradas lateraes; e finalmente observavam-se nas quatro columnas da frente e do verso das mesmas entradas lateraes os seguintes disticos. O da frente da primeira columna era: *Felicidade.* O do verso d'ella: *Amor da patria.* O da frente da segunda columna: *Fidelidade.* O do verso d'ella: *Gloria dos principes.*

Na parte superior da frente e do verso das entradas lateraes liam-se as seguintes quadras.

Na frente da primeira entrada:

Ó lusos, aceitae os verdes louros
Com que Lysia feliz hoje vos cobre,
É nobre a patria quando heroes festeja,
Mas defender a patria inda é mais nobre.

No verso da dita primeira entrada:

Já que a paz nos trazeis, trazeis ventura,
Já que o vosso valor se arroja a tanto,
Cumpre que desfructeis, e dar-vos cumpre
Hymnos, jogos, festins, delicia, encanto.

Na frente da segunda entrada:

Na lusa gratidão, no peito luso,
Que desejos sem fim gostoso encerra,
Sereis para os vindouros reputados
Semideuses na paz, deuses na guerra.

No verso da dita segunda entrada:

Sem fructo os Castros, Nunes e Pereiras
Os frios corpos volvem nos jazigos,
Que os altos feitos dos heroes modernos
Excedem as acções dos heroes antigos.

Nono arco e sexto da rua Augusta

Na parte superior da sua entrada central via-se tambem o retrato do principe regente, lendo-se no seu verso a seguinte sextina.

Principe excelso, que de heroes procedes,
E vassallos heroes obtens do fado,
Agora que sorrindo a paz bafeja
O reino, que por Deus te fôra dado,
Os lusos corações risonho aceita,
E de novos tropheus teu solio enfeita.

Liam-se tambem pendentes na frente e no verso de cada entrada lateral as seguintes quadras.

Na frente da primeira entrada:

Quem pelo augusto principe derrama
Em campo armado o sangue generoso,
Terá seu nome eterno e glorioso
Em nosso peito e nos annaes da fama.

No verso da dita primeira entrada:

Do amor da patria é esta a voz potente,
Este o premio de heroes, que a patria esteiam,
Os portuguezes d'esta arte enleiam
De honrado louro a magestosa frente.

Na frente da segunda entrada:

Este padrão Lisboa agradecida
Consagra a seus heroes na lusa historia,
O vosso nome se lerá com gloria,
Pois lhe salvaste a liberdade e a vida.

No verso da dita segunda entrada:

Ficou vencido o perfido tyranno,
Tranquillo o mundo, libertada a França;
Estes triumphos com valor alcança
Com a lusa espada o braço lusitano.

Decimo arco

Achava-se erigido no largo do Corpo Santo, vendo-se pendente da sua entrada central uma branca pomba com uma corôa de verde murta e louro no bico, a qual figurava descer e coroar as luzidas e aguerridas tropas portuguezas recemchegadas, sem que alem da dita pomba tivesse mais pintura alguma ou verso.

Decimo primeiro arco

Achava-se este arco construido junto á igreja de S. Paulo, tendo na parte superior das suas entradas emblemas, figurando anjos com corôas nas mãos direitas e palmas nas esquerdas, em signal de premio devido ás citadas tropas portuguezas. Pendentes de frente e verso da entrada do centro d'este arco liam-se as seguintes quadras.

A da frente era:

Lusos, vinde gosar na patria amada
A paz, do vosso sangue o fructo a gloria,
Emquanto mundo houver vossos triumphos
Gravados ficarão na lusa historia.

A do verso era:

Immortaes hão de ser vossos triumphos,
Valorosos guerreiros lusitanos,
Do cruel que vos quiz fazer escravos
Vingada injuria está, fostes romanos.

Decimo segundo arco

Quasi chegado ao antigo chafariz do caes do Tojo da Boa Vista, que foi situado ao lado sul do principio da calçada do

marquez de Abrantes, levantava-se este arco, o qual na parte superior das suas entradas mostrava as bandeiras das tres nações, portugueza, hespanhola e ingleza; percebia-se alem d'isto um clarim, cujo echo denotava o heroismo das invenciveis tropas lusitanas, divisavam-se igualmente certos papeis, que da parte superior da entrada central caíam dispersos, o que tudo representava a voz da fama; finalmente lia-se tambem uma quadra, pendente da parte superior d'esta mesma entrada, sendo do teor seguinte:

À gloria de teus filhos, Lysia grata
Entôa alegre o cantico jocundo,
N'essas corôas de louro que te offerecem
Para ti trazem nome e fama ao mundo.

Decimo terceiro arco

Junto ao palacio do marquez de Abrantes, no alto da calçada d'este nome, via-se o referido arco, não só guarnecido de murta, mas tambem embellezado com algumas cortinas de damasco de seda, tendo na sua frente um retrato do principe regente, e no verso as armas de Portugal. As entradas lateraes tinham uma oitava e soneto, que por erros de metrificação não transcrevemos aqui.

Decimo quarto arco

Ao descer a referida calçada do marquez de Abrantes para a parte do largo de Santos o Velho, collocára-se o referido arco, estando sómente enfeitado de vistosa ramagem, sem n'elle se ver pintura, ou distico algum.

Decimo quinto arco

Antes de chegar ao mosteiro das religiosas de Santo Alberto, no sitio das Janellas Verdes, freguezia de Santos o Velho, e junto ao palacio do marquez de Pombal, formou-se o decimo quinto arco, notavel pela sua forte construcção e

não menos pelo muito louro e murta que o guarnecia. Na parte superior da sua entrada central estava um bello quadro do principe regente, tendo no verso arvorada uma bandeira portugueza. No capitel de cada uma das duas columnas, que dividiam a dita entrada, achavam-se igualmente outras duas bandeiras portuguezas em posição obliqua uma sobre a outra. Na parte superior das duas entradas lateraes havia um coreto com musicos, que na passagem das tropas tocavam peças de agradavel gosto em seu obsequio. Estes coretos eram igualmente guarnecidos de murta e louro, e em cada uma das suas duas frentes lia-se uma quadra da poesia, denominada por então *Hymno patriotico*, o qual aqui vamos transcrever como se achava nos referidos coretos.

Na frente do primeiro coreto:

Eis, principe excelso, os votos sagrados
Que os lusos honrados vem livres fazer;
Por vós, pela patria o sangue daremos,
Por gloria só temos vencer ou morrer.

Na outra frente do mesmo coreto:

Aos mares vos déste para bem dos vassallos,
Julgando livra-los do impio poder;
Por vós, pela patria o sangue daremos,
Por gloria só temos vencer ou morrer.

Na frente do segundo coreto:

Mallogrado o tyranno, em breve vireis
Os lusos fieis vós mesmo reger;
Por vós, pela patria o sangue daremos,
Por gloria só temos vencer ou morrer.

Na outra frente do mesmo coreto:

Um Deos nos escuda, principe caro,
Elle é nosso amparo, não ha que temer;
Por vós, pela patria o sangue daremos,
Por gloria só temos vencer ou morrer.

Decimo sexto arco, ou primeiro da ponte de Alcantara

Tres arcos se levantaram no sitio da citada ponte, aonde fecham as portas occidentaes da cidade, o primeiro dos quaes constava de uma só entrada, servindo-lhe de columnas as mesmas hombreiras da porta central da cidade; o seu enfeite era do mesmo teor do dos mais.

Decimo setimo arco, ou segundo da ponte de Alcantara

Estava no meio d'esta ponte, e n'elle se contavam tres entradas, embellezadas como as dos arcos antecedentes. Nas columnas que dividiam a entrada do centro viam-se uns emblemas da fama, e na parte superior d'esta mesma entrada o retrato do principe regente.

Decimo oitavo arco, ou terceiro da ponte de Alcantara

Levantava-se este arco no fim da ponte, mostrando na parte superior da sua entrada central o retrato do principe regente, tendo o referido arco por ornato uma verdura igual á dos anteriores[1].

Todos os corpos entraram nos ditos dias de manhã, encaminhando-se, como já dissemos, ao Rocio, d'onde depois desfilavam pela rua Augusta. Tanto n'aquella grande praça,

[1] Todos estes festejos foram por nós extrahidos de um folheto que tem por titulo: *Lysia grata aos invictos e gloriosos lusitanos, ou breve noticia dos applausos e festins com que foram recebidas as tropas portuguezas, quando depois da campanha voltaram victoriosas a esta capital de Lisboa por J. M. C. L.* (José Maria da Conceição Lima), capellão do hospital de S. Lazaro. Lisboa, na officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1816. Este folheto nos confiou da sua excellente collecção o nosso particular amigo e collega, official maior graduado da secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, o sr. Jorge Cesar de Figanière, cujo favor muito cordealmente aqui lhe agradecemos.

como n'esta grande rua, apinhava-se uma grande multidão de toda a ordem de gente na occasião da chegada das tropas, havendo apenas logar para estas se formarem e marcharem. Atroando os ares com estrepitosos vivas, tanto aos heroes recemchegados, como á familia real, o enthusiasmo e o regosijo do povo patenteavam-se em todos os semblantes, mais ou menos excitados. Ao geral contentamento juntavam-se as scenas mais tocantes, sobretudo na occasião dos referidos corpos chegarem aos seus respectivos quarteis. Apenas tinham deposto as armas, cada um dos individuos de que se compunha via-se logo abraçado por paes, esposas, irmãos e amigos. As palavras saíam-lhes a custo dos labios, suffocadas em muitos por uma effusão de lagrimas, verdadeira expressão da alegria, que lhes trasbordava no peito. Casos houve em que uma esposa sensivel e terna desmaiou nos braços do seu esposo, significando-lhe assim as acerbas saudades, os pungentes cuidados e incessantes sustos em que se víra durante o longo tempo da sua ausencia. Ninguem houve, por mais duro que fosse do coração, que se não sensibilisasse com as patheticas scenas, que por aquelles dias de jubilo se presencearam em Lisboa. Se para muitas familias a chegada das tropas a Portugal e ás terras dos seus respectivos quarteis foi motivo de extraordinaria alegria, para muitas outras o foi tambem da mais acerba magoa e pesado luto pela fatal perda de pae, marido, ou parente, mal podendo suavisar-lhes a dor que experimentavam a lembrança de que tinham acabado gloriosamente os seus dias no campo da honra, firmando com a sua vida, depois de heroicos feitos por elles praticados, a liberdade da patria e a segurança do throno.

No dia 20 de setembro o corpo commercial de Lisboa, desejando dar um publico testemunho dos seus sentimentos de admiração e reconhecimento de que por tantos titulos se fazia credor o exercito portuguez, e especialmente pela sua constancia heroica e denodado valor na longa e memoravel guerra, terminada com tanta gloria e honra nacional, propoz-se abrir uma subscripção pecuniaria a favor dos corpos, que constituiam a guarnição da côrte, pelos quaes devia o producto ser

distribuido com a maior brevidade possivel. Para tão patriotico fim convidou pois todas as classes dos moradores de Lisboa a concorrerem com o que as suas posses lhes permittisse, para o que achariam na praça do commercio um livro no qual poderiam escrever o seu nome com a declaração da quantia com que pretendiam subscrever, e da entrega da qual se lhes daria um recibo, assignado por tres recebedores. Pela sua parte os governadores do reino tambem na data de 1 do dito mez de setembro expediram uma portaria em que diziam: «Tomando a regencia em consideração os relevantes serviços, que o exercito fizera ao paiz na ultima campanha, com gloria da nação e interesse geral da Europa, e querendo dar-lhe uma prova da sua alta consideração, ordena que durante o dito mez de setembro se continue a fazer ao mesmo exercito o abono dos soldos e gratificações de guerra, bem como o fornecimento das rações de etape, devendo prolongar-se por mais seis mezes o soldo de guerra aos officiaes inferiores, soldados e mais praças mencionadas na regulação, que faz parte da portaria de 30 de abril d'este anno». Quanto ás praças de pret do exercito, mutiladas por occasião da dita guerra, ou que foram estropiadas em consequencia dos trabalhos e fadigas d'ella, a mesma regencia ordenou, por uma outra portaria de 13 do dito mez de setembro, que se lhes assentasse praça nas companhias de veteranos reformados, com isenção de qualquer serviço, podendo os respectivos individuos escolher as terras onde queriam residir, tendo igualmente opção, quanto á casa, que poderia ser ou a sua propria, ou as das respectivas companhias, pelas quaes se lhes continuariam a abonar os fardamentos e o soldo de guerra, addicionado este com mais 40 réis, em compensação do pão, que receberiam a dinheiro. Em caso de doença, entrariam nos hospitaes militares, ou mesmo nos civis, devendo ser n'elles recebidos, á vista das suas respectivas baixas, e tratados como os outros soldados do exercito. Finalmente por uma terceira portaria do mesmo dia 13 de setembro se estabeleceu qual a tarifa dos soldos e gratificações, que se deviam abonar aos officiaes effectivos

das differentes armas do exercito, a contar do 1.º de outubro em diante.

Tambem pela sua parte o senado da camara de Lisboa, imitando, ou antes excedendo muito o que tinha feito a camara do Porto á guarnição d'aquella cidade, se propoz dar uma esplendida ceia e baile á officialidade do exercito, que se achasse na capital na noite de 12 de outubro. Foi este um novo testemunho, fornecido ao mesmo exercito, do jubilo e gratidão que se devia aos altos e gloriosos feitos com que todos os corpos de que elle se compunha illustraram a patria na guerra felizmente terminada. Para similhante acto, destinado a commemorar tão famosos guerreiros, buscou-se que tudo respirasse grandeza, pompa e profusão, sendo o mesmo senado auxiliado n'isto pelo governo, e convidados, para mais abrilhantarem o dito baile e ceia, a nobreza da côrte e as principaes pessoas, ou membros dos differentes tribunaes e corporações do commercio. Para tão luzido e apparatoso baile, como este foi, escolheu-se o amplo theatro de S. Carlos, e o espaçoso largo que lhe fica ao lado esquerdo, então bem conhecido pelo nome de *Thesouro Velho*, para se formar a sala da ceia, dada em *ambigu*, e copiosissima. Nivelou-se portanto a platéa com o tablado do scenario, figurando o todo uma sala regia em peristylo, mostrando o extremo superior dois grandes porticos sobre as columnas, que continuavam até aos camarotes, os quaes se viam ricamente guarnecidos, mesmo no seu interior, representando na frente uma soberba galeria. O tecto, continuado conforme a grandeza da sala, representava um estuque trabalhado no melhor gosto. Dois grandes coretos para musica, e dois camarins bem mobilados, completavam a sala do baile. A que se preparou para a ceia apresentava um gosto e magnificencia maravilhosos. Logo ao passar do theatro para esta sala dava-se com uma sala de espera, onde havia praticadas duas portas de entrada para a grande sala, a qual tinha 222 palmos de comprido sobre 84 palmos de largo. Havia n'ella tres camarins, servindo o do meio para botelharia, e os dois dos lados, guarnecidos de aparadores, para os serviços de sobre-

salente, destinado este á reforma das mesas, correndo por cima dos mesmos camarins um coreto para n'elle se tocarem durante a ceia musicas marciaes.

O todo da sala patenteava em seu adorno um primoroso desempenho da arte, na imitação do mais apurado gosto grego, nunca até então praticado em similhantes salas de armação, sendo as cores, que adornavam esta grande obra, a branca, verde gaio e côr de oiro. Viam-se em architectura da ordem jonica vinte e oito pilastras, cujas cornijas e frizos eram adornados de camapheus, representando guerreiros lusitanos, enramados de festões de louro, pintados em douradura. As divisões das columnas formavam quatorze paineis e doze portas, por cima das quaes havia suas tabellas ornadas, sustentando trophéus militares pintados a oiro. Eram brancas as cortinas das portas, com suas bambolinas, ornadas de aureas folhas de louro, e os paineis eram quarteados com fachas, ornadas com gregas e galões de oiro e flores, sendo o centro occupado por quadros com molduras, onde se haviam inscripto disticos em louvor dos heroes lusitanos. O tecto era quarteado com variada invenção, e nas fugas havia em douradura ornatos e trophéus militares, dos quaes pendiam quarenta e um lustres, todos elles de crystal, que com o seu grande numero de luzes illuminavam deslumbrantemente e faziam brilhar a sala com a maior magnificencia. No centro d'esta estava a mesa principal, que tomava quasi todo o seu comprimento, e pegava em duas outras mesas, que corriam através das cabeceiras, tendo ainda outras quatro dos lados. Ao longo da mesa via-se um formoso jardim, ornado de grupos de figuras e vasos de flores, tendo no meio um lago com uma cascata, que continuamente estava lançando agua por varias partes: no meio d'esta cascata achava-se um grupo, representando a sentença ou juizo de Páris. As outras quatro mesas eram adornadas de bem executados platós, cujo fundo representava varias batalhas, vencidas por heroes lusitanos, e sobresaindo a isto varios templos, grupos de figuras e vasos de primoroso gosto. Riscou e dirigiu a execução de toda esta magnifica obra, que tão fallada foi

por aquelle tempo, o habil architecto Luiz Chiari, merecendo a todos os que a viram o mais universal applauso pelo seu bello effeito e feliz desempenho.

No fim da tarde do referido dia 12 de outubro postaram-se duas alas de infanteria da guarda real da policia, ou guarda municipal, como actualmente se lhe chama, desde a porta do theatro até á entrada da sala do baile, onde ao anoitecer se apresentou igualmente em ala todo o corpo do senado da camara para receber e comprimentar os convidados. A condessa de Castro Marim era a senhora da côrte encarregada de fazer as honras da casa, recebendo com a mais delicada e obsequiosa maneira todas as mais senhoras na grande sala do baile, em que serviam de mestres de ceremonias, tendo por divisa uma fita branca no braço esquerdo, os procuradores da cidade, o escrivão da camara e o da fazenda do senado. Todos estes actos foram dirigidos por immediatas ordens do marquez de Olhão e monteiro mór do reino, de acordo com o mesmo senado, de que era presidente. Ao começar-se a funcção correram-se as cortinas da real tribuna, na qual se viu exposto aos geraes applausos dos convidados o retrato do principe regente, que depois foi rei D. João VI. Logoque se viu concorrencia de convidados, serviu-se um profuso e variado refresco, estando entretanto as duas orchestras, compostas dos mais abalisados professores de musica que então havia em Lisboa, tocando alternadamente variadas e escolhidas peças de musica. Finalisado o refresco, principiaram as dansas, offerecendo-se então aos olhos dos espectadores o deslumbrante concurso das senhoras, adornadas do mais aprimorado bom gosto e elegancia de trajos, segundo as modas do tempo. Foi este seguramente um dos mais bellos quadros que por então se disfructou, e em que realçava a variedade e a riqueza dos vestidos com o valor e preciosidade das joias, que adornavam muitas das mesmas senhoras. Nos intervallos das dansas serviam-se refrescos de diversas bebidas.

Foi pela uma hora depois da meia noite que os convidados passaram á sala da ceia, cuja mesa constava de quinhentos talheres, sendo successivamente servida até perto da madrugada aos convidados, que se íam revesando. Duas bandas de musica militar tocavam alternadamente diversos concertos de aprimorado gosto durante a ceia, que foi abundantissima até á profusão. Acabada ella, voltaram os convidados para a sala do baile, que findou sendo já dia claro. Assistiram a esta solemne funcção, triumpho de um novo gosto para os heroes lusitanos da guerra da peninsula, os governadores do reino, a principal nobreza e o marechal Beresford, a quem competia com o mais justo titulo uma grande parte de similhante triumpho, symbolisado em tão solemne e apparatoso festejo, tanto pelo seu alto posto no exercito, quanto pelos relevantes serviços que prestára na sua organisação e disciplina. Abrilhantaram tambem este acto com a sua presença os diversos generaes que se achavam na capital com os seus respectivos estados maiores, a officialidade dos regimentos de linha da guarnição de Lisboa, grande parte do corpo da marinha e da brigada real, muitos officiaes pertencentes ao exercito britannico, os altos empregados dos diversos tribunaes e repartições publicas, e muitos negociantes, sommando ao todo perto de tres mil pessoas. Para exteriormente se conservar a boa ordem na entrada e na expedição das carruagens para os logares do seu destino haviam-se distribuido com muito acerto, alem de uma grande porção de infanteria, muitas partidas de cavallaria da guarda real da policia, por cujo meio se manteve o maior socego e ordem. Para que o grande festejo d'este dia tivesse a extensão que o senado da camara desejava, mandou distribuir rações de carne e de vinho a todos os officiaes inferiores e soldados dos regimentos que guarneciam a capital. Para remate d'esta descripção transcreveremos agora alguns dos conceituosos disticos, que ao modo de inscripções se achavam distribuidos pelas duas salas em quadra rima.

Quadras heroicas

Da guerra por systema é lei o acaso;
À virtude e valor o céo se presta:
Ser fallivel ou não triumpho e gloria
Entre as batalhas a differença é esta.

Costumada a vencer a tropa lusa,
Já quando marcha conta co'a victoria:
Eis a partilha que a justiça ordena;
Nosso o proveito, quando d'ella a gloria.

Eis como explica o jubilo que sente
Um povo nobre por acções e feitos:
Grandes e illustres sabios vos applaudem
De causas tão sublimes taes effeitos.

Se por vós terminou a crua guerra,
Se entre fadigas mil é que vencestes;
Pois devemos folgar, folgae comnosco,
Vinde gosar do fructo que nos destes.

Futuro olha este seculo, e pasmando,
Acredita que fabula parece:
Quando os reis são assim, assim vassallos,
É como a patria historia se enobrece.

A vasta serie de proezas vossas
No Lethes deixa, ó fortes lusitanos,
Quantos prodigios de valor fizeram
Arabes, persas, gregos e romanos.

Jactae-vos, lusos, que os primeiros fostes,
Que armando o peito d'um heroico esforço,
Da liberdade o grito no orbe erguestes,
Batendo as hostes do inhumano corso.

Voam diante das bayonetas lusas
De Gallia as tropas, que adestrou Bellona,
Desde onde o Tejo no oceano acaba,
'Té onde nasce o humido Garonna.

Não temas, Lysia, vendo esforço tanto,
Que opprima os lares teus governo intruso;
Que has de guardada ser, ser defendida
Emquanto em Portugal houver um luso.

Bretão guerreiro, Beresford invicto,
Se ao luso esforço disciplina deste;
Colhes o premio das fadigas tuas
Em mil batalhas que vencer podeste.

Dirigida ao retrato de sua alteza real havia a seguinte quadra:

É mui ditoso o povo que disfructa
Um principe qual sois, sabio e piedoso:
E o principe que um povo tal governa
Se não é mais, não é menos ditoso [1].

Foi por este modo que os governadores do reino, os senados das camaras das duas principaes cidades do reino, Lisboa e Porto, e geralmente toda a nação portugueza solemnisaram a entrada das nossas tropas no paiz, depois de finda a guerra da peninsula. O proprio marechal Beresford, que de França tinha ido com licença para Inglaterra, na sua volta ao reino, tambem pela sua parte se apressou em felicitar o exercito pela sua ordem do dia, datada do pateo do Saldanha aos 27 de agosto, dizendo: «O ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. marechal lord Beresford, marquez de Campo Maior, reunindo-se agora ao exercito, dirige-se primeiro que tudo a felicita-lo pela sua volta para o seu paiz, familia e amigos. S. ex.ª não duvida de que por todo o reino se ha de ter feito ás tropas uma recepção lisonjeira e cheia de enthusiasmo, a qual, por melhor que tenha sido, comparada com o merecimento e serviços do exercito, feitos ao soberano e á patria, não póde ser julgada

[1] Notaveis foram as festas que nos dias 8, 9 e 10 de julho de 1814 se fizeram tambem em Coimbra para solemnisar o acabamento da guerra da peninsula; mas como o nosso fim no que superiormente temos dito é commemorar sómente o recebimento que se fez aos differentes corpos do exercito ao voltarem á patria, materia um tanto diversa da das referidas festas, é por isso que aqui as não transcrevemos, remettendo o leitor curioso, que d'ellas quizer ter noticia, para o n.º 2:798 do *Conimbricense* de terça feira, 19 de maio de 1874, artigo devido á penna do redactor e dono do sobredito jornal, o sr. Joaquim Martins de Carvalho, o qual consagrou tambem ao mesmo assumpto o capitulo III do seu interessante volume, intitulado: *Apontamentos para a historia contemporanea.*

excessiva. S. ex.ª está convencido de que os portuguezes não serão na Europa, nem os menos fervorosos em mostrarem o seu reconhecimento ás tropas da sua nação, que não foram excedidas, nem em disciplina, nem no campo da batalha por nenhuma tropa das nações, que se alliaram contra o tyranno geral, que o quiz ser da Europa, e de todo o mundo. S. ex.ª bem se lembra, e lembrará sempre das difficuldades, privações e perigos continuos, que o exercito venceu com admiravel constancia. S. ex.ª confessa que não faria justiça aos officiaes e soldados do exercito portuguez, se deixasse de assegurar-lhes publicamente, que os seus serviços não pódiam ser demasiadamente louvados e realçados em feitos de armas e disciplina. Como soldados vós não fostes excedidos, e s. ex.ª, dando-vos a sua approvação pessoal, com a qual tendes juntamente a sua admiração, vos dá os seus agradecimentos, e vos comprimenta pela gloria, que adquiristes para vós mesmos e para a nação portugueza. Soldados! Depois de vos terdes mostrado em campanha iguaes aos melhores soldados da Europa, haveis patenteado, durante uma marcha de tres mezes por paiz amigo, que sois capazes de excede-los em boa conducta, ordem e disciplina; e esta marcha vos faz como homens tanta honra, quanta durante a guerra tendes adquirido como militares. Aceitae tambem por isso os agradecimentos do vosso commandante em chefe [1].» Beresford tambem se não esqueceu de consagrar n'esta mesma ordem do dia os seus elogios ás tropas de segunda linha, confessando que as milicias pelo seu zêlo, observancia e obediencia ás ordens e instrucções dos seus chefes e superiores mostraram bem os seus desejos de se tornarem capazes como

[1] Este bom conceito de Beresford para com o exercito portuguez foi por elle igualmente confirmado em Londres n'um grande jantar, que em maio de 1814 se lhe deu em *Marchant Tailor's Hall.* Fazendo o presidente da companhia, que alli se reunira, uma grande saude ao marechal Beresford, elogiando-se n'ella este illustre general pelos seus serviços, especialisando os que havia prestado, não só ao seu paiz e á libertação da peninsula, mas igualmente á libertação de toda a Europa, por ter feito do exercito portuguez um dos mais completos e excellentes

eram dignas de auxiliarem os seus irmãos de armas de primeira linha. Os corpos de voluntarios tambem não ficaram omissos n'esta distribuição de elogios, isto é, os regimentos de voluntarios reaes do commercio, tanto de cavallaria, como de infanteria, os dois batalhões de artilheiros nacionaes e os dois de atiradores, todos pertencentes a Lisboa, e finalmente o corpo de voluntarios reaes do Porto. O marechal confessou que a conducta dos voluntarios reaes do commercio de Lisboa mereceu sempre a sua admiração, attenta a composição d'este corpo, cujos membros eram pela maior parte dos mais respeitaveis negociantes da capital, e aos quaes só o mais puro patriotismo podia ter submettido por espaço de seis annos a exporem-se a todos os inconvenientes e incommodos de um rigido serviço, sujeitando-se a uma disciplina igual á das melhores tropas. Os voluntarios reaes do commercio, fazendo um serviço gratuito na capital, patentearam bem o seu patriotismo e desinteresse, de que o estado tirou muita vantagem, poupando por esta causa consideraveis sommas.

Se pois o marechal Beresford testemunhou assim ás tropas portuguezas o subido conceito em que as tinha, tambem os officiaes portuguezes do exercito de primeira linha lhe testemunharam a sua gratidão, quando, quotisando-se voluntariamente n'um dia de soldo, resolveram offertar-lhe em agosto do seguinte anno, por occasião da sua primeira partida para o Rio de Janeiro, um presente militar, que uma deputação dos mesmos officiaes lhe foi apresentar no dia 2 do referido mez, dizendo-lhe: «Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. O bravo exercito portuguez, não podendo esquecer-se jamais de que á sabedoria de v. ex.ª e ao seu incansavel zêlo pela organi-

exercitos, que a mesma Europa vira e admirára, Beresford disse, alem de outras mais cousas, o seguinte: «Que com todo o prazer asseverava pela experiencia pessoal, que tinha das tropas portuguezas, que em todos os casos de perigo e difficuldade ellas se tinham havido com tanto heroismo, que não podia ser sobrepujado por tropas algumas no mundo». (Investigador portuguez em Londres, mez de julho de 1814, vol. x, pag. 136.)

sação e disciplina do mesmo exercito é elle devedor da gloria com que firmou a liberdade da sua patria, opprimida e tyrannisada por uma das mais violentas e extraordinarias crises, de que faz menção a historia das nações; e tambem reconhecendo que v. ex.ª, não satisfeito ainda com as fadigas e trabalhos com que por uma prodigiosa celeridade o havia posto a par dos mais aguerridos exercitos da Europa, quiz fazer-lhe mesmo o nobre sacrificio do seu proprio sangue para sustentar n'uma das mais espinhosas circumstancias a justa reputação que havia merecido em todas as acções antecedentes. Desejoso portanto de mostrar ao seu digno chefe os justos sentimentos de gratidão de que se acha possuido pelos relevantes serviços feitos a Portugal e ao mesmo exercito: deliberou por unanime consentimento offertar a v. ex.ª um presente militar, o qual, postoque não possa ter um valor intrinseco igual ao desejo dos offerentes, haja pelo menos de despertar, assim na lembrança de v. ex.ª, como na da Europa toda, que o exercito portuguez não sabe ser menos pontual no desempenho das sagradas obrigações de um devido reconhecimento, do que o foi constantemente em todas as mais acções, que interessavam particularmente a sua propria gloria. Vão pois os generaes e mais officiaes abaixo assignados, que formam a junta destinada a dirigir esta obra de justo reconhecimento, na qual se incluem os deputados pelos corpos das provincias, rogar a v. ex.ª que antes da sua partida para o Brazil, queira completar os sentimentos cordiaes dos seus constituintes, dignando-se aceitar portanto o referido presente, como testemunho de gratidão que o exercito portuguez consagrará eternamente á memoria do seu digno marechal e commandante. Lisboa, 2 de agosto de 1815.=(Assignados): o tenente general, *Marquez de Olhão*=*Conde de Sampaio*=*Visconde de Souzel*, etc.

A resposta do marechal foi a seguinte: «Ill.^mos^ e ex.^mos^ srs. Com aquella brevidade que o tempo admitte, e com a sinceridade que é conforme ao meu caracter, agradeço a v. ex.^as^ e s.^as^ o modo, não menos do que a mensagem em si mesma,

que esta manhã me fizeram a honra de apresentar-me em nome dos officiaes do exercito portuguez. Não se faz agora necessario que eu forme um panegyrico ácerca d'este valoroso exercito: a minha opinião e sentimentos acham-se irrevogavelmente manifestados a respeito d'elle, e a melhor prova pratica que eu lhe posso dar da minha convicção da verdade d'estes sentimentos é o certificar-lhes francamente que eu aceito com a mais verdadeira satisfação e ufania, assim como aprecio altamente o signal que me offereceram da sua estima e attenção. Eu não precisava de modo algum de uma similhante cousa para conservar na minha lembrança o alto conceito em que tenho o honrado comportamento d'este exercito; porém isto será sempre para mim uma fonte inesgotavel de regosijo, como um testemunho de que o exercito portuguez reputou dirigidos com honra e vantagem os meus esforços na causa de Portugal. Eu prezo ainda mais este signal da sua estima por ter sido a offerta da parte dos officiaes do exercito espontaneamente feita e inteiramente voluntaria; e porque eu não tenho ambicionado, nem buscado aquella estima, que deu motivo á mesma offerta senão por modos dignos dos que a conferiram, e do que a alcançou, isto é, pelos vestigios da honra, e com as vistas no bem do serviço de sua alteza real, sem outra alguma consideração. Eu conheço e confesso que os meus merecimentos se acham exagerados na sua mensagem, e que eu sou mais devedor aos officiaes e exercito de Portugal do que aos meus fracos talentos pelo credito que este mesmo exercito tem agora a bondade de attribuir-me. Esta expressão dos sentimentos de sua alteza real para commigo serve-me de particular contentamento no momento actual, porque nada póde ser mais agradavel a sua alteza real, em cuja augusta presença eu terei a honra de a apresentar, e mais conforme aos seus desejos do que o saber que emquanto o seu exercito tem cumprido tão plena e honradamente os seus deveres para com elle, a pessoa a quem se serviu confiar o commando, se conduziu com imparcialidade, firmeza e justiça, e que ao mesmo tempo que satisfez as suas obrigações para com

o soberano, conciliou a affeição dos que foram entregues ao seu governo e direcção, pois o fazer contente e feliz qualquer parte dos vassallos de sua alteza real é o que mais se conforma com os beneficos desejos do mesmo augusto senhor. Eu tenho por isso de pedir a v. ex.as e s.as que tenham a bondade de communicar aos officiaes d'este exercito que o seu commandante em chefe aprecia e sempre apreciou a boa opinião e estima d'elles, e de que o darem-lhe a certeza de que elle a possue é a mais agradavel offerta que podiam fazer aos seus sentimentos: e repito que eu aceito com gosto e ufania o signal que tiveram a bondade de propor-me por meio de v. ex.as e s.as para confirmação e em memoria da mesma estima. Eu agradeço a v. ex.as e s.as a maneira affectuosa e a candura com que tiveram a bondade de me transmittir os desejos dos officiaes do exercito n'esta occasião. Quartel general no pateo do Saldanha, 9 de agosto de 1815. Ill.mos e ex.mos srs. marquez, monteiro mór, e mais srs. officiaes generaes da junta encarregada da offerta do exercito ao commandante em chefe. =(Assignado) *Beresford, marquez de Campo Maior*[1]».

Não foi só ao marechal Beresford a quem os officiaes do exercito portuguez obsequiaram pela fórma que acima se viu, porque tambem ao brigadeiro Benjamin D'Urban, quartel mestre general do referido exercito, fez o seu brinde militar a officialidade dos regimentos de cavallaria n.os 1, 6, 11 e 12, expressando-se-lhe pela seguinte maneira: «Ill.mo e ex.mo sr. A officialidade da brigada de cavallaria portugueza dos regimentos 1, 6, 11 e 12, cheia da mais respeitosa amisade e viva gratidão, tem a honra de offerecer ao illustre chefe, que a commandou na porfiada e triumphante campa-

[1] Cremos que a offerta foi uma esplendida e bem trabalhada espada, acompanhada com um placar de brilhantes, segundo nos informam; mas é notavel que tendo-se publicado no *Investigador* os dois documentos acima transcriptos, n'elles se não diga qual fosse a qualidade da offerta que o exercito fazia ao seu commandante em chefe. Esta omissão diminue uma grande parte do effeito, que taes documentos devem hoje produzir no publico.

nha da peninsula, uma espada, como mais um testemunho da affectuosa adhesão que consagra a v. ex.ª, não só pela estima e particular distincção com que constantemente a tratou, como tambem por lhe ter indicado o caminho da gloria, estimulando-a com o seu exemplo a expulsar da patria o inimigo commum, e a consolidar a independencia de uma nação, que sendo sempre fiel ao seu soberano, deve igualmente mostrar-se agradecida a v. ex.ª pelos relevantes serviços que lhe fez, e por ter concorrido para o feliz resultado de tão gloriosa empreza. Esta singela offerta não corresponde certamente a seus desejos, e é assás diminuta para o merecimento de v. ex.ª, mas servirá ao menos de patentear á geração presente e á posteridade que não é ingrata aos beneficios recebidos, e que sabe tributar ao verdadeiro valor e ao homem virtuoso os cultos que lhe são devidos. Queira v. ex.ª aceitar os puros e unanimes sentimentos dos officiaes que o amam e respeitam. É o orgão d'elles um dos que se sente mais penhorado pelos obsequios de v. ex.ª, e já que todos não podem gosar de os expressar de viva voz, tenham ao menos a doce satisfação de conservar de v. ex.ª a mais constante e saudosa memoria, e de prestar publicamente a alta consideração de cada um d'elles ao seu distincto e bravo general. Temos a honra e a gloria de ser com a maior estimação e o mais profundo respeito.—Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. Benjamin D'Urban.—De v. ex.ª camaradas obedientes e veneradores obrigadissimos.=Como procurador, *João Maria Falcão Wanzeller*». Em nome da referida brigada lhe foram tambem entregues, juntamente com a espada, as seguintes quadras, producção de uma dama portugueza:

O caminho da gloria nos abriste,
Brandindo a forte vencedora espada,
Que pende cheia de trophéus sem conto
Da Memoria no templo collocada.

Das mãos de Marte recebeste aquella
Em que protentos de valor se viram,
Esta offerecer-te vem gratos guerreiros
Dos lusos esquadrões que te seguiram.

D'elles serás, ó D'Urban, sempre amado:
E se o tempo voraz tudo consome,
Veja, a despeito seu, que eternamente
Ha de em Lysia lembrar teu grande nome.

A resposta dada pelo brigadeiro Benjamin D'Urban foi a seguinte: «Senhores. Com a mais verdadeira e viva satisfação aceito a espada que v. ex.as e s.as acabam de me offerecer. Penhor da amisade e da boa opinião de pessoas a quem amo tanto, quanto estimo, não póde deixar de ser para mim summamente precioso. Sou sensivel no ultimo grau ás attenciosas expressões da carta, que juntamente acabo de receber: conheço que pouco as mereço, mas aprecio-as inteiramente, e protesto o meu verdadeiro reconhecimento. O ter tido a honra de servir sua alteza real, o principe regente de Portugal; o ter estado unido aos bravos e excellentes portuguezes na gloriosa lucta em que venceram a sua independencia e expulsaram os seus inimigos, será sempre para mim um motivo de justo orgulho. Amo Portugal; sempre o hei de amar, e sempre a sua felicidade será cara ao meu coração. Da briosa officialidade da brigada de cavallaria portugueza, meus estimadissimos camaradas, jamais deixarei de conservar uma lembrança a mais affectuosa e constante. Jamais me esquecerei do feliz tempo em que tive a honra de os commandar; jamais deixarei de me recordar d'aquellas tres campanhas em que desenvolveram tão grande valor, zêlo e constancia no meio de perigos, de privações e de trabalhos, em que ganharam tanta gloria, em que testemunharam tanta affeição, adquirindo o maior direito aos meus elogios e á minha estima. Bem nos conheciamos uns aos outros, e bem me são conhecidas as suas excellentes qualidades, tanto como soldados, como cavalheiros. O signal pois que hoje recebo da sua approvação é-me summamente apreciavel. A sua felicidade e a sua gloria serão sempre para mim objectos do maior interesse: qualquer que seja o meu destino futuro, a sua lembrança só cessará com a minha vida. Em toda a parte em que me convidar o meu dever militar a desembainhar esta espada, esforçar-me-hei em fazer uso d'ella como con-

vem a um companheiro de armas dos homens de Salamanca. Rogo a v. ex.as e s.as queiram aceitar a segurança do fiel affecto com que sou e serei constantemente de v. ex.as e s.as camarada e amigo verdadeiro. = *Benjamin D'Urban.* = Junqueira, 15 de novembro de 1815».

Se estes brindes de respeito e gratidão foram prestados pela officialidade do exercito portuguez ao marechal Beresford e ao seu quartel mestre general, o intelligente, bravo e bondosó Benjamin D'Urban, outro de mais alto quilate foi mandado apresentar pelos governadores do reino no anno de 1816 a lord Wellington, marechal general do referido exercito, por ser só n'aquelle anno que se concluiu a admiravel baixella de prata em que já mais atrás se fallou. Sendo o mesmo lord Wellington perguntado por D. Miguel Pereira Forjaz sobre o logar para onde mais queria que lhe fosse enviada a referida baixella, respondeu pela seguinte fórma: «Londres, 12 de agosto de 1816. Senhor: Recebi a carta que v. ex.a me dirigiu na data de 13 de julho, e que me foi transmittida pelo embaixador de Portugal em Paris, na qual v. ex.a deseja que eu o informe do local a que estimaria que fosse enviada a baixella que o governo portuguez tenciona offerecer-me da parte de sua magestade fidelissima, e tomo a liberdade de responder a v. ex.a em inglez, por me não ser praticavel faze-lo em lingua portugueza. Peço a v. ex.a se digne apresentar ao governo portuguez os meus maiores agradecimentos pela honra que me quer fazer, e que eu recebo com a maior satisfação. E tambem rogo a v. ex.a que o queira informar de que esta ultima prova do seu favor e de sua magestade para commigo era bem desnecessaria para trazer novamente á minha memoria a enumeração dos que devo ao governo portuguez, ao exercito e á nação em todos os memoraveis acontecimentos, que se pretendem celebrar com este presente. Desejo que a baixella seja mandada para Inglaterra, e entregue ao cuidado do muito honrado W. W. Pole, meu irmão. Julgo que provavelmente será mais conveniente que desembarque em Londres. Mr. Pole mora na rua Saville. Ella será depositada na casa que vae ser edifi-

cada para mim á custa do publico. Espero que v. ex.ª gose boa saude. Ha muito tempo que tenho tenção de ir a Lisboa apresentar os meus respeitos a sua magestade, logoque o mesmo senhor volte para Portugal, e quando me achar com mais algum descanso, que agora não tenho. Terei então a maior satisfação em avivar a minha antiga e amigavel communicação com v. ex.ª Tenho a honra de ser, senhor, com o maior respeito de v. ex.ª muito obediente, fiel e humilde creado. = *Wellington, duque da Victoria.* — A s. ex.ª o sr. D. Miguel Pereira Forjaz». Em additamento á precedente carta, o mesmo Wellington expediu depois a seguinte: «Londres, 12 de agosto de 1816. Senhor: Tive a honra de vos escrever esta manhã, relativamente ao transporte da baixella; mas ouvindo que é difficultoso aportar uma embarcação a Inglaterra no tempo em que poderá chegar ao canal aquella que conduzir a mesma baixella, peço licença para recommendar que ella seja mandada a Portsmouth. E se o official commandante do navio quizer escrever á sua chegada ali a mr. Pole, rua Saville em Londres, elle tomará todas as medidas necessarias para o seu seguro desembarque. Tenho a honra de ser, senhor, muito obediente, fiel e humilde creado. = *Wellington, duque da Victoria*».

Á vista pois das precedentes cartas foi a citada baixella conduzida para Inglaterra a bordo da fragata portugueza *Perola,* sendo todas as peças de que se compunha tão magnifico presente trabalhadas e lavradas sómente por artistas portuguezes, segundo os desenhos e debaixo da direcção do nosso afamado Domingos Antonio de Sequeira, primeiro pintor da real camara e côrte de Portugal[1]. O redactor do *Courier,* jornal de Londres, elogiando a perfeição da mão de obra da referida baixella, disse ter sido executada pelos melhores artistas da Europa, quando, como fica dito, nenhum estrangeiro teve parte n'ella, mas sómente os artistas portuguezes. Esta peça, singular no seu genero, consistia, alem

[1] Algumas das respectivas peças tiveram seus desmanchos na conducção, como se póde ver do documento n.º 121.

do serviço de mesa, n'um *plató* inteiramente composto de symbolos e figuras, allusivas aos triumphos ganhos pelos soldados portuguezes, unidos aos das duas nações alliadas, debaixo do commando de lord Wellington, o que formava uma historia successiva desde o levantamento de Portugal em 1808 até á entrada dos alliados em Paris, restauração de Luiz XVIII ao throno de França e paz geral em abril de 1814, com todas as batalhas, combates, assaltos, etc., que tiveram logar na guerra da peninsula.

Descripção do plató e peças principaes da baixella

Tendo encarregado os governadores do reino, por ordem do principe regente, ao insigne pintor Domingos Antonio de Sequeira, a invenção do desenho e a direcção da obra da baixella de prata, que devia ser offerecida a lord Wellington, o referido artista, combinando os modelos que depois de si deixaram as duas mais celebres nações da antiguidade, a grega e a romana, quanto ás honrosas representações ou monumentos, que erigiram á gloria dos seus heroes, notou que se os romanos usavam de monumentos onde descreviam em baixos relevos, ou inscripções hieroglificas, as acções dos grandes do seu seculo, individuando e até personalisando os differentes objectos da sua gloria, como se deixa ver nas columnas de Trajano e Antonino; os gregos pelo contrario sómente se serviam de trophéus ou symbolos de pouca duração, com os quaes não só designavam o grau de dignidade dos seus heroes, mas tambem as brilhantes acções, que os tinham illustrado e feito celebres. D'estes dois systemas oppostos adoptou o illustre artista o termo medio, e d'este modo erigiu padrões onde em geral notou as acções successivas de honra e gloria para o heroe de que se tratava, não personalisando como os romanos, nem sendo tão escasso como os gregos. Estes padrões, collocados em differentes pontos do *plató*, levavam gravadas inscripções, que denotavam as localidades e as epochas das acções que se deram na

peninsula, e os corpos ou exercitos das tres nações que as ganharam. O afamado artista patenteou na sua obra a grandeza do seu genio, e a vastidão dos seus conhecimentos, porque nada póde fazer tão grata uma dadiva como a honrosa recordação das acções heroicas da pessoa a quem se offerece.

Pela união dos grupos, que formavam o *plató*, no qual estavam differentemente collocadas as Napéas, Dryadas, Hamadryadas, etc., se representava um festejo ou applauso feito pelas mesmas ao feliz resultado da união das tres nações, portugueza, britannica e hespanhola, união que foi a origem da actual independencia da Europa, e restabelecimento da paz geral, que se via representada no grupo do centro. Como d'este restabelecimento resultava em geral interesse a todas as quatro partes do mundo, por isso se representava no mesmo grupo o festejo das mesmas quatro partes, cada uma designada pela sua figura caracteristica em elegantes attitudes em torno das tres nações unidas, representadas nas tres faces. Cada uma d'estas era formada de varas, umas simples, outras armadas, designando a união dos corpos civis e militares das mesmas nações, e nos seus remates via-se uma romã, symbolo da concordia, caracterisada cada face com as armas da sua respectiva nação, unindo-lhe as varas ramos de louro, signal distinctivo das suas correspondentes victorias. Do centro das ditas se elevava uma haste dos antigos estandartes dos guerreiros, sobre a qual se via collocado o globo terrestre com a demarcação geographica, ficando a peninsula na parte superior do mesmo globo, e ali plantada a figura da Victoria, que em uma das mãos suspendia as corôas das tres nações alliadas, e na outra a palma e o ramo de oliveira, symbolo da paz e do triumpho. A base, ou plintho d'este grupo, formava um octogono, em cujos dois lados, do comprimento do *plató*, estavam gravadas as inscripções que declaravam o motivo por que os governadores do reino offereciam ao heroe este monumento por ordem do seu soberano, e nos transversaes o nome do auctor que o inventou. E como a memoria de tão

brilhante e heroica união deve ser perpetuada pelo decurso dos annos, por isso ía collocado sobre oito sphinges, figuras de que se serviam os egypcios para significação dos annos. O taboleiro immediato a este tinha dois grifos, sobre cujas cabeças se viam tabellas com inscripções. A este seguia-se outro, em que sobre um terço da columna, symbolo da fortaleza, se formava uma Tagide, que do seu regaço offerecia á Victoria laureolas e flores. Esta figura era ladeada de dois pequenos genios, que tocavam, um a tuba triplicada, instrumento marcial dos gregos, symbolisando o canto das tres nações, cuja unanimidade se representava na união dos tres instrumentos em um só, e mesmo na geral harmonia que elles produzem; outro uma trompa, em cuja fórma circular se representava a perpetuidade das mesmas victorias. Unido a este ía um outro grupo, que representava uma coréa de nymphas em torno de um grande facho, organisado de doze palmas, saíndo das suas hasteas doze lumes em perfeito circulo. As nymphas que dansavam, circulando este luminoso trophéu, suspendiam nas mãos ramos e festões de flores, ao som de clarins que duas d'ellas tocavam, como recommendando á historia, e mostrando ao universo o trophéu das doze palmas, colhidas nos doze mais renhidos e sanguinolentos combates, ou antes nas doze mais notaveis batalhas da guerra da peninsula.

Os romanos, como fica dito, faziam maior honra aos seus heroes na erecção dos altos padrões ou columnas, sobre as quaes marcavam as acções que tinham merecido taes monumentos: tal era pois o que representava o quarto grupo. Era uma simples, porém magestosa columna, em cujo sôco e sobre a facha do meio íam gravadas outras importantissimas inscripções. Este padrão era cercado de uma outra coréa de nymphas, que com festões de flores e fachos accesos festejavam sua inauguração e estabilidade. Sobre o taboleiro immediato se repetiam por ordem symetrica outros grifos com a differença que estes, em logar de tabellas, tinham lumes sobre as cabeças. Os limites d'este monumento em geral eram outros padrões ou columnatas herculeas, que serviam como

de decoração á figura do Termino, que tendo nas mãos palmas, corôas e ramos de louro, estava no meio d'ellas representando a estabilidade, e pondo termo a todas as emprezas. Uma d'estas figuras tinha uma inscripção, que foi o preliminar das grandes operações do continente; a outra mostrava a epocha feliz em que a dynastia dos Bourbons foi restituida ao throno e ao seu antigo lustre, o que era symbolisado nas luzes, que os mesmos Terminos tinham sobre as suas cabeças. As columnas ou marcos tinham igualmente inscripções, que tendiam ao mesmo objecto, fechando todo o *plató* outros genios, que correspondiam aos grupos immediatos ao centro, e que igualmente tocavam a trompa e a tuba triplicada, significando que as brilhantes acções do heroe deviam ser assim proclamadas e levadas aos confins da terra. Alem das muitas luzes que brilhavam em todo o *plató,* havia para adorno de cada cabeceira duas serpentinas, cada uma de seis lumes, que saíam do remate das tres hastes, a que estavam encostadas tres lanças com laureolas pendentes, fazendo cada uma d'estas serpentinas um todo militar, allusivo ao geral motivo. Estas serpentinas eram repetidas junto ao centro, porém estas eram de tres lumes sómente.

Todas as peças da baixella eram correspondentes ao *plató,* isto é, observava-se em todas o mesmo sentido allegorico e espirito marcial. As terrinas grandes eram collocadas sobre os braços de quatro Nereidas. Quatro pequenos Tritões sustinham sobre os seus hombros as terrinas pequenas. Servia de ornato aos corpos das terrinas grandes a figura repetida da Egide de Minerva, que das mãos da mesma deusa recebêra Perséo, quando salvou Andromaca das garras do monstro marinho. Via-se pois o escudo laureado das fachas consulares das nações unidas, tendo por timbre a harpa da Irlanda, paiz ditoso, que mereceu ser o berço de tão grande homem, cujo brazão ia entrelaçado com estes ornamentos na frente das mesmas terrinas, e repetido nas suas tampas, onde o remate era uma pinha, symbolo da união dos povos. Eram todas cercadas de laureolas, que se estendiam a todas

as cobertas dos differentes pratos. As terrinas pequenas tinham um ornato em tudo similhante, excepto que os escudos d'estas tinham fórma circular, e os d'aquellas tomavam a fórma de um crescente ao uso macedonico, com as pontas armadas de cabeças de leão. Facas, colhéres e garfos, pequenos accessorios d'este grande corpo, participavam igualmente nos seus punhos e cabos do mesmo ornato nas armas do heroe em relevo, cercadas de ramos de louro e de carvalho, vistoque a sua limitada grandeza e uniformidade não permittia campo onde se podesse espraiar o genio e os talentos do insigne auctor da baixella, o já citado pintor Domingos Antonio de Sequeira.

Inscripções do plató

Inscripção do sôco do termino B

Levantamento da Hespanha e Portugal, proclamando os seus legitimos soberanos, e sacudindo o jugo de Buonaparte em junho de 1808.

Columna direita do dito

Roliça: 17 de agosto de 1808. Combate dado pelos inglezes e portuguezes.

Vimeiro: 21 de agosto de 1808. Batalha ganha pelos inglezes e portuguezes.

Columna esquerda do dito

Douro: 12 de maio de 1809. Passagem feita por inglezes e portuguezes.

Talavera: 27 e 28 de julho de 1809. Batalha ganha por inglezes e portuguezes.

Facha da columna

Bussaco: 27 de setembro de 1810. Batalha ganha por inglezes e portuguezes.

Barrosa: 5 de março de 1811. Combate dado por inglezes e portuguezes.

Sôco da columna

Olivença: 17 de abril de 1811. Praça tomada pelos portuguezes.

Fuentes de Oñoro: 3 e 5 de maio de 1811. Combates gloriosos, dados por inglezes e portuguezes.

Sôco do terço da columna

Albuera: 16 de maio de 1811. Batalha ganha por inglezes, portuguezes e hespanhoes.

Arroyo Molinos: 18 de outubro de 1811. Surpreza feita por inglezes, portuguezes e hespanhoes.

Tabellas dos grifos

Ciudad Rodrigo: 19 de janeiro de 1812. Tomada de assalto por inglezes e portuguezes.

Badajoz: 6 de abril de 1812. Tomada de assalto por inglezes e portuguezes.

Centro

Por ordem de sua alteza real, O.O. ao grande duque da Victoria os governadores do reino em memoria dos gloriosos triumphos, alcançados na guerra da peninsula pelos exercitos portuguez, inglez e hespanhol, do seu commando desde 1808 até 1814.

Feita por mandado dos governadores do reino de Portugal sob a direcção de Domingos Antonio de Sequeira, primeiro pintor da camara da côrte de sua alteza real, por artistas portuguezes.

Tabellas dos grifos

Salamanca: 22 de julho de 1812. Batalha ganha por inglezes, portuguezes e hespanhoes.

Madrid: 12 de agosto de 1812. Entrada dos inglezes e portuguezes.

Sôco do terço da columna

Vittoria: 21 de julho de 1813. Batalha ganha por inglezes, portuguezes e hespanhoes.

S. Sebastião: 31 de agosto de 1813. Tomada de assalto por inglezes, portuguezes e hespanhoes.

Facha da columna

Pyrenéos: 25 de julho até 2 de agosto de 1813. Combates successivos, dados por inglezes, portuguezes e hespanhoes.

S. Marçal e Santo Antonio: 31 de agosto de 1813. Combates dados por inglezes, portuguezes e hespanhoes.

Sôco da columna

Bidassôa: 7 de outubro de 1813. Passagem feita por inglezes, portuguezes e hespanhoes.

Nivelle: 10 de novembro de 1813. Passagem feita por inglezes, portuguezes e hespanhoes.

Columna direita do termino A

Nive: 9 até 13 de novembro de 1813. Combates successivos, dados por inglezes e portuguezes.

Bordeaux: 12 de março de 1814. Entrada dos inglezes e portuguezes.

Columna esquerda do dito

Orthez: 27 de fevereiro de 1814. Batalha ganha por inglezes e portuguezes.

Toulouse: 10 de abril de 1814. Batalha ganha por inglezes, portuguezes e hespanhóes.

Sôco do termino A

Entrada dos alliados do norte em París: deposição de Buonaparte: restituição de Luiz XVIII ao throno de França, e paz geral em abril de 1814.

Mappa das dimensões do plató, figuras e symbolos que o adornam

O *plató* era dividido em 13 taboleiros, um dos quaes em fórma de centro, e para cada lado se contavam 6, dispostos symetricamente. Unidos estes formavam um comprimento de

37 palmos; e como a largura d'elles era de 4, vinha por con seguinte a ter o *plató* 37 palmos de comprido e 4 de largo. Havia comtudo alguns pontos mais salientes em diversos taboleiros, onde o *plató* vinha a ter 4 palmos e 5 $^1/_2$ pollegadas de largo.

O taboleiro do centro tinha de comprimento 3 palmos, 2 pollegadas e 2 linhas. Largura, 4 palmos, 5 pollegadas e 4 linhas. Altura, 5 palmos e 4 pollegadas. Figuras: a da victoria, 6 pollegadas. As que representavam as quatro partes do mundo, 11 pollegadas. As sphinges com capiteis, 5 pollegadas e 3 linhas.

Os 2 taboleiros com grifos de tabellas, cada um com as seguintes dimensões: comprimento, 2 palmos, 1 pollegada e 5 linhas. Largura, 4 palmos, 5 pollegadas e 4 linhas. Altura, 1 palmo e 6 pollegadas. Grifos, 5 palmos e 3 linhas.

Os 2 taboleiros com terços de columnas, cada um com as seguintes dimensões. Comprimento, 2 palmos e 2 linhas. Largura, 4 palmos. Altura, 3 palmos, 6 pollegadas e 4 linhas. Figura da Tagide, 1 palmo, 2 pollegadas e 6 linhas. Os genios que tocavam instrumentos marciaes, 6 pollegadas e 6 linhas.

Os 2 taboleiros com fachos da victoria, cada um com as seguintes dimensões: comprimento, 3 palmos, 5 pollegadas e 5 linhas. Largura, 4 palmos. Altura, 3 palmos, 7 pollegadas e 6 linhas. Nymphas que cercavam o facho, 1 palmo, 2 pollegadas e 3 linhas.

Os 2 taboleiros com columnas, cada um com as seguintes dimensões: comprimento, 4 palmos, 2 pollegadas e 1 linha. Largura, 4 palmos. Altura, 4 palmos e 2 linhas. Nymphas que cercavam a columna, 1 palmo e 3 linhas.

Os taboleiros com grifos de dirandellas, cada um com as seguintes dimensões: comprimento, 2 palmos, 1 pollegada e 5 linhas. Largura, 4 palmos, 5 pollegadas e 4 linhas. Altura, 1 palmo, 6 pollegadas e 4 linhas. Grifos, 5 palmos e 3 linhas.

Os 2 taboleiros com as figuras do Termino, cada um com as seguintes dimensões: comprimento, 2 palmos, 3 pollegadas e 5 linhas. Largura, 4 palmos. Altura, 3 palmos, 1 pol-

legada e 7 linhas. Figura do Termino, 1 palmo, 3 pollegadas e 3 linhas. Os genios que tocavam instrumentos marciaes, 6 pollegadas e 6 linhas.

As serpentinas eram todas iguaes em altura, tendo cada uma 2 palmos, 7 pollegadas e 3 linhas[1].

Pela sua parte o governo inglez não se esqueceu tambem de galardoar com a maior generosidade e primor os importantes serviços feitos ao seu paiz durante a guerra da peninsula por alguns dos seus mais distinctos generaes. Em maio, ou junho de 1814 o chanceller do exchequer levou ao parlamento a seguinte mensagem do principe regente de Inglaterra. «George, principe regente. O principe regente em nome de sua magestade, attendendo ás grandes e numerosas victorias, alcançadas pelo feld-marechal, o duque de Wellington, é servido conferir-lhe o grau e titulo de duque e marquez do Reino Unido. Sua alteza real deseja ainda dar outras provas da alta idéa, que concebe d'aquelles relevantes e extraordinarios serviços, que tanto tem exaltado a fama do exercito britannico, estabelecido a independencia e segurança de Portugal e Hespanha, e essencialmente contribuido para a presente tranquillidade da Europa. Portanto o principe regente recommenda aos fieis communs de sua magestade que habilitem sua alteza real a dar ao feld-marechal, duque de Wellington, e aos seus vindouros que succederem ao titulo de duque de Wellington, uma pensão propria para manter a alta dignidade do titulo conferido, e a qual seja ao mesmo tempo um permanente testemunho dos sentimentos de sua alteza real e da gratidão e liberalidade da nação. — *George*, principe regente». O mesmo chanceller levou outras mensagens, nas quaes sua alteza real, o referido principe, se dignava conferir os titulos de lords a sir W. C. Beresford, sir Thomás Graham e sir Rowland Hill, pelos brilhantes serviços que igualmente haviam prestado ao seu paiz. Em virtude das precedentes mensagens a casa dos communs votou para o duque

[1] Descripção extrahida do supplemento ao n.º 24 do jornal de bellas artes, ou *Mnemosine lusitana*.

de Wellington 400:000 libras, ou uma annuidade de 13:000 libras, as quaes com a annuidade de 4:000 libras e mais a somma de 100:000 libras, anteriormente dadas, perfaziam uma renda annual de 20:000 libras. Para os tres lords novamente creados, Beresford, Graham e Hill, dera-se a cada um uma annuidade de 2:000 libras.

Por conseguinte é justo aqui recordar que para tão extraordinarios favores, que lord Wellington recebeu, tanto de Portugal, como da Gran-Bretanha, muito concorreram os portuguezes, sendo elles e o seu exercito os que tão efficazmente se constituiram em poderoso instrumento da celebridade d'este grande homem, por terem sido elles os que depois da batalha do Vimeiro instantemente o pediram ao governo inglez para commandante em chefe do exercito portuguez, pedido que seguramente foi uma das causas do mesmo governo inglez lhe confiar o commando das suas tropas na peninsula, e de lhe alcançar tambem do governo portuguez a nomeação de marechal general do seu exercito, pela facilidade que para isto havia, em rasão da grande sympathia que os portuguezes por elle tinham, e de poder por esta causa commandar promiscuamente o exercito portuguez e inglez, como effectivamente succedeu, pois, a não ser isto, talvez se não vencessem as muitas difficuldades que houve em Londres para se lhe conferir tal commando, difficuldades nascidas principalmente d'elle ser um dos tenentes generaes mais modernos do exercito britannico. Acresceu sobre isto serem as tropas portuguezas as que pela sua parte tambem muito concorreram para os triumphos do mesmo Wellington, porque, a não ser este concurso, cremos que não conseguiria as victorias que por si teve; como se prova pela batalha de Talavera, onde, reduzido no campo da batalha unicamente ás tropas inglezas, postoque auxiliado fóra d'elle pelas operações das tropas portuguezas, commandadas pelo marechal Beresford, e sobretudo pelas da leal legião lusitana, do brigadeiro Wilson, nada mais fez que conservar apenas á sua posição, que ainda assim talvez não conservasse, a não lhe valer o apoio d'aquellas operações. Que os serviços do exer-

cito portuguez foram importantissimos para a causa da libertação da peninsula, e portanto para o triumpho dos grandes interesses, que d'aqui provieram á Gran-Bretanha, pela intima ligação que uma cousa tinha com outra, é facto que o proprio George Canning, um dos grandes estadistas inglezes que então vivia, publicamente confessou por aquelle tempo, expressando-se sobre este ponto pelo seguinte modo [1]:

«O bom senso, os affectuosos sentimentos e a generosidade da nação ingleza seguiram de perto o seu governo n'esta empreza (a da libertação de Portugal do jugo da França). Mas eu mui bem me lembro que aquelles que se persuadiram, *que da luta de Portugal podia resultar a liberdade da Europa,* foram tidos por ardentes e visionarios enthusiastas. Eu fui um d'estes, e sempre assim o confessei: assim o confessei, mesmo n'essas epocas em que a luta era summamente duvidosa, e até para muitos desesperada. É verdade que algumas vezes appareciam no horisonte densas nuvens e negrumes; mas então, mesmo através d'essas nuvens e negrumes, eu via, ou atrevidamente imaginava ver, um raio de luz, que promettia romper as trevas, e que podia para o futuro illuminar as nações. Não é hoje, nem é n'este logar que devo mostrar que estas esperanças não eram extravagantes. Ou fosse uma natural e justa consequencia da perseverança em sustentar uma boa causa, ou fosse por um especial favor da providencia, é uma verdade de facto, *que d'este canto da Europa nasceu o impulso por meio do qual os seus mais poderosos reinos foram resgatados*: *é uma verdade que n'este terreno esteril e de poucas esperanças estava depositada a semente de que brotou a arvore da segurança, cujos ramos abrigam hoje o genero humano.* D'estas recordações e de uma tal associação de idéas o paiz em que estamos juntos tira um immediato e animador proveito, ainda aos olhos do observador o mais indifferente. Quanto a mim,

[1] Foi uma falla por elle pronunciada em Lisboa nas vesperas da sua partida de Portugal para Londres, por occasião de um jantar, que os negociantes inglezes lhe deram na sala do theatro de S. Carlos em 1816.

eu não posso ver esta capital, em que por tantos mezes de horror e de anciedade, no meio de uma povoação apinhada, soffrendo sem murmurar, *estiveram fixas e tremendo por sua sorte as esperanças da Europa:* eu não pude atravessar essas poderosas e naturaes fortalezas, que defendem esta capital, esses baluartes, áquem dos quaes se retirou a mesma victoria, a fim de implumar de novo as suas azas, para dar mais alto e mais seguro vôo: eu não posso contemplar essas santas ruinas, por entre as quaes vaguei ha pouco, e onde uma terrivel curiosidade fica suspensa para indagar se os estragos em torno foram causados por antigas revoluções da natureza, ou ludibrioso sacrilegio e barbara malignidade do inimigo: eu não posso ver os vestigios de desolução n'este paiz, e dos soffrimentos por que passou este povo: eu não posso ver tudo isto, *sem render um justo tributo de admiração e respeito ao caracter de uma nação, que por tudo o que tem feito, e mais ainda por tudo o que soffreu, se elevou a um grau de eminencia moral muito desproporcionado ao seu territorio, povoação e poder!* Eu não posso considerar em tudo isto sem abençoar a sabia e benefica politica, que persuadiu a Inglaterra a vir tão opportunamente em soccorro de uma tal nação para despertar a sua energia, para organisar os seus recursos, para sustentar e vigorar a sua inflexivel constancia, e depois de concluida a sua propria restauração, conduzi-la alem das suas fronteiras em perseguição do seu oppressor. Ter combatido juntamente em uma tal causa, ter unido as bandeiras e misturado o sangue em tantas batalhas por taes interesses, e que conduziram a taes resultados, *tudo isto deve indubitavelmente cimentar uma eterna união entre as nações britannica e portugueza.*

«Vós observareis, senhores, que eu desejo anciosamente fixar o principio da nossa união e de nossas pretensões reciprocas, fugindo de comparações e recorrendo só aos principios de igualdade. Eu o faço assim sinceramente, porque estou persuadido que este modo de fixar aquelle principio é justo. *Eu o faria assim por politica, ainda quando duvidasse do seu interesse.* Portugal não poderia restaurar-se sem

o auxilio da Inglaterra: isto é uma verdade; *mas tambem o é que Portugal foi para a Inglaterra o principal instrumento* de que ella se serviu para intentar a maior empreza em que a Gran-Bretanha jamais se empenhou! (A isto podia elle tambem acrescentar, e a do maior interesse e da maior importancia politica para ella.) Nós trouxemos a Portugal conselhos, exercito, disciplina e valor britannico; *mas nós achámos em Portugal vontade sincera e prompta, braços activos, um governo cheio de confiança, um povo valoroso e soffredor, docil em instruir-se, leal em nos seguir, paciente no meio das privações, e a quem a desgraça não foi capaz de abater e desanimar, nem a prosperidade póde ensoberbecer e embriagar*. O braço da Inglaterra foi a alavanca, que abalou violentamente o poder de Buonaparte. *Portugal foi o ponto de apoio em que aquella alavanca se moveu.* A Inglaterra assoprou e nutriu o fogo sagrado; *mas Portugal tinha já erigido o altar em que esse mesmo fogo se accendeu, e cujas lavaredas subiram e se propagaram a tal ponto, que o seu clarão foi alumiar o mundo inteiro.*» Eis-aqui pois os relevantes serviços que Portugal fez á Inglaterra, e mesmo a toda a Europa durante a famosa guerra da peninsula, serviços confessados por um dos maiores estadistas, que a mesma Inglaterra tem tido n'estes ultimos tempos, e um dos melhores oradores que no seu parlamento se tem visto. Esta falla offerece de mais a mais ponderosa materia para considerações de alta politica sobre a necessidade e interesses resultantes da mutua união, que deve haver entre Portugal e a Gran-Bretanha. Possam os politicos e estadistas inglezes que áquelle se seguirem tirar d'ella a norma da sua conducta leal e reconhecedora para com Portugal, imitando n'esta parte um dos seus maiores e mais notaveis homens do seculo XIX.

Provados assim por insuspeito modo os importantes serviços pessoaes feitos a lord Wellington pelos portuguezes, não se devendo esquecer alem d'estes serviços as distincções e applausos com que sempre o receberam, quando apparecia em Lisboa, e o grande empenho que os governadores do reino constantemente mostraram em o obsequiar:

e provados não menos os relevantes serviços que o exercito portuguez igualmente prestou, tanto á pessoa de lord Wellington, como á propria Gran-Bretanha na porfiada luta que sustentou contra a França durante a memoravel guerra da peninsula, é justo agora saber-se qual foi o modo por que o mesmo lord e o governo britannico consideraram e galardoaram esses serviços, que lhes fizeram a nação portugueza e o seu exercito. Quanto ao primeiro ponto, diremos que tendo a guerra da peninsula acabado com a batalha de Toulouse, lord Wellington seguiu d'esta cidade para a de París no dia 30 de abril, sendo acompanhado sómente por lord Somerset, seu primeiro ajudante de campo, sem duvida por se julgar que a sua presença iria dar mais brilho á augusta reunião, que por então lá tinha logar dos monarchas do norte e dos generaes commandantes dos seus respectivos exercitos. Separou-se pois lord Wellington do exercito portuguez sem que tivesse a lembrança de lhe dirigir, nem ao menos uma esteril ordem do dia, onde traçasse em lisonjeiro e reconhecido epilogo a enumeração dos seus importantes serviços, e consagrasse algumas polidas expressões de despedida aos bravos soldados portuguezes, que tão efficazmente e por tantos annos haviam concorrido para a sua elevação e engrandecimento pessoal, á custa do seu proprio sangue e dos mais pesados sacrificios para a sua patria. É esta geralmente a condição dos homens ingratos não se lembrarem na sua prosperidade dos que mais trabalharam para a sua brilhante situação e renome, porque assim como o soberbo perde a vista, o ingrato perde a memoria; mas no caracter frio e genio orgulhoso de um inglez, elevado a tão alto grau de gloria e fama, como aquelle em que lord Wellington se viu no fim da guerra, uma conducta d'estas talvez não seja tão condemnavel, quanto é estranha e contraria ao genio e sentimentos pundonorosos dos peninsulares, nos quaes outro sangue, que não o dos frios saxonios, os anima e aviventa. Mas se a ingratidão de lord Wellington se mostrou grande para com o exercito portuguez, não foi ella de menor monta, nem de menos flagrante escandalo para com

a nação portugueza, porque merecendo-lhe a nação hespanhola a fineza de a ir felicitar a Madrid na pessoa de D. Fernando VII, não obstante ter sido por aquella nação humilhado durante alguns annos nas suas pretensões de commandante em chefe do seu exercito, chegando até mesmo os seus generaes a compromette-lo muito seriamente n'algumas batalhas, pela constante má vontade que lhe tinham, cousa com que tambem se reuniu o terem as tropas hespanholas concorrido bem pouco para a sua gloria e nome, todavia a nação portugueza não lhe mereceu a fineza de vir tambem a Lisboa render-lhe igual felicitação. Seria por ventura porque o magnifico presente, que as côrtes de Cadiz lhe fizeram da importante doação da valiosa herdade de Sotto de Roma era para elle de maior peso que a celebridade e gloria que a nação portugueza e o seu exercito lhe grangearam durante a guerra da peninsula? Talvez, porque emfim muitos homens ha que dão menos peso a estas cousas moraes do que aos interesses materiaes, como succede aos que subordinam a cabeça ao ventre, tendo para si que as censuras passam e o dinheiro fica.

Para se fazer uma idéa das circumstancias politicas da Hespanha, quando lord Wellington se dirigiu para Madrid, a fim de felicitar D. Fernando VII e a nação hespanhola pelo acabamento da guerra, deveremos lembrar-nos de que Napoleão, ao ver sobre si imminentes os exercitos do norte, negociára com elle o restitui-lo á liberdade, mediante o tratado de Valençay, o qual, não tendo sido aceito pelas côrtes e regencia de Cadiz, ficou por algum tempo suspensa a saída do mesmo D. Fernando de França para Hespanha. Foi só em 14 de março de 1814 que elle largou de Valençay, chegando no dia 19 a Perpignan. No dia 22 entrou no territorio hespanhol em companhia do duque de Albufeira, o qual, tendo conseguido d'elle o que se lhe ordenára exigir-lhe, o escoltou até ás margens do Fluvia. N'este logar se achava reunido o exercito de Coupons, encarregado de o receber: d'ali seguiu para Geronna, Tarragona, Reus, Saragoça, Teruel. e a final para Valencia. Chegando a esta cidade em 16

de abril, n'ella se declarou altamente contrario ás reformas das côrtes, apoiando-se para este fim no exercito de Elio. No dia 5 de maio poz-se em marcha para Madrid, acompanhado pelo dito exercito e por muitos dos grandes do reino, que para junto d'elle tinham affluido. Para aquella capital se haviam transferido em tempo as côrtes de Cadiz, depois que Soult lhe levantára o bloqueio; 25:000 a 30:000 homens tiveram ordem de a ir occupar. No dia 4 do citado mez de maio tinha D. Fernando VII expedido um celebre manifesto, no qual, depois de censurar com azedume a conducta das côrtes, declarava nullos e de nenhum effeito a sua constituição e os seus decretos, prohibindo com pena de morte fallar-se em similhantes cousas. No dia 10 publicou-se o citado manifesto, a que se seguiu invadirem as tropas o local das côrtes e o da regencia. Mais de trinta deputados, dois regentes e todos os ministros foram presos pelo general Eguia, fugindo os outros membros do governo, sem que estes e as mesmas côrtes fizessem cousa alguma a bem dos seus direitos, pela desconfiança que tinham no povo e no exercito. No dia 14 entrou D. Fernando VII em Madrid no meio do mais vivo enthusiasmo, que os cortezãos interpretaram como ponto de partida para uma prompta reacção liberticida, na qual aquelle soberano effectivamente se lançou com a maior ingratidão e duplicidade.

Taes eram pois as circumstancias politicas da capital da Hespanha, quando pelas tres horas da tarde do dia 24 do citado mez de maio n'ella fez a sua entrada lord Wellington, sendo acompanhado pelo general Álava e pelo seu ajudante de campo, lord Fitz-Roy Somerset, tendo para este fim saído de Paris no dia 9 do dito mez. D. Fernando VII ordenou se lhe fizessem as honras de infante de Hespanha, preparando-se-lhe para sua habitação o palacio de D. Maria de Aragão, que as côrtes tinham destinado para as suas sessões, e no qual achou mesa, serviço de casa e carruagens, tudo da casa real. Toda a tropa se formou, e cousa de 6:000 homens lhe fizeram alas desde a porta de Alcalá, por onde entrou, até á casa da sua residencia, sempre acompanhado de immenso

concurso de povo, que o saudava com repetidos vivas. Ao passar em frente do palacio real estava D. Fernando VII á janella, e lhe mandou dizer que subisse assim mesmo no traje de viagem: logo baixou á ultima escada a recebe-lo o tenente general duque del Parque. Na primeira sala estava o conde de Castello Florido, capitão das guardas de corpus: na segunda estava el-rei e os infantes seus irmãos, e o conduziram á camara, onde lhe manifestaram o seu reconhecimento e o grande apreço que faziam da sua pessoa e dos seus eminentes serviços, sendo convidado ao despedir-se para ir com el-rei ao theatro n'aquella mesma noite. Retirando-se para o seu alojamento, foi de lá para casa do embaixador inglez, seu irmão, com quem jantou. Na manhã de 25 de maio concorreram os corpos militares e as principaes pessoas a comprimenta-lo, sendo d'este numero os ministros d'estado, a cuja frente ia o duque de S. Carlos, o qual, depois de muitas expressões de civilidade, lhe disse que tinha ordem, como mordomo mór, de o convidar para jantar n'aquelle mesmo dia com el-rei. O ministro de Portugal, logoque teve a certeza da approximação de lord Wellington a Madrid, foi espera-lo ao caminho e o acompanhou. Quando no dia 25 o referido ministro lhe foi dar parte de que ia expedir um correio para Lisboa, destinado a participar a sua chegada á capital da Hespanha, pediu que juntasse ao seu officio as seguintes expressões: «Que elle sentia muito não ter tempo para escrever tambem; que elle sempre conservaria a maior amisade aos portuguezes, a quem com bastante mágua não podia ver n'aquella occasião, devendo voltar para Inglaterra por Paris, *e estando Portugal tão socegado, não havia extrema necessidade de que elle cá viesse*»; palavras seguramente banaes, por nunca terem sido acompanhadas de factos, que comprovassem a sinceridade com que as proferia. Apesar d'isto o ministro portuguez lh'as agradeceu por outras de reconhecimento, dando-lhe a entender que, visto ter ido a Madrid, seria agradavel á nação portugueza, que fosse tambem a Lisboa: a sua resposta foi quasi a repetição das palavras acima sublinhadas, acrescentando: *pro-*

metto ir a Lisboa, quando chegar sua alteza real, o principe regente de Portugal. O principe, postoque alguns annos mais tarde, e já quando rei, chegou finalmente a Lisboa; mas lord Wellington nunca cumpriu a palavra que dera. De Madrid saíu elle novamente para París no dia 5 de junho. É portanto um facto que a ingratidão e falta de sentimentos nobres se manifestou consideravelmente em lord Wellington, tanto para com a nação portugueza, como para com o seu exercito. Mas será este o caracter da nação ingleza? Talvez não; mas se o não é da nação, não faltam todavia provas de que tambem o foi do seu governo por aquelle tempo, como passâmos a ver.

Entrados os exercitos alliados em París, sanccionou-se finalmente a paz da Europa com a França por meio de um tratado, assignado n'aquella capital, aos 30 de maio de 1814, no qual os plenipotenciarios britannicos, visconde de Castlereagh, conde de Aberdeen, visconde de Cathcart e sir C. W. Stewart, estipularam sem auctorisação alguma do governo portuguez, nem mesmo communicação que a tal respeito lhe fizessem, a obrigação de Portugal restituir á França a Guyenna franceza, como se vê do artigo 10.° do referido tratado, que foi assim redigido:

«Artigo 10.° Sua magestade fidelissima, em consequencia dos arranjos feitos com os seus alliados, e para execução do artigo 8.°, se obriga a restituir a sua magestade christianissima, dentro do praso adiante estipulado, a Guyenna franceza, tal qual existia no 1.° de janeiro de 1792. Fazendo esta estipulação reviver a contestação existente n'aquella epocha, a respeito dos limites, fica convencionado que esta contestação será terminada por um arranjamento amigavel entre as duas côrtes, debaixo da mediação de sua magestade britannica.»

Vê-se por este artigo que, emquanto por um lado o governo inglez, sem ter a mais pequena attenção aos serviços que a nação portugueza e o seu exercito lhe haviam prestado na sua luta contra a França, nem tendo para comnosco consideração alguma como nação independente, espoliou Por-

tugal, sem lhe dar a mais pequena compensação, de uma conquista por elle feita na America, mediante sacrificios e despezas, contra um inimigo que tão graves prejuizos lhe occasionára, arruinando-lhe o paiz, o commercio e a navegação, por outra não teve sequer a moralidade de lhe garantir, ao menos como equivalente da espoliação que lhe fazia, a restituição do territorio da comarca de Olivença, que perdemos por causa da nossa alliança com elle, e na mesma occasião em que inteiramente nos abandonou na guerra, que em 1801 tivemos de sustentar contra a Hespanha e a França reunidas, mandando até retirar de Portugal em tão critica conjunctura as poucas tropas que n'elle tinha. O desprezo com que o governo inglez assim tratou o portuguez, obrigando-o violentamente a uma cessão no proprio momento em que acabava de receber os generosos e importantes serviços que lhe tinha feito, sem com elle ter intelligencia alguma prévia, foi cousa que pungiu muito mais o coração dos patriotas portuguezes do que o vandalico acto da espoliação em si mesma, acto que não só mostra o mais despotico e desmedido orgulho, mas até mesmo a total abstenção de todos os sentimentos do dever e da generosidade. Se sobre o que fica dito considerarmos que a tomada da praça de Olivença em 1811 foi feita pelos portuguezes contra as tropas francezas, e que a sua entrega aos hespanhoes occasionou graves contestações entre os dois governos da peninsula, contestações que sómente serenaram mediante a promessa de lord Wellington de que no fim da guerra se empenharia para que similhante negocio se resolvesse a aprazimento de Portugal, o caso da não restituição d'esta praça tornou-se portanto muito mais grave, porque não só foi um acto da mais revoltante ingratidão, praticado pelo dito lord e pelo seu governo para com Portugal, mas até de flagrante e manifesta má fé, tanto da parte de um, como de outro.

Pelo referido tratado de 30 de maio de 1814 tudo se annullou quanto injustamente as armas francezas haviam usurpado durante a guerra ás differentes nações, e tudo a Inglaterra lhes fez restituir, tendo-o como usurpação, d'onde re-

sulta não considerar como tal a perda de Olivença, que occasionou a um alliado, que desde o principio até ao fim da guerra se tinha sacrificado por ella, abraçando acaloradamente a sua causa, e pondo á sua disposição, como cousa sua propria, forças de mar e terra, armas, arsenaes e fortalezas, com tudo mais que havia no paiz. Similhante conducta tornou-se ainda mais grave por ser contraria ás expressas determinações do tratado de 1793, pelo qual o governo inglez se obrigou a prestar a Portugal durante a sua guerra com a França todos os auxilios no caso de ser atacado, como compensação dos sacrificios a que ficava obrigado de fechar os seus portos á França, e em tomar parte activa na dita guerra. Por este mesmo tratado se confirmaram todos os antecedentes, e portanto o artigo 15.º do de 1661, que diz assim: «Em attenção a tudo quanto fica estipulado, concede el-rei de Portugal Tanger e Bombaim; e el-rei da Gran-Bretanha promette, *com o consentimento do seu conselho,* que tomará a peito os interesses de Portugal e de todos os seus dominios, defendendo estes com todo o seu poder, tanto por mar, como por terra, *como se fôra a propria Inglaterra*». E não seria Olivença dominio portuguez antes da guerra de 1801? Não nos abandonou o governo inglez n'aquelle anno ás prepotentes armas da França e da Hespanha, vendo-nos portanto forçados para obtermos a paz a entregar Olivença aos inimigos? Seria porventura justa similhante guerra? E não faltou assim a Inglaterra aos solemnes compromissos que para comnosco tinha, compromissos consignados nos referidos tratados de 1661 e 1793? Mereceriam esta recompensa os pesados sacrificios que por ella fizemos, e os importantes serviços que lhe prestámos, até mesmo com quebra dos pundonores de nação? Não commentaremos mais este facto: o leitor e a posteridade que ajuizem d'elle, segundo o seu espirito de rectidão e de justiça.

Se pois aquelle foi o modo por que lord Wellington e o governo britannico consideraram e galardoaram os pesados sacrificios, que por um e outro fez a nação portugueza, vejá-

mos agora como elles consideraram e galardoaram tambem os importantes serviços que o exercito portuguez lhes fez. O parlamento britannico, reconhecendo em 23 de junho de 1815 o direito que tinha o exercito commandado pelo duque de Wellington durante a guerra da peninsula a uma partilha nos despojos que n'ella havia tomado, despojos de que o governo inglez se aproveitou, avaliando-os em 800:000 libras, foi esta somma destinada para se repartir pelo mesmo exercito, em conformidade com aquelle principio. Formando as tropas portuguezas uma parte integrante do exercito commandado pelo duque de Wellington, do qual constituiam pelo menos uma terça parte, e tendo o referido exercito sido avaliado em 100:000 homens no memorial de sir W. Proby, Ross e Campbell, memorial que serviu de base á resolução do parlamento inglez, era evidente terem sido as tropas portuguezas incluidas no referido numero, pois se o exercito inglez alguma vez excedeu a 50:000 homens no campo, seguramente não passou de 60:000. Apesar d'isto o governo inglez entendeu não dever incluir o exercito portuguez na distribuição das ditas 800:000 libras, tendo aliás servido desde o principio até ao fim da guerra, e entrado constantemente em todas as batalhas, combates, sitios e assaltos que durante ella houve, e sempre debaixo das ordens de lord Wellington, não havendo jamais distincção alguma entre exercito inglez e portuguez, dando-se a par d'isto a circumstancia attendivel de terem tão poderosamente contribuido para o triumpho do exercito luso-britannico na batalha de Vittoria a oitava e nona brigada portuguezas, e portanto para a tomada dos ricos e importantes despojos que ali se fizeram, segundo o testemunho do proprio lord Wellington[1]. Para mais se redobrar o escandalo que n'isto houve, feito pelo governo britannico na sua injusta asserção de que a mercê só comprehendia as forças inglezas, bastará dizer que na distribuição da dita mercê entendeu contemplar tambem os officiaes inglezes, que com permissão de sua magestade

[1] Assim se prova pelo documento n.º 109.

britannica serviam no exercito portuguez. Se pois se reconhecia que os officiaes inglezes ao serviço de Portugal tinham direito á contestada partilha, não podiam por modo algum ser d'ella excluidos os que na mesma occasião nas differentes batalhas, combates, sitios e assaltos pelejaram debaixo das suas ordens, e á custa do seu sangue tomaram a par dos inglezes esses mesmos despojos, cujo valor se mandava distribuir ao exercito que os tomára. O argumento apresentado por lord Castlereagh, de que Portugal por duas vezes fôra libertado pelas tropas britannicas, não podia admittir-se como rasão bastante para justificar a resolução da commissão, incumbida da distribuição do valor dos despojos feitos, em não contemplar n'ella as tropas portuguezas.

Em primeiro logar deve advertir-se que em ambas as restaurações a que lord Castlereagh alludiu, as tropas portuguezas tomaram tambem uma activa parte, devendo em segundo logar notar-se que foram essas restaurações de Portugal as que proporcionaram á Gran-Bretanha o meio de atacar o poder colossal da França pela unica parte por onde podia ser e effectivamente foi atacada, e por onde mais facilmente podia tambem avançar até ás suas fronteiras, como praticou. É portanto um facto que todos os esforços da Gran-Bretanha se inutilisariam sem a adhesão e boa vontade com que a nação portugueza e o seu governo annuiram aos desejos e requisições do governo inglez. Um outro argumento, e ainda de menor monta que o precedente, foi o de se dizer que as munições apresadas foram consumidas pelo exercito, quando aliás similhantes munições pouparam ao governo inglez as despezas que havia de fazer com a promptificação de outras, que na sua falta havia de fornecer. Tambem não era admissivel a carga que se pretendeu fazer ao governo portuguez com a restituição feita em 1808 e 1809 dos objectos usurpados pelos francezes, restituição devida, segundo as leis do direito publico, em rasão de que nos combates de terra os alliados não conquistavam para si, mas para entregarem aos seus legitimos donos, como se observou para com a Hespanha. Mas dado e não concedido que essa restituição podesse

ser contestada, a Inglaterra fel-a em 1808 sem condição alguma, como não podia deixar de ser, pois de outro modo chamaria logo contra si a indignação geral da nação portugueza, e por este modo se impossibilitaria de poder guerrear os francezes na peninsula, á vista da recusa feita pelos hespanhoes de receberem no dito anno de 1808 as tropas inglezas no seu paiz. A desproporção que tambem se allegou das tropas das duas nações, ou fosse de 27 para 40, ou de 20 para 40, como dizia lord Castlereagh, nada fazia ao caso, quanto á justiça da reclamação, porque, reconhecido o direito, pelos mappas da força empregada na guerra se podia depois fixar a proporção exacta para a distribuição a fazer.

Finalmente tambem se allegou que as tropas portuguezas haviam já recebido uma parte dos despojos tomados em Vittoria ao inimigo. Alguma cousa d'estes despojos se tinha com effeito recebido [1]; mas abater na somma fixada pelo parlamento inglez o valor d'esses despojos, quando porventura se houvessem contemplado em similhante somma, era o meio que havia a seguir, mas não o de negar ao exercito portuguez com similhante fundamento a partilha a que por tão sagrados titulos tinha direito. Não consta que lord Wellington apoiasse

[1] Estes despojos consistiram n'uma porção de peças de artilheria, e carros tomados na batalha de Vittoria em 21 de junho de 1813, e que, embarcando-se em Santander, vieram de lá remettidos para Lisboa, sendo no dia 1 de junho de 1814 mandados solemnemente conduzir como trophéus para o arsenal do exercito. Não bastando para conduzir todo o trem as parelhas do corpo de artilheria montada, fez-se saber esta falta aos particulares, os quaes, cheios de patriotico enthusiasmo, de prompto se prestaram a mandar as parelhas que tinham, com os seus respectivos creados, para auxiliarem a conducção, que do arsenal da marinha tinha de se fazer para o do exercito. Das dez para as onze horas da manhã do citado dia 1 de junho partiu pois d'aquelle para este arsenal o referido trem, acompanhado por parte do regimento de artilheria n.º 1, e pelos dois batalhões de artilheiros nacionaes de Lisboa, que para este fim se tinham postado no largo do Pelourinho e suas vizinhanças. Seguiu-se a marcha pela rua do Oiro ao Rocio para passar por baixo das janellas do palacio do governo, situado onde hoje está o theatro de D. Maria II, voltando depois pela rua Augusta ao Terreiro do Paço, d'onde o trem

na mais pequena cousa a reclamação, que o governo portuguez teve de fazer sobre este ponto por meio do seu respectivo ministro em Londres, facto que novamente vem comprovar a sua flagrante ingratidão para com os importantes serviços, que o exercito portuguez lhe prestou, ao passo que a pretendida denegação, feita pelo governo inglez em admittir as tropas portuguezas á partilha dos despojos, que ellas mesmas tinham feito na guerra ao inimigo juntamente com as inglezas, põe remate a tudo quanto de escandaloso o mesmo governo inglez praticou por aquelle tempo para com Portugal [1]. Levou annos a resolução d'este negocio, que talvez se não conseguisse, se o marechal Beresford não houvesse para isso empenhado seriamente a sua influencia, chegando até mesmo a ir a Londres por similhante motivo, dirigindo ao governo britannico um requerimento, tanto em seu nome, como no do exercito portuguez por elle commandado. Foi no anno de 1820 que a favoravel decisão d'este negocio veiu a ter definitivamente logar, terminando nos principios do

tomou para a Ribeira Velha, direito ao arsenal do exercito. Prodigiosa foi a quantidade de gente que concorreu para ver os tropheus da nossa gloria militar, ganhos pelo bravo exercito portuguez ás aguerridas tropas da França. A lista dos despojos recebidos, indelevel testemunho de tantos dias de gloria, quantos foram os de combate para o exercito luso-britannico, é a seguinte: 50 peças de artilheria todas de bronze; a saber: 1 de calibre 12 pesada, 5 ditas do mesmo calibre ligeiras, 15 ditas de calibre 8, 5 ditas de calibre 6, e 15 ditas de calibre 4; 9 obuzes; a saber: 1 de 8 pollegadas reforçado, 7 de 6 pollegadas e 1 de 5 ½ pollegadas; 50 carros manchegos com 50 rodas de reserva; 50 barris cheios de cartuchos de polvora de differentes calibres; 60 caixotes de cartuchos fixos a bala e taco de differentes calibres; 1:984 balas de calibre 8; 16 caixas de entre-falcas de reparos. Estes quatro ultimos artigos tinham já ido anteriormente para o arsenal do exercito.

[1] Advertimos que ainda aqui não tomámos em consideração a subsequente e não menos grave injustiça com que lord Wellington e a Inglaterra excluiram Portugal, no anno de 1815, da partilha nas contribuições, que os alliados impozeram á França como indemnisação da guerra; de que resultou o facto de se recorrer a um rateio por entre as differentes potencias para se lhe dar, quasi com apparencia de esmola, a quota que depois de muitas lides e reclamações se lhe veiu por fim a arbitrar.

anno de 1827 os trabalhos indispensaveis para a distribuição do dinheiro pago pela Inglaterra, correspondente á parte dos despojos, pertencente ao exercito portuguez. A importancia que por similhante motivo se recebeu em Londres, segundo a conta arbitrada pelo governo inglez, foi a de libras 118:379 » 17 sh. » e 8 1/2 pences. As despezas da praça até á cobrança da totalidade da somma em Inglaterra foram as de libras	553 » 10 » 5 1/2
Agencia de quatro commissionados portuguezes e inglezes que trataram d'este apuro	5:891 » 7 » 3
Deposito que ficou em Inglaterra para no decurso de dois annos se attender ás reclamações dos officiaes inglezes, que serviram em Portugal, entendendo-se prejudicados	2:000
Quota pertencente aos officiaes inglezes, deixada ficar em Inglaterra para se lhes distribuir	24:727 » 0 » 8
Quota privativa dos portuguezes, destinada a ser por elles distribuida	85:207 » 19 » 4
Total — libras	118:379 » 17 » 8 1/2

Da referida quota, pertencente aos portuguezes deve ainda abater-se a despeza de libras 511 » 8 » 10, proveniente da corretagem de letras, sacadas sobre a praça de Lisboa, e a de uma pequena differença de cambios: veiu portanto a ficar liquida a somma de libras 84:696 » 10 » 6, ou réis, na fórma da lei, 396:061$850, juntando-lhe mais a quantia de 34$365 réis, proveniente do que repozeram os agentes britannicos, pelo que de mais recebeu um official inglez, veiu a somma a dividir pelo exercito portuguez a ser de 396:096$215 réis. O pagamento d'esta somma abriu-se no dia 22 de março de 1827, distribuindo-se por epochas e por classes. As epochas eram desde uma até seis, e as classes eram desde officiaes generaes até soldados, isto é: officiaes generaes, officiaes supe-

riores, capitães, officiaes subalternos, officiaes inferiores e soldados [1].

Se tão severos temos sido em diversas partes d'esta nossa obra nas censuras por nós feitas a lord Wellington, por causa da sua feia ingratidão para com a nação portugueza e o seu bravo e valente exercito, tambem por outro lado seremos agora os primeiros em lhe fazer justiça ao seu grande merito, repetindo o que por mais vezes já d'elle temos igualmente dito, isto é, que como general se deve olhar como o de maior talento, que a historia da Inglaterra nos apresenta até hoje, não lhe podendo os seus emulos por modo algum denegrir a sua bem merecida reputação militar, filha do seu grande genio e alta capacidade sobre este ponto de vista, qualidades aliás comprovadas pelos factos, que tão numerosos ficam n'esta obra relatados. Só elle, quando toda a Europa humilde se curvava e subservientemente obedecia ao opprobrioso e tyrannico jugo de Napoleão Buonaparte, foi capaz de lutar vantajosamente contra as forças colossaes com que o mesmo Buonaparte mandára occupar a peninsula, oppondo-lhes apenas um exercito, limitado geralmente a 60:000 homens no campo, porque se algumas vezes teve mais, tambem muitas outras teve menos. E todavia com tão fracos meios foi das tropas francezas constantemente vencedor por quasi seis annos continuos, sem nunca ter perdido uma só batalha! A sua gloria será tanto mais para admirar, quanto que mais attentos reflectirmos que no fim d'aquelle tempo conseguiu libertar um paiz, occupado por 200:000 a 350:000 homens, geralmente soldados aguerridos, habituados á victoria, e de mais a mais commandados pelos melhores e mais afamados marechaes da França. Entretanto por amor da verdade forçoso nos é additar, que para tal resultado poderosamente concorreu tambem a pertinaz resistencia e heroico patriotismo dos peninsulares, seguramente o maior obstaculo que os referidos marechaes contra si tiveram nos seus desejados e mallogrados triumphos.

[1] A quantia a distribuir por epochas e por classes póde ver-se na ordem do dia do exercito n.º 28 de 16 de março de 1828.

Mas isto não destroe o notavel facto do mesmo lord Wellington não ter durante os ditos seis annos perdido uma só batalha com os fracos meios de que dispunha, como temos dito, o que por certo lhe não succederia, a não ser realmente dotado de um grande talento militar, auxiliado pelo mais dedicado apoio dos povos peninsulares. Alem d'este apoio, outras mais vantagens contava por si lord Wellington sobre os seus contrarios, taes foram: 1.ª, a de poder sustentar o seu exercito regularmente por meio de armazens de viveres, ao passo que os generaes francezes se viam para tal fim obrigados a disseminar as suas tropas, não podendo por esta causa operar como entendiam, ou julgavam melhor; 2.ª, a constante presença da esquadra ingleza nas costas da peninsula, circumstancia com que igualmente se dava a de ter livremente por sua a navegação do Tejo e do Douro, que lhe proporcionava o mudar á vontade a sua linha de operações, ao passo que os francezes só para tal fim podiam servir-se de bestas de carga, difficeis meios de transporte, sujeitos, como de mais a mais eram, aos ataques e apprehensões dos guerrilheiros hespanhoes; 3.º, finalmente o constante ciume e reciproca rivalidade, que os generaes francezes entre si tiveram, levando-os a não se prestarem jamais uns aos outros proficua coadjuvação e auxilio.

Taes foram pois as vantagens que por si teve lord Wellington; mas apesar d'isto não se lhe póde negar o merito de que elle pelo seu genio inventivo, apropriada combinação de idéas, e consummada prudencia no delineamento das suas operações soube augmentar os seus poucos recursos, fazendo face com as suas poucas tropas a forças muito excedentes ás suas, sendo o mais notavel d'estes casos o levantamento das linhas de Torres Vedras, por meio das quaes não só defendeu Lisboa, mas pôde até operar com vantagem em todo o Portugal durante a invasão de Massena, o qual por assim dizer se viu preso, e constantemente cercado por uma multidão de difficuldades, que o tiveram em continuada tortura, impossibilitando-o de formar depositos e estabelecer comboios, de que lhe resultava não poder reunir as suas tropas

em grandes massas, vendo-se obrigado a tomar posições extensas para assegurar os seus aprovisionamentos, e por fim a cobrir com consideraveis forças a sua linha de retirada, ameaçada como tambem esteve de continuo na sua retaguarda pelas milicias portuguezas, durante a sua estada em Portugal. Collocados por tanto este e outros mais generaes francezes no meio de paizes insurgidos, sem subsistencias seguras para os seus exercitos, sem seguros meios de transporte, quer por terra, quer por agua, e ameaçados sempre de incarniçados inimigos no proprio paiz que pisavam, é um facto que, geralmente fallando, os seus estabelecimentos não podiam ser mais que passageiros. Por estas e outras ponderosas rasões temos para nós que a guerra da peninsula offerece muitas e proficuas lições de reconhecida vantagem para os que se dedicam á vida militar, e mais particularmente aos portuguezes e hespanhoes que a professam. O que mais particularmente lhes deve servir de notavel modelo é a maxima prudencia, que lord Wellington constantemente empregou em todas as suas operações, sem jamais abusar da fortuna que o protegia. Este systema foi pelos francezes olhado como timidez, ao passo que os inglezes lhe chamaram *tactica fabiana*. Verdade é que lord Wellington poucas vezes brilhou como temerario, arriscando-se imprudentemente; porque a necessidade de poupar quanto possivel o exercito que a sorte lhe poz debaixo do seu commando assim o exigia; mas elle teve-o sempre debaixo de mão, prompto constantemente a operar, segundo as circumstancias, tanto para marchar, como para combater, segundo a necessidade o pedia, quer no sentido offensivo, quer no defensivo, mostrando-se assim profundo conhecedor da arte da guerra. Auxiliado pois, tanto pela fortuna que o protegia, como pelo seu genio inventivo e alta capacidade, é um facto que os seus triumphos foram tambem filhos da sua grande actividade, mostrando-se por meio d'ella homem sempre infatigavel.

Como general em chefe e commandante de um numeroso

exercito, lord Wellington é geralmente tido como inferior a Napoleão Buonaparte, o que nos parece verdade, debaixo de certos pontos de vista. As suas concepções eram effectivamente mais limitadas do que as d'elle, tendo tambem menos audacia e vivacidade na sua acção. Entretanto na carreira das armas, e nos feitos d'aquelle grande vulto, póde bem suppor-se que alguma cousa aprendesse. Mas ainda assim deve por espirito de justiça attender-se á grande differença que havia entre as situações de um e de outro. Napoleão podia pela sua parte dispor de grandes e numerosos exercitos, e expor-se até mesmo ao risco de os perder, quando a espectativa de grandes vantagens a isso o induzisse, ou a urgencia de graves circumstancias a tal passo o obrigasse; mas lord Wellington é que de necessidade não podia ser temerario, porque emquanto aquelle podia de prompto reparar as suas perdas, por grandes que fossem, este pelo contrario, a perder o exercito de que dispunha, não podia haver outro, quer por parte de Portugal, quer pela da Gran-Bretanha, e mesmo esse que tinha a seu cargo não podia ir alem de 60:000 homens no campo, vendo-se obrigado a operar com elles com a maior prudencia e cautela, ao passo que Napoleão dispunha de centenas de milhares, circumstancia a que n'este juizo critico muito convem attender.

Isto porém não quer dizer que o systema d'estes dois grandes homens fosse essencialmente differente um do outro, ao contrario d'isso, tanto o de lord Wellington, como o de Napoleão tinham muitos pontos de contacto, assentando sobre a mesma base; a differença consistia sómente na maneira de conduzir as operações, em rasão da diversa posição em que tão conspicuos e famosos guerreiros se achavam collocados. Uma grande energia, incessante vigilancia, estudadas combinações, sem nada se fazer ao acaso, sobretudo na protecção dos flancos, e finalmente a segurança de communicações, sem disseminar muito as suas forças, eis em resumo o que n'um e n'outro igualmente se observa. Todavia no proseguimento da victoria

lord Wellington foi inquestionavelmente bastante inferior a Napoleão. Talvez que até certo ponto se possa d'elle dizer o mesmo que Maharbal, general carthaginez de cavallaria, disse ao celebrado Annibal, ao ver que não marchava sobre Roma, depois da famosa victoria de Cannas: *Tu sabes vencer, Annibal; mas não te sabes aproveitar da victoria.* Ou seja justo, ou injusto o que dizemos, é para nós inquestionavel que alguns defeitos se notam nas suas campanhas sobre este ponto, cousa que só não succede aos que não commandam exercitos; mas apesar d'isto é innegavel ter sido um grande general. Poucas vezes as suas combinações lhe falharam, o que se prova pelo facto de ter sempre saído bem dos combates que sustentou, e das batalhas em que entrou com o inimigo. Robusto, corajoso, sem jamais desanimar nas difficeis situações em que se viu, dotado de um prompto e rapido golpe de vista no meio d'essas situações, que tão afortunadamente d'ellas o faziam saír triumphante, dotado não menos de uma grande intelligencia, inclusivamente em assumptos de politica, de inquestionavel fecundidade de idéas, de um admiravel espirito de observação e finura, e juntamente com isto de uma ordem e previdencia que a tudo se estendia, reunia com tão altas e subidas prendas uma outra de rara maravilha, tal era a de tomar uma prompta e acertada resolução, tanto nas circumstancias difficeis em que imprevistamente se achava collocado, como nas de se aproveitar habilmente dos descuidos dos seus adversarios.

Para prova das felizes inspirações de lord Wellington no meio das referidas circumstancias, recordaremos a ousadia da sua repentina passagem do Douro em 1809, afugentando Soult da cidade do Porto; o acerto da sua retirada de Oropesa, atravessando o Tejo na ponte do Arcebispo; o arrojo da sua temeraria paragem em Fuente Guinaldo, fazendo face ás descommunaes forças do general Montbrun para salvar assim o restante das divisões por que ali esperou; a fortuna com que na batalha de Salamanca se aproveitou do descuido do marechal Marmont, interpondo-se entre o centro e a es-

querda do inimigo n'aquelle ponto; a repentina carga por elle dada na batalha de Vittoria com a sua terceira divisão, assenhoreando-se por meio de tal carga da altura de Arinez, d'onde proveiu a completa derrota do inimigo; e finalmente o contragolpe que em Saurauren descarregou com a sua sexta divisão no dia 28 de julho de 1813 sobre os seus adversarios, e a batalha dos Pyrenéos, por elle decididamente ganha dois dias depois do citado contragolpe. Todos estes factos demonstram evidentemente que lord Wellington era com effeito dotado no mais alto grau do dom particular de saber tomar uma rapida e feliz resolução no meio das mais inopinadas e supervenientes occorrencias da guerra e batalhas que n'ellas tinha de dar. Só esta boa prenda o caracterisa como um espirito superior na guerra, poisque sem ella póde um general sobresaír talvez aos outros, e por conseguinte tornar-se um homem distincto na carreira das armas; mas o que nunca poderá ser é um espirito superior nas operações de campo. Quando dois exercitos de forças pouco mais ou menos iguaes, e tambem de igual valor se acharem em presença um do outro, o bom exito da batalha que entre si travarem dependerá quasi sempre da decisão do momento e da prompta percepção da sua vantagem, como se prova por alguns dos proprios factos que se acabam de expor.

No meio da porfiada guerra da peninsula lord Wellington não foi só grande general, foi tambem um grande e consummado politico. Emquanto o seu governo e muitos dos estadistas inglezes perderam as esperanças de poderem manter similhante guerra, elle lord Wellington, firmado nas occorrencias que antevia, enténdeu sempre que tal guerra não podia deixar de levar as nações do norte a tomarem novamente armas contra a França. Foi portanto elle quem pelos seus triumphos as levou a seguirem-lhe o exemplo, ensinando-as a vencer o maior colosso, que militarmente no seu tempo espantava o mundo. Foi elle quem praticamente lhes mostrou que o territorio francez não era impenetra-

vel ás armas das mais nações. Sobre as margens do Rheno ainda os alliados quizeram pactuar com Buonaparte; mas a batalha de Vittoria, ganha por lord Wellington, a par dos seus subsequentes triumphos, foram quem os desviou d'isso. Tão prudente e acautelado como Fabio Maximo, nunca arriscou um só combate, e muito menos uma batalha, em que não tivesse por si a probabilidade de bom exito; e mais prcvidente que Annibal, nunca houve Capua que lhe tirasse das mãos a palma de vencedor. No quė porém elle se tornou sobremodo notavel foi na passagem dos differentes rios, que teve de atravessar para o progresso das suas operações, como se prova pela sua passagem do Douro em 1809, surprehendendo e expulsando o marechal Soult do Porto. Não foi menos notavel a maneira por que delineou o começo da sua campanha de 1813, atravessando o Douro, o Esla, o Tormes, e por fim o Ebro, indo coroar esta sua marcha a memoravel batalha de Vittoria. Finalmente acaba de confirmar o seu alto merito n'esta especialidade a sua passagem do Bidassoa para penetrar em França, a que se seguiram as não menos notaveis passagens do Nivelle, do Nive, do Adour, e por ultimo a do Garonna, coroada pela sua batalha de Toulouse.

Se portanto commetteu faltas, tambem é um facto que no meio d'ellas sempre se distinguiu por uma rara sagacidade, o maior sangue frio possivel, e uma grande aptidão para tirar partido das diversas circumstancias que a sorte lhe deparava. Emquanto não conheceu bem o exercito de que se lhe deu o commando, foi mais prudente que depois de o conhecer, notando-se mais, que quando o inimigo se lhe tornava superior, fortificava-se nas posições que occupava, carregando-o depois á bayoneta, ao vê-lo quebrantado ou esmorecido, tomando assim a offensiva na primeira occasião opportuna. Ás vezes esperava os ataques em linha, nas vistas de terrivelmente fulminar os contrarios, para o que se servia muito dos fogos cruzados, e outras os atacava na mesma ordem, e sempre

com feliz resultado, poisque as suas reservas constantemente as empregava com o maior acerto para aquelle fim. Esta maneira de combater e as suas campanhas tem dado materia vasta a um sem numero de escriptores de profissão militar, e todos elles tidos como homens de voto na materia. A sua retirada do Bussaco, mandando queimar os comestiveis nas terras e logares por onde o inimigo tinha de passar, foi certamente uma das principaes, se é que não a principal causa da retirada de Massena para fóra de Portugal, e portanto da salvação da peninsula. O imperador Alexandre da Russia, a seu exemplo, e para igualmente vencer Buonaparte, queimou tambem a grande cidade de Moscow, sua antiga capital.

O valor e sangue frio do duque de Wellington nunca n'elle foram desmentidos por factos, que lhe tornassem problematicas similhantes qualidades, como succedeu a Napoleão na sua retirada do Egypto[1], e annos depois na que fez da Russia para Paris, abandonando desapiedadamente os seus soldados nas criticas circumstancias em que ficaram, depois de os ter a ellas reduzido. Quando na famosa batalha de Waterloo, por elle ganha aos 18 de junho de 1815, lhe foi pedir soccorro um ajudante de ordens do bravo general sir Thomás Picton, que tão distincto se tornára durante a guerra da peninsula, a resposta que de prompto resolutamente lhe deu foi: *Dizei ao vosso general que é necessario que os inglezes hoje aqui vençam, ou morram todos*, e o valente general Picton lá ficou effectivamente, coberto sim de gloria, mas sem vida, em fiel cumprimento da ordem que recebêra. Entretanto repetimos de novo o

[1] Buonaparte porém não tem só contra si o desaire de haver abandonado na mais critica conjunctura o exercito francez, que em 19 de maio de 1798 levára comsigo de França para o Egypto; mas é alem d'isso accusado de tambem haver lá envenenado 500 soldados francezes, atacados de peste. Esta accusação foi durante algum tempo contestada, mas por fim verificada pelas revelações do seu proprio secretario. (Veja-se *Memorias de Bourienne*, e introducção á *Historia do congresso de Vienna*, vol. I, pag. XVIII.)

que por tantas vezes já temos dito, sem por modo algum querer offuscar a brilhante gloria do duque de Wellington, isto é, que o seu nome não passaria por certo á posteridade com a reputação que tem de grande homem de guerra, nem teria em vida as muitas ovações que recebeu, a não ser o cego e decidido apoio, que lhe deu a briosa nação portugueza e o poderoso auxilio do seu valente e disciplinado exercito, posto pelo governo portuguez debaixo do seu commando, allegação que em nada desmerece o grande valor, firmeza e inabalavel tenacidade dos soldados inglezes no campo da batalha, durante esta famosa guerra. Elle bem reconheceu a vantagem que os soldados portuguezes n'ella lhe podiam dar, quando pela primeira vez, sendo ainda recrutas, observou o seu valor e enthusiasmo na batalha do Bussaco. As suas esperanças para salvar a peninsula, dizia elle a lord Liverpool, eram os portuguezes. E como outras tantas confissões por elle feitas sobre este ponto se devem reputar igualmente os seus elogios, dirigidos ao marechal Beresford, tanto por occasião dos combates que teve e batalhas que deu, como pelo valor e disciplina a que tinha levado o exercito portuguez. Os serviços dos generaes conde de Amarante, Manuel Pinto Bacellar, Francisco de Paula Leite e João Lobo Brandão de Almeida tambem não concorreram pouco para abrilhantar a gloria do duque de Wellington, como consta da sua correspondencia e da do marechal Beresford. O grande conceito que elle fazia das tropas portuguezas foi ainda provado pelo grande empenho com que no anno de 1815 exigiu dos governadores do reino o mandarem-lhe para os Paizes Baixos um corpo de 15:000 homens de infanteria portugueza, para novamente os aggregar ao exercito inglez contra Napoleão, quando n'aquelle anno fugiu da ilha do Elba e atrevidamente se apresentou em França, sublevando-a em seu favor. Os governadores do reino não lhe satisfizeram a exigencia, pelos ponderosos motivos que para isso tiveram, de que resultou subir por esta causa o resentimento do duque ao maior auge possivel.

Lord Wellington era no seu trato affavel e dotado das melhores maneiras. Sabia conservar a disciplina militar sem ser tyranno. Modesto nas suas pessoaes aspirações, a ninguem offendeu jamais, ou prejudicou por este lado. Constantemente adstricto ao inquebrantavel preceito da obediencia passiva para com os seus superiores, casos houve em que o foi por maneira tal, que chegou até a prejudicar o seu proprio credito, como se viu na sua forçada approvação da convenção de Cintra. Não era grande orador, mas os seus discursos, laconicos e expressivos, brilhavam sempre pela sensatez das opiniões que n'elles emittia, sendo por esta causa ouvidos no parlamento britannico com a mais particular attenção. Achando-se uma vez lord Palmerston indisposto com a Russia, fallou em fechar-lhe os Dardanellos, ao que lord Wellington agudamente respondeu: *Constantinopla é muito perto para a Russia e muito longe para a Inglaterra.* A guerra de Cabul foi emprehendida muito contra a sua opinião, e o seu infeliz resultado sobejamente mostrou que a rasão estava pela sua parte. Em 1812 os governadores do reino, achando-se em graves apuros de dinheiro para custeamento das avultadas despezas da guerra, lembraram-se, por suggestões da côrte do Rio de Janeiro, de supprimir algumas communidades monasticas, para se lhes aproveitarem dos bens, medida a que lord Wellington se oppoz, dizendo: *Não cortem a arvore pela raiz para lhe colherem o fructo: os frades são os melhores lavradores de Portugal.* N'esta parte parecenos que não tinha rasão, pois muitas propriedades rusticas havia dos frades, que por aquelle tempo se achavam em bem mau estado de cultura. Nunca pessoa alguma foi tão largamente agraciada pelos soberanos da Europa como o duque de Wellington; quasi todos se honraram em o fazerem generalissimo dos seus exercitos; Portugal e a Hespanha lhe deram varios titulos, e foi condecorado com as primeiras ordens, tanto d'estes, como dos outros differentes paizes d'esta parte do mundo. A familia real da Inglaterra e a nobreza ingleza tiveram sempre por elle, de-

pois dos seus triumphos da guerra da peninsula, uma veneração, que passou quasi á idolatria. A recepção que na camara dos lords se lhe fez, quando pelas tres horas da tarde do dia 28 de junho de 1814 n'ella se apresentou para tomar assento, teve logar com o ceremonial do maior apparato e da mais severa etiqueta, dirigindo-lhe o lord chanceller, por ordem da referida camara, um extenso e lisonjeiro discurso, ao qual elle respondeu em reconhecimento das benevolas expressões empregadas para com elle.

Entre os muitos presentes que no fim da guerra da peninsula lord Wellington recebeu, os mais notaveis foram o carro de oiro, cravejado de pedras preciosas, que lhe deu o principe de Galles, e a magnifica baixella de prata lavrada, que o governo portuguez lhe offereceu por aquella occasião. O parlamento britannico o gratificou generosamente com sete milhões de cruzados em remuneração dos seus importantes serviços durante a referida guerra. Annualmente recebia do thesouro inglez e portuguez approximadamente 260:000$000 réis. São justas e verdadeiras as queixas da nação portugueza contra a ingratidão do duque de Wellington para com ella, não lhe dirigindo uma só expressão de louvor, nem de agradecimento, tanto a ella, como ao seu exercito, depois que findou a guerra, commemorando os importantes serviços, que ella e elle lhe haviam prestado e á propria Gran-Bretanha por quasi seis annos continuos. Todavia forçoso nos é confessar que a actual independencia de Portugal a elle se deve em grande parte. Plutarco diz-nos na *Vida de Titus Quintius Flaminius,* que se o valor e a prudencia, dotes que tanto sobresaíram em lord Wellington, são virtudes raras entre os homens, a da justiça ainda mais rara é entre elles. Não queremos que sobre nós pesem accusações d'esta especie. Levados pois como somos pelo nosso espirito de justiça para com lord Wellington, não temos duvida em dizer que foi elle quem por tres vezes libertou a nossa patria do pesado e opprobrioso jugo, que Napoleão e os seus generaes tão duramente lhe impunham, e que por espaço dos re-

feridos seis annos conduziu sempre o seu exercito de uma a outra victoria, prodigalisando-lhe nos seus despachos os elogios, que era possivel esperar de um inglez ensoberbecido pelos seus repetidos triumphos, elogios que poucas vezes foram obscurecidos de concurso com os que tinha a fazer aos seus mesmos patricios. Se elle portanto foi ingrato e orgulhoso para comnosco ao acabar a guerra, e se nós nunca o fomos em sua vida para com elle, recebendo-o sempre entre nós com os maiores applausos e as mais estrondosas ovações, e alem d'isso gratificando-o com subidos titulos e uma avultada pensão annual, não o sejamos agora depois da sua morte[1], negando ou desconhecendo os serviços, que, de concurso com os que fazia ao seu paiz, prestava igualmente a Portugal, quaesquer que fossem os motivos particulares que para isso teve. Se pela sua parte os inglezes lhe erigiram um soberbo monumento n'uma das praças publicas de Londres, para lhe eternisarem a memoria e fazerem perenne a sua fama, nós, agradecidos tambem pelos seus serviços; nós, postoque humildes e desconhecidos como somos, aqui lhe dedicâmos igualmente em seu obsequio, e em nome da nação portugueza, a que pertencemos, e do seu governo, que tanto o distinguiu, estas poucas linhas, em prova da nossa gratidão e justiça para com elle.

Dominados como somos por estes nobres sentimentos, parece-nos, quanto a nós, que o longo correr dos annos desde 1808 até hoje; as funestas convulsões politicas, occasionadas pelas idéas liberaes, que as differentes nações da Europa têem geralmente abraçado; os furiosos combates das desgraçadas lutas civis, que nos nossos dias tanto e tão terrivelmente têem devastado o solo peninsular e os povos que n'elle habitam; e finalmente a variedade dos tempos e a mudança das idéas e das opiniões não poderão jamais destruir o magestoso padrão da mais immarcessivel gloria, que debaixo do

[1] Lord Wellington falleceu em Londres aos 14 de setembro de 1852, e o marechal Beresford aos 8 de janeiro de 1854.

ponto de vista militar lord Wellington levantou para o seu nome, tanto nas diversas partes de Portugal e Hespanha em que batalhou, como nos nevados Pyrenéos e nas suas pedregosas atalaias, eternisando tambem, de concurso com o seu nome, a gloria e a fama do bravo e disciplinado exercito luso-britannico por elle commandado. Esses alvejantes montes e penedias, que compõem ou formam aquellas notaveis serras, serão em todas as idades olhados effectivamente pelos homens da profissão militar como um eterno e indestructivel padrão de gloria para lord Wellington, figurando-se-lhes talvez na phantasia, ao passarem por elle, echoar-lhes ainda aos ouvidos o bater da coronha das armas dos bravos e valentes soldados inglezes e portuguezes, que compunham aquelle afamado exercito, cujas alabardas igualmente se lhes figurará ainda ver, a par das bandeiras dos seus respectivos corpos e dos immensos sarilhos das espingardas, que n'outro tempo cobriram aquelles logares, depois da lide das batalhas, ganhas pelo referido exercito e pelo seu immortal commandante em chefe. Recordar-se-hão não menos que depois do famigerado Annibal e do nosso primeiro Viriato, quando á testa dos antigos lusitanos com elle atravessou as Gallias e o acompanhou para a Italia, ainda nenhum outro general, a não ser lord Wellington, transpoz em attitude hostil, capitaneando exercitos peninsulares, aquelles celebrados montes, dirigindo-se para este fim desde as praias occidentaes da peninsula com esses mesmos exercitos até ir finalmente caír triumphante com elles sobre as margens do Garonna: é esta portanto uma gloria de que ninguem poderá jamais privar lord Wellington, nem o seu bravo e aguerrido exercito.

Depois do que temos dito concluiremos esta memoravel epocha da guerra da peninsula, apresentando agora ao leitor a proclamação pela qual os governadores do reino agradeceram ao exercito portuguez e a todas as classes da nação os importantes serviços, que todos com o mais decidido e patriotico enthusiasmo prestaram ao paiz por todo o tempo da sua duração, sendo a dita proclamação da fórma e teor seguinte:

«Portuguezes! Chegou finalmente o termo, que os inescrutaveis decretos da Providencia tinham marcado para cessarem as terriveis calamidades, que ha tantos annos affligem o genero humano. A paz, dom precioso do céu, vem reparar os males causados por uma guerra, cuja ferocidade e devastações não têem exemplo nos annaes da historia. Com ella voltam a agricultura, as sciencias, as artes, o commercio, a independencia das nações, a segurança dos estados, a firmeza da religião, e tudo quanto forma a felicidade das sociedades civis, e os prazeres e consolações da vida domestica. A restituição da augusta casa de Bourbon a seus estados hereditarios, e a dos antigos soberanos aos dominios que legitimamente lhes pertenciam, lançam os fundamentos de uma concordia duravel, e formarão da Europa uma só familia, ligada pelos vinculos do commum interesse, e instruida pela propria experiencia dos funestos resultados de uma ambição criminosa, que inundando a terra de sangue, abriu por suas proprias mãos o abysmo em que veiu ultimamente precipitar-se. É tudo obra do Supremo Arbitro do universo, ante cuja divina magestade nos devemos humilhar, e offerecer-lhe as mais fervorosas acções de graças por tantos e tão singulares favores. A profunda sabedoria de sua alteza real, o principe regente nosso senhor, que com heroica resolução frustrou os infames projectos do tyranno, e que com inalteravel constancia, prudencia e energia dirigiu os esforços dos seus vassallos para sustentarem tão porfiada e sanguinosa luta, exige tambem de nós o mais profundo reconhecimento. Os soberanos de Portugal foram sempre os paes do seu povo; mas nenhum ganhou ainda tanta gloria, nem conseguiu triumphos tão maravilhosos; nenhum teve tanto direito a reinar sobre o coração dos seus vassallos como o nosso adorado principe e clementissimo soberano. A sua alteza real devemos a intima alliança com a Gran-Bretanha, cuja cooperação e generosos auxilios tanto contribuiram para o triumpho da boa causa. A ousada resolução com que todas as provincias de Portugal, ainda no meio das bayonetas francezas, sem armas, sem munições, sem dinheiro e sem al-

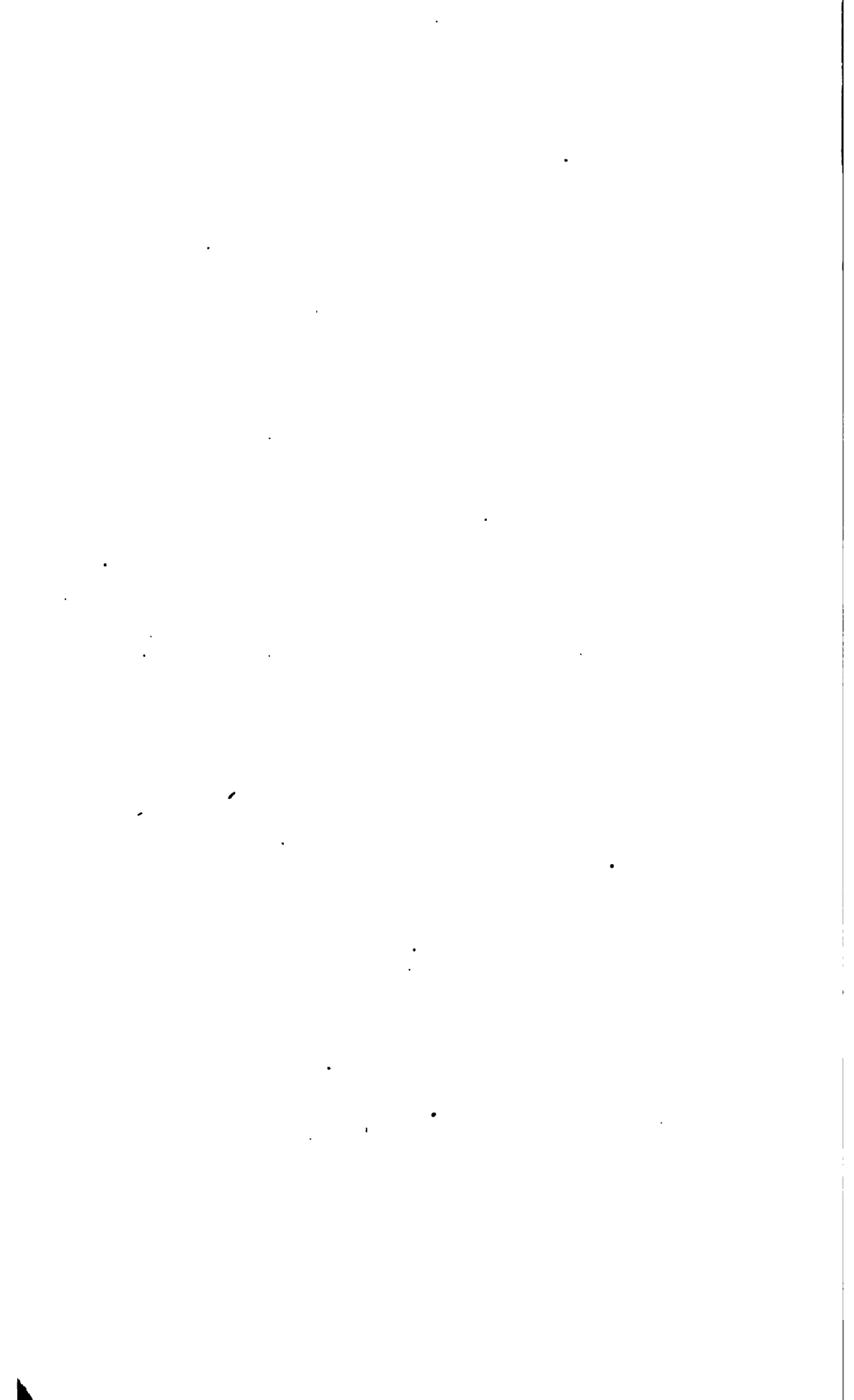
gum concerto premeditado acclamaram o nosso augusto soberano por um impulso espontaneo, arrostando intrepidamente com os maiores perigos, foi o primeiro passo para a nossa independencia, e para a independencia da Europa. A união das forças de Portugal e Hespanha com as de sua magestade britannica e as suas victorias abriram o caminho á alliança da Russia, Prussia, Austria e Suecia; e depois de tantas batalhas ganhadas na peninsula deram principio em Bordéus e em Tolosa á grande obra da paz geral, que os soberanos das mesmas nações concluiram dentro dos muros de París.

«Sim, portuguezes, acabou-se a campanha, e os nossos illustres guerreiros voltam finalmente a seus lares, coroados de louros immortaes, que o seu intrepido valor, constancia e disciplina colheram desde as margens do Tejo até ás do Garonna. Commandados pelo invicto duque de Victoria, formados pelo infatigavel zêlo do valoroso marquez de Campo Maior, e tendo á sua frente generaes de primeira ordem de uma e outra nação, elles combateram nas mesmas fileiras com os seus camaradas inglezes e hespanhoes, e realçaram a gloria do nome portuguez, mostrando-se dignos successores dos antigos heroes, que nas quatro partes do mundo arvoraram o estandarte das quinas lusitanas. A patria recebe hoje em seus braços estes filhos benemeritos, e emquanto o principe regente os não honra com a sua real approvação, os governadores do reino, em cumprimento das ordens expressas do mesmo augusto senhor, e plenamente convencidos do seu distincto merecimento agradecem, em nome de sua alteza real, ao feld-marechal, duque da Victoria, commandante em chefe dos reaes exercitos, ao marechal do exercito marquez de Campo Maior, e a todos os officiaes generaes, officiaes, officiaes inferiores e soldados do exercito portuguez os assignalados serviços, que fizeram em todo o decurso da guerra, distinguindo-se constantemente por seu valor, disciplina, subordinação e lealdade, e desempenhando o caracter respeitavel de defensores da patria, e firme apoio do throno do seu soberano. Se a feliz conclusão da guerra priva

os nossos valorosos soldados de poderem dar novas provas das suas virtudes militares no campo da honra, elles, passando agora a viver entre os seus concidadãos, terão occasião de exercitar com o mesmo louvor os deveres da vida civil, respeitando as leis, obedecendo ás auctoridades, e mantendo a união social, que faz a força e a prosperidade dos imperios. Os governadores do reino dão iguaes agradecimentos, em nome e por ordem do principe regente nosso senhor, aos portuguezes de todas as classes pelo constante zêlo, patriotismo e fidelidade de que deram tão decisivas mostras nas mais arriscadas e tormentosas epochas da passada guerra. Todas as classes, todos os individuos concorreram com incansavel energia, promptidão e boa vontade para o grande fim da restauração do throno, sem que algum sacrificio lhes fosse penoso. Impostos extraordinarios, que se tornavam mais pesados pelas circumstancias, serviços pessoaes, requisições, aboletamentos de tropas, excessos inevitaveis em tempos de tanta perturbação, e todos os males e estragos de uma guerra longa, feroz e sustentada por muito tempo no proprio paiz, foram supportados com resignação heroica, e sem que jamais lembrasse o interesse particular, quando a grande causa da defeza do estado exigia que elle fosse sacrificado ao publico interesse.

«Portuguezes! Os governadores do reino conheciam muito bem o caracter da nação a que tem a honra de pertencer, quando no meio das maiores attribulações, na epocha em que o estrondo da artilheria inimiga se ouvia n'esta capital, vos prometteram solemnemente que a patria seria salva. A firme resolução de pelejar pela nossa independencia até perder a ultima gota de sangue, a actividade com que todas as classes concorreram com os meios de que podiam dispor para se conseguir este importante fim, triumpharam das immensas forças do inimigo: vencemos, e a patria foi salva. Para ultimo remate de um periodo tão glorioso para Portugal só resta que o céu satisfaça o mais ardente dos nossos votos, restituindo o nosso augusto e amado principe e senhor aos seus dominios da Europa. N'este dia, o mais feliz

da nossa vida, depondo humildemente aos reaes pés de sua alteza real a porção de auctoridade que foi servido confiar-nos, offereceremos na sua real presença a fiel exposição dos extraordinarios serviços com que todos os seus leaes vassallos sustentaram a estabilidade do throno e a honra da nação portugueza. O principe regente nosso senhor, digno avaliador do merecimento, o recompensará com justiça, e os governadores do reino terão a incomparavel satisfação de haverem levado ao conhecimento de sua alteza real os illustres feitos de valor e patriotismo, que a fama transmittirá á mais remota posteridade para gloria immortal do nome portuguez. Palacio do governo, 6 de agosto de 1814.=*Marquez de Olhão*=*Marquez de Borba*=*Principal Sousa*=*Ricardo Raymundo Nogueira.*

FIM DA SEGUNDA PARTE DO QUARTO VOLUME E ULTIMO CONSAGRADO Á GUERRA DA PENINSULA

SYNOPSE

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTA SEGUNDA PARTE DO QUARTO E ULTIMO VOLUME DA SEGUNDA EPOCHA

Capitulo I. — Napoleão, não aceitando as condições da paz, que lhe propozera o congresso de Praga, fez de Dresde a base das suas ulteriores operações, d'onde mandou o marechal Ney contra Berlim, cidade que o referido marechal não póde tomar, seguindo-se a isto a retirada dos francezes de Dresde para Leipzig, cidade que os alliados atacaram em 16 de outubro de 1813, dando logar a uma sanguinolenta batalha, depois da qual o mesmo Napoleão foi para Erfurt, e de lá para Francfort e Mayence, e por fim para Paris, onde entrou a 9 de novembro, pondo assim termo á sua infeliz campanha do dito anno de 1813, havendo anteriormente mandado de Dresde para a peninsula o marechal Soult. Todavia as cousas n'esta parte da Europa não lhe corriam melhor que na do norte. A batalha de Vittoria pozera o marechal Suchet em posição tão critica, que abandonou Valencia e Aragão, concentrando-se na Catalunha, o que todavia o não impediu de fazer mallograr a expedição que lord Bentinck conduziu contra Tarragona, cujo governador e guarnição salvou, indo depois fortificar-se na linha do Llobregat. Pela sua parte lord Wellington mandára sitiar as praças de S. Sebastião e Pamplona, dando o sitio d'esta ultima logar a que o marechal Soult a buscasse soccorrer, circumstancia que motivou a batalha dos Pyrenéos, na qual os alliados ficaram vencedores, depois de uns oito dias de successivos combates, indo-se no fim d'elles estabelecer definitivamente nos mesmos Pyrenéos nos primeiros dias de agosto, seguindo-se depois d'isto

o assalto e tomada da praça de S. Sebastião em 31 do dito mez, commettendo-se por esta occasião incriveis horrores, contra os quaes clamaram a lord Wellington as auctoridades hespanholas, pag. 1.

Synopse do capitulo

Sem rasão de Napoleão em não convir nas condições da paz de Praga, que por intervenção do imperador da Austria se lhe propozera, pag. 1.—Symptomas da reacção que já em França appareciam contra elle. O mesmo Napoleão, preparando-se para a guerra, mandou o marechal Soult para a peninsula, destituindo com isto de facto seu irmão José, sem attenção alguma para com elle, pag. 3.—A Austria declara-se contra a França: recapitulação das anteriores guerras entre estas duas potencias, pag. 4 e 5.—Forças do exercito francez e dos alliados; Napoleão faz de Dresde a base das suas operações; posição dos seus exercitos e seus respectivos commandantes, pag. 6.—Posição dos exercitos alliados e seus commandantes, seu plano de campanha elaborado por Bernadotte e approvado por Moreau, pag. 7.—Emquanto Napoleão marcha contra Blücher, os alliados atacam Dresde, obrigando o mesmo Napoleão a vir em seu soccorro, pag. 8.—Os alliados retiram-se de Dresde, sendo o general Moreau gravemente ferido, vindo depois a fallecer. Batalha de Kulm, ganha pelos alliados sobre o general Vandamme, pag. 9.—Batalha de Gross-Beeren, ganha por Bernadotte sobre o general Oudinot. Blücher tambem pela sua parte bateu o general Gerard, indo depois contra Macdonald, pag. 11.—Este ultimo general perde a batalha de Katzbach, e Ney, indo contra Berlim, perde a de Dennewitz, ganha por Bernadotte, pag. 11.—Os francezes não só abandonam a linha do Elba aos alliados, mas até mesmo Dresde, retirando-se Napoleão para Leipzig, pag. 13.—Descripção d'esta cidade, pag. 13.—Começa no dia 16 de outubro o ataque dos alliados contra Leipzig, pondo a noite termo ao combate, pag. 14.—Napoleão, avaliando a sua critica posição em Leipzig, propõe a paz aos alliados, que nenhuma resposta lhe deram sobre isto: batalha de Leipzig nos dias 16 e 17 de outubro de 1813, sendo Napoleão obrigado a retirar-se d'aquella cidade, pag. 15 e 16.—Explosão da ponte por onde os francezes se retiravam de Dresde, occasionando a morte do principe Poniatowski: entrada dos soberanos alliados n'aquella cidade, pag. 17.—Napoleão, retirando-se para Erfurt, dirige-se de lá para Francfort: batalha de Hanau ganha por Marmont sobre o exercito austro-bavarez, do commando do general Werede, pag. 18.—Napoleão segue para Mayence, e por fim para Paris, onde entrou no dia 9 de novembro. Capitulação do general Saint-Cyr em Dresde, e de varias outras praças, avançando os soberanos da Prussia e da Russia até ás

houve, pag. 111 e 112.—Brigadas e corpos portuguezes que tomaram parte no segundo assalto dado á referida praça, pag. 113 a 115.—Os francezes tratam de construir uma ponte sobre o Bidassoa, atacando para esse fim uma posição occupada pelos hespanhoes, pag. 115.—Atacam sem fructo as alturas de S. Marcial, sendo repellidos pelos mesmos hespanhoes: este ataque teve o nome de combate de Vera, pag. 117.—Ordem do dia do marechal Beresford, elogiando as tropas portuguezas pela sua conducta no referido combate, pag. 118 e 119.

Capitulo II.—Tomada que foi a praça de S. Sebastião, lord Wellington mandou que a ala esquerda do seu exercito passasse o Bidassoa, operação a que se seguiu a entrega da praça de Pamplona, e as batalhas das passagens dos rios Nivelle e Nive, sendo aquella ganha pelos alliados a 10 de novembro de 1813, e esta a 13 de dezembro do mesmo anno, de que resultou ter o marechal Soult de ir tomar posição na margem direita do rio Adour, distinguindo-se sobremaneira em todas estas operações o exercito portuguez, fechando-se assim a campanha de 1813, pag. 121.

Synopse do capitulo

Suchet não concordando com os planos que lhe propoz Soult, este resolveu operar um movimento offensivo em favor de S. Sebastião, movimento de que nenhum resultado tirou, pag. 121.—Vantagens que para lord Wellington trouxe a tomada da praça de S. Sebastião. Contrariedades que elle ainda tinha a vencer para a execução do seu plano de invasão na França, pag. 123.—Continuação das citadas contrariedades. Posições do exercito luso-britannico por aquelle tempo, pag. 124.—Lord Wellington, começando com o seu plano de invadir a França, faz passar o Bidassoa na manhã de 7 de outubro de 1813 por uma parte das suas tropas, postadas na sua ala esquerda, pag. 125.—Na mesma occasião ataca-se igualmente o porto de Vera, occupado pelos francezes, pag. 126.—Observações sobre estes primeiros movimentos de invasão na França, pag. 127.—Lord Wellington cuida com o maior empenho em evitar os excessos, que os soldados alliados podiam commetter em França, parando a par d'isto com as suas operações até que tivesse logar a rendição de Pamplona, pag. 129.—Capitula finalmente esta praça em 31 de outubro de 1813, pag. 130.—Aspecto de feliz exito que a guerra apresentava por aquelle tempo ás tropas portuguezas. Lord Wellington divide o seu exercito em tres gran-

---

na mesma cidade de Toulouse, n'ella foi informado dos acontecimentos de Paris, para onde promptamente se dirigiu, pag. 209.

Synopse do capitulo

A memoravel campanha de lord Wellington no anno de 1813 e a serie de victorias que durante elle ganhou foi a verdadeira causa da colligação dos soberanos do norte da Europa contra a França no referido anno, pag. 209.—A batalha dos Pyrenéos ou a de Pamplona foi tambem com rasão olhada como um dos maiores brasões para lord Wellington, pag. 211.—Foi portanto a campanha de 1813 um annuncio do proximo vencimento da França, e portanto da proxima quéda de Napoleão Buonaparte: volubilidade da sorte para com os seus predilectos, pag. 212.—Omnipotencia de Napoleão em janeiro de 1813, e decadencia em que já estava no segundo semestre d'este mesmo anno, de que resultou conceder-lhe o senado um novo recrutamento de 300:000 homens, pag. 213.—Inesperada opposição feita a tal recrutamento pelo corpo legislativo, de que resultou mandar-lhe Napoleão fechar as portas do local onde se reunia, pag. 215.—Exercitos alliados que pelo norte e leste da França buscavam invadi-la, pag. 216.—Victorias ganhas ainda por Napoleão sobre Blücher e o principe Schwartzemberg, pag. 217.—Mallogro do tratado de Valençay, destinado a libertar D. Fernando VII, estatuindo-se por meio d'elle a expulsão dos inglezes para fóra da peninsula, pag. 218.—Tres principes da casa de Bourbon sáem de Inglaterra para se dirigirem a França, pag. 219.—O duque de Angouleme apresenta-se a lord Wellington e o famoso realista La Rochejacquelin, pag. 220.—A força do inverno faz paralysar as operações do exercito luso-britannico, havendo não obstante alguns combates entre elle e os francezes, pag. 221.—Bravura e disciplina do exercito luso-britannico, com o qual lord Wellington se dispõe a passar o Adour em fevereiro de 1814, pag. 223.—Posições dos exercitos belligerantes e disposições de lord Wellington para passar o Adour, pag. 223.—Primeiras operações destinadas á passagem do rio Adour e combates de Hillette, Buloc, Garis e Saint-Palais, pag. 225 e 226.—Avançando a ala direita do exercito, passa o Bidouze, ao passo que o general sir John Hope se dispõe com a ala esquerda a passar o Adour abaixo de Bayonna: preparativos que foram de Portugal para estabelecer sobre o mesmo Adour uma ponte, indo acompanhados por marinhagem portugueza, pag. 227.—Continuam as operações de sir John Hope para passar o Adour, e o consegue, estabelecendo uma extensa ponte n'este rio, pag. 228 a 230.—O centro e a ala direita do exercito passam os Gaves, pag. 232.—Differentes posições do exercito ini-

a Napoleão Buonaparte em resultado das suas campanhas do norte da Europa, e do aspecto que as cousas apresentavam em França por occasião da paz geral, que com ella se fez em 30 de maio de 1814, pag. 307 a 328.—Notavel sortida que os francezes da guarnição de Bayonna fizeram contra o campo dos sitiadores, pondo-os em tal confusão e desordem, que até o proprio general sir John Hope lhes caíu nas mãos prisioneiro. Poucos dias depois d'este desgraçado acontecimento teve logar a publicação das convenções entaboladas com o marechal Soult, cessando então de todo as hostilidades, seguindo-se depois a partida de cada um dos exercitos alliados para os seus respectivos paizes, pag. 328.—Batalhas campaes, sitios, assaltos, bloqueios e defezas de praças, que as tropas portuguezas sustentaram contra as francezas durante a guerra da peninsula, pag. 330 a 361.—Mappa da recapitulação das perdas soffridas pelo exercito portuguez em mortos, feridos e prisioneiros durante a guerra da peninsula, pag. 361.—Relação dos officiaes do exercito portuguez, que durante a dita guerra morreram em combate, ou em consequencia dos ferimentos n'elle recebidos, pag. 362 a 371.—Relação dos officiaes generaes e officiaes superiores, que o marechal Beresford teve por distinctos nos annos de 1809 a 1812, pag. 371 a 373.

Capitulo IV.—Concluida que foi a guerra da peninsula, seguiu-se a vinda do exercito portuguez para a sua patria, onde se lhe fizeram brilhantes recepções, quer no Porto, quer em Lisboa, dando-se-lhe n'esta cidade em seu obsequio pelo antigo senado da camara uma esplendida ceia e baile. Mimo de uma rica baixella de prata offerecida a lord Wellington pelos governadores do reino. Presente feito ao marechal Beresford pela officialidade do exercito portuguez, sendo tambem offerecido um outro ao brigadeiro D'Urban pelos officiaes dos regimentos de cavallaria n.os 1, 6, 11 e 12. Contraste que com esta conducta dos portuguezes fez para com elles o procedimento do governo inglez, já obrigando Portugal á entrega da Guyenna á França, sem ao menos fazer com que se lhes restituisse Olivença, e já pelo empenho com que por muito tempo se recusou a dar ao exercito portuguez a parte que lhe competia da indemnisação dos apresamentos, feitos durante a guerra da peninsula, pag. 375.

Synopse do capitulo

Importancia dos serviços prestados por Portugal a todas as nações da Europa no grito de guerra que levantou contra a França e o des-

ERRATAS DO VOLUME IV — PARTE II

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
155	2	1 inferior	2 inferiores
216	26	allemans	allemães
258	20	ordens	ordem
259	29	Rarbastens	Rabastens
260	2	Rarbastens	Rabastens
381	8	que	que

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS DO VOLUME IV — PARTE II

30.ª Batalha dos Pyrenéos, ou de Pamplona, pag. 30.
31.ª Tomada da praça de S. Sebastião, pag. 112.
32.ª Passagem do Bidassoa, pag. 134.
33.ª Batalha do Nivelle, pag. 146.
34.ª Batalha do Nive, pag. 166.
35.ª Operações á volta de Bayonna, pag. 232.
36.ª Batalha de Orthez, pag. 236.
37.ª Batalha de Toulouse, pag. 274.
Mappa geral da peninsula, no fim do volume.